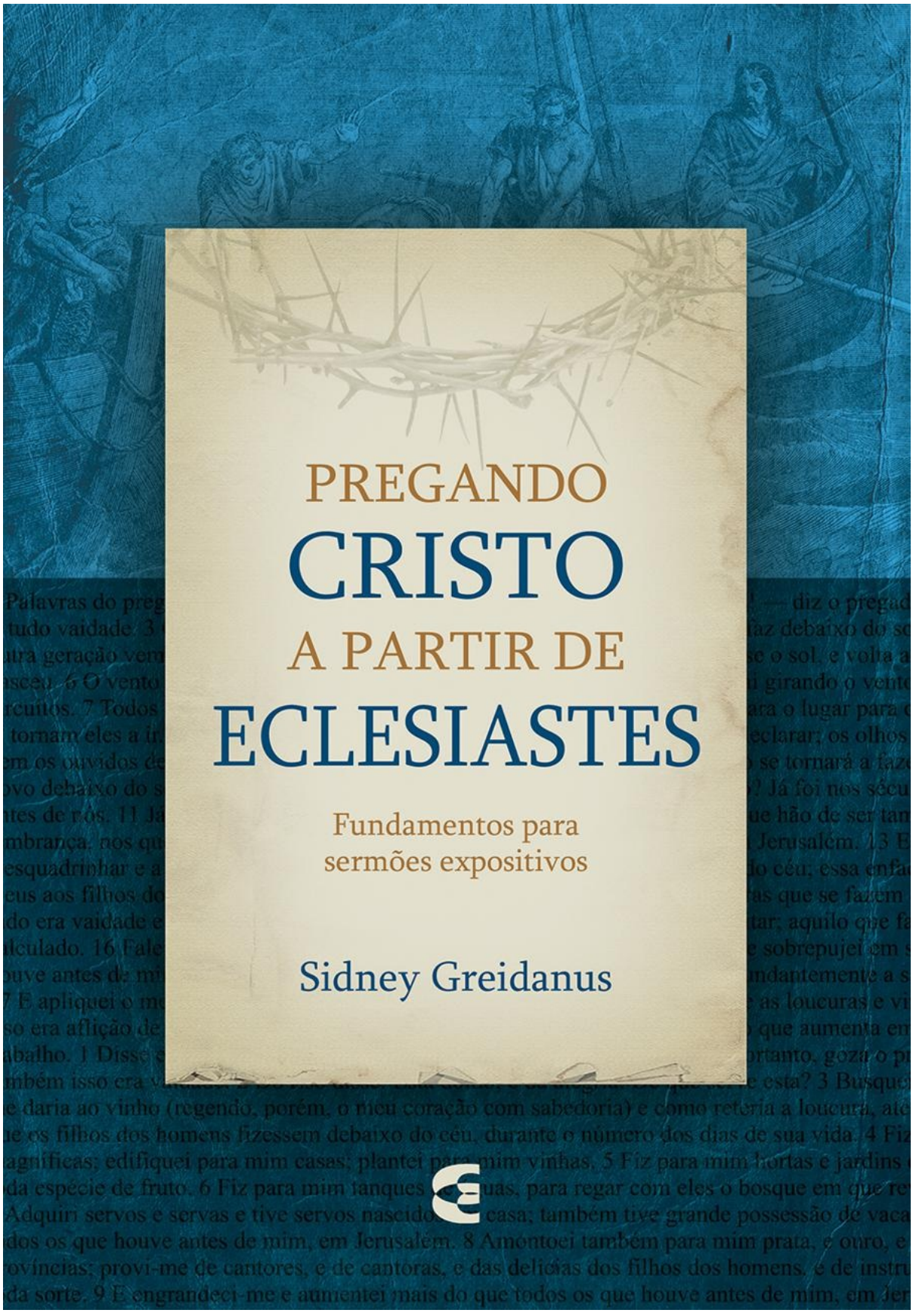
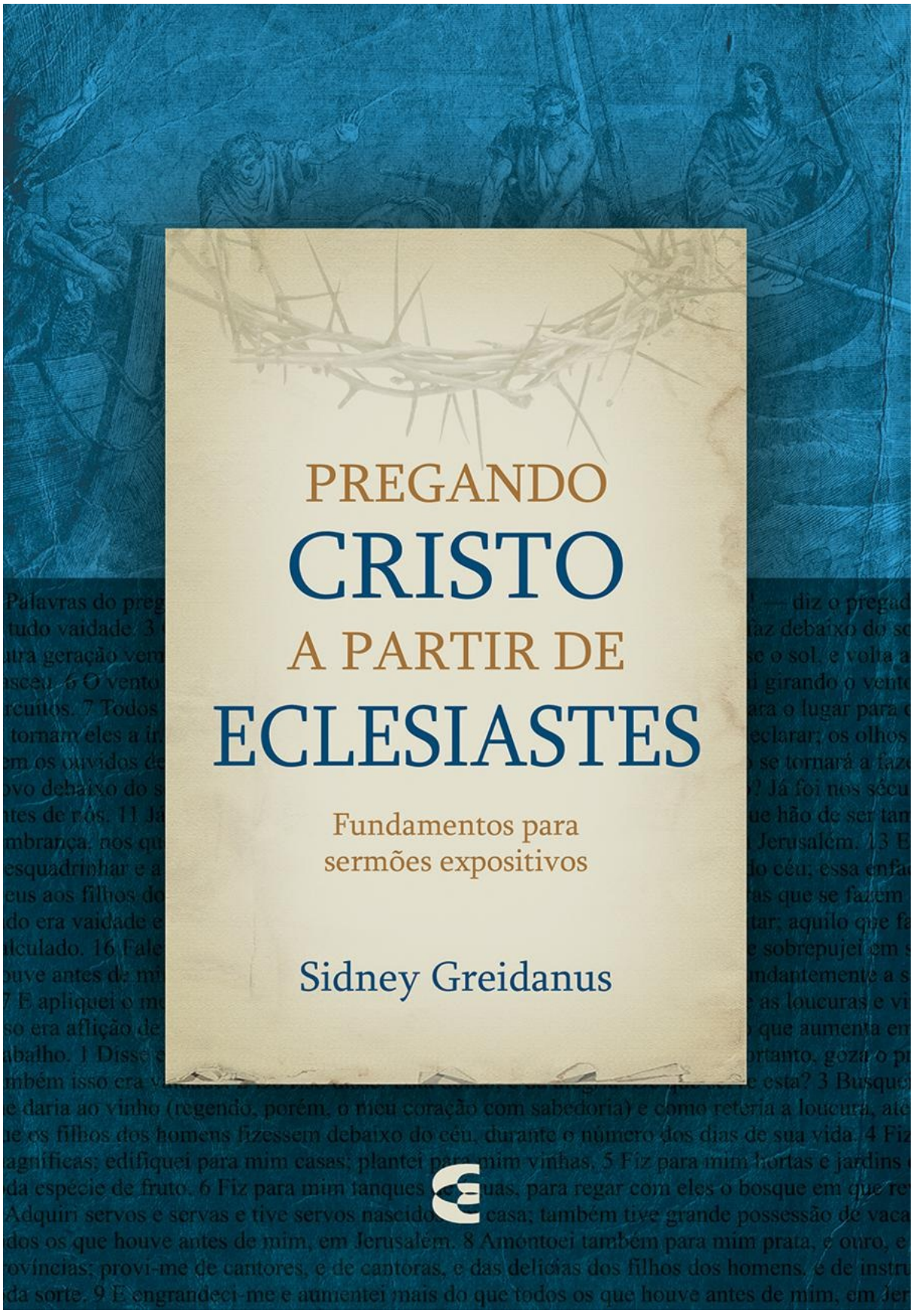


PREGANDO CRISTO A PARTIR DE ECLESIASTES

Fundamentos para sermões expositivos

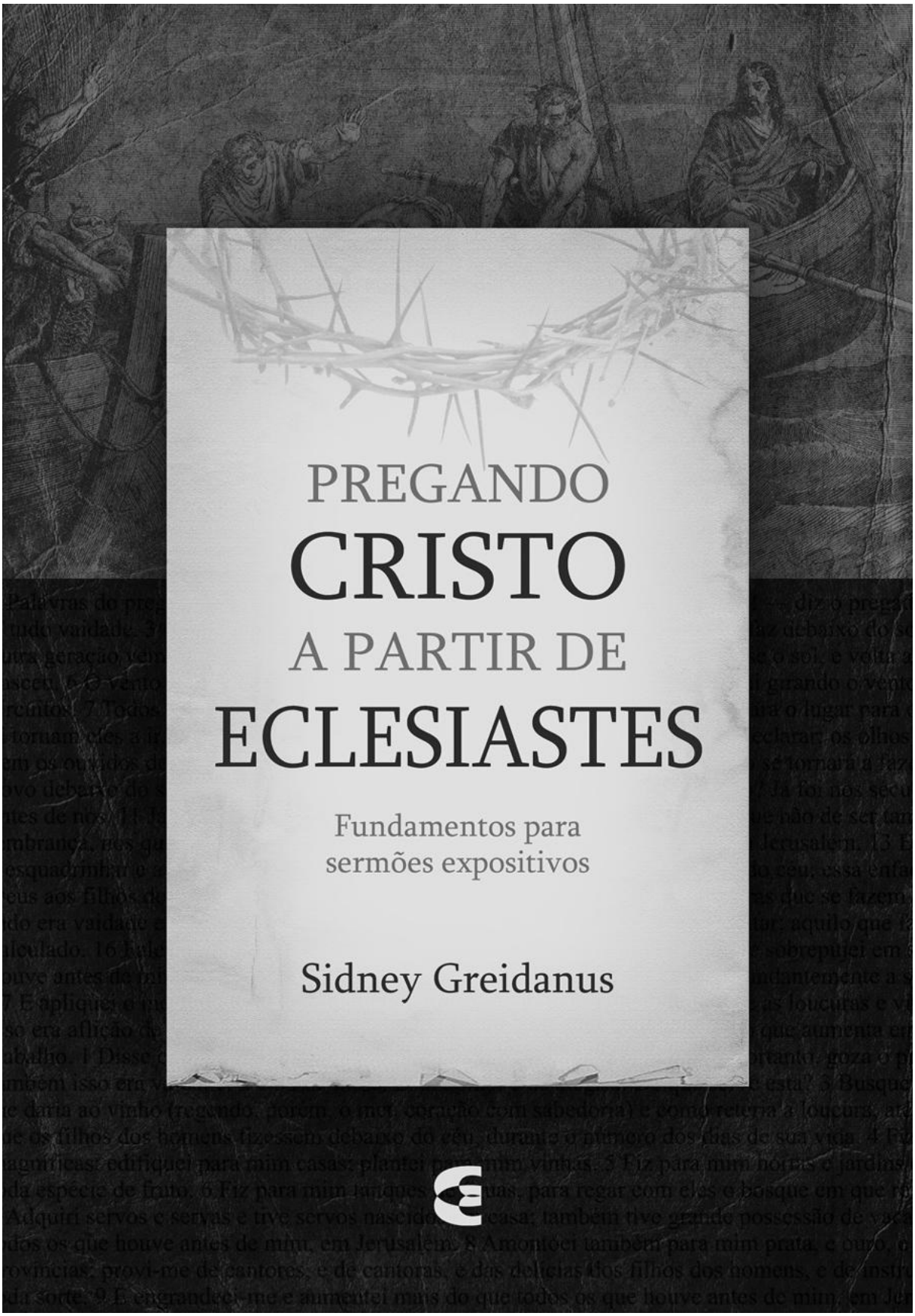
Sidney Greidanus



PREGANDO CRISTO A PARTIR DE ECLESIASTES

Fundamentos para sermões expositivos

Sidney Greidanus



PREGANDO CRISTO A PARTIR DE ECLESIASTES

Fundamentos para sermões expositivos

Sidney Greidanus

Pregando Cristo a partir de Eclesiastes © 2017, Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente em inglês com o título Preaching Christ from Eclesiastes © 2010 Sidney Greidanus por Wm. B. Eerdmans Publishing Co. 2140 Oak Industrial Drive N.E., Grand Rapids, Michigan 49505. Todos os direitos são reservados.

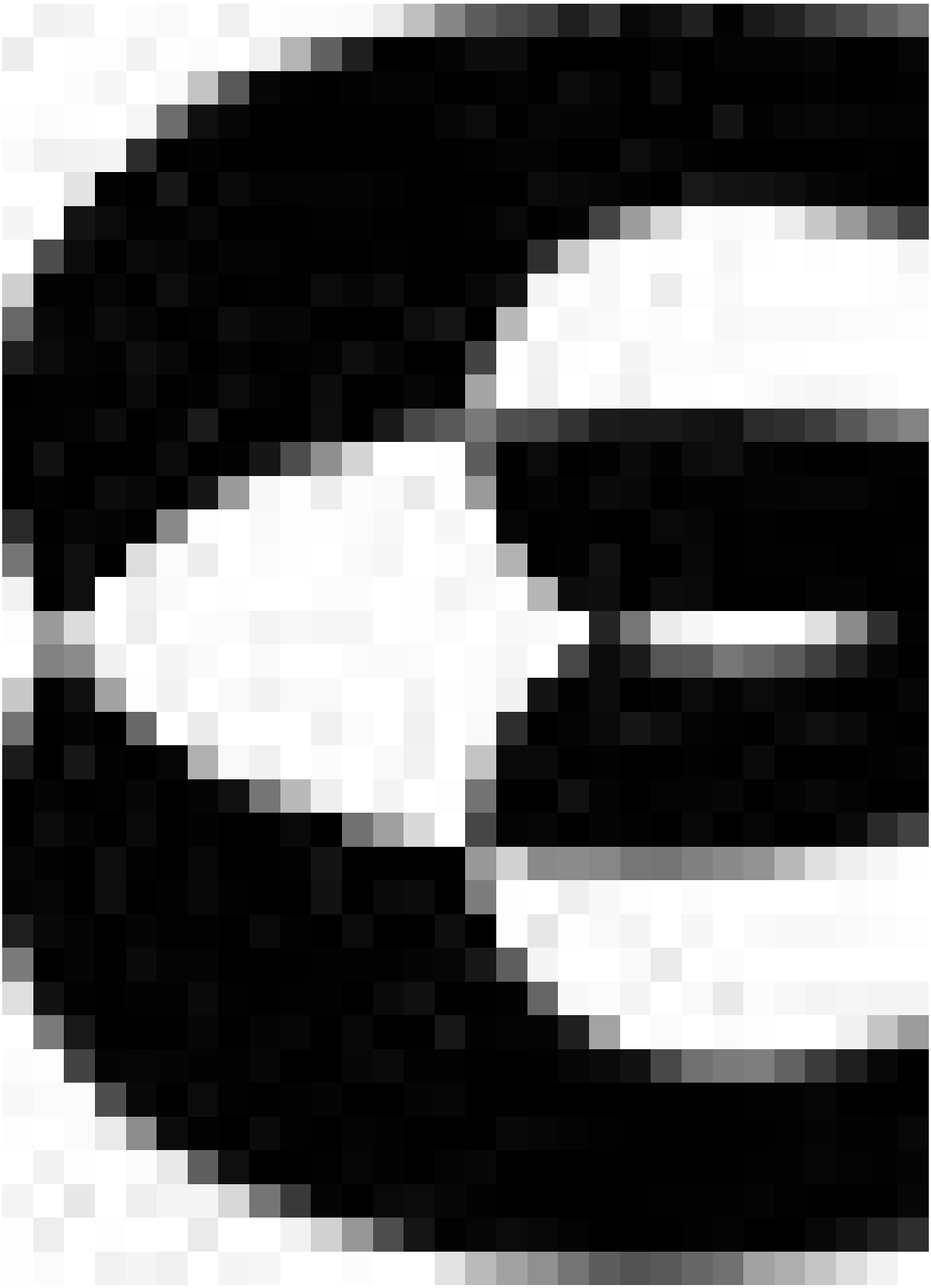
Conselho Editorial
Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (Presidente)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr.
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

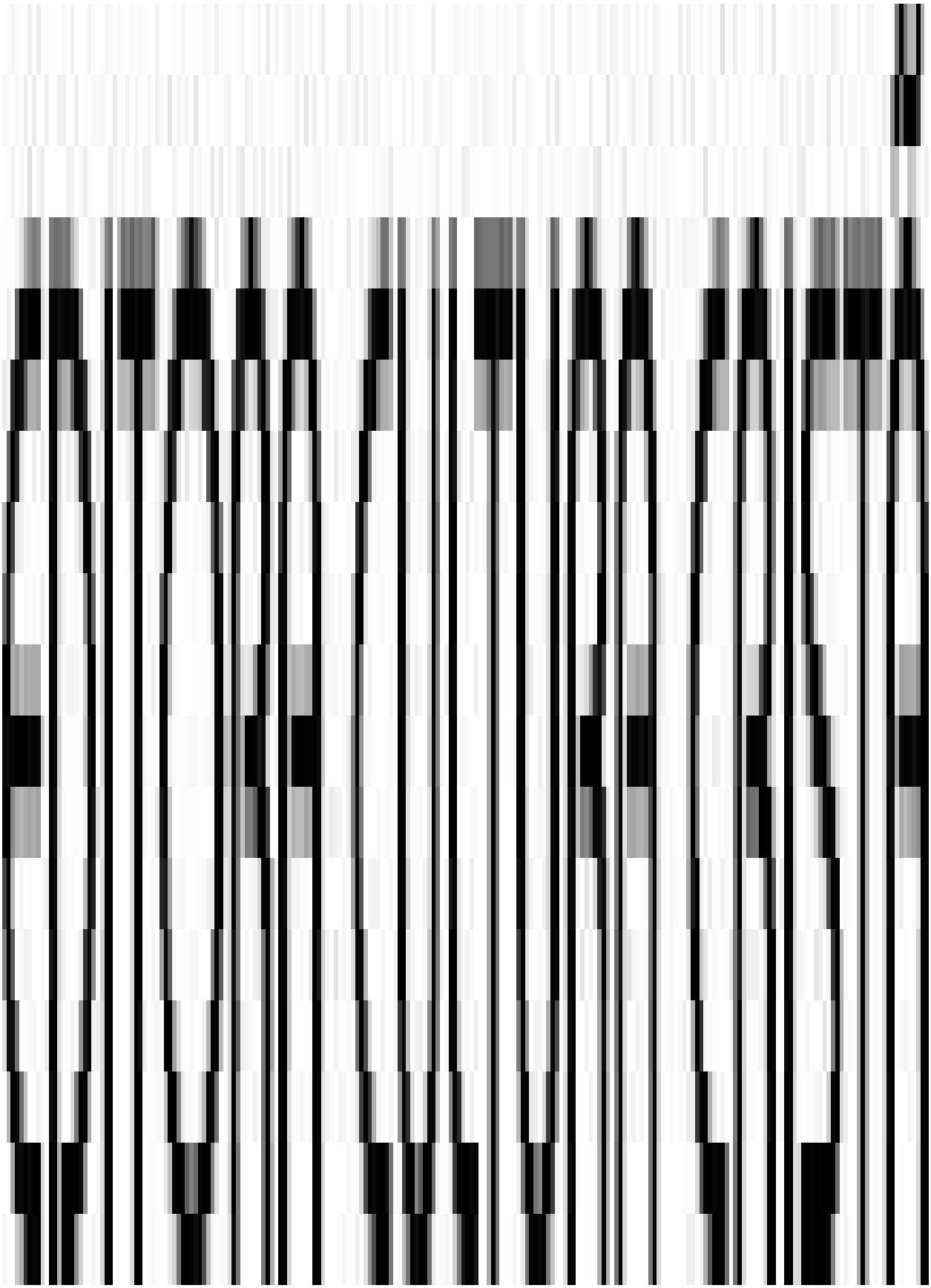
Produção Editorial
Tradução
Vagner Barbosa
Revisão
Ana Amélia Vicente
Sandra Couto
Mari Kumagai
Editoração, capa e e-book
OM Designers Gráficos

G824p Greidanus, Sidney Pregando Cristo a partir de Eclesiastes / Sidney Greid
Recurso eletrônico (ePub)
ISBN 978-85-7622-890-5
Tradução Preaching Christ from Eclesiastes
1. Estudo Bíblico 2. Homilética 3. Pregação I. Título
CDU 27-277

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.







Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones: 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Aos nossos netos:

Jeremy & Julie, Cara & Peter, Caitlin

Zachari, Anna, e Jessica, e

Mikayla, Solomon e Katherine.

Que os "aguilhões e pregos" (Ec 12.11)

da sabedoria do Mestre deem direção,

estabilidade e segurança para sua vida.

PREFÁCIO

Em 1976, quando era pastor em Delta, Columbia Britânica, preguei uma série de sermões sobre Eclesiastes. Depois de ouvir um desses sermões teocêntricos, um pastor aposentado aproximou-se de mim e disse: “Apreciei seu sermão, Sid, mas um rabino poderia ter pregado seu sermão em uma sinagoga”. Fiquei confuso, mas isso me levou a pensar na questão da pregação cristocêntrica. É claro, um rabino e eu temos o Antigo Testamento em comum. Além disso, como sabedoria é uma reflexão sobre “‘ordens’ costumeiras no mundo” (veja cap. 1), a mensagem da literatura de sabedoria pode ser a mesma para a igreja e a sinagoga. Então, sim, um rabino poderia ter pregado esse sermão em uma sinagoga sem causar problemas. Mas e se em vez de pregar um “sermão no Antigo Testamento” eu tivesse pregado um “sermão cristão”? [1] Meus sermões sobre passagens do Antigo Testamento não deviam refletir que essas passagens, agora, funcionam no contexto do Novo Testamento? Os sermões dos pregadores cristãos não deviam ser distintivamente cristãos?

Uns vinte anos mais tarde, tive a oportunidade de pesquisar essa questão com profundidade. O resultado foi o livro Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento: um método hermenêutico contemporâneo. Concluí que sermões baseados no Antigo Testamento não podem ser meramente sermões teocêntricos, mas devem ser cristocêntricos. Os pais da igreja sabiam disso muito bem, mas, infelizmente, adotaram a interpretação alegórica para alcançar o foco cristocêntrico. Por exemplo, eles pregavam o refrão frequente em Eclesiastes que fala sobre comer e beber como referindo-se à participação no corpo e no sangue no Senhor, na Ceia. E Ambrósio, pregando sobre “o cordão de três dobras não se quebra facilmente” (Ec 4.12), associou-o à Trindade.[2] Hoje não podemos mais, com integridade, usar a interpretação alegórica para obter interpretação teocêntrica. Aplicada a gêneros diferentes de alegoria, a interpretação alegórica é arbitrária e subjetiva; ela subverte a intenção do autor bíblico.

Mas como, então, se pode pregar Cristo na literatura de sabedoria que não contém uma promessa da vinda do Messias e raramente contém um tipo de Cristo? Especialmente com a literatura de sabedoria em mente, ampliei a definição de pregar Cristo. A definição comum é pregar a pessoa e/ou obra de Cristo. Como a obra de Cristo é frequentemente restrita à expiação, ampliei a

definição de pregar Cristo acrescentando a categoria do ensino de Cristo. O próprio Jesus enfatizou a importância de seu ensino quando disse: “Se vós permanecerdes na minha palavra [ensino], sois verdadeiramente meus discípulos” (Jo 8.31). Ele sublinhou a importância de seu ensino quando enviou seus seguidores com a ordem: “Ide... fazeis discípulos de todas as nações... ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28.19-20). Subsequentemente, João escreve: “Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai, como o Filho” (2Jo 9). Por isso, defini “pregar Cristo” como “pregar sermões que autenticamente integrem a mensagem do texto com o clímax da revelação de Deus na pessoa, obra e/ou ensino de Jesus Cristo como revelados no Novo Testamento”.[3]

Baseado em meu estudo do Novo Testamento e da história da igreja, concluí que há sete maneiras legítimas de ir de uma mensagem do Antigo Testamento para Jesus Cristo, no Novo Testamento. Essas maneiras são a progressão histórico-redentiva, promessa-cumprimento, tipologia, analogia, temas longitudinais, referências no Novo Testamento e contraste. Dependendo do texto, os pregadores podem usar uma ou mais dessas maneiras para pregar Cristo.

Escrevi este livro primariamente para pregadores, seminaristas e professores de Bíblia. Meu objetivo é encorajar e ajudar pregadores e professores atarefados a proclamar as mensagens de Eclesiastes. Este os capacitará a descobrir rapidamente os blocos de construção para produzir sermões e lições em Eclesiastes: a unidade literária, que é o texto de pregação; a mensagem para Israel (o tema textual); a resposta buscada de Israel e, por analogia, da igreja, hoje (objetivo); as várias maneiras de associar o tema textual com Jesus Cristo, no Novo Testamento; o tema e o objetivo do sermão; e a relevante exposição bíblica de todos os versos da passagem.

Os pregadores podem desejar usar este livro para pregar uma série de sermões sobre Eclesiastes. Sugiro uma série de sete sermões sobre a primeira metade de Eclesiastes (1.1–6.9), seguida por uma série de sete sermões sobre a segunda metade (6.10–12.8) e um sobre o epílogo (12.9-14). Ou pode-se optar por três séries de cinco sermões cada. Os professores de Bíblia podem desejar ensinar Eclesiastes em quinze lições, apresentando aos seus alunos somente a leitura da seção “Exposição do sermão”, em cada capítulo.

Os leitores observarão que segui o mesmo padrão básico para cada passagem.

Esse padrão é baseado nos dez passos partindo do texto do sermão, que desenvolvi para seminaristas do primeiro ano (veja Apêndice 1). A repetição resultante em cada capítulo tem o objetivo de repisar a abordagem hermenêutica-homilética básica ao texto bíblico. Primeiro procuramos identificar os limites da unidade literária e verificar seu contexto. Depois analisamos importantes elementos literários que nos ajudam a montar a estrutura (fluxo) do texto. Depois, observando onde e como o texto fala de Deus, procuramos formular o tema e o objetivo textual. Com esse tema em mente, podemos verificar como cada um dos sete caminhos pode conduzir da mensagem desse texto até Jesus Cristo, no Novo Testamento. Nesse ponto, estamos prontos para formular o tema, objetivo e necessidade do sermão (o problema, o alvo) e considerar a forma do sermão. Concluo cada capítulo com uma importante seção sobre "Exposição do sermão".

Nessa seção "Exposição do sermão", procuro apresentar um modelo para o sermão usando estilo oral[4] sempre que possível e dar a referência do verso antes da citação, para que a congregação possa ler junto comigo (a compreensão é muito melhor quando a congregação não apenas ouve, mas vê as palavras). Para manter a exposição do sermão em movimento, releguei a maior parte das citações, argumentos complexos e detalhes técnicos às notas de rodapé. Embora comente cada verso do texto, a preparação do sermão pode ser mais seletiva, para evitar excesso de informação. Na exposição, explico onde e como podemos fazer o(s) movimento(s) para Cristo, no Novo Testamento.

Esses movimentos são apresentados apenas como sugestões. Enquanto estiverem escrevendo um sermão real, os pregadores podem ser guiados pelo Espírito Santo a melhores caminhos e lugares no sermão para apontar para Cristo. Finalmente, faço breves sugestões para aplicação, relacionadas ao objetivo e à necessidade. Em sermões reais, essas aplicações precisam ser revigoradas com ilustrações e sugestões concretas apropriadas à situação da congregação para a qual se está pregando. Nos apêndices, incluí um modelo de sermão expositivo, uma meditação sobre Eclesiastes 3.1-15 e um sermão sobre Eclesiastes 9.1-12.

A menos que seja indicado, a versão bíblica citada é a ARA. Nessas citações, ocasionalmente enfatizei palavras, colocando-as em itálico. Sem indicação, o leitor entenderá que estas são minhas ênfases, pois o itálico não está no original hebraico nem na ARA. As várias transliterações das palavras hebraicas foram padronizadas como indicado na tabela da página 17. Ao citar outros autores, também regularizei as diferentes transliterações do nome hebraico "Qohelet",

mas mantive as preferências do autor nos títulos de seus livros e artigos.

Mantive as referências nas notas de rodapé ao mínimo: referências completas podem ser encontradas na Bibliografia. Quando um livro ou artigo não estiver incluído na Bibliografia Selecionada, a informação completa é encontrada na nota de rodapé.

Lanço este livro como "pão sobre as águas" (Ec 11.1), na esperança e na oração para que ele estimule muitos pregadores a pregar sobre o frequentemente negligenciado livro de Eclesiastes, para ajudar as pessoas a agir sábia e alegremente em sua vida diária, para a glória de Deus.

Grand Rapids, Michigan

Sidney Greidanus

---

[1] Esta é uma profunda distinção feita por Edmund Clowney: "A proclamação cristã de um texto do Antigo Testamento não é a pregação de um sermão do Antigo Testamento". Preaching and Biblical Theology (Grand Rapids: Eerdmans, 1961), 75. Cf. Graeme Goldsworthy, Preaching the Whole Bible as Christian Scripture: The Application of Biblical Theology to Expository Preaching (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 195: "A principal preocupação do pregador deve ser pregar o significado do texto em relação ao objetivo de toda a revelação bíblica, a saber, a pessoa e obra de Cristo. Posso manter minha integridade como pregador cristão se pregar uma parte da Bíblia como se Jesus não tivesse vindo?"

[2] Longman, Book of Ecclesiastes, 30-31. Svend Holm-Nielsen, "On the Interpretation of Qoheleth in Early Christianity", VT 24/2 (1974) 175, afirma: "O entendimento que Hieronymus tem de Qohelet é baseado nos mesmos princípios que sua interpretação dos textos bíblicos... No Antigo Testamento... a interpretatio literalis e a interpretatio spiritualis. Mas deve ser lembrado que a spiritualis... é igual à interpretação cristológica". Ainda hoje os pregadores são tentados a usar interpretação alegórica para pregar Cristo em Eclesiastes. Por exemplo, Parsons, "Guidelines", BSac 160 (2003) 300, menciona um sermão de casamento em que o cordão de três dobras, de Eclesiastes 4.12, foi pregado como sendo o noivo, a noiva e Cristo. Cf. Matthew Henry e Thomas Scott,

Commentary on the Holy Bible, Vol. 3 (Grand Rapids: Baker, 1960 reimpressão), p. 413: “Dois juntos são um cordão de três dobras; onde dois estão estreitamente unidos em santo amor e comunhão, Cristo, por meio de seu Espírito, vem até eles e se torna a terceira dobra, assim como se juntou aos dois discípulos no caminho de Emaús. Então há um cordão de três dobras que não se pode romper”. Os pregadores também têm pregado que a passagem que fala sobre lançar o pão sobre as águas (Ec 11.1) significa enviar Cristo, o Pão da Vida, sobre as águas (veja Percy P. Stoute, “Bread upon the Waters”, BSac 107 [1950] 223).

[3] Greidanus, Preaching Christ from the Old Testament, 10.

[4] O estilo oral é marcado, entre outras características, por frases curtas, voz ativa, palavras curtas, mas vívidas; substantivos e verbos fortes, linguagem concreta, narrativa no presente, referência dos versos antes da citação, uso de perguntas para envolver os leitores, uso de repetição e paralelismo. Veja Mark Galli e Craig Brian Larson, Preaching That Connects: Using the Techniques of Journalists to Add Impact to Your Sermons (Grand Rapids: Zondervan, 2004).

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, gostaria de agradecer a todos os autores dos livros e artigos listados na bibliografia. Muito embora tenham chegado a resultados amplamente divergentes, sem seus esforços para entender Eclesiastes e publicar suas descobertas, este livro sobre pregação em Eclesiastes não teria visto a luz do dia. Também preciso agradecer aos meus revisores por seu excelente trabalho. Eles são meu irmão, Rev. Morris Greidanus, pastor aposentado da First Christian Reformed Church, Grand Rapids, Michigan, e meus ex-alunos, Rev. Ryan Faber, de Pella, e Rev. Joel Schroes, de Denver. Os três leram cuidadosamente o manuscrito e deram muitas sugestões úteis para melhorar seu conteúdo e sua clareza. Também aprecio o trabalho da equipe da biblioteca do Calvin College e do Calvin Theological Seminary ao fornecer livros e artigos necessários para essa pesquisa. Agradeço também à equipe de Eerdmans Publishing Company por preparar competentemente este livro para publicação, especialmente ao editor dos meus três últimos livros, Milton Essenburg. Mais uma vez agradeço à minha esposa, Marie, por seu encorajamento e por criar um lar pacífico e uma atmosfera tranquila para que pudesse me concentrar neste projeto.

Acima de tudo, sou grato ao Senhor por me dar alegria diária por este livro e por me dar saúde e força para ver este projeto ser concluído.

ABREVIATURAS

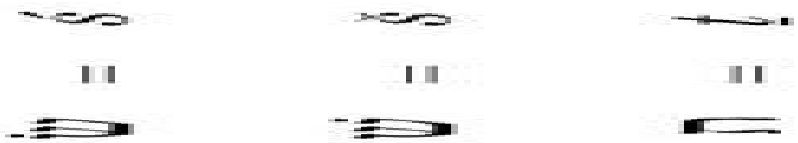
AUSS	Andrews University Seminary Studies
BBR	Bulletin for Biblical Research
Bib	Biblica
BSac	Bibliotheca Sacra
BTB	Biblical Theology Bulletin
CBQ	Catholic Biblical Quarterly
CTJ	Calvin Theological Journal
CQ	The Congregational Quarterly
ETL	Ephemerides Theologicae Lovanienses
EvRT	Evangelical Review of Theology
EvQ	Evangelical Quarterly
Int	Interpretation
JBL	Journal of Biblical Literature
JETS	Journal of the Evangelical Theological Society
JHS	Journal of Hebrew Scriptures
JPS	Jewish Publication Society
JQR	Jewish Quarterly Review
JSOT	Journal for the Study of the Old Testament
JSS	Journal of Semitic Studies
NASB	New American Standard Bible
NEB	New English Bible

NRSV	New Revised Standard Version
NICOT	New International Commentary on the Old Testament
NIDOTT&E	New International Dictionary of Old Testament Theology and E
p (p).	página (s)
par.	paralelos
PSBul	Princeton Seminary Bulletin
RB	Revue Biblique
rpt.	reimpressão
TDOT	Theological Dictionary of the Old Testament
TNIV	Today’s New International Version
TSFBul	Theological Students Fellowship Bulletin
TynBul	Tyndale Bulletin
VT	Vetus Testamentum

TRANSLITERAÇÕES

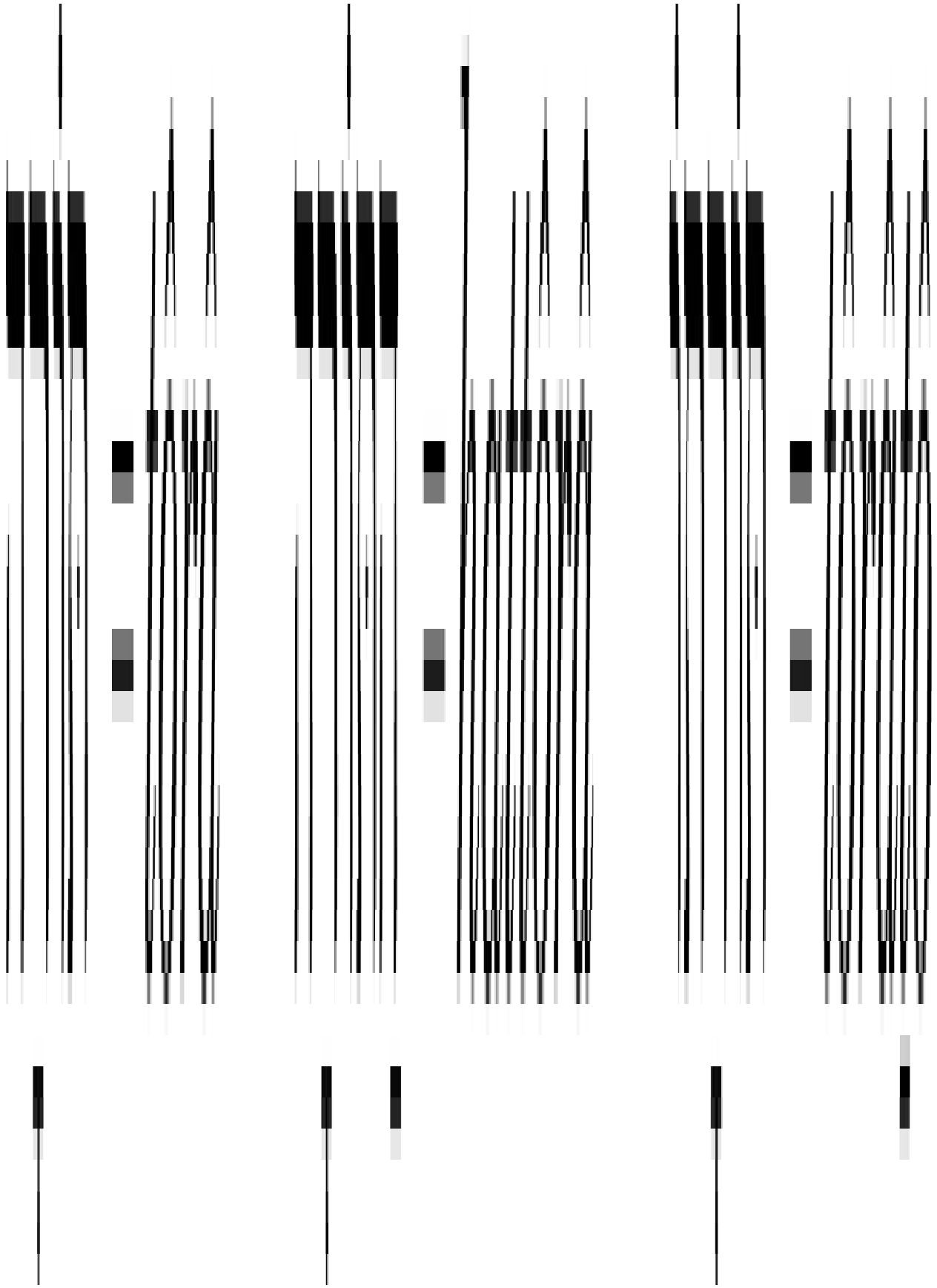
Hebraico

Consoantes



Nenhuma distinção é feita entre o com ou sem dagesh lene.

Compare:



Vogais

◌ָ = a	◌ַ = ă	◌ֶ = e	◌ְ = ĕ (se vocal)	◌ִ = i	◌ֹ = ō
◌ָה = ā	◌ֲ = ă	◌ֵ = ē	◌ֱ = ĕ	◌ִי = î	◌ֹ = ô
◌ֵי = ê	◌ֳ = ŏ	◌ֵי = ê	◌ֵ = ē	◌ֻ = u	◌ֻ = û

CAPÍTULO 1

Pregando Eclesiastes

Vaidade de vaidades, diz o Pregador,

tudo é vaidade (Ec 1.2).

Talvez Eclesiastes seja o livro mais difícil da Bíblia para se interpretar e pregar. Uma importante razão para essa dificuldade é que os estudiosos do Antigo Testamento não concordam sobre temas importantes: a quantidade de autores envolvida na composição deste livro; a identidade do autor principal; quando, onde e por que o livro foi escrito; a qualidade do estilo hebraico; quais seções são poesia e quais seções são prosa;[1] a estrutura do livro, ou a falta dela; e se sua mensagem é pessimista ou positiva.[2] Duabe Garrett acrescenta: "Talvez um obstáculo ainda maior para a pregação de Sabedoria seja a suspeita de muitas pessoas de que ela não contém evangelho".[3] Não é de se estranhar que a maior parte dos pregadores ache sábio omitir Eclesiastes de seu programa de pregação. De fato, o Revised Common Lectionary atribui leituras de Eclesiastes para apenas dois cultos: culto de Ano-Novo (anos ABC), Eclesiastes 3.1-3; e o domingo mais próximo de 3 de agosto (ano C), com uma alternativa para Oseias 11.1-11; Eclesiastes 1.12-14; 2.(1-7,11), 18-23.[4] Infelizmente, omitir Eclesiastes do programa de pregação é uma grande perda para a igreja.

O valor da pregação de Eclesiastes

Eclesiastes oferece uma perspectiva singular da natureza humana – uma perspectiva que é extremamente relevante para a igreja hoje.[5] Iain Provan observa: “Focando nossa atenção nesta vida, e não na próxima, este livro contribui para a correção de um desequilíbrio muito frequente em todas as épocas no pensamento cristão, que às vezes apresentou o Cristianismo como se fosse mais uma questão de esperar por algo do que uma questão de viver”.[6] Sandy e Giese afirmam: “O livro de Eclesiastes é uma das mais importantes posses da igreja cristã, pois nos estimula a avaliar e corrigir continuamente nosso entendimento de Deus e nosso ensino sobre Deus à luz de toda a revelação bíblica... As reflexões do sábio em Eclesiastes desmascaram o mito da autonomia e da autossuficiência humana e nos conduzem, em toda a nossa fragilidade e incapacidade, a encontrar significado em um mundo caído na relação Criador-criatura – a polaridade máxima”.[7]

Além disso, Eclesiastes é relevante especialmente para nossa cultura porque lida com muitas das tentações típicas do secularismo. Leland Riken chama Eclesiastes de “o livro mais contemporâneo da Bíblia. Eclesiastes é um ataque satírico a uma sociedade aquisitiva, hedonista e materialista. Ele expõe a busca louca da satisfação no conhecimento, na riqueza, no prazer, no trabalho, na fama e no sexo”.[8]

Antes que os pregadores possam pregar Eclesiastes com integridade, contudo, têm que obter alguma clareza sobre as dificuldades com as quais os comentaristas têm lutado há mais de duzentos anos.[9] Primeiro, exploraremos dificuldades na interpretação de Eclesiastes e, depois, na pregação deste livro.

Dificuldades na interpretação de Eclesiastes

Discutiremos cinco grandes temas na interpretação de Eclesiastes: a natureza da literatura de sabedoria, o contexto histórico de Eclesiastes, seu gênero e suas formas, sua estrutura e sua mensagem geral.

A natureza da literatura de sabedoria

Não se pode interpretar e pregar corretamente um texto sem que se leve em conta seu gênero específico. A literatura de sabedoria, assim como a narrativa, os salmos, a profecia e a literatura apocalíptica hebraica, é um gênero literário específico. Portanto, uma questão fundamental é: Qual é a natureza da literatura de sabedoria? Elizabeth Achtemeier responde: "Sabedoria é o resultado de experiência prática e da observação cuidadosa do mundo natural e humano. De todo o caos da experiência, Sabedoria encontra 'ordens' no mundo – modos nos quais os seres humanos e os fenômenos naturais se comportam ordinariamente. Seu objetivo, então, é ensinar a homens e mulheres essas 'ordens', para que saibam como agir em harmonia com o mundo ao seu redor".[10] J. A. Loader observa, semelhantemente: "A Sabedoria lida com a ordenação correta da vida. Ação sábia é aquela que integra as pessoas harmoniosamente na ordem que Deus criou. As normas de vida que prescrevem como os seres humanos devem se integrar nessa ordem são os preceitos de sabedoria".[11]

Relação da Sabedoria com a história redentiva

Em contraste com outros gêneros bíblicos, a literatura de sabedoria não trata dos

atos poderosos de Deus. Graeme Goldsworthy observa que isso não significa que a literatura de sabedoria seja “um modo independente e alternativo de se olhar para Deus e a realidade”. A literatura de sabedoria, diz ele, “complementa a perspectiva da história da salvação. De fato, devemos ir além disso e dizer que a sabedoria é uma teologia do homem redimido vivendo no mundo sob governo de Deus. Ela é, assim, um aspecto da teologia do reino tanto quanto a história da salvação”.[12]

Também há claras conexões entre Eclesiastes e o início da história da redenção como narrada nos primeiros capítulos de Gênesis. Assim como Gênesis ensina que Deus é o Criador soberano, assim também Eclesiastes proclama a soberania de Deus (3.14; 8.17). Assim como Gênesis ensina que Deus, no princípio, estabeleceu tempos (dia e noite, 1.3-5) e mantém as estações (8.22), assim também Eclesiastes ensina que Deus estabelece tempos (3.1-8) e fez tudo “formoso no seu devido tempo” (3.11). Assim como Gênesis ensina que Deus criou este mundo bom (, 7 vezes), assim também Eclesiastes reconhece que ainda há bem a ser encontrado neste mundo (, e.g., 2.24; 3.12-13; 5.18). Assim como Gênesis ensina que os seres humanos foram criados justos, Eclesiastes também ensina (7.29). Assim como Gênesis (1.27; 2.15) ensina que os seres humanos foram criados para comunhão com Deus, Eclesiastes também ensina (12.13). Gênesis também relata que os seres humanos romperam esse relacionamento rebelando-se contra Deus (3.6) e subsequentemente se escondendo de Deus (3.10), sendo expulsos do jardim de Deus (3.24) e sofrendo a penalidade de viver em uma criação amaldiçoada por Deus (3.17), na qual o trabalho significativo (2.15) se tornaria pesado (3.17-19) e a vida inevitavelmente terminaria em morte (3.19, “tu és pó e ao pó tornarás”). Eclesiastes, semelhantemente, fala de nosso presente distanciamento de Deus (5.2), da maldição de Deus sobre a terra (1.15; 7.13), do fardo da labuta humana (1.3; 2.22) e da tragédia da morte (3.20; 12.7: “... e o pó volte à terra, como o era”). Além disso, Gênesis revela que o mal reside no coração humano (6.5) e que o pecado não controlado (4.7) leva à morte – sendo a primeira vítima apropriadamente chamada de Abel (4.8, , sopro). Eclesiastes, semelhantemente, mostra que o mal habita no coração humano (7.20,29; 8.11; 9.3) – sendo essa uma das razões para sua repetida declaração de que “tudo é vaidade” (1.2; 12.8).[13]

Apesar dessas conexões com Gênesis e o início da história da redenção, Eclesiastes não foca nos atos redentivos de Deus. Duane Garrett formula o contraste desta forma: “Gênesis conta a história de como os seres humanos –

originalmente, em um estado de vida, paraíso e inocência – caíram em culpa, labor e mortalidade. Eclesiastes mostra como pessoas que agora são fracas e mortais devem viver".[14] William Brown observa: "O que é mais evidente na literatura de sabedoria é seu caráter 'a-histórico'. Estão surpreendentemente ausente em Provérbios, Jó e Eclesiastes os grandes temas da história bíblica, como o êxodo, a aliança e a conquista da terra. O papel de Deus como libertador e legislador, por sua vez, raramente é mencionado nas tradições de sabedoria. Em vez disso, a ênfase é colocada na criação e no lugar da humanidade".[15]

Isso não significa, contudo, que Deus esteja ausente de Eclesiastes. Deus é o grande Criador (12.1) que fez e ainda "faz todas as coisas" (11.5). Deus estabeleceu os tempos e fez tudo "formoso no seu devido tempo" (3.11). Deus deu ao ser humano seu fôlego (12.7) e o fez "reto, mas ele se meteu em muitas astúcias" (7.29). Deus fez o "dia da prosperidade" e o "dia da adversidade" (7.14). Deus nos dá os "dias da vida" (5.18; 8.15), "riquezas e bens" e a capacidade de "usufruir deles" e até "encontrar prazer no trabalho árduo" (5.19; 6.2). Deus dá "sabedoria, conhecimento e prazer" (2.26), bem como "sentenças coligidas" de sabedoria (12.11). Deus quer que as pessoas desfrutem a vida, "pois Deus de antemão se agrada das tuas obras" (9.7). Deus prova as pessoas (3.18), "não se agrada de tolos" (5.4) e pode fixar irado (5.6). Deus responsabiliza as pessoas por suas ações e julgará o justo e o ímpio (3.16; 11.9; 12.14). Portanto, as pessoas devem se alegrar em todos os seus anos (11.9), lembrar-se de seu Criador (12.1), temer a Deus (3.14; 5.7; 7.18; 8.12) e cumprir seus mandamentos (12.13).

Goldsworthy observa que a sabedoria, como a história da salvação, "encontra seu objetivo e cumprimento em Cristo... três aspectos da sabedoria nos confrontam no Novo Testamento: primeiro, as narrativas dos Evangelhos retratam Jesus como o homem sábio que, na forma e no conteúdo de muitas de suas declarações, segue as tradições dos mestres de sabedoria de Israel. Segundo, Jesus, vai além disso e proclama ser a sabedoria de Deus. Terceiro, certos escritores do Novo Testamento... entendem o significado da pessoa e obra de Cristo à luz de certas ideias da literatura de sabedoria".[16]

Contradições

Vários comentaristas encontram falhas em Eclesiastes por causa de suas contradições. Compare, por exemplo, as afirmações do Pregador: “(...) tenho por mais felizes os que já morreram, mais do que os que ainda vivem” (4.2) e “Para aquele que está entre os vivos há esperança; porque mais vale um cão vivo que um leão morto” (9.4). Ou considere a contradição dentro de uma mesma passagem: “(...) eu sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus. Mas o perverso não irá bem (...)” (8.12-13) e há “(...) justos a quem sucede segundo as obras dos perversos, e perversos a quem sucede segundo as obras dos justos” (8.14).

As contradições, contudo, são naturais na literatura de sabedoria porque a vida é complexa.[17] Um dos mais claros exemplos de conselho contraditório é encontrado em Provérbios 26.4-5: “Não respondas ao insensato segundo a sua estultícia,

para que não te faças semelhante a ele.

Ao insensato responde segundo a sua estultícia,

para que não seja ele sábio aos seus próprios olhos”.

Às vezes é sábio não responder aos insensatos; outras vezes, é.[18] Em vez de culpar Eclesiastes por suas contradições, deve-se utilizá-las para entender a mensagem do autor[19] (veja p. 35–36 abaixo, “Justaposições”). Como diz Raymond Van Leeuwen, “Em vez de nos forçar a apagar ou ‘harmonizar’ as ambiguidades e ‘contradições’, a sabedoria bíblica nos convida a ponderar as nuances e complexidades da vida; ela nos convida a nos tornarmos sábios”.[20]

O contexto histórico de Eclesiastes

Como a sabedoria ensina “‘ordens’ comuns no mundo”,[21] identificar o contexto histórico do autor e de seus leitores originais não é algo tão crucial quanto para

outros gêneros de literatura bíblica. Contudo, ter alguma noção do contexto histórico em que Eclesiastes foi escrito ajuda os pregadores a entenderem melhor a mensagem e a discernirem sua relevância original. As questões que devemos tentar responder são: Quem escreveu esse livro? Para quem? Quando? Onde? E por quê?

O(s) autor(es)

Tradicionalmente, os pesquisadores bíblicos identificaram o rei Salomão como o autor de Eclesiastes. Mas Lutero já começou a questionar essa identificação.[22] Se Salomão fosse o autor, por que não se identificaria diretamente, como fez em Provérbios 1.1: "Provérbios de Salomão, filho de Davi, o rei de Israel"? Em vez disso, lemos em Eclesiastes 1.1: "Palavra do Pregador, filho de Davi, rei de Jerusalém". O autor identificado como "Pregador", Qohelet.[23] Se Salomão fosse o autor, por que ele e seu editor esconderiam seu nome? Em vez de usar um pseudônimo de Salomão, Tremper Longman argumenta: "É muito mais provável que o apelido Qohelet tenha sido adotado pelo verdadeiro escritor para associar-se a Salomão, ao mesmo tempo em que mantinha distância da verdadeira pessoa. Isso é uma forma de indicar que a persona salomônica está sendo adotada com propósitos comunicativos e literários. Em resumo, o sábio que adota o apelido Qohelet finge ser Salomão enquanto explora avenidas de significado no mundo".[24]

Depois que Lutero rejeitou Salomão como único autor de Eclesiastes, as comportas de especulação se abriram. Por causa das contradições do livro e das rápidas mudanças de perspectiva, "houve estudiosos dispostos a sugerir que dois, três ou até nove mentes diferentes tinham trabalhado no livro".[25] Se todas essas nove mentes tivessem trabalhado no livro com propósitos diferentes, discernir a mensagem específica de um texto de pregação seria praticamente impossível. Qual seria o contexto para determinar a mensagem do texto?

Felizmente, para nossos pregadores, hoje, está surgindo um consenso de que o livro foi escrito por apenas um autor,[26] possivelmente com um ou dois editores que escreveram o epílogo de 12.8-14 ou 12.9-14 e, talvez, o prólogo de 1.1; 1.1-2; 1.1-3;[27] ou 1.1-11[28] (o prólogo e o epílogo são escritos na terceira pessoa, não

na primeira, como acontece no corpo de Eclesiastes). A questão fundamental agora é se o editor final, como alguns estudiosos supõem, avalia criticamente (e enfraquece) a mensagem do Pregador. A posição adotada quanto a esta questão determina, em grande medida, como a mensagem do Pregador será interpretada. Por exemplo, Longman argumenta que o chamado "narrador da composição" avalia criticamente os ensinos do Pregador.[29] Jerry Shepherd adota a "teoria da composição" de Longman, mas a expande, comparando pregar a sabedoria do pregador com pregar os discursos dos amigos de Jó: "O discurso autobiográfico do Qohelet em Eclesiastes não é a palavra de Deus, mas está contido em um livro que é palavra de Deus".[30] Com o golpe de uma caneta, doze capítulos de sabedoria do Pregador são desqualificados por causa de dois versos (12.11-12), que são entendidos como críticos ao pregador – e o Pregador não pode mais ser ouvido com imparcialidade.[31] Iain Provan corretamente argumenta que não é "geralmente plausível que as volumosas palavras do Qohelet sejam citadas com plena justiça de modo que o autor de 12.8-12 acrescente apenas alguns comentários alegadamente duvidando delas e criticando-as (e, ainda assim, não lidando com elas de modo tão claro)".[32] Com a maioria dos comentaristas, concordo que o Pregador e seu editor falam com uma só voz.[33]

Para os intérpretes, isso ainda deixa outra questão crucial sobre o autor. Vários comentaristas admitem que o Pregador critica a sabedoria bíblica tradicional e se opõe a ela. Por exemplo, Loader escreve: "Temos que concluir... que a oposição que o Pregador faz aos geralmente otimistas mestres de sabedoria nunca diminui".[34] Seow alega até mesmo que, em certo ponto, o Pregador "usa a retórica de subversão".[35] Novamente o Pregador é colocado em uma "caixa" que o impede de se fazer ouvir. O fato é que não sabemos com certeza quais provérbios ele cita da sabedoria tradicional e quais são suas próprias composições. Michael Fox apresenta uma posição mais aberta a ouvir a voz do Pregador. O Pregador, diz ele, "não se opõe ou apresenta antíteses às doutrinas da sabedoria tradicional. Não está claro sequer que ele reconheça uma diferença. Ele não está 'usando a sabedoria tradicional contra si mesma'. Ele apenas a está usando".[36]

Os leitores originais

A evidência interna oferece algumas pistas a respeito dos leitores originais deste livro. Garret argumenta que “o livro não foi escrito para o israelita comum. Ao contrário, membros de seus leitores originais tinham acesso ao rei (8.3), dedicavam-se à busca da sabedoria (1.12-18) e tinham ou buscavam riqueza (5.10-17). Em resumo, os primeiros leitores eram membros da aristocracia”.[37] Whybray acrescenta: “Qohelet era... um teólogo judeu cujo propósito era, motivado por uma fé religiosa genuína, mostrar a uma jovem, mas adulta audiência masculina como manter sua fé em circunstâncias que militavam poderosamente contra isso”.[38] Essas pessoas deviam estar vivendo nas proximidades de Jerusalém e do templo, como podemos presumir pela exortação: “Guarda o teu pé, quando entrares na Casa de Deus” (5.1).

A evidência também sugere que os leitores estavam preocupados com dinheiro. Muitas das palavras usadas nesse livro são do mundo do comércio.[39] Seow conclui que os “‘congregantes’ do Pregador estavam aparentemente preocupados com todos os tipos de questões sociais e econômicas – a volatilidade da economia, a possibilidade de riqueza, herança, posição social, a fragilidade da vida e a sempre presente sombra da morte. Qohelet tratou dessas questões e usou expressões que eram familiares à sua audiência para subverter suas preocupações”.[40]

O livro também nos dá uma boa ideia da visão de mundo desses leitores. O Pregador se dirige a pessoas “cuja visão é limitada pelos horizontes deste mundo; ele vai até eles onde eles estão e passa a convencê-los de sua vaidade inerente. Isso também é expresso por sua expressão característica ‘debaixo do sol’”.[41]

Data de composição

Se esse livro fosse escrito por Salomão, nos dias de glória da existência de Israel como nação, seria difícil justificar seu tom pessimista. O pesquisador conservador Edward Young afirma: “A autoria salomônica não é amplamente aceita e é rejeitada pela maioria dos estudiosos protestantes ortodoxos”. Uma das principais razões para essa rejeição é que “o contexto do livro não se encaixa na época de Salomão. Era um tempo de miséria e vaidade (1.2-11); o esplendor da

época de Salomão tinha passado (1.12–2.26); um tempo de morte tinha começado para Israel (3.1-15); injustiça e violência estavam presentes (4.1-3); havia tirania pagã (5.7,9-19); a morte era preferida à vida (7.1); e um homem governava sobre outro para arruiná-lo (8.9)".[42]

Uma data pós-exílica se encaixa muito melhor na evidência. Whybray afirma: "O livro foi escrito muitos séculos depois de Salomão, muito provavelmente no século 3º a.C. As principais razões para essa datação são três: o caráter do hebraico em que foi escrito, seu ânimo e estilo de argumento e seu lugar na história do pensamento. Cada uma dessas considerações seria suficiente para provar que esta é uma das últimas composições do Antigo Testamento".[43] Whybray sugere que o livro provavelmente foi escrito "quando a Palestina era governada do Egito pela dinastia ptolemaica". Esse foi um período de "intenso desenvolvimento econômico... expansão do comércio internacional... oportunidade para surgimento de grandes fortunas para os empresários. O dinheiro como meio de troca assumiu uma importância que nunca tinha tido antes. Esses desenvolvimentos ajudam a explicar a preocupação do Qohelet com dinheiro e lucro".[44] Brown observa: "O Qohelet reflete a ansiedade e as esperanças que essa economia emergente inspirava entre o povo geral de Judá (por exemplo, 5.10-12; 7.12; 10.19). De fato, o sábio vai direto ao assunto em suas reflexões iniciais sobre a condição humana, apresentando a questão do ganho econômico em 1.3: 'Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?' (veja também 3.9; 5.16)".[45]

Além do contexto socioeconômico de Israel, também devemos levar em conta sua perspectiva religiosa alterada. Loader escreve: "Desde a deportação de Israel, no século 6º a.C., pela qual a nação foi forçada ao exílio, profundas mudanças tinham ocorrido no panorama religioso do povo. Eles ainda adoravam o mesmo Deus que seus pais adoravam, mas seu conceito de Deus se tornou mais impessoal".[46]

Lugar de composição

Onde o pregador escreveu seu livro? Embora alguns defendam um local de composição fora da Palestina, o próprio livro faz alusão a ela. "As referências às

condições climáticas e à imprevisibilidade do clima, à dependência da chuva... e a sucessões de tempestades (12.2)... refletem as condições da Palestina... Entre os locais que são mencionados pelo Qohelet encontramos vários que são característicos da Palestina, mas são improváveis no Egito, como rachar lenha (10.9) e o uso de cisternas (12.6)... Igualmente decisivas para uma localização palestina são as referências ao templo [5.1-7; 8.10; 9.2]".[47]

O propósito de Eclesiastes

Por que o Pregador escreveu esse livro? Como ele mesmo não menciona explicitamente seu propósito, temos que examinar o conteúdo e a estrutura do livro (veja abaixo) para podermos dar uma resposta definitiva. Mas podemos dar uma resposta provisória aqui, considerando suas reflexões como uma resposta à situação na qual os leitores originais se encontravam. Vimos que esses leitores tinham perdido seus ancoradouros teológicos: seu Deus era distante, enquanto eles viviam somente no nível horizontal, secular, isto é, "debaixo do sol". O propósito do Pregador, então, era mostrar a esses leitores a deficiência de sua visão de mundo secular. Por essa perspectiva, ele proclama: "Tudo é vaidade" (a inclusio,* 1.2; 12.8). Hendry, por isso, chama Eclesiastes de "uma importante obra apologética" e "uma crítica ao secularismo e à religião secularizada".[48] Bartholomew acrescenta: "Eclesiastes é escrito por um mestre sábio como uma exposição irônica de uma epistemologia empirista [epicureus gregos] que busca a sabedoria por meio de experiência e análise pessoal, sem os 'óculos' do temor a Deus... Eclesiastes exorta os israelitas a se esforçarem para entender a natureza do sentido da vida e dos propósitos de Deus e a buscarem sabedoria genuína permitindo que seu pensamento seja moldado integralmente pelo reconhecimento de Deus como Criador, de modo que possam desfrutar das boas dádivas de Deus e obedecer às suas leis em meio ao enigma de seus propósitos".[49]

Gênero e formas de Eclesiastes

Antes de podermos entender o que Eclesiastes significa, precisamos saber como ele significa, isto é, qual gênero, forma e linguagem (literal ou figurada) ele usa para comunicar sua mensagem. O gênero amplo de Eclesiastes é literatura de sabedoria (discutido acima). Os comentaristas têm tentado especificar o gênero de Eclesiastes com mais precisão, como "autobiografia de estrutura de sabedoria"[50] e "tratado autobiográfico".[51] Roland Murphy afirma: Pode-se dizer que nenhum gênero único, nem mesmo diatribe, é adequado como caracterização do livro do Qohelet. Isto parece ser devido ao fato de que se trata de uma publicação de seus ensinos, que abrangem muitos gêneros [formas] de escrita".[52]

Para interpretar Eclesiastes, portanto, devemos ter em mente que se trata de uma literatura de sabedoria e dar atenção especial aos seus subgêneros, isto é, suas formas. Enumeramos os tipos mais comuns.

Reflexão

Reflexão é uma forma característica de Eclesiastes. Ela contempla as mais profundas questões da vida e normalmente é marcada por verbos em primeira pessoa, como "apliquei-me", "disse a mim mesmo", "vi (observei)". A reflexão "tem uma estrutura vaga; ela começa com um tipo de observação, que é, então, examinado por um ou mais pontos de vista, levando a uma conclusão. Dentro dela, podem-se encontrar provérbios, empregados para desenvolver ou preencher o pensamento (por exemplo, 1.12-18)".[53]

Provérbio

Provérbios são encontrados em todo o livro de Eclesiastes, mas especialmente nos capítulos 7, 10 e 11. "Um provérbio é uma declaração vigorosa, altamente estilizada, de uma verdade sobre a vida".[54] Por exemplo, Eclesiastes 10.12 diz: "Nas palavras do sábio há favor, mas ao tolo os seus lábios devoram".

Um provérbio afirma uma verdade geral, mas não cobre todas as situações. Thomas Long afirma: “Um provérbio é maior que um caso, mas não é amplo o suficiente para abranger todos os casos. A presença de provérbios contraditórios dentro da mesma coleção... indica que os provérbios têm um “limite superior” de aplicabilidade. Como sabedoria, transcendem uma situação singular, mas não têm força indiscriminada para serem aplicados em todos os lugares e momentos”.[55]

Os provérbios podem ser subdivididos em provérbios “verdadeiros” (por exemplo, 1.14: “(...) tudo é (era) vaidade e correr atrás do vento”); provérbios “melhor que” (por exemplo, 4.9: “Melhor é serem dois do que um”); e provérbios “assim como” (por exemplo, 11.5: “Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas”).[56]

Instrução

“Uma instrução é um ensino em que o autor procura persuadir seu leitor a adotar ou se afastar de um determinado curso de ação ou pensamento”.[57] A forma da instrução é normalmente marcada por um ou mais imperativos, frequentemente apoiados por “motivações” – razões para obedecer ao comando. Por exemplo, Eclesiastes 5.1-2 é uma instrução apoiada por motivações: “Guarda o teu pé, quando entrares na Casa de Deus; chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos, pois não sabem que fazem mal. Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras”.

Narrativa autobiográfica

Narrativa autobiográfica é “uma descrição em terceira pessoa de uma existência

pessoal, real ou imaginada... ou estilizada como ficção literária (i.e., uma descrição de uma existência pessoal criada pelo escritor bíblico ou pelo editor com fins literários e/ou teológicos e/ou razões teológicas)".[58] Exemplos de narrativa autobiográfica são Eclesiastes 1.12–2.16 e 7.23-29.

Anedota

Uma anedota (às vezes chamada de parábola) é uma "história curta [contada em terceira pessoa] para ilustrar um princípio ou verdade de interesse do autor".[59] Por exemplo, Eclesiastes 9.13-15 começa com uma reflexão sobre sabedoria e a ilustra com uma anedota: "Também vi este exemplo de sabedoria debaixo do sol, que foi para mim grande. Houve uma pequena cidade em que havia poucos homens; veio contra ela um grande rei, sitiou-a e levantou contra ela grandes baluartes. Encontrou-se nela um homem pobre, porém sábio, que a livrou por sua muita sabedoria; contudo, ninguém se lembrou mais daquele pobre".

Metáfora

Uma metáfora é "uma figura de linguagem em que uma palavra ou frase que literalmente denota um tipo de objeto ou ideia é usada em lugar de outra de forma a sugerir uma semelhança ou analogia entre elas".[60] Por exemplo, Eclesiastes 12.6 reúne quatro metáforas para a morte de uma pessoa: "antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço". A metáfora mais repetida em Eclesiastes é "vaidade", literalmente "vapor" ou "sopro". O que o Pregador quer dizer quando compara a vida humana ao vapor? Ele está sugerindo que a vida é curta, efêmera, ou está dizendo que a vida é sem substância ou fútil, ou está implicando que a vida é absurda ou sem sentido? O contexto tem que estabelecer a nuance específica.[61]

Alegoria

Uma alegoria é uma metáfora estendida. Veja, por exemplo, Eclesiastes 12.3-4, em que uma pessoa idosa é descrita em termos de uma casa e seus ocupantes: “No dia em que tremerem os guardas da casa, os teus braços, e se curvarem os homens outrora fortes, as tuas pernas, e cessarem os teus moedores da boca, por já serem poucos, e se escurecerem os teus olhos nas janelas; e os teus lábios, quais portas da rua, se fecharem...”

A alegoria, é claro, requer interpretação alegórica. Embora possa ser tentador pregar Cristo usando interpretação alegórica em outros textos, esse tipo de interpretação deve ser restrito à forma de alegoria.[62]

A estrutura de Eclesiastes

Identificar a estrutura geral de Eclesiastes é importante, pois só se pode entender corretamente o texto em seu contexto literário. A conhecida história antiga de um homem cego tocando em um elefante ilustra esse importante princípio da hermenêutica bíblica. Quando o homem cego tocou o lado do animal, concluiu que tinha topado com uma parede. Movendo-se ao longo da “parede”, sentiu uma perna e inferiu que havia uma grande árvore perto da parede. Movendo-se ainda mais, tocou a tromba do elefante e concluiu que havia uma cobra na árvore. Se o homem cego tivesse conhecimento do todo, que estava tocando um elefante, teria sido capaz de identificar corretamente as partes.

Semelhantemente, para correta interpretação, as partes de Eclesiastes têm que ser entendidas no contexto do livro todo. Infelizmente, determinar a estrutura geral de Eclesiastes é notoriamente muito difícil. Longman afirma: “O estudo aprofundado mostra que o pensamento do Qohelet vagueia, repete-se e, ocasionalmente, se contradiz”.[63] Franz Delitzsch predisse, em 1891: “Todas as tentativas de mostrar, no todo, não apenas singularidade de espírito, mas também um progresso genético, um plano totalmente abrangente e uma conexão orgânica falharam até aqui, e devem falhar”.[64] Mas esse ceticismo sobre descobrir uma

estrutura geral não impediu os comentaristas de tentar.[65] Nenhuma proposta detalhada, porém, encontrou aceitação geral. O que os pregadores devem fazer quando os pesquisadores ficam em pane total com a estrutura de Eclesiastes?

Padrões literários

Uma boa maneira de os pregadores responderem à incapacidade dos pesquisadores é não serem pegos em estruturas literárias complexas, mas examinar o livro em busca de uma estrutura geral mais modesta que os ajude a entender as partes. É claro que Eclesiastes mostra sua estrutura unificada com uma inclusio: "Vaidade de vaidades, diz o pregador; vaidade de vaidades, tudo é vaidade" (1.2; 12.8). A inclusio é reforçada por um poema de abertura sobre a falta de proveito no labor humano (1.3-11) e um poema de encerramento encorajando seus leitores a se lembrarem de seu Criador antes da velhice e da morte (12.1-7). Entre essas duas "extremidades do livro", o Pregador busca o sentido da vida. Seu "tudo é vaidade" inicial é repetido umas trinta e oito vezes, mas é equilibrado por seu uso frequente da palavra "bom/bondade" (cinquenta e uma vezes) e seu sêxtuplo encorajamento ao temor a Deus (3.14; 5.7; 7.18; 8.12-13 [3X]). Isso conduz a um sumário final do editor sobre a busca de sentido: "De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem" (12.13). Através de muitas paradas e começos para encontrar o sentido da vida, o padrão de Eclesiastes progride até esta final e sétima exortação: "Teme a Deus", elucidada por "e guarda os seus mandamentos".[66]

Também devemos notar um padrão alternativo de fios horizontais e verticais em Eclesiastes. Os fios horizontais descrevem a vida "debaixo do sol", enquanto os verticais apontam para Deus. Podemos comparar o livro a uma roupa tecida com fios verticais que se entrelaçam com fios horizontais e formam o tecido. Os fios horizontais descrevem a vida por uma perspectiva secular: vida "debaixo do sol" é vida sem Deus.[67] "Vaidade de vaidades, tudo é vaidade. Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho com que se afadiga debaixo do sol?" (1.2-3). A resposta é: nada, absolutamente nada. Há mais para viver, contudo, que um mundo sem Deus. Trinta e nove vezes o Pregador menciona Deus. Quando ele fala de Deus, "a terminologia 'debaixo do sol' fica em segundo plano ou

totalmente ausente (2.24-26; 11.1–12.14); em vez disso, ele se refere à ‘mão de Deus’ (2.24), à alegria do homem (2.25; 3.12; 5.18,20; 9.7; 11.7-9) e à generosidade de Deus (2.26; 3.13; 5.19). Em doze ocasiões é dito que Deus ‘dá’. Em sete ocasiões é dito que a humanidade recebe de Deus uma ‘porção’ alegre”.[68] O Pregador fala de Deus dando “sabedoria, conhecimento e prazer” (2.26), comida, bebida e prazer no trabalho (3.13), “riquezas e bens” e a capacidade de desfrutar deles (5.19; 6.2) e do desejo de Deus de que as pessoas desfrutem de suas dádivas (9.7). O Pregador também adverte que Deus “não se agrada de tolos” (5.4) e “julgará o justo e o perverso” (3.17; 11.9). Portanto, as pessoas devem temer a Deus (3.14; 5.7; 7.18; 8.12-13; 12.13).

Justaposições

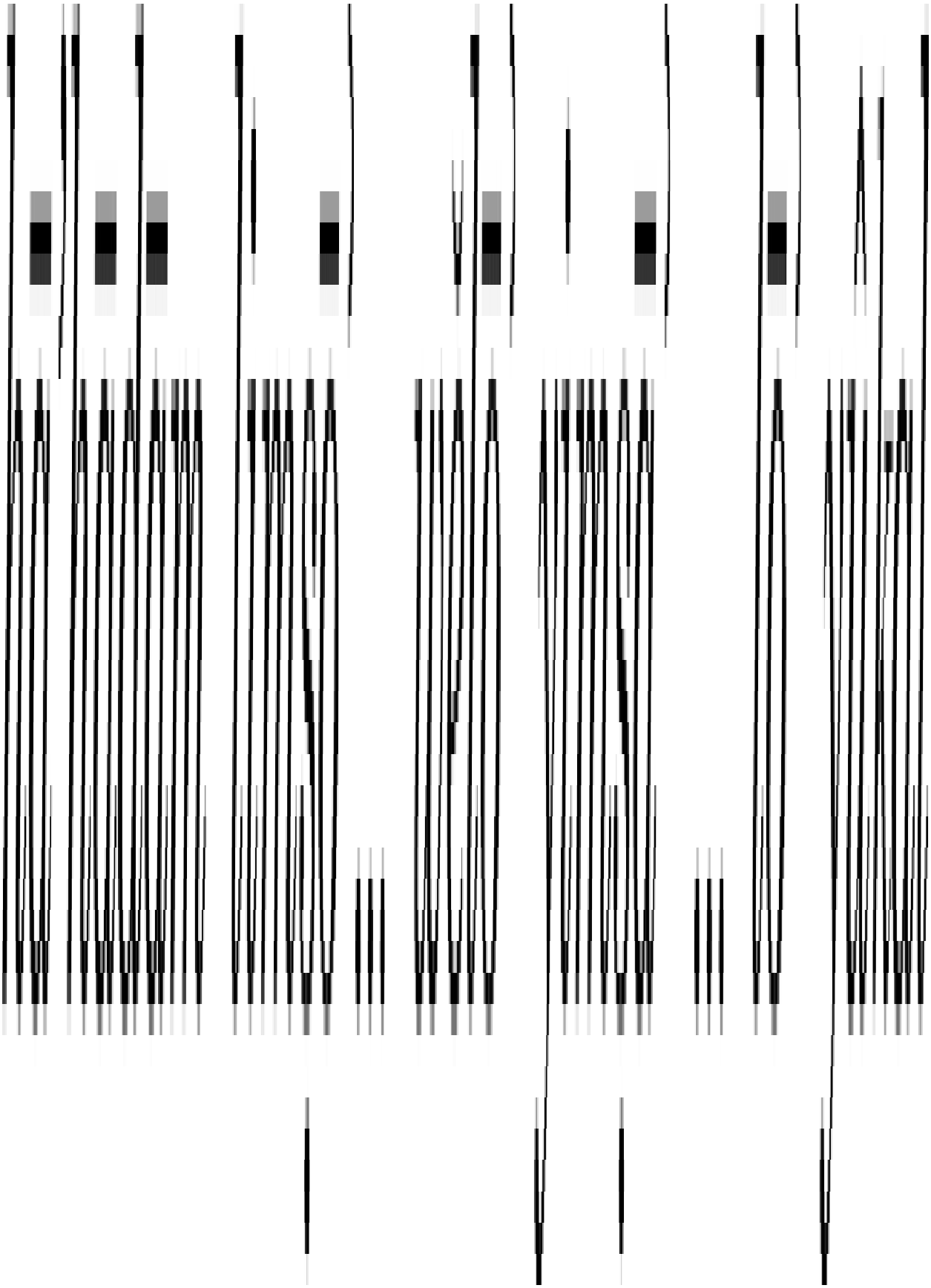
O padrão de fios verticais se entrelaçando com fios horizontais explica, em parte, as contradições em Eclesiastes. O Pregador se coloca na posição de uma pessoa que vive sem Deus e, a partir dessa perspectiva, conclui que “tudo é vaidade”. Mas se a pessoa tiver os olhos postos na realidade de Deus, tudo não é vaidade; há sentido na vida, muito embora, pela perspectiva do Pregador, ele seja restrito por causa da morte. Para descrever essa polaridade em Eclesiastes, alguns estudiosos falam de uma “estrutura polar”[69] ou “justaposição”;[70] outros, ainda, caracterizam o livro como “diatribe”,[71] “dialógico”,[72] ou “dialético”.[73] O elemento comum nessas descrições variadas é que eles se referem a essa tensão em Eclesiastes entre uma perspectiva secular[74] e a perspectiva teocêntrica.

As justaposições são propositais. O livro é como uma pintura de Rembrant, na qual o fundo e as figuras escuras conduzem os olhos para as figuras na luz. O fundo escuro de vaidade e morte do pregador busca conduzir o leitor aos elementos que estão na luz: alegria; dádivas de Deus; temor a Deus e observância aos seus mandamentos. A luz é o ponto focal da mensagem do Pregador, mas somente em contraste com as trevas da vida sem Deus. A importância de observar essa polaridade entre o negativo e o positivo é que não se pode isolar uma seção negativa de Eclesiastes e pregá-la como se fosse a mensagem do Pregador. Todo texto de pregação deve ser entendido em seu contexto literário mais amplo.

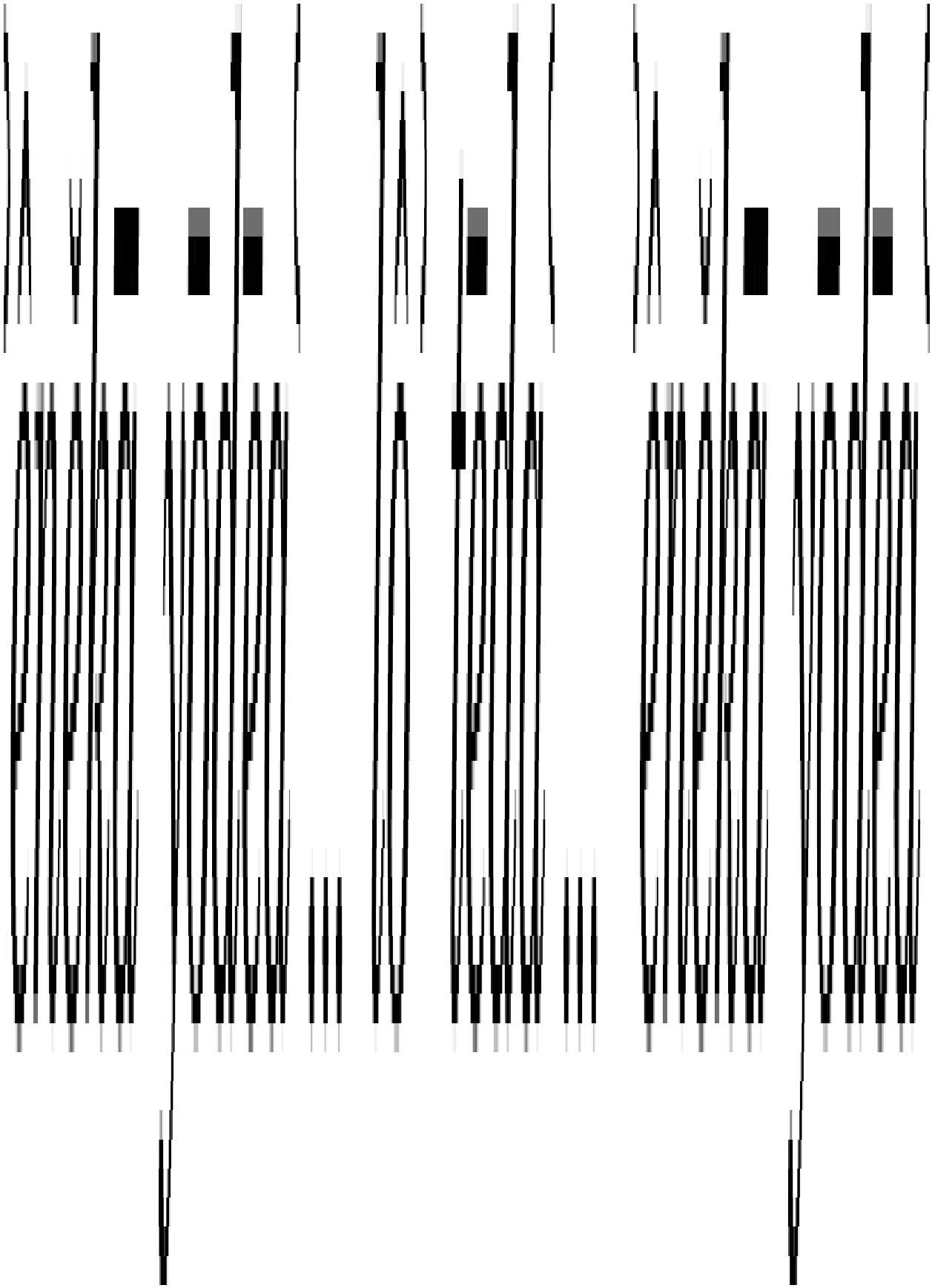
A estrutura geral

Vários comentaristas têm tentado utilizar o sétuplo carpe diem (“aproveite o dia”) do Pregador.[75] Em 2.24, o Pregador afirma: “Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho”. Ele repete esse conselho para desfrutar a vida em 3.12-13; 3.22; 5.18-20; 8.15; 9.7-10; 11.7-10. Embora certamente se deva considerar essa importante repetição para desfrutar cada dia, como pode ser visto pela grande distância entre elas, isso não funciona adequadamente como a estrutura do Pregador de Eclesiastes.

De todas as propostas,[76] Addison Wright provavelmente produziu a mais convincente e detalhada estrutura literária de Eclesiastes.[77] Sua análise é baseada na “simples técnica [do autor] de concluir seções relacionadas com a mesma frase”. Com base nessas repetições, Wright concluiu “que o corpo do livro consiste de duas metades, 1.12–6.9 e 6.10–11.6. Na primeira metade, Qohelet examina o que é bom o homem fazer (2.4) e expressa suas próprias observações experimentais em duas declarações introdutórias de propósito (1.12-18) e seis seções expositivas (2.1–6.9), cada uma das quais terminando com “tudo é vaidade e correr atrás do vento” (linha que nunca ocorre novamente no livro depois de 6.9). Na segunda metade do livro (6.10–11.6), o Qohelet começa fazendo duas perguntas: Quem sabe o que é bom para o homem e quem conhece o futuro (6.10-12). Ele desenvolve a primeira seção em quatro seções (7.1–8.17). Cada uma dessas seções termina com (não descobrir), e a última seção, com um triplo



[não pode compreender... não a entenderá... não a poderá achar] (8.17). Ele desenvolve a segunda pergunta em seis seções [posteriormente reduzidas a quatro][78] (9.1–11.6), nas quais ilustra a incapacidade do homem de conhecer o futuro. Cada uma dessas seções termina com (“você não sabe”) e a última seção, com um triplo



[não sabes... não sabes... não sabes] (11.5-6)”.[79]

O segundo estudo de Wright confirmou suas conclusões anteriores e as fortaleceu com importantes detalhes numéricos.[80] Embora vários comentaristas critiquem esse método e seus resultados,[81] incluo sua estrutura proposta (veja p. 39)[82] porque ele parece ter encontrado muitas divisões elaboradas pelo autor de Eclesiastes. Embora as categorias formais de Wright não reflitam o conteúdo de Eclesiastes – e, assim, não ofereçam muito auxílio para o entendimento das unidades individuais –, sua análise é útil para determinar os limites das unidades literárias que podem servir como texto de pregação.

A mensagem geral de Eclesiastes

Já que os comentaristas não concordam sobre a estrutura de Eclesiastes, também não concordam com sua mensagem geral. As opiniões variam de “tudo é vaidade”[83] a “desfrute a vida”.[84] Alguns estudiosos optam por vários temas. Brown afirma: “Encontrar um sentido uniforme e determinado em Eclesiastes é tão enganoso quanto assegurar que, para o sábio, o ganho estava por trás deste livro. Contudo, certos temas se destacam, particularmente a fragilidade da existência humana, a incapacidade de os seres humanos se estabilizarem, a inescrutável vontade de Deus e o chamado ao carpe diem, “aproveitar a vida” antes que o sol se ponha, por assim dizer”.[85] Esses temas podem ser pregados legitimamente quando os textos de pregação os mencionam.

Devido ao fato de que o Pregador expõe uma variedade de temas, há um modo de formular um único tema que seja totalmente abrangente? Se tivermos que pregar um sermão sobre todo o livro de Eclesiastes, qual seria o tema?[86] Já observamos a ênfase do Pregador com sua inclusio e sua constante repetição de que “tudo é vaidade”. Mas também observamos seu refrão “desfrutem dos bens”. Além disso, vimos sua repetida ênfase em “tema a Deus”, que também é enfatizada na conclusão: “De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porquanto isto é o dever de todo homem”. Podemos abranger esses temas importantes com um tema totalmente abrangente? Pode-se considerar o seguinte tema: temer a Deus para transformar

uma vida vã, vazia, em uma vida significativa que desfruta das dádivas de Deus.[87]

Dado este tema totalmente abrangente, o propósito geral do Pregador seria encorajar seus leitores a rejeitar a cosmovisão secular e a fazer de Deus o ponto focal de sua vida. Como diz Eaton, “O temor a Deus que ele [o pregador] recomenda (3.14; 5.7; 8.12; 12.13) não é somente o princípio da sabedoria; também é o princípio da alegria, do contentamento e de uma vida poderosa e com propósito. O Pregador deseja nos libertar de uma vida rósea, autoconfiante e sem Deus, com seu inevitável cinismo e amargor, e da confiança na sabedoria, no prazer, na riqueza e na justiça ou integridade humana. Ele deseja nos levar a ver que Deus está lá, que ele é bom e generoso, e que somente esta perspectiva torna a vida coerente e satisfatória”.[88] Dentro desse panorama geral, os pregadores precisam determinar objetivos mais específicos em cada texto de pregação.

		Versos		
Título	(1.1)	1		
Poema sobre trabalho	(1.2-11)	10		
I. Investigação da vida pelo Qohelet	(1.12–6.9)		18	
Dupla introdução	(1.12-15)	4		
	(1.16-18)	3		
Estudo da busca do prazer	(2.1-11)	11		
Estudo da sabedoria e da insensatez	(2.12-17)	6		
Estudo dos frutos do trabalho				111
Não se pode deixá-los para outra pessoa	(2.18-26)	9		
Não se pode acertar o momento certo de agir	(3.1–4.6)	28	93	
O problema de uma "segunda pessoa"	(4.7-16)	10		
A pessoa pode perder tudo o que acumula	(4.16–6.9)	29		
II. Conclusões do Qohelet	(6.10–11.6)			
Introdução:	(6.10-12)		3	
A pessoa não sabe o que Deus fez, pois não consegue descobrir o que é bom e não pode descobrir o que vem depois				
A. Não se pode descobrir o que é bom para aquele que faz				
Crítica à sabedoria tradicional				
No dia da prosperidade e da adversidade	(7.1-14)	14		
Sobre justiça e impiedade	(7.15-24)	10	46	93
Sobre mulheres e insensatez	(7.25-29)	5		
Sobre o homem sábio e o rei	(8.1-17)	17		
B. A pessoa não sabe o que acontecerá depois dela				111
Ela não conhece sua hora	(9.1-12)	12		
Ela não sabe o que acontecerá	(9.13–10.15)	21		
Ela não sabe que acontecerá de mal	(10.16–11.2)	7	44	
Ela não sabe o que acontecerá de bom	(11.3-6)	4		
Poema sobre a juventude e a velhice	(11.7–12.8)		12	18
Epílogo	(12.9-14)		6	

216

Dificuldades na pregação de Eclesiastes

Os pregadores têm que lidar não apenas com as dificuldades na interpretação de Eclesiastes, mas também têm que enfrentar dificuldades específicas na pregação desse livro. Destacaremos três dificuldades: primeira, selecionar um texto de pregação adequado; segunda, formular um tema; terceira, pregar Cristo a partir de Eclesiastes.

A seleção de um texto de pregação adequado

Para fazer justiça ao pensamento do autor bíblico, um texto de pregação deve ser uma unidade literária – não um fragmento de uma unidade ou um verso.[89] Com narrativas bíblicas, as unidades são facilmente demarcadas, mas isso não acontece com Eclesiastes. W. Sibley Towner afirma: "é mais difícil identificar a maioria das perícopes individuais em Eclesiastes que em qualquer outro livro da Bíblia hebraica, exceto, talvez, o livro de Provérbios".[90]

Os comentaristas geralmente concordam que Eclesiastes 1.1-11 e 1.12–2.26 são unidades literárias, mas não concordam sobre as que vêm depois. Como o sentido de um texto pode mudar com a mudança em suas dimensões, é muito importante selecionar textos de pregação adequados em Eclesiastes. Se o texto escolhido não for uma unidade literária, ele arruinará o sermão desde o início.

Felizmente, o pregador oferece algum auxílio para determinar grandes e pequenas unidades literárias com construções iniciais para suas reflexões, como "vi, tenho visto, observado" (por exemplo, 3.16; 4.1,7; 5.18; 7.15; 8.9; 9.11,13) e marcadores finais, como "tudo é vaidade e correr atrás do vento" (1.14,17; 2.11,17,26; 4.4,6,16; 6.9).[91] A análise literária de Addison Wright (veja acima, p. 39) também é útil para confirmar nossas escolhas de textos de pregação. Como ele observa corretamente, "Eclesiastes é um livro difícil porque pode ser usado

para dizer muitas coisas diferentes, dependendo de como se divide o material em seções... consequentemente, se o autor tiver indicado uma forma de dividir o material, essas indicações são da maior importância para uma exegese válida".[92]

Os pregadores, é claro, têm que escolher unidades menores que as identificadas como textos de pregação neste livro, mas, para uma interpretação válida, essas subunidades[93] ainda têm que ser entendidas no contexto de uma unidade maior. Dois índices no fim deste livro, "Alvos para sermões" e "Tópicos para sermões", também podem despertar ideias para sermões ocasionais sobre Eclesiastes.

Formulação de um tema único

Sermões modernos requerem um tema único para que tenham unidade e movimento.[94] Mas o Pregador frequentemente tenta apresentar seu pensamento em som stereo por meio de uma justaposição de um polo negativo com um polo positivo ou apresentando dois polos, como "Alegra-te, jovem, na tua juventude (...)" e "Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade (...)" (11.9; 12.1). Quando o texto de pregação contém duas mensagens, é um desafio formular um só tema que faça justiça a ambos os polos. Temos que verificar se um dos dois temas é dominante para que possamos subordinar um ao outro, ou se podemos formular um tema totalmente abrangente que inclua os dois.

Pregando Cristo a partir de Eclesiastes

Os pregadores não podem simplesmente proclamar a sabedoria do Antigo Testamento como "evangelho" na igreja cristã. Assim como a lei do Antigo Testamento (pense na circuncisão, no sábado e nas comidas impuras) tem que ser validada pelo Novo Testamento antes de ser proclamada como "evangelho" (no sentido de boas-novas também para a igreja), assim também a sabedoria do Antigo Testamento tem que ser confirmada pelo Novo Testamento antes de ser proclamada como "evangelho". O núcleo do Novo Testamento é Jesus Cristo,

que não apenas personificou a “sabedoria de Deus” (1Co 1.24,30), mas também ensinou a sabedoria às pessoas “como quem tem autoridade” (Mt 7.29). Jesus disse aos judeus: “Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim. Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5.39-40). Não devemos apenas pregar o Antigo Testamento, mas também associá-lo a Cristo para que as pessoas tenham vida.

Como mencionado no Prefácio, depois de pregar um sermão em uma série sobre Eclesiastes há uns trinta anos, fui perguntado por um pastor aposentado se um rabino poderia ter pregado meu sermão na sinagoga. Tive que admitir que um rabino provavelmente poderia ter feito isso. Isso significa que eu tinha pregado um “sermão do Antigo Testamento”, em vez de um “sermão cristão”.[95] Um estudo mais aprofundado me convenceu de que os pais da igreja estavam certos em insistir que um sermão cristão devia pregar Cristo. Mas como? Eclesiastes não contém sequer um “texto messiânico”.[96] Não há promessa da vinda do Messias. Como pregar Cristo a partir de um livro que não tem textos messiânicos?

Infelizmente, durante grande parte da história da igreja, a interpretação alegórica foi o método escolhido para pregar Cristo no Antigo Testamento.[97] Mas a interpretação alegórica é uma forma de exegese: ela lê o Jesus do Novo Testamento no Antigo. Hoje enfrentamos outra tendência perigosa para pregar Cristo. Brown escreve: “A tentação surge entre os intérpretes cristãos que tratam o Qohelet meramente como realce para a mensagem do evangelho, uma perspectiva deficiente e perigosa em clara necessidade de reabilitação”.[98] Embora o contraste com a mensagem de Eclesiastes às vezes possa ser o caminho para pregar Cristo, há muito mais opções a considerar. Um estudo do Novo Testamento e da história da igreja revela pelo menos sete maneiras legítimas de pregar Cristo a partir do Antigo Testamento. Investigar qual dessas maneiras conduz da mensagem do texto para Cristo, no Novo Testamento, é uma forma de investigação que normalmente conduz a várias possibilidades. No sermão não devem ser usadas todas essas maneiras, é claro, mas escolher a mais atrativa, talvez apoiada por uma ou duas das outras. Vejamos cada uma dessas maneiras.[99]

Progressão histórico-redentiva

Quando um colega viu o título deste manuscrito, Pregando Cristo a partir de Eclesiastes, ele riu: “Você está tentando encontrar Cristo embaixo de cada pedra, não?” No impulso do momento, respondi: “Você está me confundindo com Paulo” (veja 1Co 10.4). Refletindo sobre essa conversa imprópria mais tarde, concluí que dei a resposta errada. Eu deveria ter dito: “Não se trata de tentar encontrar Cristo embaixo de cada pedra, mas de ligar os pontos” – os pontos que vão da periferia do Antigo Testamento ao centro da revelação de Deus em Jesus Cristo. A progressão histórico-redentiva é a maneira básica e fundamental de ligar os pontos. Como a história da redenção progride de seu início mais remoto, depois da Queda no pecado (Gn 3.15), passa pelo tratamento de Deus com Israel e vai até a encarnação de Cristo, sua vida, morte, ressurreição e ascensão e, finalmente, à segunda vinda, os pregadores cristãos devem entender uma passagem do Antigo Testamento à luz dessa progressão na história da redenção.[100]

Por exemplo, o Pregador não conhece a ressurreição dos mortos. Embora sugira que haverá um juízo final (3.17; 8.12-13; 11.9), seu pressuposto principal é a morte como ponto-final.[101] Ele escreve:

O que sucede aos filhos dos homens sucede aos animais; o mesmo lhes sucede: como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade. Todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó e ao pó tornarão. Quem sabe se o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima e o dos animais para baixo, para a terra? (3.19-21; cf. 2.15-16; 9.5).

Mas esse pressuposto da morte como ponto-final muda drasticamente quando a história da redenção se move para a frente, para a ressurreição de Jesus. A morte não é o fim. Jesus venceu a morte. O próprio Jesus ensina aos seus seguidores: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente”(Jo 11.25-26). A progressão na história da redenção até a ressurreição de Jesus coloca a mensagem do Pregador sob nova luz.[102]

Promessa-cumprimento

O Antigo Testamento contém muitas promessas sobre a vinda do Messias. De uma promessa dessas, pode-se ir diretamente para seu cumprimento, na vinda de Jesus. Mas não podemos usar o modo de promessa-cumprimento em Eclesiastes porque ele não contém promessas messiânicas.

Tipologia

Tipologia é uma outra maneira de ir de um texto do Antigo Testamento para Cristo, no Novo Testamento. Os eventos, pessoas e instituições redentivos do Antigo Testamento podem funcionar como tipos que prenunciam o grande antítipo, a pessoa e/ou obra de Jesus Cristo. Contudo, como Eclesiastes é ensino de sabedoria, não se deve esperar um tipo de Cristo nesse livro. Duas exceções possíveis são a figura de "Salomão", em Eclesiastes 1.12–2.26, e do "único Pastor", em 12.11 (veja p. 74 e 30–31, abaixo). Além disso, pode-se possivelmente argumentar que o próprio Pregador sábio, ao ensinar sabedoria, é um tipo do sábio rabino Jesus, que também ensinou em (provérbios/parábolas).[1O3] Mas esse tipo de tipologia não é necessário, já que cobriremos esses paralelos no ensino na categoria de analogia.

Analogia

Outra maneira de irmos do Antigo Testamento para Cristo, no Novo Testamento, é a analogia. Aplicada a Eclesiastes, a analogia observa paralelos entre os ensinos do Pregador do Antigo Testamento e os ensinos de Jesus. Essas

analogias existem porque Jesus foi o supremo Pregador sábio. Paulo afirma que, em Cristo, “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos” (Cl 2.3). Consequentemente, ele pode falar de Jesus como “sabedoria de Deus” (1Co 1.24,30). Com respeito à sabedoria, o próprio Jesus afirmou ser “maior que Salomão” (Lc 11.31; cf. 2.52; 7.35). Não é surpresa, portanto, que seus contemporâneos tenham avaliado Jesus como um Pregador sábio (Mc 1.22) e que ele ensinasse primariamente nas formas de sabedoria de provérbios[104] e parábolas.[105]

Podemos, portanto, buscar analogias entre os ensinos do Pregador de Eclesiastes e os de Jesus. Por exemplo, o Pregador adverte contra trabalhar pesado para obter ganho: “Também aborreci todo o meu trabalho, que me afadiguei debaixo do sol, visto que o seu ganho eu havia de deixar a quem viesse depois de mim. E quem pode dizer se será sábio ou estulto? Contudo, ele terá domínio sobre todo o ganho das minhas fadigas e sabedoria debaixo do sol; também isto é vaidade” (2.18-19; cf. v.20-23).

Jesus adverte de forma semelhante: “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam” (Mt 6.19). Aliás, Jesus conta uma parábola sobre o rico insensato. O insensato constrói grandes celeiros para estocar toda a sua produção e diz: “... tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus” (Lc 12.19-21).

Temas longitudinais

Os temas longitudinais oferecem outro caminho de um texto do Antigo Testamento para Jesus, no Novo Testamento. “Temas longitudinais” é um termo técnico na disciplina de Teologia Bíblica. Refere-se a temas que podem ser traçados através da Escritura desde o Antigo Testamento até o Novo. Podemos utilizar este conceito de temas longitudinais para pregar Cristo porque todo tema importante do Antigo Testamento conduz a Cristo. Por exemplo, vimos que um dos grandes temas de Eclesiastes é o temor a Deus.[106] Esse tema da obrigação do

povo de Deus de reverenciá-lo remonta ao início da história de Israel (veja Gn 22.12; Êx 14.31) e pode ser dela até posteriores ordens de Deus com o refrão "... temerás o teu Deus. Eu sou o Senhor" (Lv 19.14,32; 25.17,36,43), até Salmos (por exemplo, 34.9), a literatura de sabedoria (por exemplo, Pv 1.7; 9.10; 15.33; Jó 28.28), até Neemias depois do exílio (Ne 5.9), até Eclesiastes (3.14; 5.7; 7.18; 8.12-13; 12.13), até o ensino de Jesus no Novo Testamento: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (Mt 10.28).

Referências do Novo Testamento

Um sexto caminho de uma passagem do Antigo Testamento para Cristo, no Novo Testamento, é o das referências no Novo Testamento. Embora as referências mais diretas para pregar Cristo sejam citações dos ensinos de Jesus nos Evangelhos, também podem ser utilizadas as cartas do Novo Testamento quando ligam seus ensinos a Cristo. Infelizmente, o Novo Testamento raramente cita Eclesiastes diretamente, e cita ou faz alusão a esse livro somente doze vezes.[107] Para encontrar ensinos do Novo Testamento similares aos de Eclesiastes, podem-se usar concordâncias, referências cruzadas, comentários e The Treasury of Scripture Knowledge, na Libronix ou a PC Study Bible. É melhor, contudo, não usar as referências do Novo Testamento como único caminho até Cristo, mas usá-las para apoiar um dos outros caminhos até Cristo (por exemplo, veja as referências do Novo Testamento nas subdivisões Progressão histórico-redentiva, Analogia e Temas longitudinais, acima, e em Contraste, abaixo).

Contraste

Um último caminho do Antigo Testamento até Cristo, no Novo Testamento, é o contraste. Por causa da progressão na história da redenção e na revelação, a mensagem para a igreja contemporânea pode ser totalmente diferente da

mensagem do Pregador para Israel. Portanto, pode-se usar contraste para pregar Cristo, indo da mensagem do Pregador a Israel para a mensagem de Cristo para a igreja. Por exemplo, o Pregador afirma que “tudo é vaidade”. Ele pergunta: “Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho com que se afadiga debaixo do sol?” (1.3). A resposta esperada é: Não ganhamos absolutamente nada com todo o nosso trabalho. Se ganhamos alguma riqueza, temos que deixá-la para os outros quando morremos (2.18). Assim, todo o nosso labor é em vão. Depois que Paulo encontrou o Senhor vivo na estrada de Damasco, adquiriu uma perspectiva totalmente diferente. Ele conclui seu poderoso capítulo sobre a ressurreição de Cristo com estas palavras: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1Co 15.58).

* * *

Investigar qual desses caminhos conduz a mensagem do texto de pregação até Cristo, no Novo Testamento, é um método focado de entender o texto no contexto de todo o cânon cristão. Isso pode revelar um contraste com a mensagem do Antigo Testamento, mas geralmente confirmará e enriquecerá essa mensagem à luz da pessoa, obra e/ou ensino de Jesus Cristo, que revelou completamente o Pai (Mt 11.27; Jo 1.18).

---

[1] Veja Whybray, Ecclesiastes, 16.

[2] “Raramente há um aspecto do livro, seja data, autoria ou interpetação, que não esteja sujeito a uma ampla diferença de opinião”. Gordis, Poets, Prophets, and Sages (Bloomington: Indiana University Press, 1971), 326.

[3] Garrett, “Preaching Wisdom”, 108.

[4] Compare esse uso mínimo de Eclesiastes com a prática de algumas comunidades judaicas de ler todo o livro de Eclesiastes durante a festa anual de Sukkot (Tabernáculos). Algumas das razões sugeridas para a leitura de Eclesiastes durante esta festa são: “Qohelet recomenda alegria, que o humor de Sukkot... ele declara a transitoriedade da vida humana, o que é bem simbolizado

por uma tenda temporária; e...o outono é a estação evocativa da mortalidade". Michael Fox, Ecclesiastes, xv.

[5] Segundo Ellen Davis, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 160, "Martinho Lutero disse que devemos ler 'este nobre livrinho' todos os dias, precisamente porque rejeita tão firmemente a religiosidade sentimental".

[6] Provan, Ecclesiastes, 42. Cf. Brown, Ecclesiastes, 21, "Ao contrário do que é comumente pregado, a vida não é simplesmente uma jornada de experiências edificantes, uma peregrinação de divertimento. A vida tem a ver com confrontar desespero inevitável, desilusão, sim, enfrentar a morte face a face, a via negativa. Eclesiastes, em resumo, cobre toda a gama da vida do lado de baixo, isto é, 'debaixo do sol', e debaixo de Deus. Sua teologia é uma teologia de baixo, não para liberação, mas para navegar pelas águas turbulentas da vida nesses dias em reverência a Deus. Qohelet é um pregador para pregadores que viveu para falar sobre tudo isso... de maneira crua".

[7] D. Brent Sandy e Ronald L. Giese, Cracking Old Testament Codes: A Guide to Interpreting the Literary Genres of the Old Testament (Nashville: Broadman and Holman, 1995), 271.

[8] Ryken, "Ecclesiastes", 274. Cf. Garrett, "Preaching Wisdom", 119: "Eclesiastes... remove todas as ideologias e falsas esperanças pelas quais homens e mulheres vivem e alarga as amarras de que a busca por riqueza, poder e educação sustenta as pessoas. Ao fazer isso, Eclesiastes eloquentemente volta o leitor para Deus, a única esperança de significado e vida eterna".

[9] Veja a extensa revisão histórica feita por Craig Bartholomew em Reading Ecclesiastes: Old Testament Exegesis and Hermeneutical Theory, 31-205.

[10] Achtemeier, Preaching from the Old Testament (Louisville: Westminster/John Knox, 1989), 166. Cf. von Rad, Wisdom in Israel, 92-95; e Bernhard W. Anderson, Contours of Old Testament Theology (Mineápolis: Fortress, 1999), 264-67.

[11] Loader, Ecclesiastes, 4.

[12] Goldsworthy, Gospel and Kingdom, 142.

[13] Veja Charles G. Forman, "Qohelet's Use of Genesis", JSS 5 (1960) 256-63;

Robert Johnson, “Confessions of a Workaholic”, CBQ 38 (1976) 22; Roger Whybray, “Qoheleth as a Theologian”, 247-48; Walter Kaiser, Ecclesiastes, 36-37; Arian Verheij, “Paradise Retried: On Qohelet 2:4-6”, JSOT 50 (1991) 113-15; e David Clements, “The Law of Sin and Death: Ecclesiastes and Genesis 1–3”, Themelios 19/3 (1994) 5-8.

[14] Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 279.

[15] Brown, Ecclesiastes, 11-12.

[16] Brown, Ecclesiastes, 11-12.

[17] Alguns estudiosos tentam explicar as contradições em termos de mudança de pensamento ao longo da vida ou mudança de circunstâncias. Crenshaw, Ecclesiastes, 49, afirma: “Creio que as tensões do livro representam, na maior parte, fruto de pesquisa ao longo da vida. Circunstâncias mutáveis evocam respostas diferentes à sabedoria convencional e aos antigos pensamentos de uma pessoa. Diferenças em interesses sociais também ditam uma variedade de expressões... Mas as contradições sugerem mais que o resultado da passagem do tempo. Elas expressam as ambiguidades da vida diária e a absurdidade dos esforços humanos para entendê-la”. Outros estudiosos usam as contradições para argumentar em favor de autoria múltipla (veja p. 25, abaixo).

[18] “Contradições” similares são encontradas em provérbios ingleses: às vezes temos que dizer: “a ave que acorda cedo pega a minhoca”, mas outras vezes “antes tarde do que nunca” é mais adequado. Às vezes temos que dizer “aquele que hesita está perdido”, mas outras vezes “olhe antes de pular” ou “o apressado come cru” é mais adequado.

[19] Cf. Fox, A Time to Tear Down, 3, “As contradições no livro de Qohelet são reais e intencionais. Devemos interpretá-las, não eliminá-las”. Veja toda esta seção em “On Reading Contradictions”, ibid., p. 1-26. Veja também seu Qohelet and His Contradictions, e seu “The Inner Structure of Qohelet’s Thought”.

[20] Raymond C. Van Leeuwen, “Proverbs”, in A Complete Literary Guide to the Bible, Leland Ryken e Tremper Longman (orgs.) (Grand Rapids: Zondervan, 1993), 266.

[21] Veja p. 21, acima.

[22] “Martinho Lutero foi, provavelmente, o primeiro a negar a autoria salomônica. Ele considerava o livro ‘um tipo de Talmude, compilado de muitos livros, provavelmente da biblioteca do rei Ptolomeu Euergetes, do Egito’.”J. Stafford Wright, “Interpretation of Ecclesiastes”, EvQ 18/1 (1946) 19.

[23] A Septuaginta traduziu Qohelet como “No grego clássico, significa “aquele que se senta ou prega na ”, isto é, na assembleia local de cidadãos. O termo hebraico qohelet – que ocorre somente neste livro – é quase certamente um particípio do verbo qhl, “reunir”, que, por sua vez, está relacionado ao substantivo , “assembleia” (geralmente traduzido como na Septuaginta). Whybray, Ecclesiastes, 2.

[24] Longman, Book of Ecclesiastes, 4-5. Alguns comentaristas ainda defendem a autoria salomônica (e.g., Kaiser, Ecclesiastes [1979], 25-29, e Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs[1993], 264, 266). Para argumentos contra a autoria salomônica, veja, e.g., Young, Introduction to the Old Testament, 347-48; Kidner, Wisdom of Proverbs, Job, and Ecclesiastes, 105; e Longman, Book of Ecclesiastes, 4-8.

[25] Kidner, Time to Mourn, 14. Os nove autores foram sugeridos por D. C. Siegfried, “Prediger und Hohelied”, in W. Nowack, Handkommentar zum Alten Testament (Göttingen, 1898).

[26] “Há quase uma aceitação universal [nas leituras críticas de Eclesiastes] de que Salomão não foi o autor e de que o livro foi escrito por volta do século 3º a.C. Ao longo de todo o século 20 houve um comprometimento crescente com a unidade básica de Eclesiastes, com exceção do epílogo”. Bartholomew, Reading Ecclesiastes, 81.Cf. p. 104.

[27] Veja Whybray, Ecclesiastes, 35-36, para comentaristas que defendem essas diferentes posições.

[28] Longman, Book of Ecclesiastes, 7-9, 20-21, 37, 57-59.

[29] Veja ibid., 38: “O epílogo começa com o segundo sumário do sábio sobre o ensino do Qohelet. Citando o agora refrão “sem sentido”, o narrador da composição indica o que considera ser a conclusão final do Qohelet: ‘Tudo é vaidade’. A partir deste ponto, ele passa a fazer sua avaliação, que começa com aprovação e se move para dúvida e, finalmente, para crítica”. Veja também ibid., 281 sobre 12:12: “Em essência, ele diz ao seu filho: ‘O pensamento do Qohelet é

material perigoso – tenha cuidado’”. Cf. Longman, “Comparative Methods in Old Testament Studies: Ecclesiastes Reconsidered”, TSF Bul 7 (1984) 5-9, esp. 8-9; e Dillard e Longman, Introduction to the Old Testament, 252-54.

[30] Shepherd, “Ecclesiastes”, 269.

[31] Veja, e.g., a descrição que Shepherd faz do Pregador: “Ele não deve ser considerado, por assim dizer, um apologeta da fé cristã anterior ao Novo Testamento, ou da fé do Antigo Testamento; em vez disso, ele representa neste livro exatamente aquilo contra o que os profetas pregavam e contra o que Cristo e os apóstolos advertiram – uma fusão sincretista de filosofia cética e pessimista derivada de uma investigação empírica, com uma fé que é apenas minimamente ortodoxa, sem vida e sem cor, sem qualquer devoção real”. Ibid., 327.

[32] Provan, Ecclesiastes, 33, n. 13. Cf. Eaton, Ecclesiastes, 40: “É totalmente concebível que um editor publicasse Eclesiastes com uma nota de aprovação, mas dificilmente é provável que alguém fizesse isso se não estivesse satisfeito com o conteúdo da obra”. Veja também p. 319, abaixo.

[33] Cf. Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 263: “O narrador da composição, a sabedoria e o Pregador são todos máscaras por trás das quais ouvimos a única voz do autor”.

[34] Loader, Ecclesiastes, 82. Veja também R. Gordis, “Quotations in Wisdom Literature”,JQR30/2 (1939) 123-47, esp. p. 132-39. Cf. Seow, Ecclesiastes, 40-41. Para referências detalhadas, veja Scott C. Jones, “Qohelet’s Courtly Wisdom: Ecclesiastes 8:1-9”, CBQ 68 (2006) 211-12, n. 2.Fox, “Inner Structure of Qohelet’s Thought”, 226, se opõe: “Correntemente, a abordagem predominante é identificar certas declarações como palavras que o Qohelet cita para questioná-las ou modificá-las. Mas isso é fácil demais... Citadas ou não, as palavras que um autor usa em sua própria voz são uma expressão de suas próprias ideias, a menos que nos mostre de outra maneira”. Veja mais abaixo, p. 175-76 e 220.

[35] Seow, Ecclesiastes, 244.

[36] Fox, A Time to Tear Down, 275. Cf. ibid., 250, “A fraqueza desta abordagem é a arbitrariedade em separar a sabedoria tradicional da sabedoria do Qohelet. E às vezes isso envolve projetar uma noção de sabedoria tradicional a partir das palavras do Qohelet que não é realmente encontrada na ‘sabedoria tradicional’”.

[37] Garrett, “Preaching Wisdom”, 117. Cf. Huwiler, “Ecclesiastes”, 177: Os leitores implícitos são “jovens israelitas que vivem em um nível mais elevado que o da subsistência, provavelmente em Jerusalém ou perto dela. Entre eles pode haver oficiais do governo, homens de negócios e fazendeiros... pequenos membros da burocracia podem ser os principais leitores”.

[38] Whybray, “Qoheleth as Theologian”, 245.

[39] “Além de termos gerais, como , ‘dinheiro’, , ‘riquezas’, , ‘rico’, , ‘propriedade privada’, , salário, recompensa, compensação, , ‘herança’, e , sucesso, há uma grande concentração de termos que sugerem vividamente um ambiente comercial: , ‘ganho líquido, lucro’, , ‘déficit’, , ‘posses’, , ‘rendimento’, , ‘riqueza’, , ‘negócios’, , ‘labor, fruto do labor’, , ‘consumidor’, , ‘empregado’, , ‘porção’”. Seow, “The Socioeconomic Context of ‘The Preacher’s’ Hermeneutic”, PSBul 17/2 (1996) 173-74.

[40] Ibid., 195.

[41] Hendry, “Ecclesiastes”, 570. Para mais discussão sobre a expressão “debaixo do sol”, veja abaixo, p. 34–35, n. 67 e p. 52–53 e 60–61.

[42] Young, Introduction to the Old Testament, 347-48, com crédito a Hengstenberg.

[43] Whybray, Ecclesiastes, 4. Kidner, Wisdom of Proverbs, Job, and Ecclesiastes, sugere uma data entre 350 e 250 a.C., enquanto Crenshaw, Ecclesiastes, 50, sugere uma data entre 250 e 225 a.C., e Towner, “Book of Ecclesiastes”, 351, opta por “meados do século 3º a.C., talvez por volta de 250”.

[44] Ibid., 9-10.

[45] Brown, Ecclesiastes, 9. Cf. Seow, “The Socioeconomic Context of ‘The Preacher’s’Hermeneutic”, PSBul 17/2 (1996) 171-89; seu “Theology When Everything Is out of Control”, Int 55/3 (2001) 238-43; e seu Ecclesiastes, 35-36. Para fins de pregação, faz pouca diferença se a data de composição foi o século 5º a.C. (Seow, Brown) ou o século 3º a.C. (Whybray, Crenshaw) desde que se tenha consciência de que o contexto era de agitação e tentações econômicas.

[46] Loader, Ecclesiastes, 11.

[47] Whybray, Ecclesiastes, 13.

* Refere-se, em literatura, a uma figura de estilo que consiste na repetição da ideia central com expressões, palavras e/ou sílabas iguais (N.da R.).

[48] Hendry, “Ecclesiastes”, 570. Cf. Eaton, Ecclesiastes, 44, “Qual, então, é o propósito de Eclesiastes? Este é um ensaio de apologética. Ele defende a vida de fé em um Deus generoso, apontando para a severidade da alternativa”.

[49] Bartholomew, Reading Ecclesiastes, 263.

[50] Longman, Book of Ecclesiastes, 17.

[51] Brown, Ecclesiastes, 17.

[52] Murphy, Wisdom Literature, 131.

[53] Murphy, Ecclesiastes, xxxii.

[54] Longman, Book of Ecclesiastes, 20.

[55] Thomas G. Long, Preaching and the Literary Forms of the Bible (Filadélfia: Fortress, 1988), 55.

[56] Veja Loader, Ecclesiastes, 5-6.

[57] Longman, Book of Ecclesiastes, 20.

[58] Andrew E. Hill, “Non-Proverbial Wisdom”, in Cracking Old Testament Codes: A Guide to Interpreting the Literary Genres of the Old Testament, D. Brent Sandy e Ronald L. Giese (orgs.) (Nashville: Broadman and Holman, 1995), 265-66.

[59] Longman, Book of Ecclesiastes, 20.

[60] Webster’s New Collegiate Dictionary [Segundo outra definição, metáfora é uma comparação não expressa. N. do E.].

[61] James Kugel, Great Poems of the Bible, 310, sugere que o Pregador “frequentemente usa essa palavra para descrever algo na vida que lhe parece fútil e inútil (Ec 2.1,11,17,20,23 e muitas vezes daí em diante); outras vezes, parece

significar algo que é apenas instável (Ec 5.9; 7.15); ainda outras vezes, é usada para significar algo injusto (Ec 2.26; 4.7; 6.2; 8.10,14). E [em Ec 12.8]... é passageiro, evanescente: 'portanto, transitório'".

[62] Para exemplos de interpretação alegórica aplicada a textos não alegóricos de Eclesiastes, veja o Prefácio acima, e, abaixo, p. 91–92, 129, 262, 263.

[63] Longman, Book of Ecclesiastes, 22, com referências a 1.12-18 e 2.11-16; 4.1-3 e 5.7-8(5.8-9); e 4.4-12 e 5.9–6.9 (5.10–6.9).

[64] Delitzsch, Commentary on the Song of Songs and Ecclesiastes (1891; reimpressão. Grand Rapids:Eerdmans, 1982), 188. Para comentaristas que, em geral, concordam com Delitzsch, veja Wright, "Riddle of the Sphinx",CBQ 30 (1968) 314, n. 3.

[65] Para um panorama das várias propostas de Norbert Lohfink, J. A. Loader, Addison G.Wright, A. Glasser, François Rousseau, Michael V. Fox, Hans-Peter Muller, H. W. Hertzberg, Robert Gordis, e outros, veja Crenshaw, Ecclesiastes, 38-48, e Bartholomew, Reading Ecclesiastes, 69-81, 118-205. Veja também o panorama de Murphy em Ecclesiastes, xxxv-xli, e o de Wright em "Riddle of the Sphinx," CBQ 30 (1968) 315-16, nn. 4-6. Crenshaw conclui seu panorama como segue (p. 47): "Essa discussão da estrutura do Qohelet não conseguiu resolver uma única questão, mas demonstra a complexidade do problema".

[66] Cf. Fox, Ecclesiastes, xvi: "O livro começa com um princípio geral (1.3), continua com um prelúdio temático, introduz a persona e seu contexto, descreve sua tarefa, prevê seus resultados e parte para sua investigação. A última unidade, 12.1-7, é climática e não poderia estar em nenhum outro lugar".

[67] "A frase 'debaixo do sol' é uma marca registrada do Qohelet e é estreitamente relacionada ao conceito de futilidade. Ela ocorre vinte e nove vezes e projeta a perspectiva de um homem solitário, usando sua própria sabedoria e seus próprios sentidos somente 'neste mundo'". Reitman, "The Structure and Unity of Ecclesiastes", BSac 154 (1997) 301, n. 17.

[68] Eaton, Ecclesiastes, 45.

[69] Loader, Ecclesiastes, 11. Veja também seu Polar Structures in the Book of Qohelet (Berlim e Nova York: de Gruyter, 1979).

[70] Bartholomew, Reading Ecclesiastes, 238-54, com referência a Sternberg, The Poetics of Biblical Narrative.

[71] Norbert Lohfink, Kohelet (Stuttgart, 1980).

[72] T. Anthony Perry, Dialogues with Qohelet: The Book of Ecclesiastes (Filadélfia: Pennsylvania State University, 1993).

[73] Ryken, "Ecclesiastes", 269, fala da "estrutura dialética do livro": "Contraste, não sequência, é o princípio organizador. O próprio livro apresenta um movimento fluido para frente e para trás, sem transição, entre os dois tipos de material, um negativo, outro positivo".

[74] "Os feixes de luz que temos observado são sinais ao leitor de que a própria posição do autor e suas conclusões são muito diferentes das dos secularistas, cuja posição está assumindo para elaborar sua tese". Kidner, Wisdom of Proverbs, Job, and Ecclesiastes, 93.

[75] Veja, e.g., Kaiser, Ecclesiastes, 17-24; e Perdue, Wisdom Literature, 190-91.

[76] Veja n. 16, n. 65, acima.

[77] Wright, "The Riddle of the Sphinx: The Structure of the Book of Qohelet", CBQ 30 (1968) 313-34, e "The Riddle of the Sphinx Revisited: Numerical Patterns in the Book of Qohelet," CBQ 42 (1980) 38-51.

[78] Veja Wright, "Riddle of the Sphinx Revisited", CBQ 42 (1980) 42, n. 15e.

[79] Wright, como sumarizado em seu segundo estudo, "The Riddle of the Sphinx Revisited", CBQ 42 (1980) 38-39.

[80] 111 versos de 1.1–6.9 e 111 versos de 6.10–12.14; 216 versos de 1.1–12.8, o valor numérico de (1.2; 12.8); em 1.2, " (= 37) ocorre três vezes no singular, para um valor numérico total de 11 (37 X 3) – o número de versos na primeira metade do livro (1.1–6.9)"; e "o provável total de 37 ocorrências de no livro iguala o valor numérico da própria palavra ". Ibid, 43-44.

[81] E.g., Fox, Ecclesiastes, xvi, argumenta: "A hipótese de Wright enfrenta muitas objeções: os critérios para a divisão de unidades não são frases bem definidas; as frases-chave não estão sempre no fim da unidade, onde "deveriam" estar; as

unidades são de tamanho e caráter muito diferente; e o plano não se encaixa com o conteúdo". Cf. Fox, A Time to Tear Down, 148-49; Crenshaw, Ecclesiastes, 41-42; Longman, Book of Ecclesiastes, 21, n. 76; e Seow, Ecclesiastes, 44-46. Outros comentaristas seguem a estrutura proposta por Wright: e.g., Murphy, Ecclesiastes, xxxix, que menciona também J. S. M.Mulder e R. Rendtorff; Stephen Brown, "The Structure of Ecclesiastes", EvRT 14/3 (1990) 195-205, geralmente concorda com a análise de Wright, mas procura desenvolver os padrões em mais detalhes.

[82] Wright, "Riddle of the Sphinx Revisited",CBQ 42 (1980) 49 (mudei seu uso de "homem" e "ele" para "pessoa"). Veja também seu "Additional Numerical Patterns in Qohelet", CBQ 45(1983), 32-43.

[83] Loader, Ecclesiastes, 14: "Temos que reconhecer, então, que há apenas uma ideia fundamental no livro: a declaração da falta de sentido, uma ideia que é esclarecida e ilustrada de vários pontos de vista".

[84] "As sete passagens em que ele recomenda a busca sincera de alegria... estão organizadas de tal forma que declaram seu tema com ênfase e solenidade cada vez maiores". Whybray, "Qoheleth, Preacher of Joy", JSOT 23 (1982) 87. Veja também Kaiser, Ecclesiastes, 42: "O espírito de Eclesiastes é de prazer, com o prospecto de viver e desfrutar todos os bens da vida, uma vez que o homem tema a Deus e cumpra seus mandamentos".

[85] 85 Brown, Ecclesiastes, 12. Crenshaw, "Wisdom Literature," 379, sugere vários temas que percorrem todo o livro: "Vaidade das vaidades, tudo é vaidade", e "Ele não pode encontrar," isto é, Deus impôs limites ao conhecimento humano. Além disso, ele lista "várias outras fórmulas": "Elas incluem o resumo conclusivo que incentivou o gozo da vida durante o vigor da juventude, as observações dos contemplativas "que se refere o autoexame e da consequente ação pessoal e as alusões a correr atrás do vento, trabalho, e muito".

[86] Não é aconselhável, é claro, pregar um único sermão sobre todo o livro de Eclesiastes, a menos que seja para introduzir uma série de sermões sobre esse livro. Nosso interesse em encontrar um tema abrangente neste estágio é ter uma ideia do todo para entender melhor as partes.

[87] Cf. a sugestão de Young: "O grande tema do livro é que a vida sem Deus não pode ter sentido, pois somente Deus pode dar vida e sentido". Introduction, 351.

Cf. Ryken, “Ecclesiastes”, 269: “O tema do livro, longe de ser um problema, é um sumário virtual da cosmovisão bíblica: a vida vivida por padrões puramente terrenos e humanos é fútil, mas a vida centrada em Deus é um antídoto”. Cf. Fox, “The Inner Structure of Qohelet’s Thought”, 225: “Minha tese básica é que o foco central do livro do Qohelet é sentido – não transitoriedade, nem trabalho, nem valores, nem mortalidade. Esses temas estão lá, mas todos eles são meios de abordagem ao tema mais fundamental, a saber, o sentido da vida”.

[88] Eaton, Ecclesiastes, 48. Cf. Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 278: o Pregador procura estimular seus leitores a “reconhecer que são mortais. Eles devem abandonar todas as ilusões de importância pessoal, encarar a morte e a vida honestamente e aceitar, com temor e tremor, sua dependência de Deus”.

[89] Veja meu Modern Preacher, 126-28.

[90] Towner, “The Book of Ecclesiastes”, 265.

[91] Cf. Reitman, “The Structure and Unity of Ecclesiastes”, BSac 154 (1997) 308-9.

[92] Wright, “Riddle of the Sphinx Revisited”, CBQ 42 (1980) 50.

[93] Para algumas dessas subunidades, veja abaixo, p. 65-66, 88, 106-107, 125-7, 156, 243, 247, 259.

[94] Veja meu Modern Preacher, 131-36.

[95] Termos de Clowney. Veja Prefácio, nota 1.

[96] Ronald Knox, Waiting for Christ (Nova York: Sheed and Ward, 1960), 279-82, relaciona 150 “textos messiânicos” no Antigo Testamento, mas nenhum deles fica em Eclesiastes.

[97] Veja meu Preaching Christ from the Old Testament, 69-176.

[98] Brown, Ecclesiastes, 121. Como exemplo, Brown menciona o comentário de Tremper Longman, Book of Ecclesiastes. Veja p. 25–26, acima. Jerry Shepherd, “Ecclesiastes”, de 2008, também segue essa abordagem (veja p. 25–26, acima). James Steward, “Ecclesiastes and the Christian Preacher: An Exercisein Sermon-Preparation”,CQ 29 (1951) 120-27, chamou Eclesiastes de “livro essencialmente

negativo" que "contém nada ou pouco que seja inspirador ou edificante de um modo positivo" (p. 120). Dessa forma, a "tarefa [do pregador] é revelar as imperfeições das personagens descritas e, quando isso for feito, colocar ao lado dessas velhas descrições a semelhança do Homem em quem a vida plena e satisfatória é encontrada" (p. 122).

[99] Para uma explicação mais detalhada, veja meu Preaching Christ from the Old Testament, 227-77.

[100] A progressão na história da redenção está estreitamente relacionada à progressão na revelação. Como a história da redenção progride, a revelação também progride. A progressão na história da redenção é básica para as maneiras de promessa-cumprimento, tipologia e contraste, enquanto a progressão na revelação se expressa particularmente nos temas longitudinais. A maneira de analogia reflete a continuidade geral que existe mesmo quando a história da redenção e a história da revelação são desdobradas.

[101] Veja Antoon Schoors, "Koheleth: A Perspective of Life after Death?" ETL 61/4 (1985)295-303.

[102] Cf. o comentário de Hertzberg de que, por causa do veredito abrangente do Qohelet sobre vaidade, "o livro do Qohelet, estando no fim do Antigo Testamento, é a mais notável profecia messiânica que o Antigo Testamento tem a oferecer". Der Prediger, 237-38, citado por Kidner, The Wisdom of Proverbs, Job and Ecclesiastes, 114.

[103] Alguns dos pais da igreja (Dídimo, Orígenes e Gregório de Nissa), de fato, viram "o Pregador", entendido como Salomão, como um tipo de Cristo. Veja Robert Wright, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Solomon, 190.

[104] Veja Alyce M. McKenzie, "All Who Exalt Themselves Will Be Humbled: Jesus' Subversive Sayings", em seu livro Preaching Proverbs: Wisdom for the Pulpit (Louisville: Westminster John Knox, 1996), 59-78.

[105] "A forma de ensino predominante [de Jesus] era a parábola, em hebraico, [também traduzido como provérbio]), uma forma de sabedoria". Dillard e Longman, Introduction to the Old Testament, 245. Cf. Ben Witherington III, Jesus the Sage: The Pilgrimage of Wisdom (Mineápolis:Fortress, 1994), 155-56: "Até mesmo em uma estimativa conservadora, pelo menos 70% da tradição de Jesus é na forma de algum tipo de declaração de Sabedoria, como aforismo,

enigma ou parábola”.

[106] Veja acima, p. 34-35, 38, e abaixo, p. 145, nota 18.

[107] Veja o apêndice em Nestle-Aland’s Novum Testamentum Graece (ed. de 1993).

CAPÍTULO 2

Não há nenhum proveito

em todo o nosso trabalho

Eclesiastes 1.1-11

Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho,

com que se afadiga debaixo do sol?

(Ec 1.3)

Esta primeira passagem de Eclesiastes é um grande texto para focar no tema contemporâneo do materialismo: a inclinação humana para trabalhar e encontrar segurança em riqueza material e posses. O principal desafio para os pregadores é entender e explicar corretamente o sentido de várias palavras e frases ambíguas. Veja, por exemplo, a palavra exaustivamente repetida, . A NRSV a traduz como "vaidade",[1] a NIV como "sem sentido", a Anchor Bible como "vapor" e a New JPS Bible como "futilidade" ou sete outras palavras, dependendo do contexto.[2] Outros estudiosos sugerem várias nuances: "temporal ("efemeridade") e existencial ("futilidade" ou "absurdidade"),[3] principalmente "futilidade", mas, às vezes, "brevidade",[4] "falta de sentido" ou "absurdo",[5] e "a noção de que a vida é enigmática e misteriosa; de que há muitas perguntas não respondidas e não respondíveis".[6] Outras palavras e frases nesta passagem, como "tudo" (v.2), "proveito" e "debaixo do sol" (v.3), são igualmente ambíguas.[7] Outro desafio é pregar Cristo com base em uma passagem que nem mesmo menciona Deus. Aliás, parece que o autor deliberadamente evita Deus para focar sua atenção exclusivamente neste mundo – a vida "debaixo do sol" (v.3 e 9).

Texto e contexto

A seleção da unidade textual não é difícil com essa passagem inicial. Ela começa em Eclesiastes 1.1, obviamente, e termina no verso 11, já que o verso 12 começa uma nova unidade com a narrativa autobiográfica “Eu, o Pregador”. Portanto, há aceitação geral de que Eclesiastes 1.1-11 é uma unidade literária.

Quanto ao contexto, é importante observar que o verso 2, “vaidade de vaidades, diz o Pregador; (...), tudo é vaidade”, é repetido em forma mais curta em 12.8, formando, assim, uma inclusio que abrange o livro todo. O verso 2, portanto, pode ser entendido como um tema básico que percorre todo o livro – tema que subsequentemente será desenvolvido de várias maneiras e requer a repetição da palavra “vaidade” umas trinta e oito vezes em Eclesiastes. Além disso, o poema inicial sobre ciclos fúteis na natureza (v.4-7) corresponde ao poema, afinal, sobre velhice e morte (12.2-7). Esses dois poemas “envolvem o livro como uma mortalha”,[8] estabelecendo um tom realista, se não pessimista.

O verso 3, como pode ser visto no poema subsequente, parece ser o coração desta passagem. Ele levanta a questão retórica: “Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho com que se afadiga debaixo do sol?” Esta pergunta tem um papel fundamental no restante do livro. A palavra “proveito” ( ) será repetida mais oito vezes (veja, por exemplo, 2.11, 3.9 e 5.16). A palavra “trabalho” ( ) será repetida mais vinte e duas vezes. E a expressão “debaixo do sol” (



), que só aparece em Eclesiastes, é encontrada duas vezes nesta passagem (1.3,9) e será repetida um total de vinte e nove vezes.

Características literárias

Observar as características literárias do texto nos ajudará a determinar sua estrutura, que, por sua vez, nos ajudará a discernir o tema da passagem e o esboço para um sermão expositivo.

Formas literárias

O verso 1 é um sobrescrito que identifica o autor primário desta obra como o Pregador. O verso 2 consiste de apenas oito palavras, cinco delas “vaidade” ( ) e, dentre elas, quatro na forma enfática “vaidade de vaidades” (cf. “santos dos santos”). Como foi observado, este verso forma uma inclusio com 12.8, assinalando, assim, que “tudo é vaidade” é um tema que percorre todo este livro.

Os versos 3-11 são apresentados na forma de reflexão sobre o labor humano.[9] Ele começa com a pergunta retórica: “Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?” (v.3). “Proveito” é, literalmente, ganho em negócios. Este termo significa apenas proveito econômico ou deve ser entendido em um sentido mais amplo? Trabalhar “debaixo do sol” é claro em seu sentido literal, mas o que isso significa? Meramente este mundo? Ou o mundo com a exclusão do mundo dos mortos e do céu? Ou uma perspectiva específica que não leva Deus em conta? A resposta esperada para esta pergunta retórica – não há nenhum proveito de todo o nosso trabalho – é ilustrada pelo poema sobre os ciclos sem fim na natureza, que não ganha nada (v.4-8). O verso 9 reafirma o tema de “sem proveito” em termos de “nada novo”. O verso 10 levanta e responde uma possível objeção, enquanto o verso final afirma que não há lembranças de pessoas que viveram no passado – outra forma de “sem proveito”.

Paralelismo no poema

Como o elemento característico da poesia hebraica é o paralelismo, pode ser útil rever rapidamente os vários tipos de paralelismo. Podemos diagramar os diferentes padrões retóricos da forma apresentada a seguir:

Paralelismo regular – sinônimo, sintético ou antitético[10] (ou afirmativo, prog

Paralelismo invertido – sinônimo, sintético ou antitético

Quiasma,[12] também chamado de “estrutura concêntrica” e “inversão’; pode h

Inclusio, também chamado de “linhas de lastro”, “estrutura anelar”, “estrutu

Neste poema, encontramos paralelismo antitético no verso 4, paralelismo sintético nos versos 5-6 e paralelismo sinônimo no verso 7. O verso 8 conclui: “Todas as coisas são canseiras”, seguido pelas três declarações paralelas que trazem literalmente:[13]

Um homem	não é capaz de	falar
Um olho	não se satisfaz em	ver
Um ouvido	não se enche de	ouvir

Estrutura textual

Para entender a força desta passagem, precisamos esboçar a progressão lógica das ideias do texto. Novamente, os comentaristas não concordam entre si. Fox provavelmente chega mais perto ao apresentar um esboço simples, mas válido:[14]

A. 1.3. Tese

B. 1.4-7. Argumentos por analogia

C. 1.8. Reação a observações em B

D. 1.9. Conclusão abstraída de B e justificando A

E. 1.10-11. Adendo em prosa, reforçando A

Acrescentar o conteúdo de cada título e mais detalhes é útil para desenvolver o sermão mais tarde. Por isso, proponho o seguinte esboço estrutural:

I. Introdução

A. Sobrescrito identificando o autor como “o Pregador” (v. 1)

B. Tema básico do livro: “Tudo é vaidade” (v. 2)

II. Reflexão sobre o tema: o homem não tem proveito do seu trabalho (v. 3)

A. Tema ilustrado por analogias de atividade fútil na natureza (v.4-7)

1. Gerações vão e vêm, mas o mundo permanece (v. 4)

2. O sol se levanta, se põe e volta ao seu lugar (v. 5)

3. O vento passa por toda parte e volta ao seu circuito (v. 6)

4. As correntes seguem para o mar, mas não o enchem (v. 7)

B. Conclusão: Todas as coisas são canseiras (v. 8a)

1. Um homem não é capaz de falar (v. 8b)

2. Um olho não se satisfaz em ver (v. 8c)

3. Um ouvido não se enche de ouvir (v. 8d)

III. Reafirmação do tema: Nada novo debaixo do sol — sem proveito (v. 9)

A. Objeção: Veja, isto é novo (v. 10a)

B. Resposta: já foi (v. 10b)

C. Não há lembrança de pessoas — sem proveito (v. 11)

Interpretação teocêntrica

O que o Pregador diz sobre Deus? A resposta é: nada. Em contraste com Gênesis 1–3, salmo 104 e Jó 38–41, o Pregador fala da criação sem fazer referência a Deus. William Brown escreve: “O mundo segundo o Qohelet é um cosmos vazio que funciona perpetuamente como um relógio em seus cursos cansativos... Os ritmos constantes do dia e da noite não são elogiados por seu papel salutar em sustentar e ordenar a vida (cf. Sl 104.19-23); em vez disso, são depreciados por suas repetições incessantes. De acordo com o salmista, os rios proporcionam vida, inclusive às “aves do céu” (v.10-12). Para o Qohelet, correm por nada. O mundo do Qohelet não reflete a glória transcendente de Deus nem sua presença imanente. Enquanto o salmo 104 descreve vividamente a creatio continuata, a criação sustentada e dirigida em todas as suas múltiplas formas, o Qohelet tristemente descreve uniformidade perpétua, uma monotonia das esferas”.[15] Mas o Pregador nos avisa antecipadamente que refletirá sobre o mundo no nível horizontal, o mundo sem Deus. Ele descreve a vida “debaixo do sol” (v.3, 9).[16] Ele descreve a vida por uma perspectiva secular.

Tema e objetivo textual

O esboço do texto (acima) nos ajuda a descobrir o tema textual. O Pregador afirma dois temas: “Tudo é vaidade” (v.2) e “o homem não tem proveito de todo o seu trabalho” (v.3). “Tudo é vaidade” funciona como o tema de todo o livro. Nesta passagem, o Pregador apresenta um argumento em defesa deste tema, a saber, que o homem não tem qualquer proveito de todo o seu trabalho. O tema textual específico é, portanto, “o homem não tem qualquer proveito de todo o seu trabalho”.[17] Mas sua questão fundamental é: Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?” “Debaixo do sol” é um importante qualificador. O Pregador está observando a vida humana sem Deus. Ele apresenta seu argumento por uma perspectiva secular. Como essa perspectiva secular é de importância crucial para o entendimento da mensagem, temos que incluí-la no tema. O tema textual, portanto, passa a ser “o homem não tem qualquer proveito de seu trabalho debaixo do sol”.

Contudo, a expressão “debaixo do sol” não é imediatamente clara. Como ela implica uma perspectiva horizontal, secular, podemos esclarecer o tema formulando-o da seguinte forma: “De uma perspectiva secular, o homem não tem qualquer proveito em seu trabalho”. Mas esta formulação ainda pode confundir as pessoas. O desafio é formular o tema de maneira que ele seja breve, mas imediatamente claro. Provavelmente, a formulação mais clara e mais curta é: Sem Deus, o homem não tem qualquer proveito em seu trabalho.

A próxima pergunta é: Por que o Pregador deseja enviar sua mensagem a Israel? Qual é seu objetivo? Como vimos acima (p. 27–28), o Pregador se dirige a israelitas que estavam “preocupados com todos os tipos de questões sociais e econômicas – a volatilidade da economia, a possibilidade de riqueza, herança, posição social, a fragilidade da vida e a sempre presente sombra da morte”.[18] Eles viviam longe de Deus, mas perto do mercado, com seu interesse por “proveito”. “A todos aqueles que tentam ‘tirar proveito’ da vida, seja o que for que aleguem fazer, o Qohelet apresenta a severa realidade – realidade que não muda simplesmente porque desejamos que mude, mas que continua fundamentalmente a mesma apesar de tudo o que acontece sob o título de

‘progresso’. Quanto mais as coisas mudam, mais continuam as mesmas. O universo não tem o objetivo de permitir que o ‘proveito’ aconteça”.[19] O objetivo do Pregador, então, é advertir Israel que, sem Deus, não terá qualquer proveito do seu trabalho.

Maneiras de pregar Cristo

[20]

Das sete maneiras de ir de uma passagem do Antigo Testamento para Cristo, no Novo Testamento, vimos que promessa-cumprimento e tipologia (com duas possíveis exceções) não são aplicáveis ao livro de Eclesiastes. Isso nos deixa cinco caminhos possíveis: progressão histórico-redentiva, analogia, temas longitudinais, referências no Novo Testamento e contraste. Verificaremos cada um deles.

Progressão histórico-redentiva

Dado o tema “sem Deus, o homem não tem qualquer proveito em seu trabalho”, a progressão histórico-redentiva fornece algum caminho para se chegar ao Novo Testamento? Observe no verso 9, que o Pregador reafirma seu tema com imagens diferentes: “O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol”. Se não há nada novo, não há nada a ser ganho. Mas como a história redentiva se move para frente, há, de fato, um evento radicalmente novo: Jesus, o Filho de Deus, entra neste mundo. Jesus diz aos judeus: “Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou” (Jo 8.23). Jesus dá uma nova palavra: “Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.31-32). Jesus também oferece um novo nascimento para se entrar no reino de Deus (Jo 3.3), estabelece uma nova aliança (Lc 22.20) e, mais importante, vence a morte (Mt 28.5-6). De fato, por causa da nova era que Jesus inaugurou, João vê novo céu e nova terra e ouve a promessa de Deus: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21.1,5). Quando a história redentiva progride, portanto, há novos eventos, novas realidades e novas esperanças de que Deus fará novas todas as coisas. Embora o

homem não ganhe nada de todo o seu trabalho sem Deus, por meio de Jesus Cristo há muito a ser ganho de nosso trabalho. Paulo escreve: “(...) no Senhor [i.e., em Cristo], o vosso trabalho não é vão” (1Co 15.58).

Analogia

Assim como Eclesiastes afirma que não temos nenhum proveito de nosso trabalho sem Deus, Jesus também afirma que não temos nenhum proveito em trabalhar por posses terrenas. Jesus pergunta: “(...) que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” (Mt 16.26). Aliás, Jesus conta a parábola do rico insensato que perdeu tudo e conclui: “Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus” (Lc 12.16-21). Por isso Jesus nos encoraja:

Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração. (...) Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas (Mt 6.19-24).

Em outro lugar Jesus diz: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo” (Jo 6.27).

Temas longitudinais

Pode-se traçar o tema bíblico-teológico de trabalhar por nada a partir da Queda no pecado, quando o trabalho significativo se torna “suor” e uma vida inteira de trabalho termina nos seres humanos voltando ao pó da terra (Gn 3.17-18) – sem proveito. O tema do trabalho que termina em morte percorre todo o Antigo Testamento de geração a geração (cf. a repetição de “e morreu”, em Gn 5) e, aparentemente, entra no Novo Testamento. Santos e pecadores morrem, e “não há lembrança das coisas que precederam” (Ec 1.11). Jesus proclama, contudo: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente” (Jo 11.25-26).

Referências do Novo Testamento

Além das referências neotestamentárias usadas para abrir os três caminhos acima e o contraste, abaixo, também podemos considerar Romanos 8, em que Paulo usa a mesma palavra grega, , que a Septuaginta usa para traduzir : “Pois a criação está sujeita à vaidade”.[21] Mas, como Cristo veio, Paulo pôde ir além de Eclesiastes: “Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou [i.e., Deus; veja Gn 3.17], na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8.20-21).

Tiago também se aproxima de usar a imagem de Eclesiastes, “tudo é vaidade”, literalmente, ao afirmar que “tudo é vapor, sopro”, quando escreve: “Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa” (Tg 4.14). Mas Tiago não liga sua observação diretamente a Cristo.

Contraste

Por causa da vinda de Jesus Cristo e sua ressurreição, o contraste também oferece uma boa ponte para chegarmos a Cristo, no Novo Testamento. Paulo conclui seu capítulo sobre a ressurreição de Jesus com estas palavras profundas:

“(...) meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1Co 15.58). Eclesiastes implica que a pessoa não tem nenhum proveito de seu trabalho (1.3). Paulo afirma que a pessoa tem proveito no seu trabalho “no Senhor”: “No Senhor, o vosso trabalho não é vão”. O próprio Paulo viveu por esta perspectiva. Ele escreve aos filipenses: “(...) para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Fp 1.21). Paulo também contradiz a afirmação de Eclesiastes de que não há nada novo. Ele escreve: “(...) se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2Co 5.17). O próprio Jesus afirma que nosso trabalho pode produzir fruto: “Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). Jesus até diz que receberemos uma recompensa pelo nosso trabalho: “Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no galardão de justo, receberá o galardão de justo. E quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão” (Mt 10.41-42).

Tema e objetivo do sermão

Formulamos o tema textual assim: “Sem Deus, o homem não tem qualquer proveito em seu trabalho”. Agora precisamos decidir se, no sermão, colocaremos ênfase em nosso movimento para Jesus, no Novo Testamento, na analogia ou no contraste. Se enfatizarmos o contraste entre a mensagem de Eclesiastes e a de Jesus, teremos que mudar o tema textual quase para seu oposto para chegarmos ao tema do sermão. Então, podemos considerar como tema do sermão as palavras de Paulo: “No Senhor, o vosso trabalho não é vão”. Ou, refletindo as palavras de Jesus, podemos considerar: “Todo aquele que permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto”. Mas o resultado disso é que nosso texto não suporta mais o tema do sermão. Para fazer justiça ao texto do Antigo Testamento, normalmente é aconselhável nos mantermos firmes o máximo possível no tema textual, isto é, focar na continuidade com o Novo Testamento, não em sua descontinuidade.[22] Em nossa exposição do sermão, portanto, devemos focar primariamente nas analogias. Isso significa que o tema do nosso sermão pode ser o mesmo tema textual: Sem Deus, o homem não tem qualquer proveito em seu trabalho.

O objetivo do Pregador para Israel que formulamos foi: “Advertir a Israel que, sem Deus, não terá qualquer proveito do seu trabalho”. Nosso objetivo ao pregar este sermão deve ser similar ao objetivo do Pregador e corresponder ao tema do sermão. Podemos fazer isso fazendo uma pequena mudança no objetivo do sermão: advertir aos ouvintes que, sem Deus, eles não terão proveito algum em seu trabalho.

Este objetivo indica que a necessidade tratada por este sermão, o problema em vista, é, de forma ampla, o materialismo desenfreado em nossa cultura, que afeta também nossos ouvintes. A necessidade é o perigo de que os ouvintes comprem o sonho americano de que, com nosso trabalho, ganhamos algo importante: podemos nos tornar homens e mulheres prósperos e independentes.

A forma do sermão

Como a “reflexão” do Pregador é uma forma didática, o sermão pode seguir melhor a forma didática. Além disso, ele afirma seu tema logo no início (v. 3) e depois o defende (v. 4-11). Em outras palavras, ele usa desenvolvimento dedutivo. Um sermão expositivo pode usar o mesmo desenvolvimento dedutivo.

A introdução é uma parte importante do sermão, embora deva criar interesse, e “introduzir” (intro ducere) o tópico do sermão, pode fazer muito mais. A introdução pode mostrar a relevância do sermão revelando seu alvo (por que o sermão é pregado e por que as pessoas devem ouvi-lo); pode estabelecer a tensão que manterá os ouvintes atentos para a resolução; pode criar fome de ouvir a palavra do Senhor. Portanto, sugiro que os pregadores geralmente comecem com uma ilustração da necessidade que será tratada pelo sermão; depois, conectem essa ilustração pastoralmente à necessidade dos ouvintes; depois, mostrem que essa necessidade é similar à necessidade de Israel (a questão por trás do texto) e (com desenvolvimento dedutivo) afirmem o tema textual.[23]

Exposição do sermão

[24]

Para este sermão, a introdução pode ilustrar o desejo comum de acumular riqueza. Nossa sociedade oferece incontáveis ilustrações desse desejo: o vício cada vez maior em jogos de azar, milhões de pessoas comprando bilhetes de loteria na esperança de ganhar o prêmio, pessoas na TV se expondo absurdamente para se tornarem milionárias; a busca por salários cada vez mais altos, carros cada vez maiores, barcos cada vez maiores, casas cada vez maiores. Em vez de apresentar tudo isso como exemplos, é mais atrativo contar a história de uma pessoa que caiu na armadilha de tentar acumular riqueza. Então associe essa ilustração cuidadosamente ao nosso desejo de ter cada vez mais riqueza: Será que estamos imunes ao materialismo exorbitante presente em nossa cultura? Será que nós, também, contraímos síndrome do “maior é melhor” da nossa sociedade?

O Pregador de Eclesiastes está se dirigindo a israelitas para os quais um novo dia havia nascido. Eles não tinham mais sua existência tranquila e baseada na agricultura – dependendo do Senhor para lhes dar o pão de cada dia. Eles viviam na encruzilhada de uma nova e florescente linha de comércio internacional entre Egito e Ásia/Europa. Fortunas podiam ser feitas e perdidas da noite para o dia. Os israelitas estavam se apressando para enriquecer. Mas o Pregador começa seu livro advertindo-os: “Sem Deus, não há qualquer proveito em todo o seu trabalho”.

Ele começa sua mensagem no verso 2:[25] “Vaidade de vaidades, diz o Pregador; vaidade de vaidades, tudo é vaidade”. A palavra traduzida aqui como “vaidade” é, literalmente, “vapor” ou “sopro”. “Tudo é vaidade” é, literalmente, “tudo é vapor”, “tudo é sopro”. Saia de casa em uma fria manhã de inverno e sopre. O que você vê? Você vê um sopro como vapor. E o que mais você vê? O vapor fica ali por uns instantes e some. Todas as coisas neste mundo são como nosso sopro, diz o Pregador. Ficam aqui por um momento e se vão. O salmista também clama:

Deste aos meus dias o comprimento de alguns palmos;

À tua presença, o prazo da minha vida é nada.

Na verdade, todo homem, por mais firme que esteja, é pura vaidade ( ).[26]

No Novo Testamento, Tiago usa uma imagem similar. Ele escreve: “Sois, apenas, como a neblina que aparece por instante e logo se dissipa” (Tg 4.14). Pergunte às pessoas sobre sua vida e, mesmo quando estiverem com noventa anos, concordarão que sua vida foi como “a neblina que aparece por instante e logo se dissipa”. Hoje está aqui, amanhã não está mais. Isso é o que o Pregador ensina a Israel e a nós, a saber, que nossa vida é extremamente breve; é como um sopro em uma manhã de inverno: nós a vemos por um momento e, de repente, ela se foi.[27]

Mas há mais nessa imagem do que brevidade. Sopre em uma manhã fria de inverno e tente agarrar o vapor. Não há nada a agarrar. Ele não apenas desaparece rapidamente, mas, mesmo durante sua curta existência, parece não haver substância nele; é enganoso. Nossa vida é transitória e enganosa. Ela não faz sentido; tudo parece muito sem propósito, muito fútil.[28]

“Vaidade de vaidades, diz o Pregador; vaidade de vaidades, tudo é vaidade”. “Vaidade de vaidades” é uma forma de expressar o superlativo. O “santos dos santos” é o lugar mais santo do templo. O “céu dos céus” é o céu mais alto. “Vaidade de vaidades” é vaidade total.[29] O Pregador repete a expressão para se certificar de que entendemos o que ele quer dizer: “vaidade de vaidades”: a vida humana é totalmente vaidade.

Ele conclui dizendo que “tudo é vaidade”. Tudo o que vemos neste mundo é de curta duração e não tem substância. As roupas que usamos logo sairão de moda e teremos que comprar outras. O carro que compramos logo estará obsoleto e teremos que comprar outro. A casa em que moramos resiste mais tempo, mas eventualmente será derrubada e substituída. “Tudo é vaidade”. Para provar isso, o Pregador, neste livro, examina a vida por diferentes ângulos. Nesta passagem, ele a observa pelo ângulo daquilo que ganhamos na vida com nosso trabalho. No verso 3 ele levanta a questão: “Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?” a resposta esperada é: nenhum. As pessoas não têm nenhum proveito de todo o trabalho que realizam debaixo do

sol.

A palavra “proveito” ( ) aparece nove vezes em Eclesiastes[30] e em nenhum outro lugar do Antigo Testamento. A palavra é derivada de um verbo que significa “ser deixado, permanecer” – como quando alguém investe em um negócio, pagando despesas e recebendo lucro, e, no fim do ano, verifica o que ganhou. Assim, “proveito” também pode ser traduzido como “lucro”.[31] O que a pessoa lucra com todo o seu trabalho debaixo do sol?

“Debaixo do sol” também é uma expressão típica encontrada somente em Eclesiastes. O Pregador a usa vinte e nove vezes.[32] “Debaixo do sol” se refere a viver neste mundo sem levar Deus em conta. “A cena em mente é exclusivamente o mundo que podemos observar, e... nosso ponto de observação está no nível do chão”.[33] “Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?”. A resposta é: nenhum. De uma perspectiva secular, sem Deus, o ser humano não tem nenhum proveito de todo o seu trabalho. No Novo Testamento, Jesus faz uma pergunta semelhante: “Que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” (Mt 16.26). Se a pessoa perder sua vida, sua alma, a essência de seu ser, nada resta.

O Pregador provará sua afirmação com um argumento cuidadosamente elaborado. Ele compara a futilidade da vida humana com os ciclos que podemos observar na natureza. Verso 4: “Geração vai e geração vem; mas a terra permanece para sempre”. “Geração vai e geração vem” parece apontar para a brevidade da vida humana.[34] Mas, na verdade, este verso fortalece a ideia de que não há proveito. Normalmente se diria: “Uma geração vem, uma geração vai”. Mas o Pregador inverteu a ordem: “Geração vai e geração vem”. “A ordem das palavras no verso 4, na verdade, coloca a ênfase na substituição de uma geração por outra (a geração que vai é substituída pela geração que vem), processo semelhante ao dos outros fenômenos descritos”.[35] Apesar das constantes mudanças, na verdade nada muda. Não há proveito. O verso 4 é similar ao verso 7: Todos os rios correm para o mar, e o mar não se enche”. Apesar de toda a água derramada no mar, ele não enche. Não há mudança. Da mesma forma, aqui, “geração vai e geração vem; mas a terra[36] permanece para sempre”. A terra permanece a mesma, como o mar. Nada muda. Não há proveito.

Da terra, o Pregador se move para o sol, e ali também observa ciclos que não mudam nada. “Levanta-se o sol e põe-se o sol, e volta ao seu lugar, e nasce de

novo". Esta descrição do sol é totalmente diferente da empolgada descrição do salmista: "Aí [nos confins do mundo], pôs uma tenda para o sol, o qual, como noivo que sai dos seus aposentos, se regozija como herói, a percorrer o seu caminho" (Sl 19.4-5). Em Eclesiastes, "levanta-se o sol, e põe-se o sol, e [literalmente] volta[37] ao seu lugar, onde nasce de novo". Ele se esforça para voltar ao lugar de onde veio. "O sol respira com dificuldade para cumprir seus enervantes circuitos".[38] No entanto, "ele não realiza nada indo e voltando. É apenas trabalho, pois, seguindo sua jornada diária, não há oportunidade para descanso para se recuperar e repetir o desempenho. É tudo uma repetição sem pausa, um trabalho monótono e sem descanso".[39] E não há proveito.

Da terra e do sol, o Pregador se volta para o vento. Verso 6: "O vento vai para o sul e faz o seu giro para o norte; volve-se, e revolve-se, na sua carreira, e retorna aos seus circuitos". Enquanto o sol (pela nossa percepção) sempre se move do oriente para o ocidente, o vento vai para o sul e volta para o norte. Mas, ao contrário do sol, que está preso em um ciclo constante de leste para oeste, o vento parece totalmente livre. O Pregador chama atenção para os movimentos rápidos e repetidos... literalmente vai... faz seu giro... volve-se, e revolve-se".[40] O vento é livre para soprar onde quiser. Mas o desfecho de todas essas idas e vindas é "retorna aos seus circuitos". Até mesmo o vento "entra em uma rotina".[41] Até mesmo o vento segue um caminho fixo e nada é ganho.[42]

Da terra, do sol e do vento, o Pregador finalmente vai para o mar. Verso 7: "Todos os rios correm para o mar, e o mar não se enche; ao lugar para onde correm os rios, para lá tornam eles a correr". O Pregador pode ter pensado no Mar Morto – que fica a 420 metros abaixo do nível do mar, o mar mais profundo do planeta e, portanto, sem saída. Embora o rio Jordão e muitos ribeiros deságuem no Mar Morto, ele não transborda. O mesmo acontece com o Mediterrâneo e os oceanos. "Todos os rios correm para o mar, e o mar não se enche; ao lugar para onde correm os rios [i.e., o mar], para lá tornam eles a correr".[43] Sabemos, é claro, que o mar não enche porque as águas evaporam e as nuvens trazem a chuva de volta para a terra – outro ciclo.[44] Mas este não é o foco deste verso. O ponto é que os rios continuam a correr para o mar, mas o mar não enche. Toda essa atividade não mostra resultados. Não há proveito.

"O mundo todo é um cenário de intenso movimento e atividade. Mas isso é significativo?... Devido a todo o movimento que caracteriza o cosmos, pode-se pensar que algo está sendo realizado. Mas não. Embora os milênios passem, toda aparência de progresso é apenas uma miragem. A atividade é abundante; tudo

está em perpétuo movimento, como um hamster em uma roda, mas nada é alcançado. Essa demonstração de esforço cósmico sem fim é sem valor”.[45] A terra continua a mesma; o sol parece sempre trabalhar na mesma órbita; o vento volta aos seus circuitos; e o mar não se enche. Terra, fogo, ar e água trabalham em uma rotina. Se os elementos básicos do mundo antigo não têm proveito de todo o seu trabalho, certamente os seres humanos também não têm.[46]

O Pregador resume tudo no verso 8: “Todas as coisas são canseiras tais, que ninguém as pode exprimir; os olhos não se fartam de ver, nem se enchem os ouvidos de ouvir”. “Todas as coisas”[47] refere-se aos ciclos constantes na natureza. “que ninguém pode exprimir é a primeira de três afirmações paralelas que dizem, literalmente:

Um homem	não é capaz de	falar
Um olho	não se satisfaz em	ver
Um ouvido	não se enche de	ouvir

“Cada frase oferece uma ilustração concreta, desta vez extraída da vida humana, da operação contínua de boca, olho... e ouvido”.[48] A boca não pode expressar suficientemente a cansativa repetição de ciclos fúteis na natureza. “Ninguém pode falar significativamente... sobre o mundo, isto é, ninguém pode explicá-lo, influenciá-lo ou controlá-lo”.[49] O olho também “nunca alcança o ponto em que não pode mais penetrar, nem o ouvido fica tão cheio de som que não pode mais aceitar impulsos do mundo exterior”.[50] A atividade incessante das gerações, do sol, do vento e dos rios é refletida na vida humana. Assim, como toda essa atividade na natureza não tem proveito algum, assim também a atividade humana de falar, ver e ouvir não tem proveito algum.

No verso 9, o Pregador aborda o tema de falta de proveito por um ângulo diferente. “O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol”. “O que foi é o que há de ser” parece referir-se aos ciclos fúteis revelados na natureza.[51] As gerações continuarão indo e vindo, assim como o sol, o vento e os rios. “O que foi é o que há de ser”. Nada novo. Nenhum proveito.

Mas, então, o Pregador muda para a história humana: “O que foi é o que há de ser”. Na história humana também, diz ele, vemos atividade frenética, mas ela não chega a lugar algum. Tudo o que vemos é repetição fútil. “O que foi é o que há de ser”. Ele conclui: “Nada há, pois, novo debaixo do sol”. Nada novo! A história humana também mostra que não há proveito para os indivíduos. Não há nada novo! No verso 10, o Pregador antecipa uma objeção à sua afirmação radical de que não há nada novo debaixo do sol. “Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo?” Sua resposta a esta objeção é curta e abrupta: “Não! Já foi nos séculos que foram antes de nós”. Um bebê nasce. Uma pessoa diz: “Veja, isto é novo”. O Pregador responde: “Isso já aconteceu”. Bebês nasciam no passado também. Uma guerra começa. Alguém diz: “Veja, isto é novo”. O Pregador responde: “Isso já aconteceu”. Guerras começaram no passado também.[52] “À luz da natureza repetitiva da história, toda coisa alegadamente nova é apenas uma variação de algo do passado”.[53]

O Pregador conclui esta passagem no verso 11: “Já não há lembrança das coisas que precederam; e das coisas posteriores também não haverá memória entre os que hão de vir depois delas”. Aqui ele expande um argumento apresentado no verso 4: “Geração vai e geração vem; mas a terra permanece para sempre”.

Muito embora as idas e vindas de gerações não façam diferença na terra, é possível uma geração de pessoas ou indivíduos se distinguir de alguma forma e mostrar algum proveito? É possível uma pessoa causar tamanho impacto na história a ponto de ser lembrada e pelo menos ganhar reconhecimento? Sua resposta pessimista é “não”, “não há lembrança das coisas que precederam”. A memória humana é curta demais.

O Pregador “não está exatamente alegando que os seres humanos são totalmente esquecidos do passado, mas minando suas mais profundas e presunçosas aspirações de garantir um lugar permanente ou uma ‘lembrança’ na história. Uma vida orientada à conquista de um legado para a posteridade é uma vida dedicada a correr atrás do vento. O futuro não pode ser controlado, assim como o passado não pode ser plenamente lembrado”.[54] As pessoas podem ser homenageadas com seu nome dado a montanhas, mas uma geração seguinte muda os nomes. As pessoas podem ser homenageadas com seu nome dado a edifícios, mas, com o tempo, os edifícios são derrubados e os nomes são esquecidos. As pessoas escrevem livros para serem lembradas pela posteridade, mas, com o tempo, esses livros são substituídos por outros e os autores são esquecidos. “Não faz diferença o que uma pessoa realizou ou quem ela foi (veja 2.16). Quando a morte chega, todas as esperanças perecem, e ninguém é melhor que os outros... A morte dissipa todas as esperanças de imortalidade, inclusive a ‘imortalidade’ de ser lembrado para sempre”.[55]

O Pregador claramente defendeu sua posição de que a pessoa não tem proveito algum de todo o trabalho que realiza debaixo do sol, isto é, não tem proveito algum de todo o trabalho que realiza sem Deus. Ele reforçará essa posição mais adiante, com outras imagens. Em 2.18-19, ele escreve: “Também aborreci todo o meu trabalho, com que me afadiguei debaixo do sol, visto que o seu ganho eu havia de deixar a quem viesse depois de mim. E quem pode dizer se será sábio ou estulto? Contudo, ele terá domínio sobre todo o ganho das minhas fadigas e sabedoria debaixo do sol; também isto é vaidade”. E, em 5.16, ele escreve: “Também isto é grave mal: precisamente como veio, assim ele vai; e que proveito lhe vem de haver trabalhado para o vento?”

No Novo Testamento, Jesus defende a mesma posição. Ele pergunta: “Que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” (Mt 16.26). Quando a pessoa perde sua alma, ela não tem proveito algum – nenhum ganho. Jesus defende a mesma posição de Eclesiastes com uma história simples, uma parábola:

O campo de um homem rico produziu com abundância. E arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos? E disse: Farei isto: destruirei os meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?" Quando o homem rico morreu, não teve proveito algum de todo o seu trabalho. Nada foi deixado: sem proveito. Jesus conclui esta parábola: "Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus" (Lc 12.16-21).

Sem Deus, a pessoa não tem qualquer proveito em todo o seu trabalho.

Então não há nada a ser ganho de nossa vida na terra? Nada para ser deixado quando morrermos? Nenhum proveito? Sim, diz Jesus, pode haver um proveito, mas para isso não devemos guardar tesouros para nós mesmos, mas sermos ricos para com Deus. Por isso ele nos encoraja: "Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (Mt 6.19-21).[56] Em outro lugar, Jesus admoesta: "Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem [i.e., Jesus] vos dará" (Jo 6.27).

A mensagem de Jesus é clara: não ganhamos nada ajuntando tesouros sobre a terra. Não ganhamos nada se trabalharmos sem Deus. Mas nossa vida pode ter proveito se formos, nas palavras de Jesus, "ricos para com Deus", se ajuntarmos tesouros no céu, se servirmos a Deus. Paulo confirma as palavras de Jesus. Ele escreve: "(...) meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão" (1Co 15.58).

Mas se o nosso trabalho não for "no Senhor", se trabalharmos sem Deus, não temos proveito algum. Por isso Jesus nos adverte: "Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra... ajuntai para vós outros tesouros no céu (...)" (Mt

6.19-20).

---

[1] Jerônimo foi o primeiro a traduzir o hebraico para vanitas. Por isso, as versões inglesas usam “vaidade”. Mas, em inglês moderno, “vaidade” não abrange todas as conotações de . De acordo com o dicionário Webster, “vaidade” é “aquilo que é vão ou vazio, inativo ou inútil”. Ela não abrange aquilo que é de pouca duração, efêmero ou transitório. Embora os pregadores geralmente sigam o palavreado bíblico em seus sermões, certamente podem defender uma tradução diferente, preferivelmente citando outra versão bíblica.

[2] Veja Fox, “The Meaning of Hebel for Qohelet”, JBL 105/3 (1986) 413. Cf. Whybray,“Qoheleth as a Theologian”, 263-64: “Qohelet usa o termo com respeito a uma variedade desconcertante de assuntos: riqueza e amor pela riqueza (5.9; 6.2); o fato de que a sabedoria não dá vantagem ao insensato quando a morte ocorre (2.15; cf. 3.19); o caráter enganoso do prazer (2.1) e o riso vazio dos tolos (7.6); e, de forma mais geral, a própria vida (7.15; 9.9) e, em particular, a juventude (11.10); o labor (2.11; 4.4,8); a ignorância humana sobre o futuro (2.19) e a distribuição desigual de recompensas e punições (2.26; 8.10,14); a necessidade de uma pessoa abandonar suas posses após a morte (2.19-21); as incertezas do poder político (4.13-16); e a finalidade de “tudo o que é feito debaixo do sol” (1.14; 2.17).

[3] Crenshaw, Ecclesiastes, 57-58.

[4] Whybray, Ecclesiastes, 36.

[5] Fox, Ecclesiastes, 3.

[6] Ogden, Qoheleth, 22. James Kugel, Great Poems of the Bible, 310, sugere que o Pregador “frequentemente usa esta palavra para descrever algo na vida que lhe parece fútil e inútil (Ec 2.1,11,17,20,23, e várias vezes daí em diante); outras vezes, parece significar algo que é apenas instável (Ec 5.9; 7.15); ainda outras vezes, é usado para significar algo injusto (Ec 2.26; 4.7; 6.2; 8.10,14). E [Em Ec 12.8]... é como um sopro, evanescente: ‘Portanto, passageiro’”.

[7] Veja Lindsay Wilson, “Artful Ambiguity in Ecclesiastes 1:1-11: A Wisdom Technique?”, in Qohelet in the Context of Wisdom, Antoon Schoors (org.) (Leuven: Peeters, Leuven University, 1998), 357-65.

[8] Salyer, Vain Rhetoric, 264.

[9] Murphy, Ecclesiastes, 133.

[10] Para mais discussão sobre as diferentes formas de paralelismo, referências e exemplos, veja meu Modern Preacher, 60-62, 246-47, 293-94.

[11] Nova nomenclatura introduzida por Gerald H. Wilson, Psalms: Volume 1 (Grand Rapids: Zondervan, 2002), 40-48.

[12] "Embora a maioria dos comentaristas use "quiasma" para designar o paralelismo invertido, como a principal característica da poesia hebraica é o paralelismo, é melhor distinguir claramente entre paralelismo invertido e quiasma. Em distinção ao paralelismo invertido, um quiasma – do grego , "marcar com um (X)" – forma um X em torno de um componente central. Cf. John Breck, "Biblical Chiasmus: Exploring Structure for Meaning", BTB 17/2 (1987) 71: "A singularidade da estrutura quiástica está em seu foco em um tema central, sobre o qual as outras proposições da unidade literária são desenvolvidas". Para mais discussão sobre estruturas quiásticas, exemplos e referências, veja meu Modern Preacher, 62-63, 209-11, 249-50, 280-82, 292-93, e 320-21.

[13] Ogden, Qoheleth, 32

[14] Fox, A Time to Tear Down, 164. Murphy, Wisdom Literature, 133, propõe uma inclusio de ("vai") nos versos 4 e 6 e outro em / ("encher"), nos versos 7 e 8. Consequentemente, ele une os versos 4-6 e 7-8, o que resulta no seguinte esboço:

A. Tese: não há proveito no trabalho humano	3
B. Tese ilustrada	4-8
1. Uma sucessão sem fim de eventos	4-6
a. Geração	4
b. Sol	5
c. Vento	6
2. Carência da criação a ser preenchida	7-8

a. Mar 7
b. Homem 8

É claro que nem toda repetição funciona como uma inclusio. Um autor pode simplesmente repetir uma palavra porque não há outra disponível para estabelecer uma conexão entre uma afirmação e outra (como “encher”, nos v.7-8). De qualquer forma, o conteúdo destes versos supera quaisquer inclusios questionáveis.

[15] Brown, Ecclesiastes, 24.

[16] “Debaixo do sol” é “o mundo visível, interpretado em termos de si mesmo”. Eaton, Ecclesiastes, 63. Cf. Reitman, “The Structure and Unity of Ecclesiastes”, BSac 154 (1997) 301, n. 17. “A expressão ‘debaixo do sol’ é uma marca registrada do Qohelet e está estritamente ligada ao conceito de futilidade. Ela ocorre vinte e nove vezes e projeta a perspectiva do homem sozinho usando sua própria sabedoria e seus próprios sentidos na esfera ‘deste mundo’ sozinho”. Cf. Seow, Ecclesiastes, 105. “O Qohelet claramente conhece a expressão mais comum ‘debaixo do céu’ e a usa, mas sua preferência é por ‘debaixo do sol’... Enquanto ‘debaixo do céu’ se refere à universalidade das experiências humanas em todos os lugares do mundo (i.e., sua designação espacial), ‘debaixo do sol’ se refere ao universo temporal dos vivos (cf. 8.9, em que ‘debaixo do sol’ é definido temporalmente: “tempo em que...”)... A expressão ‘debaixo do sol’, que se refere a este mundo, explica sua recorrência em Eclesiastes”.

[17] Cf. Fox, A Time to Tear Down, 164, e Seow, Ecclesiastes, 111.

[18] Seow, “The Socioeconomic Context of ‘The Preacher’s’ Hermeneutic”, PSBul 17/2 (1996) 195.

[19] Provan, Ecclesiastes, 63.

[20] Neste capítulo e nos seguintes usamos as seções “maneiras de pregar Cristo” para mostrar todos os movimentos legítimos possíveis para ir do texto até Cristo, no Novo Testamento. Ao escrever o sermão podemos, subsequentemente, escolher a melhor forma ou melhores formas de focar o sermão em Cristo. Em sua pesquisa para elaborar sermões, os pregadores não precisam entrar em tantos detalhes quanto nestas apresentações, que têm o objetivo de demonstrar mais completamente como se pode chegar a Cristo por meio de cada caminho legítimo.

[21] Veja a referência no apêndice de Nestle-Aland, Novum Testamentum Graece.

[22] Para mais discussão sobre este tema, veja p. 114–115, abaixo, “Tema e objetivo do sermão”.

[23] Veja Apêndices 1 e 2, abaixo (p. 330–44).

[24] Neste capítulo e nos seguintes, as seções “Exposição do sermão” procuram expor o significado de quase cada verso do texto de pregação. Como a inclusão de toda essa informação em um sermão real o deixaria sobrecarregado de informações, é preciso selecionar o material pertinente ao sermão e acrescentar ilustrações e aplicações que foquem na congregação específica em que o sermão for pregado.

[25] Não precisamos discutir o verso 1, sobre o autor, neste sermão. O assunto surgirá na próxima seção, que começa em Eclesiastes 1.12.

[26] Salmos 39.5. Cf. Salmos 144.4.

[27] Provan, Ecclesiastes, 52, corretamente questiona a tradução da TNIV como “sem sentido”: “Faz pouco sentido o Qohelet aconselhar uma pessoa jovem a ser feliz enquanto vive reverentemente diante de Deus somente para lembrar-lhe de que ‘a juventude e a primavera da vida são sem sentido’ (11.10)! Faz muito sentido, contudo, ele oferecer este conselho no contexto da brevidade da juventude... A conclusão que segue a descrição gráfica da velhice e da morte em 12.1-7, bem como todas as palavras do Qohelet (12.8), refere-se, muito naturalmente, à natureza efêmera de todas as coisas, não à sua falta de sentido. Se 12.8 tem este sentido para , provavelmente 1.2 também tem.

[28] Os comentaristas, compreensivelmente, querem clareza e, por isso, tentam localizar com precisão um único significado para uma metáfora que parece ter várias e profundas dimensões. Mas o autor pode ter planejado que ela tivesse vários significados. Assim como ouvimos dois significados juntos em um paralelismo sinônimo, como um som estereofônico, assim também podemos ouvir mais de um significado em uma metáfora, como som ambiente. Certamente, a ambiguidade pode levar a várias dimensões conectadas. Neste caso, como todas as coisas são transitórias, elas são insubstanciais; de fato, podem ser fúteis. O contexto terá que decidir qual é o tom predominante.

[29] Kidner, A Time to Mourn, 22. Cf. Seow, Ecclesiastes, 101, “Qoh. Rabb.

Interpreta a palavra como “como o bafo que sai do forno”, e o superlativo é interpretado como significando que a humanidade é ainda menos substancial que esse bafo”.

[30] Eclesiastes 1.3; 2.11,13; 3.9; 5.9,16 (hebraico 5.8,15); 7.12; 10.10,11.

[31] Veja Provan, Ecclesiastes, 54. Perdue, Wisdom Literature, 192, sugere: “O Qohelet deseja encontrar algo que dure mais que o tempo de vida de um ser humano, algo que possa sobreviver ao túmulo, pelo menos na memória humana”. Veja também p. 81, abaixo.

[32] Eclesiastes 1.3,9,14; 2.11,17,18,19,20,22; 3.16; 4.1,3,7,15; 5.13,18 (hebraico 5.12,17); 6.1,12; 8.9,15 (2x),17; 9.3,6,9(2x),11,13; 10.5.

[33] Kidner, A Time to Mourn, 23.

[34] Veja, e.g., Murphy, Ecclesiastes, 7: “Este verso afirma o caráter efêmero da humanidade, contra o pano de fundo da terra, sempre presente”. Esta interpretação apoia o verso 2, “tudo é vaidade”. Mas o pregador, aqui, procura apoiar o verso 3, que diz que não há proveito.

[35] Fox, Ecclesiastes, 5.

[36] Fox argumenta que a terra ( ) “aqui não significa o mundo físico, mas a humanidade como um todo – ‘le monde’, não ‘la terre’”. “Qohelet 1.4,” JSOT 40 (1988) 109. Cf. seu Ecclesiastes, 5. Mas não há necessidade de mudar a tradução de “terra” para o termo muito mais raro “humanidade”. Quando a palavra é interpretada como significando o mundo físico – o sol, o mar e o vento são físicos –, o argumento se mantém: gerações vão e vêm sobre a terra, mas ela permanece a mesma.

[37] “A palavra voltar com pressa ( ) é, literalmente, arquejar. Os comentaristas têm observado corretamente que o Antigo Testamento a usa tanto em sentido negativo quanto em sentido positivo. Positivamente, a palavra significa palpitar de ansiedade ou desejo (pelos mandamentos de Deus, em Sl 119.131); negativamente, arquejar com exaustão (como uma mulher em trabalho de parto, Is 42.14)”. Longman, Book of Ecclesiastes, 69. No contexto de Eclesiastes, Longman opta pelo sentido negativo, encontrando apoio na Septuaginta, helkei, “arrastar-se”, e no Targum , “arrastar-se”.

[38] Brown, Ecclesiastes, 24.

[39] Loader, Ecclesiastes, 20.

[40] Seow, Ecclesiastes, 108.

[41] Crenshaw, Ecclesiastes, 64: “Esse sentimento de entrar em uma rotina alcança seu ápice em três particípios sucessivos, , , , imediatamente antes de o sujeito ser introduzido”.

[42] Seow, Ecclesiastes, 115: “O vento se move de modo imprevisível, mas até mesmo o vento imprevisível retorna, por causa de suas idas e voltas. Há muito movimento, mas, por fim, nada novo acontece. Nenhum proveito é obtido, apesar de toda a agitação”.

[43] A NIV traduz o verso 7b como completando o ciclo: “Para o lugar de onde vêm os rios, para lá retornam”. Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs 285, comenta; “a última frase não se refere ao ciclo de evaporação e chuva, como fica implícito pela tradução da NIV. Gordis [Koheleth, 207] corretamente chama essa interpretação de ‘linguisticamente forçada’. A tradução deve ser: ‘Ao lugar para onde correm os rios, para lá vão continuamente’. A implicação aqui não é de movimento cíclico, mas de atividade fútil”.

[44] Whybray, Ecclesiastes, 42-43, argumenta em favor do movimento cíclico.

[45] Brown, Ecclesiastes, 23.

[46] Jerônimo, citado por Crenshaw, Ecclesiastes, 63, observou: “O que é mais vão do que esta vaidade: que a terra, que foi feita para os seres humanos, permanece – mas os próprios seres humanos, os senhores da terra, repentinamente voltam ao pó?”

[47] Ao contrário de muitos comentaristas, que traduzem como “todas as palavras”, no contexto, “todas as coisas” é uma tradução melhor, como a tradução de como “coisa”, em 1.10. Veja, e.g.,Whybray, Ecclesiastes, 44, e Crenshaw, Ecclesiastes, 66.

[48] Ogden, Qoheleth, 32.

[49] Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 287.

[50] Ogden, Qoheleth, 32.

[51] Whybray, Ecclesiastes, 45.

[52] “Como Agostinho [Cidade de Deus, 12.13] observou quando argumentou contra a teoria do tempo cíclico, o Qohelet está falando de recorrência de tipos de seres e eventos... Eventos arquetípicos (incluindo ações, vistas como eventos) – nascimento, morte, guerra e assim por diante – se realizam em manifestações específicas: o nascimento de indivíduos específicos, atos específicos de abraçar, o início de guerras específicas, etc.”. Fox, Qohelet and His Contradictions, 172.

[53] Brown, Ecclesiastes, 27. Longman, Book of Ecclesiastes, 75, acrescenta: “Mesmo que se admita que novas descobertas são feitas, as pessoas continuam as mesmas”.

[54] Brown, ibid., 28.

[55] Seow, Ecclesiastes, 117.

[56] Jesus continua, em Mateus 6.24: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas”.

CAPÍTULO 3

A busca de sentido pelo Pregador

Eclesiastes 1.12–2.26

Eu, o Pregador, venho sendo rei de Israel, em

Jerusalém. Apliquei o coração a esquadrinhar e a

informar-me com sabedoria de tudo quanto sucede

debaixo do céu; este enfadonho trabalho impôs

Deus aos filhos dos homens, para nele os afligir.

(Ec 1.12-13)

Esta é uma passagem ideal para explorar o interesse contemporâneo pelo sentido da vida. Como o texto de Eclesiastes 1.12–2.26 é o texto de pregação mais longo deste livro, um grande desafio será fazer justiça aos seus muitos elementos em um só sermão e ainda mantê-lo unificado e em movimento. Outro desafio é formular um único tema que abranja os resultados negativos da busca por sentido (“vaidade e correr atrás do vento”) e o conselho final positivo (“nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho”).

Texto e contexto

É claro que uma nova unidade literária começa em 1.12-13: “Eu, o Pregador, venho sendo rei de Israel, em Jerusalém. Apliquei o coração a esquadrinhar e a informar-me com sabedoria de tudo quanto sucede debaixo do céu (...)”. A conclusão desta unidade, contudo, não é tão evidente. Alguns comentaristas terminam a unidade em 1.18, outros, em 2.11, outros, em 2.23[1]

e ainda outros, em 2.26 e alguns até em 3.15.[2] Embora 1.12-18 certamente seja uma subunidade, o Pregador continua sua busca por sentido em 2.1: “Disse comigo”.[3] Novamente, 2.1-11 certamente é uma subunidade, mas o Pregador continua sua busca em 2.12: “Então, passei a considerar a sabedoria...” Novamente, 2.12-23 é uma subunidade, mas a unidade toda só se completa com a conclusão final da busca do Pregador, em 2.24-26: “Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho. No entanto, vi também que isto vem da mão de Deus”.[4] O texto de 3.1 começa uma nova unidade, “Tudo tem o seu tempo determinado...”. Nossa unidade textual, portanto, é Eclesiastes 1.12–2.26.[5]

Quanto ao contexto, o Pregador explora nesta passagem a questão fundamental levantada antes: “Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?” (1.3). Ele chega à mesma conclusão: “Considerei todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também o trabalho que eu, com fadigas, havia feito; e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol” (2.11). Muitas palavras e frases da passagem anterior são repetidas aqui – “trabalho”, “vaidade”, “debaixo do sol”, “lembrança” – e serão repetidas novamente em passagens posteriores. O conselho final depois da longa busca do pregador, “Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que sua alma goze o bem do seu trabalho” (2.24) será repetido mais seis vezes em Eclesiastes (3.12-13,22; 5.18-20; 8.15; 9.7-10; 11.8-10) “com ênfase e solenidade cada vez maiores”.[6]

Elementos literários

Nesta seção, o Pregador faz uso de várias formas literárias (subgêneros). Toda a unidade tem a forma de uma narrativa autobiográfica. Eclesiastes 1.12-15, começando com “Apliquei o coração”, é uma reflexão sobre a vaidade de usar a sabedoria, assim como 1.16-18, começando com “disse comigo”. Cada uma dessas duas reflexões introdutórias termina com um provérbio (1.15,18). Eclesiastes 2.1-11, que começa com “disse comigo”, é uma reflexão sobre a busca do prazer. Eclesiastes 2.12-17, começando com “Então, passei a considerar”, é uma reflexão sobre os benefícios da sabedoria sobre a loucura. Essa reflexão também inclui um provérbio de confirmação (2.14). Finalmente, 2.18-26 é uma reflexão que foca especificamente os resultados do trabalho humano (posses), concluindo com a admoestação de que os seres humanos devem “comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho” (2.24-26).[7]

O Pregador novamente usa repetições para enfatizar pontos importantes. Nesta passagem, ele repete duas vezes o termo comum “debaixo do céu” (1.13; 2.3), mas sete vezes seu termo específico para vida “debaixo do sol” (1.14; 2.11,17,18,19,20,22) – isto é, vida considerada por uma perspectiva secular, horizontal, vida que não leva Deus em conta.[8] Ele repete oito vezes “tudo é vaidade” (1.14; 2.1,11,17,19,21,23,26), combinando esta frase quatro vezes com “correr atrás do vento” (1.14; 2.11,17,26) e uma vez apenas “correr atrás do vento” (1.17). Ele repete quinze vezes nesta passagem a palavra-chave “trabalho” de 1.3: “Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?” Ele normalmente se refere à vaidade do “trabalho”, mas duas vezes combina prazer com trabalho (2.10, “[não] privei o coração de alegria alguma, pois eu me alegrava com todas as minhas fadigas”, e 2.24, “goze o bem do seu trabalho”). E três vezes ele se refere a Deus (1.13; 2.24,26), formando uma possível inclusio para esta unidade literária.

O Pregador busca paralelismo sinônimo dos dois primeiros provérbios (1.15,18) e paralelismo antitético no terceiro (2.14). Ele também usa muitas metáforas nesta passagem, como “vapor”, “correr atrás do vento”, “debaixo do sol”, “meu

coração”, “mão de Deus”, “trevas” e, possivelmente, “comer e beber”.[9]

Estrutura textual

As reflexões enfatizadas sob “elementos literários”, acima, proporcionam as principais divisões da passagem: 1.12-18; 2.1-11; 2.12-17; 2.18-23; 2.24-26. Essas divisões são confirmadas pelo encerramento de cada seção com um provérbio ou com a declaração de “vaidade”. Podemos esboçar o fluxo complexo do argumento do Pregador da seguinte forma:

I. Introdução: o Pregador busca sabedoria (1.12-13a)

A. Tudo o que é feito debaixo do céu (1.13b)

1. Conclusão: Deus deu aos seres humanos um trabalho enfadonho (1.13c)

a. Razão: todos os atos praticados debaixo do céu são vaidade (1.14)

i. Confirmada por um provérbio: Aquilo que é torto não se pode endireitar; e o que falta não se pode calcular (1.15)

B. Ele procura distinguir a sabedoria da loucura (1.16-17a)

1. Conclusão: distinguir a sabedoria da loucura é correr atrás do vento (1.17b)

a. Confirmada por um provérbio: Na muita sabedoria há muito enfado; e quem aumenta a ciência aumenta a tristeza (1.18)

II. O Pregador verifica o que é ganho pelo prazer (2.1a)

A. Alegre-se (2.1b)

B. Conclusão: isso também é vaidade (2.1c)

C. Razões:

1. Rir é loucura (2.2a)

2. O prazer é inútil (2.2b)

D. Objetos verificados:

1. Vinho (2.3)

2. Várias posses (2.4-8a)

3. Arte (2.8b)

4. Sexo (2.8c)

E. Resultados:

1. Tornei-me grande (2.9)

2. Meu coração encontrou prazer no meu trabalho (2.10)

F. Conclusão:

1. Meu trabalho era vaidade (2.11a)

2. Nenhum proveito há debaixo do sol (2.11b)

III. O Pregador verifica os benefícios da sabedoria sobre a loucura (2.12)

A. Tese: a sabedoria excede a loucura como a luz excede as trevas (2.13)[10]

1. Confirmada por um provérbio: “os olhos do sábio estão na sua cabeça, mas o estulto anda em trevas” (2.14)

B. Problemas:

1. O mesmo destino alcança os sábios e os tolos (2.14c-15)

2. Não há lembrança permanente dos sábios nem dos tolos (2.16)

C. Resultado: odiei a vida (2.17a)

D. Conclusão: Tudo é vaidade (2.17b)

IV. O Pregador verifica o proveito do trabalho pelas posses[11]

A. Afirmação: odiei meu trabalho debaixo do sol (2.18a)

B. Razões:

1. Devo deixar minhas posses para os que vierem depois de mim (2.18b)

2. Não sei se serão sábios ou tolos (2.19a)

C. Conclusão: isso também é vaidade (2.19b)

A’. Afirmação: entreguei o coração ao desespero sobre meu trabalho (2.20)

B’. Razão: Devo deixar minhas posses para que outros desfrutem (2.21)

C’. Conclusão: o ser humano não tem nenhum proveito do seu trabalho (2.22)

1. Seus dias são cheios de dor (2.23a)

2. À noite, sua mente não descansa (2.23b)

3. Isso também é vaidade (2.23c)

V. O conselho final do Pregador

A. Não há nada melhor que comer, beber e desfrutar do trabalho (2.24a)

B. Razões:

1. Isso também vem da mão de Deus (2.24b)

2. Sem Deus, não podemos nos alegrar (2.25)

3. Deus dá sabedoria e prazer àqueles que lhe agradam (2.26a)

4. Ao pecador, Deus dá o trabalho de ajuntar, apenas para dar o fruto àqueles que lhe agradam (2.26b)

a. Conclusão: Isso também é vaidade e correr atrás do vento (2.26c)

Interpretação teocêntrica

As referências a Deus nesta passagem são poucas e esparsas. O Pregador menciona Deus na introdução, “(...) este enfadonho trabalho impôs Deus aos filhos dos homens, para nele os afligir” (1.13b). Deus então desaparece quando o Pregador explora “todas as obras que se fazem debaixo do sol” (1.14), mas, na conclusão, reaparece de forma poderosa: Deus capacita os seres humanos a “comer, beber e fazer que sua alma goze o bem do seu trabalho” (2.24). De fato, “Deus dá sabedoria, conhecimento e prazer” àquele que lhe agrada, até mesmo tirando do pecador e dando àquele que lhe agrada (2.26).

Tema e objetivo textual

Ao formular um único tema para esta passagem, precisamos avaliar seus dois temas principais. A maior parte do texto trata do tema de que todos os empreendimentos humanos são vaidade, enquanto somente três versos são dedicados ao tema “comer, beber e gozar o bem do seu trabalho”. Mas esses três versos formam a importante conclusão da busca do Pregador pelo sentido da vida. Ele procurou proveito na vida em muitas direções diferentes e acabou não o encontrando. Mas finalmente ele chega a uma resposta: “Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que sua alma goze o bem do seu trabalho” (2.24). Não é coincidência que, nesta conclusão, o Pregador cite Deus como o doador da alegria. Contra o pano de fundo da vaidade dos empreendimentos humanos “debaixo do sol”, a mensagem do Pregador para Israel é comer, beber e desfrutar de seu trabalho. Podemos fazer justiça aos dois temas subordinando o tema da “vaidade” ao tema da “alegria”. O tema textual, então, pode ser formulado da seguinte forma: “Como todos os empreendimentos humanos ‘debaixo do sol’ são vaidade, encontre alegria nas dádivas diárias de Deus, a saber, comer, beber e trabalhar”. Em benefício da clareza, temos que encontrar uma palavra mais lúcida para substituir a expressão “debaixo do sol”. Esta expressão, como vimos, é a visão que o Pregador tem do mundo a partir de uma perspectiva horizontal, secular. Podemos, portanto, substituir “empreendimentos ‘debaixo do sol’” por “empreendimentos sem Deus” ou “empreendimentos terrenos”. Também podemos esclarecer a palavra “vaidade”, que, neste contexto, está associada a “proveito” (veja 2.11,22-23). Qual das várias conotações de “vapor” expressaria o sentido de “sem proveito”? As melhores opções são “fútil’ ou “vazio”. Essas considerações conduzem à formulação do seguinte tema: Como todos os empreendimentos terrenos são fúteis, encontre alegria nas dádivas diárias de Deus, a saber, comer, beber e trabalhar.

Por que o Pregador encorajaria Israel a se alegrar por sua comida, bebida e seu trabalho? Contra o pano de fundo da busca dos israelitas pelo sentido da vida no trabalho pesado, em fazer fortuna e desfrutar da vida depois, o Pregador deseja encorajá-los a não adiar a alegria para um tempo futuro, mas a saborear a alegria dada por Deus no presente momento, comendo, bebendo e trabalhando. O

objetivo do Pregador, então, é encorajar Israel a encontrar alegria nas dádivas diárias de Deus, a saber, comer, beber e trabalhar.

Maneiras para pregar Cristo

Como podemos nos mover do tema “Como todos os empreendimentos terrenos são fúteis, encontre alegria nas dádivas diárias de Deus, a saber, comer, beber e trabalhar” para Jesus Cristo, no Novo Testamento? Não há promessa de Cristo, o que elimina o caminho de promessa-cumprimento. Isso deixa seis caminhos possíveis para nos levar a Cristo, no Novo Testamento. Como a progressão histórico-redentiva e os temas longitudinais estão entrelaçados,[12] esses dois caminhos serão combinados nesta análise.

Progressão histórico-redentiva/Temas longitudinais

Pode-se traçar pela história da redenção e a Escritura o tema de encontrar alegria nas dádivas diárias de comida, bebida e trabalho, que recebemos da parte de Deus. No paraíso, Deus deu a Adão e Eva um trabalho significativo (“cultivar e guardar” o jardim [Gn 2.15]) e boa comida (“De toda árvore do jardim comerás livremente”) [Gn 2.16]). A Queda no pecado destruiu o bom planejamento de Deus: “Maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida... No suor do rosto comerás o pão” (Gn 3.17,19). O trabalho se tornou uma labuta sem muita alegria. Mas a labuta não era totalmente fútil: ela ainda proporcionava comida. Deus ordenou a Israel: “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra” (Êx 20.9). E Deus ainda podia tornar o trabalho agradável. Israel orou:

Sacia-nos de manhã com a tua benignidade,

para que cantemos de júbilo e nos alegremos todos os

nossos dias (...)

Seja sobre nós a graça do Senhor, nosso Deus;

confirma sobre nós as obras das nossas mãos, sim,

confirma as obras das nossas mãos (Sl 90.14,17).

O salmo 128.1-2 declara:

Bem-aventurado aquele que teme ao

Senhor

e anda nos seus caminhos!

Do trabalho de tuas mãos comerás,

feliz serás, e tudo te irá bem.

Assim, o Pregador de Eclesiastes 2.24 também pode dizer: “Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que sua alma goze o bem do seu trabalho. No entanto, vi também que isto vem da mão de Deus”.

No entanto, neste mundo caído, o trabalho deixa muito a desejar. Isaías (65.21-23) anseia pela nova terra, onde

Eles edificarão casas e nelas habitarão;

plantarão vinhas e comerão o seu fruto.

Não edificarão para que outros habitem;

não plantarão para que outros comam (...)

(...) meus eleitos desfrutarão de todas as obras

das suas próprias mãos.

Não trabalharão debalde (...) (cf. 1Co 15.58).

Quando Jesus veio a este mundo, ele trabalhou como carpinteiro (Mc 6.3), depois como mestre (Mc 6.2,6) e realizador de milagres: alimentou pessoas (Mc 6.30-44), curou enfermos (Mc 6.53-56). Jesus enviou seus discípulos para pregar o evangelho e disse: “Digno é o trabalhador do seu salário” (Lc 10.1-7). Jesus também nos ensinou a não nos preocuparmos com o que comer, o que beber e com que nos vestir, mas, em vez disso, focar nossa vida no reino de Deus, “(...) e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33). De fato, Jesus promete ganho, o reino de Deus, àqueles que fizerem bem o seu trabalho: “Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes... Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25.34-40). Por meio de Jesus Cristo, nosso trabalho foi redimido e pode novamente proporcionar sentido, alegria e até mesmo proveito. Consequentemente, Paulo pode nos ordenar: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos” (Fp 4.4).

Tipologia

Esta é uma de apenas duas[13] passagens de Eclesiastes em que possivelmente podemos fazer uso de tipologia. O Pregador procura dar mais peso à sua mensagem usando as experiências e palavras do grande rei Salomão. O rei Salomão, é claro, era amplamente conhecido por sua sabedoria e suas grandes obras. Até mesmo a rainha de Sabá ouviu falar de sua fama, viajou muitas milhas para conhecê-lo e louvou ao Senhor: “Bendito seja o Senhor, teu Deus,

que se agradou de ti para te colocar no trono de Israel; é porque o Senhor ama a Israel para sempre, que te constituiu rei para executares juízo e justiça" (1Rs 10.9).

Salomão ( ), o rei de paz, governou sabiamente na cidade de paz (Jerusalem). O rei Salomão é um tipo do grande Rei de paz; ele prefigura Jesus Cristo. Quando algumas pessoas pediram a Jesus um sinal para provar que ele era especial, Jesus respondeu: "A rainha do Sul se levantará, no Juízo, com esta geração e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis aqui está quem é maior do que Salomão" (Mt 12.42). Jesus é outro Salomão, o grande e sábio rei; mas Jesus é muito maior que Salomão.

Analogia

A mensagem do Pregador é encontrar alegria nas dádivas diárias de comida, bebida e trabalho, que recebemos de Deus. Jesus nos ensina a orar ao nosso Pai do céu: "o pão nosso de cada dia dá-nos hoje" (Mt 6.11). Nosso pão diário é uma dádiva de Deus a nós. Jesus também nos diz:

(...) não andeis ansiosos pela vossa vida, com o que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir (...) Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves? (...) E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé? Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas (Mt 6.25-33).

Nosso Pai celestial nos dará tudo o que precisamos. Portanto, podemos nos contentar e nos alegrar diariamente por suas dádivas.

Referências do Novo Testamento

Além das referências do Novo Testamento mencionadas acima, há algumas outras que possivelmente podem ser usadas como pontes para conduzir a Cristo, no Novo Testamento. Paulo encoraja os cristãos primitivos a terem uma vida de gratidão pelas dádivas de Deus: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração. E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Cl 3.16-17). Em outro lugar, Paulo escreve: “(...) quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31).

Refletindo a perspectiva do Pregador sobre a vaidade das riquezas e a importância de viver contente com as dádivas diárias de Deus, Paulo escreve:

De fato, grande fonte de lucro é a piedade com contentamento. Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e na perdição. Porque o amor do dinheiro é a raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores (1Tm 6.6-10).

Para usar esta passagem, é preciso ligá-la a Jesus fazendo menção ao contexto: “Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade...” (1Tm 6.3), ou talvez

com a parábola do rico insensato (Lc 12.13-21) ou com a parábola do rico e Lázaro (Lc 16.19-31).

Contraste

Em contraste com a mensagem positiva do Pregador, a saber, encontrar alegria neste mundo, Paulo também olha para além deste mundo: “(...) para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro. Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (Fp 1.21-23).

Tema e objetivo do sermão

Resumimos a mensagem do Pregador para Israel no tema: “Como todos os empreendimentos terrenos são fúteis, encontre alegria nas dádivas diárias de Deus, a saber, comer, beber e trabalhar”. Embora o Novo Testamento vá muito além dessa ideia (veja “Contraste”, acima), ele não contradiz o tema de encontrar alegria nas dádivas diárias de Deus. Portanto, o tema do sermão pode manter o mesmo foco do tema textual: Como todos os empreendimentos terrenos são fúteis, encontre alegria nas dádivas diárias de Deus, a saber, comer, beber e trabalhar.

Contra o pano de fundo em que os israelitas buscavam o sentido da vida no trabalho duro, em fazer fortuna e desfrutar a vida mais tarde, o objetivo do Pregador foi “encorajar Israel a encontrar alegria nas dádivas diárias de Deus, a saber, comer, beber e trabalhar”. As pessoas hoje enfrentam as mesmas tentações de materialismo e consumismo que Israel enfrentou. Portanto, podemos manter o objetivo do Pregador como o objetivo do sermão: encorajar Israel a encontrar alegria nas dádivas diárias de Deus, a saber, comer, beber e trabalhar. Este objetivo expõe a necessidade tratada neste sermão: as pessoas buscam o sentido da vida e alegria em lugares e tempo (o futuro) errados.

Forma do sermão

O Pregador apresenta seu argumento geral de maneira indutiva, isto é, revela seu tema principal somente no fim. Os pregadores modernos podem seguir esse método e desenvolver o sermão indutivamente. De fato, o pregador usa uma forma de sermão clássica (discurso) às vezes chamada de “técnica de perseguição”: “Não isto, nem isto, nem isto, nem isto, mas isto”.[14] O Pregador declara: Não sabedoria, nem prazer, nem os benefícios da sabedoria sobre a loucura, nem posses, mas alegria diária. Um sermão expositivo pode seguir esse caminho, expondo não apenas o sentido, mas também a estrutura do texto.

A introdução do sermão pode focar na necessidade tratada. Por exemplo, pode-se começar com o impacto do materialismo e do consumismo sobre os ouvintes. Incontáveis pessoas acreditam nas propagandas que prometem felicidade por meio da compra e do consumo de produtos. Maior é melhor: carros maiores, casas maiores, e, é claro, salários maiores. Mas o consumismo realmente conduz a uma alegria maior?

Também pode-se começar de forma mais simples, perguntando quantas pessoas anseiam pela sua aposentadoria. Aquele tempo em que, muitos pensam, começarão a desfrutar a vida. Enquanto isso, trabalham como escravos para economizar dinheiro suficiente para esse grande dia. Muitos odeiam seu trabalho, chamam-no de competição insana, mas o toleram porque, no futuro, a aposentadoria vem. Faça a transição para Israel, que, há muito tempo, foi pego nessa mesma competição insana.[15]

Exposição do sermão

Nesta passagem, o Pregador fala como se fosse Salomão, o sábio e próspero rei de Israel. Em 1.1, ele se identifica como “o Pregador, filho de Davi, rei de Jerusalém”. O Pregador escreveu esse livro provavelmente uns seiscentos anos depois do rei Salomão (veja p. 28–29, acima). Mas, nesta passagem, finge ser Salomão para dar maior impacto à sua importante mensagem.[16] Por isso ele começa, no verso 12: “Eu, o Pregador, venho sendo rei de Israel, em Jerusalém. Apliquei o coração a esquadrinhar e a informar-me com sabedoria de tudo quanto sucede debaixo do céu”. No verso 16, acrescenta: “Disse comigo: eis que me engrandeci e sobrepujei em sabedoria a todos os que antes de mim existiram em Jerusalém”. Embora ainda não diga que é Salomão, temos que ouvir esta passagem como se fosse escrita por Salomão, porque ninguém teve mais sabedoria que esse sábio rei.

“Salomão”, então, diz que aplicou seu coração a “esquadrinhar e a informar-me com sabedoria[17] de tudo quanto sucede debaixo do céu”. Depois da conclusão anterior, de que o homem não tem qualquer proveito “de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol” (1.3), o Pregador como “Salomão” usa sua grande sabedoria para fazer várias experiências a fim de verificar se tudo é, realmente, vaidade, fútil, ou se há alguma coisa mais substancial.

Seu primeiro teste é usar sua sabedoria para procurar entender “tudo quanto sucede debaixo do céu”. Mas ele imediatamente chega à conclusão de que sua busca por sabedoria “é enfadonho trabalho[18] [que] impôs Deus[19] aos filhos dos homens, para os afligir”. Por que buscar sabedoria é um trabalho enfadonho? Ele responde no verso 14: “Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento”. Observando toda essa atividade “debaixo do sol”, todo esse esforço humano,[20] o Pregador conclui que ela é fútil e vazia. O que se percebe é que “o sábio rei (Salomão) está empenhado em... correr atrás do vento”.[21] Literalmente, ele diz: “Tudo é vapor e agrupar[22] o vento”. Tentar capturar vapor é fútil e agrupar o vento deixa a pessoa com as mãos vazias. Em outras palavras, a busca da sabedoria é fútil e resulta em nada.

O Pregador confirma sua conclusão com um provérbio, verso 15:

Aquilo que é torto não se pode endireitar;

e o que falta não se pode calcular.

Não se pode mudar o mundo como é dado. “O que é torto não se pode endireitar”. A sabedoria não pode endireitar o que é torto. Mais adiante, em seu livro, o Pregador escreve: “Atenta para as obras de Deus, pois quem poderá endireitar o que ele torceu?” (Ec 7.13).[23] Depois da Queda, Deus amaldiçoou a terra, dando origem a cardos e abrolhos (Gn 3.17-18), tornados e furacões, influenza e câncer. Paulo fala do gemido da criação. Ele diz que “... a criação está sujeita à vaidade...” (Rm 8.20). Essa vaidade levanta muitas questões que não conseguimos responder. Não conseguimos entender essas coisas torcidas: por que tornados destroem casas de um lado da rua e deixam intactas as casas do outro lado? Por que o câncer atinge umas pessoas e outras não? Não podemos endireitar o que é torto. Só podemos esperar, com Paulo, que, um dia, a criação seja redimida do cativeiro da corrupção (Rm 8.20-21).

O provérbio continua: “O que falta não se pode calcular”. Os políticos podem desejar dar uma interpretação positiva para um déficit, mas a simples verdade é que “o que falta não se pode calcular”. Um provérbio similar seria “não se pode contar com os ovos que a galinha não botou”. Se não os temos, não podem ser contados como proveito. Assim, é com sabedoria que se examina “tudo o que sucede debaixo do céu”. Não há nada a acrescentar. Esta é uma busca fútil e vazia. Toda a busca é “vaidade e correr atrás do vento”.

Depois o Pregador toma um caminho levemente diferente. Da verificação de todas as coisas pela sabedoria, ele passa a examinar a própria sabedoria. Ele escreve no verso 16: “Disse comigo: eis que me engrandeci e sobrepujei em sabedoria a todos os que antes de mim existiram em Jerusalém; com efeito, o meu coração tem tido larga experiência da sabedoria e do conhecimento. Apliquei o coração a conhecer a sabedoria e a saber o que é loucura e o que é estultícia...”. Nesses dois versos, ele usa a palavra “sabedoria” três vezes. Ele quer saber precisamente como a sabedoria é diferente da loucura.[24] Mas essa busca também é fútil: “Vim a saber que também isto é correr atrás do vento”.

Procurar entender a própria sabedoria também é correr atrás do vento – uma busca que deixa a pessoa de mãos vazias.

Novamente o Pregador confirma sua conclusão com um provérbio, verso 18:

(...) na muita sabedoria há muito enfado;

e quem aumenta ciência aumenta tristeza.

Muita sabedoria traz consigo muita frustração, porque o mundo não parece fazer sentido.[25] Além disso, a sabedoria aumenta a tristeza porque a pessoa se torna mais consciente da dor e do sofrimento neste mundo.

Tendo fracassado em encontrar sentido verificando, pela sabedoria, tudo o que sucede, o Pregador decide tentar encontrar sentido com a busca do prazer. Capítulo 2.1: “Disse comigo: vamos! Eu te provarei com a alegria; goza, pois, a felicidade (...)”. Agora devemos entender que, em Eclesiastes, o prazer não é mau. De fato, nesta mesma passagem, 2.26, o Pregador diz que o prazer é uma dádiva de Deus: “(...) Deus dá sabedoria, conhecimento e prazer (...)”.[26] Mais adiante, neste livro, ele encoraja seus leitores: “Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras” (9.7). A busca de prazer não é errada. O problema é que o Pregador procura encontrar sentido no prazer “debaixo do sol”. Ele escreve no fim desta seção, 2.11, que “nenhum proveito havia debaixo do sol”. Em outras palavras, ele buscou prazer sem Deus, sem levar Deus em conta.[27]

Mais uma vez ele rapidamente chega à conclusão de que a busca de prazer sem Deus é fútil. No verso 2, ele registra: “Do riso, disse: é loucura; e da alegria: de que serve?” E ele passa a descrever os vários experimentos que o fizeram concluir que o prazer é fútil. Ele experimentou sucessivamente o prazer do vinho, de grandes obras, da arte e do sexo. Ele começa com o vinho. Verso 3: “Resolvi no meu coração dar-me ao vinho, regendo-me, contudo, pela sabedoria, e entregar-me à loucura, até ver o que melhor seria que fizessem os filhos dos homens debaixo do céu, durante os poucos dias da sua vida”. O Pregador não quis se embebedar. Ele só queria se alegrar com o vinho enquanto sua mente ainda pudesse guiá-lo com sabedoria. Isso lhe deu discernimento quanto ao que é

bom para as pessoas durante sua breve permanência neste mundo? Aparentemente, não, pois ele passa rapidamente para a construção de grandes obras. A descrição das grandes obras aqui se aproxima do que sabemos sobre as obras do rei Salomão (1Rs 7. 10-21). Mas observe o quanto essa busca pelo prazer é egoísta: “Edifiquei para mim... plantei para mim... fiz jardins e pomares para mim... fiz para mim açudes... comprei... possuí... Amontoei também para mim... provi-me”. Michael Fox descreve adequadamente esse esforço como “um tipo de intenso consumismo”.[28] Verso 4: “Empreendi grandes obras; edifiquei para mim casas; plantei para mim vinhas. Fiz jardins e pomares para mim e, nestes, plantei árvores frutíferas de toda espécie”. “Salomão” criou para si outro paraíso[29] no mundo. Certamente, no paraíso, ele encontraria sentido.

O verso 7 continua: “Comprei servos e servas e tive servos nascidos em casa; também possuí bois e ovelhas, mais do que possuíram todos os que antes de mim viveram em Jerusalém. Amontoei também para mim prata e ouro e tesouros de reis e de províncias (...)”. Em adição a todas essas posses, “Salomão” acrescentou o prazer da arte, verso 8b, “(...) provi-me de cantores e cantoras”, e o prazer do sexo, “(...) delícias dos filhos dos homens: mulheres e mulheres”.

Ele conclui, nos versos 9-11:

“Engrandeci-me e sobrepujei a todos os que viveram antes de mim em Jerusalém; perseverou também comigo a minha sabedoria. Tudo quanto desejaram os meus olhos não lhes neguei, nem privei o coração de alegria alguma, pois eu me alegrava com todas as minhas fadigas, e isso era a recompensa de todas elas. Considerei todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também o trabalho que eu, com fadigas, havia feito; e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol”.

Aqui está explicitamente a resposta à pergunta retórica levantada em 1.3: “Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?” A resposta é: “absolutamente, nenhum”. Até mesmo o grande rei “Salomão”, depois de tentar construir outro paraíso neste mundo, chega à conclusão de que “nenhum proveito havia debaixo do sol”. De fato, ele deduz, “tudo era vaidade [futilidade] e correr atrás do vento [deixando-o de mãos

vazias], e nenhum proveito[30] havia debaixo do sol". "Todos os termos-chave do Pregador se combinam neste ponto: trabalho, vaidade, correr atrás do vento, sem proveito, debaixo do sol. O ajuntamento de termos comunica amarga desilusão... Está sendo mostrado ao homem secular o fracasso de seu estilo de vida, sob suas próprias premissas".[31] O materialismo e o consumismo não conseguem dar sentido à vida humana.

O Pregador lidou primeiro com a sabedoria, depois com o prazer. Agora ele planeja um terceiro teste. Ele verificará se o uso da sabedoria oferece benefícios sobre o uso da loucura. Ele escreve, no verso 12: "Então, passei a considerar a sabedoria,[32] e a loucura, e a estultícia. Que fará o homem que seguir ao rei? O mesmo que outros já fizeram"."Salomão", o mais sábio rei do mundo, realmente está indo a fundo na questão. Como é o rei mais sábio que já viveu, seu sucessor nunca poderá melhorar seu experimento e seus resultados.[33]

Imediatamente, o Pregador discerne uma importante diferença entre o sábio e o tolo. Verso 13: "Então, vi que a sabedoria é mais proveitosa do que a estultícia, quanto a luz traz mais proveito que as trevas". Ele confirma sua observação com um provérbio, no verso 14:

Os olhos do sábio estão na sua cabeça,

Mas o estulto anda em trevas.

"Trevas é uma metáfora para cegueira espiritual. O tolo é como um homem cego que tropeça e cai (cf. Pv 3.23; 4.18-19); o sábio, por outro lado, tem olhos em sua cabeça: pode ver e, portanto, consegue evitar o desastre".[34] Que tremenda vantagem o sábio tem em relação ao tolo!

Mas então o Pregador observa: "Contudo, entendi que o mesmo lhes sucede a ambos". O sábio e o tolo morrem. No verso 15, ele perde a esperança: "Pelo que disse eu comigo: como acontece ao estulto, assim me sucede a mim; por que, pois, busquei eu mais a sabedoria? Então, disse a mim mesmo que também isso era vaidade". A morte, em sua opinião, é o fim; fim de jogo.[35] Qual é o proveito de ser tão sábio? Se o sábio e o tolo morrem, não há proveito em ser sábio.

Ou há algum proveito? Podemos morrer, mas nossa reputação pode viver na memória daqueles que vierem depois de nós. Os tolos podem ser esquecidos rapidamente, mas é possível que o sábio seja lembrado? A esperança do Pregador logo se extingue. Verso 16: “(...) tanto do sábio quanto do estulto, a memória não durará para sempre; pois, passados alguns dias, tudo cai no esquecimento” (cf. 1.11). Agonizantemente, ele diz: “Ah! Morre o sábio, e da mesma sorte, o estulto”. E ele confessa: “Pelo que aborreci[36] a vida, pois me foi penosa a obra que se faz debaixo do sol; sim, tudo é vaidade e correr atrás do vento”. A vida é fútil e sem substância. “Tudo é vaidade e correr atrás do vento”. No fim da vida, nem mesmo o sábio tem algo para mostrar por ter vivido de forma sábia. Ele também morre e logo será esquecido. Não tendo conseguido encontrar “proveito” na vida ao usar a sabedoria, buscar o prazer e examinar os benefícios do sábio sobre o tolo, o Pregador faz o teste final. Há algo que fica quando morremos. Nossas posses não morrem conosco. Aqueles que morrem deixam uma herança. Essas posses são um “proveito”, um “ganho” de uma vida inteira de trabalho?

O Pregador rapidamente fecha essa porta para algum sentido da vida. Ele clama, no versos18-19: “Também aborreci todo o meu trabalho,[37] com que me afadiguei debaixo do sol, visto que o seu ganho eu havia de deixar a quem viesse depois de mim. E quem pode dizer se será sábio ou estulto? Contudo, ele terá domínio sobre todo o ganho das minhas fadigas e sabedoria debaixo do sol; também isto é vaidade”. Todo o seu trabalho com sabedoria é fútil, pois, na morte, ele tem que deixar suas posses para trás, e até um tolo pode herdá-las.

Ele continua, no verso 20: “Então, me empenhei por que o coração se desesperasse de todo trabalho com que me afadigara debaixo do sol. Porque há homem cujo trabalho é feito com sabedoria, ciência e destreza; contudo, deixará o seu ganho como porção a quem por ele não se esforçou”. E, novamente, ele exclama: “(...) também isto é vaidade e grande mal”. Todo o seu trabalho com sabedoria se torna fútil porque ele tem que deixá-lo “a quem por ele não se esforçou”.

Novamente ele levanta a questão, no verso 22: “Que tem o homem de todo o seu trabalho e fadiga do seu coração, em que ele anda trabalhando debaixo do sol?” A resposta é: Nada! Na verdade, menos que nada a um viciado em trabalho – uma pessoa que, “como ‘Salomão’, é possuída pela ambição incessante de alcançar alguma coisa – seja lá o que possa ser – para si mesma e que coloca esse ‘interesse’... acima de tudo o mais”.[38] O proveito é menos que nada porque,

como ele observa no verso 23, “(...) todos os seus dias são dores, e o seu trabalho, desgosto; até de noite não descansa o seu coração”. E, pela terceira vez nesta seção, o Pregador exclama: “(...) também isto é vaidade”. A vida e o labor humanos são fúteis, inúteis!

E então? O Pregador fracassou em seus experimentos. Ele não encontrou sentido em tentar entender a vida pela sabedoria, nem valor durável na busca do prazer, nem vantagem em ser sábio em contraste com ser tolo, nem benefícios duráveis em ajuntar posses. Todos os nossos esforços terrenos são fúteis e vazios. E então, não há proveito nenhum em viver neste mundo?

Sim, há. O Pregador conclui, no verso 24: “Nada há melhor[39] para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho”. Este não é um pensamento totalmente novo. Quando estava investigando o prazer, ele fez uma descoberta interessante. Quando estava trabalhando para construir casas e plantar vinhas, ele escreve, em 2.10: “(...) eu me alegrava com todas as minhas fadigas, e isso era a recompensa [literalmente, minha porção][40] de todas elas”. Muito embora descreva todo o seu trabalho como “vaidade e correr atrás do vento” (2.11), esse trabalho tinha um benefício inesperado. Ele tinha prazer em todo o seu trabalho.

Quando Deus criou os seres humanos, colocou-os no jardim com a ordem de cultivá-lo e guardá-lo (Gn 2.15). O trabalho devia dar às pessoas um sentimento de realização e prazer. Agora o Pregador descobriu que, muito embora todo o seu trabalho fosse fútil, ainda trazia consigo esse sentimento de prazer. E, assim, chegando ao fim de seus experimentos e não encontrando sentido durável na vida “debaixo do sol” – vida sem Deus –, ele nos aconselha a pelo menos experimentarmos o prazer do presente momento: comer, beber[41]e encontrar alegria no trabalho. Não espere para desfrutar disso no futuro, mas encontre alegria em suas atividades diárias: comer, beber e trabalhar. Com força cada vez maior, o Pregador repetirá este conselho sete vezes, chegando ao clímax em 11.9: “Alegra-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade”. “A alegria tem o poder de redimir a noção de trabalho em meio (e não sobre ou contra) as vicissitudes da vida, a ilusão do ganho e o poder devastador da morte”.[42]

Devemos, então, buscar o prazer, afinal? Isso seria interpretar mal o Pregador. Depois de nos aconselhar a comer, beber e fazer que o coração desfrute o bem do nosso trabalho, ele continua, no verso 24b: “No entanto, vi também que isto vem

da mão de Deus. Pois, separado deste, quem pode comer ou quem pode alegrar-se?" A alegria é um presente de Deus para nós. Busque-a sozinho ("debaixo do sol") e ela se dissipará como o vento – como o Pregador descobriu (2.1-2).[43] Em vez disso, devemos receber a alegria como um presente de Deus para nós.

O Pregador conclui no verso 26: "(...) Deus dá sabedoria, conhecimento e prazer ao homem que lhe agrada; mas ao pecador dá trabalho, para que ele ajunte e amontoe, a fim de dar àquele que agrada a Deus. Também isto é vaidade e correr atrás do vento". "Deus dá[44] sabedoria, conhecimento e prazer ao homem que lhe agrada". Aqueles que agradam a Deus são aqueles que reconhecem sua soberania: aqueles que recebem alegria por seu trabalho como um presente de Deus; aqueles que honram a Deus sendo agradecidos por suas dádivas. Àqueles que lhe agradam, Deus derrama suas boas dádivas: não apenas alegria, mas também sabedoria e conhecimento.

"Mas ao pecador dá trabalho, para que ele ajunte e amontoe, e fim de dar àquele que agrada a Deus". O "pecador" é, literalmente, "aquele que erra o alvo". No vocabulário do Pregador, "a palavra designa alguém que, embora não seja ímpio, perdeu o ponto da vida que Deus tinha dado".[45] Neste contexto, o pecador é a pessoa que busca o sentido da vida em si mesmo e nos bens que pode adquirir "debaixo do sol". A essa pessoa, Deus dá "trabalho, para que ele ajunte e amontoe". Não há pausa. Este é um verdadeiro viciado em trabalho. Toda a sua vida é focada em ajuntar e amontoar. E qual é o resultado? Em vez de terminar com riquezas, Deus as dá a quem lhe agrada.[46]

A parábola das dez minas, contada por Jesus, tem uma mensagem similar: o senhor tomou a mina do servo que tinha errado o alvo de negociar com ela e a deu ao que tinha ganho mais dez minas. Quando o servo reclamou dizendo que isso não era justo, o senhor respondeu: "Eu vos declaro: A todo o que tem dar-se-lhe-á; mas ao que não tem, o que tem lhe será tirado" (Lc 19.26). Aqueles que erram o alvo na vida acabam sem nada. "Também isso é vaidade e correr atrás do vento".[47]

A mensagem do Pregador, então, é que já que todos os nossos esforços humanos são fúteis, já que todos os nossos esforços sem Deus são fúteis, devemos encontrar alegria nas dádivas que Deus nos dá todos os dias. Devemos saborear o momento e encontrar alegria em comer, beber e trabalhar no presente, porque isso é presente de Deus para nós.

Infelizmente, muitas pessoas adiam esse desfrute para um tempo no futuro. Muitas pessoas hoje odeiam seu trabalho. Em vez de agradecer a Deus por seu trabalho, dizem: “Graças de Deus, é sexta-feira!” Dizem que o trabalho é um esforço insano, mas não sabem como escapar dele. Muitas pessoas compram bilhetes de loteria na esperança de ganhar milhões para que possam sair do emprego. Mas poucas conseguem escapar do trabalho. As pessoas anseiam pela aposentadoria porque é quando começarão a desfrutar a vida. Mas a aposentadoria pode nunca vir. Até mesmo os cristãos frequentemente reclamam por viverem nesse “vale de lágrimas” e anseiam pela alegria futura no céu. Mas o Pregador, como grande parte do Antigo Testamento, nos convida a encontrar alegria nesta vida, aqui e agora. “Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que sua alma goze o bem do seu trabalho”.

O Novo Testamento continua a mesma ênfase. Na verdade, o Novo Testamento também conhece a vida depois da morte e futuros novo céu e nova terra, onde “não haverá luto, nem pranto, nem dor” (Ap 21.4). Mas Jesus também nos ensina a saborear os dons de Deus aqui e agora. Ele nos ensina a nos contentarmos com a nossa vida e a recebermos nossa comida e bebida como presentes de Deus: “Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber”, ele diz:

Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Não valei vós muito mais do que as aves? (...) não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas (Mt 6.26-33).

Os gentios erraram o alvo da vida. Os seguidores de Jesus conhecem o alvo: buscar primeiro o reino de Deus, e Deus lhes dará comida, bebida e roupas.

Paulo também encoraja os cristãos a terem uma vida de gratidão pelos dons de Deus. Ele escreve: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos

e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração. E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai" (Cl 3.16-17). "Tudo o que fizerdes" inclui comer, beber e trabalhar. Devemos agradecer a Deus todos os dias por seus dons maravilhosos. E devemos desfrutar desses dons todos os dias. Se não desfrutarmos dos dons de Deus, tratamos mal a Deus, que é quem os dá. Mas, se desfrutarmos de nossa comida, bebida e trabalho, Deus se agradará. Desfrute dos dons de Deus todos os dias!

---

[1] Veja Murphy, Wisdom Literature, 136.

[2] Veja Seow, Ecclesiastes, 142.

[3] Veja ibid., 142-43, para o inclusio "debaixo do céu", em 1.13 e 2.3, e "muitas continuidades entre 1.13-18 e 2.1-3".

[4] Em 2.24-26, "o autor retorna aos temas levantados na seção introdutória (1.13–2.3): Deus, a entrega de uma preocupação, o lugar de sabedoria, conhecimento e alegria e ver o bem. Pode-se dizer, então, que 2.24-26 constitui a seção final de toda a unidade literária, formando com a introdução, em 1.13–2.23, uma estrutura teológica dentro da qual o todo deve ser interpretado" Ibid., 143.

[5] Cf. Dorsey, Literary Structure, 193: "a segunda unidade do livro começa com mudanças de pessoa (da terceira para a primeira pessoa) e gênero (de poesia para prosa autobiográfica). Esse relato autobiográfico continua até 2.26, quando o autor retorna à poesia".

[6] Veja Whybray, "Qoheleth, Preacher of Joy", JSOT 23 (1982) 87-98.

[7] Veja Murphy, Wisdom Literature, 134-36.

[8] "Debaixo do sol" é "o mundo visto, interpretado em termos de si mesmo". Eaton, Ecclesiastes, 63.

[9] Cf. Seow, Ecclesiastes, 157: "Ele não está se referindo aqui às atividades específicas de comer e beber, mas à atitude geral diante da vida".

[10] Whybray, Ecclesiastes, 57, chama os versos 13-17 de "o primeiro exemplo no livro do chamado 'aforismo quebrado'".

[11] Observe as afirmações paralelas A, B, C, A', B', C'.

[12] Para a razão pela qual esses dois caminhos estão frequentemente entrelaçados, veja p. 43, nota 100, acima.

[13] A outra possibilidade é a menção ao "único Pastor", em 12.11 (veja abaixo, p. 320–21).

[14] Fred B. Craddock, Preaching (Nashville: Abingdon, 1985), 177.

[15] O Pregador "mostra a absurdidade inerente de uma cultura de 'trabalho total'. Embora esteja falando para judeus helenistas, sua exposição é perfeitamente adequada à moderna América profissional, na qual muitos de nós aprendemos a nos valorizar principalmente em termos de quanto trabalhamos. Nessa cultura, é admirável ser continuamente pressionado pelo tempo". Davis, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 181.

[16] "A escolha de Salomão por sua 'função real' não foi feita somente porque ele era o arquetípico rei sábio, mas igualmente em vista de sua fama de grande riqueza: se nem mesmo Salomão, que tinha tudo que um homem pode possuir, descobriu que seus esforços para alcançar felicidade e contentamento eram profundamente insatisfatórios, muito mais provavelmente pessoas comuns falhariam nessa tentativa". Whybray, Ecclesiastes, 48.

[17] " refere-se a conhecimento prático, habilidade, inteligência, discernimento, inteligência geral e sabedoria". Crenshaw, Ecclesiastes, 72.

[18] O referente de "enfadonho trabalho" é ambíguo. Pode estar no verso 13, a busca pela sabedoria, ou no verso 14, "tudo quanto sucede debaixo do céu". A estrutura paralela dos versos 12-15 e 16-18 favorece a busca por sabedoria, já que sabedoria é o foco do verso 17. Portanto, concordo com Fox, que, ao contrário de muitos comentaristas, escreve que o "enfadonho trabalho" é "a busca por entendimento. O Qohelet vê essa busca como sem esperança, uma tarefa frustrante, mesmo quando realizada em sabedoria e por um sábio (1.12,16; 8.16-17), de quem o Qohelet salomônico é o maior exemplo". Ecclesiastes, 9. Também Whybray, Ecclesiastes,49, com referências a Lauha e Lohfink. Cf. Eaton, Ecclesiastes, 63.

[19] Esta é a primeira menção a Deus. "Aqui, como em outros trinta e nove casos no livro, Deus é chamado pelo nome genérico , o nome preferido na tradição de

sabedoria a YHWH. A preferência pode estar ligada ao interesse da tradição de sabedoria por verdades universais, não na relação de uma divindade específica com um povo específico. YHWH é o nome do Deus da aliança, o Deus de Israel, enquanto é o termo universal para divindade, o Deus do universo e de cada pessoa. Esse Deus descrito pelo Qohelet é muito presente e muito ativo no cosmos, sempre dando... e fazendo... o Deus sobre o qual o Qohelet fala é um Deus transcendente e inescrutável". Seow, Ecclesiastes, 146. Cf. Murphy, Ecclesiastes, lxviiilxix.

[20] Veja p. 68, nota 8, acima.

[21] Seow, Ecclesiastes, 146.

[22] " sugere o pastor que tenta agrupar o vento como agrupa ovelhas e carneiros". Ogden, Qoheleth, 35.

[23] Cf. a palavras de Jesus, em Mateus 6.27: "Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?".

[24] "Talvez seja possível, por meio de esforço intelectual concentrado, distinguir essas coisas mais precisamente – refinar o entendimento que a pessoa tem do mundo – e, assim, escapar da armadilha armada pela vida para a pessoa comum". Provan, Ecclesiastes, 70.

[25] Cf. Eclesiastes 8:16-17: "Aplicando-me a conhecer a sabedoria e a ver o trabalho que há sobre a terra – pois nem de dia nem de noite vê o homem sono nos seus olhos – então contemplei toda a obra de Deus e vi que o homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol; por mais que trabalhe o homem para a descobrir, não a entenderá; e, ainda que diga o sábio que a virá a conhecer, nem por isso a poderá achar".

[26] "Este substantivo ( ) ocorre oito vezes em Eclesiastes, e a RSV o traduz de várias maneiras diferentes, de acordo com os contextos em que ocorre: prazer, alegria, jovialidade, gozo". Whybray, Ecclesiastes, 52.

[27] "É porque 'Salomão' determinou buscá-lo independentemente para si mesmo que ele descobre que, como sua tentativa correspondente de se apoiar em sua sabedoria e conhecimento (1.13,17) isso é totalmente insatisfatório". Ibid.

[28] Fox, A Time to Tear Down, 176.

[29] “Vinhas foram plantadas, jardins e parques, criados (pardes, “parque”, é uma palavra persa que, em grego, torna-se paradeisos, “paraíso”) e, neles, várias árvores frutíferas foram plantadas, reminiscentes do jardim edênico em Gênesis 2”. Ogden, Qoheleth, 40. Para esta associação com o jardim do Éden por meio do sétuplo padrão rítmico desta passagem (“o padrão sétuplo evoca os sete dias da criação, que também são contados em estilo rítmico”), veja Davis, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 178. Para essa associação por meio da recorrência combinada, aqui, de palavras hebraicas encontradas em Gênesis 1 e 2 (plantar, jardim, árvore, fruto, regar, reverdecer, fazer), veja Arian Verheij, “Paradise Retried: On Qohelet 2:4-6”, JSOT 50 (1991) 113-15.

[30] “Suas realizações, embora fossem sem precedentes, equivaliam a nada quando avaliadas pelo critério do “proveito” ( ). Economicamente, o “proveito” é o resultado, a margem de lucro de todo empreendimento humano. De forma mais ampla, marca o legado material que proporciona benefício durável ao realizador, a “taxa de retorno” em função da qual todas as coisas são medidas”. Brown, “‘Whatever Your Hand Finds to Do’”, Int 55/3 (2001) 277. Veja também p. 59, n.31, acima.

[31] Eaton, Ecclesiastes, 68 (ênfase dele).

[32] “As palavras ‘sabedoria’, ‘sábio’ e ‘ser sábio’ ocorrem, juntas, seis vezes em 2.12-17. Isso é compensado por seis ocorrências das palavras ‘loucura’ e ‘tolo’”. Seow, Ecclesiastes, 152.

[33] O Pregador “dessa forma afirma a aplicabilidade universal de seu experimento. Ele se coloca como o rei e conclui que, se o rei não puder encontrar sentido, ninguém mais pode”. Longman, Book of Ecclesiastes, 96.

[34] Whybray, Ecclesiastes, 58.

[35] Veja Murphy, Ecclesiastes, lxvii-lxviii.

[36] “Porque o sábio e o tolo, o bom e o mau, sofrem o mesmo destino, a morte, não há razão para nos esforçarmos pela sabedoria e pela bondade. Esse pensamento desperta no Qohelet ódio pela vida, que é fútil e correr atrás do vento”. Crenshaw, Ecclesiastes, 70.

[37] “Esta passagem é elaborada em torno da noção de , entendido tanto como fruto do trabalho como o próprio trabalho. Como substantivo ou verbo, ocorre não

menos que onze vezes nesta curta seção". Murphy, Ecclesiastes, 27.

[38] Whybray, Ecclesiastes, 62.

[39] Embora alguns comentaristas, e.g., Leupold e Kaiser, sigam a leitura hebraica original, "não há coisa boa [inerente] no homem...", a maioria pensa que a letra foi inadvertidamente perdida (Delitzsch, Commentary, 251, diz que isso está "acima de toda dúvida") e que a frase deve ser lida "não há nada melhor", como em 3.12,22; 8.15. Observe também que "os versos finais do capítulo 2 contêm quatro ocorrências de ["bom"]... em paralelo com as quatro ocorrências de , "sem sentido, sem propósito", que se refere à vida da pessoa que corre atrás do vento nos versos 17-23". Provan, Ecclesiastes, 76.

[40] Veja Brown, Ecclesiastes, 33.

[41] Comer e beber "deve ser interpretado literalmente, embora provavelmente – como em outros lugares do Antigo Testamento e na antiga literatura o Oriente Próximo – represente o gozo das coisas materiais da vida em geral". Whybray, Ecclesiastes, 63. Cf. Seow, Ecclesiastes, 157: "ele não está se referindo aqui a atividades específicas de comer e beber, mas à atitude geral em relação à vida".

[42] Brown, "'Whatever Your Hand Finds to Do'", Int 55/3 (2001) 279.

[43] "A alegria não é um fim a ser buscado, não é algo a ser buscado. De fato, em lugar nenhum o Qohelet chama as pessoas à busca do prazer. Em vez disso, a alegria é apresentada como um presente divino (2.26; 3.12-13,22; 5.19; cf. 9.7)". Seow, "Theology When Everything Is out of Control", Int 55/3(2001) 244.

[44] "O verbo 'dar' ocorre vinte e oito vezes neste curto livro, em quinze delas referindo-se a um ato divino". Davis, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 161.

[45] Ibid., 181.

[46] "Em outro lugar encontramos o princípio: 'A riqueza do pecado é depositada para o justo' (Pv 13.22; cf. 28.8). Incidentes ocasionais (Mordecai recebendo o anel de Hamã, as boas cidades dos cananeus caindo nas mãos dos israelitas) dão um vislumbre do que o Pregador tem em mente". Eaton, Ecclesiastes, 76.

[47] Crenshaw, Ecclesiastes, 91, afirma: "O comentário final, 'também isto é

vaidade e correr atrás do vento’, resume tudo aquilo em que o Qohelet se envolveu para avaliar, não é uma declaração de juízo sobre o modo imprevisível como Deus trata os seres humanos”. Cf. Longman, Book of Ecclesiastes,110: “O tipicamente ambíguo isto [em ‘também isto é vaidade’] provavelmente se refere a mais do que o verso 26, mas certamente o inclui”. É improvável, contudo, que o Pregador recomendasse “alegria” nos versos 25-26 se a considerasse vaidade. Além disso, em todas as suas recomendações seguintes de alegria (3.12-13; 3.22; 5.18-20; 8.15; 9.7-10; 11.8-9), ele não conclui com a avaliação de vaidade. Acredito, portanto, que a “vaidade e correr atrás do vento” no verso 26 se refira especificamente ao ajuntar e amontoar da pessoa que erra o alvo na vida e, subsequentemente, perde todos os seus bens.

CAPÍTULO 4

Deus determina os tempos

Eclesiastes 3.1-15

Sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente;

nada se lhe pode acrescentar

e nada lhe tirar; e isto faz Deus para que

os homens temam diante dele.

(Ec 3.14)

De todas as passagens de Eclesiastes, esta sobre os tempos é, provavelmente, a mais conhecida e mais frequentemente pregada.[1] É uma passagem maravilhosa para ajudar as pessoas a refletir sobre a grandeza de Deus. Um importante desafio é chegar a um entendimento correto, pois os comentaristas propõem uma variedade de interpretações diferentes. Por exemplo, o verso 5 afirma que há tempo para "espalhar pedras". Mas o que significa isso? Alguns comentaristas entendem que é um tempo de guerra, quando se espalham pedras no campo do inimigo. Outros entendem como um tempo de prosperidade, para distribuir a riqueza (pedras preciosas);[2] e, surpreendentemente, vários intérpretes modernos entendem que este é um tempo para intercurso sexual (veja abaixo). O verso 11 diz que Deus pôs no coração humano. Mas o que é ? Crenshaw afirma: "Entre as muitas respostas possíveis, as mais prováveis são: (1) o mundo; (2) a eternidade; (3) as trevas".[3] O verso 15 diz, literalmente: "Deus busca o que é perseguido" (nota de rodapé da NRSV). A questão é: O que Deus busca? "Várias respostas foram oferecidas: (1) os perseguidos; (2) os eventos do passado; (3) os mesmos; (4) o que Deus viu anteriormente".[4] Outro desafio é associar esta mensagem de Eclesiastes a Jesus Cristo, no Novo Testamento.

Texto e contexto

Está claro que Eclesiastes 3.1 começa uma nova unidade literária: o estilo muda de prosa para poesia e os tópicos mudam de “dar sabedoria e alegria” para “Deus estabelece um tempo para tudo”. Mas não é tão claro onde a unidade termina. Com base na recorrência da frase “vaidade e correr atrás do vento”, em 4.4,6, Addison Wright propõe uma unidade que vai de 3.1 a 4.6 sob o título “não se pode determinar o tempo certo de agir”.[5] Como esta seção é grande demais para ser abrangida por um único sermão, precisamos buscar uma unidade menor.

O Revised Common Lectionary atribui Eclesiastes 3.1-13 à noite de Ano-Novo. Contudo, esta não é uma unidade literária completa, pois o verso 14 (repetindo “sei”, do v.12) continua a conclusão da reflexão do Pregador. Nossas opções para um texto de pregação são 3.1-5 ou 3.1-22. Provan, procurando justificar sua escolha de 3.1-22, escreve: “Os versos 16-17 retomam e desenvolvem o tema do controle divino ‘dos tempos’, usando-o para discutir a questão da injustiça no mundo... Os versos 16 e 17 são claramente relacionados aos versos 1-15 temática e sintaticamente (“vi ainda”, heb.)”.[6] Embora as duas seções estejam claramente relacionadas, é igualmente claro que os versos 16-22 tratam de outros tópicos, a saber, a impiedade neste mundo e os seres humanos morrendo como animais. Whybray corretamente afirma: “Os Versos 1-15 devem ser considerados uma única seção. O verso 16 provavelmente marca o início de uma nova seção, embora – como acontece em outros lugares deste livro – não haja um rompimento temático absoluto”.[7] Devemos, portanto, selecionar Eclesiastes 3.1-15 como nosso texto de pregação.

Este texto, é claro, deve ser entendido em seu contexto mais amplo. Há uma importante conexão entre o poema sobre tempos (3.2-8) e o poema anterior, sobre os ciclos na natureza (1.4-9). O poema sobre a natureza começa com a pergunta retórica: “Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho com que se afadiga debaixo do sol?” (1.3), enquanto este poema termina com uma pergunta retórica similar: “Que proveito tem o trabalhador naquilo com que se afadiga?”(3.9). Além disso, a terra permanece para sempre” (1.4) é similar a “tudo quanto Deus faz durará eternamente” (3.14). “Ao movimento

continuamente repetido do sol, do vento e das águas correspondem eventos na vida do indivíduo e da humanidade”.[8] Um comentário em prosa vem depois de cada poema (1.10-11; 3.10-15). “As conclusões são similares nos dois casos: tudo o que aconteceu acontece de novo. Em outras palavras, tudo o que aconteceu acontece de novo (1.9; 3.15)”.[9] O Pregador voltará à questão do tempo em 3.17; 7.17; 8.5-6,9; 9.11-12; 10.17. Seu conselho para desfrutarmos das dádivas diárias de Deus (3.12-13), dado anteriormente em 2.24-25, será dado novamente em 3.22; 5.18-20; 8.15; 9.7-9; 11.8-9. Ele também revisitará seu argumento de que os homens devem temer diante de Deus (3.14) em 5.7; 7.18; 8.12, enquanto um editor resumirá o livro: “De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem” (12.13).

Elementos literários

Uma análise detalhada de vários elementos literários nos ajudará não somente a discernir a estrutura textual, mas também a chegar a uma interpretação correta desta passagem frequentemente mal interpretada. Observaremos as formas literárias, depois examinaremos o paralelismo do poema e, finalmente, discutiremos se partes do poema devem ser entendidas literária ou figuradamente.

As formas literárias

Esta passagem contém várias formas literárias. Depois de uma tese introdutória (3.1), o Pregador apresenta um poema sobre os tempos (3.2-8). Isto é seguido pela pergunta retórica: “Que proveito tem o trabalhador naquilo com que se afadiga?” (3.9). Com seu “Vi”, o Pregador começa uma reflexão no poema (3.10-11), que é seguida por duas conclusões, ambas começando com “Sei” (3.12,14). A segunda conclusão contém um provérbio, “nada se lhe pode acrescentar e nada lhe tirar” (3.14).[10]

Paralelismo no poema

A repetição aparece particularmente nas construções paralelas no poema. O poema consiste de catorze linhas, cada uma delas construída na forma de paralelismo antitético. Por exemplo,

Tempo de nascer e tempo de morrer [A – B]

A maioria dos versos de duas linhas é construída na forma de paralelismo regular (sinônimos ou sintéticos).[11] Por exemplo:

Tempo de nascer	e tempo de morrer [A – B]
Tempo de plantar	e tempo de arrancar o que se plantou [A’ – B’]

O verso 8, em contraste, tem paralelismo invertido:

Tempo de amar	e tempo de aborrecer	12
Tempo de guerra	e tempo de paz	

O poema começa com nascimento e morte e termina com guerra e paz. Crenshaw sugere que “isso dá ao poema um padrão circular, uma estrutura fechada”.[13] Se isto for, de fato, uma inclusio, é fraca. Seria melhor dizer que o poema indica sua conclusão com o incomum (para este poema) paralelismo invertido, que faz com que “paz” seja a palavra final da linha 14.

O poema usa a palavra “tempo” 28 vezes (4 X 7), distribuída pelas 14 linhas (2 X 7). Como 7 é o número da completude (pense nos sete dias da criação), o autor, sem citar todos os tempos possíveis, pretende descrever o número completo de diferentes tempos que os seres humanos podem encontrar durante sua vida.

Isso também fica evidente pelo primeiro par, nascimento e morte, que “marca os limites extremos da existência humana e, assim, por antecipação, define o escopo de toda a lista”.[14] Embora o poema seja dominado pelo “tempo” ( ), este conceito “é significativamente contrastado com , duração, no verso 11, palavra usada para caracterizar a atividade divina no verso 14”.[15]

Algumas outras repetições devem ser observadas. Deus “deu” três coisas: “o trabalho... aos filhos dos homens, para com ele os afligir” (v. 10), “as obras desde o princípio até o fim” (v. 11) e “comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu [do homem] trabalho” (v.13). Além disso, em sua conclusão o Pregador repete duas vezes o confiante “sei” (v.12,14).

Linguagem literal ou figurativa

O último elemento literário que discutiremos é a presença ou ausência de linguagem figurativa. Muitos comentaristas abandonam a relativa segurança da interpretação literal para caminhar pelo terreno escorregadio da interpretação figurativa. Isso é feito frequentemente com base em antigas interpretações ou usos desses termos em outras partes da Escritura. Por exemplo, Leupold defende que as atividades mencionadas nos versos 2-8 não se referem a “relacionamentos puramente humanos”, mas ao “controle [de Deus] e... ao governo da igreja”.[16]

Assim, “tempo de nascer” (v. 2) se referiria a “épocas em que Deus concede à sua igreja a capacidade de produzir filhos”. “Tempo de morrer” refere-se a “épocas de morte para a igreja, quando Deus a castiga por causa de seus pecados”, e assim por diante.[17]

Walter Kaiser corretamente objeta: “O resultado é uma caricatura do resultado pretendido pelo autor”.[18] Os pregadores devem resistir à ideia de espiritualizar e alegorizar quando o sentido literal faz bom sentido e quando o autor não sinaliza que suas palavras devem ser entendidas figuradamente. Por que interpretar “tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou” (v.2b) como “metáforas para vida/morte”[19] quando isso já é afirmado literalmente na linha imediatamente anterior? Se essas frases são metáforas, dificilmente se pode objetar quando outro comentarista dá uma interpretação particular ao seu significado: “na vida, geralmente há momentos de ‘plantar’ e aprofundar raízes e momentos de ‘arrancar’ e romper”.[20]

Semelhantemente, “tempo de derribar e tempo de edificar” (v.3b) faz bom sentido quando entendido literalmente. Por que deveria ser entendido figurativamente: “No Antigo Testamento, as palavras para derrubar e edificar são frequentemente usadas para fazer referência à destruição e edificação da vida humana”?[21]

A mais exorbitante interpretação alegórica é a do verso 5a, “tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras”. Murphy escreve: “Muitos comentaristas propõem uma interpretação encontrada no Midrash Rabbah, que interpreta as ações como intercurso sexual; assim, um certo paralelismo com o verso 5b é obtido. Mas a natureza peculiar da metáfora permanece não explicada”.[22] Não consegui encontrar qualquer evidência de que “espalhar pedras” alguma vez tenha significado intercurso sexual[23] – deixei de fora dessa identificação antigas fontes judaicas e cristãs.[24] Mas certamente a interpretação alegórica em fontes antigas, quando a interpretação alegórica estava em uso, não deve ser seguida por nós hoje. A interpretação alegórica pode ser usada legitimamente apenas quando o autor claramente apresenta uma alegoria, como em Eclesiastes 12.3-4a. Mas, nesta passagem, o autor não sugere que ele tenha tido a intenção de que suas palavras fossem entendidas metaforicamente quando uma interpretação literal faz bom sentido. De fato, em seu contexto, uma interpretação literal desta frase tão debatida forma um paralelo surpreendente. A sétima linha afirma: “tempo de espalhar pedras” nos campos do inimigo em tempo de guerra e “tempo de ajuntar pedras” para que se possa plantar novamente em tempo de

paz. “Compare com a décima quarta linha (2 X 7), “tempo de guerra e tempo de paz”.

Estrutura Textual

Vimos que o Pregador começa com uma afirmação (3.1) e, logo depois, faz um poema sobre os tempos (3.2-8). Depois ele faz a pergunta retórica: “Que proveito tem o trabalhador naquilo com que se afadiga?” (3.9). Com seu “Vi”, ele começa uma reflexão sobre o poema (3.10-11) que leva a duas conclusões, cada uma delas começando com “Sei” (3.12,14). Essas formas nos ajudam a esboçar a estrutura textual:

I. Declaração: Tudo tem seu tempo... há tempo (3.1)

A. Poema com catorze (2 × 7) pares de tempos, um fazendo contraponto ao outro (3.2-8)

B. Conclusão: o trabalhador não tem proveito do seu trabalho (3.9; cf. 1.3; 2.11)

II. Reflexão sobre o trabalho que Deus nos impôs (3.10)

A. Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo (3.11a)

B. Deus pôs um sentimento de eternidade em nosso coração (3.11b)

C. Mas não podemos descobrir o que Deus fez do princípio ao fim (3.11c)

D. Conclusão: Portanto, nada melhor que desfrutar das dádivas de Deus (312-13)

III. Tudo o que Deus faz (presumivelmente a determinação dos tempos) dura para sempre (3.14a)

A. Fortalecida por um provérbio:

Nada se lhe pode acrescentar

E nada lhe tirar (3.14b)

B. Propósito: Deus faz isso para que todos temam diante dele (3.14c)

C. Conclusão: não há nada novo (cf. 1.9); Deus renovará o que se passou (3.15)

Interpretação teocêntrica

Como mencionado, o Revised Common Lectionary atribui esta passagem sobre os tempos ao Ano-Novo. Infelizmente, essa colocação do texto no Ano-Novo pode estimular os pregadores a falar sobre resoluções para o novo ano e sobre como devemos agir no tempo oportuno. Como Seow salienta, “o poema é popularmente entendido como significando que há momentos apropriados para as pessoas agirem e, no momento adequado, até mesmo uma situação censurável pode ser “bela ao seu próprio modo”.[25] Se quisermos desenvolver o sermão nessa direção de pessoas agindo no tempo adequado, acabaremos com um sermão centrado no ser humano e perderemos a intenção do autor. É por isso que, antes de formular o tema textual, é importante levantar a questão: O que esta passagem diz sobre Deus?

William Brown escreve: “Muito embora a humanidade seja o sujeito gramatical dos vários infinitivos – pessoas plantam e arrancam, pranteiam e saltam de alegria –, o sujeito humano de maneira nenhuma é o determinante dos eventos. O Qohelet deixa claro que somente Deus é quem determina; Deus é o ator primário, embora implícito, do cenário temporal. A oscilação sempre constante do pêndulo do tempo é suspensa e sustentada firmemente por Deus”.[26]

Muito embora Deus não seja mencionado na tese inicial e no poema sobre os tempos (v.2-8), a sequência deixa claro que é Deus quem estabelece os tempos. Deus deu “um trabalho aos filhos dos homens” (v.10). Além disso, ele nos dá comida, bebida e prazer no trabalho (v.13). Deus fez “tudo formoso no seu devido tempo” (v.11a) e colocou a noção de eternidade no coração humano (v.11b). Deus age desde o princípio até ao fim (v.11c) e renova “o que se passou” (v.15c). Tudo o que ele faz “dura eternamente” (v.14a). “Isto faz Deus para que os homens temam diante dele” (v.14c).

Tema e objetivo textual

Whybray escreve: “O tema de toda a seção é inconfundível e enfaticamente proclamado pela ocorrência da palavra-chave [tempo] não menos que vinte e nove vezes nos oito primeiros versos e também pela sua ocorrência no verso 11a”.[27] A frequente repetição dessa palavra-chave certamente nos dá uma pista do tema desta passagem. A questão, contudo, é: O que o autor quer dizer sobre o tempo? Ele está falando sobre os seres humanos discernirem o tempo correto para agir, sobre Deus determinando os tempos ou sobre as duas coisas? Embora a passagem fale sobre “trabalhador” (v.9), em nenhum lugar ela deixa explícito que as pessoas devem agir no tempo certo. Pelo contrário, ela claramente afirma que Deus estabelece os tempos. De fato, ele “tudo fez formoso no seu devido tempo” (v.11). O verso-chave é encontrado na conclusão: “Sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente... e isto faz Deus para que os homens temam diante dele” (v.14). Essas considerações levam à seguinte declaração temática: O Deus soberano estabelece os tempos para sempre para que as pessoas o temam.

O objetivo do autor ao apresentar sua mensagem a Israel está implícito no objetivo de Deus afirmado no verso 14: “para que os homens temam diante dele”. Mas o objetivo do autor é mais do que simplesmente encorajar Israel a temer a Deus. Com seu longo poema sobre os tempos e os argumentos seguintes, ele procura convencer Israel a temer diante de Deus. Portanto, podemos formular o objetivo do autor da seguinte forma: Convencer os israelitas a temer diante de Deus, seu Deus soberano.

Maneiras de pregar Cristo

Como podemos nos mover do tema declarado para Jesus Cristo, no Novo Testamento? Esta passagem não contém uma promessa da vinda do Messias nem um tipo de Cristo. Isso nos deixa com cinco maneiras de explorar. Como a progressão histórico-redentiva e os temas longitudinais mais uma vez estão entrelaçados, nós os combinaremos.

Progressão histórico-redentiva/Temas longitudinais

Esta combinação provavelmente oferece o melhor caminho para chegarmos a Cristo, no Novo Testamento. Iain Provan observa: “Que Deus, não seres mortais, controla os “tempos” é uma convicção bíblica fundamental. Assim, o relato bíblico do passado de Israel não foca primariamente forças políticas e sociais, que dirigem a história, nem os grandes heróis que, segundo se diz, moldam sua direção. Ele retrata o passado, em vez disso, como uma entidade formada por Deus, que age em graça e juízo, no meio de todas as ações de seus participantes humanos e de outros participantes”.[28] Pode-se traçar esse tema de Deus controlando os temas no Antigo Testamento de Gênesis a Malaquias[29] e entrando no Novo Testamento.

No tempo determinado, também chamado “plenitude do tempo”, Deus enviou seu Filho, Jesus Cristo, a este mundo. Paulo escreve: “(...) vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (Gl 4.4-5). Jesus começou seu ministério pregando: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15). Quando as autoridades tentaram prender Jesus, João relata que “ninguém lhe pôs a mão, porque ainda não era chegada a sua hora” (Jo 7.30). Mas a hora de Jesus veio logo: “(...) antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que

era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai...” (Jo 13.1). Jesus disse aos seus discípulos: “Ide à cidade ter com certo homem e dizei-lhe: O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos” (Mt 26.18). Mais tarde, Paulo escreve: “(...) Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios” (Rm 5.6).

Jesus ressuscitou dos mortos, prometeu voltar e subiu ao céu. Ele havia predito que, antes de sua segunda vinda, haveria um tempo de grande tribulação: “(...) Nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem jamais haverá”. Mas “Logo em seguida à tribulação daqueles dias... aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt 24.21, 29-31).

Enquanto vivemos nessa época de interlúdio, Paulo nos orienta: “Exorto-te, perante Deus, que preserva a vida de todas as coisas, e perante Cristo Jesus, que, diante de Pôncio Pilatos, fez a boa confissão, que guardes o mandato imaculado, irrepreensível, até à manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo; a qual, em suas épocas determinadas, há de ser revelada pelo bendito e único Soberano, o Rei dos Reis e Senhor dos senhores (1Tm 6.13-15).

Analogia

Assim como o Pregador afirmou que Deus estabeleceu os tempos, Jesus ensina que Deus estabeleceu o tempo para a vinda do “Filho do Homem”. “(...) a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mt 24.36). Mas, enquanto o Pregador chegou à conclusão de que devemos temer diante de Deus, Jesus chega à conclusão de que devemos “vigiar” e “ficar apercebidos” (Mt 24.42,44).

Referências do Novo Testamento

Em adição às referências mencionadas acima, também podemos considerar Mateus 16.1-4. Imediatamente após Jesus ter curado muitas pessoas e alimentado quatro mil pessoas (Mt 15.29-39),

Aproximando-se os fariseus e saduceus, tentando-o, pediram-lhe que lhes mostrasse um sinal vindo do céu. Ele, porém, lhes respondeu: Chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está avermelhado; e, pela manhã: Hoje, haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos? Uma geração má e adúltera pede um sinal; e nenhum sinal lhe será dado, senão o de Jonas (Mt 16.1-4).

Os “sinais dos tempos” que Jesus tem em mente são sua chegada, sua pregação e seus milagres; estes sinais mostram que o reino de Deus, há muito esperado, está próximo. Quando iniciou seu ministério, Jesus proclamou: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15).

Contraste

Não há contraste entre a mensagem do Pregador e a do Novo Testamento.

Tema e objetivo do sermão

Como o Novo Testamento não muda o tema do autor, o tema do sermão pode ser idêntico: O Deus soberano estabelece os tempos para sempre para que as pessoas o temam.

O objetivo do autor ao apresentar esta mensagem a Israel é igualmente válido hoje: Convencer os ouvintes a temer diante de Deus, seu Deus soberano. Este objetivo aponta para a necessidade tratada neste sermão: as pessoas não temem diante de Deus.

Exposição do sermão

Pode-se começar o sermão com uma ilustração contemporânea de pessoas que não temem diante de Deus. Um ateu nega a própria existência de Deus; insulta a Deus; usa o nome de Deus em vão. Um cientista moderno alega que a verdadeira ciência deve explicar a origem do cosmos sem referência a Deus. Um evangelista místico tenta manipular Deus, frequentemente usando o nome dele e o de Jesus em trabalhos de cura, com o objetivo final de enriquecer. Um cristão fala com Deus em oração como se Deus fosse um mero colega. Um teólogo disseca a natureza de Deus como se Deus fosse uma criatura. Em nosso trabalho, todos nós temos momentos em que pensamos que só nós somos responsáveis e nos esquecemos de Deus.

Quando o Pregador escreveu esta mensagem a Israel, os israelitas também estavam ocupados comprando e vendendo, fazendo fortunas e perdendo-as, pensando que só eles eram responsáveis. Eles não temiam diante de Deus. O Pregador começa a se opor a este problema de forma suficientemente inocente, lembrando a Israel e a nós hoje que há tempo para tudo.

Eclesiastes 3.1: “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu”. Para tudo há um tempo apropriado. A vida humana não é um acaso. Há um tempo apropriado para “todo propósito debaixo do céu”.

Ele ilustra seu argumento com um poema sobre os tempos. Esse poema menciona a palavra “tempo” vinte e oito vezes. Há tempo para isso e tempo para aquilo – vinte e oito vezes. “Parece um relógio que, inexorável e independentemente dos desejos das pessoas, continua funcionando. Aconteça o que acontecer, e não há nada que se possa fazer sobre isso”.[30]

O poema começa com os tempos que começam e terminam a vida humana. Verso 2: “Tempo de nascer e tempo de morrer”. Não decidimos nascer, muito menos o tempo de nascer. E não decidimos o tempo de morrer. O tempo de nascer e o tempo de morrer estão fora do nosso controle.

O poema combina a este primeiro par um segundo par:

[tempo de nascer e tempo de morrer];

Tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou.

Novamente, não controlamos o tempo de plantar nem o de arrancar o que foi plantado. Plantamos nossas árvores frutíferas no tempo apropriado e, quando ficam velhas e não produzem mais fruto, nós as arrancamos. Plantamos nossas flores na primavera e, no outono, as arrancamos. Somos livres, é claro, para plantar flores fora do tempo adequado. Podemos decidir plantar nossas flores no meio do inverno. Somos livres para ignorar os tempos apropriados, mas isso seria tolice. Somos livres para plantar sempre que quisermos, mas não podemos controlar o tempo apropriado.

Verso 3: “Tempo de matar e tempo de curar”. Novamente, não controlamos o tempo apropriado para isso. Não podemos matar em qualquer tempo, mas há tempo apropriado para isso. Por exemplo, para autodefesa em tempo de guerra. Mas também há tempo apropriado para curar, isto é, para preservar a vida quando a guerra termina e o tratado de paz é assinado.

Associado a “tempo de matar e tempo de curar”, está “tempo de derribar e tempo de edificar”. Novamente podemos pensar em um tempo de guerra. “Um exército invasor derruba edifícios, mas, depois que as hostilidades cessam, eles são reconstruídos”.[31] Mas também podemos pensar de maneira mais ampla: “Na antiga Palestina, a construção geralmente requeria o desmantelamento de estruturas de pedra já existentes”.[32] O mesmo acontece hoje em nossas cidades do interior. Prédios são derrubados, implodidos, para dar lugar a edifícios mais modernos. “Tempo de derribar e tempo de edificar”.

Verso 4:

Tempo de chorar e tempo de rir;

Tempo de prantear e tempo de saltar de alegria.

Há tempos apropriados para chorar e para rir. A segunda linha intensifica o tempo de chorar: é um tempo de prantear. No funeral de uma pessoa amada, não apenas choramos, mas pranteamos profundamente. Mas então, novamente, há um tempo em que é apropriado não apenas rir, mas saltar e dançar de alegria.[33]

Verso 5:

Tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras;

Tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar.

Novamente podemos pensar em um tempo de guerra. “Durante a guerra, pedras são jogadas em campos cultiváveis para torná-los inúteis”.[34] Aqueles que já estiveram em Israel se lembrarão que, ainda hoje, uma das principais características da Palestina é a grande quantidade de pedras. Lemos em 2Reis que Israel, em sua guerra contra Moabe, foi instruído: “Danificareis com pedras todos os bons campos”; e Israel concordou: “(...) cada um lançou a sua pedra em todos os bons campos, e os entulharam” (3.19,25). Como resultado, os moabitas não podiam semear seus campos nem fazer suas colheitas. “Em tempo de paz, as pedras tinham que ser retiradas do campo antes do cultivo; nas ladeiras, essas pedras eram geralmente organizadas em terraços, para evitar a erosão, armazenar água da chuva e permitir que ela penetrasse no solo”.[35]

A linha que faz par com “tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras” é “tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar”. Também se pode associar esta linha a tempos de guerra e paz. Em um tempo de guerra, a pessoa se abstém de abraçar o inimigo, enquanto, em tempo de paz, pode abraçar aquele que outrora foi seu inimigo.[36] Mas também se pode pensar de maneira mais ampla: há tempos apropriados para abraçar, como quando uma pessoa se casa, e tempos apropriados para afastar-se, como quando alguém contrai lepra ou outra enfermidade contagiosa. Verso 6:

Tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar

e tempo de deitar fora.

Há tempo apropriado para buscar, isto é, adquirir posses,[37] e tempo apropriado para perder posses. “A referência pode ser à família, quando as mulheres procuravam alguma coisa (como na parábola da dracma perdida) que tinha sido perdida. Facilmente se pode pensar em várias circunstâncias em que procurar era oportuno e em que uma busca infrutífera finalmente justificava a decisão de considerar o objeto permanentemente perdido”.[38]

Esta linha está em par com “tempo de guardar e tempo de deitar fora”. Há um tempo apropriado para guardar posses, mas também há um tempo apropriado para “deitar fora”, descartar posses. Uma fonte antiga “menciona o descarte da carga de um navio em uma tempestade”.[39] Pense nos marinheiros do barco onde estava Jonas lançando a carga no mar para aliviar a embarcação durante a tempestade. Ainda hoje, com o declínio da atividade comercial, as pessoas podem pensar que este é o tempo adequado para liquidar certos estoques. Certamente para os casais mais velhos chega o tempo de “abrir mão”. Verso 7:

Tempo de rasgar e tempo de coser.

Esta linha se refere claramente a antigas práticas de demonstração de tristeza. Quando as pessoas pranteavam a morte de um ente querido, expressavam sua tristeza rasgando suas roupas. Por exemplo, quando Rubem pensou que seu irmão mais novo, José, havia sido morto, ele “rasgou as suas vestes”. Quando mais tarde Jacó pensou que seu filho preferido estava morto, ele “rasgou as suas vestes” (Gn 37.29,34).[40] Mas, quando o tempo de prantear passava, as pessoas costuravam suas roupas de novo.

Esta linha está emparelhada com “tempo de estar calado e tempo de falar”. As pessoas expressavam a tristeza pela morte de um ente querido mantendo silêncio. Os amigos de Jó “sentaram-se com ele na terra, sete dias e sete noites; e nenhum lhe dizia palavra alguma, pois viam que a dor era muito grande” (Jó

2.13). Quando o tempo de prantear terminava, era novamente “tempo de falar”. Mas o “tempo de estar calado” não precisava ser restrito a um tempo de tristeza. “O foco... pode estar associado ao importantíssimo tema sapiencial de saber o tempo adequado para falar e para abster-se de falar”.[41]

As linhas finais do poema estão no verso 8:

Tempo de amar e tempo de aborrecer;[42]

Tempo de guerra e tempo de paz.

“Tempo de aborrecer” está ligado a “tempo de guerra”, enquanto “tempo de amar” está ligado a “tempo de paz”. O poema termina com este grande contraste: “Tempo de guerra e tempo de paz”. “De acordo com a Midrash [uma exposição judaica], este par resume vários outros, a saber, arrancar/plantar, buscar/perder, derrubar/edificar, matar/curar, rasgar/coser e odiar/amar”.[43]

O poema se parece muito com o poema sobre os ciclos da natureza, no capítulo 1:

Geração vai e geração vem...

Levanta-se o sol e põe-se o sol...

O vento vai para o sul e faz o seu giro para o norte... (1.4-6).

Assim como vemos estes ciclos repetidos na natureza, também observamos tempos determinados para a vida na terra:

(...) tempo de nascer e tempo de morrer;

tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou (...)

– e assim por diante.

E assim como o Pregador levantou a questão no capítulo 1, “que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol” (1.3), aqui, ele levanta a questão no verso 9: “Que proveito tem o trabalhador naquilo com que se afadiga?” A resposta esperada é a mesma. O trabalhador não tem nenhum proveito em seu trabalho. Percebe como um tempo anula o outro? “Tempo de nascer e tempo de morrer”. Nada resta. Um tempo de plantar nossas flores na primavera e tempo de arrancá-las no outono. Não há ganho. “Tempo de derrubar e tempo de edificar”. Nada mudou. “Que proveito o trabalhador tem naquilo com que se afadiga?” Absolutamente nenhum.[44]

Até aqui o Pregador não disse nada sobre o modo e a razão dos tempos. Ele meramente ilustrou que há tempo para tudo e que esses tempos se anulam. Mas quem estabeleceu esses tempos? E por quê? Na próxima seção, ele responderá a essas perguntas importantes. Ele escreve nos versos 10 e 11: “Vi o trabalho[45] que Deus impôs aos filhos dos homens, para com ele os afligir. Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo (...)”. O Deus soberano estabeleceu os tempos. Ele é aquele que fez “tudo formoso no seu devido tempo”. O “tudo” refere-se ao verso 1, “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo...” Isso inclui os tempos de nascer e morrer, plantar e arrancar, guerra e paz. Deus soberanamente estabeleceu todos esses tempos.

Deus também estabeleceu o tempo em que Jesus nasceria. O Novo Testamento o chama de “plenitude do tempo”. Paulo escreve: “vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (Gl 4.4-5). Jesus estava muito consciente dos tempos estabelecidos por Deus. Ele começou seu ministério pregando: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15). Jesus também sabia que Deus tinha estabelecido um tempo para sua morte. Pouco antes de sua crucificação, Jesus disse aos seus discípulos: “Ide à cidade ter com certo homem, e dizei-lhe: O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos” (Mt 26.18). Naquela noite, Jesus transformou a Páscoa do Antigo Testamento na Ceia do Senhor. Ele “(...) tomou

um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados. E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco, no reino de meu Pai" (Mt 26.27-29).

Jesus morreu e, no tempo determinado (Mc 8.31), ressuscitou dos mortos. Antes de subir ao céu, Jesus se encontrou com seus discípulos. Eles lhe perguntaram: "Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?" Jesus respondeu: "Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua própria autoridade." Deus soberanamente estabeleceu os tempos. Mas os anjos asseguraram aos discípulos: "Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir" (At 1.6-7,11). No tempo de Deus, Jesus virá novamente para estabelecer o reino de Deus na terra com perfeição. "Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo".

O Pregador continua, no verso 11: "Também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim". Assim como Jesus disse aos seus discípulos "não vos compete conhecer tempos", assim também o Pregador do Antigo Testamento declara que o ser humano não pode "descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim". Não sabemos o que Deus fez no passado distante nem o que fará no futuro distante.

Na verdade, o Pregador também diz aqui que Deus "pôs a eternidade no coração do homem". Diferentemente dos animais, que vivem somente o presente, podemos estudar o passado e contemplar o futuro. Deus nos deu o tipo de autoconsciência que nos permite transcender o presente e refletir sobre o passado e o futuro.[46]Mas ainda não conseguimos compreender o quadro inteiro. "Somos como uma pessoa desesperadamente míope, tateando uma grande tapeçaria ou um afresco para tentar compreendê-lo. Vemos o suficiente para reconhecer algo de sua qualidade, mas o grande desenho nos escapa, pois nunca conseguimos recuar o suficiente para vê-lo como o Criador vê, tudo ao mesmo tempo, do início ao fim".[47]

Como somos incapazes de entender completamente o significado dos tempos de Deus, o Pregador conclui, nos versos 12 e 13: "Sei que nada há melhor para o homem do que se regozijar e levar vida regalada; e também que é dom de Deus que possa o homem comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu trabalho". Este

conselho é um eco da conclusão anterior: como todos os esforços humanos são vaidade, “nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que sua alma goze o bem do seu trabalho. No entanto, vi também que isto vem da mão de Deus” (2.24). Nesse caso, como os seres humanos não conseguem entender os tempos que Deus estabeleceu, muito menos controlá-los, é melhor se concentrarem no presente: desfrutar das dádivas de comida, bebida e trabalho.[48]

Mas há mais. O verso 14 é o verso-chave de toda esta passagem: “Sei que tudo quanto Deus faz[49] durará eternamente;[50] nada se lhe pode acrescentar e nada lhe tirar; e isto faz Deus para que os homens temam diante dele”. Aqui finalmente temos uma resposta à pergunta “por que Deus estabeleceu os tempos?” O Pregador diz: “Tudo quanto Deus faz durará eternamente”. Os tempos que Deus estabeleceu são permanentes e imutáveis.[51] “Nada se lhe pode acrescentar e nada lhe tirar”. Não podemos acrescentar nada ao passado nem tirar nada dele. Da mesma forma, não podemos acrescentar nada ao futuro, nem tirar nada dele. O ponto é que “aquilo que Deus fizer invariavelmente será feito, e nenhum ser humano pode esperar alterar o curso das coisas por seu próprio esforço”.[52] “Isto faz Deus”, conclui o Pregador no verso 14, “(...) para que os homens temam diante dele”. Foi por isso que Deus estabeleceu os tempos: “Para que os homens temam diante dele”. Este foi o propósito de Deus[53] ao estabelecer os tempos. Os tempos de Deus nos deixam conscientes de nossa impotência: não podemos controlar os tempos. Os tempos de Deus nos deixam conscientes de nossa total dependência de Deus: não podemos sequer conhecer os tempos. A consciência de nossa impotência e dependência nos faz temer diante de Deus. Ele é o Deus soberano que controla todas as coisas. Jesus diz: “Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento do vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados” (Mt 10.29-30). Deus estabeleceu os tempos; ele controla todas as coisas.

No verso 15, o Pregador reitera mais uma vez sua afirmação de que Deus controla todas as coisas: “O que é já foi, e o que há de ser também já foi”. Isto é, o presente já esteve no passado e o futuro já está no presente. Em outras palavras, “passado, presente e futuro estão unidos”.[54] O fim do verso 15 repete esta noção: “Deus fará renovar-se o que se passou”,[55] isto é, Deus renova os eventos do passado e os traz à existência.[56] O pensamento é similar ao do poema inicial: “O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol” (1.9). Os tempos de Deus não apenas “durarão eternamente” (v.14a), mas também formam um todo coerente (v.15).

O ponto é que Deus está no controle dos tempos. E, como o verso 14 afirma, “isto [ie., o estabelecimento dos tempos para sempre] faz Deus para que os homens temam diante dele”. O Deus soberano estabeleceu os tempos para sempre, diz o texto, literalmente, “para que todos temam diante dele” – para que todos reverenciem a Deus; para que todos honrem a Deus como o Deus soberano.[57]

Por que geralmente não tememos a Deus? Por que geralmente pensamos que só nós estamos no comando e nos esquecemos de Deus? Por que é que mesmo quando nos lembramos de Deus e nos aproximamos dele em oração fazemos isso com falta de reverência como se ele fosse nosso colega ou procuramos manipulá-lo? Por que é que geralmente não reverenciamos a Deus?

Será que não o reverenciamos porque não o vemos? Quando vemos um fogo aceso perto de nós, tememos. Quando vemos um tornado se aproximando, tememos. Quando Israel viu os relâmpagos no Monte Sinai e ouviu o trovão, “todo o povo que estava no arraial estremeceu” (Êx 19.16). Mas, quando os sinais da terrível presença de Deus foram embora, eles logo se rebelaram contra Deus.

Devido à nossa falta de temor diante de Deus, o Pregador nos leva a considerar a mão de Deus que vemos na criação ao nosso redor. Deus estabeleceu os tempos aos quais estamos sujeitos. Deus estabeleceu o tempo para nosso nascimento e para nossa morte e para tudo o que acontece entre uma e outra. Em outras palavras, Deus está no controle e somos completamente dependentes dele. Quando refletimos profundamente sobre a grandeza de Deus e nossa dependência de Deus, somos obrigados a temer diante dele.

Jesus também nos ensinou a temer diante de Deus. Ele disse: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mt 10.28). Jesus também nos instruiu a nos dirigirmos a Deus como “Pai nosso, que estás nos céus” (Mt 6.9). Deus está no céu.[58] Isso significa que Deus é totalmente diferente de nós, suas criaturas. Ele é infinito e nós somos finitos. Ele tem toda autoridade e nós somos seus súditos. Ele controla os tempos, e nós somos sujeitos aos tempos.

Só há um modo de abordarmos esse Deus, e esse modo é o temor. Quer busquemos Deus em oração pessoal ou o adoremos com seu povo, quer estudemos sua palavra ou sua criação, só há um modo de nos aproximarmos de

Deus – com reverência e temor. Como diz o autor de Hebreus, “(...) recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12.28-29). Devemos sempre nos aproximar de Deus com reverência e temor.[59]

---

[1] Esta é a única passagem de Eclesiastes que o Revised Common Lectionary atribui aos Anos ABC.

[2] Provan, Ecclesiastes, 88, escreve: “Parece mais provável... que esta linha em 3.5 se refere ao acúmulo e à distribuição de bens e que a imagem de ajuntar pedras é usada para se referir à prática de acumulação. O hebraico (pedra) pode ser usado para fazer referência a pedras preciosas”.

[3] Crenshaw, Ecclesiastes, 97.

[4] Ibid., 100.

[5] Wright, “Riddle of the Sphinx Revisited”, CBQ 42 (1980) 49. Veja seu diagrama na p. 21, acima. Murphy, Ecclesiastes, 28-39, sugere a mesma unidade sob o título “Uma reflexão sobre tempo e trabalho”. Juntamente com outros comentaristas, Murphy, ibid., 31, subdivide esta unidade “do ponto de vista do conteúdo” em quatro partes: 3.1-15; 3.16-22; 4.1-3; 4.4-6.

[6] Provan, Ecclesiastes, 91, 92. Na verdade, pode-se lidar com uma unidade maior em um comentário do que em um sermão, que requer um foco único.

[7] Whybray, Ecclesiastes, 65. Cf. Ogden, Qoheleth, 51: “Esta seção tem um tema distintivo – tempo – que a separa do capítulo anterior. Podemos fixar seu ponto terminal em 3.15 com base no fato de que os versos 16-22 tratam de um tópico diferente”.

[8] Joseph Blenkinsopp, “Ecclesiastes 3:1-15: Another Interpretation”, JSOT 66 (1995) 63.

[9] Seow, Ecclesiastes, 169.

[10] “Sendo um provérbio, não nos surpreende encontrar declarações que usam um vocabulário quase idêntico em outros lugares (Dt 4.2; 13.1 [12.32]; e, em parte,

em Pv 30.6).” Longman, Book of Ecclesiastes,123.

[11] Para uma rápida revisão dos diferentes tipos de paralelismo, veja p. 50, acima. Para exemplo de paralelismo sintético, veja o verso 4 em “Exposição do sermão”, abaixo.

[12] Para um exemplo concreto de como a consciência de paralelismo pode ajudar na interpretação, veja nota 36, abaixo.

[13] Crenshaw, Ecclesiastes, 93.

[14] Whybray, Ecclesiastes, 68. Este mecanismo poético é chamado de “merisma”.

[15] Murphy, Ecclesiastes, 31. Loader, Ecclesiastes, 33-38, apresenta um padrão mais elaborado para o poema, baseado naquilo que considera tempos favoráveis e desfavoráveis. Mas suas decisões sobre o que é favorável às vezes são especulativas e forçam uma interpretação específica do texto” (e.g., veja v.5a). Para uma crítica do padrão de Loader, veja Whybray, Ecclesiastes, 69, e Seow, Ecclesiastes, 170-71.

[16] Leupold, Exposition of Ecclesiastes, 81 (ênfase sua). Leupold justifica sua interpretação alegórica como segue “Pois assim, indica Jerônimo, esta passagem era interpretada desde os dias antigos pelo judeus no Targum... como referindo-se a Israel... Também pode ser demonstrado que todas essas atividades para as quais se diz que há tempo específico são mencionadas, em outros lugares da Escritura, como formas de atividade em que Deus, em um momento ou outro, engajou-se para a correção ou para o livramento da igreja”. Ibid., 81-82.

[17] Ibid., 84.

[18] Kaiser, Ecclesiastes, 63.

[19] Murphy, Ecclesiastes, 33. Cf. Seow, Ecclesiastes, 160: “O sentido literal é adequado, embora também seja possível que esta linha continue o tema do verso 2a, como muitos estudiosos sugerem. Isto é, ‘plantar’ pode ser uma metáfora para vida e ‘arrancar’, para morte”.

[20] Provan, Ecclesiastes, 88.

[21] Loader, Ecclesiastes, 36. A razão de Loader para esta interpretação é que ele

reforça seu padrão geral: “A primeira linha no verso 3 é expandida pela segunda”.

[22] Murphy, Ecclesiastes, 33. Murphy continua: “K. Galling, que salienta que, de outra forma, a metáfora está ausente nos versos 2-8, sugere que se trata de pedras para contagem, usadas em transações comerciais. H. Hertzberg refere-se às ações de um fazendeiro que trabalha em seu campo”.

[23] Para detalhes, veja Seow, Ecclesiastes, 161.

[24] Veja J. Robert Wright, Proverbs, Ecclesiastes, 223-25. Por exemplo, Wright cita Agostinho, The Excellence of Widowhood 8.11: “Quanto a vocês, vocês têm filhos e vivem naquele fim do mundo em que já não é tempo para ‘espalhar pedras, mas de ajuntar; não de abraçar, mas de afastar-se’. [Este é um tempo] quando o apóstolo clama: ‘Mas digo isto, irmãos, o tempo é curto; aqueles que têm esposa devem viver como se não tivessem’”.

[25] Seow, Ecclesiastes, 169. Seow continua: “Colocado adequadamente em seu presente contexto, contudo, torna-se claro que o poema não fala sobre a determinação humana de eventos, nem sobre o discernimento humano de tempos e estações. Ele fala sobre a atividade de Deus e a apropriada resposta humana a eles”. Ibid.

[26] Brown, Ecclesiastes, 42.

[27] Whybray, Ecclesiastes, 65-66.

[28] Provan, Ecclesiastes, 94-95.

[29] Veja ibid.

[30] Loader, Ecclesiastes, 35.

[31] Longman, Book of Ecclesiastes, 115. Longman adverte: “Não se pode forçar demais este argumento, pois as palavras são amplamente usadas fora do contexto de guerra”.

[32] Crenshaw, Ecclesiastes, 94.

[33] Veja Loader, Ecclesiastes, 36, com referências ao salmo 114.4,6, em que o

mesmo verbo é usado.

[34] Crenshaw, Ecclesiastes, 94. Cf. Fox, A Time to Tear Down, 208.

[35] Ibid. Veja Isaías 5.2.

[36] Esta interpretação é justificada porque o paralelismo invertido (AB. B'A') está em linha com o paralelismo invertido do verso 8 e liga o paralelismo entre a sétima e a décima-quarta linha do poema: em tempo de guerra, "espalhar pedras"; em tempo de paz, "ajuntar pedras" (v.5a) e "tempo de guerra e tempo de paz" (v.8b).

[37] Veja Murphy, Ecclesiastes, 34.

[38] Crenshaw, Ecclesiastes, 95. Seow, Ecclesiastes, 162, observa que "o verbo [para perder] é usado em Jeremias 23.1 para fazer referência a pastores que dispersam as ovelhas – deixam-nas perecer".

[39] Targum; Fox, Ecclesiastes, 22.

[40] Veja também 2Samuel 1.11; 3.31; e 13.31.

[41] Longman, Book of Ecclesiastes, 117, com referência a Provérbios 10.19; 13.3; 16.24; 17.27;21.23; 25.11 e especialmente 15.23.

[42] "Até mesmo o ódio tem seu tempo, como é demonstrado nos Salmos imprecatórios (por exemplo, Sl 58.6-11; 137.7-9; 139.19-22; cf. Ec 2.18). Cada atividade tem seu valor e sua utilidade relativos, seu "lugar" no grande esquema providencial." Brown, Ecclesiastes, 41. É claro, Jesus disse: "Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem" (Mt 5.43-44).

[43] Fox, Ecclesiastes, 22.

[44] "Assim como os rios correm continuamente para o mar sem efeito (1.7), assim também o trabalho incessante continua sem ter sequer o prospecto de garantir ganho tangível. Dentro de um estado de existência frágil com a interminável reciclagem da atitvidade humana (3.2-8), a questão do ganho continua para sempre um non sequitur". Brown, "'Whatever Your Hand Finds to Do'," Int 55/3 (2001) 277.

[45] “O ‘trabalho’ em questão é descrito no verso seguinte: tentar entender o que Deus traz à existência, o que é, sem dúvida, uma tarefa impossível de ser realizada”. Fox, Ecclesiastes, 22. Cf. Eclesiastes 8.17: “Então, contemplei toda a obra de Deus e vi que o homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol; por mais que trabalhe o homem para a descobrir, não a entenderá; e, ainda que diga o sábio que a virá a conhecer, nem por isso a poderá achar”.

[46] “Os seres humanos são dotados com a facilidade de se afastar de situações imediatas e eventos específicos que requerem sua atenção para ter um vislumbre da totalidade da existência, inclusive a sua própria. Este é o objetivo da autoconsciência. No entanto, eles permanecem ignorantes da providência intencional que serve de base para a totalidade... A capacidade de transcender a si mesmo, de fato, aponta para o enigma da existência humana para o Qohelet. Os seres humanos são dotados com a capacidade de olhar para a além da imediaticidade da vida, elevar-se, delicadamente, acima das circunstâncias para sentir o eterno, mas nunca são totalmente capazes de entender seu sentido”. Brown, Ecclesiastes,43, 44.

[47] Kidner, A Time to Mourn, 39.

[48] “Uma vez que a busca pelo sentido básico da vida é frustrada, o melhor a se fazer é buscar os pequenos e sensuais prazeres da vida”. Longman, Book of Ecclesiastes, 121.

[49] “Com esta expressão, [o Pregador] certamente se refere a ‘fez’ (v.11) Deus formoso no seu devido tempo, e, assim, recupera os versos 1-8”. Longman, ibid., 123.

[50] “Eternamente. Quer dizer, não limitado pelo tempo e existindo invariavelmente ( ). O sentido de é esclarecido pela linha seguinte: ‘nada se lhe pode acrescentar e nada lhe tirar’” Seow, Ecclesiastes, 164.

[51] Veja Murphy, Ecclesiastes 35.

[52] Seow, Ecclesiastes, 174.

[53] Fox traduz: “Deus quer que os homens temam diante dele” (assim introduz uma cláusula de propósito)”. A Time to Tear Down, 212-13.

[54] Ogden, Qoheleth, 57.

[55] Estou seguindo a interpretação dada na tradução da NRSV. Também se pode usar uma interpretação diferente usando uma nota de rodapé, “heb.o que é buscado”. A questão é: O que é precisamente que Deus renova? Seow, Ecclesiastes, 174, escreve: “A frase final... parece sugerir que é Deus quem cuidará do que é buscado, a saber, de todos aqueles assuntos que estão além do conhecimento humano”. Cf. ibid., 166. Cf. Brown, Ecclesiastes, 46: “Somente Deus tem êxito em renovar e apreender tudo o que é visto (por Deus ou pelo ser humano). Somente Deus determina o resultado, tais como quem vencerá a batalha, quem receberá o ganho de outro e quem será bem-sucedido (cf. Pv 16.1,9; 21.31)”.

[56] Cf.Murphy, Ecclesiastes, 30: “A referência, então, é ao passado ou aos eventos do passado, que Deus chamará de volta à existência, em harmonia com o pensamento do verso 15a”. Veja ibid., nota 15, para várias opções de interpretação desta difícil sentença. Crenshaw, Ecclesiastes, 100, sugere que “Deus assegura que eventos que acabaram de ocorrer não evaporam no ar. Deus os traz de volta mais uma vez, de modo que o passado circula o presente”. Cf. Blenkinsopp, “Ecclesiastes 3:1-15,” JSOT 66 (1995) 62-63: “Deus renova o que se passou, isto é, Deus chama de volta ocorrências que se moveram do futuro para o presente e dali para o passado para que possam ser recicladas eventualmente em um novo presente”.

[57] “A reverência a Deus é baseada em uma aguda consciência da finitude da pessoa diante de Deus, o totalmente Outro e totalmente soberano... Temor é a resposta apropriada ao mysterium tremendum”. Brown, Ecclesiastes, 45. Cf.Murphy, Ecclesiastes, lxiv: “O sentido fundamental é reverência diante do numinoso, do tremendum (Êx 20.18-21)”.

[58] Cf. Eclesiastes 5.2, “Deus está nos céus, e tu, na terra”.

[59] Uma meditação baseada nesta pesquisa é encontrada no Apêndice 3, abaixo.

CAPÍTULO 5

Trabalhando em um mundo ímpio

Eclesiastes 3.16–4.6

Melhor é um punhado de descanso

do que ambas as mãos cheias de

trabalho e correr atrás do vento.

(Ec 4.6)

Esta passagem trata do trabalho em um mundo cheio de competição implacável, impiedade, opressão e inveja. Como todos nós precisamos trabalhar, este é um bom texto de pregação para qualquer época, mas especialmente para o domingo anterior ao Dia do Trabalho. Um importante desafio será descobrir alguma progressão lógica de pensamento em uma passagem que, à primeira vista, parece desarticulada. Além disso, o significado de algumas palavras e sentenças não é claro. Por exemplo, como Deus está "provando" os seres humanos (3.18)? Qual é o significado de "quem o fará voltar para ver o que será depois dele?" (3.22). O que é exatamente "um punhado de descanso" (4.6)? E, finalmente, como lidar com conceitos que são contrários aos ensinos do Novo Testamento – conceitos como o de que seres humanos não têm vantagem sobre os animais (3.19); ou que seres humanos e animais vão para o mesmo lugar (3.20) e ainda, que os mortos são mais felizes que os vivos (4.2)?

Texto e contexto

Eclesiastes 3.16 começa uma nova unidade literária com seu “Vi ainda...” e a mudança de assunto dos tempos que Deus estabeleceu para a impiedade no mundo. A pergunta é: Onde esta unidade termina? A maioria dos comentaristas trata 3.16-22 como uma unidade e 4.1-16 como outra. O verso 22 de fato forma uma conclusão natural para esta seção: “Pelo que vi não haver coisa melhor do que se alegrar o homem nas suas obras, porque essa é a sua recompensa”. Pode-se, portanto, selecionar como texto de pregação Eclesiastes 3.16-22. O problema com essa escolha em uma série de sermões sobre Eclesiastes é que a repetição, pelo Pregador, do tema de desfrutar do trabalho conduz virtualmente ao mesmo tema de sermão de Eclesiastes 1.12–2.26 (veja acima). Além disso, 4.1 continua o tema da impiedade, desta vez na forma de opressão. Crenshaw, portanto, discute a unidade de 3.16–4.3 sob o tema: “As lágrimas dos oprimidos”.[1] Novamente, seria possível pregar um sermão sobre esta unidade, mas isso deixa 4.4-6 como um texto órfão. Baseado no refrão “isto é vaidade e correr atrás do vento” e “correr atrás do vento” (4.4,6), 4.4-6 forma a conclusão de uma unidade maior, que vai de 3.1 a 4.6[2] e, portanto, deve ser incluído neste texto de pregação. Embora estes versos que tratam do trabalho pareçam se mover para um tópico diferente de opressão, o trabalho que “provém da inveja do homem contra o seu próximo” (4.4) é uma forma de opressão.[3] Além disso, a conclusão, “melhor é um punhado de descanso” (4.6), matiza a conclusão anterior, “vi não haver coisa melhor do que se alegrar o homem nas suas obras” (3.22). Portanto, selecionaremos Eclesiastes 3.16–4.6 como nosso texto de pregação.

Esta passagem está ligada à anterior e à seguinte. Sintaticamente, o Pregador estabelece o elo com a passagem anterior com sua observação: “Vi ainda”.[4] Em termos de conteúdo, sua afirmação de que “há tempo para todo propósito e para toda obra” (3.17) retoma seu tema anterior de Deus estabelecendo os tempos (3.1-15). Ele levanta aqui pela primeira vez o tema da impiedade no mundo (3.16) – tema que ele levantará novamente na sequência (5.8; 8.10-15; 9.13-16; 10.5-7). Ele também menciona aqui pela primeira vez que “Deus julgará o justo e o perverso” (3.17) – crença que será revisitada mais tarde (11.9) e que também será reiterada no último verso do livro: “Deus há de trazer a juízo todas as obras,

até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (12.14). Ele também afirma aqui, pela primeira vez, que, na morte, “todos vão para o mesmo lugar” (3.20) – uma convicção que mencionará novamente mais tarde (6.6; 9.10). O Pregador repete em 3.22 seu conselho anterior de “comer, beber e fazer que a sua alma goze do bem do seu trabalho” (2.24; cf. 3.12-13) – conselho que ele reiterará na sequência (5.18-20; 8.15; 9.7-9; 11.8-9).

Elementos literários

Esta passagem é composta de várias formas de sabedoria. O Pregador começa com uma observação sobre a impiedade neste mundo (“Vi ainda debaixo do sol”, 3.16), que ele acompanha com uma reflexão sobre o juízo de Deus (“disse comigo”, 3.17). Depois desta reflexão ele faz outra, sobre Deus nos mostrando que somos apenas animais (“disse ainda comigo”, 3.18) e uma conclusão dizendo para nos alegrarmos com nosso trabalho (3.22).

Em 4.1, o Pregador faz outra observação (“Vi ainda... debaixo do sol”), desta vez sobre opressões no mundo. Esta observação leva a uma reflexão (“tenho”, 4.2) que inclui um provérbio “melhor que” (4.3).

Finalmente, em 4.4 o Pregador acrescenta obra observação/reflexão[5] (“Então, vi”), desta vez sobre trabalho motivado pela inveja. Esta reflexão inclui um provérbio sobre o tolo (4.5) e outro provérbio “melhor... que...” (4.6).[6]

Em adição às formas literárias, a repetição dá pistas para se chegar à mensagem do autor. Em 3.16, o Pregador usa paralelismo sinônimo para enfatizar a impiedade que observou “debaixo do sol”:

Vi ainda debaixo do sol que no lugar do juízo

reinava a maldade

e no lugar da justiça,

maldade ainda.

De maneira similar, o Pregador enfatiza em 4.1 as opressões que também observou “debaixo do sol”. Desta vez ele repete três vezes uma forma da palavra

“opressão” e duas vezes que não havia consolo:

Vi ainda todas as opressões que se fazem debaixo do sol:

vi as lágrimas dos que foram oprimidos,

sem que ninguém os consolasse;

vi a violência na mão dos opressores,

sem que ninguém consolasse os oprimidos.

Estrutura textual

As formas literárias descobertas acima nos permitem traçar a estrutura do texto, que nos ajudará a ver o fluxo do argumento do Pregador.

I. Observação: Vi, debaixo do sol, no lugar da justiça, impiedade (3.16)

A. Reflexão: Deus julgará o justo e o perverso (3.17a)

1. Razão: Deus estabeleceu um tempo para juízo (3.17b)

B. Mais reflexão: Deus está mostrando às pessoas que são apenas animais (3.18)

1. Razão: o destino dos humanos e dos animais é o mesmo (3.19a)

a. Como morre um, assim morre o outro (3.19b)

i. Todos eles têm o mesmo fôlego (3.19c)

ii. Os humanos não têm vantagem sobre os animais (3.19d)

iii. Porque tudo é vaidade (3.19e)

b. Todos vão para o mesmo lugar (3.20a; cf. 6.6)

i. Todos vêm do pó e ao pó tornarão (3.20b; cf.12.7)

ii. Ninguém sabe se o espírito humano vai para cima (3.21)

C. Conclusão: Não há nada melhor que todos desfrutarem do seu trabalho (3.22a)

1. Pois esta é a nossa recompensa (3.22b)

2. Não sabemos o que será depois de nós (3.22c)

II. Observação: Novamente vi as opressões que são praticadas debaixo do sol (4.1a)

A. Reflexão: Vi as lágrimas dos oprimidos (4.1b)

1. Não havia consolo para eles (4.1c)

B. Ao lado dos seus opressores está o poder (4.1d)

1. Não há quem os console (4.1e)

C. Conclusão: Os mortos são mais felizes que os vivos (4.2)

1. Mas melhores que ambos são os que não nasceram (4.3a)

a. Pois não viram os atos maus que são praticados debaixo do sol (4.3b)

III. Observação/reflexão: Vi que todo trabalho provém da inveja do homem (4.4a)

A. Isto também é vaidade e correr atrás do vento (4.4b)

B. O tolo cruza os braços (não trabalha) (4.5a)

1. E consome sua própria carne (4.5b)

C. Melhor é um punhado de descanso (4.6a)

1. Que duas mãos cheias de trabalho (4.6b)

a. E correr atrás do vento (4.6c)

Interpretação teocêntrica

Esta passagem tem somente duas referências a Deus. Observando a impiedade totalmente abrangente em sua sociedade, o Pregador responde com um provérbio com a resposta padrão da Bíblia à impiedade[7]:

Deus julgará o justo e o perverso;

Pois há tempo para todo propósito e toda boa obra (3.17);

Mas uma reflexão mais profunda leva o Pregador para além dessa resposta padrão: “é por causa dos filhos dos homens, para que Deus os prove, e eles vejam que são em si mesmos como animais” (3.18).

Tema e objetivo textual

O Pregador começa enfatizando a impiedade que observa debaixo do sol. No exato lugar onde se espera encontrar justiça, havia impiedade:

(...) no lugar do juízo reinava a maldade

e no lugar da justiça, maldade ainda (3.16).

Depois de dar a resposta padrão à impiedade –"Deus julgará o justo e o perverso" –, o Pregador reflete que, não desarraigando a impiedade, Deus está provando as pessoas para lhes mostrar que são apenas animais. Como os seres humanos morrem como os animais e como não sabemos se, na morte, o espírito humano vai para cima ou para baixo, ele conclui que não há "coisa melhor do que se alegrar o homem nas suas obras" (3.22).

Em seguida o Pregador observa a impiedade sob a forma de opressões. Graficamente ele descreve "as lágrimas dos que foram oprimidos, sem que ninguém os consolasse" (4.1). Ele conclui que os mortos, que não veem mais essa impiedade, estão em situação melhor que os vivos, que a presenciam todos os dias. "Porém mais que uns e outros tenho por feliz aquele que ainda não nasceu e não viu as más obras que se fazem debaixo do sol" (4.3).

Finalmente, o Pregador observa ainda outra forma de impiedade: "(...) todo trabalho e toda destreza em obras provêm da inveja do homem contra o seu próximo" (4.4). A inveja é o motor que orienta nossa ética do trabalho. Como reagir corretamente a essa realidade? Os tolos respondem renunciando ao trabalho – com o trágico resultado de que comem sua própria carne (4.5). Outros são consumidos por sua inveja e se tornam escravos de seu trabalho para ajuntar o máximo possível. Infelizmente, essa atitude resulta em ficar com "ambas as mãos cheias de trabalho e correr atrás do vento" (4.6). A resposta do Pregador a

esse problema do trabalho motivado pela inveja fica entre as respostas dos tolos preguiçosos que renunciam ao trabalho e a dos viciados em trabalho, que trabalham para ter as duas mãos cheias: “Melhor é um punhado de descanso” (4.6) ou “tranquilidade” (TNIV) ou “paz mental” (NEB). Podemos resumir a mensagem do Pregador em uma sentença: Tendo em vista a impiedade, as opressões e a inveja neste mundo, desfrute do seu trabalho com tranquilidade.

Esta passagem revela muito claramente a questão por trás do texto. O Pregador está enviando sua mensagem primariamente aos leitores jovens do sexo masculino que vivem em um mundo volátil e estão fascinados pelas possibilidades de fazer fortuna.[8] Como o Pregador repetida e vividamente descreve a impiedade neste mundo, seu objetivo é mais do que simplesmente encorajar seus leitores a fazerem isso. Seu objetivo é estimular seus leitores, em vista de impiedade, das opressões e da inveja neste mundo, a não se escravizarem em uma competição implacável com o próximo[9], mas a desfrutarem de seu trabalho e de seus frutos com tranquilidade.

Maneiras de pregar Cristo

Como podemos nos mover, no sermão do tema do Pregador, “desfrutar do trabalho com tranquilidade”, para Jesus Cristo, no Novo Testamento? Não há promessa de Cristo nesta passagem, nem um tipo de Cristo. Isso nos deixa cinco opções a serem exploradas. Como a progressão histórico-redentiva e os temas longitudinais estão novamente entrelaçados, nós os combinaremos nesta investigação.

Progressão histórico-redentiva/temas longitudinais

Embora traçar, em todo o Antigo Testamento até Jesus Cristo, no Novo Testamento, o tema “encontrar alegria no trabalho” (veja p. 72–73, acima), é melhor, aqui, traçar o tema mais específico de “desfrutar do trabalho com tranquilidade”. Podemos começar com o jardim do Éden, onde o trabalho significativo era recompensado com o prazer de comer livremente “de toda árvore do jardim” (Gn 2.16). Embora o desejo de Adão e Eva de serem como Deus (Gn 3.5) os tenha privado de seu contexto de tranquilidade, Deus prometeu levar seu povo para outro “jardim do Senhor” (Gn 13.10): “(...) desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel (...)” (Êx 3.8). Nessa terra, em contraste com o Egito, Israel poderia desfrutar do fruto de seu trabalho com tranquilidade e confiança. Aqui poderia confiantemente confessar:

O

Senhor

é o meu pastor;

Nada me faltará.

Ele me faz repousar em pastos verdejantes.

Leva-me para junto das águas de descanso;

refrigera-me a alma (Sl 23.1-3).

O ideal em Israel era voltar ao contexto tranquilo do paraíso: todos vivendo em segurança, “(...) cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira (...)” (1Rs 4.25; cf. Is 36.16; 65.21-25).

No Novo Testamento, João Batista advertiu os soldados que foram até ele em busca de conselhos: “A ninguém maltrateis, não deis denúncia falsa e contentai-vos com o vosso soldo” (Lc 3.14). Jesus advertiu semelhantemente: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc 12.15). Jesus orientou seus seguidores a mudar o foco na vida, de posses para o reino de Deus. “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas [comida, bebida, vestes] vos serão acrescentadas” (Mt 6.33).

Paulo, mais tarde, escreve: “(...) aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez” (Fp 4.11-13). Ele também exclama: “(...) grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1Tm 6.6-8). Mas, como o Pregador de Eclesiastes, Paulo também adverte contra retirar-se da força de trabalho: “(...) estamos informados de que, entre vós, há pessoas que andam desordenadamente, não trabalhando; antes, se intrometem na vida alheia. A elas, porém, determinamos e exortamos, no Senhor Jesus Cristo, que, trabalhando tranquilamente, comam o seu próprio pão. E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem” (2Ts 3.11-13).

Analogia

A mensagem do Pregador de desfrutar do trabalho com tranquilidade encontra eco no Novo Testamento. Paulo escreve aos tessalonicenses: “(...) vos exortamos, irmãos, a progredirdes cada vez mais... diligenciardes por viver tranquilamente, cuidar do que é vosso e trabalhar com as próprias mãos, como vos ordenamos; de modo que vos porteis com dignidade para com os de fora e de nada venhais a precisar” (1Ts 4.10-12). Paulo dá esta instrução “no Senhor Jesus” (1Ts 4.2).

Em sua primeira carta a Timóteo, Paulo enfatiza a importância do contentamento. Ele escreve:

(...) grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento (...) Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores (1Tm 6.6-10).

O autor de Hebreus reflete esse sentimento: “Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes” (Hb 13.5). Para estabelecer a conexão com Jesus diretamente, ligue as duas últimas passagens aos ensinos de Jesus sobre o perigo do amor ao dinheiro e o valor do contentamento (por exemplo, Mt 6.19-33).

Referências do Novo Testamento

O Novo Testamento não cita esta passagem de Eclesiastes nem faz alusão a ela.

Contraste

Algumas das ideias desta passagem mostram uma surpreendente descontinuidade com os ensinamentos do Novo Testamento. O Pregador não vê qualquer evidência de que a morte dos seres humanos seja diferente da dos animais. Ele escreve:

O mesmo lhes sucede; como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade. Todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó e ao pó tornarão. Quem sabe se o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima e o dos animais para baixo, para a terra?" (3.19-21).

Em contraste, o Novo Testamento ensina que o espírito humano sobrevive à morte. Paulo escreve:

Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus. (...) Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes no Senhor; visto que andamos por fé e não pelo que vemos. Entretanto, estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor (2Co 5.1,6-8).[10]

O Pregador parece ter a ideia de que Deus estabeleceu um tempo determinado para o juízo, mas sua posição sobre a finalidade da morte não deixa lugar para um juízo depois da morte. Em contraste, o Novo Testamento ensina que o juízo final acontecerá depois da morte e da ressurreição. Jesus declara: "(...) vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo" (Jo 5.28-29).

Além destes contrastes, devemos mencionar também o contraste entre a mensagem do Pregador para desfrutarmos do nosso trabalho com tranquilidade em um mundo ímpio e a mensagem neotestamentária para nos opormos à impiedade. A lei do Antigo Testamento já estimulava Israel a se opor à injustiça. Por exemplo: “Não farás injustiça no juízo. Nem favorecendo o pobre, nem comprazendo-se ao grande; com justiça julgarás o teu próximo” (Lv 19.15-16; cf. Dt 16.20).

Os profetas especialmente clamavam por justiça. Miqueias pregou:

“Ele te declarou, ó homem, o que é bom e o que é que o

Senhor

pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6.8-9).

E Amós clamou:

“(...) corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene” (Am 5.24).

No Sermão do Monte, Jesus proclamou:

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. (...) Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5.6,10).

Jesus repreendeu os líderes religiosos que pervertiam a justiça: “(...) ai de vós, fariseus! Porque dais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças e

desprezais a justiça e o amor de Deus; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas” (Lc 11.42-43).

Tema e objetivo do sermão

Formulamos o tema textual como “Tendo em vista a impiedade, as opressões e a inveja neste mundo, desfrute do seu trabalho com tranquilidade”. Mas “Contraste”, acima, mostra que, em um mundo injusto, Jesus e o Antigo Testamento requerem muito mais de nós do que simplesmente que desfrutemos do nosso trabalho com tranquilidade. Jesus claramente requer nosso engajamento neste mundo para lutarmos contra a impiedade em todas as suas formas e promover a justiça. A questão é: Devemos mudar o tema do sermão nesta direção de promoção da justiça? Em outras palavras, devemos enfatizar a descontinuidade entre a mensagem do Pregador e a de Jesus (contraste) ou devemos optar pela continuidade (analogia)? Embora possamos ser tentados a mudar o tema para a promoção da justiça porque isso parece ser muito mais relevante e atraente, este procedimento é problemático porque o texto de pregação de Eclesiastes não o aborda. Além disso, se alguém desejar pregar sobre a promoção da justiça neste mundo ímpio, encontrará muitos textos no Antigo Testamento e no Novo que tratam deste tema direta e vigorosamente.

Na pregação desta passagem de Eclesiastes, contudo, devemos salientar a continuidade entre a mensagem do Pregador e a de Jesus. A principal vantagem é que o texto de pregação escolhido aborda o tema do sermão. Além disso, a mensagem do Pregador orientando-nos a desfrutar do nosso trabalho com tranquilidade não é menos relevante que o tema da promoção da justiça. Em um mundo ímpio, muitas pessoas odeiam seu trabalho, chamam-no de correria e querem se aposentar o mais rápido possível ou são escravizadas pelo seu trabalho. Portanto, esta mensagem é extremamente relevante. Assim, manteremos o tema textual como tema do nosso sermão: Tendo em vista a impiedade, as opressões e a inveja neste mundo, desfrute do seu trabalho com tranquilidade.

Formulamos o objetivo textual como “estimular seus leitores, em vista de impiedade, das opressões e da inveja neste mundo, a não se escravizarem em uma competição implacável com o próximo, mas a desfrutarem de seu trabalho e de seus frutos com tranquilidade”. Nosso objetivo ao pregar o sermão deve estar

em harmonia com o objetivo do autor e se harmonizar com o tema do sermão. Já que podemos adotar o tema do autor como tema do sermão, também podemos fazer de seu objetivo o objetivo do sermão: estimular seus leitores, em vista de impiedade, das opressões e da inveja neste mundo, a não se escravizarem em uma competição implacável com o próximo, mas a desfrutarem de seu trabalho e de seus frutos com tranquilidade.

Este objetivo revela a necessidade que será tratada neste sermão. A necessidade é que muitas pessoas hoje não desfrutam de seu trabalho, mas se escravizam em uma competição interminável com o próximo. O sermão deve responder à pergunta: Como o poder de Deus trabalha em uma sociedade cheia de impiedade, opressões e inveja?

Exposição do sermão

Como os cristãos devem trabalhar em um mundo em que um come o outro? A competição é terrível aqui. Empresas competem com outras empresas para controlar o mercado. Estão prontas a destruir umas às outras. Dentro das empresas, os funcionários competem entre si, tentando subirem sua hierarquia. Eles, também, estão prontos a destruir uns aos outros.

Como os cristãos devem trabalhar num mundo assim? Alguns tentam escapar dessa confusão retirando-se logo que possível para uma comunidade murada. Outros se juntam à confusão e dedicam todo o seu tempo e toda a sua energia à empresa. Vendem sua alma à empresa. A competição é terrível ali.

As coisas não eram muito diferentes quando o Pregador escreveu Eclesiastes. Devido à expansão do comércio internacional, a economia estava crescendo rapidamente. Fortunas podiam ser feitas da noite para o dia e perdidas ainda mais rapidamente. A competição era terrível e implacável. Como o povo de Deus deve trabalhar em um mundo cheio de impiedade, opressões e inveja?

O sábio pregador que escreveu Eclesiastes reflete sobre esse dilema. Ele está bem consciente da impiedade neste mundo caído. Ele começa, em 3.16: “Vi ainda debaixo do sol que no lugar do juízo reinava a maldade e no lugar da justiça, maldade ainda”. “No lugar da justiça”, isto é, na corte de justiça. Se há algum lugar no mundo em que se espera encontrar justiça, é na corte de justiça. No mundo ocidental, geralmente uma corte de justiça pode ser identificada pela escultura de uma mulher segurando uma balança de pratos. A mulher é a Justiça. Ela pesa cuidadosamente o que é justo e o que é injusto, o que é certo e o que é errado. Se há um lugar neste mundo em que se espera encontrar justiça, é na corte. Mas o pregador observa justamente o oposto: “No lugar do juízo reinava a maldade”. Para enfatizar, ele repete: “No lugar da justiça, maldade ainda”. A maldade estava totalmente infiltrada na sociedade.

Esta era uma situação terrível. Impiedade. Impiedade! Isaías descreve essa impiedade no lugar da justiça: “Por suborno, justificam o perverso e ao justo negam justiça”.[11] O próprio Pregador escreve em Eclesiastes 5.8: “Se vires em

alguma província opressão de pobres e o roubo em lugar do direito e da justiça, não te maravilhes de semelhante caso". A impiedade está tão infiltrada na sociedade, diz ele, que não devemos nos espantar com isso.

Mas isso não está certo. Algo está terrivelmente errado quando a impiedade é encontrada até mesmo na corte de justiça. Algo está terrivelmente errado quando os juízes "por suborno, justificam o perverso e ao justo negam justiça". Algo está terrivelmente errado quando o ímpio prospera e o pobre é oprimido. Compensa ser ímpio?

O Pregador reflete sobre esta questão e, primeiro, responde do modo como a Bíblia geralmente responde a esta pergunta.[12] Verso 17: "(...) disse comigo: Deus julgará o justo e o perverso; pois há tempo para todo propósito e para toda obra". Esta é uma boa resposta. O ímpio nunca se livrará com seus atos maus. Ainda existe um Deus, e Deus vê seus atos maus. "Deus julgará o justo e o perverso", isto é, Deus determinará quem é justo e quem é ímpio. O Pregador não está falando do juízo final de Deus, no fim dos tempos. Ele não tem uma ideia clara de um juízo final depois da morte. Ele está dizendo simplesmente que "Deus julgará em seu próprio tempo".[13] Em seu próprio tempo, Deus endireitará as coisas. "Deus intervirá em favor das vítimas de injustiça".[14] Como o Pregador afirmou no início do capítulo, Deus está no controle dos tempos. Ele estabeleceu os tempos, "tempo de nascer e tempo de morrer" (3.2). Além disso, "tudo fez Deus formoso no seu devido tempo" (3.11). Portanto, deve haver um tempo em que "Deus julgará o justo e o perverso; pois há tempo para todo propósito e para toda obra" (3.17). Mas não sabemos quando isso acontecerá. Pelo que podemos observar na vida, esse tempo não é agora. O ímpio continua a prosperar e o pobre continua a ser oprimido.

Esse pensamento leva o Pregador a outra reflexão. Verso 18: "Disse ainda comigo: É por causa dos filhos dos homens, para que Deus os prove, e eles vejam que são em si mesmos como os animais". O adiamento do julgamento da impiedade por parte de Deus permite que Deus prove[15] os seres humanos para ver se estão, de fato, inclinados a todo mal. Como o Pregador dirá em Eclesiastes 8.11, "Visto como não se executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal".[16] A impiedade crescente na sociedade humana mostra às pessoas que elas são "como os animais". Os animais não têm conceito de certo e errado, de justiça ou injustiça. Permitindo que a impiedade se inflame na sociedade humana, Deus está testando as pessoas para que fique evidente que elas são "como os animais".

Muitos exemplos antigos de comportamento bárbaro, animalesco, podem ser dados. Exemplos modernos de comportamento animalesco incluem o holocausto de Hitler na Europa, a intoxicação por gases feita por Saddam Hussein em seu próprio povo, na Ásia, e rebeliões que promovem sequestros e assassinatos na África e na América do Sul.

O Pregador sustenta a ideia de que os seres humanos são "como os animais" com dois argumentos. O primeiro é que o destino[17] dos seres humanos e dos animais é o mesmo. Verso 19: "Porque o que sucede aos filhos dos homens sucede aos animais; o mesmo lhes sucede; como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade". O destino dos seres humanos e dos animais é o mesmo. Ambos morrem. Isso acontece porque ambos têm o mesmo fôlego de vida. Quando Deus tira esse fôlego de vida, eles morrem.[18] O Pregador conclui que "nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade". Tudo é passageiro, transitório.[19] Os seres humanos são como animais no sentido de que não têm vantagem sobre os animais com respeito à morte.

Seu segundo argumento para sustentar sua afirmação de que os seres humanos são "como os animais" é que, na morte, seres humanos e animais vão para o mesmo lugar. Verso 20: "Todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó e ao pó tornarão". "Todos procedem do pó e ao pó tornarão" é uma referência a Gênesis 3, em que Deus puniu com a morte a tentativa humana de ser igual a Deus: "(...) tu és pó e ao pó tornarás" (Gn 3.19). O lugar ao qual os seres humanos e os animais vão é o pó.[20]

Mas não há algo especial sobre os humanos? No verso 21, o Pregador levanta a questão: "Quem sabe se o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima e o dos animais para baixo, para a terra?" A resposta esperada a esta pergunta é: "Ninguém sabe". Quando observamos a morte de um ser humano e a morte de um animal, não podemos dizer se o espírito de um vai para cima e o do outro vai para baixo.

O Novo Testamento, é claro, vai além do Antigo Testamento e ensina claramente que o espírito humano sobrevive à morte. Na morte de seu amigo Lázaro, Jesus consolou Maria: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá" (Jo 11.25). Mais tarde, Jesus disse aos seus discípulos: "(...) quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também" (Jo 14.3). Jesus e o Novo

Testamento ensinam que o espírito ou alma humana sobrevive à morte.

Mas o argumento do Pregador é: quando observamos o mundo por uma perspectiva secular (“debaixo do sol”, 3.16), não podemos dizer, na morte dos seres humanos, que seu espírito, em distinção ao dos animais, vai para cima. Assim, pela propagação da impiedade neste mundo, Deus mostra aos seres humanos que eles são “como os animais”. Eles não são como Deus. Eles têm o mesmo destino que os animais: eles morrem e vão para o mesmo lugar que os animais: voltam ao pó.

Como, então, o povo de Deus deve trabalhar durante sua curta vida neste mundo ímpio? O Pregador oferece seu conselho no verso 22: “(...) vi não haver coisa melhor do que se alegrar o homem nas suas obras, porque essa é a sua recompensa; quem o fará voltar para ver o que será depois dele?” “Vi não haver coisa melhor do que se alegrar o homem nas suas obras”. O Pregador já deu este conselho antes. Em 2.24, ele escreveu: “Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que sua alma goze o bem do seu trabalho”. Em 3.12, ele disse: “Sei que nada há melhor para o homem do que se regozijar e levar vida regalada”.

Nesta passagem, ele foca especificamente em nosso trabalho e nas posses obtidas pelo trabalho.[21] Ele diz no verso 22: “(...) vi não haver coisa melhor do que se alegrar o homem nas suas obras, porque esta é a sua recompensa (...)”. Todos nós temos que trabalhar para ganhar a vida. Então também podemos desfrutar do nosso trabalho e de seus frutos. Ele pergunta: “Quem o fará voltar para ver o que será depois dele?” Novamente a resposta esperada é: “Ninguém”. Ninguém pode nos trazer para ver o que acontecerá depois de nós, isto é, depois da nossa morte.[22] Com base em nossas observações da vida no mundo, não sabemos se, na morte, o espírito humano vai para cima nem o que acontecerá depois da morte. Portanto, podemos aproveitar nossa curta vida neste mundo desfrutando do nosso trabalho e de seus frutos.

Mas este não é o fim de seu conselho. O Pregador não deixa a impiedade neste mundo. Ele volta a ela novamente com sua descrição gráfica de opressões na sociedade humana. Três vezes ele se refere à opressão: “opressões”, “oprimidos” e “opressores”. “Na Bíblia, a opressão envolve fraudar o próximo em alguma coisa (Lv 6.2-5), defraudá-lo e roubá-lo... Opressão é acumulação – a busca de ganho – sem levar em conta a natureza, as necessidades e os direitos de outras pessoas”.[23]

O Pregador escreve, em 4.1: “Vi ainda todas as opressões que se fazem debaixo do sol: vi as lágrimas dos que foram oprimidos, sem que ninguém os consolasse; vi a violência na mão dos opressores, sem que ninguém consolasse os oprimidos”.“Veja, as lágrimas dos oprimidos!” Pessoas estão sofrendo terrivelmente. Elas choram para dormir à noite. E não há consolo para elas. O Pregador acrescenta: “(...) vi a violência na mão dos opressores”. Depois, ele repete a ênfase: “(...) sem que ninguém consolasse os oprimidos”. Não há ninguém que console os oprimidos, protegendo-os do abuso de seus opressores.[24]

Essa impiedade, a ponto de ninguém se apresentar para ajudar os oprimidos que clamam por ajuda é tão repulsiva que o Pregador conclui, no verso 2: “(...) tenho por mais felizes os que já morreram, mais do que os que ainda vivem”. Os mortos, pelo menos, não têm mais que ver essa demonstração de impiedade na sociedade humana. Mas ele acrescenta no verso 3: “(...) porém mais que uns e outros tenho por feliz aquele que ainda não nasceu e não viu as más obras que se fazem debaixo do sol”. Os que ainda não nasceram são mais felizes que os vivos e os mortos porque não viram “as más obras que se fazem debaixo do sol”. Os que ainda não nasceram não viram que os seres humanos, por estarem centrados no seu próprio proveito, ignoram as lágrimas dos oprimidos.[25]

O Pregador, até aqui, mencionou duas formas de impiedade: impiedade até nas cortes de justiça e pessoas sendo oprimidas sem que haja quem as ajude. Finalmente ele menciona uma outra forma de impiedade que permeia a sociedade: a inveja. Em 4.4, ele escreve: “(...) vi que todo trabalho e toda destreza em obras provêm da inveja do homem contra o seu próximo”. A TNIV traduz: “Vi que todo trabalho e toda realização vêm da inveja de uma pessoa por outra”. O foco em nosso trabalho é a realização. O que orienta nosso trabalho e nossa realização? Aqui, pela primeira vez, o Pregador expõe o que está por trás do nosso trabalho. É a inveja. “A inveja inspira competição e, assim, distorce o sentido nobre da vocação em um exercício de rivalidade, uma busca de domínio que leva à violência. A inveja por uma outra pessoa (lit. pelo “próximo”) foge diante do grande mandamento encontrado em Levítico e nos lábios de Jesus: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’” (Lv 19.18b; Mt 22.39).[26]

Mas a inveja orienta nosso mundo de negócios. Tentamos sobrepujar uns aos outros, geralmente em detrimento do outro. No mundo corporativo, as pessoas sobem sobre cadáveres para chegar ao topo. Provérbios 27.4 diz: “Cruel é o furor, e impetuosa, a ira, mas quem pode resistir à inveja?” “Também isto é vaidade e correr atrás do vento”, diz o Pregador. Nossa competição implacável

uns contra os outros para obter maior ganho é vaidade. É fútil! É “correr atrás do vento” – isto é, deixa-nos de mãos vazias.

Como o povo de Deus pode trabalhar neste mundo ímpio, competitivo? O Pregador esboça graficamente as três opções que temos. Como geralmente trabalhamos com as mãos, ele esboça as três opções com três posições das nossas mãos. A primeira posição é com as mãos fechadas. Verso 5:

O tolo cruza os braços*

e come a própria carne.

A pessoa que fecha as mãos não pode usá-las para o trabalho. Mãos fechadas mostram que a pessoa não quer trabalhar. Essas pessoas optam por ficar fora da força de trabalho. Esta não é uma boa opção. O Pregador chama essas pessoas de “tolos”. O livro de Provérbios adverte: “Um pouco para dormir, um pouco para tosquenejar, um pouco para encruzar os braços em repouso, assim sobrevirá a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade, como um homem armado” (Pv 6.10-11; 24.33-34). O Pregador coloca a pobreza resultando de uma forma ainda mais gráfica: “O tolo cruza os braços e come a própria carne”.[27] Eles acabam comendo a si mesmos. Como não há nada mais para comer, comerão suas economias e morrerão. São “tolos”. Ficar fora da força de trabalho não é uma opção sábia.

A segunda opção é a de mãos abertas em forma de cuia para adquirir o máximo possível. Quando as crianças saem para o Halloween, geralmente colocam as mãos juntas, em forma de cuia. Duas mãos juntas em forma de cuia podem reter muito mais do que uma mão aberta.[28] Verso 6:

Melhor é um punhado de descanso

Do que ambas as mãos cheias de trabalho

E correr atrás do vento.

À primeira vista, as “duas mãos cheias” parecem algo muito desejável. Quem não prefere ter duas mãos cheias em vez de uma? Em nossa sociedade, logo aprendemos que maior é melhor: mais dinheiro é melhor que menos; uma Ferrari Testarosa é melhor que um fusca; uma mansão é melhor que um barraco; um grande negócio é melhor que um pequeno. Maior é melhor. É melhor ter duas mãos cheias do que uma.

Mas há um aspecto negativo em escolher as duas mãos cheias. O Pregador diz: “Ambas as mãos cheias de trabalho e correr atrás do vento”. Para ter as duas mãos cheias, as pessoas têm que trabalhar sem descanso: trabalho, trabalho, trabalho.[29] E, no fim, isso se torna “correr atrás do vento”. As pessoas acabam com as duas mãos cheias de vento, isto é, cheias de nada.

A terceira opção é uma mão cheia. Verso 6: “Melhor é um punhado de descanso”. Um punhado é uma quantidade muito pequena.[30] Mas se o punhado vem com “descanso”, “tranquilidade” (TNIV), com “paz mental” (NEB), este é o modo recomendado pelo Pregador para que o povo de Deus trabalhe em um mundo ímpio. “Melhor é um punhado de descanso do que ambas as mãos cheias de trabalho e correr atrás do vento”.

O conselho do Pregador, aqui, segue outras declarações sapienciais do Antigo Testamento:

Melhor é o pouco, havendo o temor do

Senhor

,

Do que grande tesouro onde há inquietação (Pv 15.16).

Melhor é o pouco, havendo justiça,

Do que grandes rendimentos com injustiça (Pv 16.8).

Melhor é um bocado seco e tranquilidade

Do que a casa farta de carnes e contendas (Pv 17.1).[31]

O conselho do Pregador, então, é não somente a conclusão dada em 3.22 de que "vi não haver coisa melhor do que se alegrar o homem nas suas obras". Como o trabalho, em nossa sociedade, é orientado pela inveja, ainda temos que fazer escolhas quanto a para que trabalharemos. Cruzaremos os braços e optaremos por sair da força de trabalho? Uniremos as duas mãos em cuia e nos tornaremos viciados em trabalho? Ou nos contentaremos com um punhado? O Pregador aconselha:

Melhor é um punhado de descanso

Do que ambas as mãos cheias de trabalho

E correr atrás do vento.

Seu argumento, então, é que, em vista das muitas formas de impiedade que existem neste mundo, devemos ficar satisfeitos com um punhado e desfrutar do nosso trabalho com tranquilidade. Em nosso mundo hoje podemos observar as mesmas formas de impiedade que o Pregador viu. Nos tribunais ao redor do mundo, vemos impiedade. Em incontáveis países, vemos "as lágrimas dos que foram oprimidos, sem que ninguém os consolasse". No mundo dos negócios, vemos que o trabalho é orientado pela inveja, o que resulta em competição implacável. O Pregador nos ordena: Tendo em vista a impiedade, as opressões e a inveja neste mundo, desfrute de seu trabalho com tranquilidade.

Mas isso é suficiente? É suficiente, em um mundo ímpio, simplesmente desfrutarmos do nosso trabalho com tranquilidade? Não, não é. Muitos profetas do Antigo Testamento e Jesus (por exemplo, em Mt 25.31-46) nos estimulam a lutar por justiça, consolar e ajudar os oprimidos.[32] Mas este é outro sermão.

O ponto desta passagem é que devemos nos contentar com um punhado e desfrutar do nosso trabalho com tranquilidade. Jesus também adverte contra o desejo de adquirir duas mãos cheias. Ele diz: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc 12.15). Jesus conta a parábola do rico insensato que achava que tinha o suficiente para muitos anos. O homem era rico, mas Deus o chamou de louco. “Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus” (Lc 12.21), disse Jesus.

Jesus quer que foquemos nossa vida não em ajuntar posses, mas em Deus, em promover o reino de Deus e sua justiça. Que dizer, então, sobre comida, bebida e vestes? Jesus diz: “(...) não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.31-33).

Em harmonia com o ensino de Jesus, o apóstolo Paulo também estimula os cristãos a se contentarem com o que têm. Ele escreve:

(...) grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. (...) Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores (1Tm 6.6,8-10).

O autor de Hebreus reflete esse sentimento: “Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes” (Hb 13.5).

Ainda hoje, com toda a impiedade que observamos neste mundo, o conselho do Pregador do Antigo Testamento deve ser ouvido:

Melhor é um punhado de descanso

Do que ambas as mãos cheias de trabalho

E correr atrás do vento.

Desfrutar do nosso trabalho com tranquilidade nos permitirá experimentar novamente um pouquinho da tranquilidade do paraíso. Podemos trabalhar com tranquilidade, com paz mental, confiando que nosso Pai celestial nos dará comida, bebida, vestes e abrigo. Em um deserto de impiedade – competição implacável, confusão, um "comendo" o outro –, podemos experimentar um oásis de alegria e tranquilidade quando não seguimos a multidão que trabalha para acumular posses. Desfrute do seu trabalho com tranquilidade, e seu Pai celestial suprirá todas as suas necessidades.

---

[1] Crenshaw, Ecclesiastes, 101-6.

[2] Veja a análise de Wright na p. 39, acima. Veja também Murphy, Wisdom Literature, 136.

[3] Veja Brown, Ecclesiastes, 49.

[4] Heb. . Provan, Ecclesiastes, 92. Cf. Longman, Book of Ecclesiastes, 126.

[5] Como pode ser visto nesta passagem, a observação às vezes antecede a reflexão, outras vezes é parte dela.

[6] Veja Longman, Book of Ecclesiastes, 126-38.

[7] Veja p. 116–117, nota 12, abaixo.

[8] Aqui é útil lembrar que a audiência original do Qohelet era provavelmente composta por homens jovens ansiosos para ter sucesso em uma sociedade urbana que estava muito distante do ideal bíblico de comunidade, a saber, as vilas de seus ancestrais. Davis, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 190.

[9] A tradução usada pelo autor traz "a inveja de uma pessoa contra outra", mas o texto literalmente diz "a inveja de um homem contra o seu próximo", como na ARA.

[10] Cf. Filipenses 1.21-23: “(...) para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro. Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor”.

[11] Isaías 5.23; cf. 1.21.

[12] Veja, e.g., Gênesis 18.25, “Longe de ti o fazeres tal coisa, matares o justo com o ímpio, como se o justo fosse igual ao ímpio; longe de ti. Não fará justiça o Juiz de toda a terra?”; Deuteronômio 1.17: “(...) o juízo é de Deus...”; Jó 19.29: “(...) temei, pois, a espada, porque tais acusações merecem o seu furor, para saberdes que há um juízo”; salmo 9.8: “... [O Senhor] julga o mundo com justiça; administra os povos com retidão”; salmo 94.2: “Exalta-te, ó juiz da terra; dá o pago aos soberbos”.

[13] Seow, Ecclesiastes, 166. Também Murphy, Ecclesiastes, 36.

[14] Ogden, Qoheleth, 60. Outros comentaristas, como Loader, Ecclesiastes, 43, acreditam que “o juízo de Deus sobre os dois grupos pode se referir somente à morte, que vem sobre ambos, sem discriminação”. Esta interpretação levanta mais perguntas que respostas.

[15] “A nuance precisa do propósito divino permanece ambígua... Se for interpretada como significando ‘testar’, pode consistir na manifesta injustiça em assuntos humanos (v.16), que mostra se os seres humanos vão se libertar das restrições morais, já que não há princípio de justiça em atividade em sua experiência (cf. 8.11)”. Murphy, Ecclesiastes 36.

[16] Cf. Apocalipse 22.10-11: “Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo. Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se”.

[17] “A palavra-chave deste verso... é destino ( ). Mas, como em 2.24, esta não é uma força maligna e impessoal. ‘Destino’ é simplesmente o que acontece a uma pessoa ou a qualquer criatura viva; e o ‘acontecimento’ final, tanto para os seres humanos quanto para os animais, é a morte”. Whybray, Ecclesiastes, 79.

[18] “Os seres humanos e os animais compartilham o mesmo , ‘espírito’ ou ‘fôlego de vida’. Todos os seres vivos têm um corpo (comumente chamado de ‘carne’) e

um . Esse não é uma alma imortal, mas o fôlego de vida, a força que dá e preserva a vida. Quando Deus o retira, a criatura morre (Sl 104.29; Jó 34.14-15)". Fox, Ecclesiastes, 26.

[19] "O sentido de provavelmente é 'passageiro', 'efêmero', 'transitório'. Crenshaw, Ecclesiastes, 104. Também Murphy, Ecclesiastes, 79.

[20] Alguns comentaristas, por exemplo,Whybray, Ecclesiastes, 80, afirmam que "a referência [ao mesmo lugar] é ao Seol: cf. 9.10". Embora essa interpretação seja possível, o contexto aqui se refere à volta ao pó. Cf. Murphy, Ecclesiastes, 37: "O 'mesmo lugar' para o qual todos vão é especificado como sendo o 'pó' (cf. 6.6), embora o Qohelet reconheça a existência do Seol (9.10). O tema da volta ao pó é frequente (Jó 10.9; 34.15; Sl 104.29; 146.4; Sir 40.11)".

[21] "Heb. (lit. 'suas obras'), aquilo que uma pessoa adquiriu e agora possui". Fox, Ecclesiastes,26.

[22] " tem sido entendido de três maneiras: (1) 'Depois dele', com referência ao que acontece a um indivíduo depois de sua morte (Delitzsch, Crenshaw). (2) 'Depois dele', com referência ao que acontece no mundo depois da morte de uma pessoa (Rashbaum, Murphy). (3) 'Depois', com referência ao que acontece no mundo dentro do período de vida de uma pessoa (Podechard, Gordis, Fox1987)... No presente contexto, depois de um verso que declara a ignorância humana sobre o que acontece depois da morte, provavelmente a primeira alternativa é a correta". Fox, A Time to Tear Down, 217. Cf.Longman, Book of Ecclesiastes, 131: "A frase depois dele é um modo de dizer 'depois de sua morte' Como acima [v.21], aqui o Qohelet não tem certeza se (e provavelmente duvida que) a vida continua depois da morte. Ninguém sabe com certeza".

[23] Provan, Ecclesiastes, 103.

[24] Davis, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 189, está errada quando entende a repetição de "sem que ninguém os consolasse" como ninguém para consolar os oprimidos e ninguém para consolar o opressor: "Escravo e proprietário de escravo, prisioneiro e carcereiro, mulher espancada e homem espancador – é preciso ter piedade de ambos, pois estão no mesmo sistema, 'sem que ninguém os console'". Pelo contrário, a repetição enfatiza a condição dos oprimidos. Cf. Brown, Ecclesiastes, 48: "Sozinha, a primeira menção a 'consolo', no verso 1, pode comunicar meramente o contido de consolação. Sua segunda ocorrência,

contudo, sugere mais do que simplesmente prover o tecido proverbial para enxugar as lágrimas da vítima. Aqui, o consolador assume um papel ativo que tem como objetivo a proteção dos fracos contra o abuso dos poderosos. O consolador, em resumo, é um defensor... Essa defesa acarreta um investimento de poder em favor dos fracos".

[25] "Se a melancolia do Qohelet nos parece excessiva neste ponto, é necessário perguntar se nossa posição mais agradável nasce da esperança, não da complacência. Embora nós, como cristãos, vejamos mais longe do que ele poderia ver, isso não é razão para nos pouparmos das realidades do presente". Kidner, Time to Mourn, 44.

[26] Brown, Ecclesiastes, 49.

* Na tradução do autor, "o tolo fecha as mãos". Embora as palavras usadas nas traduções sejam diferentes, o sentido de inatividade, pretendido pelo autor, é mantido (N. do T.).

[27] "O Qohelet está usando a imagem grotesca de autocanibalismo para representar autodestruição. Os tolos que são tão preguiçosos acabarão devorando a si mesmos". Seow, Ecclesiastes, 179.

[28] "O Qohelet imagina uma palma aberta versus duas mãos unidas em forma de cuia para reter o máximo". Crenshaw, Ecclesiastes, 109.

[29] "Para o Qohelet, a incessante orientação do indivíduo para o trabalho, mesmo que seja para seu próprio enriquecimento, não é diferente da opressão imposta por um capataz implacável... Sem o benefício do descanso, até mesmo o enriquecimento pessoal é escravidão". Brown, Ecclesiastes, 50.

[30] "O hebraico refere-se a uma quantidade muito pequena (cf. 1Rs 17.12). A ênfase é na natureza limitada de um punhado, não na totalidade". Seow, Ecclesiastes, 180.

[31] Cf. salmo 37.16: "Mais vale o pouco do justo que a abundância de muitos ímpios".

[32] Assim como o Pregador, Jesus também admite que "os pobres, sempre os tendes convosco" (Mc 14.7).

CAPÍTULO 6

Trabalhando juntos

Eclesiastes 4.7-16

Melhor é serem dois do que um, porque

têm melhor paga do seu trabalho.

(Ec 4.9)

Eclesiastes 4.7-16 é um bom antídoto para o individualismo que infecta nossa sociedade e que também contamina a comunidade cristã. Um dos desafios, novamente, é selecionar uma unidade textual adequada. Embora esteja claro que esta passagem contém três subunidades (v.7-8, 9-12, 13-16), a questão é quantas delas constituem o texto de pregação. Se escolhermos as três subunidades, a questão é: Qual tema as une? Whybray, por exemplo, não reconhece "continuidade temática" entre as duas primeiras unidades[1] – muito menos nas três – e trata cada seção separadamente. Outro desafio é interpretar a terceira unidade, sobre o jovem sábio e o rei insensato (v.13-16). Os estudiosos são pessimistas sobre a solução deste enigma. Murphy escreve: "Toda tradução, e, portanto, interpretação dos versos 13-16 é incerta, por causa da falta de clareza do texto".[2] E um desafio final é pregar Cristo com base em um texto que nem sequer menciona Deus.

Texto e Contexto

Eclesiastes 4.7 começa uma nova unidade com “Então, considerei outra vaidade debaixo do sol”. Esta unidade sobre o trabalho de um indivíduo solitário é concluída no verso 8 com uma inclusio, “também isto é vaidade e enfadonho trabalho”. Pode-se selecionar esta subunidade como texto de pregação, mas a próxima unidade, sobre o valor de se ter um companheiro (v. 9-12), complementa a primeira, sobre o indivíduo solitário. É tentador, portanto, selecionar como texto de pregação somente os versos 7-12. Isso simplificaria a formulação do tema e evitaria muitas dificuldades para interpretar corretamente a unidade seguinte, sobre o jovem sábio e o rei insensato. O problema com esta opinião é que o Pregador claramente tentou associar esta terceira unidade às duas anteriores. Provan observa: “Os versos finais do capítulo 4 (v. 13-16), embora sua relação precisa com o que os precede confunda os comentaristas, parecem claramente ligados aos versos que os precedem pelo tema e pela linguagem (observe a referência comum ao que é ‘melhor’ nos versos 6, 9, 13; a referência a uma “segunda pessoa” [ ], nos versos 8 e 15... e a ocorrência de ‘não cessa’ [ ], nos versos 8 e 16)”.[3] Além disso, cortar o texto de pregação no verso 12 deixa os versos 13-16 órfãos, pois 6.16 encerra a unidade maior com “também isto é vaidade e correr atrás do vento”, enquanto 5.1 começa uma nova unidade com um assunto diferente. Portanto, selecionamos como nosso texto de pregação Eclesiastes 4.7-16.

Quanto ao seu contexto, o tema do trabalho, nos versos 4-6, é continuado nesta passagem, nos versos 7-9. O “melhor que” do verso 6 é repetido nos versos 9 e 13. Seu “olhos não se fartam de riquezas” recupera 1.8, “olhos não se fartam”, e será retomado novamente em 5.10, “quem ama o dinheiro jamais dele se farta”. A história sobre o jovem pobre, mas sábio, parece similar à história de 9.15-16: “Encontrou-se nela um homem pobre, mas sábio, que a livrou pela sua sabedoria; contudo, ninguém se lembrou mais daquele pobre”. O “tampouco os que virão depois dele se hão de regozijar nele” (v.16) parece refletir 1.11: “Já não há lembrança das coisas que precederam” (cf. 2.16).

Elementos literários

Observar as formas de literatura sapiencial neste texto nos ajudará a esboçar a "Estrutura textual", abaixo. "Então, considerei outra (...)" (v. 7) indica que esta é uma observação que inicia uma reflexão. A reflexão consiste de uma anedota sobre um solitário avarento e inclui sua pergunta retórica: "Para quem trabalho eu, se nego à minha alma os bens da vida?" Esta unidade termina com a exclamação "também isto é vaidade" (v. 8), que forma um inclusio com "vaidade" do verso 7.

A unidade seguinte começa com um provérbio "melhor que" ("Melhor é serem dois do que um", v. 9), que é fortalecido por duas ilustrações (v. 10-12a). O Pregador reforça o argumento de cada ilustração respectivamente com um oráculo "ai" (v. 10b), uma pergunta retórica (v. 11b) e um provérbio final ("o cordão de três dobras não se rebenta com facilidade", v. 12b).

A unidade final novamente começa com um provérbio "melhor que" ("melhor é o jovem pobre e sábio do que o rei velho e insensato", v. 13). Ele é seguido por uma anedota (v. 14-16b) e concluído com o refrão "também isto é vaidade e correr atrás do vento" (v. 16c).

Novamente é importante observar as repetições, pois elas nos ajudarão a discernir o tema do Pregador. A palavra "vaidade" é repetida três vezes (v. 7, 8, 16), assim como a palavra "trabalho" (v. 8 [2 vezes],9). Mas as palavras-chave primárias desta passagem são os números um e dois (segundo). O Pregador usa "um" ( ) cinco vezes (v. 8,9,10,11,12) e "dois", "segundo" (,), seis vezes (v. 8 ["solitário" é, literalmente, "não um segundo"], 9,10,11,12,15).

Estrutura Textual

As formas descobertas em nossa análise literária nos permitem esboçar a estrutura textual:

I. Observação/Reflexão: Novamente vi vaidade debaixo do sol (4.7)

A. História sobre alguém sem um segundo, sem filhos ou irmãos (4.8a)

1. Contudo, não cessa de trabalhar (4.8b)

2. Seus olhos não se fartam de riquezas (4.8c)

B. Pergunta: Para quem trabalho eu, se nego à minha alma os bens da vida? (4.8d)

C. Conclusão: Também isto é vaidade e enfadonho trabalho (4.8e)

II. Provérbio: Melhor é serem dois do que um (4.9a)

A. Porque têm uma boa recompensa pelo seu trabalho (4.9b)

1. Pois, se caírem, um levanta o outro (4.10a)

a. Mas ai do que estiver sozinho e cair, pois não haverá quem o ajude (4.10b)

2. Novamente, se dois estiverem juntos, se aquentarão (4.11a)

a. Mas como pode se esquentar quem está sozinho? (4.11b)

3. Dois resistem a um (observe o inverso, 4.12b)

a. Embora um possa prevalecer contra outro (4.12a)

B. Provérbio final: um cordão de três dobras não se rompe com facilidade (4.12c)

III. Provérbio: Melhor é o jovem pobre e sábio do que o rei velho e insensato, que já não se deixa admoestar (4.13)

A. Anedota para confirmar o provérbio

1. Uma pessoa pode sair da prisão para reinar (4.14a)

a. Mesmo que nasça pobre no reino (4.14b)

2. Todos os viventes seguem o jovem que substituirá o rei (4.15)[4]*

3. Era sem conta o povo que o seguia (4.16a)

B. A brevidade da fama política: os que vierem depois não se alegrarão nele (4.16b)

C. Conclusão: Certamente isso também é vaidade e correr atrás do vento (4.16c)

Interpretação teocêntrica

Esta seção pode ser muito breve, porque não há referência a Deus nesta passagem. Contudo, como a literatura de sabedoria reflete as “ordens costumeiras” na criação de Deus, o conselho dado pelo Pregador inspirado pode ser entendido como conselho de Deus sobre como as pessoas devem viver em harmonia com o mundo criado.[5]

Tema e objetivo textual

O texto de pregação selecionado contém três subunidades. Uma forma de descobrir o tema textual é observar a estrutura do texto. Como vimos acima, a estrutura geral do texto é um quiasma simples, ABA, com o ponto focal em B.

A. Anedota de um rico solitário cuja vida é vaidade

B. Provérbio: Melhor é serem dois do que um

A’. Anedota de um rei popular cuja vida é vaidade

O Pregador também mostra que quer enfatizar B para confirmar o provérbio “Melhor é serem dois do que um” com não menos que três ilustrações. Assim, podemos formular o tema desta passagem simplesmente como “melhor é serem dois do que um”.

Para confirmar nossa tentativa inicial de encontrar um tema, devemos verificar se esse tema, de fato, é o fio que une as três seções. A anedota do rico solitário, marcada por “vaidade”, confirma que “melhor é serem dois do que um”. Embora a anedota do rei que é esquecido seja mais difícil de encaixar, ela termina com um sentimento de isolamento ainda maior que o do rico: “(...) tampouco os que virão depois se hão de regozijar nele” (4.16b). E aqui, também, o veredito é: “Na verdade, também isto é vaidade e correr atrás do vento” (4.16c). Esse veredito de vaidade confirma o foco textual em “melhor é serem dois do que um”.

Este tema, contudo, não faz justiça a todo o texto. Embora seja um bom tema para os versos 9-12, não dá ênfase suficiente ao isolamento experimentado pelo rico e pelo rei (as extremidades). Para abranger totalmente essa ênfase, podemos formular o tema textual da seguinte forma: Já que trabalhar sozinho é fútil, devemos cooperar com os outros.

O objetivo do Pregador pode ser derivado tanto do tema quanto das circunstâncias históricas por trás do texto. Essas circunstâncias, como vimos, são uma economia orientada pelo individualismo egoísta. Fortunas podiam ser rapidamente feitas e perdidas. As pessoas competiam umas com as outras por inveja (4.4). Era um mundo em que um “comia” o outro. Mais que isso, já que usa três ilustrações para reforçar esse ponto, ele procura não somente encorajar seus leitores, mas persuadi-los. Assim, podemos formular o objetivo do Pregador como persuadir seus leitores a não trabalhar sozinhos, mas a cooperar uns com os outros.

Maneiras de pregar Cristo

Para pregar um sermão cristocêntrico, os pregadores têm frequentemente submetido esta passagem à interpretação alegórica. “Ambrósio via Cristo como aquele que levanta seu companheiro (v. 10) e o aconselha (v. 11) e como aquele que saiu da prisão para reinar (v. 13)”. Jerônimo também viu a Trindade na declaração do Qohelet sobre o cordão de três dobras”.[6] Mais recentemente, o comentário de Matthew Henry diz: “Dois juntos são um cordão de três dobras; onde dois estão intimamente unidos em santo amor e comunhão, Cristo, por meio de seu Espírito, vem até eles e faz o terceiro, como ele se uniu aos dois discípulos no caminho de Emaús; Então há um cordão de três dobras que nunca será quebrado”.[7]

Podemos evitar a interpretação alegórica e ainda pregar um sermão cristocêntrico investigando os sete caminhos cristocêntricos. Esta passagem não contém promessa de Cristo nem tipo de Cristo. A progressão histórico-redentiva e o contraste também não servem para dar uma ponte para Cristo, no Novo Testamento. Isso nos deixa com três opções a explorar: analogia, temas longitudinais e referências no Novo Testamento.

Analogia

A pergunta é: Jesus, como o Pregador do Antigo Testamento, também ensina que trabalhar sozinho é vaidade e que devemos cooperar com os outros? Jesus certamente se opôs à ganância – uma forma extrema de egoísmo que nos isola uns dos outros. A parábola do rico insensato, contada por Jesus, é uma anedota sobre o homem rico da nossa passagem. O rico insensato também tinha “em depósito muitos bens para muitos anos”. Apesar disso, sabemos que ele não tinha companhia (“segundo”) com quem compartilhar sua riqueza, pois Deus lhe disse: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para

quem será?” (Lc 12.19-20). A pergunta de Deus na parábola de Jesus se parece muito com a pergunta do rico em nosso texto: “Para quem trabalho eu?” (4.8). De qualquer maneira, Jesus advertiu: “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam” (Mt 6.19). Em vez disso, ele ordenou: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.39). Quando Jesus, subsequentemente, foi perguntado “quem é o meu próximo?”, ele contou a parábola do bom samaritano. O próximo foi aquele que “usou de misericórdia”. Jesus enfatizou o que queria dizer, afirmando: “Vai e procede tu de igual modo” (Lc 10.29,37).

O próprio Jesus enviou seus discípulos não como indivíduos, mas “dois a dois” (Mc 6.7). Ele também orientou seus seguidores:

Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. (...) Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus. Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles (Mt 18.16,19-20).

Temas longitudinais

Pode-se chegar a Cristo também traçando o tema do companheirismo do Antigo Testamento até Jesus, no Novo Testamento. Deus criou os seres humanos para o companheirismo. No paraíso, Deus declarou: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gn 2.18). Deus criou os seres humanos como seres sociais. Eles foram feitos para trabalhar juntos e ajudar uns aos outros. “Israel é chamado para fora do Egito para mostrar ao mundo como uma comunidade justa deve funcionar”.[8] Deus deu a Israel muitas leis que exigem o cuidado com o próximo, sendo seu clímax: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19.18). O Pregador reflete esta lei em Eclesiastes 4 chamando a vida solitária de “vaidade”, fútil e inútil e ilustrando que “melhor é serem dois do que um”.

Jesus reconheceu essa sabedoria ao reunir seus discípulos e enviá-los de “dois em dois” (Mc 6.7). Jesus também reiterou o mandamento do amor: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.39). Os cristãos primitivos expressavam esse mandamento de amor ficando juntos e tendo “(...) tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade” (At 2.44-45). Paulo instrui a igreja:

Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros (Fp 2.1-4; veja também 1Co 12–13 sobre a igreja como corpo de Cristo, com muitos membros).

Referências do Novo Testamento

O Novo Testamento não cita esta passagem nem faz alusão a ela. Mas também podem-se procurar passagens no Novo Testamento que tenham uma posição similar à do Pregador (veja as passagens neotestamentárias que servem de suporte para as duas maneiras acima). Consequentemente, também se pode considerar usar como ponte para Cristo a história sobre Jesus e Zaqueu. Zaqueu é descrito como “maiorial dos publicanos e rico”. Ele nos lembra o homem rico de Eclesiastes 4. Quando Jesus se convida para jantar na casa de Zaqueu, este o recebe e diz: “Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais”. Zaqueu declara que desistirá de sua solitária busca por riquezas à custa do próximo e restituirá segundo a lei de Deus, que requeria que um ladrão fizesse restituição “quatro ovelhas por uma ovelha” (Êx 22.1). Não é de se espantar que Jesus lhe tenha dito: “Hoje, houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão” (Lc 19.1-9). Por meio de Jesus, Zaqueu descobriu que Deus nos criou não como exploradores solitários, mas como criaturas sociais que são obrigadas

a ajudar umas às outras.

Tema e objetivo do sermão

Formulamos o tema textual como “Já que trabalhar sozinho é fútil, devemos cooperar com os outros”. Como o Novo Testamento, como vimos, defende este tema, o tema textual pode funcionar como tema do sermão: Já que trabalhar sozinho é fútil, devemos cooperar com os outros.

Formulamos o objetivo textual como “persuadir seus leitores a não trabalhar sozinhos, mas a cooperar uns com os outros”. Podemos manter o mesmo objetivo para o sermão: persuadir nossos ouvintes a não trabalhar sozinhos, mas a cooperar uns com os outros. Este objetivo revela o alvo deste sermão: a necessidade tratada é o individualismo rigoroso, egoísta, em nossa cultura e seus efeitos sobre os cristãos.

Exposição do sermão

A introdução do sermão pode contar a história de uma pessoa contemporânea que andou sobre cadáveres para enriquecer. Então faça a pergunta: Será que o individualismo egoísta está influenciando a igreja e seus membros? Israel frequentemente demonstrava individualismo egoísta. Quando Deus tirou Israel do Egito para formar seu povo da aliança, ele ordenou repetidamente que os israelitas não explorassem seus irmãos: “Não furtarás. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. Não cobiçarás a casa do teu próximo (...) nem coisa alguma que pertença ao teu próximo” (Êx 20.15-17). “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19.18). Séculos mais tarde, os profetas tiveram que advertir aos israelitas para não explorarem o próximo, mas cuidarem dele: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6.8).

O Pregador em Eclesiastes também trata desta questão de individualismo egoísta. Como lemos em 4.4, pouco antes do nosso texto, “(...) vi que todo trabalho e toda destreza em obras provêm da inveja do homem contra o seu próximo”. As pessoas trabalhavam não apenas para suprir suas necessidades, mas para superar as outras. As pessoas estavam interessadas em enriquecer. Não tinham interesse pela necessidade do próximo. Aquele era um mundo de competição selvagem.

O Pregador começa, em 4.7-8: “Então, considerei outra vaidade debaixo do sol, isto é, um homem sem ninguém, não tem filho nem irmã; contudo, não cessa de trabalhar, e seus olhos não se fartam de riquezas”. O Pregador chama atenção para aquilo que chama de “vaidade”, isto é, futilidade, inutilidade. Ele chama atenção para um indivíduo solitário. O original diz: “Há uma pessoa e ela não tem uma segunda”.[9] Ele é totalmente sozinho em suas ocupações. Ele “não tem segundo” nem companhia. O texto diz que ele não tem nem mesmo “filho nem irmã”, isto é, “as relações mais próximas ao longo de duas gerações e os dois parentes que podiam se beneficiar do seu trabalho por meio de herança”.[10] Essa pessoa cortou todas as suas relações para se concentrar no único objetivo de sua

vida: “Afligido por um apetite insaciável por riquezas, o solitário é consumido pelo trabalho”.[11]

Essa sede por riqueza retorna ao verso 6, imediatamente antes do nosso texto. “Melhor é um punhado de descanso do que ambas as mãos cheias de trabalho e correr atrás do vento”. Muitas pessoas hoje estão insatisfeitas com um punhado. Querem mais e mais: pelo menos duas mãos cheias. Mas somos advertidos que duas mãos cheias vêm com “trabalho”. O Pregador escreve, no verso 8, que essa pessoa gananciosa “não cessa de trabalhar”. Por que ela não cessa de trabalhar? Porque, diz o Pregador, “seus olhos não se fartam de riquezas” (v. 8; cf. 1.8).[12] “O olho, o órgão do desejo, não consegue ficar satisfeito”.[13] Isso leva a ainda mais trabalho para satisfazer aos olhos. Essa pessoa é pega em um ciclo vicioso: “não cessa de trabalhar”.

Finalmente, o rico desperta para sua situação desagradável. Ele faz a si mesmo a pergunta crucial: “Para quem trabalho eu, se nego à minha alma os bens da vida?” A resposta esperada é: “Para ninguém”. Ele “não tem segundo”, nem companheira que possa se beneficiar de toda a sua riqueza. Ele não tem sequer filhos ou irmãos que possam receber sua herança. Ele está sozinho. E ele nem sequer beneficia a si mesmo, pois, como ele diz, está se privando dos “bens da vida”. Ele não encontra prazer na vida. O trabalho não lhe dá prazer porque ele se tornou um escravo do trabalho. Comer e beber não lhe dão prazer porque ele dificilmente reserva tempo para isso. O descanso não lhe dá prazer, porque ele é orientado pelo trabalho e tem pouco tempo para descansar. Ele “não cessa de trabalhar”.[14]

O Pregador resume, no fim do verso 8: “Também isto é vaidade e enfadonho trabalho”. A vida dessa pessoa é “vaidade”, isto é, literalmente, “vapor”. Sua vida é fútil, inútil. Ela não tem substância[15] porque ele é sozinho: “ele ‘não tem segundo’– ninguém com quem compartilhar os frutos de seu labor de algum modo; seu trabalho não beneficia a ninguém mais”.[16] O Pregador conclui que a vida desse rico solitário é um “enfadonho trabalho”.

Contraste a vida dessa pessoa solitária com a de uma pessoa que tem “um segundo”, um companheiro. Verso 9: “Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho”. “Melhor é serem dois do que um”. Quando se trata de riquezas, o Pregador disse, em 4.6: mais não é melhor. “Melhor é um punhado de descanso do que ambas as mãos cheias de trabalho”. Mas, quando se trata de relacionamentos humanos, mais é melhor. “Melhor é serem dois do que

um”. “O ‘um’ a que ele se refere é, sem dúvida, o trabalhador solitário cujo objetivo é o acúmulo de ganho material, o que não pode, por fim, trazer satisfação. De mais valor... são os “dois” que, pelo menos, compartilham os frutos de seu trabalho”.[17]

De fato, dois podem fazer muito mais do que compartilhar os frutos de seu trabalho. O Pregador dá três ilustrações de como duas pessoas podem se ajudar mutuamente. Primeiro, verso 10: “Se caírem, um levanta o seu companheiro; ai, porém, do que estiver só, pois, caindo, não haverá quem o levante”. O Pregador está pensando aqui nas pessoas que viajavam no Oriente Médio. Isso podia ser perigoso, especialmente em noites escuras. Não havia ruas nem iluminação pública. Nem mesmo lanternas. Andando por caminhos que frequentemente acompanhavam a borda de barrancos, as pessoas podiam facilmente tropeçar e cair. A paisagem também era salpicada de poços – poços de betume (vf. Gn 14.10) ou de buracos escondidos para capturar animais.[18] Em uma de suas parábolas, Jesus se referiu ao perigo de cair em um desses buracos. Ele perguntou: “Pode, porventura, um cego guiar a outro cego? Não cairão ambos no barranco?” (Lc 6.39). Portanto, era perigoso viajar sozinho pelo Oriente Médio. Mas “melhor é serem dois do que um... Porque, se caírem [i.e., se um ou outro cair[19]], um levanta o seu companheiro”. Como estão juntos, podem se ajudar mutuamente e sobreviver. “Mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá quem o levante”. A pessoa solitária perecerá. Hoje ainda aplicamos essa sabedoria de que é melhor serem dois do que um. Quando crianças vão acampar, elas aprendem o “sistema companheiro”: cada criança forma dupla com outra, de modo que possam se ajudar mutuamente. “Melhor é serem dois do que um”.

A segunda ilustração do Pregador é feita no verso 11: “Também, se dois dormirem juntos, eles se aquentarão; mas um só como se aquentará?” Essa ilustração também é extraída dos perigos de se viajar pelo Oriente Médio. Os viajantes geralmente passavam as noites ao relento. Quando Jacó fugiu da fúria de Esaú, ele viajou para o norte até o sol se pôr. Então, dormiu ao relento com uma pedra como travesseiro (Gn 28.11). Mas como uma pessoa sozinha pode se aquecer em noites frias? As pessoas não levavam sacos de dormir nem cobertas. Tudo o que tinham para se cobrir era sua capa (veja Êx 22.26-27). Em noites frias, isso não era suficiente. Então as pessoas podiam ficar juntas, compartilhando suas capas e o calor do corpo. “Melhor é serem dois do que um”, pois podem ficar juntas e “se aquentarão; mas um só como se aquentará?”

O Pregador acrescenta uma terceira ilustração no verso 12: “Se alguém quiser

prevalecer contra um, os dois lhe resistirão". Novamente, esta ilustração é extraída dos perigos das viagens pelo Oriente Médio. Longe da segurança de vilas e cidades, havia o perigo de ladrões, que perambulavam pelo interior. Pense na parábola de Jesus sobre um homem que foi de Jerusalém a Jericó. Ele "veio a cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o semimorto" (Lc 10.30). Sozinho, o homem não teria chance. "Se alguém [um ladrão] quiser prevalecer contra um [viajante], os dois [companheiros] lhe resistirão". Ainda hoje, agimos com base nessa sabedoria, advertindo as pessoas a nunca fazerem corridas ou caminhadas sozinhas.

Essas três ilustrações dão três exemplos das vantagens de se ter um "segundo". No entanto, elas se aplicam em uma área muito maior que a de viagens. Já no paraíso, Deus disse: "Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea" (Gn 2.18). Deus nos criou não como seres solitários, mas como seres sociais. Há muitas vantagens para marido e esposa trabalharem juntos, para se completarem nos assuntos da casa, na criação dos filhos e, finalmente, na aposentadoria. Pesquisas hoje mostram que, em contraste com os solteiros, "pessoas casadas vivem mais e com mais saúde nesses anos extras".[20] Também há muitas vantagens para colegas de trabalho que trabalham juntos e se complementam em seu trabalho. Há muita vantagem em se ter um piloto e um copiloto no controle de um avião, em vez de apenas um piloto.

O Pregador resume sua mensagem no fim do verso 12 com um provérbio: "O cordão de três dobras não se rebenta com facilidade". O Pregador "provavelmente está fazendo alusão a um conhecido provérbio antigo do Oriente Próximo a respeito dos benefícios da amizade".[21] Um cordão de três dobras é uma corda com três fios torcidos juntos. Um cordão simples pode ser rompido facilmente. Como vimos nas ilustrações, uma pessoa sozinha não consegue sobreviver à queda, não consegue se aquecer em uma noite fria e não consegue resistir a um ladrão. Um cordão simples pode ser facilmente rompido. Dois cordões combinados são muito mais fortes. Como vimos nas ilustrações, dois podem sobreviver à queda, podem se aquecer e podem resistir a um ladrão. Mas três cordões entretecidos juntos são ainda mais fortes. "O cordão de três dobras não se rebenta com facilidade".

Pela repetição de dois, dois, dois, o Pregador se move para o clímax de três.[22] O movimento de dois para três pode ser "uma pista de que não há nada sacrossanto no par e de que a companhia pode funcionar em números maiores".[23] Há muitas

vantagens para um time de futebol quando os jogadores funcionam como uma equipe, não como estrelas individuais. Há muitas vantagens para uma igreja quando seus membros trabalham juntos completando uns aos outros pelo uso de seus dons individuais para benefício da igreja. Como trabalhar sozinho é fútil, a mensagem do Pregador é que devemos cooperar uns com os outros.

Deus criou os seres humanos para companhia – como seres sociais. Deus deu a Israel muitas leis que exigiam o cuidado com o próximo. Essas leis alcançaram o clímax em Levítico 19: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19.18). No Novo Testamento, Jesus reiterou que não devemos ser solitários egoístas, mas cuidar do próximo. Jesus também ordenou: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.39). O próprio Jesus agiu com base na sabedoria de que “melhor é serem dois do que um”. Em vez de ser um vulto solitário, ele reuniu discípulos ao seu redor. Além disso, ele os enviou de “dois em dois” (Mc 6.7). Jesus também instruiu aos seus seguidores:

Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. (...) Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus. Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles (Mt 18.16,19-20).

Os cristãos primitivos não eram solitários. Lucas relata que “todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade” (At 2.44-45). Paulo rogou à igreja:

Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também

cada qual o que é dos outros (Fp 2.1-4).

A igreja é uma comunidade. Muito embora tenha muitos membros, esses membros formam um corpo – o corpo de Cristo. Como membros, temos que trabalhar juntos pelo bem comum (1Co 12–13).

O Pregador do Antigo Testamento continua sua mensagem com uma última história. Verso 13: “Melhor é o pobre jovem e sábio do que o rei velho e insensato, que já não se deixa admoestar”. O rei velho e insensato é uma figura trágica. Provérbios 12.15 diz: “O caminho do insensato aos seus próprios olhos parece reto, mas o sábio dá ouvidos aos conselhos”. Em Israel, os anciãos eram considerados sábios. Certamente o rei deveria ser sábio. Mas aqui temos um “rei velho e insensato, que já não se deixa admoestar”. Esse rei tolo é tão isolado quanto o homem rico da primeira história. O homem rico dedicou toda a sua vida a acumular riquezas e perdeu suas companhias, até mesmo seus filhos e irmãos. Ele era uma figura solitária, sem “um segundo”. O “rei velho e insensato... não se deixa admoestar”. Ele demitiu seus conselheiros.[24] Ele seguirá sozinho. Ele, também, é uma figura solitária, não tem “um segundo”. Ou há “um segundo”? Sim, há. O segundo é o sucessor do velho rei.[25] Ele está esperando na prisão.

O verso 14 diz: “Ainda que aquele[26] saia do cárcere para reinar ou nasça pobre no reino deste”. O jovem pobre e sábio pode sair da prisão para reinar. Um exemplo de jovem sábio que saiu da prisão para reinar é o “jovem” (Gn 37.30) José, que saiu da prisão no Egito e passou a governar a nação. Faraó lhe disse: “Vês que te faço autoridade sobre toda a terra do Egito” (Gn 41.41).[27]

O verso 15 continua: “Vi todos os viventes que andam debaixo do sol com o jovem sucessor, que ficará em lugar do rei”. “Todos os viventes” seguiam “o jovem [o segundo][28] que ficará em lugar do rei”. Ele não era solitário como o rei velho e insensato. Ele era um com todas as pessoas que liderava. Este jovem sábio se tornou um rei sábio. O verso 16 diz: “Era sem conta todo o povo que ele dominava”. Os comentaristas estranham frases como “todos os viventes” seguindo o jovem e “era sem conta todo o povo que ele dominava”. É uma hipérbole? É um exagero? Provavelmente. Mas nos faz pensar novamente em José, sobre quem lemos em Gênesis 41.57: “(...) todas as terras vinham ao Egito, para comprar de José, porque a fome prevaleceu em todo o mundo”.

O Pregador tem em mente um grande e sábio rei como José. Mas ele continua, no verso 16: “tampouco os que virão depois dele se hão de regozijar nele”. As pessoas se tornarão críticas e não mais seguirão o rei.[29] Eles o rejeitarão. A fama política é de curta duração. “As pessoas são volúveis e podem estender as palmas diante de um recém-chegado e clamar “crucifica-o” poucos dias depois”.[30]

Com sua afirmação de que “tampouco os que virão depois dele se hão de regozijar nele”, o Pregador pode sugerir que o rei sábio logo será esquecido. Em 9.15, o Pregador conta uma história similar sobre um homem pobre e sábio: “Encontrou-se nele um homem pobre, porém sábio, que a livrou pela sua sabedoria; contudo, ninguém se lembrou mais daquele pobre”. Como o Pregador disse em 2.16, “(...) tanto do sábio como do estulto, a memória não durará para sempre; pois, passados alguns dias, tudo cai no esquecimento” (cf. 1.11). Novamente podemos pensar em José. Um rei tão sábio, com tanta sabedoria. Mas lemos em Êxodo 1.8: “Entrementes, se levantou novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José”. Aqueles que vieram depois de José se esqueceram dele. Um rei tão grande foi esquecido.

O Pregador conclui: “Na verdade, que também isto é vaidade e correr atrás do vento”. Até mesmo uma vida orientada por sabedoria, até mesmo uma vida que alcança o pináculo da realização humana, até mesmo uma vida que é exaltada pela adoração de milhões é fútil, inútil, no fim. O Pregador chama isso de “correr atrás do vento”. É vazio, não tem substância. O grande rei e seus atos maravilhosos são esquecidos.

Com esta história, o Pregador está nos advertindo de que há um limite para onde a sabedoria pode nos levar nesta vida. Certamente ele nos adverte a não seguirmos sozinhos. Isso é seguramente fútil. De muitas maneiras, é melhor serem dois do que um. Um cordão de três dobras é ainda melhor: não se rompe com facilidade. Devemos cooperar uns com os outros nesta vida. Mas devemos perceber que esta vida terrena terá um fim, e nossas maiores realizações logo serão esquecidas. A percepção da brevidade do nosso legado neste mundo deve nos manter humildes mesmo quando trabalhamos junto com outras pessoas.

Assim o Pregador nos desafia a não trabalharmos sozinhos e para nós mesmos, mas humildemente com e para outros. Seguir sozinho é fútil. Trabalhar juntos oferece muitas vantagens. Jesus também nos orienta a viver não para nós mesmos, mas a amar o próximo como a nós mesmos (Mt 22.39). Paulo diz que

somos todos membros de um só corpo – o corpo de Cristo. Como membros de um só corpo, não devemos seguir sozinhos, mas trabalhar juntos. “Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós” (1Co 12.21).

Nossa cultura é marcada por severo individualismo. O trato egoísta também tende a se infiltrar na igreja. Mas os cristãos não podem ser individualistas porque são membros de uma comunidade. Somos todos membros do corpo de Cristo. Como membros do corpo de Cristo, devemos trabalhar juntos pela vinda do reino de Deus ao mundo. Todas as nossas realizações individuais serão esquecidas no futuro, mas o que fazemos juntos pelo reino de Deus permanecerá. Paulo nos encoraja: “(...) meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1Co 15.58).

---

[1] “Não há continuidade temática aqui”. Whybray, Ecclesiastes, 86.

[2] Murphy, Ecclesiastes, 42. Cf. Fox, Ecclesiastes, 30: “O texto hebraico desta passagem é muito difícil... Em hebraico, geralmente não é claro a que pronomes e verbos se referem, e não é certo sequer quantos “jovens” aparecem na história, dois ou três”. Cf. Delitzsch, Ecclesiastes, 280: “Gratz acha que os versos 13-16 levam os expositores ao desespero”. Para um panorama claro das diferentes opiniões entre os comentaristas, veja A. D.Wright, “The Poor but Wise Youth and the Old but Foolish King”, 142-48.

[3] Provan, Ecclesiastes, 106-7. Cf.Murphy, Wisdom Literature, 137: “Esta unidade [4.7-16] é unida pela repetição da palavra-chave, (, v.8,10,15; , v. 9, 1, 12) e a frase característica ‘vaidade e correr atrás do vento’ termina a unidade”.

[4] Tendo em vista a incerteza da tradução do hebraico (veja p. 125, nota 2, acima), por enquanto estou seguindo a tradução (e interpretação) da NRSV.

* A publicação em português continua seguindo a ARA (N. do T.).

[5] Veja von Rad, Wisdom in Israel, 92-95.

[6] Jarick, Gregory Thaumaturgos’ Paraphrase, 359-60, n. 49, citado por Longman, Book of Ecclesiastes, 143.

[7] Matthew Henry e Thomas Scott, Commentary on the Holy Bible, Vol. 3 (Grand Rapids: Baker, 1960, reimpressão), 413.

[8] Provan, Ecclesiastes, 110. Veja ali também várias leis que requerem cuidado com o próximo.

[9] “A frase hebraica que era totalmente sozinho ( ) é uma frase geral que indica que o homem não tinha amigo, nem colega de trabalho, nem esposa (contra todos os comentaristas que têm tentado especificar uma dessas relações)”. Longman, Book of Ecclesiastes, 140. Seow, Ecclesiastes,188, salienta que “o comentarista medieval Rashbam especula que este verso se refere a avarentos que se recusam a aceitar qualquer pessoa como companheira, porque não querem compartilhar sua riqueza”.

[10] Longman, ibid.

[11] Brown, Ecclesiastes, 51. Cf. Provérbios 18.1.

[12] “No verso 8b, é uma conjunção coordenativa... Em outras palavras, há dois fatores no comportamento deste homem: externo – ele nunca cessa de trabalhar – e interno – nunca fica satisfeito com o que tem”. Fox, Qohelet, 204.

[13] Crenshaw, Ecclesiastes, 110.

[14] “O espírito competitivo que orienta a pessoa para melhor desempenho precisa ser equilibrado com o perigo de ação compulsiva. Quando o trabalho se torna uma busca irrefletida por riquezas, ele deixa de ter sentido”. Ogden, Qoheleth, 69.

[15] “As duas ocorrências de em 4.7-8 referem-se à falta de substância do vapor para descrever o trabalho fútil”. Miller, “Power in Wisdom”, 157, nota 35.

[16] Wright, “The Poor butWise Youth”, 148-49. Cf. Brown, Ecclesiastes, 51: “A vaidade de tudo isso é que a determinação incansável e a diligência focada produzem não autorrealização, mas autoprivação”.

[17] Ogden, “The Mathematics of Wisdom”, VT 34/4 (1984) 450.

[18] Veja Eclesiastes 10.8; Provérbios 26.27; 28.10.

[19] “O hebraico é estritamente plural (‘se caírem’), mas, ocasionalmente, o plural pode ‘denotar um singular indefinido’ e, assim, significar ‘se algum deles cair...’” Eaton, Ecclesiastes, 94.

[20] Conforme registrado em Time, 28 de janeiro de 2008, 75. O artigo explica que “estudos associaram o casamento a taxas menores de enfermidades cardiovasculares, câncer, doenças respiratórias e mentais. O casamento ajuda os cônjuges a lidar melhor com o stress”.

[21] Longman, Book of Ecclesiastes, 143. Veja também Fox, A Time to Tear Down, 223.

[22] “A sequência numérica X, X + 1 é muito comum no Antigo Testamento (cf. Ec 11.2; Am 1.3, etc.) e geralmente indica uma medida cheia daquilo que está sendo mencionado”. Eaton, Ecclesiastes,95.

[23] Ibid.

[24] O rei velho e sábio “se torna vulnerável a ser substituído por um que seja receptivo ao conselho sábio”. Brown, Ecclesiastes, 53. Veja Provérbios 15.22: “Onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros há bom êxito”. Cf. Provérbios 11.14: “Não havendo sábia direção, cai o povo, mas na multidão de conselheiros há segurança”.

[25] “O objetivo primário da narrativa em seu presente contexto é que “um segundo” nem sempre é uma vantagem”. Wright, “The Poor but Wise Youth”, 154.

[26] A questão é: Quem é “aquele”? É o rei insensato ou o jovem sábio? Wright, “The Poor but Wise Youth”, 152, argumenta que o velho rei continua sendo o sujeito do relato: “Ele (o rei) veio da prisão e da pobreza; o jovem ficaria no lugar do rei; o rei estava acima de todos eles; os que viessem depois não se alegrariam no rei”. Outros comentaristas argumentam que é o jovem sábio, que se torna rei (veja Eaton, Ecclesiastes, 96, com referências a Gordis e Aalders; e Longman, Book of Ecclesiastes, 146). Como a ambiguidade não muda o foco da história, seguirei a interpretação da NRSV, que é a interpretação da maioria dos comentaristas.

[27] A maioria dos comentaristas argumenta que o Pregador não tem um vulto histórico específico em mente. Ogden é uma das exceções. “Outra evidência de

que o Qohelet tem a história de José em mente é seu uso, em várias ocasiões (7.9; 8.8; 10.5) do termo usado somente em uma outra ocasião, em Gênesis 42.6, para descrever o ofício de José como conselheiro". Qoheleth, 72.

[28] Por causa da palavra "segundo", muitos comentaristas argumentam que há dois jovens (alguns, até três) na história: o jovem A (v.13) e o jovem B (v.15). Veja, e.g., Murphy, Ecclesiastes, 42-43; Whybray, Ecclesiastes, 89-90; Longman, Book of Ecclesiastes, 146-47; Fox, Ecclesiastes, 31; e Seow, Ecclesiastes, 191. Wright, "The Poor but Wise Youth", 149-50, apresenta um argumento atraente em favor de um só jovem: "O significado da palavra 'o segundo' no verso 15 é determinado por seu uso nos versos 8 e 10, em que foi empregada pela primeira vez... Significa 'companhia' ou 'associado', como todos os tradutores reconhecem. Não há um jovem B na história, porque a palavra 'segundo' não é usada em sentido enumerativo (i.e., segundo, terceiro, quarto), mas no sentido de 'companhia/associado'. O jovem descrito como 'o segundo' não é um segundo em relação ao jovem já mencionado no verso 13... É segundo em relação ao rei, isto é, um associado ou, neste caso, futuro sucessor".

[29] "A expressão ['regozijar-se nele']... pode indicar aceitação do governo do rei". Seow, Ecclesiastes,192. Cf. Juízes 9.19.

[30] Eaton, Ecclesiastes, 96.

CAPÍTULO 7

Adorando na casa de Deus

Eclesiastes 5.1-7

[1]

Guarda o teu pé, quando

entrares na casa de Deus.

(Ec 5.1)

Eclesiastes 5.1-7 é um texto único em Eclesiastes porque foca a adoração no templo de Deus. Este é um texto de pregação ideal para resistir à tendência contemporânea de transformar a adoração a Deus em entretenimento social ou em um espetáculo pomposo. O grande desafio ao pregar nesta passagem é conseguir entendimento adequado de algumas frases obscuras. Veja, por exemplo, a sentença “chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos” (5.1). O que é “sacrifício de tolos”? Longman pergunta: “Como ele está encorajando a ouvir e não a prestar um sacrifício alternativo, isso significa que todos os sacrifícios são sacrifícios de tolos?”[2] É ainda mais difícil interpretar a linha seguinte, que diz, literalmente: “Pois não sabem como fazer mal”. O Pregador está dizendo que os tolos “não sabem como fazer mal”?[3] E como lidar, no sermão, com 5.7a: “Como na multidão dos sonhos há vaidade, assim também, nas muitas palavras”? A NRSV observa: “significado do hebraico incerto”. “A NAB e a NEB o omitem totalmente”.[4]

Texto e contexto

Os limites desta unidade textual são identificados muito facilmente. Eclesiastes 5.1 começa uma nova unidade literária com “Guarda o pé, quando entrares na casa de Deus”. Ir à casa de Deus indica um novo tópico. Além disso, “guarda o pé” sinaliza “uma nova unidade literária, pela mudança de tom. A linguagem de reflexão em 4.1-16 dá lugar à linguagem de instrução em 5.1-7”.[5] A única questão é onde a unidade termina. Alguns comentaristas estendem o texto até o verso 9 porque os versos 8 e 9 continuam “o discurso em segunda pessoa – exatamente como o restante do poema que os precede”.[6] Mas o Pregador, em outros lugares, emprega uma ponte de uma unidade para outra – o que torna necessária uma decisão de se a ponte deve ser incluída no primeiro texto de pregação ou no segundo (veja, por exemplo, 3.16-17; 8.16-17; 9.11-12; e 11.7-8). Nesse caso, ele indica que os versos 1-7 são uma unidade, que forma uma inclusio com os imperativos “Guarda o teu pé quando entrares na casa de Deus” (v. 1) e “teme a Deus” (v. 7). O imperativo conciso, “teme a Deus”, forma uma poderosa conclusão para a unidade literária. Em adição, no verso 8, ele muda do tópico da adoração no templo para “a opressão ao pobre”. Portanto, podemos selecionar Eclesiastes 5.1-7 como nosso texto de pregação.

Como esta passagem trata de um tópico totalmente novo, há apenas algumas conexões com seu contexto. O pregador usa a palavra “tolo” três vezes. Ele havia escrito sobre tolos antes (2.14,15,16,19; 4.5,13) e fará isso novamente adiante (6.8; 7.6,17,25; 10.2,3,12,14,15). Mais importante, a admoestação “teme a Deus” ecoa uma conclusão anterior de que Deus estabeleceu os tempos “para que os homens temam diante dele” (3.14). O mesmo tema de temor a Deus será mencionado novamente na sequência (7.18; 8.12-13) e, por fim, na conclusão do livro (12.13).

Elementos literários

Esta passagem contém várias formas de sabedoria. Os imperativos indicam que a forma geral é de instrução.[7] O Pregador usa “quatro admoestações ou imperativos relacionados à atividade cúltica. Cada um deles é fortalecido por uma cláusula motora, e, também, há citações ou comentários que dão força à ordem”.[8] Podemos descrever a estrutura básica da seguinte forma:

I. Admoestação

A. Cláusula motora (razão para obedecer à admoestação)

1. Provérbio adicional de reforço

A primeira admoestação, “Guarda o pé quando entrares na casa de Deus”, é reforçada por uma cláusula motora que consiste de um provérbio “melhor que”: “Chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos” (v. 1). A segunda admoestação consiste de um paralelismo sinônimo: “Não te precipites com a tua boca, nem com o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus”. Ela é reforçada por uma cláusula motora que consiste de um provérbio com paralelismo antitético: “Porque Deus está nos céus, e tu, na terra” (v. 2) e por um provérbio com paralelismo sinônimo: “Porque dos muitos trabalhos vêm os sonhos, e do muito falar, palavras néscias” (v. 3). A terceira admoestação, “quando fizeres a Deus algum voto, não tardes em cumpri-lo”, é reforçada pela cláusula motora, “porque não se agrada de tolos” (v. 4), e concluída com um provérbio “melhor que”: “Melhor é que não votes do que votes e não cumpras” (v. 5). A admoestação final consiste de paralelismo

sintético: “Não consintas que a tua boca te faça culpado, nem digas diante do mensageiro de Deus que foi inadvertência”. Ela é reforçada por uma cláusula motora na forma de uma pergunta retórica: “por que razão se iraria Deus por causa da tua palavra...?” (v. 6), bem como um provérbio com paralelismo sinônimo, “como na multidão dos sonhos há vaidade, assim também, nas muitas palavras” (v.7) e concluída com o imperativo: “Teme a Deus”.[9] Essas formas de sabedoria nos ajudarão a esboçar a estrutura do texto.

A repetição pode novamente dar pistas do tema do autor. Deve-se observar que, nesta curta passagem, o Pregador menciona “Deus” seis vezes e se refere aos “tolos” três vezes. Graham Ogden afirma: “O teor das admoestações e a menção ao tolo em três ocasiões sugere que o Qohelet está interessado em que o povo evite os tipos de erro que os tolos podem cometer na área cúltica. O uso frequente de vocabulário ligado à comunicação verbal (, , , ,) [dizer, palavra, boca, voz, voto] foca nos perigos de fala descuidada, à qual o tolo é especialmente inclinado”.[10]

Estrutura textual

A melhor pregação expositiva foi descrita com a imagem vívida do pregador tocando o texto “com um martelo de prata e imediatamente quebrando-o em divisões naturais e memoráveis”.[11] Neste estágio de nosso estudo, procuramos as “divisões naturais” e suas subdivisões no texto de pregação. Nesta passagem, as quatro admoestações oferecem os pontos principais da estrutura textual:

I. Guarda o pé, quando entrares na casa de Deus (v. 1a)

A. Razão: Chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos (v. 1b)

1. Pois não sabem que fazem mal (v. 1c)

II. Não te precipites com a tua boca (v. 2a)

nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus

A. Razão: Porque Deus está nos céus e tu, na terra (v. 2b)

B. Conclusão: Portanto, sejam poucas as tuas palavras (v. 2c)

C. Provérbio de reforço e ordem: Porque dos muitos trabalhos vêm os sonhos,

e do muito falar, palavras néscias (v. 3)

III. Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo (v. 4a)

A. Razão: Porque [Deus] não se agrada de tolos (v. 4b)

B. Conclusão: Cumpre o voto que fazes (v. 4c)

C. Provérbio de reforço e ordem:

Melhor é que não votes (v. 5)

do que votes e não cumpras

IV. Não consintas que a tua boca te faça culpado (v. 6a)

nem digas diante do mensageiro de Deus que foi inadvertência

A. Razão: Por que razão se iraria Deus por causa da tua palavra (v. 6b)

a ponto de destruir as obras das tuas mãos?

B. Provérbio de reforço e ordem:

Como na multidão dos sonhos há vaidade (v. 7a),

assim também nas muitas palavras (cf. v. 3)

C. Conclusão: Tu, porém, teme a Deus (v.7b)[12]

Interpretação teocêntrica

Como mencionado, esta passagem se refere a Deus não menos de seis vezes – uma concentração notável para o livro de Eclesiastes. Essa concentração se deve ao fato de que esta passagem trata do comportamento no templo de Deus. Mais importante é a afirmação teológica do Pregador: “Deus está nos céus, e tu, na terra” (v. 2). Esta convicção da transcendência de Deus é o fundamento para as quatro admoestações. “A consciência da transcendência divina sustenta uma economia de discurso humano, afirma o Qohelet. Se Deus fosse totalmente imanente, residindo totalmente dentro do coração da pessoa, como alguns hoje alegam, então seria dada liberdade total ao discurso e à imaginação humana, como a lógica do Qohelet sugere... ‘Deus está nos céus’ e o abismo que separa a criatura do Criador requer economia de palavras, que reflita integridade e reverência adequadas. Como totalmente Outro, Deus responsabiliza as pessoas pelo que dizem e fazem”.[13]

Tema e objetivo textual

Michael Fox alega que “o tema principal da presente unidade é o cuidado em fazer votos. As observações sobre ir ao templo, oferecer sacrifícios, evitar a fala precipitada e temer a Deus são todas organizadas em torno desse tema e devem ser interpretadas nesse contexto”.[14] Mas sua proposta é restrita demais, pois vemos na estrutura textual acima que os votos só são mencionados no terceiro ponto principal.

Devemos formular um tema que abranja todos os pontos da passagem: guardar o pé, ouvir, orar, cumprir os votos, não considerar o voto um erro e temer a Deus. Todos esses componentes são unidos pelo tema de adorar a Deus em seu templo. Como diz Seow: O tema comum nestes versos é a atitude da pessoa diante de Deus, com o Qohelet aconselhando cuidado, reverência, comedimento, moderação e sinceridade. A ênfase em toda a passagem é a necessidade de se respeitar a distância entre a humanidade e Deus, ênfase que é condensada pelas admoestações ‘guarda o pé’ (5.1) e ‘teme a Deus’ (5.7)”.[15] Esses dois imperativos, como vimos, formam uma inclusio para nosso texto. Portanto, podemos alcançar os vários elementos deste texto com o tema abrangente: “Adore a Deus em sua casa com temor”.

Contudo, como os temas devem ser claros como cristal, temos que esclarecer a palavra “temor”, que está sujeita à má interpretação. Perdue fala em favor daqueles que entendem “temor” como “medo”, “terror”, “ter medo de Deus”. Ele escreve: “Diferentemente do significado da frase em Provérbios, o Qohelet entende que ‘temor a Deus’ é medo, até mesmo terror, evocado pela insondável soberania da história humana”.[16] Mas dadas as quatro admoestações, faz pouco sentido dizer: “Adore a Deus em sua casa com terror e medo”. Além disso, não há razão válida para entender o uso que o Pregador faz da frase “temor a Deus” de modo diferente do modo como é entendida no epílogo (12.13) e em outros lugares do Antigo Testamento.[17] Temer a Deus é reverenciar a Deus, ter reverência a Deus, aproximar-se dele com reverência.[18] Podemos, portanto, formular o tema textual como: Adorar a Deus em sua casa com reverência.

O objetivo do Pregador ao enviar essa mensagem é mais urgente do que simplesmente encorajar os israelitas a fazer alguma coisa. Os imperativos indicam que ele está ordenando, orientando. Assim, podemos formular o objetivo textual da seguinte forma: orientar Israel a adorar a Deus em sua casa com reverência.

Maneiras de pregar Cristo

Como esta passagem não contém nem uma promessa nem um tipo de Cristo, exploraremos os outros cinco caminhos para se chegar a Cristo, no Novo Testamento.

Progressão histórico-redentiva

O Pregador orienta Israel a adorar a Deus em sua casa com reverência. A casa de Deus naqueles dias era o segundo templo. Nos tempos do Antigo Testamento, as pessoas precisavam levar seus sacrifícios (5.1) ao templo em Jerusalém. Mas a vinda de Jesus provocou uma grande mudança com respeito aos sacrifícios animais e ao lugar de adoração. Quando a mulher samaritana disse a Jesus "Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar", ele respondeu: "Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai... vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade" (Jo 4.20-23). As pessoas agora podem adorar o Pai sempre que duas ou três pessoas estiverem reunidas em nome de Jesus (Mt 18.20).

O Pregador também nos exorta com "sejam poucas as tuas palavras" por causa da distância entre Deus e nós: "Deus está nos céus, e tu, na terra". Mas, com a vinda de Jesus, o Mediador, a distância entre Deus e nós foi coberta por uma ponte. Jesus instruiu seus seguidores a respeito da oração: "(...) tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei" (Jo 14.13-14). Paulo, também, escreve que, por intermédio de Cristo Jesus, "temos acesso ao Pai em um Espírito" (Ef 2.18). O autor de Hebreus também nos encoraja: "Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne, e

tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura" (Hb 10.19-22).

Analogia

O Pregador nos orienta a adorar a Deus em sua casa com reverência porque "Deus está nos céus, e ti, na terra". Jesus também nos ensina a lembrar de que Deus está nos céus; aliás, ele nos ensina a nos dirigirmos a Deus como "Pai nosso que estás nos céus" (Mt 6.9). Durante seu ministério terreno, Jesus também orientou a adoração reverente no templo. Quando Jesus viu que os átrios do templo tinham sido transformados em um mercado livre, ele "expulsou todos os que ali vendiam e compravam; também derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores" (Mt 21.12-13).

Também devemos observar analogias em detalhes das instruções do Pregador e das de Jesus. Como o Pregador do Antigo Testamento, Jesus nos orienta a que nossas palavras sejam poucas: "(...) orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais" (Mt 6.7-8).

A respeito dos votos, Jesus chama os escribas e fariseus de "hipócritas" e "guias cegos" por ensinarem que não há necessidade de se cumprir os votos. Eles ensinavam: "Quem jurar pelo santuário, isso é nada; mas, se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou!" (Mt 23.16; cf. v.18). De fato, a respeito dos votos feitos ao Senhor, Jesus disse: "(...) de modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés (...) Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não" (Mt 5.34-37).

Como o Pregador do Antigo Testamento, Jesus também nos instrui a "temer a Deus". Ele disse: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o

corpo” (Mt 10.28).

Temas longitudinais

O Pregador insiste que adoremos a Deus com reverência ouvindo, não falando. O grande mandamento do antigo povo da aliança de Deus era: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (Dt 6.4-5). O mandamento divino de ouvir é repetido muitas vezes no Antigo Testamento (por exemplo, Dt 4.10; 5.1; 6.3, 4; 9.1; 12.28; 20.3; 31.12,13; Is 1.10; 7.13; 28.14). Provan observa: “Sem ouvir não pode haver entendimento do reino de Deus; por isso, Jesus repete: ‘Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça’ (por exemplo, Mt 11.15; 13.9,43; Jo 8.47)”.[19]

Referências do Novo Testamento

Além das referências no Novo Testamento que servem de base para os caminhos para se chegar a Cristo apresentados acima, também se pode usar Hebreus 12.28-29: “(...) recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor”.

Contraste

A não ser pelos contrastes observados na progressão histórico-redentiva, acima, não há contraste entre a mensagem do Pregador e a do Novo Testamento.

Tema e objetivo do sermão

Formulamos o tema textual como “Adorar a Deus em sua casa com reverência”. Em nosso texto, a “casa” de Deus é entendida como sendo o templo de Deus. Como foi observado acima, a vinda de Jesus muda o lugar de adoração do templo de Jerusalém para onde estiverem dois ou três reunidos em seu nome (Mt 18.20; Jo 4.20-23). Mas, como ainda falamos de cada um desses lugares de reunião como “casa de adoração”, devemos manter o tema textual como tema do sermão: Adorar a Deus em sua casa com reverência.

O objetivo do Pregador foi “orientar Israel a adorar a Deus em sua casa com reverência”. Nosso objetivo ao pregar este sermão pode ser praticamente o mesmo: orientar os ouvintes a adorar a Deus em sua casa com reverência.

O objetivo do sermão revela a necessidade tratada neste sermão: as pessoas não estão adorando a Deus com reverência. Provan observa que “‘cultos de adoração’ dão pouca oportunidade para a reverência silenciosa na presença de Deus, mas muita oportunidade para performances por parte de alguns oradores e músicos profissionais selecionados, que ocupam todo o tempo com suas palavras e sons”. Ele também observa que nossa cultura narcisista está invadindo a igreja: “Um panorama de sermões pregados por ministros evangélicos entre 1985 e 1990 sugere, de fato, que cerca de 80% deles fizeram Deus e sua palavra girarem em torno do eu. Isso está relacionado à profissionalização do ministério, na qual o ponto de articulação em torno do qual o ministério gira não é mais Deus, mas a igreja, que, por sua vez, passa a ser um tipo de ídolo”.[20]

Exposição do sermão

Pode-se começar o sermão com uma ilustração contemporânea da necessidade tratada. Muitos vêm a igreja sem a reverência adequada. Alguns vêm por costume ou superstição; outros, para serem entretidos; ainda outros, para serem vistos e ouvidos.

Isso acontecia também em Israel. As pessoas ainda iam ao templo, mas não se aproximavam de Deus com reverência. A adoração a Deus tinha se tornado mera formalidade. De fato, sabemos, por Malaquias,[21] que Israel desonrou a Deus em seu templo. Enquanto Deus requeria que as pessoas trouxessem os melhores animais para serem sacrificados, elas apresentavam como oferta os animais que não tinham mais utilidade para si mesmas: animais cegos, coxos e doentes. Em vez de abençoar seus adoradores, Deus disse: "Maldito seja o enganador, que, tendo um animal sadio no seu rebanho, promete e oferece ao Senhor um defeituoso" (Ml 1.14). Além disso, as pessoas eram rápidas em fazer votos a Deus; eram rápidas em fazer promessas a Deus, mas também eram rápidas "em retratarem-se por elas mais tarde, quando percebiam as implicações de suas palavras (veja Pv 20.25)".[22]

Contra este pano de fundo no qual Deus amaldiçoa seus adoradores, ouvimos a urgência da mensagem do Pregador em Eclesiastes. Ele dá a Israel uma série de ordens sobre sua conduta na adoração a Deus em seu templo. Ele começa em 5.1: "Guarda o pé, quando entrares na casa de Deus". Tenha cuidado quando entra no templo. Pense no que está prestes a fazer. Você não está fazendo uma visita informal a um amigo para bater papo. Você não está apenas passando tempo com um amigo. Você está indo à "casa de Deus". Você está indo ao lugar onde o Criador Todo-Poderoso se abaixa para se encontrar com você. "Guarda o pé". Pense em Moisés se encontrando com Deus na sarça ardente. Deus lhe disse: "Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é terra santa" (Êx 3.5). "Guarda o pé".

Como devemos guardar o pé? O Pregador explica na linha seguinte: "Chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos". No templo, enquanto

os sacrifícios eram oferecidos a Deus, “o silêncio reinava, alimentando o sentimento da presença divina e da receptividade humana”.[23] Então o sacerdote lia a lei de Deus e explicava o que era lido. Ele fazia orações e o povo respondia com cânticos. E, finalmente, o sacerdote colocava a bênção de Deus sobre seu povo. “Chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos”.

Tolos eram aqueles que ofereciam sacrifícios inaceitáveis a Deus. As pessoas são tolas quando apresentam a Deus o que elas mesmas não podem usar: animais cegos, coxos e doentes. Os tolos também “creem que seus sacrifícios automaticamente apagam seus pecados, sem necessidade de arrependimento”.[24] Os tolos, diz o Pregador, no fim do verso 1, “não sabem que fazem mal”. Eles fazem o mal até mesmo quando vão à casa de Deus.[25]

O ponto é: devemos ir à casa de Deus, antes de tudo, para ouvir o que Deus tem a nos dizer.[26] Muitas vezes, Deus disse a Israel: “Ouve, Israel”.[27] Israel devia ouvir, antes de tudo, a instrução de Deus. Jesus também diz à sua igreja repetidamente: “Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça”.[28] Paulo escreve que “A fé vem pela pregação [pelo ouvir], e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). E Tiago admoesta: “Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar” (Tg 1.19). Devemos ir à casa de Deus primeiramente para ouvir.

O segundo ponto que o Pregador quer enfatizar sobre a adoração a Deus com reverência tem a ver com a oração. Ele escreve, no verso 2: “Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus”. As palavras “diante de Deus” “geralmente significam no templo, na presença de Deus”.[29] Assim, não devemos ser precipitados com a nossa boca. Não devemos ser rápidos para falar quando oramos na casa de Deus. Por que o Pregador nos adverte a sermos moderados ao falarmos diante de Deus? Ele responde: “Porque Deus está nos céus, e tu, na terra”. O Pregador nos faz lembrar a tremenda distância que há entre Deus e nós. Deus está nos céus, nós, na terra. Deus está muito acima de nós, é muito superior a nós. Deus é o Rei Criador Todo-Poderoso. Mesmo quando nos encontramos com reis e rainhas humanos, devemos ser moderados em nosso falar. Por isso, certamente devemos controlar nossa língua quando nos encontramos com o Deus Todo-Poderoso em sua casa. Somos meros seres terrenos. Mostramos reverência a Deus quando não somos rápidos para falar.[30]

O Pregador repete sua ordem no fim do verso 2: “Portanto, sejam poucas as tuas palavras”. Sua primeira orientação para uma adoração reverente foi “chegar-se

para ouvir". A segunda é "sejam poucas as tuas palavras", porque Deus está nos céus. Jesus também nos ensina a moderar as palavras. Ele nos instrui: "Orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais". Então, curiosamente, Jesus diz: "Vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus" (Mt 6.7-9). Como o Pregador do Antigo Testamento, Jesus nos lembra de que Deus está no céu e nós, na terra. Assim, por reverência ao Deus Todo-Poderoso, nossas palavras devem ser poucas. Mas Jesus acrescenta que nossas palavras podem ser poucas porque estamos orando ao nosso "Pai, que está nos céus", e ele "sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais".

O Pregador reforça sua segunda orientação, "sejam poucas as tuas palavras", com um provérbio, no verso 3: "Dos muitos trabalhos vêm os sonhos, e do muito falar, palavras néscias". O provérbio admite que muitas preocupações levam a sonhos. Um segue o outro. Assim também a voz de um tolo leva a "palavras néscias".[31] Como em sua primeira orientação, na qual contrastou o chegar-se para ouvir com o "sacrifício de tolos", aqui ele contrasta sua orientação "sejam poucas as tuas palavras" com a voz de um tolo que fala "palavras néscias". Mais adiante, em seu livro, o Pregador dirá que "o estulto multiplica palavras" (10.14). Não devemos ser tolos em nossa adoração ao Deus Todo-Poderoso.

Tendo orientado que devemos adorar a Deus com reverência quando vamos à sua casa, primeiro, para ouvir, e de que devemos usar poucas palavras em oração, o Pregador passa ao terceiro ponto. Esse ponto tem a ver com votos. Verso 4: "Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos". Novamente o Pregador se refere aos tolos. Deus não tem prazer em tolos, por isso devemos ser sábios quando adoramos o Deus Todo-Poderoso. E somos sábios quando não demoramos em cumprir um voto feito a Deus. O Pregador faz alusão, aqui, à lei de Deus em Deuteronômio 23.21-22, que diz: "Quando fizeres algum voto ao Senhor, teu Deus, não tardarás em cumpri-lo; porque o Senhor, teu Deus, certamente o requererá de ti, e em ti haverá pecado. Porém, abstendo-te de fazer o voto, não haverá pecado em ti" (cf. Nm 30.2). Um voto é geralmente uma promessa condicional feita a Deus. Se Deus fizer alguma coisa pelo adorador, o adorador fará isso ou aquilo para Deus.[32] Por exemplo, a estéril Ana votou: "Senhor dos Exércitos, se benignamente atentares para a aflição da tua serva, e de mim te lembrares, e da tua serva te não esqueceres, e lhe deres um filho varão, ao Senhor o darei por todos os dias da sua vida, e sobre a sua cabeça não passará navalha" (1Sm 1.11).

Quando Deus respondeu à sua oração com a concepção e nascimento de Samuel, ela cumpriu seu voto, levando-o “à Casa do Senhor, em Silo” e “devolvendo-o” ao “Senhor, por todos os dias que viver” (1Sm 1.24,28). Ana cumpriu seu voto logo que pôde – depois que Samuel foi desmamado.

Infelizmente, os adoradores são tentados a não cumprir seu voto depois que Deus atendeu ao seu pedido. Por isso o Pregador continua, no verso 5: “Melhor é que não votes do que votes e não pagues”. O Novo Testamento oferece um exemplo surpreendente da ira de Deus quando a pessoa não cumpre seus votos. Ananias e Safira aparentemente votaram que entregariam o dinheiro da venda de uma propriedade à igreja para a distribuição aos necessitados. Mas, secretamente, retiveram para si parte do dinheiro. Pedro disse a Ananias: “Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder?” Pela mentira, Ananias e Safira foram punidos com a morte, “e sobreveio grande temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram a notícia desses acontecimentos” (At 5.4,11).

A tradição judaica ressaltava a seriedade de se fazer votos a Deus jurando por algum objeto. Como hoje podemos jurar com a mão sobre a Bíblia, eles juravam pelo céu, pela terra, pelo santuário, pelo ouro do santuário, pelo altar ou pela oferta sobre o altar. Jesus acusou os escribas e fariseus por fazerem engenhosas distinções entre esses votos, pois alguns votos tinham que ser cumpridos, enquanto outros podiam ser desconsiderados. Por exemplo, eles ensinavam: “Quem jurar pelo santuário, isso é nada; mas, se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou” (Mt 23.16-22). Jesus, ao contrário, ensinou que todos os votos a Deus devem ser cumpridos. Mas ele simplificou a questão. A respeito dos votos feitos ao Senhor, ele disse: “De modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser o estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser a cidade do grande Rei; nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno” (Mt 5.34-37).

Hoje, na igreja, ainda fazemos votos a Deus. Quando nos casamos, prometemos diante de Deus vivermos juntos como marido e esposa “até que a morte nos separe”. Quando apresentamos nossos filhos para o batismo, prometemos instruí-los na fé cristã e conduzi-los no discipulado cristão. Quando somos ordenados como oficiais da igreja, prometemos cumprir fielmente esse chamado. Também podemos fazer promessas particulares a Deus na igreja: “Se Deus me curar, eu...” E, em um número surpreendente de hinos, fazemos promessas a

Deus. Por exemplo: “Ó, Jesus, prometo te servir até o fim”;[33] “Tome minha prata e meu ouro; nem uma migalha vou reter”;[34] “Ensina-me, ó Senhor, teu caminho de verdade, e dele não me apartarei”;[35] “Vimos com ofertas à tua casa, e aqui pagamos os solenes votos que fizemos em angústia”;[36] “Adiante em teu nome, ó Senhor, vou meu labor diário cumprir – tu somente, Senhor, sabes tudo o que penso, falo ou faço”;[37] “Eu te seguirei por todos os meus dias”.[38] O ponto é: devemos cumprir essas promessas se quisermos adorar a Deus com reverência.

Essa admoestação é tão séria que o Pregador a reforça com sua orientação final. Verso 6: “Não consintas que a tua boca te faça culpado, nem digas diante do mensageiro de Deus que foi inadvertência”. O Pregador, aqui, parece estar se referindo a pessoas que fazem votos para serem pagos com uma certa quantia ao tesouro do templo. Quando deixam de pagar o que tinham prometido, o sacerdote ou algum mensageiro do templo as visitava para lembrar-lhes do voto.[39] Então as pessoas podiam dizer que seu voto foi “inadvertido”, foi um “erro”. Diziam que o voto não foi intencional.[40] Essa conduta era tola. Eles realmente achavam que Deus não via através desse artifício? O Pregador pergunta: “Por que razão se iraria Deus por causa da tua palavra, a ponto de destruir as obras das tuas mãos?” Deus pune as pessoas por não cumprirem seus votos e as punirá por suas desculpas esfarrapadas.

O Pregador conclui com o verso 7: “Como na multidão dos sonhos há vaidade, assim também, nas muitas palavras;[41] tu, porém, teme a Deus”. A primeira parte deste verso parece ser outro provérbio que reforça a orientação de que não devemos deixar que a boca nos leve ao pecado.[42] Como muitos sonhos são vaidades, isto é, vazios e fúteis, assim também uma multidão de palavras na adoração é vazia e fútil. Até mesmo nossa adoração a Deus pode ser sem substância, fútil, por causa da “multidão de palavras”.

Consequentemente, o Pregador conclui com uma última ordem: “Teme a Deus”. Em vez de[43] usar palavras vazias, tema a Deus. O livro de Provérbios enfatiza que “o temor do Senhor é o princípio do saber” (1.7; cf. 9.10; 31.30). O Pregador diz que o temor do Senhor é o princípio da adoração. Temer a Deus não significa que devemos ter medo de Deus ou ficar aterrorizados quando estamos na sua presença. Temer a Deus significa que reverenciamos a Deus, que temos reverência por ele, que comparecemos à sua presença com reverência.

Jesus concorda com o Pregador do Antigo Testamento que devemos adorar a Deus em sua casa com reverência. Jesus ficou muito irado quando viu que os

átrios do templo tinham se transformado em um mercado. Lemos em Mateus 21, que ele “(...) expulsou todos os que ali vendiam e compravam; também derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores” (Mt 21.12-13). “A minha casa será chamada casa de oração”.

Devemos adorar a Deus em sua casa com reverência. A reverência a Deus nos fará guardar o pé quando entrarmos na casa de Deus. A reverência a Deus nos fará chegar para ouvir, em vez de tagarelar como tolos. A reverência a Deus nos fará não sermos precipitados em nosso falar. A reverência a Deus nos fará cumprir prontamente quaisquer promessas que tivermos feito a Deus. A reverência a Deus nos fará abandonar as desculpas esfarrapadas por não cumprirmos nossas promessas. Em resumo, a reverência a Deus tornará nossa adoração verdadeiramente impressionante.

---

[1] Na Bíblia hebraica, 4.17–5.6.

[2] Longman, Book of Ecclesiastes, 150.

[3] Fox, Qohelet, 210-11, reconhece abertamente: “O fim de 4.17 [heb.] é um problema... Já que o MT é claro e gramaticalmente possível, traduzo a sentença sem entender o objetivo de seu contexto”.

[4] Eaton, Ecclesiastes, 100. Crenshaw, Ecclesiastes, 118, observa: “Nenhuma solução parece ser totalmente satisfatória”.

[5] Seow, Ecclesiastes, 197.

[6] Loader, Ecclesiastes, 57. Veja também Crenshaw, Ecclesiastes, 115.

[7] Murphy, Wisdom Literature, 138-39.

[8] Ogden, Qoheleth, 75. As quatro admoestações são encontradas em 5.1; 5.2; 5.4; 5.6.

[9] Para algumas dessas formas, veja Longman, Book of Ecclesiastes, 151-56.

[10] Ogden, Qoheleth, 75-76.

[11] W. R. Nicoll, descrevendo os sermões de Alexander McLaren; citado por John Stott, Between Two Worlds: The Art of Preaching in the Twentieth Century (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 230.

[12] Cf. Murphy, Wisdom Literature, 138, que esboça esta passagem de A a J e Fletcher,“Ecclesiastes 5:1-7”, Int 55/3 (2001) 296.

[13] Brown, Ecclesiastes, 56.

[14] Fox, Ecclesiastes, 32. Cf. seu Qohelet, 209.

[15] Seow, Ecclesiastes, 197.

[16] Perdue, Wisdom Literature, 201. Cf. Shepherd, “Ecclesiastes”, 304, que diz que o Qohelet não quer dizer “o que o narrador quer dizer em 12.13 quando diz ‘teme a Deus’, embora use palavras idênticas... A admoestação do Qohelet aqui não é que se deve ter um medo ‘reverencial’ de Deus, mas que se deve verdadeiramente ter medo de Deus”. Cf. Longman, Book of Ecclesiastes, 124.

[17] As diferentes interpretações se devem a diferentes pressupostos. Veja acima, p. 21–27. Cf. Whybray, Ecclesiastes, 75: “A ideia de que o conceito do Qohelet de ‘temor a Deus’ é essencialmente diferente de seu sentido usual no Antigo Testamento (devoção a Deus, adoração a Deus ou pronta obediência aos seus mandamentos) é derivada de uma interpretação particular do pensamento do Qohelet em geral, não do uso real da frase. Seu significado é que Deus corretamente requer ‘temor’ dos homens, no sentido de reconhecimento de sua diferença essencial de suas criaturas (cf. 5.2)”.

[18] “A noção de ‘temor a Deus... de modo nenhum denota terror. Em vez disso, o conceito de temor a Deus, aqui, como em outros lugares da literatura sapiencial israelita, enfatiza a distância entre divindade e humanidade”. Seow, Ecclesiastes, 174. Cf. Whybray, “Qoheleth as a Theologian”, 264: “A posição comumente defendida de que o ‘temor a Deus’ que o Qohelet recomendou aos seus leitores era medo – isto é, terror – no sentido mais literal não pode ser sustentada. Não há base para isso no texto”. Cf. Provan, Ecclesiastes, 118: “O leitor é exortado a se manter na realidade: ‘Mantenha o temor a Deus’”. Cf. Von Rad, Wisdom in Israel, 66: “O leitor moderno deve... eliminar, no caso da palavra ‘temor’, a ideia de algo emocional, de uma forma psíquica específica da experiência de Deus”.

[19] Provan, Ecclesiastes, 119. Veja também Apocalipse 2.7,11,17,29; 3.6,13,22.

[20] Ibid., 121-22.

[21] Malaquias escreveu seu livro por volta de 430 a.C. – um ou dois séculos antes de Eclesiastes.

[22] Seow, Ecclesiastes, 200. Seow, ibid., 200-201, continua: “A Mishnah, de fato, fala de uma série de justificativas que as pessoas podiam apresentar para não cumprirem seus votos” (Ned. 9)”.

[23] Brown, Ecclesiastes, 55.

[24] Whybray, Ecclesiastes, 93: “O ‘tolos’ que o Qohelet tem em mente são presumivelmente, aqueles que acreditam que seus sacrifícios automaticamente apagarão seus pecados sem necessidade de arrependimento, e também estão oferecendo sacrifícios que em si mesmos são essencialmente ímpios e merecem a ira de Deus”. Provan, Ecclesiastes, 116-17, sugere: “O ‘sacrifício de tolos’ é... a observância descuidada da religião, desvinculada de qualquer movimento genuíno da alma em direção a Deus e realizado por costume, pressão ou hábito”. Shepherd, “Ecclesiastes”, 302, argumenta: “Designando o ouvir como a coisa mais apropriada a se fazer na presença de Deus, a implicação é que o ‘sacrifício de tolos’ é o falar excessivo; esta implicação se torna explícita no verso 2”. As últimas duas interpretações não consideram “sacrifício” literalmente, mas entendem a palavra como uma metáfora.

[25] O hebraico diz, literalmente: “pois eles não sabem de fazer mal”. A NRSV interpreta isso como: “Pois eles não sabem como deixar de fazer mal”; A NASB traz: “Pois eles não sabem que estão fazendo mal”; e a TNIV traz: “Quem não sabe que eles fazem mal”. Como esta frase não é importante e para não confundir seus ouvintes, acho melhor seguir a tradução da Bíblia que o povo usa.

[26] Muitos comentaristas ligam este verso a 1Samuel 15.22, “obedecer é melhor que sacrificar”, e igualam ouvir a obedecer. Mas o contraste, neste contexto, é entre ouvir e se precipitar com a boca. “Em contraste com a abordagem de tolos barulhentos, é melhor ouvir do que falar”. Seow, Ecclesiastes, 194.

[27] E.g., Deuteronômio 4.10; 5.1; 6.3,4; 9.1; 12.28; 20.3; 31.12,13; Isaías 1.10; 7.13; 28.14

[28] E.g., Mateus 11.15; 13.9,43; João 8.47; Apocalipse 2.7,11,17,29; 3.6,13,22.

[29] Fox, Ecclesiastes, 33.

[30] “Para o Pregador, o ato supremo de impiedade é a presunção de que a pessoa está na posição de controle quando trata com Deus”. Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, 311.

[31] Veja Whybray, Ecclesiastes, 94.

[32] “Os votos no templo eram um elemento comum na adoração do Antigo Testamento e envolvia promessas de consagrar coisas como sacrifício ou dinheiro a Deus para garantir um pedido feito em oração (Lv 7.16-17; 22.18-23; 27.1-25; Nm 6). A tentação apresentada ao adorador era evitar cumprir o voto depois que a oração fosse respondida” Provan, Ecclesiastes, 117.

[33] John E. Bode, 1869.

[34] Frances R. Havergal, 1874.

[35] salmo 119.33.

[36] salmo 66.13-14.

[37] Charles Wesley, 1749.

[38] Rich Mullins, 2005.

[39] Para esta interpretação, veja Longman, Ecclesiastes, 154, e Crenshaw, Ecclesiastes, 117. Leupold, Exposition of Ecclesiastes, 121-22, entende o “mensageiro” como o sacerdote a quem se pede para fazer uma “correção de oferta” para o votante se livrar do pecado. Whybray, Ecclesiastes, 96, concorda que o “mensageiro” “é o sacerdote, a quem é feita confissão (neste caso, falsa)”.

[40] Para a distinção entre pecados intencionais e não intencionais, veja Levítico 4.2-35 e Números 15.22-31.

[41] “Não há verbo no hebraico, e três substantivos – sonhos, “futilidades” (, no plural) e palavras – são unidos simplesmente pelo (normalmente, “e”), sugerindo que formam uma lista”. Whybray, Ecclesiastes, 96. A falta de um verbo leva a muitas traduções e intrepretações diferentes (see Seow, Ecclesiastes, 197). Por exemplo, a TNIV traduz: “Muitos sonhos e muitas palavras são sem

significado”. Como antes, no verso 3, acho que é melhor, no sermão, seguir a tradução/interpretação da Bíblia que os ouvintes usam.

[42] “O verso começa com [‘porque’, omitido na maioria das traduções], que eu, aqui, interpreto em um sentido casual, identificando a primeira parte do verso como uma cláusula motora. Isso dá uma razão final para a cautela na prática cúltica”. Longman, Book of Ecclesiastes, 156.

[43] “O Qohelet insiste que, em vez disso (o é adversativo) seus ouvintes/leitores devem temer a Deus”.

CAPÍTULO 8

O amor ao dinheiro

Eclesiastes 5.8–6.9

[1]

Quem ama o dinheiro jamais dele

se farta; e quem ama a abundância

nunca se farta da renda

(Ec 5.10)

Eclesiastes 5.8–6.9 conclui a primeira metade do livro.[2] Este é um texto de pregação ideal para combater o materialismo de nossa sociedade e seu impacto sobre a igreja e seus membros. Como acontece com outros textos de pregação, ele confronta os pregadores com vários desafios. Como "não há entendimento entre os estudiosos sobre os limites da passagem",[3] a primeira questão a resolver é a escolha de uma unidade textual adequada. Se 5.8-9 for, de fato, parte desta unidade, a próxima questão é como a "opressão de pobres" (v. 8) está relacionada a "quem ama o dinheiro" (v. 10). Também enfrentamos o problema de interpretar algumas palavras e frases hebraicas obscuras. Por exemplo, qual é o significado de 5.9, "o rei se serve do campo"?[4] Além disso, devemos entender frases como "nas trevas, comeu em todos os seus dias" (5.17) literal ou figuradamente? E, finalmente, como veremos, a estrutura dessa passagem levanta uma importante questão para o sermão.

Texto e Contexto

Começamos procurando os limites do texto. Onde começa a unidade literária? Alguns comentaristas consideram que 5.8-9 pertence à unidade literária precedente (5.1-7),[5] enquanto outros argumentam que formam uma unidade em separado.[6] Esses comentaristas, então, começariam a unidade maior em 5.10. Mas outros comentaristas começam a unidade em 5.8.[7] Há divergência semelhante sobre o fim da unidade – alguns a terminam em 5.20; outros, em 6.9; ainda outros, em 6.12.

Seja qual for a unidade que selecionemos, fica claro, pelo conteúdo, que a exclamação do Pregador, “Eis o que eu vi...” (5.18-20), é o clímax do texto de pregação. Um bom texto de pregação, portanto, seria 5.10-20. Contudo, de acordo com a análise de Wright da estrutura de Eclesiastes (veja p. 39, acima), 6.9, com uma repetição final do duplo “também isto é vaidade e correr atrás do vento”, marca o fim da primeira metade do livro. Ficamos, portanto, com duas questões: Devemos incluir 6.1-9 em nosso texto de pregação e adicionar 5.8-9 ao seu início?

A resposta a essas perguntas foi indefinível até 1989, quando Daniel Fredericks publicou um artigo intitulado “Quiasma e estrutura paralela em Qohelet 5.9 [ing. 5.10]–6.9”.[8] Enfatizando as palavras hebraicas paralelas, Fredericks argumentou em favor da estrutura quiástica: A (5.10-12); B (5.13-17); C (5.18-20); C’ (6.1-2); B’ (6.3-6); A’ (6.7-9).[9]

Em 1997, Seow refinou a proposta de Fredericks, incluindo 5.8-9 no quiasma e centrando-o em 5.20. Ele observou os seguintes paralelos:[10]

A 5:8-12 O pobre (v. 8) Não satisfeito (v. 10) Que proveito (v. 11) Ver com

B 5:13-17 Filho que gerou (v. 14) Indo como veio (v. 15) Nas trevas, come

C 5:18-19 Boa (v. 18) Deus conferiu (v. 19) Isto é dom (v. 19)

D 5:20 Não se lembrará muito Deus lhe enche o coração de alegria

Consequentemente, Seow propôs a seguinte estrutura quiástica:[11]

A Pessoas que não podem ser satisfeitas (5.8-12)

B Pessoas que não podem desfrutar (5.13-17)

C O que é bom (5.18-19)

D Desfrute o momento (5.20)[12]

C’ O que é mau (6.1-2)

B’ Pessoas que não podem desfrutar (6.3-6)

A’ Pessoas que não podem ser satisfeitas (6.7-9)

Todos esses paralelos não podem ser coincidência. O Pregador deve ter deliberadamente estruturado Eclesiastes 5.8–6.9 como um quiasma. Como o autor pretendeu apresentar os versos como uma unidade, devemos usar toda a unidade como nosso texto de pregação.

Quanto ao contexto, o Pregador começa o texto com a opressão do pobre e a injustiça na terra (5.8) – tópico tratado pela primeira vez em 4.1-3. Ele salienta

que “quem ama o dinheiro jamais dele se farta” e que o apetite humano jamais “se farta” (5.10; 6.7). Ele já fez uma afirmação semelhante anteriormente: “Os olhos não se fartam de ver” (1.8) e, especificamente sobre indivíduos solitários que trabalham duro, disse: “Seus olhos não se fartam de riquezas” (4.8). O Pregador conclui que devemos desfrutar de nossa comida, bebida e trabalho (5.18-20), como havia feito anteriormente (2.24-26; 3.12-13,22) e fará novamente na sequência (8.15; 9.7-10).

Elementos literários

Em adição às repetições, paralelos e estrutura quiástica citados acima, também devemos observar as outras formas literárias presentes na passagem. O Pregador começa com uma instrução sobre opressão ao pobre e injustiça, incluindo a proibição “não te maravilhes de semelhante caso” (5.8) e um provérbio sobre o rei (5.9). Em seguida, menciona um provérbio sobre aquele que ama o dinheiro, que não fica satisfeito (paralelismo sinônimo) e sua confirmação, “também isto é vaidade” (5.10). O Pregador continua com um provérbio sobre o aumento de bens e o aumento daqueles que os comem (paralelismo sinônimo) e sua confirmação, com a pergunta: “Que mais proveito, pois, têm os seus donos do que os verem com seus olhos?” (5.11). Ele encerra esta seção com um quarto provérbio, comparando o doce sono do trabalhador com a falta de sono do rico (paralelismo antitético; 5.12).

O Pregador continua com uma reflexão, “Grave mal vi debaixo do sol” (5.13a). Ele relata uma anedota sobre uma pessoa rica que perdeu suas riquezas em uma má ventura e ficou sem ter o que passar aos seus filhos (5.13-17). Ele inclui na anedota uma declaração popular (5.15) similar a Jó 1.21: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei”, e faz outra pergunta retórica: “Que proveito lhe vem de haver trabalhado para o vento?” (5.16).

Em seguida, o Pregador faz uma reflexão sobre o que viu de bom: “Boa e bela coisa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol” (5.18-19). Ele conclui essa reflexão com a segurança de que “Deus lhe enche o coração de alegria” (5.20).

Depois, o Pregador faz outra reflexão sobre o que viu de mal “debaixo do sol” (6.1). Aqui ele relata uma anedota sobre uma pessoa que tem tudo o que seu coração desejar, “mas Deus não lhe concede que disso coma” (6.2). Ele também chama isso de “grave mal” (6.3; cf. 5.13). Nessa anedota, ele usa hipérbole: “cem filhos” e viver “duas vezes mil anos” (6.3,6).

O Pregador conclui esta passagem com um provérbio sobre o apetite não satisfeito (paralelismo sintético; 6.7), duas perguntas retóricas (6.8), um

provérbio “melhor que” (6.9a) e sua avaliação final: “Também isto é vaidade e correr atrás do vento” (6.9b).[13]

Se impusermos nossas descobertas sobre a estrutura quiástica, descobriremos que até mesmo as formas de sabedoria, grosso modo, confirmam o quiasma:

A Pessoas que não podem ser satisfeitas (5.8-12) instrução/quatro provérbios

B Pessoas que não podem desfrutar (5.13-17) reflexão/anedota

C O que é bom (5.18-19) reflexão

D Desfrute o momento (5.20) conclusão

C’ O que é mau (6.1-2) reflexão

B’ Pessoas que não podem desfrutar (6.3-6) anedota

A’ Pessoas que não podem ser satisfeitas (6.7-9) dois provérbios

Estrutura textual

Com a estrutura quiástica e as formas literárias em mente, estamos prontos para expor o esboço lógico do texto.

I. Instrução: Não se surpreenda com a opressão ao pobre (5.8a)

E a violação da justiça e do direito

A. Razão: Pois o alto oficial é vigiado por um ainda maior (5.8b)

1. No entanto, um rei pode ser uma vantagem para a terra (5.9)

B. Provérbio: Aquele que ama o dinheiro não se farta dele (5.10)

E o que ama a riqueza não se farta da renda

1. Isso também é vaidade

2. Quando os bens aumentam, aumentam seus consumidores (5.11)

3. O pobre dorme bem, mas o rico não consegue dormir (5.12)

II. Reflexão sobre um “grave mal” (5.13-17)

A. Anedota sobre um rico que perde suas riquezas em uma má ventura (5.13b-14a)

1. Não tem nada para deixar ao seu filho (5.14b)

2. Não tem proveito de todo o seu trabalho (5.15-16)

3. Acaba comendo em trevas e ressentimento (5.17)

III. Reflexão sobre o que é visto ser bom (5.18-20)

A. é bom comer, beber e encontrar alegria no trabalho (5.18a)

1. Esta é a nossa porção (5.18b)

2. Deus dá riqueza e posses, bem como a capacidade de desfrutar delas (5.19)

B. Razão: não se lembrará muito dos dias da sua vida, pois Deus lhe dá alegria (5.20)

IV. Reflexão sobre o que é visto ser mau: um “grave mal” (6.1-6)

A. Anedota sobre uma pessoa rica que não tem falta de nada (6.2a)

1. Mas não permite que desfrute de sua riqueza (6.2b)

B. Uma pessoa pode ter cem filhos, vida longa e não ter alegria (6.3a)

1. Um filho que ainda não nasceu é melhor que ela (6.3b-6)

a. Pois não tem conhecimento de nada (6.4-5a)

b. Tem mais descanso que o rico (6.5b)

V. Provérbio: Todo o trabalho humano é para sua boca (6.7),

Mas o apetite não fica satisfeito

A. Razão: Pois o sábio não tem vantagem sobre o tolo (6.8a)

1. Mas o pobre pode ter vantagem sobre o rico (6.8b)

B. Provérbio: Melhor é a vista dos olhos do que o delírio do desejo (6.9a)

1. O delírio do desejo (o apetite humano) é vaidade (6.9b)

E correr atrás do vento

Interpretação teocêntrica

Derek Kidner escreve: “À primeira vista, esta passagem pode parecer mero elogio à simplicidade e à moderação; mas, de fato, a palavra-chave é Deus, e o segredo da vida nos é revelado, a saber, sinceridade com ele: prontidão de receber o que vem a nós como enviado pelo céu, seja em trabalho, riqueza ou em ambos”.[14] De fato, é notável que nesta passagem relativamente breve o Pregador mencione Deus não menos que seis vezes e que as coloque no coração da passagem: “Os poucos dias da vida que Deus lhe deu” (5.18); “Deus conferiu riquezas e bens e lhe deu poder para deles comer e receber a sua porção, e gozar do seu trabalho, isto é dom de Deus” (5.19); “Deus lhe enche o coração de alegria” (5.20); “A quem Deus conferiu riquezas, bens e honra... mas Deus não lhe concede que disso coma” (6.2).

É claro que esta passagem é centrada em Deus: O Deus soberano nos dá nossa vida, nossa riqueza e nossos bens e a capacidade de desfrutar deles. O Pregador enfatiza que Deus é o grande Doador, repetindo em 5.19 que “isto é dom de Deus”. Deus é bom: ele “enche de alegria o coração” das pessoas (5.20). Mas Deus também pode reter esses dons: os pobres são oprimidos (5.8); os “poucos dias” de nossa vida chegarão ao fim (5.18); Deus também pode reter a alegria (6.2). Deus pode fazer tudo isso porque é soberano.

Tema e objetivo textual

O centro da estrutura quiástica frequentemente foca no tema. Nesta passagem, o centro é a conclusão, em 5.20. Deus mantém o povo ocupado com alegria. Mas essa conclusão é alcançada por meio de advertências sobre buscar saúde e encorajamento para desfrutar dos dons diários de Deus, comida, bebida e trabalho. Portanto, a questão é: O foco desta passagem está em Deus dando alegria ou no encorajamento para que nós desfrutemos dos dons diários de Deus, ou ambos? Acho que podemos manter o foco duplo no sermão: a mensagem do Pregador é: Desfrute dos dons diários de Deus. Depois de seguir esta orientação, reconheceremos que foi Deus quem nos deu essa alegria. Mas, para termos um sermão unificado, devemos formular um tema único. Levando em conta as advertências do Pregador sobre as riquezas, podemos formular o tema textual: Em vez de buscar riqueza, desfrute dos dons diários de Deus.

Quanto ao objetivo em enviar esta mensagem, Ellen Davis afirma que o Pregador "mostra mais consciência dos perigos do acúmulo de riquezas que qualquer outro escritor do Antigo Testamento. Isso reflete o fato de que, no século 3º a.C., muitos judeus estavam ansiosos por participar da economia mercantil altamente agressiva desenvolvida pelos governantes ptolomeus no Egito, cujo poder se estendia por toda a Palestina".[15] Contra este pano de fundo histórico, o objetivo duplo[16] do Pregador foi advertir Israel a não buscar riqueza e encorajá-lo a desfrutar os dons diários de Deus.

Maneiras de pregar Cristo

Com o tema em mente, devemos agora perguntar como podemos movê-lo a Jesus, no Novo Testamento. A progressão histórico-redentiva não oferece uma boa ponte; o mesmo acontece com promessa-cumprimento, tipologia e contraste. Isso nos deixa três caminhos a explorar: analogia, temas longitudinais e referências no Novo Testamento.

Analogia

A analogia sustentada por referências neotestamentárias oferece a ponte mais óbvia da mensagem do Pregador, no Antigo Testamento, para Jesus, no Novo Testamento, pois, em muitas ocasiões, Jesus advertiu contra a busca de riquezas. Ele disse: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.24).

Jesus advertiu seus discípulos: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui”. Para salientar seu ensino, Jesus contou a parábola do rico insensato que construiu celeiros maiores para estocar toda a sua produção e seus bens. O rico insensato disse: “Tens em depósito para muitos anos; descansa, come, bebe, regala-te”. Mas Deus lhe disse: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens, para quem será?” Jesus concluiu: “Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus” (Lc 12.15-21).

Jesus também contou a parábola do semeador cuja semente caiu em diferentes tipos de solo: pelo caminho, em terreno rochoso, entre espinhos e em bom solo. Para nosso propósito, o ponto relevante é a semente que caiu entre espinhos, pois Jesus, posteriormente, explicou: “O que foi semeado entre os espinhos é o que

ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera" (Mt 13.22).

Além disso, Jesus disse aos seus discípulos: "Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!... é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus". Quando seus ouvintes perguntaram "então, quem pode ser salvo?", Jesus respondeu: "Para os homens é impossível; contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível" (Mc 10.23,26-27). É preciso nada menos que o Deus Todo-Poderoso para salvar os ricos.

Jesus também advertiu aos seus seguidores: "Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará" (Jo 6.27).[17] Por isso Jesus orientou a multidão:

Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria um homem em troca de sua alma? Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos (Mc 8.34-38).

Além disso, Jesus ensinou aos seus seguidores que não precisavam se preocupar com comida e bebida. Ele observou que "(...) os gentios é que procuram todas estas coisas". Jesus assegurou aos seus seguidores que não deviam se esforçar por comida e bebida, "(...) pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.32-33). A implicação é que, em vez de nos preocuparmos com comida e bebida, devemos confiar em Deus e desfrutar de suas boas dádivas todos os dias. De fato, Jesus ensinou que até mesmo quando sofremos perseguição podemos nos regozijar e exaltar (Mt 5.12). Paulo, semelhantemente, instruiu a igreja: "Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos" (Fp 4.4).

Temas longitudinais

Podemos traçar do Antigo ao Novo Testamento o tema longitudinal do encontro da alegria nos dons diários de Deus, comida, bebida e trabalho – como fizemos no capítulo 3, acima. Como esta passagem, em adição, adverte contra a busca de riquezas, também podemos traçar o tema do perigo de se buscar riquezas. Em sua lei, Deus advertiu: "Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo" (Êx 20.17). Os profetas também advertiram contra a busca de riquezas. Por exemplo, Isaías proclamou:

Ai dos que ajuntam casa a casa

reúnem campo a campo,

até que não haja mais lugar,

e ficam como únicos moradores no meio da terra!

A meus ouvidos disse o

Senhor

dos Exércitos:

Em verdade, muitas casas ficarão desertas,

até as grandes e belas, sem moradores (Is 5.8-9).[18]

A literatura de sabedoria contém advertências similares contra a busca de riquezas não somente em Eclesiastes, mas também em Provérbios. Por exemplo, Provérbios 23.4-5 adverte:

Não te fatigues para seres rico;

Não apliques nisso a tua inteligência.

Porventura, fitarás os olhos naquilo que não é nada?

Pois, certamente, a riqueza fará para ti asas,

Como a águia que voa pelos céus.

E Provérbios 28.22 afirma: “Aquele que tem olhos invejosos corre atrás das riquezas; Mas não sabe que há de vir sobre ele a penúria.”

O Novo Testamento continua esse tema. Muitas vezes Jesus advertiu contra a busca de riquezas (veja “Analogia”, acima). Paulo prescreveu que o bispo deve ser “irrepreensível... não avarento” (1Tm 3.2-3). Em 1Timóteo 6, Paulo reflete muitos dos pensamentos do Pregador em nosso texto. Paulo chama suas próprias palavras de “sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Tm 6.3):

De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores... Exorta os ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento (1Tm 6.6-10,17).

Referências do Novo Testamento

Além das referências neotestamentárias acima, podemos usar algumas palavras de Paulo. A respeito da alegria, Filipenses 4.4-7: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos... E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus” (Fp 4.4-7). E a respeito do contentamento, Filipenses 4.11-13: “(...) aprendi a viver contente em toda e qualquer situação... de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece”.[19]

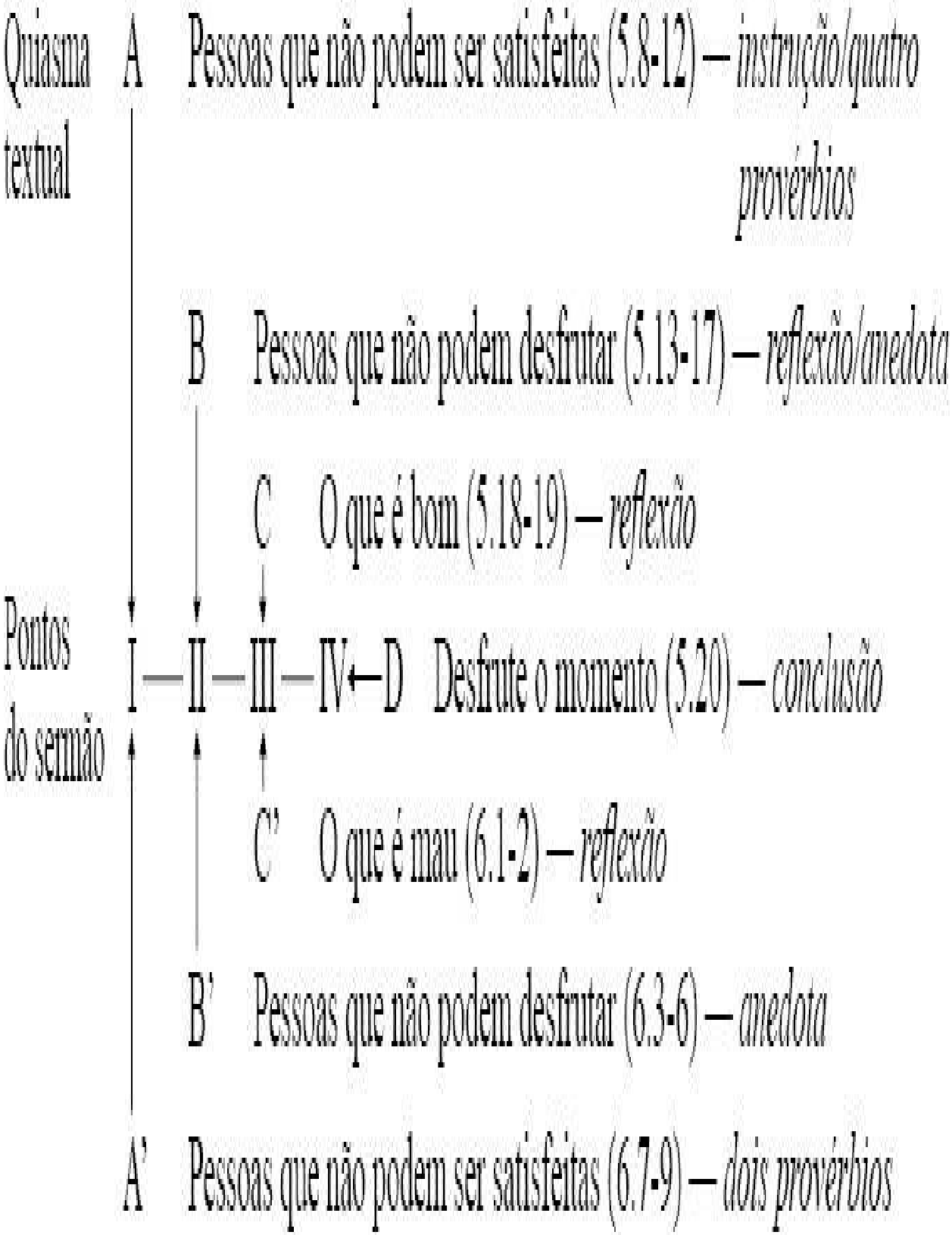
Tema e objetivo do sermão

Formulamos o tema textual como: “Em vez de buscar riqueza, desfrute dos dons diários de Deus”. Como o Novo Testamento não muda a mensagem, podemos usar o tema textual como tema do sermão: Em vez de buscar riqueza, desfrute dos dons diários de Deus.

Formulamos o objetivo do sermão como: “advertir Israel a não buscar riqueza e encorajá-lo a desfrutar os dons diários de Deus”. Este objetivo revela a necessidade tratada: as pessoas são tentadas a buscar riquezas e, assim, não desfrutam dos dons diários de Deus.

Forma do sermão

A forma do texto, como vimos, é um quiasma. Isso levanta a questão de se um sermão expositivo seguiria a forma quiástica ou a mudaria para uma forma mais convencional para ouvintes ocidentais – isto é, se haveria uma reorganização das partes para que o clímax de 5.18-20 venha no fim, não no meio. Podemos realizar essa mudança combinando cada um dos pares de paralelos (como A e A') como pontos do sermão. Essa reorganização pode ser descrita da seguinte forma:


Quiasma textual
A Pessoas que não podem ser satisfeitas (5.8-12) – instrução/quatro provérbios
B Pessoas que não podem desfrutar (5.13-17) – reflexão/anedota
C O que é bom (5.18-19) – reflexão
Pontos do sermão
I — II — III — IV ← D Desfrute o momento (5.20) – conclusão
C' O que é mau (6.1-2) – reflexão
B' Pessoas que não podem desfrutar (6.3-6) – anedota
A' Pessoas que não podem ser satisfeitas (6.7-9) – dois provérbios

Essa reorganização do texto tem várias vantagens: podemos combinar os sete pontos textuais em quatro pontos do sermão; podemos enfatizar as similaridades e diferenças entre as partes paralelas; e podemos encerrar o sermão com o clímax da passagem. Uma desvantagem, é claro, é que precisaremos ir para frente e para trás no sermão, de uma parte do texto para outra. Podemos reduzir essas idas e vindas, contudo, combinando C' e B' (6.1-2,3-6), de modo que seja paralelo à reflexão e anedota de B (5.13-17). Também podemos combinar C e D como ponto-final (5.18-20).

O esboço de sermão resultante é um claro sermão de três pontos:

I. Pessoas que buscam riquezas não ficarão satisfeitas (5.8-12; 6.7-9) – instrução/provérbios

II. O mal de as pessoas não desfrutarem a vida (5.13-17; 6.1-6) – duas reflexões/duas anedotas

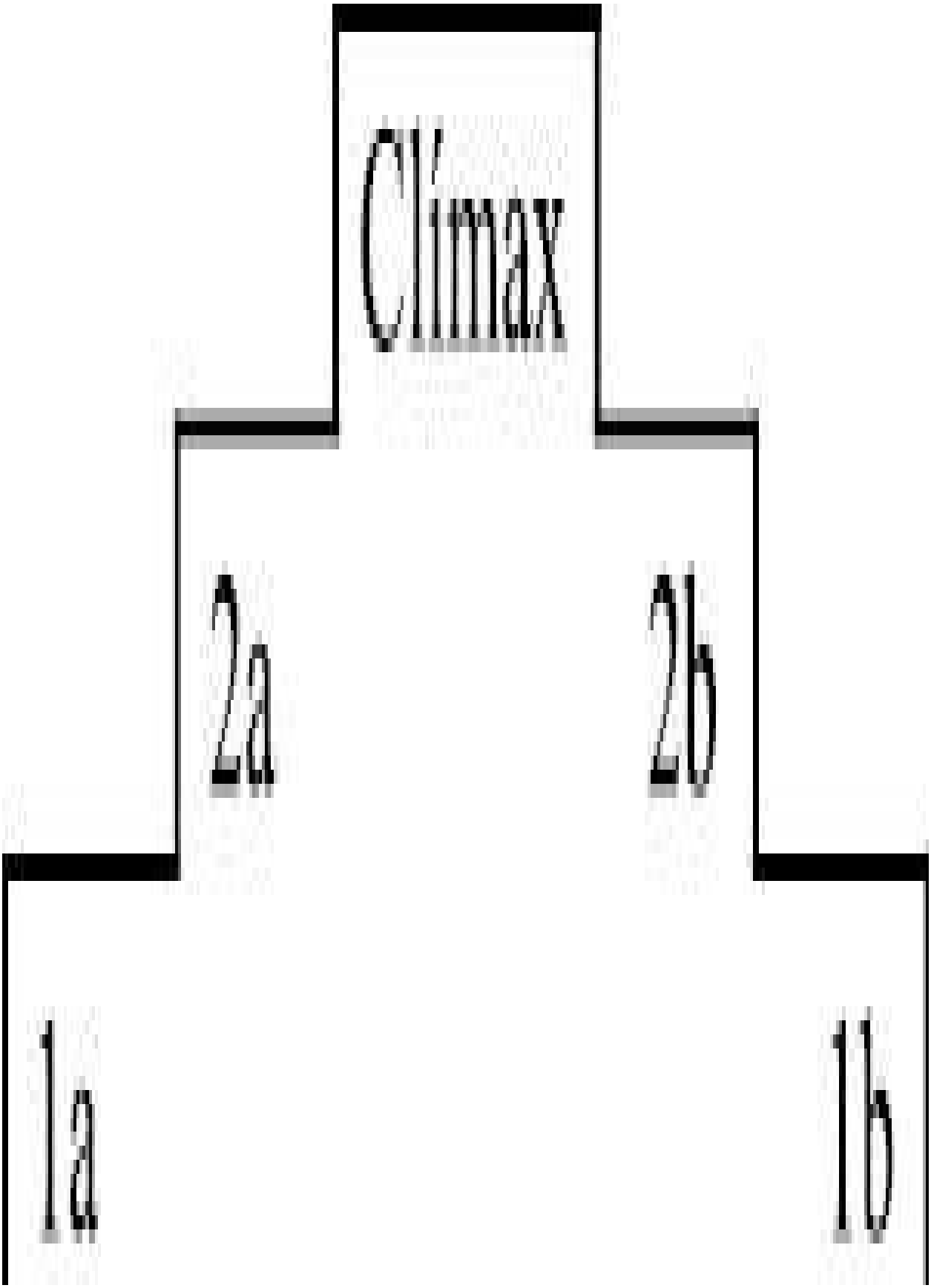
III. Desfrute os dons diários de Deus (5.18-20) – reflexão

Exposição do sermão

Em todos os tempos e lugares, as pessoas parecem estar interessadas em acumular riqueza. As pessoas querem ser ricas. No passado, milhares participaram da corrida do ouro. Hoje as pessoas buscam empregos que tenham altos salários. Alguns se esforçam para ser o CEO da empresa para que recebam ricos bônus e opções sobre ações. Outros vão a cassinos tentar ganhar uma bolada. Quando o prêmio da loteria chega a cem milhões, as pessoas vão em bandos para as lotéricas fazer suas apostas. Elas estão sempre querendo mais. Alguns pregadores até exploram essa ânsia humana de riqueza. Prometem que Deus abençoará seus ouvintes com saúde e prosperidade se tiverem fé e derem um “dinheiro semente”.

Havia uma ânsia de riquezas também quando o Pregador escreveu Eclesiastes. A terra de Israel tinha se tornado uma província no imenso império governado pelos ptolomeus de Alexandria, no Egito. O comércio internacional está em plena atividade. Algumas pessoas ficaram ricas; outras fariam tudo para ficar. O Pregador quer advertir as pessoas contra a busca por riquezas e encorajá-las a desfrutar os dons diários de Deus.

Ele apresenta sua mensagem em uma forma estimada no antigo Oriente Próximo. Essa forma se chama quiasma. Podemos descrever um quiasma como uma pirâmide:


Climax
2a
2b
1a
1b

O Pregador sobe a pirâmide fazendo pontos 1a e 2a até alcançar o clímax, no ponto 3. Então ele desce pelo outro lado da pirâmide, fazendo pontos paralelos, 2b e 1b. No Ocidente, preferimos uma estrutura mais linear, fazendo vários pontos e terminando com o clímax. Neste sermão, portanto, combinaremos os passos paralelos, como 1a e 1b, e terminaremos com o clímax.

O primeiro ponto do Pregador é afirmar que pessoas que buscam riquezas nunca ficarão satisfeitas. Mas ele começa esse ponto de um modo estranho. Ele escreve em 5.8: "Se vires em alguma província[20] opressão de pobres e o roubo em lugar do direito e da justiça, não te maravilhes de semelhante caso". O Pregador quer advertir contra a busca da riqueza, mas começa com os pobres. Por que ele faz isso? E por que escreve sobre eles desse modo? Podíamos esperar algo assim: "Se vires em alguma província opressão de pobres e o roubo em lugar do direito e da justiça, faça algo sobre isso". Mas o Pregador adverte: "Não te maravilhes de semelhante caso". Por que não devemos nos maravilhar?

Porque, ele explica, "o que está alto tem acima de si outro mais alto que o explora, e sobre estes há ainda outros mais elevados que também exploram". "'Acima de si' significa que o alto e poderoso 'responde' a outro, de modo que não há chance de justiça para o pobre".[21] Os altos oficiais estão interessados somente em encher os bolsos. Eles não se importam com os pobres. De fato, eles espoliam os pobres para que possam encher as mãos, mesmo que isso viole a justiça.[22] Com tanta corrupção no governo, o Pregador diz: "Não te maravilhes... se vires... opressão de pobres e o roubo em lugar do direito e da justiça". Tudo isso é resultado da ganância – a ganância e a corrupção de oficiais arrogantes.

Mas, considerando todas as coisas, ele continua: "O proveito da terra é para todos; até o rei se serve do campo". Pode ser que essas pessoas ricas comprem terras como investimento[23] e as deixem sem cultivo. Assim, o pobre seria privado até do seu direito de rebuscar os campos para obter comida. Então, seria uma vantagem para a terra se o rei restaurasse a terra ao seu uso próprio, a saber, produzir alimento. Isso proveria alimento não apenas para o proprietário, mas também para o pobre. Infelizmente, a ganância humana impede que haja justiça para o pobre. Por isso, "não te maravilhes" quando vires "opressão de pobres e o roubo em lugar do direito e da justiça".

Em seguida o Pregador adverte aqueles que buscam riquezas. Verso 10: "Quem

ama o dinheiro jamais dele se farta; e quem ama a abundância nunca se farta da renda". Este verso, com sua repetição de "quem ama o dinheiro" e "quem ama a abundância", foca naqueles que colocam o dinheiro e a prosperidade antes de tudo o mais em sua vida. Vivem para o dinheiro – nunca se importam de violar a justiça. Buscam o dinheiro como seu objetivo na vida.

Mas esse é um objetivo inatingível. O Pregador adverte que "quem ama o dinheiro jamais dele se farta".[24] "A riqueza em si não é o problema aqui, mas a instabilidade daqueles que amam o dinheiro. Há sempre mais coisas que querem, sempre algo mais".[25] O Pregador resume sua posição sobre a busca de dinheiro: "Também isto é vaidade", isto é, é como buscar vapor, é vazio, é fútil, não satisfaz.

Como o Pregador, o apóstolo Paulo adverte: "(...) o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores" (1Tm 6.10). Paulo chama esse ensino de "sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Tm 6.3). O próprio Jesus advertiu seus discípulos: "Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui". Para salientar seu ensino, Jesus contou a parábola do rico insensato, que construiu celeiros maiores para estocar sua colheita e suas posses. Esse rico insensato disse à sua alma: "tens em depósito para muitos anos; descansa, come, bebe, regala-te. Mas Deus lhe disse: Louco! Esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?" Jesus concluiu: "Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus" (Lc 12.15-21).

No verso 11, o Pregador escreve: "Onde os bens se multiplicam, também se multiplicam os que deles comem; que mais proveito, pois, têm os seus donos do que os verem com seus olhos?" Quando os bens aumentam, aumentam aqueles que os consomem. Quando as pessoas se tornam ricas, precisam de uma empregada para limpar a casa, de um jardineiro, de uma babá, de um motorista, de um contador, de um corretor, de um guarda-costas. Todas essas pessoas terão que ser pagas. Além disso, o imposto será mais alto, e as obras de caridade encherão sua caixa postal com pedidos de doações. Quem fica rico também descobre que tem muitos "amigos" que gostariam de ajudá-lo a se livrar de seu dinheiro. "Onde os bens se multiplicam, também se multiplicam os que deles comem; que mais proveito, pois, têm os seus donos do que os verem com seus olhos?" Nenhum! Não há proveito. Tudo o que o dono do dinheiro faz é vê-lo "com seus olhos". Ele meramente vê outros consumirem seus bens. Não há

proveito para o dono.

Não apenas não há proveito para o dono da riqueza, mas também há as responsabilidades do rico. Verso 12: “Doce é o sono do trabalhador, quer coma pouco quer muito; mas a fartura do rico não o deixa dormir”. O “trabalhador” pode ser o pobre mencionado no verso 8.[26] Às vezes, tem apenas um pouco de comida. Mas quer tenha pouco ou muito, dorme bem. Em contraste, “a fartura do rico não o deixa dormir”. O rico se preocupa com suas riquezas. Ele a vê escorrendo pelos dedos quando uma quantidade cada vez maior de pessoas quer seu pedaço do bolo. Ele se preocupa com a segurança de seus investimentos e fica ansioso com uma recessão. Ele perderá tudo pelo que trabalhou tanto? Tais pensamentos são suficientes para mantê-lo acordado à noite.[27]

Neste primeiro ponto, o Pregador deu três razões pelas quais as pessoas que buscam riquezas não ficam satisfeitas: “Quem ama o dinheiro jamais dele se farta”; “onde os bens se multiplicam, também se multiplicam os que deles comem”; “a fartura do rico não o deixa dormir”.

Em seu ensino final, o último degrau na descida da pirâmide, o Pregador acrescenta mais pessoas que não se satisfazem com a busca da riqueza. Ele escreve, em 6.7: “Todo trabalho do homem é para sua boca; e, contudo, nunca se satisfaz seu apetite”.[28] “Todo trabalho do homem é para sua boca”. Trabalhamos para comer. Contudo, o apetite nunca se satisfaz. Amanhece e sentimos fome de novo. “Apetite”, aqui, refere-se não somente ao nosso apetite por comida, mas também ao nosso apetite por riqueza. Nosso apetite por riqueza e bens nunca se satisfaz.[29]

Ele pergunta, em 6.8: “Que vantagem tem o sábio sobre o tolo?” a resposta esperada a esta pergunta retórica é: Nenhuma. Com respeito ao seu apetite por comida e riquezas, nem o sábio nem o tolo se satisfazem.[30]

Mas o pobre, surpreendentemente, tem uma vantagem. Verso 8: “Ou o pobre que sabe andar perante os vivos?” De alguma forma, o pobre sabe como se conduzir adequadamente. O que o pobre tem que o orienta a um comportamento adequado? A resposta é dada em 6.9: “Melhor é a vista dos olhos do que o andar ocioso da cobiça [ou do apetite]”.[31] O pobre vive pela vista dos olhos; ele se contenta com o que tem. O pobre desfruta de seu pão diário.

Aqueles que amam o dinheiro, em contraste, não se contentam com os dons

diários de Deus de comida, bebida e trabalho. Seu desejo ocioso sempre quer mais e mais. Seu apetite jamais se satisfaz. O Pregador julga: “Também isto é vaidade e correr atrás do vento”.[32] O desejo ocioso é fútil; é vazio como “correr atrás do vento”.

Tendo afirmado que as pessoas que buscam riquezas não se satisfazem, o Pregador passa ao segundo ponto: é mau quando as pessoas não desfrutam de sua vida. Para este ponto temos que voltar a 5.13: “Grave mal vi debaixo do sol: as riquezas que seus donos guardam para o próprio dano. E, se tais riquezas se perdem por qualquer má ventura, ao filho que gerou nada lhe fica na mão”. O Pregador chama isso de “grave mal”, literalmente, “mal repugnante”. Essas pessoas guardam suas riquezas, não desfrutam delas, apenas as acumulam. Elas nos lembram o rico insensato na parábola de Jesus (Lc 12.15-21). Ele construiu celeiros maiores para armazenar sua colheita e seus bens, pensando que teria provisão para muitos anos. Essas pessoas também guardam suas riquezas, mas perdem-nas em alguma má ventura. Pode ser a quebra de um banco, ou um investimento que fracassou, ou uma guerra, ou uma recessão – há muitas maneiras de se perder uma riqueza. O ponto é que, da noite para o dia, essa pessoa ficou pobre. O verso 14 enfatiza: “(...)nada lhe fica na mão”. Uma vida inteira de trabalho, uma vida inteira de acúmulo – e tudo se perdeu, foi pelo ralo. “Nada lhe fica na mão”, e o que torna isso ainda pior é que ele tem filhos.[33] E agora não tem nada para deixar ao seu filho.

O verso 15 descreve graficamente seu fracasso: “Como saiu do ventre de sua mãe, assim voltará, indo-se como veio; e do seu trabalho nada poderá levar consigo”. Esta afirmação nos faz pensar em Jó. Jó era extremamente próspero, mas ele perdeu tudo em apenas um dia. Um exército inimigo matou seus servos que aravam seus campos e roubou seus jumentos e bois. Um raio matou seus pastores e suas ovelhas. Outro inimigo matou seus últimos servos e levou seus camelos. E, finalmente, um grande vento destruiu a casa ocupada por seus filhos e os matou. Tendo perdido todas as suas posses e seus filhos, Jó lamentou: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei”. Mas Jó era um homem piedoso. Ele ainda louvou a Deus, dizendo: “O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1.21).

Não foi assim com o homem rico de Eclesiastes. O Pregador repete, no verso 16: “Também isto é grave mal [literalmente: mal repugnante]: precisamente como veio, assim ele vai; e que proveito lhe vem de haver trabalhado para o vento?” A resposta é: Nenhum. Não há proveito. “Do seu trabalho nada poderá levar

consigo". O Pregador associa seu trabalho em busca de riquezas a trabalhar "para o vento". Você pode tentar agarrar o vento, pegá-lo em suas mãos, mas ele passa por entre seus dedos. Assim acontece com a busca de riqueza: ela passa pelos seus dedos. Basta uma má ventura e tudo se perde. O trabalho de uma vida inteira é perdido.

E qual é o resultado? O Pregador observa, no verso 17: "Nas trevas, comeu em todos os seus dias, com muito enfado, com enfermidades e indignação". O rico que perdeu suas riquezas comeu em trevas.[34] Nos tempos bíblicos, comer era um evento social. Quando Abraão recebeu a visita dos três estranhos, correu para recebê-los e convidou-os a um suntuoso jantar (Gn 18.6-8). Quando o filho pródigo voltou para casa, o pai correu para encontrá-lo e o recebeu com um grande banquete (Lc 15.23). Comer juntos era uma celebração, um evento social. Mas o rico que perdeu suas riquezas comeu tudo sozinho, em trevas. Seus "amigos" o abandonaram; a casa tinha sido executada; gás e energia tinham sido cortados.

"Nas trevas, comeu". Ele não conseguia mais acender suas lâmpadas à noite. Mas o termo "trevas" conota mais do que falta de luz. Basicamente, "trevas" representa morte.[35] O rico que perdeu suas riquezas come em trevas. Sua vida acabou. Não há alegria em sua vida. Ele pode morrer.[36] Refletindo sobre sua vida desperdiçada, pensando no que poderia ter sido, ele "nas trevas, comeu todos os seus dias, com muito enfado, com enfermidades e indignação". O Pregador amontoa consequências dolorosas de sua vida desperdiçada: enfado, enfermidades e ressentimento...[37] Quem gostaria de acabar assim?

No capítulo 6, o Pregador acrescenta outra história, sobre uma pessoa rica que não desfruta a vida. Capítulo 6.1:

Há um mal que vi debaixo do sol e que pesa sobre os homens: o homem a quem Deus conferiu riquezas, bens e honra, e nada lhe falta de tudo quanto a sua alma deseja, mas Deus não lhe concede que disso coma; antes, o estranho o come; também isto é vaidade e grave aflição [literalmente, "um mal repugnante"]. Se alguém gerar cem filhos e viver muitos anos, até avançada idade, e se a sua alma não se fartar do bem, e além disso não tiver sepultura, digo que um aborto[38] é mais feliz do que ele.

Esta história é ainda mais trágica que aquela sobre o homem rico que perdeu suas riquezas em uma má ventura. Aqui está uma pessoa a quem Deus concedeu riqueza, posses e até honra.[39] Ele tem tudo o que seu coração deseja. O outro rico tinha apenas um filho,[40] este tinha cem. O outro rico viveu relativamente pouco, este viveu muitos anos. Deus o abençoou ricamente.[41]

Mas há um problema: Deus não permitiu que essa pessoa desfrutasse de seus dons diários. Em contraste com 5.19, em que se diz que Deus permitiu que aquele a quem ele conferiu riqueza desfrutasse de seus dons diários, em 6.2 lemos que Deus "não concede" que essa pessoa desfrute de sua riqueza e de seus bens. O Pregador não explica como Deus retém a alegria – talvez por meio da constante preocupação do rico (veja 5.12).

Seja como for, o Pregador escreve, no verso 3: "Se alguém gerar cem filhos e viver muitos anos, até avançada idade, e se a sua alma não se fartar do bem, e além disso não tiver sepultura, digo que um aborto é mais feliz do que ele". Essa pessoa tem uma vida miserável porque sua alma não pode se fartar do bem. Além disso, tem uma morte miserável porque não tem sepultura.[42] "Um aborto é mais feliz do que ele", diz o Pregador. Um aborto é mais feliz que uma pessoa rica? Esta é uma comparação chocante. Nos versos 4 e 5, o Pregador explica por que o aborto é mais feliz que o homem rico cuja alma não se farta do bem. "(...) Debalde vem o aborto e em trevas se vai, e de trevas se cobre o seu nome;[43] não viu o sol, nada conhece. Todavia, tem mais descanso do que o outro". Uma criança abortada vem e vai antes que experimente as severas realidades da vida. Ela não vê a luz do dia nem sabe nada sobre a dor da vida neste mundo. "Uma longa vida sem alegria... é muito pior do que não ter vida alguma".[44]Além disso, o homem rico não tem sepultamento adequado e, por isso, não pode encontrar descanso.[45] Mas a criança que não nasceu tem descanso.

O Pregador continua, no verso 6: "(...) ainda que aquele vivesse duas vezes mil anos, mas não gozasse o bem. Porventura, não vão todos para o mesmo lugar?" Imagine que o homem rico vivesse por inacreditáveis 2000 anos. Que tremenda bênção de Deus! Mas se ele não desfrutasse de qualquer dos dons de Deus em todos esses anos, sua vida ainda seria fútil e vazia, pois até mesmo essa vida longa chegaria ao fim. Viver tanto tempo e não desfrutar das boas dádivas de Deus – que desperdício!

O Pregador apresentou poderosamente dois pontos. Primeiro, a pessoa que busca riqueza não se fartará. E, segundo, é mau quando a pessoa não desfruta da sua vida. Agora ele está pronto para apresentar seu argumento principal: devemos desfrutar dos dons diários de Deus.

Em contraste com essa "vaidade e grave aflição", o Pregador exclama "Eis o que eu vi: boa e bela coisa". A vida não tem que terminar nessas tragédias. "Eis o que eu vi: boa e bela coisa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção".[46] A ênfase, aqui, é em gozar, encontrar alegria nas coisas comuns da vida. É verdade que Deus nos deu apenas alguns dias no mundo. Não há nada que possamos fazer sobre isso. Mas há algo que podemos fazer sobre como vivemos esses poucos dias no mundo. Podemos usá-los para buscar dinheiro e acabar em enfado, enfermidades e indignação. Ou podemos começar toda manhã com o objetivo de desfrutar o dia que Deus está nos dando. Podemos começar com as coisas comuns, diárias, sugere o Pregador: encontrar alegria em nossa comida, bebida e trabalho. Não temos que ser ricos para encontrar algo para nos alegrarmos a cada dia.

Mas o que dizer de pessoas que são ricas? O Pregador tem um conselho semelhante para eles no verso 19: "Quanto ao homem a quem Deus conferiu riquezas e bens e lhe deu poder para deles comer, e receber a sua porção, e gozar do seu trabalho, isto é dom de Deus". Observe como o Pregador enfatiza que isso é "dom de Deus": "Deus conferiu riquezas e bens", seguido de, literalmente, "Deus dá capacidade para comer[47] deles", e tudo resumido em "isto é dom de Deus". O argumento é: a riqueza em si não é má; ela é dom de Deus. Mas a riqueza como um fim em si mesma é um "mal repugnante". Buscar a riqueza como um fim em si mesmo leva as pessoas à ruína. Mas a pessoa pode aceitar a riqueza como um dom de Deus[48] e "comer dela", isto é, desfrutá-la e usá-la para ajudar outras pessoas.[49]

O Pregador, então, encoraja todos nós a desfrutarmos os dons diários de Deus, como comida, bebida e trabalho. Em vez de buscar riquezas, devemos buscar alegria diária. Quando fazemos isso, descobrimos que até mesmo nossa alegria é um dom de Deus. Isso é similar ao pensamento do hino: "Procurei o Senhor, e depois soube que ele moveu minha alma a buscá-lo, buscando a mim".[50] Busquei alegria e depois soube que Deus deu essa alegria.

No verso 20, o Pregador afirma o benefício desse modo piedoso de viver:

“Porque não se lembrará muito dos dias da sua vida, porquanto Deus lhe enche o coração de alegria”. Se Deus nos mantém ocupados, todos os dias da nossa vida, com a alegria do nosso coração, raramente refletiremos sobre os poucos dias que Deus nos dá. Mesmo quando encontrarmos dificuldades, como sem dúvida encontraremos, a alegria dominará nossa vida.[51]

A mensagem do Pregador é clara: temos uma escolha entre dois modos de vida. Podemos passar a vida buscando riqueza, mas isso nunca satisfaz e, no fim, conduz ao desastre. Ou podemos focar em desfrutar dos dons de Deus todos os dias. Em vez de buscar riqueza, o Pregador nos encoraja a desfrutar os dons de Deus.

No Novo Testamento, Jesus também nos dá a escolha entre esses dois modos de vida. Ele nos ensina: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.24). Jesus também nos adverte contra passar a vida em busca de riqueza. Ele nos previne: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc 12.15). Jesus oferece a alternativa à ganância: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo” (Jo 6.27).

Mas não devemos trabalhar duro para ganhar nossa comida e bebida de cada dia? Jesus não pensa assim. Ele diz que “os gentios é que procuram todas estas coisas”. Em vez disso, Jesus nos orienta: “(...) buscai, pois, em primeiro lugar o seu [de Deus] reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33). Jesus, assim como o Pregador do Antigo Testamento, vê comida e bebida como dons de Deus. Se buscarmos o reino de Deus, ele nos dará comida, bebida e tudo de que precisamos para viver neste mundo.

Passar a vida buscando riqueza é não apenas um desperdício de nosso tempo curto neste mundo, mas levará a desastre certo. Em vez disso, devemos focar nossa vida no reino de Deus e em sua justiça. Então poderemos desfrutar dos dons que Deus nos dá diariamente: comida, bebida, trabalho, saúde, família, amigos, perdão e salvação. O apóstolo Paulo nos orienta: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos” (Fp 4.4).

[1] Na Bíblia hebraica, 5.7–6.9.

[2] Veja a análise de Wright, na p. 39, acima.

[3] Seow, Ecclesiastes, 215.

[4] “O significado deste verso é totalmente obscuro”. Crenshaw, Ecclesiastes, 119. A NRSV observa: “Significado do hebraico incerto”.

[5] E.g., Crenshaw, Ecclesiastes, 115, e Loader, Ecclesiastes, 57.

[6] E.g., Whybray, Ecclesiastes, 97, e Longman, Book of Ecclesiastes, 156-59.

[7] Seow, Ecclesiastes, 215, que menciona Beek e Ravasi. Shepherd, “Ecclesiastes”, 305, reconhece a estrutura quiástica (veja abaixo), mas ainda divide 5.8-20 e 6.1-9.

[8] Fredericks, “Chiasm and Parallel Structure in Qoheleth 5:9–6:9”, JBL 108/1 (1989) 17-35.

[9] Ibid., 18. Murphy, Ecclesiastes, 49-50, na maior parte, concorda com a análise de Fredericks. Para uma divisão similar de 5.10 a 6.12, veja Fox, Qohelet and His Contradictions, 213.

[10] Seow, Ecclesiastes, 217.

[11] Ibid. Veja também Stephen Brown, “The Structure of Ecclesiastes”, EvRT 14/3 (1990) 201-2.

[12] O sumário que Seow faz do verso 20, “desfrute o momento”, na verdade resume toda a subunidade dos versos 18-20.

[13] Para algumas dessas identificaçãoes estou em dívida com Murphy, Wisdom Literature, 138; e Longman, Book of Ecclesiastes, 156-75.

[14] Kidner, Time to Mourn, 58

[15] Davis, Proverbs, Ecclesiastes, 196. Veja p. 27–28, acima.

[16] Embora um sermão, por causa de sua unidade e movimento, deva ter somente um tema, essa mensagem única pode ter objetivo ou aplicação dupla.

[17] Em sua primeira carta, João escreve, semelhantemente: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1Jo 2.15-17).

[18] A NRSV transformou a forte advertência “ai de ti” na estéril “ah, tu”.

[19] É claro que não devemos usar no sermão todas as passagens do Novo Testamento. Podemos usar algumas delas na liturgia para harmonizá-la ao texto de pregação e ao sermão.

[20] “O Qohelet fala como residente de um medinah, uma província de um império. Provavelmente se trata do império ptolemaico, com sede em Alexandria”. Fox, Ecclesiastes, 35. Veja também p. 161, acima.

[21] Van Leeuwen, nota sobre Eclesiastes 5.8 in The Harper Collins Study Bible. Seow, Ecclesiastes, 203, traduz esta linha literalmente como “um arrogante está acima de um arrogante, e arrogantes vigiam todos eles”.

[22] “No governo providencial, os oficiais extraem o maior ganho possível de oficiais menores, que, por sua vez, voltam-se às classes mais baixas para receber seus impostos anuais”. Crenshaw, Ecclesiastes, 118.

[23] Isso é sugerido por Seow, Ecclesiastes, 219. Veja Isaías 5.8 para o mal de juntar “casa a casa” e “campo a campo, até que não haja mais lugar, e ficam como únicos moradores no meio da terra”. Cf. Brown, Ecclesiastes, 58-59. Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, traduz: “Mas, em tudo, uma vantagem para a terra é esta: um rei, por causa da agricultura”. Assim, para não confundir os ouvintes com uma questão relativamente pequena, estou seguindo a tradução e interpretação da NRSV. Se a Bíblia usada pelos ouvintes for a TNIV, pode-se ter que incluir o rei com os oficiais arrogantes e gananciosos, por ela traduzir: “O próprio rei tira proveito dos campos”. No sermão, é claro, não se deve comentar sobre cada verso, como faço neste comentário.

[24] “A declaração não nega que a pessoa aquisitiva obtém dinheiro, mas que ela encontre satisfação”. Crenshaw, Ecclesiastes, 121.

[25] Seow, Ecclesiastes, 219.

[26] Veja Seow, Ecclesiastes, 220.

[27] Cf. Eclesiastes 4.6, “Melhor é um punhado de descanso do que ambas as mãos cheias de trabalho e correr atrás do vento”.

[28] Cf. Provérbios 16.26: “A fome do trabalhador o faz trabalhar, porque a sua boca a isso o incita”.

[29] “‘Boca’ e ‘apetite’... é claro, não se referem somente a comida (5.11), mas a uma ânsia difusa e dolorosa por posses de todos os tipos”. Fox, Qohelet and His Contradictions, 221. Seow, Ecclesiastes, 227, argumenta que “a implicação do que o Qohelet está dizendo é que a insaciabilidade do rico é não apenas autodestrutiva, mas representa perigos para outros, que são presas de sua ganância. Aqui, como na seção espelho (5.8-12)... a ganância pessoal tem consequências sociais. O autor está pensando no rico opressivo, devora qualquer coisa e qualquer pessoa... A ganância coloca o mundo em perigo”.

[30] Seow, Ecclesiastes, 227, entende este verso de maneira diferente: “O sábio não é menos vulnerável que o tolo diante da garganta engolidora dos opressores instáveis. Todos estão em perigo pela ganância”.

[31] A palavra hebraica é traduzida em 6.7 como “apetite” e em 6.9 como “cobiça”.

[32] Esta é a última vez que a dupla fórmula de vaidade é usada em Eclesiastes.

[33] Para incluir gêneros, a NRSV e a TNIV traduzem o hebraico singular como plural. Infelizmente, ao fazer isso elas perdem o contraste entre 5.14 e 6.3. A NASB mantém o contraste, traduzindo, respectivamente, “ele teve um filho” e “se um homem tiver cem filhos”.

[34] Interpreto o verso 17 como a conclusão da anedota da pessoa rica que perdeu sua riqueza em uma má ventura. Outros comentaristas, e.g., Seow, Ecclesiastes, 222, entendem que o verso fala de pessoas ricas que ainda possuem suas riquezas – uma interpretação que não acho convincente.

[35] Veja nota 43, abaixo.

[36] “A essência da ideia é que essa pessoa, embora ainda esteja viva, vive como se já estivesse morta”. Seow, Ecclesiastes, 222.

[37] “A cascata de emoções neste verso conduz o leitor para dentro do tormento da alma deste pobre, recriando no leitor um sentimento de terror diante do prospecto dessa condição”. Salyer, Vain Rhetoric, 319. Cf. Provan, Ecclesiastes, 128: “Para aqueles que buscam proveito, então, e que oprimem o pobre ao fazer isso... não há envelhecimento com contentamento, apenas insatisfação, agitação, frustração, aflição e ira”.

[38] Cf. Jó 3.16.

[39] Deus prometeu a Salomão “riquezas, bens e honras” (2Cr 1.12).

[40] Veja nota 33, acima.

[41] “Vida longa e descendência abundante são indicadores característicos da bênção de Deus na Bíblia (por exemplo, Jó 42.12-17; Sl 127.3-5; Pv 28.16)”. Provan, Ecclesiastes, 129.

[42] “Morrer sem sepultura era a marca de um fim desprezado e não lamentado (cf. Jr 22.18-19)”. Eaton, Ecclesiastes, 106.

[43] “‘Cobrir o nome com trevas’ (v. 4) é uma expressão idiomática para não existência ou morte; o nome é a pessoa. Em 6.10, dar nome significa chamar à existência, criar”. Murphy, Ecclesiastes, 54. Cf. Loader, Ecclesiastes, 68: “crianças não nascidas vêm e vão em trevas, não participam em nada no drama da vida”.

[44] Brown, Ecclesiastes, 65.

[45] No Antigo Testamento, Deus exigia sepultamento imediato (Dt 21.22-23). A punição de Deus às vezes consistia de não haver sepultamento (veja 1Rs 13.22; Jr 16.6).

[46] “É bom uma pessoa comer, beber e ‘ver o bem’... de todo o trabalho. Essas coisas são, em si mesmas, nosso , nosso ‘quinhão’ ou ‘recompensa’ da vida (NIV ‘sorte’, 5.18)”. Provan, Ecclesiastes,128.

[47] Cf. 5.11,12,17,18 (19, aqui), e 6:2.

[48] “A pessoa que reconhece Deus como o centro da vida é livre para desfrutar da vida como um dom precisamente porque não entregou seu coração a algo menor

do que Deus. A capacidade de desfrutar é declarada, aqui, como vindo de prioridade correta e sendo dada por Deus". Ryken, The Literature of the Bible (Grand Rapids: Zondervan, 1974), 256.

[49] "Aqueles que gastam dinheiro com outras pessoas ou com caridade são os mais felizes, diz um estudo do departamento de psicologia da University of British Columbia Psychology Department Study... Independentemente de quanto a pessoa ganha, aqueles que gastam dinheiro com outras pessoas relataram maior felicidade". The Grand Rapids Press, 8 de abril de 2008, E3.

[50] Anônimo, 1878.

[51] "Independentemente do tipo de problema encontrado na vida neste mundo enigmático e doloroso, temos apenas uma resposta sábia: compreender a vida como um dom divino e buscar nela a porção divina que está disponível". Ecclesiastes, 87-88.

CAPÍTULO 9

Como lidar com a adversidade

Eclesiastes 6.10–7.14

No dia da prosperidade, goza do bem; mas,

no dia da adversidade, considera em que

Deus fez tanto este como aquele.

(Ec 7.14)

Esta passagem começa a segunda metade do livro de Eclesiastes.[1] A primeira metade terminou com o sétimo e último refrão: “Também isto é vaidade e correr atrás do vento”.[2] A segunda metade começa com duas perguntas: “(...) quem sabe o que é bom para o homem...?” e “(...) Quem pode declarar ao homem o que será depois dele debaixo do sol?’ (6.12). A primeira pergunta o pregador explora em 7.1 a 8.17, em quatro seções que terminam com a frase “não se pode achar” (7.14,24,29; 8.17). A segunda pergunta é o foco de quatro seções nos capítulos 9.1 a 11.6, cada uma contendo o refrão “não sabe” (9.12; 10.15; 11.2,6).[3]

Eclesiastes 6.10–7.14 é um texto de pregação extremamente relevante para tempos de adversidade. Ao preparar o texto de pregação, contudo, pode ser difícil encontrar um tema simples e curto que abranja as muitas ideias expressas nesta passagem. Mas um desafio ainda maior será entender o significado pretendido pelo Pregador. Por causa dos muitos provérbios nesta passagem, alguns comentaristas supõem que o Pregador, nas palavras de Murphy, está “dialogando com a sabedoria tradicional e modificando-a”.[4] Eles acham que o Pregador prega “contra o texto” da sabedoria tradicional. Seu pressuposto é de que ele se opõe à sabedoria tradicional e procura destruí-la. Por exemplo, Seow alega que o Pregador “rapidamente desafia a seriedade do provérbio [7.1]. Ele faz isso levando o pressuposto da declaração à sua conclusão absurda... O autor emprega a retórica de subversão... As declarações talvez sejam deliberadamente jocosas. Por sua total absurdidade, o Qohelet desafia a audácia de qualquer

pessoa que diga o que é bom e como ter vantagem na vida".[5]

Mas o pressuposto de que o Pregador usa uma "retórica de subversão" é apenas isso – um pressuposto.[6] O problema é que esse pressuposto pode fazer o Pregador dizer o oposto daquilo que ele escreveu. Em outras palavras, pode subverter a intenção do Pregador. Além disso, essa abordagem supõe que podemos saber com certeza quais provérbios são sabedoria tradicional e quais são composições do próprio Pregador. Como Fox explica, "a fraqueza desta abordagem é a arbitrariedade em separar a sabedoria tradicional da sabedoria do Qohelet. E às vezes envolve projetar uma noção de sabedoria tradicional a partir de palavras do Qohelet que não são realmente encontradas na 'sabedoria tradicional'".[7]

Texto e contexto

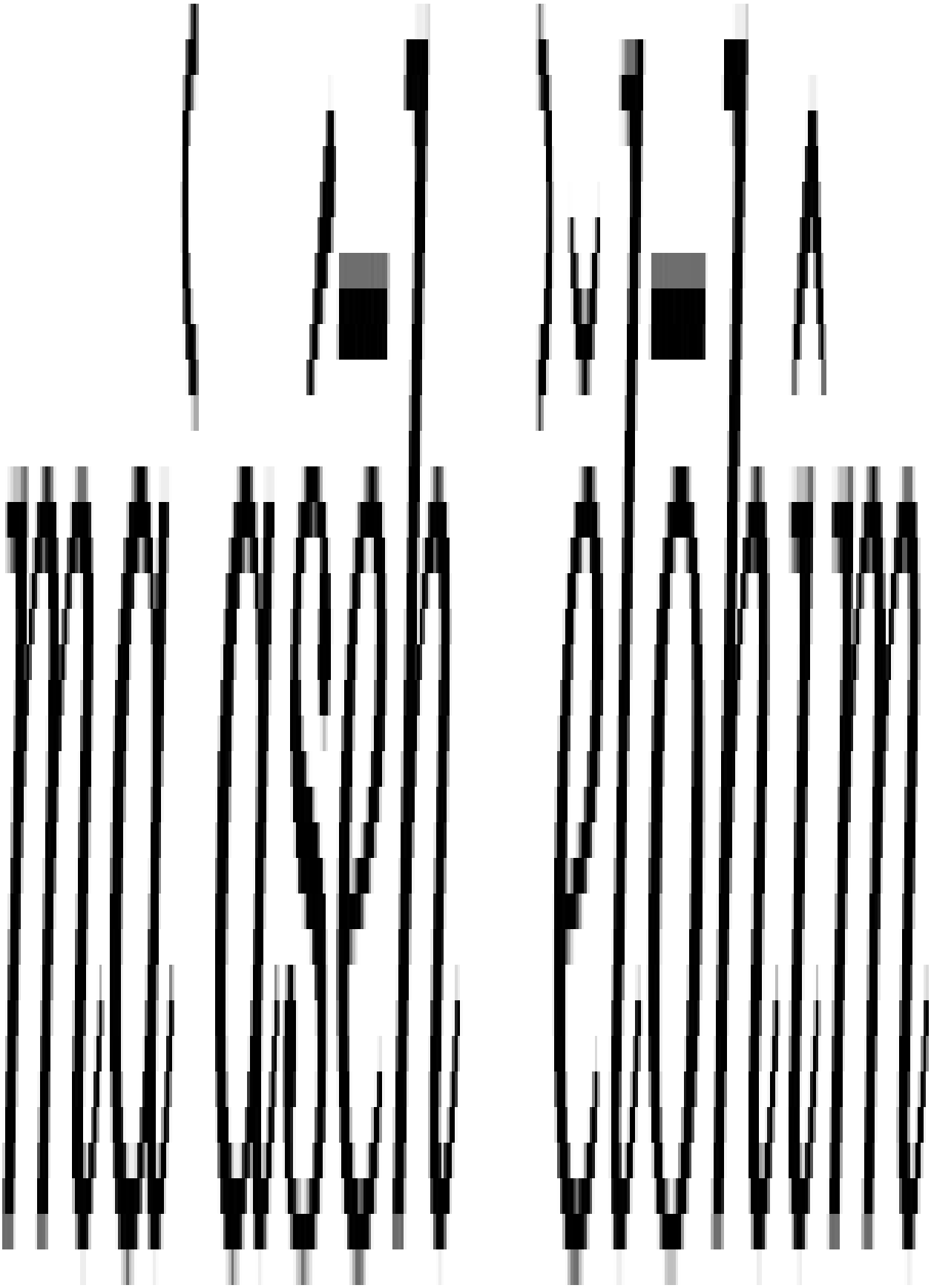
Não é difícil estabelecer os parâmetros da unidade textual. Depois do último "também isto é vaidade e correr atrás do vento" (6.9), 6.10 começa uma nova seção. Entretanto, segundo Murphy, "a maioria dos comentaristas reconhece 7.1-14 como uma unidade".[8] A questão é, portanto, o que fazer com 6.10-12. Esses versos pertencem à unidade literária de 7.1-14? Seow chama atenção para a repetição de expressões-chave no início e no fim da unidade maior:[9]

6.10-12	7.10-14
Tudo quanto há de vir (*mah-ššehāyâ*, v. 10)	Por que foram? (*meh hāyâ*, v. 10)
Não pode (*lō'-yûkal*, v. 10)	Quem poderá? (*mî yûkal*, v. 13)
Proveito (*yōtēr*, v. 11)	Proveito (*yōtēr*, v. 11)
Como sombra (*kassēl*, v. 12)	Protege (*bĕṣēl*, v. 12)
Depois (*ʿaḥărāyu*, v. 12)	Depois dele (*ʿaḥărāyu*, v. 14)

Parece que 6.10–7.14 é uma unidade literária. Podemos, portanto, começar o texto de pregação com 6.10 e terminá-lo com 7.14, que tem o refrão final “nada descubra”.

Nesta passagem, o Pregador retoma várias ideias defendidas antes. A ideia “a tudo quanto há de vir já se lhe deu o nome” (6.10) é uma forma mais profunda das expressões anteriores do Pregador: “Não há, pois, nada novo debaixo do sol” (1.9) e “o que é já foi, e o que há de ser também já foi” (3.15). O Pregador anteriormente explorou a questão “quem sabe o que é bom para o homem?” (6.12a), em 2.3-26. Anteriormente ele também levantou a questão “quem pode declarar ao homem o que será depois dele?” (6.12b; cf. 7.14), em 3.22, e a levantará novamente em 8.7 e 10.14. O Pregador também fez alusão à sua posição de que o dia da morte é melhor que o dia do nascimento (7.1b) em 4.2 e 6.3. Além disso, ele expressou anteriormente sua convicção de que ninguém “pode endireitar o que ele torceu” (7.13), em 1.15.

Talvez o comentário mais útil sobre o contexto desta passagem seja que ela “parece intencionalmente refletir o poema sobre o tempo, em 3.1-15. Ecos e alusões específicas incluem referência a ‘morte’, ‘nascimento’, ‘pranto’, ‘riso’, ‘destruição’ ( ), ‘bons tempos’, ‘o que Deus fez’ (



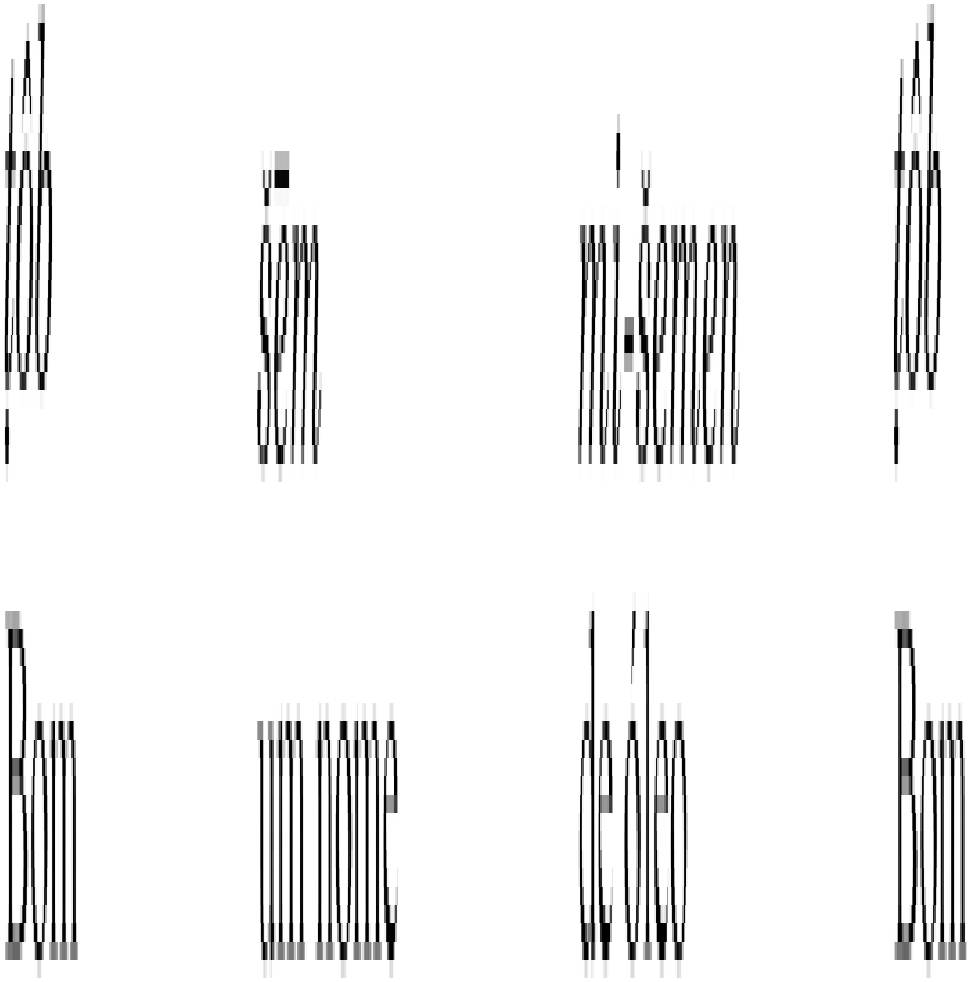
) etc. Parece que em 7.14 o autor está dando um conselho prático em resposta ao poema sobre o tempo. Sim, há ‘tempo de nascer e tempo de morrer’ (3.2), mas ‘o dia da morte é melhor que o dia do nascimento’ (7.1)... Sim, ‘há tempo de chorar e tempo de rir’ ( )... (3.4), mas ‘melhor é a mágoa do que o riso’ ( ) (7.3)...”.[10]

Elementos literários

Embora esta passagem comece e termine com prosa (6.10-12; 7.13-14), o centro é composto de provérbios (7.1-12).[11]A subunidade de 6.10-12 é apresentada na forma de uma reflexão, enquanto os versos 7.1-14, muito provavelmente, estão na forma de instrução.[12]

Em 6.12, o Pregador faz perguntas retóricas: “(...) quem sabe o que é bom para o homem (...)?” e “Quem pode declarar ao homem o que será depois dele?”[13] Com os provérbios, ele procura responder à primeira pergunta, repetindo a palavra “bom” ( ) várias vezes. Mas a resposta não é simples. Nesta seção encontramos uma alta concentração[14] de provérbios “melhor que” (em hebraico, “mais bom que”), o que introduz um grau de relativismo. Frequentemente “se deve escolher o menor de dois males, ou pelo menos minimizar uma situação que não é a ideal”.[15]

A maioria dos provérbios é composta de paralelismo sinônimo (7.1,6,7, 8,11), mas três deles usam paralelismo antitético (7.2, 4, 5) e um emprega paralelismo sintético (7.12).[16] Muitas linhas desses provérbios também contêm uma elaborada estrutura interna. Por exemplo, 7.1a revela paralelismo invertido (ABB’A’) e assonância:[17]



Assonância também é encontrada no “verso 5 (, ,) e no verso 6 (, ,), e nos termos , , nos versos 8-9”.[18]

A repetição de palavras-chave geralmente é uma pista para o tema da passagem. Em 7.1-14 as palavras são “‘bom/melhor’ ( ), repetidas onze vezes no total; ‘sábio/sabedoria’, seis vezes; ‘coração’, cinco vezes; ‘tolo’, quatro vezes; ‘tristeza/raiva’, três vezes; e ‘riso’ e ‘casa de luto’, duas vezes cada”.[19]

Estrutura textual

Nesta seção, procuramos determinar o fluxo lógico da passagem; em outras palavras, procuramos detectar os pontos principais e os pontos auxiliares. Whybray adverte: “Tentativas de ver uma progressão lógica de pensamento em toda a seção provavelmente serão frustradas”.[20] Mas não se pode formular o tema de uma passagem nem preparar um sermão expositivo sem detectar uma forma de coerência lógica. Muito embora seja difícil, portanto, não podemos evitar a etapa de esboço da estrutura textual. Seguindo o texto o mais próximo possível sugiro o seguinte esboço:

I. A difícil situação humana: ninguém sabe o que é bom para o homem (6.10-12)

A. Tudo o que há de vir já foi predeterminado por Deus (6.10a)

B. Não somos capazes de contender com o mais forte, isto é, Deus (6.10b)

1. Razão: Pois ( ) quanto mais palavras, mais vaidade (6:11a)

2. Conclusão: então, contender com Deus não é bom (6.11b)

C. Ninguém sabe o que é bom para o homem (6.12a)

1. Razão: Pois ninguém pode lhe dizer o que será depois dele (6.12b)

II. Entretanto, há algumas coisas que são melhores (“mais boas”) que outras (7.1-12)

A. Pensar sobre nossa morte é melhor que viver em negação (7.1-2)

1. O dia da morte é melhor que o dia do nascimento (7.1)

2. É melhor ir à casa de luto que à casa de banquete (7.2a)

a. Razões:

i. Pois a morte é o fim de todos (7.2b,c)

ii. E os vivos devem ter isso no coração

3. A mágoa é melhor que o riso (7.3a)

a. Razão: Pela tristeza do rosto, o coração fica melhor (7.3b)

4. O coração do sábio está na casa do luto (7.4)

Mas o coração dos tolos está na casa da alegria

B. é melhor ouvir a repreensão do sábio que a canção dos tolos (7.5)

1. Razão: Pois o riso dos tolos (7.6b)

a. é como o crepitar de espinhos debaixo de uma panela (7.6a)

b. Isto também é vaidade (7.6c)

C. O fim de uma coisa é melhor que seu começo (7.7-10)

1. A opressão torna o sábio tolo (7.7)

E a propina corrompe o coração

2. Melhor é o fim de uma coisa que o seu começo (7.8a)

3. O paciente é melhor que o orgulhoso (7.8b)

a. Não seja rápido para se irar (7.9a)

i. Razão: Pois a ira se abriga no seio dos tolos (7.9b)

b. Não diga: “Por que os dias passados foram melhores?” (7.10a)

i. Razão: Perguntar isso não é sábio (7.10b)

D. A sabedoria é uma vantagem (7.11-12)

1. A sabedoria é uma boa herança (7.11),

Uma vantagem para aqueles que veem o sol

a. Razão: Pois a proteção da sabedoria é como a do dinheiro (7.12a)

2. A vantagem do conhecimento é que a sabedoria dá vida (7.12b)

III. Conclusão: Considere a obra de Deus em tempos de adversidade (7.13-14)

A. Considere a obra de Deus (7.13a)

1. Ninguém pode endireitar o que Deus torceu (7.13b)

B. No dia da prosperidade, alegre-se (7.14a)

C. No dia da adversidade, considere que Deus fez esse tempo também (7.14b)

1. Para que o homem não descubra o que virá depois dele (7.14c)

Interpretação teocêntrica

Pode parecer que o Pregador se refere a Deus somente na conclusão, mas, obliquamente, ele se refere a Deus na introdução também. O Pregador começa esta mensagem com as palavras: “A tudo quanto há de vir já se lhe deu o nome” (6.10). Quem “chamou” o que há de vir? Deus. Seow observa que “aqui, como acontece frequentemente em Eclesiastes, verbos passivos são usados para fazer referência indireta àquilo que a divindade faz”.[21] Em estudos do Novo Testamento, isso é chamado de “passivo divino”.[22] Portanto, o Pregador começa afirmando que, no passado, Deus já determinou o presente e que Deus sabe o que é o homem.

Em seguida, o Pregador afirma que o homem “não pode contender com o mais forte”. Infelizmente, o costume da NRSV de transformar os singulares hebraicos em plurais mascara o significado. O hebraico diz literalmente que o homem “não pode contender com aquele que é mais forte”[23] – que é Deus.[24] O Pregador pode ter estado pensando em Jó, que contendeu com Deus. Deus estabeleceu nosso curso; não podemos contender com ele; e ninguém, exceto Deus, “sabe o que é bom para o homem durante os poucos dias da sua vida de vaidade” (6.12).

Depois de uma série de provérbios sobre o que é melhor, o Pregador conclui com duas admoestações: Primeira: “Atenta para as obras de Deus, pois quem poderá endireitar o que ele torceu?” (7.13). Segunda: “No dia da prosperidade, goza do bem; mas, no dia da adversidade, considera em que Deus fez tanto este como aquele (...)” (7.14). Deus fez os tempos bons e os ruins.

Tema e objetivo textual

A ampla variedade de ideias nesta passagem torna difícil discernir um foco único. Devemos nos concentrar no início, que diz que Deus predeterminou tudo o que acontece (6.10) – ideia reiterada na conclusão, que diz que Deus fez os tempos bons e os ruins? Ou enfatizamos a ideia de que não podemos dizer “o que será depois de nós debaixo do sol” – ideia apresentada no fim da introdução (6.12) e no fim da passagem (7.14)? Ou, considerando os provérbios, enfatizamos a morte (7.1-4) ou a sabedoria e a insensatez (7.4-12)?[25] Ou podemos combinar esses dois tópicos em um tema como “devemos ser sábios em tempo de sofrimento”?[26] Ou selecionamos como nosso tema a importante conclusão “no dia da prosperidade, goza do bem; mas, no dia da adversidade, considera em que Deus fez tanto este como aquele” (7.14)?

Ao tentar descobrir o tema do texto de pregação, temos que procurar o fio de ouro que percorre toda a passagem. O Pregador frequentemente assinala esse fio repetindo uma palavra-chave. Em nossa passagem, como vimos, a palavra-chave usada mais frequentemente é (bom/melhor). A introdução levanta uma questão-chave: “Quem sabe o que é bom para o homem?”A resposta esperada é: Ninguém, porque o ser humano não sabe “o que será depois dele debaixo do sol” (6.12). No entanto, algumas coisas na vida são “mais boas” que outras – uma ideia que o Pregador demonstra com seus provérbios “melhor que”. E ele conclui com o conselho para nos alegrarmos em tempos de prosperidade e atentar em tempos de adversidade que Deus fez esses tempos “para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele” (7.14). Podemos capturar essa linha de pensamento no seguinte tema: “Como Deus tem soberania sobre os tempos de prosperidade e os tempos de adversidade e como os seres humanos não sabem o que o futuro reserva, a pessoa deve não apenas se alegrar em tempos de prosperidade, mas também buscar o bem em tempos de adversidade”. Mas este é um tema duplo, que reflete a conclusão dupla: “No dia da prosperidade, goza do bem; mas, no dia da adversidade, considera em que Deus fez tanto este como aquele” (7.14). Anteriormente, o Pregador focou em ser alegre e fará isso novamente, mas, nesta passagem, ele se concentra no tempo da adversidade e do sofrimento: o ser humano vive apenas alguns dias, seus dias

são como “uma sombra que passa”, “vida de vaidade”, “morte”, “casa de luto”, “mágoa”, “repreensão”, “suborno”, “arrogância”, “ira”, “dias passados melhores”, ninguém pode “endireitar o que ele torceu” e “dia de adversidade”. Portanto, podemos formular o tema da seguinte forma: “Como Deus soberanamente estabeleceu tempos de prosperidade e tempos de adversidade e como o ser humano não sabe o que o futuro reserva, no dia da adversidade, a pessoa deve procurar o que é relativamente bom”. Mas a formulação deste tema ainda é complexa demais para proporcionar um foco para o sermão. Podemos chegar a um foco melhor se simplificarmos o tema da seguinte forma: Como Deus soberanamente estabelece os tempos, em tempos de adversidades, pessoas devem procurar o que é relativamente bom.

Como as formas literárias do Pregador são principalmente instrução e provérbios, seu objetivo é ensinar algo, mais especificamente, encorajar pessoas que sofrem a mostrar sua confiança no Deus soberano, procurando aquilo que é relativamente bom em tempos de adversidade.

Maneiras de pregar Cristo

Normalmente a ponte mais forte para Jesus Cristo, no Novo Testamento, é levar adiante o tema do autor. Então a questão principal é: Jesus também ensinou as pessoas a procurar algum bem em tempos de adversidade? Ou Jesus demonstra essa atitude em sua vida neste mundo? Como a passagem não tem uma promessa de Cristo nem um tipo de Cristo, devemos investigar os caminhos da progressão histórico-redentiva, analogia, temas longitudinais, referências no Novo Testamento e contraste.

Progressão histórico-redentiva

Nesta passagem, o Pregador menciona frequentemente a morte. Ele não sabia, como nós sabemos pela ressurreição de Jesus e os ensinos do Novo Testamento, que as pessoas vivem além da morte. William Brown escreve: “O Qohelet lembra à igreja que a fé em Cristo acarreta encarar a plenitude da morte... A esperança de ressurreição não se apoia na negação da morte, mas na completa aceitação do seu alcance totalmente abrangente. Como a morte marca o início da jornada de sabedoria para o Qohelet, a morte no batismo marca o início da jornada de fé”.[27]

Loader usa a progressão histórico-redentiva para atribuir ao Pregador o conceito de um Deus excêntrico. Ele escreve: “O pregador mantém seu leitor cativo no tenso domínio da futilidade: o homem é simplesmente presa da arbitrariedade de Deus. A solução... está em Cristo. Por sua vinda, ele demonstrou que há mais a ser conhecido sobre Deus do que havia no tempo do Pregador; que Deus não é apenas um aquinhoador excêntrico da fortuna humana; que tudo o que acontece, embora esteja sujeito ao seu governo, nem sempre é sua vontade... Agora ainda podemos ser felizes em dias de prosperidade. Mas em tempos de adversidade não precisamos mais, em resignação, nos curvar diante do Poder superior.

Embora ele esteja no céu e nós, na terra (5.2), há, agora, um caminho aberto para ele (Jo 14.6). Portanto, há, agora, sabedoria e riquezas de valor absoluto, não relativo (veja 1Co 1.30; Ef 1.17-18)”.[28]

Analogia

O Pregador do Antigo Testamento discerne algum bem relativo em eventos que normalmente vemos como maus: morte, mágoa, casa do luto, repreensão e dia de adversidade. Notavelmente, nos ensinos de Jesus encontramos uma ênfase semelhante em bons aspectos do sofrimento neste mundo. Nas Bem-aventuranças, Jesus chamou os que sofrem de “bem-aventurados”.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados (...)

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça,

Porque deles é o reino dos céus (Mt 5.4,10).

Bem-aventurados vós, os pobres,

Porque vosso é o reino de Deus.

Bem-aventurados vós, os que agora tendes fome,

Porque sereis fartos.

Bem-aventurados vós, os que agora chorais,

Porque haveis de rir.

“Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do homem. Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque é grande o vosso galardão no céu” (Lc 6.20-23).

Temas longitudinais

Podemos traçar, do Antigo Testamento até o Novo, o ensino de que há algum bem no sofrimento. O Antigo Testamento vê o sofrimento principalmente como punição de Deus. A desobediência humana resultou em Adão e Eva serem expulsos do paraíso, dor no parto, trabalho para ganhar a vida, e morte (Gn 3.16-19,23). Quando Israel pecava contra Deus, Deus o punia com sofrimento: espada e peste (Êx 32.28,35). Se Israel continuasse a desobedecer, Deus o advertiu que seria punido com terror, enfermidade, fome, derrota para os inimigos, animais selvagens, peste e desolação na terra e ruínas nas cidades (Lv 26.14-33). Geralmente, o sofrimento era uma experiência negativa para Israel. Mas também havia bem em seu sofrimento. Deus o usava para levar Israel de volta ao seu aprisco (veja, por exemplo, Jz 3.7-10; Is 40.1-2). O Pregador também argumenta que há um aspecto positivo no sofrimento humano: as pessoas podem procurar aquilo que é relativamente bom em tempos de adversidade.

O Novo Testamento continua esse tema. Jesus chama os que sofrem de “bem-aventurados”, mas apresenta uma razão diferente da do Pregador do Antigo Testamento. Jesus tende a apontar para o futuro que os aguarda: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” (veja a lista acima). Paulo reflete esse pensamento: “Para mim, tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Rm 8.18). Em outro lugar, Paulo escreve:

Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas

que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas (2Co 4.16-18).

Pedro, semelhantemente, encoraja os cristãos que sofrem: “Alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando” (1Pe 4.13). E João transmite as boas-novas: “Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham” (Ap 14.13).

Referências do Novo Testamento

O apêndice do Novo Testamento Grego lista Eclesiastes 7.9 com uma referência a Tiago 1.19: “Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar”. Esta referência, é claro, refere-se a um só verso, não ao tema da passagem. Sobre o tema de encontrar algum bem no sofrimento, podemos considerar 1.2-5:

Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes. Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida.

Contraste

Em “Progressão histórico-redentiva” e “Temas longitudinais”, acima,

observamos vários contrastes em detalhes. Outro contraste é que o Pregador instrui seus leitores a procurar algum bem em tempos de adversidade, em parte, porque não sabem o que o futuro reserva. Em contraste, Jesus e o Novo Testamento nos ensinam a procurar o bem na adversidade por causa daquilo que o futuro reserva: o perfeito reino de Deus.

Tema e objetivo do sermão

Formulamos o tema do Pregador como: “Como Deus soberanamente estabelece os tempos, em tempos de adversidades as pessoas devem procurar o que é relativamente bom”. Embora Jesus e o Novo Testamento mudem a razão para procurarmos o que é bom no sofrimento (veja “Contraste”, acima), eles não contradizem o tema do Pregador. Podemos, portanto, adotar o tema do Pregador como tema do sermão: Como Deus soberanamente estabelece os tempos, em tempos de adversidades as pessoas devem procurar o que é relativamente bom.[29]

Formulamos o objetivo do Pregador como: “encorajar pessoas que sofrem a mostrar sua confiança no Deus soberano, procurando aquilo que é relativamente bom em tempos de adversidade”. O objetivo do sermão pode ser idêntico: encorajar pessoas que sofrem a mostrar sua confiança no Deus soberano, procurando aquilo que é relativamente bom em tempos de adversidade. Este objetivo aponta para a necessidade tratada: as pessoas não confiam suficientemente em Deus para verem algum bem na adversidade.

Exposição do sermão

A introdução do sermão pode ilustrar a necessidade tratada. Pode-se contar brevemente a história de uma pessoa que sofreu muito e pensou que aquela era uma experiência totalmente negativa. Por exemplo, pode-se contar a história de Jó perdendo todas as suas posses e todos os seus filhos em um só dia e amaldiçoando o dia de seu nascimento (Jó 3.1-10). Mas essa história trata de um sofrimento tão grande que as pessoas podem não ser capazes de assimilar. Então pode ser melhor contar uma história sobre sofrimento contemporâneo – desde que a introdução coloque a tensão entre o modo negativo pelo qual tendemos a experimentar o sofrimento e a mensagem surpreendente do Pregador e de Jesus.

O Pregador começa sua mensagem em 6.10: “A tudo quanto há de vir já se lhe deu o nome,[30] e sabe-se o que é o homem”. “A tudo quanto há de vir já se lhe deu o nome”? Ele está pensando em Deus dando nome às coisas na criação: dia, noite, céu, terra, mares e assim por diante. “‘Dar nome’ a uma coisa é fazê-la existir e, portanto, torná-la dependente”.[31] “A tudo quanto há de vir já se lhe deu o nome”. Em outras palavras, tudo o que acontece no presente já foi predeterminado por Deus no passado.

O Pregador continua: “Sabe-se o que é o homem”. Deus sabe o que é o homem: ele o criou, ele lhe deu nome, “Adão”, isto é, de , da terra (Gn 2.7). Como o salmista escreve, “ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó” (Sl 103.14). Deus sabe que os seres humanos são fracos e finitos. O próprio Deus declarou: “Tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3.19).

O ser humano é tão fraco, continua o Pregador, “que não pode contender com quem é mais forte do que ele”. O hebraico aqui diz literalmente “aquele que é mais forte”. Por isso a TNIV traduz: “Ninguém pode contender com alguém que é mais forte”. O mais forte é Deus. Deus é o poderoso Criador do universo; ele chamou todas as coisas à existência; ele lhes deu nome; ele chamou o ser humano à existência; ele lhe deu nome, “terreno”, da terra. Meros seres terrenos não podem contender com o Criador do universo.

Jó descobriu isso. Depois de perder todas as suas posses e todos os seus filhos,

ele tentou contender com Deus.[32] Mas, no fim, Jó teve que se arrepender no pó e na cinza (Jó 42.6). Mesmo quando sofrem muito, meras criaturas não podem contender com Deus. Isaías registra as palavras do Senhor: “Ai daquele que contende com o seu Criador! E não passa de um caco de barro entre outros cacos. Acaso, dirá o barro ao que lhe dá forma: Que fazes? Ou: A tua obra não tem alça” (Is 45.9).

Paulo reflete esse sentimento em Romanos 9.20: “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus? Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?” Meras criaturas não podem contender com seu Criador. O Pregador mostrar a futilidade de contender com Deus no verso 11: “É certo que há muitas coisas que só aumentam a vaidade, mas que aproveita isto ao homem?” Argumentar com Deus não ajuda, pois Deus estabeleceu soberanamente os tempos: “Tempo de nascer e tempo de morrer... tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria” (Ec 3.2,4). Quanto mais palavras alguém usa para debater com Deus, maior a vaidade, isto é, maior a futilidade. É esforço perdido. “Que aproveita isto ao homem?” Absolutamente nada. Não há proveito ou ganho[33] em contender com Deus.[34]

“Pois”, continua o Pregador no verso 12, “quem sabe o que é bom para o homem durante os poucos dias da sua vida de vaidade, os quais gasta como sombra?” O ser humano vive apenas alguns dias neste mundo. Sua vida é “vã”, literalmente, “um sopro”: é breve como o vapor gelado que se vê em um dia de inverno. Agora você vê, agora não vê. É com essa mesma rapidez que nossa vida passa. Também é dito que passamos “como uma sombra”. O salmo 144.4 usa a mesma imagem: o ser humano é como “um sopro; os seus dias, como a sombra que passa”. Uma sombra pode se mover muito rapidamente, “como a sombra de uma ave voando”.[35] Em um minuto está aqui, no minuto seguinte se foi. Uma sombra também não tem substância. Assim é nossa vida neste mundo: passa como uma sombra: rapidamente, sem deixar evidência alguma de ter impactado o solo.

A questão-chave que o Pregador levanta é esta: “Quem sabe o que é bom para o homem?” A resposta esperada é: “Ninguém, somente Deus”. Nenhum ser humano sabe o que é bom para as pessoas. Como o ser humano não sabe o que é bom para si, está implícito que deve aceitar submissamente o que Deus lhe dá.[36]

“Quem pode declarar ao homem o que será depois dele debaixo do sol?” Esta é a segunda pergunta retórica. A resposta esperada é: “Ninguém pode dizer ao homem o que será depois dele”. O Pregador quer dizer que ninguém pode nos

dizer o que o amanhã trará.[37] Este será um dia de prosperidade ou de adversidade? Seremos felizes ou prantearemos? Simplesmente não sabemos. O futuro está escondido. Não sabemos o que é bom para nós e não sabemos o que o futuro reserva. Se o Pregador fosse pessimista, agora entraria em desespero.

Mas o Pregador não é pessimista. Ele esboçou graficamente nossa situação para nos mostrar que a sabedoria pode detectar algum bem mesmo em tempos de adversidade. Ele nos dá uma série de provérbios que repetem nove vezes a palavra “bom” ou “mais bom”, isto é, “melhor”. Ele começa em 7.1: “Melhor é a boa fama que o unguento precioso, e o dia da morte, melhor do que o dia do nascimento”. Esta é uma afirmação surpreendente! Podemos entender que “melhor é a boa fama que o unguento precioso”.[38] Pode-se comprar unguento precioso, mas não se pode comprar um bom nome. Mas não entendemos imediatamente por que o dia da morte é melhor que o dia do nascimento. Parece-nos que o dia da morte é cheio de tristeza, enquanto o dia de nascimento é cheio de alegria. A maioria de nós diria que o dia de nascimento é melhor que o dia da morte. Mas o Pregador inverte isso: o dia da morte é melhor que o dia do nascimento. Por quê?

O Pregador disse algo parecido com isso no capítulo 4. Ali ele refletiu sobre todas as opressões praticadas neste mundo e viu “as lágrimas dos que foram oprimidos, sem que ninguém os consolasse”. Ele concluiu: “Tenho por mais felizes os que já morreram, mais do que os que ainda vivem” (4.1-2). Os mortos são mais felizes que os vivos porque não têm mais que testemunhar a injustiça, a dor e as lágrimas que vemos neste mundo. De modo semelhante, ele diz nessa passagem que o dia da morte é melhor que o dia do nascimento. O dia do nascimento é o começo de uma vida de observação das lágrimas dos oprimidos e de experiência pessoal da opressão. Mas o dia da morte marca o fim da observação do sofrimento alheio e da experiência do próprio sofrimento.[39]

No verso 2, o Pregador continua esse tema de morte: “Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete”. Realmente é melhor ir a um funeral do que a uma recepção de casamento? Poucos diriam que sim. Por que o pregador novamente inverte nossos gostos e desgostos? Desta vez ele dá a razão pela qual acredita que “melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete”. “Pois naquela se vê o fim de todos os homens; e os vivos que tomem em consideração”.

Todos sabemos que, a menos que o Senhor retorne primeiro, morreremos um dia.

Mas não gostamos de pensar nisso. Tentamos evitar esse assunto mórbido. Preferimos viver em negação. Mas, quando vamos a uma casa onde há luto, não conseguimos mais negar a realidade da morte. Somos lembrados: Sim, eu também morrerei, um dia. “E os vivos que tomem em consideração”, isto é, eles que mantenham isso em mente e vivam de acordo com isso.[40]

William Brown escreve: “a inegável realidade da morte é para... [o Pregador] o ponto de partida para a vida (v. 2b). A morte orienta o eu em direção a uma vida autêntica, não a uma vida falsa. O fim da vida é, por assim dizer, o fundamento de sua... ética de finitude. A morte deve ser aceita plenamente, diz o sábio, para que se possa ter uma vida boa, por mais mínima que pareça”.[41]

Alguns monastérios orientais não apenas queimam o cadáver de seus monges mortos, mas também recuperam seus ossos posteriormente e os colocam em um lugar de destaque dentro do monastério. Aliás, algumas caveiras são colocadas de modo que os monges vivos possam tocá-las. A experiência de tocar nessas caveiras não é mórbida, mas um sóbrio lembrete de que nossa vida terrena também terminará um dia. O salmista ensinou Israel a orar: “Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio” (Sl 90.12). Faz sentido, portanto, dizer que é melhor ir a um funeral que a uma recepção de casamento. No funeral somos confrontados com a realidade da morte, que pode levar à sabedoria de contar cada dia, em vez de desperdiçá-lo. Em tempos de adversidade, enfatiza o Pregador, ainda há algum bem. Podemos aprender a valorizar cada dia.

No verso 3, ele acrescenta: “Melhor é a mágoa do que o riso”. Novamente ele reverte nossos gostos e desgostos, pois preferimos o riso à mágoa. Mas com “riso”, aqui, não se refere à alegria que recomenda em todo o livro. Em vez disso, ele se refere a “comportar-se de modo frívolo”.[42] Anteriormente ele disse: “Do riso disse: é loucura; e da alegria: de que serve?” (2.2). Por isso ele diz aqui que “melhor é a mágoa do que o riso, porque” – e esta é a razão – “com a tristeza do rosto se faz melhor o coração”.

Provavelmente perguntaremos: Como, no mundo, a tristeza do rosto pode fazer melhor o coração? A “Tristeza do rosto” é encontrada em casas onde há luto, porque as pessoas são confrontadas com a realidade da morte. Mas “melhor é ir à casa onde há luto” (7.2), porque a realidade da morte ensinará a pessoa a valorizar seus dias. Assim, a tristeza do rosto torna melhor o coração porque nos permite aproveitar cada dia e vivê-lo plenamente.

O Novo Testamento, semelhantemente, não vê contradição entre tristeza de rosto e alegria de coração. Paulo escreve que está “entristecido, mas sempre alegre” (2Co 6.10). Jesus chama aqueles que pranteiam e aqueles que choram de “bem-aventurados”. Ele proclama: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” (Mt 5.4) e “bem-aventurados vós, os que agora chorais, porque haveis de rir” (Lc 6.21). E Tiago escreve:

Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes. Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida (Tg 1.2-5; cf. Rm 5.3-4).

No verso 2, o Pregador disse: “Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete”. No verso 4, ele retoma as duas casas: “O coração dos sábios está na casa do luto, mas o dos insensatos, na casa da alegria”. O “coração” é o centro do ser humano. Provérbios diz que do coração “procedem as fontes da vida” (Pv 4.23). “O ‘coração’ representa a sede da inteligência e da vontade (cf. 1.13,17; 2.3; 8.9,16)”.[43] Agora o Pregador afirma que “o coração dos sábios está na casa do luto”. A casa do luto tornou-se uma escola para se aprender sobre a essência da vida. Os sábios vivem com a realidade da morte em mente. Os insensatos, ao contrário, procuram evitar pensar em sua morte. Por isso seu coração está “na casa da alegria”. Talvez as grandes festas na casa da alegria abafem os pensamentos de morte.

Nesses primeiros quatro versos do capítulo 7, o Pregador focou no tópico que as pessoas mais procuram evitar: a morte. De acordo com Gênesis 3, a morte é a punição de Deus para a desobediência humana: “Tu és pó, e ao pó tornarás” (Gn 3.19). A morte é trágica. A morte é o clímax do sofrimento humano. Mas o Pregador mostra que os sábios podem detectar algum bem até mesmo na morte: o “dia da morte” é melhor que o “dia do nascimento”; “melhor é ir à casa onde há luto do que à casa onde há banquete”; “a mágoa é melhor que o riso”; e “o coração dos sábios está na casa onde há luto”.

No verso 5, o Pregador continua a contrastar os sábios com os insensatos. “Melhor é ouvir a repreensão do sábio do que ouvir a canção do insensato”. A repreensão dos sábios é “‘crítica construtiva’, cujo propósito é corrigir um padrão de comportamento que é moralmente questionável ou prejudicial”.[44] Como Provérbios 12.1 afirma, “quem ama a disciplina ama o conhecimento, mas o que aborrece a repreensão é estúpido”.[45] Então é possível aprender com a “repreensão dos sábios”. Mas o que se pode aprender com a “canção do insensato”? A canção do insensato é cantada na casa da alegria.[46] Pense nas canções que ouvimos em festas. Não é provável que aprendamos alguma coisa importante.[47]

O Pregador não fica impressionado com as canções dos insensatos, nem pela sua alegria. No verso 6, ele faz uma descrição sarcástica da alegria do insensato: “Qual o crepitar dos espinhos debaixo de uma panela, tal é a risada do insensato”. “Os espinhos queimam rapidamente, sendo um combustível facilmente extinto no mundo antigo (Sl 58.9). Assim, a risada dos tolos é uma chama repentina, uma boa exibição de faíscas, acompanhada por muito barulho, mas que logo passava e era facilmente extinta”.[48] O Pregador considera que essa “risada”[49] também é vaidade: é de curta duração, como a chama dos espinhos, e inútil.[50]

Mas o sábio também não está seguro. Verso 7: “Verdadeiramente, a opressão faz endoidecer até o sábio, e o suborno corrompe o coração”. O Pregador menciona especificamente a opressão – ou “extorsão” (TNIV) –, o suborno. No capítulo 4, ele levantou o tema da opressão no contexto de pessoas que trabalham por inveja umas das outras. Ele chegou à conclusão de que isso era “vaidade e correr atrás do vento” (4.4). Aqui ele vê a opressão ou extorsão como uma tentação tão grande para o ser humano que até mesmo o sábio se engaja nessa má ventura e se torna insensato.[51]Até mesmo pessoas sábias podem ser tentadas pela riqueza. Elas também anseiam por mais posses. Para aumentar sua riqueza, são capazes de praticar extorsão e aceitar suborno.[52] Mas o Pregador repreende aqueles que caem nessa tentação: “Verdadeiramente, a opressão faz endoidecer até o sábio, e o suborno corrompe o coração”.[53]

Por causa do perigo de que até mesmo o sábio seja desviado na vida, o Pregador continua, no verso 8: “Melhor é o fim das coisas do que o seu começo” (cf. 7.1). “o fim das coisas”, aqui, deve ser entendido como o “resultado”, o “produto final”.[54] Em português, temos um ditado similar: “Tudo está bem quando termina bem”.[55]

O Pregador acrescenta, no verso 8: “Melhor é o paciente do que o arrogante[56]”. O paciente suporta longo incômodo. Ele evita reações automáticas. Ele está disposto a evitar julgamento até ver “o fim das coisas”.[57] Quando a adversidade chega, ele a suporta pacientemente e espera o resultado.

O Pregador, portanto, aconselha, no verso 9: “Não te apresses em irar-te, porque a ira se abriga no íntimo dos insensatos”. Os insensatos não são pacientes. Eles rapidamente perdem as estribeiras. Quando as coisas não acontecem do seu jeito, explodem em ira. Provérbios 12.16 diz: “A ira do insensato num instante se conhece, mas o prudente oculta a afronta”.[58] No Novo Testamento, Tiago faz alusão a essa advertência do Pregador. Ele escreve: “Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar” (1.19). Jesus também advertiu contra explosões de ira: “Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento (...) e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo” (Mt 5.22). “A ira”, diz o Pregador, “se abriga no íntimo dos insensatos”. O insensato afaga sua irritação [em seu íntimo], nutre-a, permite que cresça, e em todo esse tempo, é claro, ela o vai corroendo”.[59] O insensatos alimentam sua ira até que ela exploda.

O Pregador se refere a outro exemplo de impaciência, no verso 10: “Jamais digas: Por que foram os dias passados melhores do que estes? Pois não é sábio perguntar assim”. Quando passamos pelo “dia da adversidade” (v. 14), quando enfrentamos tempos difíceis, é muito fácil reclamar: “Por que os dias passados foram melhores do que estes?” Mas, ao fazer isso, expressamos nossa insatisfação com o presente. Somos impacientes, não queremos esperar para ver como as coisas ficarão no fim. O Pregador nos instrui a não fazer essa pergunta porque “não é sábio perguntar assim”. “Reclamar... sobre a degeneração dos tempos é mostrar falta de paciência e autocontrole, o que é característica de um tolo, não de um sábio”.[60]

Nos versos 11 e 12, o Pregador canta louvores à sabedoria: “Boa é a sabedoria, havendo herança, e de proveito, para os que veem o sol”. Quando ouvimos a palavra “herança”, devemos pensar em terra. Quando Deus deu a Israel a terra prometida, ela foi “dividida por herança” (Nm 26.53). Cada família (exceto os levitas) recebeu uma herança de terra. Essa porção de terra devia passar de pai para filho ou filha e permanecer na família. Mesmo que a família enfrentasse dias difíceis e fosse forçada a vender sua terra, ela só podia vender a colheita dos anos restantes até o ano do jubileu. Pois “neste ano do jubileu tornareis cada um

à sua possessão" (Lv 25.13). A terra era posse permanente.[61] Em uma sociedade agrícola, terra significava comida; terra significava segurança; terra significava estabilidade. Assim, "boa é a sabedoria, havendo herança, e de proveito, para os que veem o sol", isto é, um proveito para aqueles que estão vivos. Por meio da sabedoria, é possível sobreviver em tempos de adversidade.

O Pregador explica, também, no verso 12: "A sabedoria protege como protege o dinheiro". Ele compara a proteção da sabedoria à proteção do dinheiro. O dinheiro pode, em certa medida, proteger as pessoas da privação. Em tempo de fome, o dinheiro pode salvaguardar as pessoas. Em um tempo de desemprego, o dinheiro pode proteger a pessoa de ter a hipoteca da casa executada. Assim, o dinheiro pode proteger a pessoa, em alguma medida, em tempos de adversidade. Semelhantemente, a sabedoria pode proteger a pessoa das "duras realidades da vida".[62]

Mas a sabedoria tem uma vantagem sobre o dinheiro. O Pregador acrescenta, no verso 12: "O proveito da sabedoria é que ela dá vida ao seu possuidor". O dinheiro por si mesmo não pode dar vida. Aliás, em 5.17, o Pregador mostrou que o dinheiro, por si mesmo, leva a comer em trevas, "com muito enfado, com enfermidade e indignação". Mas a sabedoria dá vida. Como? "Ela dá uma vida mais elevada, que não pode ser sufocada ou submergida pelos dilúvios de sofrimento que podem surgir" sobre uma pessoa.[63]

O Pregador não está falando sobre vida eterna, mas sobre vida neste mundo. Para ele, até mesmo essa "vida mais elevada" acabará em morte. Séculos mais tarde o Pregador sábio nos ensinará sobre a vida eterna. Jesus disse: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.3).

A vida de Jesus finalmente vence a morte. Jesus disse: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim não morrerá, eternamente" (Jo 11.25-26).

Mas o Pregador do Antigo Testamento ainda não tinha esse conhecimento. Ele lidou com a questão de como podemos ter uma boa vida neste mundo, sabendo que há tanto sofrimento e morte certa. Ele mostrou que ainda há um bem relativo, mesmo no sofrimento: "melhor é o dia da morte que o dia do nascimento"; "melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete"; "melhor é a mágoa do que o riso"; e "o coração dos sábios está na

casa do luto". Ele afirmou que "melhor é ouvir a repreensão do sábio do que ouvir a canção do insensato". Mas ele também advertiu que "a opressão faz endoidecer até o sábio". Ele reiterou: "Melhor é o fim das coisas do que o seu princípio". Isso o levou a recomendar paciência, a não nos apressarmos em nos irar e a não reclamarmos: "Por que foram os dias passados melhores do que estes?" Finalmente, ele mostrou a vantagem da sabedoria: ela nos protege dos rigores da vida. De fato, tendo passado pela provação do sofrimento, a sabedoria nos dá uma forma de vida mais vigorosa.

Agora o Pregador está pronto para concluir sua mensagem. Ele nos exorta, no verso 13: "Atenta para as obras de Deus, pois quem poderá endireitar o que ele torceu?" "Atenta para as obras de Deus" Deus é o Deus soberano que fez todas as coisas. Algumas dessas coisas nos parecem "torcidas". Nesta passagem, o Pregador falou sobre morte, luto e tristeza. Experimentamos essas coisas como "torcidas".[64] Mas essas "coisas torcidas" também são "obras de Deus".[65] E ninguém pode endireitar o que Deus "fez torto". Seria o cúmulo da arrogância e da tolice tentar mudar a obra de Deus. Não temos escolha senão ter uma visão de longo prazo e aceitar também o sofrimento das mãos de Deus.

Essa consideração conduz o Pregador ao seu conselho final. Verso 14: "No dia da prosperidade, goza do bem; mas, no dia da adversidade, considera em que Deus fez tanto este como aquele, para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele". "No dia da prosperidade, goza do bem". O Pregador deu este conselho antes e o dará novamente. Mas, nesta passagem, ele se concentrou no sofrimento humano. O que fazer "no dia da adversidade"?

Seu conselho é: "Considera em que Deus fez tanto este como aquele, para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele". Deus fez o dia da prosperidade e o dia da adversidade, mas de tal forma que não conseguimos descobrir o que virá depois de nós. Não sabemos o que o futuro reserva, por isso certamente não conseguimos controlá-lo. Tudo o que podemos fazer é aceitar a prosperidade e a adversidade como vindas da mão de Deus.[66] Não sabemos o que o futuro reserva. Simplesmente temos que confiar que o nosso Deus controla o futuro.[67]

Paulo escreve aos Romanos:

Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?(...) Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?(...) Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida... nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8.31-39).[68]

Paulo afirma que somos mais que vencedores não apesar do nosso sofrimento, mas em nosso sofrimento. Ele explica que é assim porque nem a morte, por mais trágica que seja, nem a vida, independentemente do quanto seja difícil, pode nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. Como o amor de Deus em Cristo está sempre conosco, podemos procurar e encontrar algum bem mesmo no dia da adversidade.

---

[1] Este centro já foi observado pelos massoretas, que fizeram essa observação na margem da Bíblia hebraica.

[2] Veja 1.14; 2.11,17,25; 4.4,16; 6.9. “Sete” é o número hebraico que indica completude.

[3] Veja a análise de Addison Wright, citada na p. 36, acima.

[4] Murphy, Ecclesiastes, 62. Murphy adota a abordagem do diálogo de N. Lohfink, mas reconhece que “o capítulo 7 talvez seja o capítulo mais difícil em um livro difícil. Entre outras razões, é difícil porque as palavras e declarações parecem ser claras – mas o modo como o Qohelet as está usando é diferente”. Ibid., 66.

[5] Seow, Ecclesiastes, 244, 246. Cf. Perdue, Wisdom Literature, 204: “Essas declarações [7.1-4] parecem ser aforismos subversivos, declarações que procuram subverter a cosmovisão convencional e seus fundamentos por meio do conhecimento social da tradição sapiencial”. Cf. Shepherd, “Ecclesiastes”, 317: “Nestes versos [7.5-7], alguma sabedoria tradicional é apresentada e, depois, subvertida”. Cf.Loader, Ecclesiastes, 82: “temos que concluir, portanto, que a

oposição do Pregador aos mestres da sabedoria geralmente otimistas nunca diminui".

[6] Veja capítulo 1, p. 27, acima.

[7] Fox, A Time to Tear Down, 250. Veja também seu argumento na p. 255, de que "Murphy, juntamente com outros comentaristas, interpreta mal estes versos [7.8-10]".

[8] Murphy, Ecclesiastes, 66.

[9] Seow, Ecclesiastes, 241.

[10] Dorsey, Literary Structure, 195. Dorsey também observa, na p. 196: "Como acontece com o poema anterior sobre o tempo, esta unidade abrange catorze versos poéticos que parecem formar sete unidades menores de dois versos cada".

[11] Esta é a primeira de três grandes listas de provérbios em Eclesiastes. As outras duas são encontradas em 9.17–10.4 e em 10.8–11.4.

[12] Murphy, Wisdom Literature, 139-40. Por causa do verbo (veja, considere) em 7.13 (cf.1.14,17; 3.10; 8.17) Ogden, Qoheleth, 110, chama 7.13-14 de reflexão. Mas o fato de que está no imperativo justifica classificar o texto como instrução, não como reflexão.

[13] O Pregador levanta outra pergunta retórica em 7.13.

[14] "Cinco das dezesseis ocorrências de provérbios 'melhor que' são aqui". Salyer, Vain Rhetoric, 335.

[15] Davis, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 199.

[16] Para essas distinções, veja p. 52, acima. Eaton, Ecclesiastes, 111, defende o paralelismo sintético também no verso 7. Veja nota 50, abaixo.

[17] Assonância é a semelhança de sons em sílabas e palavras.

[18] Ogden, Qoheleth, 99.

[19] Veja Whybray, Ecclesiastes, 112, e Murphy, Wisdom Literature, 140.

[20] Whybray, ibid.

[21] Seow, Ecclesiastes, 232. Cf. p. 241: “O que significa é que Deus designou e Deus conheceu, embora a divindade não seja mencionada explicitamente”.

[22] Veja meu Modern Preacher, 295, para referências e exemplos.

[23] “A tradução da NRSV do verso 10 é enganosa; a palavra é um singular gramatical e claramente se refere a Deus (compare o argumento em Jó 9)”. Davis, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 197. Huwiler, “Ecclesiastes”, 197, acrescenta: “A falta de menção explícita a Deus pode ser uma expressão da incapacidade humana (até mesmo do Qohelet) de contender com esse mais forte, ou pode ser um mecanismo retórico pelo qual o leitor é levado a assumir a responsabilidade por suas inferências”.

[24] Veja Seow, Ecclesiastes, 250, e Loader, Ecclesiastes, 72.

[25] Longman, Book of Ecclesiastes, 179, afirma: “Dois temas dominam os versos 1-12 e unificam a seção: morte (v.1b,2,4 e, talvez, 8) e sabedoria e insensatez (v.4,5,6,7,9,10,11,12)”.

[26] Leupold, Exposition of Ecclesiastes, 145 e 156, segue essa direção com seus títulos “Conselho para dias de sofrimento” e “Sabedoria, um excelente regulador em dias de sofrimento”. Na p. 157, ele menciona especialmente “luto” (7.2), “uma situação que faz os homens ficarem irados” (7.9), considerando o passado melhor (7.10), Deus fazendo coisas “torcidas” (7.13) e conselho para “o dia da adversidade” (7.14). Ele poderia ter acrescentado “morte” (7.1), “tristeza” (7.3), “casa de luto” (7.2,4), “repreensão” (7.5), “opressão” (7.7), “suborno” (7.7) e não sabemos o que o futuro nos reserva (6.12; 7.14).

[27] Brown, Ecclesiastes, 75.

[28] Loader, Ecclesiastes, 86. Por causa da continuidade entre o Antigo e o Novo Testamento em verem um bem relativo no sofrimento (veja “Temas longitudinais”, abaixo) e porque discordo da premissa de Loader que o faz pregar contra o texto do Pregador, na “Exposição do sermão” não usaremos seus movimentos para Cristo.

[29] Devemos evitar a tentação de suavizar o ensino do Pregador entrando em outras considerações, como: é Satanás quem produz sofrimento; lamentar-se

diante de Deus é correto (veja os muitos salmos de lamentação); em resposta à oração, Deus pode mudar de opinião (e.g., Ezequias recebeu mais quinze anos de vida [2Rs 20.1-6]). Todos estes temas são adequados para outros sermões, mas neste sermão devemos manter a posição do Pregador, que é um fio de pensamento legítimo tanto no Antigo Testamento quanto no Novo.

[30] Cf. 3.15: “O que é já foi e o que há de ser também já foi”.

[31] Murphy, Ecclesiastes, 58. Cf. Longman, Book of Ecclesiastes, 177: “No Antigo Testamento, o nome captura a essência natural de uma pessoa ou coisa. Assim, dar nome é ter conhecimento e controle de algo ou alguém”.

[32] Veja Jó 9.32-35; 13.20-28; 16.18-22; 23; 31.35-37.

[33] ,como em 1.3 e 3.9.

[34] “A busca de eloquência é infrutífera por duas razões: primeiro, reflete um tema que já foi enfatizado mais de uma vez: a predeterminação e recorrência de todos os eventos; e, segundo, o fato de que, em última análise, o poder está em Deus, não na língua humana”. Crenshaw, Ecclesiastes, 131.

[35] Fox, Ecclesiastes, 43, com referência a Rashi.

[36] Whybray, Ecclesiastes, 111.

[37] “ significa ‘depois’ ‘no futuro’, aqui com referência a eventos futuros na vida de uma pessoa... Além disso, em 7.14b, que reitera 6.12b, o futuro em questão está claramente dentro desta vida”. Fox, Qohelet, 225. Cf. Murphy, Ecclesiastes, 59: “O Qohelet não tem em mente o mistério da ‘vida após a morte’, mas como as coisas acontecem enquanto a pessoa ainda vive neste mundo. Ele está falando daquilo que acontecerá ‘debaixo do sol’”.

[38] Cf. Provérbios 22.1, “Mais vale o bom nome que as muitas riquezas”.

[39] Outra explicação é “que nossa reputação [nome] só está segura quando morremos e não pode mais ser maculada (Rashbam)”. Fox, Ecclesiastes, 43.

[40] “A morte como destino humano devia estar profundamente arraigada no interior da pessoa e ser compreendida pela mente, pelas emoções e pela vontade... Reconhecendo a brevidade e a preciosidade da vida, devemos viver

com seriedade". Provan, Ecclesiastes, 139.

[41] Brown, Ecclesiastes, 73.

[42] Fox, Ecclesiastes, 44. Cf.Ogden, Qoheleth, 103: "O riso que tem em vista aqui é, presumivelmente, um termo geral para hilaridade vazia (cf. Pv 14.13), como distinta da alegria profunda ( ) que o Qohelet defende em todo o livro".

[43] Brown, Ecclesiastes, 74. Cf. Raymond C. Van Leeuwen's "Excursus: The 'Heart' in the Old Testament", in The New Interpreter's Bible Old Testament Survey (Nashville: Abingdon, 2005), 244-45.

[44] Ogden, Qoheleth, 104.

[45] Cf. Provérbios 13.1,18; 17.10.

[46] "Tem sido afirmado que a canção do insensato significa 'a canção de louvor e adulação', 'as homenagens feitas pelos tolos' (cf. GNB, NEB). Mas, como a palavra canção ( ) é sempre usada para indicar canções totalmente literais (mais de setenta vezes no Antigo Testamento), é mais provável que a referência seja a canções de júbilo na casa de festividade". Eaton, Ecclesiastes, 110.

[47] "No mundo antigo, assim como no mundo moderno, as pessoas cantavam para escapar dos problemas da vida. Mas, na maior parte do tempo, essas canções populares não ajudam as pessoas a enfrentar a realidade; elas são vazias moral e espiritualmente e nada têm a oferecer, exceto um pouco de entretenimento momentâneo". Goldberg, Ecclesiastes, 90.

[48] Eaton, Ecclesiastes, 110. "O trocadilho 'como estrépito de (espinhos)' debaixo de uma (panela, caldeirão)' é reproduzido por Moffat, 'Like nettles crackling under kettles'".Ibid.

[49] Como o antecedente de "isto" não é claro, alguns comentaristas estendem a avaliação de "vaidade" a todo o argumento e até ao que vem a seguir. Veja Fox, A Time to Tear Down, 253, para as várias possibilidades.

[50] "Canção e riso podem ser agradáveis e benéficos. É o fato de fluírem dos lábios de um tolo que lhes nega valor". Ogden, Qoheleth, 104.

[51] A questão aqui é se os sábios estão causando opressão ou sofrendo por serem

oprimidos. Os comentaristas estão divididos sobre isso (veja as duas posições na nota 53, abaixo). Escolho a primeira, pois sofrer opressão não necessariamente torna o sábio tolo, mas causar opressão certamente o torna tolo.

[52] "A pessoa sábia que entra na corrida insana em busca de posses, comprometendo sua integridade no processo, torna-se tão insensata quanto a pessoa sábia que se junta aos insensatos em seu riso vazio" Provan, Ecclesiastes, 141.

[53] "Extorsão requer o pagamento feito por alguém em troca de silêncio, e suborno é o recebimento de dinheiro de alguém em troca de uma ação desejada. A primeira torna o sábio uma pessoa insensata por entregar o controle da vida a outra pessoa; o segundo obscurece o juízo da pessoa, introduzindo influências". Longman, Book of Ecclesiastes, 187. Assumindo uma posição diferente, Eaton, Ecclesiastes,111, observa: "os versos 1-14... tratam do sofrimento da opressão, não de seu exercício. É melhor, portanto, ver aqui não paralelis sinônimo (expressando o mesmo pensamento), mas paralelismo sintético (levando o pensamento mais adiante). A primeira linha, então, fala a respeito de uma pressão que a opressão pode exercer nos fiéis; a segunda vai além e fornece um exemplo de como um sábio pode endoidecer por outro tipo de insensatez".

[54] Eaton, Ecclesiastes, 111.

[55] "Não se pode saber se algo será bem-sucedido até que se chegue ao curso final, pois obstáculos tendem a retardar, se não frustrar, bons esforços". Crenshaw, Ecclesiastes, 136.

[56] O hebraico traz, literalmente: "Melhor é um espírito longo que um espírito alto". Fox, Ecclesiastes, 46. Longman, Book of Ecclesiastes, 187, fala de "comprimento de espírito" e "altura de espírito". Para expressar isso, ele sugere a tradução: "é melhor uma longa paciência que um orgulho elevado".

[57] "Uma pessoa sábia não reage imediatamente às circunstâncias, mas tem uma visão de longo alcance, esperando para ver toda uma situação antes de decidir como responder". Provan, Ecclesiastes,141. Cf. Eaton, Ecclesiastes, 111: "O provérbio implica que tempos de provação podem ser propositais, que estão confinados a períodos limitados, que o produto final os faz valer a pena".

[58] Cf. Provérbios 14.29: "O longânimo é grande em entendimento, mas o de ânimo precipitado exalta a loucura".

[59] Fox, Qohelet, 230.

[60] Whybray, Ecclesiastes, 117.

[61] “A presença dessa possessão é enfatizada. Esse tesouro permanece com o homem durante todas as suas vicissitudes”. Leupold, Exposition of Ecclesiastes, 158.

[62] Longman, Book of Ecclesiastes, 190. Na nota 65, Longman acrescenta: “Isso é fortalecido pelo paralelo na sentença seguinte, que afirma que a sabedoria dá vida ao seu possuidor”.

[63] Leupold, Exposition of Ecclesiastes, 159.

[64] “O verso 13 está falando não de torcedura moral, mas da forma de coisas e eventos que achamos estranhas, mas devemos aceitar da parte de Deus. Isso inclui seus juízos... mas também, presumivelmente, muitas das provações da vida, como o verso seguinte (14) sugere”. Kidner, Time to Mourn, 68.

[65] Cf. Isaías 45.7: “Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o

Senhor

, faço todas estas coisas”. Ao escrever sobre “os sofrimentos do tempo presente”, Paulo também reconhece que foi Deus quem sujeitou a criação à “vaidade” (Rm 8.18-20).

[66] “O dia do infortúnio provoca a consciência de que os mortais são profundamente limitados, irremediavelmente finitos em conhecimento e poder. Eles não podem contender com aquele que é mais forte (6.11)... Seu dever é receber o bem com alegria e aceitar a adversidade quando vier, ambas dadas por Deus... O sujeito humano só pode receber o que vem, não mais. Contestar o mal em amargo protesto, como Jó, apenas nos dilacera em ira, observa Bildad (Jó 18.4)”. Brown, Ecclesiastes, 80.

[67] “Esse efeito sobre o homem é planejado por Deus com o propósito de que o homem reconheça quão pouco pode fazer e quão alegremente deve confiar em Deus. Esta é a atitude da verdadeira sabedoria”. Leupold, Exposition of Ecclesiastes, 162.

[68] Escrito em um tempo de grande sofrimento, o Catecismo de Heidelberg, de 1563, pergunta: “Como o conhecimento da criação e da providência de Deus nos ajuda?” Ele responde: “Podemos ser pacientes quando as coisas estão contra nós, gratos quando as coisas vão bem e, quanto ao futuro, podemos ter boa confiança em nosso fiel Deus e Pai de que nada nos separará do seu amor” (P & R 28).

CAPÍTULO 10

Como agir em um mundo paradoxal

Eclesiastes 7.15-29

Não sejas demasiadamente justo...

Não sejas demasiadamente perverso.

(Ec 7.16-17)

Esta é uma daquelas passagens que faz os pregadores andarem pelos seus gabinetes esfregando as mãos: “O que isso significa? Como pregar isso?” Será grande a tentação para que ele troque o texto ou pregue somente sobre alguns versos. Roland Murphy afirma: “é difícil ficar satisfeito com qualquer comentário sobre esta seção [7.15-24]; é muito difícil entendê-la”. E, a respeito de 7.25-29, ele acrescenta: “esta é uma das mais difíceis e talvez a mais notória passagem de Eclesiastes”.[1] No entanto, esta é uma passagem extremanete relevante que trata de algumas das questões mais desconcertantes com que temos que lidar: Por que algumas pessoas boas morrem jovens, enquanto criminosos chegam a uma idade avançada? Portanto, valerá o esforço, nosso e o da igreja, de trabalharmos duro para entender e proclamar a mensagem que Deus nos envia em sua palavra.

Os desafios que enfrentamos para pregar nesta passagem começam com a tradução de algumas palavras hebraicas. Veja, por exemplo, 7.18, que a NRSV traduz como “é bom que você retenha um, sem deixar ir o outro; pois o que teme ao Senhor será bem-sucedido com ambos”. A TNIV traduz a última parte: “quem teme a Deus evitará todos os extremos”, com uma nota de rodapé: “Ou seguirá ambos”. A NASB, novamente, é diferente: “Pois aquele que teme a Deus segue adiante com ambos”. O que um pregador deve fazer quando grupos de tradutores especializados discordam substancialmente? Além disso, não está totalmente claro a que “isto” e “aquilo” se referem: ao “justo” do verso 16 ou ao “perverso” do verso 17? O Pregador quer dizer que devemos seguir a justiça e a impiedade? E esta é apenas uma das ambiguidades. O que o Pregador quer dizer com sua primeira recomendação, “não sejas demasiadamente justo” (v. 16)? e como

devemos entender o verso 28, “(...) entre mil homens achei um como esperava, mas entre tantas mulheres não achei sequer uma”?[2]

Independente das dificuldades de tradução e interpretação, será um desafio detectar a coerência desta passagem[3] e formular um tema único que abranja as várias ideias. Além disso, ao pregar esta passagem, os pregadores podem ser tentados a se afastar do tema quando tentam aplicá-la ao presente contexto, ou acusando o Pregador de machismo chauvinista ou procurando defendê-lo dessa acusação.

Texto e contexto

Os comentaristas não são unânimes sobre os limites desta unidade. Embora a maioria deles concorde que a nova unidade começa em 7.15,[4] eles discordam sobre onde ela termina. Fox escreve: “A maioria dos comentaristas (incluindo Delitzsch, Barton, Podechard, Gordis e and Zimmerli) encerra esta unidade no verso 29, outros, em 8.1 (Hertzberg, Galling, Lauha, Ellermeier, et al.)”.[5] Depois de considerar várias possibilidades, Murphy conclui: “Simplesmente não há solução certa... Nossa tradução termina em 7.29 por causa da ocorrência do surpreendente termo “achei”.[6] Selecionaremos como nosso texto de pregação 7.15-29 não somente porque “achei” é a palavra normal de encerramento desta seção de Eclesiastes, mas também porque o verso 29 tem uma referência similar ao que “Deus fez”, assim como a unidade anterior (v. 14).[7]

Quanto ao contexto, a unidade anterior terminou com “considera que Deus fez tanto este [o dia da prosperidade] como aquele [o dia da adversidade]” (7.14). A presente unidade começa em 7.15, com a declaração de que o pregador viu tanto adversidade (morte prematura) quanto prosperidade (vida longa). O Pregador lida com este paradoxo: embora Deus tenha prometido que aqueles que cumprirem sua lei prolongarão sua vida (por exemplo, Êx 20.12), algumas pessoas justas morrem cedo e algumas pessoas ímpias “prolongam os seus dias”.[8] Ele voltará a esse enigma no capítulo 8.12-14. Ele assegura a seus leitores, em 7.18, que “quem teme a Deus de tudo isto sai ileso”. Anteriormente, ele mencionou o temor de Deus em 3.14 e 5.7, e fará isso novamente em 8.12-13, e um editor enfatizará o tema em 12.13. Seu louvor à força da sabedoria (7.19) antecipa a história sobre o homem pobre e sábio (9.13-18). Ele também afirma que experimentou a sabedoria (7.23) – algo que já foi dito em 1.13 e 2.3 e será dito novamente em 8.16. Mas essa experiência resulta em fracasso porque “o que está longe e mui profundo, quem o achará?” (7.24) – uma afirmação semelhante à de 7.14c.

Elementos literários

Embora algumas formas literárias sejam difíceis de classificar, o Pregador usa uma rica variedade de formas nesta passagem. “vi”, em 7.15, indica que a passagem começa com uma reflexão. A reflexão contém a observação de que algumas pessoas justas perecem, enquanto algumas pessoas ímpias prolongam sua vida (v. 15b). Esta observação, que é um paradoxo,9 é seguida por admoestações para não sermos justos demais e para não sermos perversos demais, cada uma seguida por uma pergunta retórica (v. 16,17). O verso 18 é uma instrução para reter as duas. O verso 19 é, provavelmente, um provérbio sobre sabedoria, e o verso 20, outro, sobre pecado. O verso 21 é uma instrução para não darmos ouvidos a tudo o que as pessoas dizem, seguida pelo “motivo” (v. 21b-22).10 Os versos 23-24 provavelmente formam outra reflexão, sobre o fracasso da sabedoria em entender a realidade. O verso 25 continua com outra reflexão (“apliquei-me a conhecer”) sobre investigar “e a conhecer que a perversidade é insensatez e a insensatez, loucura”. Ele descobriu várias coisas: achou “coisa mais amarga que a morte: a mulher cujo coração são redes e laços” (v. 26), mas não conseguiu achar o que procurava (v. 27-28). Ele também encontrou (provérbio) um homem em mil, mas não encontrou uma mulher em mil como esperava (v. 28). Sua conclusão é que “Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias” (v. 29).

O Pregador usa paralelismo A-B-C-A’-B’-C’nos versos 16 e 17:

v. 16

Não sejas demasiadamente justo

Nem exageradamente sábio

Por que destruirias a ti mesmo?

v. 17

Não sejas demasiadamente perverso

Nem sejas louco

Por que morrerias fora do teu tempo?

Ao mesmo tempo, ele usa paralelismo sinônimo no verso 16a,b, que iguala "justo" e "sábio", e no verso 17a,b, que iguala "perverso" e "louco". O Pregador provavelmente usa hipérbole no verso 19: "A sabedoria fortalece ao sábio, mais do que dez poderosos que haja na cidade";[11] e novamente no verso 28: "Entre mil homens achei um como esperava, mas entre tantas mulheres não achei nem sequer uma". Hipérbole significa, é claro, que essas afirmações não devem ser entendidas literalmente, mas como propositalmente exageradas.

A repetição de palavras-chave pode ser importante para detectar o tema desta passagem. O substantivo é encontrado três vezes como "sabedoria" (v. 19.23,25) e a mesma raiz é encontrada duas vezes como "sábio" (v. 19,23). O verbo ( ) "não achei" é repetido oito vezes na segunda metade desta passagem (v. 24, 26, 27 [2 vezes], 28 [2vezes], 29). A palavra é encontrada duas vezes como "soma das coisas"* (v. 25,27) e uma vez ( ) como "astúcias" (v. 28).

Estrutura textual

Embora seja difícil detectar coerência lógica, os elementos literários nos ajudarão a esboçar a estrutura desta passagem.

I. Reflexão sobre um paradoxo concluída com uma instrução (v. 15-18)

A. Observação:

Há justos que perecem

E há ímpios que prolongam a vida (v. 15)

B. Admoestações paralelas (v. 16,17):

1. Não sejas demasiadamente justo (v. 16a,b)

E não sejas sábio demais;

a. Razão: Por que destruirias a ti mesmo (v. 16c)

2. Não sejas demasiadamente perverso (v. 17a,b)

E não sejas louco;

a. Razão: Por que morrerias fora do teu tempo? (v. 17c)

C. Instrução: Bom é que retenhas isto e também aquilo (v. 18a)

1. Razão: Quem teme a Deus de tudo isto sai ileso (v. 18b)

II. Provérbios sobre sabedoria e pecado concluídos com uma instrução (v. 19-22)

A. Provérbio: A sabedoria dá força ao sábio (v. 19)

Mais do que dez poderosos que haja na cidade

B. Provérbio: Não há homem justo sobre a terra que faça o bem (v. 20)

E não peque

C. Instrução: Não dê ouvidos a tudo o que as pessoas dizem (v. 21a)

1. Razão: para não ouvires teu servo te amaldiçoar (v. 21b)

2. Razão: pois ( ) sabes que muitas vezes amaldiçoaste a outros (v. 22)

III. Reflexão sobre usar a sabedoria para entender a realidade (v. 23-24)

A. Ele disse: “Serei sábio” (v. 23a)

B. Conclusão: A sabedoria estava longe dele (v. 23b)

C. As razões para o seu fracasso:

1. O que está (realidade paradoxal) longe (v. 24a)

2. E mui profundo (v. 24b)

3. Ninguém pode achar (v. 24c)

IV. Reflexão sobre tentar entender a sabedoria, a soma das coisas e a loucura (v. 25-29)

A. Ele se aplicou a investigar a sabedoria e a soma de todas as coisas (v. 25)

E soube que a perversidade é insensatez e a insensatez, loucura

B. O que ele descobriu e o que não descobriu:

1. Ele achou coisa mais amarga que a morte: a mulher que é uma armadilha (v. 26a)

a. Cujo coração são redes e laços (v. 26b)

b. Cujas mãos são grilhões (v. 26c)

c. Aquele que agrada a Deus foge dela (v. 26d)

Mas o pecador vira seu prisioneiro (v. 26e)

2. Ele não encontrou a soma das coisas (v. 27-28a)

3. Ele encontrou um homem entre mil (v. 28b)

Mas não encontrou uma mulher entre mil (v. 28c)

4. Isto foi o que ele descobriu (v. 29a):

a. Deus fez o homem reto (v. 29b)

Mas ele se meteu em muitas astúcias (v. 29c)

Interpretação teocêntrica

Nesta passagem, o Pregador menciona Deus várias vezes. Após sua instrução de que “bom é que retenhas isto e também daquilo não retires a mão”, ele acrescenta a cláusula motivadora: “Pois quem teme a Deus de tudo isto sai ileso” (v. 18). Ele também assegura a seus leitores que “quem for bom diante de Deus fugirá” da mulher armadilha (v. 26). E, em sua conclusão, ele rejeita a noção de que Deus é responsável pelo mal neste mundo: “Eis o que tão-somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias” (v. 29).

Tema e objetivo textual

Não há modo fácil de descobrir o tema principal desta passagem. Temos que examinar o significado das partes separadamente, considerar o fluxo de uma para outra e verificar qual ideia une essas partes. O Pregador inicia esta passagem com uma reflexão significativa sobre um importante paradoxo para Israel: Embora Deus tenha prometido vida longa ao justo,[12] "há justo que perece na sua justiça" e também o inverso, enquanto Deus ameaçou eliminar os malfeitores,[13] "há perverso que prolonga os seus dias na sua perversidade" (v. 15). Como é possível explicar essa inversão de retribuição? E há, então, alguma vantagem em ser justo? O conselho do Pregador é: "Não sejas demasiadamente justo, nem exageradamente sábio... Não sejas demasiadamente perverso, nem sejas louco" (v. 16,17), mas "retenhas isto e também daquilo não retires a mão; pois quem teme a Deus de tudo isto sai ileso" (v. 18).

Uma questão-chave para discernir o tema correto é identificar os antecedentes de "isto" e "daquilo", no verso 18. A resposta fácil é relacioná-los ao verso 16, "não sejas demasiadamente justo, nem exageradamente sábio". Assim, o Pregador pode ser interpretado como dizendo: "Bom é que retenhas a justiça e não retires a mão da sabedoria... Justiça e sabedoria são alcançadas pelo temor a Deus".[14] O problema com essa interpretação é que o Pregador não diz, no verso 16 "Seja justo e sábio", mas "não sejas demasiadamente justo, nem exageradamente sábio". Além disso, o paralelismo sinônimo de "justo" e "sábio" praticamente iguala os dois e, assim, diminui a dualidade que é requerida na interpretação de "retenhas isto e também daquilo não retires a mão".

O "isto" e "aquilo" só podem se referir aos dois conselhos, dados nos versos 16 e 17: "Não sejas demasiadamente justo, nem exageradamente sábio... não sejas demasiadamente perverso, nem sejas louco".[15] Para evitar má interpretação, o Pregador afirma em seguida que "a sabedoria fortalece o sábio", mas o justo não pode fazer o bem sem pecar (v. 20). Um exemplo disso é que nós mesmos temos "amaldiçoado a outros:" (v. 22).

Isso ainda nos deixa com a missão: como explicar essa inversão de retribuições?

Por que algumas pessoas justas morrem jovens enquanto algumas pessoas ímpias prolongam sua vida? “Tudo isso”, diz o Pregador, “experimentei pela sabedoria” (v. 23). “O que está longe [isto é, a realidade paradoxal que experimentamos] é mui profundo, quem o achará?” (v. 24). É aqui que retomamos a trilha da óctupla repetição de “achar” “não achar” (v. 24,26,27 [2 vezes], 28 [3 vezes], 29) e da tripla repetição de “soma das coisas/astúcias” (v. 25,27,29) pelo Pregador. Ele se aplica “a conhecer, e a investigar, e a buscar sabedoria e meu juízo de tudo, e a conhecer que a perversidade é insensatez e a insensatez, loucura” (v. 25).

A primeira coisa que ele encontra é uma mulher ímpia (a sedutora de Provérbios) que seduz as pessoas. “Quem for bom diante de Deus fugirá dela, mas o pecador virá a ser o seu prisioneiro” (v. 26). Afinal, não compensa ser ímpio! O Pregador continua tentando encontrar “a soma das coisas”, mas não consegue (v. 27-28). Entre mil homens ele encontrou um como esperava, mas entre mil mulheres não achou uma como esperava (v. 28). Ele conclui: “Eis o que tão-somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias” (v. 29).

É evidente que a formulação do tema textual tem que abranger o conselho do Pregador sobre como viver neste mundo paradoxal e os resultados de sua busca para encontrar essa explicação. Podemos formular o tema da seguinte forma: “O Pregador reflete sobre as anomalias da vida”. Mas isso é meramente uma afirmação do que ele está fazendo. O tema homilético deve afirmar em uma única sentença qual é sua mensagem para os seus leitores. Basicamente, ele parece ensinar duas coisas: (1) vendo que coisas más acontecem com algumas pessoas boas e coisas boas acontecem a algumas pessoas más, não sejas demasiadamente justo nem demasiadamente perverso (v. 15-22); e (2) pela sabedoria não se pode entender “a soma” dessa realidade paradoxal (v. 23-29). Para termos um único tema, temos que subordinar um destes ensinos ao outro. Considero o primeiro o mais importante e relevante. Por isso, o tema fica: “Como não podemos entender este mundo paradoxal, aqueles que temem a Deus não devem ser justos nem sábios demais nem perversos nem loucos”. O uso que o Pregador faz do paralelismo sinônimo entre “demasiadamente justo” e “demasiadamente sábio” e entre “demasiadamente perverso” e “louco” nos permite simplificar o tema, selecionando apenas a primeira entrada de cada par. O tema, então, fica: “Como não podemos entender este mundo paradoxal, aqueles que temem a Deus não devem ser justos demais nem perversos demais”. Mas o significado de “justos demais” e “perversos demais” não é totalmente claro. Para substituir “justos demais” temos que escolher entre “farisaicos” e “superjustos”. Como podemos ver, neste contexto, “superjustos” é o melhor

termo. A expressão “perversos demais” é mais fácil porque significa, literalmente, “muito ímpios”. Portanto, podemos esclarecer o tema da seguinte forma: Como não podemos entender este mundo paradoxal, aqueles que temem a Deus não devem ser superjustos nem muito ímpios.

O objetivo do Pregador ao enviar esta mensagem é advertir seus leitores a não serem superjustos nem muito ímpios.

Maneiras de pregar Cristo

Como podemos ligar este tema a Jesus Cristo, no Novo Testamento? Como esta passagem não contém uma promessa nem um tipo de Cristo, investigaremos as cinco maneiras restantes.

Progressão histórico-redentiva

“O temor do Senhor é o princípio da sabedoria”, proclama o Antigo Testamento (por exemplo, em Pv 1.7; 9.10; 31.30). Quando Deus deu sua lei a Israel, ele tornou sua presença conhecida por meio de raios e trovões, uma nuvem grossa, fogo e fumaça, de modo que o povo “tremeu” e “temeu” a Deus (Êx 19.16-18; 20.20). Deus exigiu que seu povo obedecesse à sua lei e fosse justo, prometendo-lhe vida longa (por exemplo, Êx 20.12). Se o povo temesse a Deus, não procuraria prolongar sua vida por si mesmo, tentando ser superjusto (pense nos fariseus) e, obviamente, não procuraria ser muito ímpio. Nesta passagem, o Pregador conclui que “quem teme a Deus de tudo isto sai ileso” (Ec 7.18) – não sendo superjusto nem muito ímpio. A história de Israel mostra, contudo, que os israelitas frequentemente não temiam a Deus e geralmente decidiam ser muito ímpios. A verdadeira justiça está fora do alcance de criaturas pecaminosas (Ec 7.20,22; Jó 28,38-42).

A vinda de Jesus a este mundo permite que seus seguidores sejam verdadeiramente justos e sábios porque podem ser revestidos com a justiça e a sabedoria de Cristo. Paulo escreve: “Nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Co 1.23-24; cf. Rm 3.21-22; Ef 4.22-24).

Analogia

O Pregador advertiu seus leitores contra serem superjustos. Nos dias de Jesus, os fariseus tentaram ser superjustos, dividindo a lei de Deus em numerosas regras e regulamentações. Como o Pregador do Antigo Testamento, Jesus os advertiu: “Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da sua tradição?... Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinado doutrinas que são preceitos de homens” (Mt 15.3-9). “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé” (Mt 23.23). Tentar ser superjusto não garante a entrada no reino de Deus. Jesus disse aos seus seguidores: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino de Deus” (Mt 5.20).

Jesus também advertiu aqueles que decidiram ser muito ímpios. Por exemplo, ele advertiu as cidades impenitentes: “Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida!” (Mt 11.21; cf. 23.13-33). Ele declarou àqueles que não alimentaram os famintos: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41). Ele contou a parábola do escravo perverso cujo mestre: “castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas; ali haverá choro e ranger de dentes” (Mt 24.51).

Temas longitudinais

Podemos traçar através de todo o Antigo Testamento até Cristo, no Novo Testamento, a obrigação de que aqueles que temem a Deus não devem procurar prolongar sua vida por si mesmos, sendo superjustos; em vez disso, devem confiar que Deus cumprirá suas promessas. Também não devemos ser muito ímpios, é claro. Paulo associa os mandamentos de Deus no Antigo Testamento às pessoas da nova era inaugurada por Cristo: “Retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras, e eu vos receberei, serei vosso

Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso. Tendo pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2Co 6.17–7.1; cf. Rm 12.1-2).

Referências do Novo Testamento

O apêndice do Novo Testamento Grego identifica Romanos 3.10 como uma referência neotestamentária a Eclesiastes 7.20. Paulo escreve, em Romanos 3.10: "Como está escrito: Não HÁ justo, nem um sequer". Isto parece ser uma citação direta de Eclesiastes 7.20,[16] que Paulo associa a Cristo por meio de progressão histórico-redentiva: "Agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos [e sobre todos] os que creem" (Rm 3.21-22).

Contraste

Pode haver alguns contrastes entre detalhes no ensino do Pregador e no de Jesus. Dependendo da interpretação, pode haver contraste entre o conselho do Pregador, "não sejas demasiadamente justo" (7.16), e o ideal mantido por Jesus: "Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste" (Mt 5.48). Além disso, enquanto o Pregador não conseguiu encontrar sequer uma mulher justa entre mil (7.28), Jesus encontrou várias mulheres que puderam contar aos apóstolos as boas-novas da ressurreição (Lc 24.10).

Tema e objetivo do sermão

Formulamos o tema textual como: “Como não podemos entender este mundo paradoxal, aqueles que temem a Deus não devem ser superjustos nem muito ímpios”. O Novo Testamento não contradiz essa mensagem. Portanto, podemos manter o tema textual como o tema do sermão: Como não podemos entender este mundo paradoxal, aqueles que temem a Deus não devem ser superjustos nem muito ímpios.[17]

O objetivo do Pregador ao enviar essa mensagem foi “advertir seus leitores a não serem superjustos nem muito ímpios”. Com uma leve mudança podemos fazer do objetivo do Pregador o objetivo do sermão: advertir nossos ouvintes a não serem superjustos nem muito ímpios.

Esse objetivo revela a necessidade tratada: como as pessoas não entendem por que coisas ruins acontecem a pessoas boas, enquanto pessoas ímpias parecem prosperar, elas são tentadas ou a tentar ser ainda mais justas ou a abandonar a fé e a vida cristãs. A introdução do sermão pode começar diretamente com o verso 15, pois esse verso, junto com exemplos contemporâneos, estabelece a tensão para se ouvir toda a passagem.

Exposição do sermão

Em 7.15, o Pregador começa esta passagem focando em um grande enigma que confronta todos nós. Ele escreve: “Tudo isto vi nos dias da minha vaidade: há justo que perece na sua justiça, e há perverso que prolonga os seus dias na sua perversidade”. Muito embora sua vida tenha sido vaidade, isto é, breve, ele viveu tempo suficiente para observar esse paradoxo: algumas pessoas justas[18] morrem jovens, enquanto algumas pessoas ímpias envelhecem.

Isso não parece certo, parece? Deus prometeu que aqueles que cumprissem sua lei prolongariam sua vida. Até mesmo nos Dez Mandamentos Deus prometeu: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá” (Êx 20.12). Em outro lugar Deus prometeu: “Andareis em todo o caminho que vos manda o Senhor, vosso Deus, para que vivais, bem vos suceda, e prolongueis os dias na terra que haveis de possuir” (Dt 5.33).[19]

Embora essa promessa fosse frequentemente cumprida, também há casos em que não vemos seu cumprimento. Às vezes o povo de Deus morria jovem. Pense em Abel sendo morto por Caim. O justo Abel morreu jovem, enquanto o assassino Caim se casou, teve filhos e, até onde sabemos, viveu até a velhice. Ou pense no justo Nabote, que se recusou a vender a herança de seus pais ao rei Acabe. Por fazer a coisa certa, foi apedrejado até a morte (1Rs 21.1-14). Na igreja primitiva, o jovem diácono Estêvão deu um valoroso testemunho de Cristo. Como resultado, também foi apedrejado até a morte (At 7.59).

Todos conhecemos exemplos de nossos dias. Um jovem aluno de seminário dedicou toda a sua vida a servir a Deus. Depois de anos de preparação, estava pronto para se tornar pregador quando foi morto em uma colisão frontal. Uma jovem mãe cristã é acometida por câncer e morre. Crianças morrem em tornados, ciclones e terremotos. Enquanto isso, criminosos de coração duro vivem até a velhice. Isso não parece certo, parece? Como Deus pode permitir esse arremedo de justiça?

O salmista fica desanimado:

Eis que são estes os ímpios:

E, sempre tranquilos, aumentam suas riquezas.

Com efeito, inutilmente conservei puro o coração

E lavei as mãos na inocência.

Pois de contínuo sou afligido

E cada manhã, castigado. (Sl 73.12-14)

“Inutilmente conservei puro o coração”. Inutilmente tentei obedecer à lei de Deus. Inutilmente tentei fazer a coisa certa. Os israelitas estavam agudamente conscientes desse paradoxo do justo que sofre e morre jovem, enquanto os ímpios prosperam. Se a obediência a Deus foi toda em vão, por que se incomodar? Por que não desistir?

Os cristãos, hoje, enfrentam a mesma tentação. Os seguidores de Cristo nem sempre vivem até a velhice. Cristãos sinceros não são imunes ao câncer. Não são imunes a ferimentos. Não são imunes a serem vítimas de desastres. Quando as pessoas observam essa anomalia, podem pensar que Deus as está punindo. E, assim, tentam ser ainda mais justas. Ou, inversamente, são tentadas a desistir da fé e da vida cristãs. Afinal, para que ela serve?

É desse tema que o Pregador está tratando nesta passagem. Quando vemos coisas ruins acontecendo a pessoas boas, devemos tentar nos esforçar para agradar mais a Deus? Ou devemos desistir da vida cristã? O conselho do Pregador pode nos surpreender. Ele escreve nos versos 16-17: “Não sejas demasiadamente justo, nem exageradamente sábio; por que te destruirias a ti mesmo? Não sejas demasiadamente perverso, nem sejas louco; por que morrerias fora do teu tempo?”

O que ele quer dizer com “não sejas demasiadamente justo”? À primeira vista, este conselho parece ser contrário aos ensinos de Jesus: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mt 5.6). “Sede vós

perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celeste" (Mt 5.48). Certamente o Pregador não se opõe a sermos justos, não é? Alguns comentaristas tentaram resolver esse problema entendendo que o pregador está dizendo: "Não sejam farisaicos".[20] Mas nem o hebraico nem o contexto permitem essa interpretação.[21] Podemos detectar o que o Pregador quis dizer voltando ao verso 15, no qual observamos que "há justo que perece na sua justiça". Como Deus prometeu vida longa aos justos, muitos israelitas podem ter pensado que essas pessoas que morreram jovens não eram suficientemente justas. Por isso, podem ter chegado à conclusão de que deviam ser mais justas, deviam buscar a justiça com maior vigor para prolongar sua vida.

É a essa tentação que o Pregador responde: "Não sejas demasiadamente justo", isto é, não tente ser superjusto. Pois não importa o quanto sejamos justos, nunca poderemos forçar Deus a prolongar nossa vida por causa da nossa justiça.[22] O objetivo de justiça perfeita está fora do nosso alcance. Não podemos prolongar nossa vida nos esforçando mais e vivendo corretamente. O Pregador nos lembra, no verso 20: "Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque". No verso 22, ele acrescenta: "(...) tu sabes que muitas vezes tu mesmo tens amaldiçoado a outros". "Esforçar-se em busca da perfeição é presunção, é uma recusa em aceitar as limitações humanas".[23] O Pregador "expõe todos os esforços para cumprir os absolutos ideais de justiça como tentativas egoístas de obter glória. Uma vida obcecada por justiça, de fato, cega a pessoa para sua própria pecaminosidade".[24]

De "Não sejas demasiadamente justo", o Pregador passa a um pensamento similar:[25] "nem exageradamente sábio", ou "nem um supersábio". A busca de sabedoria em excesso pode ser tão desastrosa quanto a busca de justiça em excesso. As pessoas não devem buscar a sabedoria "esperando obter vantagem sobre Deus e forçar sua mão".[26] Além disso, há um lado negativo na sabedoria. Como o Pregador conclui em 1.18, "(...) na muita sabedoria há muito enfado; e quem aumenta ciência aumenta tristeza".

O Pregador adverte contra essa busca fanática por justiça e sabedoria, levantando a questão: "Por que te destruirias a ti mesmo?" Aqueles que pensam que podem prolongar sua vida sendo superjustos e supersábios caminham para a destruição. Provérbios 16.18 afirma: "A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda".

No verso 17, o Pregador mostra o outro lado da moeda: "Não sejas

demasiadamente perverso [literalmente, não sejas muito perverso], nem sejas louco; por que morrerias fora do teu tempo?" As pessoas podem pensar: se a justiça não pode garantir uma vida longa, por que não lançar a prudência ao vento e me tornar muito ímpio? Mas o Pregador adverte: "Não sejas demasiadamente perverso, nem sejas louco; por que morrerias fora do teu tempo?" Ter o objetivo de ser muito ímpio é loucura.[27] Então, provavelmente, você morrerá antes do tempo.

Como o Pregador adverte contra ser "demasiadamente perverso", ele deixa implícito que devemos ser um pouco perversos? A resposta é "não". O Pregador sabe que, depois da queda no pecado, somos criaturas imperfeitas. Como foi observado anteriormente, ele observa no verso 20: "Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque". Todos somos pecadores. A bondade perfeita está fora do nosso alcance. Até mesmo as melhores de nossas obras estão manchadas pelo pecado. Contra o pano de fundo de nossa pecaminosidade inerente, o Pregador nos aconselha a não sermos "demasiadamente perversos". Em outras palavras, ele nos adverte a não escolhermos ser perversos, não escolhermos pecar deliberadamente,[28] pois é mais que provável que isso levará à morte. Pense em muitos criminosos que morrem jovens; nos membros de quadrilhas que são assassinados na rua; nos traficantes que são mortos em casa. "Embora o pecado na vida seja inevitável, aqueles que abraçam o mal como um meio de vida são destruídos por ele".[29]

No verso 18, o Pregador recomenda: "Bom é que retenhas isto e também daquilo não retires a tua mão; pois quem teme a Deus de tudo isto sai ileso". O que ele quer dizer com "retenhas isto e também daquilo não retires a tua mão"? O que é "isto" e o que é "aquilo"? "Isto" e "aquilo" devem se referir aos dois conselhos, dados nos versos 16 e 17: "Não seja demasiadamente justo/sábio" e "não sejas demasiadamente perverso/louco".[30] O Pregador, portanto, recomenda duas coisas no verso 18: "retenhas isto", isto é, não sejas superjusto nem supersábio, "nem daquilo retires a mão", isto é, não escolhas ser muito ímpio, pois isso seria loucura.

A chave para viver em um mundo no qual algumas pessoas piedosas morrem jovens e alguns ímpios vivem muito – um mundo paradoxal é temer a Deus, pois diz o Pregador, no verso 18: "(...) quem teme a Deus de tudo isto sai ileso". Primeiro, a pessoa que teme a Deus não tentará prolongar sua vida tentando ser superjusta. Já que até mesmo as pessoas mais justas são pecadoras, isso seria impossível. Além disso, como Deus estabeleceu o tempo de nascer e o tempo de

morrer, tentar prolongar nossa vida sendo superjustos seria arrogância.[31] Segundo, a pessoa que teme a Deus não tentará ser muito ímpia. Em vez disso, aquele que teme a Deus procura viver naturalmente em obediência a Deus.

No verso 16, o Pregador advertiu, entre outras coisas, contra tentarmos ser "demasiadamente sábios". Como se quisesse assegurar que não entendemos mal este verso, ele começa a seção seguinte enfatizando o valor da sabedoria. Verso 19: "A sabedoria fortalece ao sábio, mais do que dez poderosos que haja na cidade". Os governantes de cidades eram pessoas poderosas. Hoje podemos pensar em governantes de nações. Eles têm o poder de tomar decisões que afetam a vida de milhões de pessoas. Suas decisões podem significar prosperidade ou pobreza, saúde ou enfermidade, vida ou morte para muitos. Agora o Pregador diz que "a sabedoria fortalece ao sábio, mais do que dez governantes que haja na cidade". Dez governantes é um número completo de governantes.[32] Eles são superfortes. Mas a sabedoria dá ainda mais força ao sábio.

Em 9.14-18, o Pregador contará uma breve história sobre a força da sabedoria: "Houve uma pequena cidade em que havia poucos homens; veio contra ela um grande rei, sitiou-a e levantou contra ela grandes baluartes. Encontrou-se nela um homem pobre, porém sábio, que a livrou pela sua sabedoria". O Pregador conclui: "Então, disse eu: melhor é a sabedoria do que a força... As palavras dos sábios, ouvidas em silêncio, valem mais do que os gritos de quem governa entre tolos. Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra". A sabedoria do homem pobre e sábio foi mais forte que a força do grande rei que construiu grandes baluartes. "A sabedoria fortalece ao sábio, mais do que dez poderosos que haja na cidade".

Mas ainda há o outro lado da moeda, a saber, até mesmo a sabedoria é imperfeita. Verso 20: "Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque". Paulo pode estar se referindo a esta passagem quando escreve que "(...) todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado; como está escrito: Não há justo, nem um sequer" (Rm 3.9-10). Até mesmo a pessoa mais justa peca.

O Pregador continua, dando um exemplo da universalidade do pecado. Ele começa com o conselho, no verso 21: "Não apliques o coração a todas as palavras que se dizem (...)". Não se deve dar atenção a tudo o que as pessoas dizem. A razão para este conselho é: "(...) para que não venhas a ouvir o teu

servo a amaldiçoar-te". E você sabe que ele pode amaldiçoá-lo porque[33] (v. 22) "(...) tu sabes que muitas vezes tu mesmo tens amaldiçoado a outros". Lembre-se de quando alguém o criticou injustamente. Lembre-se de quando alguém, na estrada, o ultrapassou perigosamente, quase causando um acidente. Lembre-se de quando você perdeu a paciência e chamou seu irmão de estúpido ou coisa pior. O pecado é universal. Até mesmo os mais justos pecam.

No verso 23, o Pregador volta ao tema da sabedoria. Muito embora "a sabedoria fortaleça ao sábio, mais do que dez poderosos que haja na cidade" (v. 19), a sabedoria humana tem seus limites. Ele escreve, no verso 23: "Tudo isto experimentei pela sabedoria; e disse: tornar-me-ei sábio, mas a sabedoria estava longe de mim". O "tudo isso" refere-se à discussão precedente, especialmente tentando entender o paradoxo do verso 15, de que "há justo que perece na sua justiça, e há perverso que prolonga os seus dias na sua perversidade". Ele testou essa observação pela sabedoria. Ele disse: "tornar-me-ei sábio". Isso não foi uma observação leviana; ele estava determinado a adquirir a verdadeira sabedoria.[34] E, de fato, ele conseguiu alguma coisa. Ele foi capaz de aconselhar sobre como viver com o paradoxo de que coisas ruins acontecem a pessoas boas e coisas boas acontecem a pessoas ruins. Ele nos advertiu a não permitirmos que esse paradoxo nos leve a escolher um modo de vida errado: "Não sejas demasiadamente justo", isto é, não tente prolongar sua vida sendo superjusto, e "não sejas demasiadamente perverso", isto é, não peque deliberadamente. Temer a Deus nos permitirá evitar esses dois extremos. Neste mundo confuso, devemos simplesmente procurar viver em obediência a Deus, percebendo desde o começo que não podemos ser perfeitos.

Assim o Pregador foi capaz de chegar a um bom conselho. Mas queremos ir mais fundo. Ele quis entender por que é que algumas pessoas boas morrem jovens enquanto algumas pessoas más vivem muito tempo. "(...) Disse: tornar-me-ei sábio, mas a sabedoria estava longe de mim". Ela estava "além do meu entendimento" (NEB). Essa sabedoria totalmente abrangente estava longe dele. Por quê?

No verso 24, ele dá as razões: "O que está longe e mui profundo, quem o achará?" "O que" é a realidade paradoxal[35] que experimentamos quando vemos uma mãe cristã morrer jovem enquanto um criminoso obstinado chega à velhice. "O que está longe e mui profundo, quem o achará?" O Pregador descreve os mistérios da realidade horizontal e verticalmente: horizontalmente, ela está longe – como quando alguém olha para o oceano e sua vista não tem fim.

Verticalmente, ela está “muito profunda” – novamente, como o oceano, não podemos sondá-la. Está além do nosso entendimento a razão pela qual Deus dirige ou permite que as coisas aconteçam como acontecem.[36] Como o Senhor disse em Isaías:

Assim como os céus são mais altos que a terra,

Assim são os meus caminhos mais altos que os vossos caminhos,

E os meus pensamentos, mais altos que os vossos pensamentos.[37]

O Pregador diz: “O que está longe e mui profundo, quem o achará?” Ninguém.

Mas o Pregador não está pronto para desistir de sua busca. Ele está muito determinado. Verso 25: “Apliquei-me a conhecer, e a investigar, e a buscar a sabedoria e meu juízo de tudo, e a conhecer que a perversidade é insensatez e a insensatez, loucura.” O que ele procura agora é, primeiro, “sabedoria e meu juízo de tudo”, isto é, o tipo de sabedoria que dá sentido a toda a realidade. E, em segundo lugar, ele procura conhecer o oposto da sabedoria, a saber, a loucura da perversidade. Se Deus fez “tudo formoso no seu devido tempo” (3.11), por que a perversidade existe e como ela se encaixa em todas as coisas? Deus criou a impiedade? O Pregador colocou diante de si uma tarefa gigantesca.

Ele leva adiante sua busca e descobre quatro coisas. A primeira coisa que ele descobre é a grande tentação da perversidade. Lembre-se, ele nos advertiu a não sermos perversos. No verso 26, ele descreve essa impiedade como “uma mulher que é uma armadilha”, isto é, a “mulher insensata” descrita em Provérbios, a adúltera sedutora, a personificação da Loucura.[38]

Ele escreve: “Achei coisa mais amarga do que a morte: a mulher cujo coração são redes e laços e cujas mãos são grilhões”. Essa mulher é uma caçadora. Ela é uma armadilha. Seu coração, o centro do seu ser, é guiado pelos instintos de um caçador, armando ciladas e redes para pegar os imprudentes. Suas mãos são grilhões que prendem as vítimas, portanto, escapar é impossível. Essa mulher “é uma imagem combinada da própria Loucura”.[39] Provérbios 7 esboça um jovem “carente de juízo” caindo na armadilha:

(...) ele num instante a segue,

como o boi que vai ao matadouro;

como o cervo que corre para a rede, (...)

como a ave que se apressa para o laço,

sem saber que isto lhe custará a vida.

A tentação da perversidade! Provérbios adverte honestamente:

(...) não se desvie o teu coração para os caminhos dela,

e não andes perdido nas suas veredas;

porque a muitos feriu e derribou;

e são muitos os que por ela foram mortos.

A sua casa é caminho para a sepultura

e desce para as câmaras da morte.[40]

Em nosso mundo, há o grande perigo de cairmos nas mãos dos ímpios. No contexto atual, podemos comparar a impiedade a um buraco negro no espaço. Um buraco negro gradualmente suga e destrói tudo o que há pela frente. Uma vez que algo é pego, não há como escapar. A impiedade neste mundo tem a mesma atração fatal. Usar algumas drogas para se sentir bem pode não parecer tão mal no começo, mas em pouco tempo a pessoa se vicia. Ver pornografia pode parecer algo inocente no início, mas logo se torna um vício. Visitar um cassino para jogar um pouco pode parecer divertido, mas isso logo se torna um vício bastante destrutivo. Até mesmo algo perfeitamente aceitável em nossa

sociedade, a busca de riqueza, pode se tornar um vício. Anteriormente, o Pregador advertiu sobre a busca de riqueza: “Quem ama o dinheiro jamais dele se farta; e quem ama a abundância nunca se farta da renda; também isto é vaidade” (5.10; cf. 2.22-23). Viciar-se em algo significa que a pessoa não está mais no controle. A impiedade está no controle, e é praticamente impossível escapar.

Mas o Pregador não é pessimista sobre o resultado. Ele escreve, no fim do verso 26: “(...) quem for bom diante de Deus fugirá dela, mas o pecador virá a ser seu prisioneiro”. A boa notícia é que “quem for bom diante de Deus fugirá” do engodo da impiedade. Não somos rochas especiais inevitavelmente arrastadas para dentro de um buraco negro. Podemos escapar da poderosa sucção do mal. Aqueles que agradam a Deus escapam da impiedade. O Pregador mencionou o agrado de Deus também no capítulo 2: “(...) Deus dá sabedoria, conhecimento e prazer ao homem que lhe agrada” (2.26). Agora ele acrescenta outro item à lista de dádivas de Deus: aqueles que agradam a Deus escapam da sucção do mal e de suas consequências desastrosas. Como Jesus disse, “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10.27-28).

Assim, a primeira coisa que o Pregador encontrou em sua busca foi essa tentadora e destrutiva forma de impiedade, da qual somente aqueles que agradam a Deus conseguem escapar. A segunda coisa que encontrou, ironicamente, foi algo que ele não encontrou. Verso 27: “Eis o que achei, diz o Pregador, conferindo uma coisa com outra, para a respeito delas formar meu juízo, juízo que ainda procuro e não o achei (...)”. Ele acrescentou uma coisa a outra como um contador para encontrar o total das coisas, isto é, os princípios que governam o universo. Ele não se contentou em simplesmente repetir o que outros já tinham descoberto, mas tentou “tirar suas próprias conclusões com base nos fenômenos que ele pessoalmente... observava”.[41] E sua grande observação foi que “há justo que perece na sua justiça, e há perverso que prolonga os seus dias na sua perversidade” (7.15). Em sua investigação, ele também encontrou uma forma de impiedade que destrói todos, menos aqueles que agradam a Deus (7.26). Como esses fenômenos se encaixam na soma das coisas? Ele diz que sua mente procurou repetidamente, “e não o achou”. Nem mesmo o sábio Pregador consegue encontrar a soma de todas as coisas. Ele não consegue entender este mundo paradoxal. Por que coisas ruins acontecem a pessoas boas? Ele não sabe.

Mas ele encontra uma terceira coisa. Ele escreve na segunda metade do verso 28:

“(...) entre mil homens achei um como esperava, mas entre tantas mulheres não achei nem sequer uma”. O hebraico (e a tradução da NRSV) não é claro sobre o que ele está buscando. Mas o contexto que trata de impiedade (v. 26) e do fato de Deus ter feito o ser humano justo (v. 29) deixa claro que ele estava procurando uma pessoa justa.[42]

Por isso a TNIV traduz:

Encontrei um homem reto entre mil,

Mas não encontrei uma mulher reta entre todas elas.[43]

Imprimir esta sentença como poesia é algo iluminador. Será que o Pregador está citando um provérbio que já existia? Whybray diz que provavelmente “este é um ditado convencional citado pelo... próprio [Pregador]... possivelmente para enfatizar a seriedade do problema que está discutindo e que ele procurou resolver repetidamente: a evidente universalidade da depravação e da insensatez humana”.[44] Há algumas pessoas retas que possam ser encontradas neste mundo ímpio? Usando hipérbole, ele relata que encontrou apenas um homem reto em mil, mas não encontrou sequer uma mulher[45] reta entre todas elas. Quer o Pregador cite um provérbio existente ou componha um, o que ele diz é que virtualmente não encontrou pessoas retas.

Assim, o Pregador encontrou primeiro uma impiedade sedutora neste mundo; em segundo lugar, descobriu que não podia ter acesso à soma das coisas; e, em terceiro, virtualmente não encontrou pessoas retas. No verso 29, ele relata sua descoberta final: “Eis o que tão-somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias”. “Eis o que tão-somente achei”. Este é o ponto em toda a sua busca que é da máxima importância. “Deus fez o homem reto”, ou, como a TNIV traduz, “Deus criou a humanidade reta”. Deus não é culpado pela impiedade que encontramos neste mundo. E Deus não é culpado pela falta de pessoas retas neste mundo. Ele fez os seres humanos retos.

O Pregador aqui se refere claramente ao relato da criação em Gênesis: “Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança (...) Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gn 1.26,31). Os

seres humanos foram criados retos. Como, então, vemos tanta impiedade neste mundo e tão poucas pessoas retas? Bem, o Pregador diz: “Ele [o homem] se meteu em muitas astúcias”. Aqui ele está usando um jogo de palavras “soma de coisas”. Ele escreve que “ele tentou usar a sabedoria para encontrar ‘o esquema [soma] das coisas’, mas tudo o que conseguiu descobrir foi que os seres humanos são todos ‘astutos’”.[46]

Ele está pensando nos relatos de Gênesis sobre a Queda. Adão e Eva caíram na primeira tentação de serem “como Deus” e “sábios” (Gn 3.5,6). Essa astúcia fracassou miseravelmente. Em vez de se tornarem sábios, eles adquiriram o “conhecimento do bem e do mal” e experimentaram os males da dor, do sofrimento e da morte (Gn 3.16-22). Depois, as pessoas planejaram controlar seu próprio destino construindo e desenvolvendo uma cidade dando origem à agricultura, à arte e às tecnologias (Gn 4.17-22). Essa astúcia também falhou. “Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio[47] do seu coração” (Gn 6.5), e o Senhor enviou um grande dilúvio. Depois do dilúvio, os seres humanos planejaram construir “uma cidade e uma torre cujo topo chegue até aos céus... para que não sejamos espalhados por toda a terra” (Gn 11.4,9). Uma astúcia depois da outra. Mesmo no tempo dos profetas de Israel, Isaías teve que admitir: “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho” (Is 53.6).

Assim, a descoberta mais importante do Pregador em sua busca pela “soma das coisas” é que Deus não é culpado pela impiedade que vemos neste mundo. Ele fez o ser humano reto, mas este deliberadamente fez muitos planos que levaram à dor, ao sofrimento e à morte. Esta é uma resposta, mas não resolve o problema de que “há justo que perece na sua justiça” (7.15). É verdade que a punição pelo pecado original foi a morte (Gn 2.17; 3.19). Mas, quando pessoas justas morrem jovens, não é porque sejam mais pecadoras que outras. O Pregador diz, no verso 15, que “há justo que perece na sua justiça”. Por que isso acontece, ele não consegue imaginar. Jesus também morreu jovem, na casa dos trinta. Lemos que Jesus, antes de seu excruciante sofrimento e morte, “começou a entristecer-se e angustiar-se”. Sua morte tão precoce era mesmo necessária? Mas, no fim, Jesus entregou sua vida e sua morte à vontade do Pai: “Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade” (Mt 26.37,42).

A mensagem do Pregador é esta: como não conseguimos entender este mundo paradoxal, devemos nos entregar a Deus. Não devemos tentar prolongar nossa

vida tentando ser superjustos. Também não devemos desistir da vida cristã e nos tornarmos ímpios. Não devemos ser superjustos nem pecar deliberadamente.

Quando Jesus estava neste mundo, ele proclamou a mesma mensagem. Jesus advertiu que aqueles que pecassem deliberadamente e aqueles que não se arrependessem seriam lançados no inferno: “Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida!” (Mt 11.21; cf. 24.48-51; 25.41). Ao mesmo tempo, Jesus advertiu aos fariseus, que queriam ser superjustos: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas! Guias cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo!” (Mt 23.23-24).[48] Paulo também escreve sobre as tentativas desses líderes religiosos de serem superjustos: “Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento. Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus. Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê” (Rm 10.2-4). A obsessão em estabelecer sua própria justiça é posteriormente encontrada entre os ascetas, que se separavam do mundo para obter justiça por meio de isolamento, flagelo e dedicação à oração.

Ainda hoje, a advertência é oportuna: “Não sejas demasiadamente justo”. Jesus disse: “Não vim chamar justos, e sim pecadores” (Mt 9.13). É impossível que sejamos tão justos que Deus simplesmente nos dê vida longa, muito menos a vida eterna. Mas, crendo em Jesus, podemos ser revestidos com a justiça dele. Paulo escreve que somos de Deus “(...) em Cristo Jesus, o qual se tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1Co 1.30). E Cristo prometeu nos dar não longa vida neste mundo, mas vida eterna. Ele disse: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10.27-28). “Não sejas demasiadamente justo” e “não sejas demasiadamente perverso”. Em vez disso, ouça a voz de Jesus, siga-o e você receberá a vida eterna.

---

[1] Murphy, Ecclesiastes, 72 e 77.

[2] “A afirmação é uma enorme dificuldade para o intérprete. É difícil explicá-la como algo diferente de uma observação misoginista, embora alguns estudiosos tenham proferido interpretações não derrogatórias ou insistido que o Qohelet

está citando uma atitude bem conhecida somente para rejeitá-la". Seow, Ecclesiastes, 273.

[3] Fox, Ecclesiastes, 49, escreve a respeito de 7.19: "Este verso rompe a conexão entre o verso 18 e o verso 20. Ele faz mais sentido depois do verso 12. Talvez ficasse ali originalmente e deve ser lido naquele contexto (Ginsberg)".

[4] "Este verso é considerado, em quase todos os comentários, o início de uma nova seção: 7.15-22" Whybray, Ecclesiastes, 119.

[5] Fox, Qohelet, 237.

[6] Murphy, Ecclesiastes, 75.

[7] Além disso, encerrar a unidade com a pergunta de 8.1 proporciona um final fraco. Para razões para incluir 8.1 na unidade literária seguinte, veja p. 220–21, abaixo.

[8] Para outros autores bíblicos que lidam com esse paradoxo, veja salmo 73 e Jó 21.

[9] Murphy, Wisdom Literature, 141.

[10] Veja Murphy, Ecclesiastes, 69.

[11] Whybray, Ecclesiastes, 122, compare este texto com 1Samuel 1.8: "Não te sou eu melhor do que dez filhos?".

* Essa tradução não aparece na ARA. No verso 25, "a soma das coisas" é "tudo"; no verso 27, "a soma das coisas" é "a respeito delas" (N. do T.)

[12] Por exemplo, Êxodo 20.12; Deuteronômio 4.40; 5.33; 6.2; 11.9; 25.15; 32.47; Provérbios 3.1-2.

[13] Por exemplo, Gênesis 6.5-7; 19.24-26; Êxodo 12.29; 14.26-31; Salmos 55.23; 73.18.

[14] E. Carson Brindle, "Righteousness and Wickedness in Ecclesiastes 7:15-18", AUSS 23/3 (1985) 256-57.

[15] “O verso é difícil porque os pronomes são indefinidos. Mais provavelmente, contudo, isto e aquilo (...) referem-se às duas linhas de conselhos dados nos versos 16 e 17”. Longman, Book of Ecclesiastes, 197.

[16] As palavras de Paulo, “não há justo”, ouk estin dikaios, são idênticas à tradução que a Septuaginta faz de Eclesiastes 7.20.

[17] Tecnicamente, este é um tema duplo: “Não... nem”. Podemos transformá-lo em um tema único: “Evite os extremos de ser justo demais ou ímpio demais”, mas podemos justificar essa flexão da regra apontando para o benefício de obter maior clareza para o tema e torná-lo mais direto.

[18] “No vocabulário da tradição sapiencial, ‘o justo’ é aquele que simplesmente faz as coisas certas (Pv 10.1-4; 12.10; 28.1; 29.7), diz as coisas certas (Pv 10.11-21,30-31) e tem os pensamentos e atitudes certos (Pv 12.5; 13.5; 15.28)”. Seow, Ecclesiastes, 267.

[19] Cf. Deuteronômio 4.40; 6.2; 11.9; 25.15; 32.47; Provérbios 3.1-2.

[20] Especialmente Whybray, Ecclesiastes, 120: “Sua advertência não é contra a justiça e a sabedoria, mas contra o farisaísmo e as pretensões de sabedoria”.

[21] Veja E. Carson Brindle, “Righteousness and Wickedness in Ecclesiastes 7:15-18”, AUSS 23/3 (1985) 254-56; Fox, Qohelet, 233; Longman, Book of Ecclesiastes, 195-96; Seow, Ecclesiastes, 267; e John H. Choi, “Doctrine of the Golden Mean in Qoh 7:15-18”, Bib 83/3 (2002) 360-61.

[22] O Pregador rejeita “excesso de confiança em justiça e sabedoria. Ele tem em mente especificamente a noção de que é possível que alguém seja tão justo que sempre possa evitar a destruição e prolongar a vida (v.15b)”. Seow, Ecclesiastes, 267. Cf. ibid., 269. O Pregador está tratando da “impossibilidade de superjustiça entre os mortais... essa é a insolência que devemos evitar... Essa atitude é o exato oposto de temer a Deus”.

[23] Fox, Ecclesiastes, 48-49.

[24] Brown, Ecclesiastes, 81.

[25] Paralelismo sinônimo entre “justo” e “sábio”. Seow, Ecclesiastes, 267, observa que, na tradição sapiencial, “aquele que é justo é sábio e aquele que é sábio é

justo. Os termos são virtualmente sinônimos” (veja Pv 10.31-32).

[26] Provan, Ecclesiastes, 152.

[27] Observe o paralelismo sinônimo entre ser “muito perverso” e ser “louco”.

[28] Goldberg, Ecclesiastes, 97.

[29] Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 323.

[30] Veja nota 15, acima.

[31] “Temor piedoso... não é uma questão de temor fanático que levanta a bandeira da conduta moral a níveis inatingíveis ou obsessivos, nem uma questão de indiferença ou complacência moral. Em vez disso, o temor a Deus é baseado em uma aguda consciência da finitude humana e de uma avaliação realista das vicissitudes da vida”. Brown, Ecclesiastes, 82.

[32] “Muitos comentaristas entendem isso [dez oficiais] como uma referência aos , que, de acordo com Josefo (Ant. 20.8,11), ficavam tanto em Jerusalém quanto em cidades helenistas”. Murphy, Ecclesiastes, 71. Longman, Book of Ecclesiastes, 198, acredita que é “extremamente improvável que o Qohelet tenha em mente uma situação histórica específica em 7.19; é mais provável que ‘dez poderosos’ seja uma hipérbole”.

[33] “O verso 22 oferece a cláusula motora (observe o “pois” [ ]) para o verso 21... ‘tu sabes’ [lit. teu coração sabe] é uma expressão idiomática para o que posteriormente veio a ser chamado de ‘consciência.’” Longman, Book of Ecclesiastes, 199.

[34] Crenshaw, Ecclesiastes, 145. Whybray, Ecclesiastes, 123, observa: “O Qohelet está usando aqui o conceito de sabedoria ou de ‘ser sábio’ de duas maneiras diferentes: em um sentido superficial ele é sábio, enquanto, em um sentido profundo, não é”. Cf. Ogden, Qoheleth, 118: O Pregador “avalia não que a sabedoria de qualquer tipo esteja totalmente fora do alcance humano, mas que a sabedoria que transcende todos os limites, que pode elevar o sábio acima dos limites do pensamento e da experiência humanas, é inatingível”.

[35] Alguns comentaristas identificam “o que está” com a sabedoria absoluta. No contexto do verso 15, contudo, isso parece se referir à realidade como a

experimentamos, o enigma da vida. “O que está” – isto é, a desconcertante realidade da vida – “longe e mui profundo, quem o achará?” Loader, Ecclesiastes, 91.

[36] “O argumento de Eclesiastes requer que refiramos ‘o que está’ não somente a tudo o que existe... mas também à própria maneira como tudo foi constituído por Deus. É tudo o que existe como Deus controla e decreta que está além da compreensão do Pregador”. Eaton, Ecclesiastes, 115.

[37] Isaías 55.9. Cf. Romanos 11.33.

[38] Provérbios 9.13-18:

A loucura é mulher apaixonada, é ignorante

e não sabe coisa alguma...

Eles, porém, não sabem que ali estão os mortos,

que os seus convidados estão nas profundezas do inferno.

Cf. Provérbios 2.16-19; 5.20; 6.24-35; 7.5-27; 23.27-28.

[39] “A femme fatale não é... uma mulher individual. Ela não é necessariamente um tipo específico de mulher ou as mulheres em geral. Em vez disso, é uma imagem combinada da própria Loucura”. Seow, Ecclesiastes, 272.

[40] Provérbios 7.22-27. “Os sábios exploravam, unilateralmente, os perigos que as mulheres representavam para os homens (sem explorar a necessidade de investigar a culpa ligada aos homens)”. Murphy, Ecclesiastes, 76. Sem dar muita importância a isso no sermão, pode-se, depois de explicar o texto, dar mais equilíbrio, acrescentando ilustrações de impiedade em nossa sociedade realizadas por homens: cafetões, fregueses de prostíbulo e homens envolvidos em pedofilia. Observe que o Pregador mostra grande apreciação por mulheres, 9.9.

[41] Whybray, Ecclesiastes, 126.

[42] Murphy, Ecclesiastes, 77.

[43] “Embora talvez enfraqueça a sutileza do Qohelet, a NIV corretamente deixa explícito o que ele quer dizer, como fica claro pelo uso de ‘reto’ ( ) no verso seguinte”. Longman, Book of Ecclesiastes, 206.

[44] Whybray, Ecclesiastes, 126-27.

[45] Fox, Ecclesiastes, 51, sugere que o Pregador pode ter pretendido que sua observação fosse “como um gracejo, não como uma declaração solene”. Acho que é melhor reconhecer o machismo chauvinista da cultura, o que, para o Pregador, seria um pouco atenuado se ele estiver citando um provérbio existente. De qualquer forma, eu não daria muito espaço no sermão para esta questão, pois não é o foco da passagem.

[46] Farmer, Who Knows What Is Good? 179. Depois de usar duas vezes a palavra (soma das coisas), em 7.29, o Pregador usa (astúcias).

[47] Longman, Book of Ecclesiastes, 207, observa que a palavra “desígnio” tem a ver com a palavra traduzida como “astúcias”, aqui em Eclesiastes, porque ambas são formadas da raiz verbal (“pensar, calcular”).

[48] Em Filipenses 3.6-9, Paulo se descreve: “...quanto à justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede da lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé”.

CAPÍTULO 11

Use a sabedoria, mas conheça suas limitações

Eclesiastes 8.1-17

(...) o coração do sábio conhece o tempo e o modo.

(...) Então, contemplei toda a obra de Deus e vi que

o homem não pode compreender a obra que se faz

debaixo do sol; por mais que trabalhe o homem

para a descobrir, não a entenderá; e, ainda que diga

o sábio que virá

a conhecer, nem por isso a poderá achar.

(Ec 8.5,17)

Eclesiastes 8 é uma passagem particularmente relevante para pessoas que agem insensatamente e para aquelas que acham que a sabedoria deve responder a todas as perguntas que tenham. Mas, para pregar esta passagem, enfrentam-se dificuldades semelhantes às do último capítulo. Aqui, também, os problemas começam com a tradução de palavras e frases hebraicas. O verso 3, por exemplo, pode ser traduzido de dois modos diferentes: a NRSV o traduz como “Não fique aterrorizado; saia de sua [do rei] presença, não demore quando o assunto for desagradável, pois ele fará o que lhe agrada”; a TNIV traduz: “Não tenha pressa em sair da presença do rei. Não defenda uma causa má, pois ele faz o que quer”.[1] Além dessas ambiguidades, a maioria dos tradutores considera o verso 10 “um dos mais difíceis do livro”.[2]

Outro desafio na interpretação desta passagem é discernir a intenção do Pregador. Alguns comentaristas consideram os versos 2-5 citações de sabedoria tradicional, que o Pregador critica com os versos 6-9.[3] Outros, como Roland Murphy, supõem um padrão dialético em que “os versos 2-4 modificam o verso

1; 6-12a modificam o verso 5 [e] 12-15 estão em oposição a 12b-13”.[4] Em contraste, Michael Fox afirma que o Pregador “não opõe nem apresenta antítese às doutrinas da sabedoria tradicional. Não está claro sequer que ele reconhece uma diferença. Ele não está ‘usando sabedoria tradicional contra si mesmo’, ele apenas a está usando”.[5] Os diferentes pressupostos dos intérpretes a respeito do uso que o Pregador faz da sabedoria tradicional leva a diferentes entendimentos do significado pretendido.[6]

Um desafio adicional aos pregadores é detectar coerência entre as partes desta passagem e formular um tema único que abranja as várias ideias.

Texto e contexto

Como indicado no último capítulo, os comentaristas não são unânimes quanto ao posicionamento de 8.1. Ele (ou parte dele) pertence à unidade literária anterior (7.15-29) ou a esta (8.1-7)? Há boas razões para incluir 8.1 na presente unidade literária. Primeiro, a chamada do verso 1, “coisas”, é repetida no verso 3, “coisa”, no verso 4, “palavra” e no verso 5, “coisa má”. Segundo, a palavra , “interpretação”, no verso 1a, “é usada em outros lugares da Bíblia hebraica somente com referência à interpretação de sonhos ou sinais por cortesãos a serviço de governantes estrangeiros”, especialmente José e Daniel. Isso indica “a importância do verso 1a para o argumento de 8.1b-9 – texto que trata especificamente de sabedoria, autoridade real e conhecimento do futuro”.[7] Terceiro, a pergunta retórica “quem sabe” antecipa a afirmação de que “este não sabe” (v. 7) e, eventualmente, também a admissão, no fim da passagem, de que o sábio que acha que sabe não é capaz de descobrir nada (v. 17).[8] E, finalmente, a questão do verso 1a, “quem é como o sábio?”, forma uma inclusio com o verso 17b, “(...) ainda que diga o sábio que virá a conhecer, nem por isso a poderá achar”. O “nem por isso a poderá achar”, três vezes no verso 17, é a frase-chave que também concluiu a última seção (7.29). Podemos, portanto, selecionar nosso texto de pregação como sendo Eclesiastes 8.1-17.

Várias ideias neste texto evocam sentimentos anteriores no livro. A noção de que “para todo propósito há tempo e modo” (v. 6) retoma o pensamento de 3.1,17, “tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do sol”. A afirmação “como há de ser, não há quem o declare” (v. 7) repete as perguntas feitas em 3.22 e 6.12: “Quem pode declarar ao homem o que será depois dele debaixo do sol?” A afirmação de que “não há nenhum homem que tenha domínio sobre o vento” (v. 8) nos lembra a descrição que o Pregador faz de nossa falta de poder com a repetida expressão “correr atrás do vento” (1.14,17; 2.11,17,26; 4.4,16; 6.9). O enigma de que o ímpio não é punido, mas tem a vida prolongada (v. 10-12a) foi mencionado anteriormente em 3.16; 4.1; 7.15. A convicção do Pregador de que Deus recompensará aqueles que o temem, mas punirá os ímpios (v. 12b-13) é similar aos sentimentos levantados em 7.17-28. Sua recomendação de alegria (v. 15) já foi feita antes em 2.24-26; 3.12-

13,22; 5.18-20 e será feita novamente em 9.7-9;11.7-9. A declaração “Aplicando-me a conhecer a sabedoria e a ver o trabalho que há sobre a terra” (v. 16) é encontrada em palavras semelhantes em 1.13. E, finalmente, temos sua repetida afirmação, no verso 17, sobre a incapacidade humana de compreender a obra de Deus (“o homem não pode compreender a obra” retoma 1.14-18; 3.11; 7.14,24,27-28 e será retomada novamente em 11.5).

Elementos literários

A passagem começa com duas perguntas retóricas e um provérbio,[9] tudo em paralelismo sinônimo:

Quem é como o sábio?

E quem sabe a interpretação das coisas?

A sabedoria do homem faz reluzir o seu rosto,

E muda-se a dureza da sua face.

Isto é seguido por uma "instrução a respeito da conduta perante o rei".[10] A instrução começa com um imperativo, "observa o mandamento do rei" (v. 2), e dá a razão para se fazer isso. Isso inclui outra pergunta retórica: "Quem lhe dirá: Que fazes?" (v. 4). O verso 5 completa a instrução com o que parece ser outro provérbio,[11] desta vez com paralelismo sintético:

Quem guarda o mandamento não experimenta nenhum mal;

E o coração do sábio conhece o tempo e o modo.

Os versos 6-9 são uma reflexão (veja v. 9, "tudo isso vi") sobre a incapacidade humana de conhecer o futuro. Isso inclui outra pergunta retórica no verso 7:* "Como há de ser, ninguém há que lho declare". O verso 8 é um "ditado numérico"[12] que apresenta quatro exemplos da incapacidade humana.

Os versos 10-15 são outra reflexão (v. 10, “assim também vi”), desta vez sobre injustiça: os perversos são louvados (v. 10), seus dias se prolongam (v. 12) e “a eles sucede segundo as obras dos justos” (v. 14). No meio desta reflexão sobre injustiça, o Pregador insere a tradicional garantia: “Sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus... Mas o perverso não irá bem” (v. 12-13). O verso 14, especialmente, é habilidosamente elaborado com paralelismo invertido dentro de uma inclusio de vaidade:

Ainda há outra vaidade sobre a terra:

Justos a quem sucede segundo as obras dos perversos,

E perversos a quem sucede segundo as obras dos justos.

Digo que também isto é vaidade.

O Pregador conclui esta reflexão recomendando “alegria, porquanto para o homem nenhuma coisa há melhor debaixo do sol do que comer, beber e alegrar-se”.[13]

A unidade termina com uma reflexão final (v. 16, “aplicando-me a conhecer... a ver o trabalho que há sobre a terra”) sobre a incapacidade humana de conhecer toda a obra de Deus. Ela se encerra enfaticamente com uma tripla repetição de “não pode compreender... não a entenderá... nem por isso a poderá achar” (v. 17). A afirmação de que o sábio “nem por isso a poderá achar” forma uma inclusio com 8.1, “quem é como o sábio?”

Quanto à repetição de palavras-chave, já observamos que o Pregador conclui este texto com um triplo “não pode compreender... não a entenderá... nem por isso a poderá achar”. Ele também usa as palavras “sábio/sabedoria” cinco vezes (v. 1[2 vezes],5,16,17). Além disso, ele usa uma forma de , “poder”, quatro vezes: “a palavra do rei tem autoridade”; “não há homem que tenha domínio sobre o vento... tampouco tem ele poder sobre o dia da morte” (v. 8); e “um homem tem domínio sobre outro homem, para arruiná-lo” (v. 9). Além disso, nesta passagem ele usa a palavra “vaidade” três vezes (v. 10,14 [2 vezes]).

Estrutura textual

A análise das formas literárias nos ajudará a esboçar a estrutura do texto.

I. Instrução sobre usar sabedoria perante o rei (v. 1-5)

A. O valor da sabedoria (v. 1)

1. O sábio conhece a interpretação de uma coisa (v. 1a,b)

2. Provérbio: A sabedoria faz o rosto brilhar (v. 1c,d)

B. Cumpra a ordem do rei (v. 2a)

1. Razão: por causa de seu juramento sagrado (v. 2b)

C. Não fique aterrorizado (v. 3a)

1. Saia de sua presença quando o assunto for desagradável (v. 3b)

a. Razão: pois ele faz o que lhe agrada (v. 3c)

b. Razão: pois a palavra do rei tem autoridade (v. 4a)

i. Ninguém pode lhe dizer: O que está fazendo? (v. 4b)

D. Provérbio: Quem obedece ao mandamento não sofre dano (v. 5)

E o coração sábio sabe o tempo e o modo

II. Reflexão sobre a incapacidade humana de conhecer o futuro e controlar o presente (v. 6-9)

A. Todo propósito tem seu tempo e modo (v. 6a)

1. Embora os problemas dos mortais pesem sobre eles (v. 6b)

B. As pessoas não sabem o que há de ser (v. 7a)

1. Razão: Pois ninguém pode lhes dizer o que acontecerá (v. 7b)

C. As pessoas não têm poder nem sobre o presente (v. 8)

1. Ninguém tem poder para restringir o vento (v. 8a)

2. Ninguém tem poder sobre o dia da morte (v. 8b)

3. Não há trégua na batalha (v. 8c)

4. A perversidade não liberta aqueles que a praticam (v. 8d)

D. O Pregador observou tudo (v. 9a)

1. Enquanto uma pessoa exerce poder sobre outra para arruiná-la (v. 9b)

III. Reflexão sobre injustiça neste mundo (v. 10-15)

A. Exemplo de injustiça: O ímpio recebe sepultamento adequado e é louvado (v. 10)

1. Isto também é vaidade

B. O coração humano é totalmente disposto ao mal (v. 11b)

1. Porque a sentença contra um ato mau não é executada rapidamente (v. 11a)

C. Pecadores fazem o mal cem vezes e prolongam sua vida (v. 12a)

D. Mas o Pregador sabe:

1. Que tudo irá bem a quem teme a Deus (v. 12b)

a. Porque temem diante dele (v. 12c)

2. Mas o perverso não irá bem (v. 13a)

Nem prolongará seus dias como uma sombra (v. 13b)

a. Porque não teme diante de Deus (v. 13c)

E. Outra injustiça (vaidade):

Alguns justos são tratados como perversos (v. 14a)

Enquanto alguns perversos são tratados como justos (v. 14b)

1. Isso também é vaidade (v. 14c)

F. Conclusão: Recomendo alegria (v. 15a)

1. Razão: Não há nada melhor que comer, beber e alegrar-se (v. 15b)

a. Pois isso acontecerá nos dias que Deus lhe dá (v. 15c)

IV. Reflexão sobre a incapacidade humana de conhecer toda a obra de Deus (v. 16-17)

A. O Pregador se aplicou a conhecer a sabedoria (v. 16a)

1. Seus olhos não dormiram nem de dia nem de noite (v. 16b)

B. Contemplando toda a obra de Deus, ele viu (v. 17a)

1. Que ninguém pode compreender o que está acontecendo debaixo do sol (v. 17b)

2. Ninguém saberá (v. 17d)

a. Por mais que se esforce para descobrir (v. 17c)

3. Não poderá achar (v. 17f)

a. Mesmo que o sábio alegue conhecer (v. 17e)

Interpretação teocêntrica

Os primeiros cinco versos desta passagem tratam de como sobreviver a serviço de um rei poderoso e imprevisível. O Pregador conclui seu conselho com a certeza: “O coração do sábio conhece o tempo e o modo” (v. 5b). Ele fortalece essa certeza com a repetição, no verso 6: “Para todo propósito há tempo e modo”. Embora Deus não seja mencionado neste ponto,[14] lembre-se de que Deus é aquele que estabelece os tempos (3.1-15). O ser humano “não sabe o que há de suceder” (v. 7). Ele não tem poder sequer sobre o vento ou sobre o dia da morte. Mas Deus, lembre-se, é Todo-Poderoso e controla o vento e o dia da morte (3.2). Ele é soberano.

Mas como, então, podemos explicar a injustiça que vemos no mundo? O perverso é sepultado com honra e recebe louvor (v. 10) e seus dias são prolongados (v. 12a). Por que o Rei divino permite essa injustiça? Neste ponto, o Pregador começa a mencionar Deus explicitamente. “(...) Sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus. Mas o perverso não irá bem... visto que não teme diante de Deus” (v. 12-13). O Pregador conclui novamente recomendando alegria, “(...) pois isso o acompanhará no seu trabalho nos dias da vida que Deus lhe dá debaixo do sol”. (v. 15). Isso não responde à pergunta de como articular o governo soberano do Rei divino com a injustiça que observamos neste mundo. O Pregador não tem uma boa resposta. De fato, ele escreve: “Contemplei toda a obra de Deus e vi que o homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol; por mais que trabalhe o homem para a descobrir, não a entenderá; e, ainda que diga o sábio que a virá a conhecer, nem por isso a achará”. Sabemos que o Deus soberano controla tudo o que acontece no mundo, mas não conseguimos entender toda a sua obra.

Tema e objetivo textual

A repetição de certas palavras-chave e a estrutura do texto nos ajudarão a discernir o tema desta passagem. Ao analisar a estrutura do texto, observamos quatro divisões:

I. Use a sabedoria para lidar com um rei poderoso, presumivelmente instável (v. 1-5)

II. Não conhecemos o futuro e não temos o poder de controlar o presente (v. 6-9)

III. Vemos grave injustiça neste mundo, mas ainda podemos desfrutar da vida que Deus dá (v. 10-15)

IV. Nem mesmo as pessoas mais sábias podem compreender toda a obra de Deus (v. 16-17)

Especialmente importante para discernir o tema desta passagem é a inclusio dos versos 1 e 17, que abrangem toda a passagem: a abertura falando do valor da sabedoria e a tripla repetição na conclusão de que a sabedoria não pode compreender toda a obra de Deus. O Pregador diz duas coisas a respeito da sabedoria: primeira, use a sabedoria ao lidar com um rei poderoso e instável, e, segunda, diante da nossa incapacidade de conhecer o futuro ou controlar o presente e da nossa incapacidade de compreender a injustiça deste mundo, a sabedoria humana não consegue entender toda a obra de Deus.

Para termos um foco único, temos que formular um tema que cubra os dois pontos ou inclua um tema no outro. A extensão do segundo ponto (v. 6-17) e a repetição “não pode compreender”, no verso 17, justificam submeter o primeiro ponto ao segundo. Podemos portanto formular o tema desta passagem da seguinte forma: Embora devamos usar a sabedoria para sobreviver em um mundo perigoso e injusto, a sabedoria não nos permite compreender toda a obra de Deus.

O objetivo desta mensagem deve ser identificado tendo como pano de fundo as circunstâncias históricas. A própria passagem sugere que os ouvintes desta mensagem sofrem sob governantes poderosos e imprevisíveis (v. 3; cf. 10.6) e testemunham a prosperidade e o louvor dos perversos (v. 10-14; cf. 4.1; 5.8). O objetivo do Pregador, então, seria duplo:[15] encorajar seus leitores a usar sabedoria neste mundo perigoso e injusto, advertindo-os, ao mesmo tempo, sobre as limitações da sabedoria.

Maneiras de pregar Cristo

Nesta seção, mostramos as maneiras legítimas que podemos usar para ir desta mensagem do Antigo Testamento para Jesus Cristo, no Novo Testamento. Como a passagem não contém uma promessa de Cristo nem um tipo de Cristo, examinaremos os cinco caminhos restantes: progressão histórico-redentiva, analogia, temas longitudinais, referências no Novo Testamento e contraste.

Progressão histórico-redentiva

Nesta passagem, o Pregador trata novamente (veja 7.15) do enigma de alguns perversos serem abençoados com vida longa, enquanto há “justos a quem sucede segundo as obras dos perversos” (v. 12a,14). Embora o Pregador confesse confiantemente que “(...) sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus... Mas o perverso não irá bem” (v. 12b-13), ele não consegue resolver esse problema em seu contexto veterotestamentário, em que concebe a morte como o fim tanto para o justo quanto para o perverso (veja 2.14-16). Sua conclusão é que nem mesmo o sábio pode compreender “toda a obra de Deus” (8.17).

Mas, quando a história redentiva avança para a vinda de Jesus, seu ensino, morte e ressurreição, surge uma solução parcial: há vida além da morte. Jesus ensina a seus discípulos sobre uma dupla ressurreição: “(...) vem a hora e já chegou em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo” (Jo 5.28-29). Jesus também conta a parábola do joio e do trigo e explica: “Mandará o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes. Então, os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça” (Mt 13.41-42). Jesus reforça esta mensagem com o ensino de que

O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. E, quando já está cheia, os pescadores arrastam-na para a praia e, assentados, escolhem os bons para os cestos e os ruins deitam fora. Assim será na consumação do século: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes (Mt 13.47-50).

Em seu ensino sobre o julgamento das nações, Jesus conclui: “Irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna” (Mt 25.46).

Analogia

Assim como o Pregador do Antigo Testamento estimulou seus ouvintes a serem sábios ao lidar com governantes poderosos e instáveis, assim também Jesus disse aos seus discípulos: “Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas” (Mt 10.16). E, assim como o Pregador, Jesus também enfatizou as limitações da sabedoria humana ao tentar compreender toda a obra de Deus. Quando Nicodemos quis uma resposta racional sobre o novo nascimento, Jesus disse: “Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jo 3.7-8). Não sabemos; não podemos compreender toda a obra de Deus. Paulo reflete esse sentimento quando exclama: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Rm 11.33).

Temas longitudinais

Pode-se traçar do Antigo ao Novo Testamento o tema de que a sabedoria humana nunca entenderá totalmente toda a obra de Deus. O salmo 145.3 afirma: “Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado; a sua grandeza é insondável”.

Por meio de Isaías (55.8-9), o Senhor proclama:

(...) o meus pensamentos não são os vossos pensamentos,

nem os vossos caminhos, os meus caminhos,

diz o

Senhor

,

porque, assim como os céus são mais altos do que a terra,

assim são os meus caminhos mais altos que os vossos caminhos,

e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.

Jó 11.7-8 reflete essa ideia:

Porventura, desvendarás os arcanos de Deus

ou penetrarás até à perfeição do Todo-Poderoso?

Como as alturas dos céus é a sua sabedoria; que poderás fazer?

Mais profunda é ela do que o abismo; que poderás saber?

No Novo Testamento, Paulo escreve: “Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação” (1Co 1.21; cf. 1Co 2.6-16; 13.9). O próprio Jesus agradeceu ao seu Pai “(...) porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. (...) ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11.25-27). Contudo, “toda a obra de Deus”, todas as suas realizações, continuam sendo um mistério para nós.

Referências do Novo Testamento

Em adição às referências no Novo Testamento mencionadas acima para fundamentar os diferentes caminhos até Cristo, o apêndice do Novo Testamento Grego lista como referência a Eclesiastes 8.15 (“comer, beber e alegrar-se”), Lucas 12.19, onde o rico insensato diz: “(...) descansa, come, bebe, regala-te”. Contudo, não podemos usar essa referência porque ela não tem ligação com o tema da passagem. Além disso, é improvável que Jesus colocasse a recomendação positiva do Pregador na boca do rico insensato.

Contraste

Exceto pela progressão na história redentiva, mostrada acima, não há contraste entre a mensagem desta passagem e a do Novo Testamento.

Tema e objetivo do sermão

Como o Novo Testamento não muda a mensagem textual, o tema textual pode se tornar o tema do sermão: Embora devamos usar a sabedoria para sobreviver em um mundo perigoso e injusto, a sabedoria não nos permite compreender toda a obra de Deus. O tema do sermão também pode ser o nosso: encorajar nossos leitores a usar sabedoria neste mundo perigoso e injusto, advertindo-os, ao mesmo tempo, sobre as limitações da sabedoria.

Este objetivo aponta para uma dupla necessidade. Por um lado, há pessoas que não fazem uso da sabedoria para progredir neste mundo pecaminoso. Por outro lado, há pessoas que não conseguem viver com mistério: acham que devem ser capazes de encontrar respostas para todas as suas perguntas. Podemos manter o sermão unificado começando com nossa falha em usar a sabedoria e deixando a segunda necessidade para mais adiante no sermão.

Exposição do sermão

Todos sabemos que há pessoas que não têm sabedoria, ou, pelo menos, que não a usam. Um treinador de beisebol grita diante de um árbitro até ser expulso do jogo. Uma viajante cria problemas com o agente alfandegário; ela é retida por várias horas, até que seu carro e sua bagagem sejam minuciosamente verificados. Um motorista parado por um policial por alta velocidade grita com este e o ameaça, e acaba preso. Um empregado perde a paciência, xinga seu patrão e é demitido.[16] Falta de sabedoria! Em várias ocasiões nós mesmos podemos ter agido assim, sem usar a sabedoria, e sofrido as consequências.

Em Eclesiastes 8, o Pregador traz dois ensinos importantes sobre a sabedoria. Seu primeiro ensino é que a sabedoria nos ajuda a sobreviver em um mundo perigoso e injusto. Ele começa este capítulo louvando a sabedoria. Ele pergunta: "Quem é como o sábio?" A resposta esperada é: Ninguém. Ninguém é exaltado como o sábio. O Pregador passa para a segunda pergunta: "E quem sabe a interpretação das coisas?" Ele está pensando em homens sábios em uma corte real interpretando sinais ou sonhos para predizer o futuro ao rei.[17] "Quem sabe a interpretação das coisas?" A resposta esperada é: Ninguém, exceto o sábio.

Pensem em José na corte de Faraó. Faraó tinha tido aquele sonho estranho de sete vacas magras e sete vacas gordas. Então Faraó acordou. Ele dormiu de novo e teve outro sonho, sobre sete finas espigas de trigo engolindo sete espigas gordas. Quando Faraó acordou de novo, ficou preocupado. Ele chamou todos os homens sábios do Egito para interpretarem seus sonhos, mas ninguém conseguiu. Então o copeiro-chefe se lembrou de que o prisioneiro José tinha interpretado seu sonho corretamente. Ele contou a Faraó sobre José, e Faraó convocou José ao palácio. José interpretou os sonhos de Faraó: Deus daria ao Egito sete anos de fartura, mas depois haveria sete anos de fome. Faraó disse a José: "Visto que Deus te fez saber tudo isto, ninguém há tão ajuizado e sábio como tu" (Gn 41.39). O Pregador pergunta: "Quem sabe a interpretação das coisas?" A resposta é: Somente uma pessoa como José.[18]

O Pregador continua a louvar a sabedoria no verso 1: "A sabedoria do homem

faz reluzir o seu rosto, e muda-se a dureza da sua face". "A face é um índice dos sentimentos, e uma face reluzente é um sinal de alegria e contentamento (Pv 15.13)".[19]A sabedoria é refletida até no rosto da pessoa.

Nos versos 2-5, o Pregador orienta seus leitores a usar a sabedoria neste mundo perigoso. Ele se concentra naqueles que estão a serviço de um poderoso e instável rei oriental. Verso 2: "Observa o mandamento do rei, e isso por causa do teu juramento feito a Deus". Com a unção de um novo rei, as pessoas tinham que jurar lealdade a ele.[20] Por isso, o Pregador instrui a pessoa de que uma pessoa sábia cumprirá a ordem do rei por causa do juramento de lealdade feito diante de Deus. Ele acrescenta, no verso 3: "Não te apresses em deixar a presença dele"* "As pessoas não devem ficar tão aterrorizadas diante do rei que não consigam reagir adequadamente".[21] Um comportamento ou uma fala estranha podem despertar a ira do rei. Portanto, a pessoa deve ter uma expressão agradável no rosto, agir agradavelmente e obedecer à ordem do rei.[22]

O Pregador continua, no verso 3: "Sai da sua presença,[23] nem te obstines em coisa má, porque ele faz o que bem entende". Em vez de argumentar com o rei quando ele rejeitar seu conselho, é mais sábio sair silenciosamente da sua presença, pois o rei é soberano. "Ele faz o que bem entende". Além disso, como lemos no verso 4, a palavra do rei tem autoridade suprema; e quem lhe dirá: "Que fazes?" Ninguém, é claro. O rei não deve satisfação a qualquer outro ser humano. Portanto, é sábio cumprir "o mandamento do rei" e sair silenciosamente da sua presença quando você o desagrada.

No verso 5, o Pregador fortalece seu conselho com um provérbio: "Quem guarda o mandamento não experimenta nenhum mal; e o coração do sábio conhece o tempo e o modo". "Quem guarda o mandamento" de um rei poderoso e instável "não experimenta nenhum mal". A razão para a segurança mesmo em uma situação perigosa como esta, diz o Pregador, é que "o coração do sábio conhece o tempo e o modo". Um tolo pode argumentar com o rei, talvez até ameaçá-lo com as más consequências que virão. Mas "o coração do sábio conhece o tempo e o modo". O sábio saberá o tempo certo para falar e o modo certo de agir[24] (cf. Pv 14.8; 15.23). O Pregador, então nos aconselha a usar a sabedoria para sobreviver em um mundo perigoso e injusto.

O próprio Jesus usou sabedoria para se livrar de situações perigosas. Uma vez os fariseus tentaram "surpreendê-lo". Eles lhe perguntaram: "é lícito pagar tributo a César ou não?" Se ele dissesse: "sim, pagar tributo aos romanos é lícito", os

judeus ficariam zangados com ele. Se ele dissesse “não”, os romanos o acusariam de sedição. “Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia”, pediu uma moeda e perguntou: “De quem é esta efígie e inscrição?” eles responderam: “Do imperador”. Então Jesus disse: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Lemos que, “ouvindo isto, se admiraram e, deixando-o, foram-se” (Mt 22.15-22).

Em outra ocasião, os fariseus “conspiravam logo com os herodianos... em como lhe tirariam a vida”. Jesus evitou esse confronto partindo “com os seus discípulos para os lados do mar” (Mc 3.6-7). Ele fez isso porque sua hora ainda não tinha chegado. Mais tarde, quando sua hora chegou, Ele corajosamente foi para Jerusalém, para sofrer e morrer.[25]

Jesus também disse aos seus seguidores que enfrentariam perigo e os orientou a serem sábios. Ele disse aos seus discípulos: “Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas” (Mt 10.16). Ovelhas no meio de lobos estão em uma situação precária. Os lobos podem facilmente atacar e devorar as indefesas ovelhas. As ovelhas só têm uma linha de defesa, e essa linha é serem sábias.

Os discípulos logo descobriram o que significa ser ovelhas no meio de lobos. Pouco depois do Pentecostes, Pedro e João foram presos, colocados em custódia e ameaçados pelo Sinédrio (At 4). Logo depois, Pedro e os apóstolos foram presos de novo, colocados em prisão e açoitados – escapando por pouco da morte (At 5). Em seguida, Estêvão foi preso, acusado por falsas testemunhas e apedrejado até a morte (At 6–7). Ovelhas no meio de lobos. “Sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas”. Quer os cristãos sofram perseguição aberta ou oposição mais sutil, a ordem de Jesus ainda está em vigor hoje: “Sede prudentes”.

Portanto, o primeiro ponto do Pregador é que devemos usar a sabedoria para sobreviver em um mundo perigoso e injusto. Algumas pessoas podem levar esse conselho ao extremo e tentar usar a sabedoria para entender tudo o que acontece no mundo. Mas isso não é possível, adverte o Pregador. Embora devamos usar a sabedoria para viver, seu segundo ponto é que a sabedoria humana tem suas limitações: ela não nos permite conhecer todas as obras, todos os feitos de Deus.

O Pregador concluiu o verso 5 com a certeza de que “(...) o coração do sábio conhece o tempo e o modo”. No verso 6, ele reitera: “(...) para todo propósito há

tempo e modo". Isso nos lembra o capítulo 3, no qual lemos: "Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer" (3.1-2). Ali o Pregador deixou claro que Deus soberanamente estabeleceu os tempos "(...) para que os homens temam diante dele" (3.14). Aqui ele repete que "para todo propósito há tempo e modo", mas acrescenta: "porquanto é grande o mal que pesa sobre o homem". O mal que pesa sobre nós é o mal de não saber o que Deus planejou para o futuro. Quem sabe se será "tempo de chorar" ou "tempo de rir"? Quem sabe se será "tempo de guerra" ou "tempo de paz" (3.4, 8)? Não podemos controlar os tempos que vêm a nós.[26] Como não sabemos o que o futuro reserva, ficamos desamparados e incomodados.

O Pregador continua, no verso 7: "Porque este não sabe o que há de suceder; e, como há de ser, ninguém há que lho declare". Nem mesmo pessoas sábias sabem o que o futuro reserva. A revelação especial de Deus a José de que sete anos de fartura seriam seguidos por sete anos de fome foi uma exceção à regra. Essa exceção evitou uma terrível calamidade. Terremotos, tornados, inundações e incêndios florestais também são imprevisíveis. Não sabemos quando e onde acontecerão. Por isso não podemos nos preparar adequadamente para eles. Como resultado, causam grande dano e dor. "O mal", de fato, "pesa sobre o homem", pois ele "não sabe o que há de ser".

Nosso problema não é apenas que não conhecemos o futuro, mas que não podemos sequer controlar o presente. No verso 8, o Pregador enumera quatro exemplos de nossa incapacidade de controlar eventos presentes. Primeiro, "Não há nenhum homem que tenha domínio sobre o vento para o reter".[27]Aqueles que foram vítimas de furacões ou tornados conhecem esse sentimento de impotência. Somos impotentes contra o vento poderoso.

Segundo, não temos "poder sobre o dia da morte". Deus estabeleceu o "tempo de nascer e tempo de morrer" (3.2) e não há nada que possamos fazer sobre isso. Os médicos podem tratar nossas enfermidades, mas, no fim do dia, a morte vem para todos. Novamente, somos impotentes.

Terceiro, "(...) nem há tréguas nesta peleja (...)". Uma vez que a batalha começa, não há trégua; não podemos ir para casa e tirar uma licença; não podemos mandar outra pessoa em nosso lugar.[28] Novamente, somos impotentes.

E, quarto, "(...) tampouco a perversidade livrará aquele que a ela se entrega".

Esta é a mais importante observação do Pregador, pois, no contexto, ele está perplexo especialmente porque os perversos prosperam e prolongam sua vida (7.15; 8.12). Mas, assim como não temos poder para reter o vento, ou para evitar o dia da morte, ou para termos uma trégua durante a batalha, assim também a impiedade não livrará o ímpio. O ímpio pode parecer florescer; ele pode parecer tudo o que lhe agrada; ninguém pode detê-lo. Eventualmente, sua impiedade o derrubará. Não há como escapar. Todos nós somos completamente impotentes.

O Pregador conclui[29] esta seção no verso 9, em que escreve: “Tudo isto vi quando me apliquei a toda obra que se faz debaixo do sol; há tempo em que um homem tem domínio sobre outro homem, para arruiná-lo”. O Pregador observou tudo o que é feito no mundo. Ele observou que pessoas que usavam melhor a sabedoria escapavam da ira de um rei instável. Mas ele também observou que a sabedoria tem suas limitações: as pessoas não sabem o que o futuro reserva; elas não sabem quando ocorrerão desastres; elas não conseguem reter o vento, não conseguem mudar o dia da morte e não conseguem trégua na batalha. Nem mesmo os ímpios, que parecem tão poderosos, podem se livrar por sua impiedade.

Mas algumas pessoas, como o rei mencionado anteriormente, têm poder sobre outras. Como usarão esse poder? O pregador observa que “há tempo em que um homem tem domínio sobre outro homem, para arruiná-lo”. Pessoas que têm autoridade são inclinadas a buscar seus próprios interesses independentemente do dano que causem a outras pessoas. O poder corrompe, como se diz, e um poder absoluto corrompe absolutamente. Pense em assassinos incansáveis como Adolf Hitler, Saddam Hussein e Robert Mugabe. Pense na competição implacável no mercado. Que mundo perigoso e injusto é este em que vivemos! Pessoas que têm autoridade usam-na para a ruína de outras pessoas.

No parágrafo seguinte, o Pregador continua sua investigação da injustiça neste mundo. Verso 10: “Assim também vi os perversos receberem sepultura e entrarem no repouso, ao passo que os que frequentavam o lugar santo foram esquecidos na cidade onde fizeram o bem; também isto é vaidade”. O Pregador observa o sepultamento dos ímpios. Muito embora pareçam poderosos, há um tempo para eles morrerem. Mas, mesmo na morte, o grande equalizador entre os ímpios e os justos (2.14-16), os ímpios parecem prosperar. Eles são honrados com um funeral adequado (cf. Jó 21.32-33).[30] Muito embora fossem ímpios, frequentavam o lugar santo, isto é, a sinagoga, e agora são honrados com um cortejo fúnebre que começa na sinagoga.[31] Além disso, são louvados na cidade

onde cometeram seus atos ímpios. “Isto também é vaidade”, conclui o Pregador. Isso não faz sentido, é absurdo. Quase parece que compensa ser ímpio. Os ímpios podem frequentar a sinagoga durante sua vida e, no fim de sua vida, são honrados com um esplêndido funeral e a apreciação das pessoas.

Além disso, a impiedade raramente recebe a punição que merece. O Pregador diz, no verso 11: “Visto como não se executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal”. Podemos ver esse sentimento na América do Norte. Muitos crimes nunca vão a julgamento. Outros crimes vão a julgamento, mas advogados habilidosos conseguem livrar seus clientes. Outras sentenças são proteladas por muito tempo, geralmente por detalhes técnicos. Essa demora em punir o crime, diz o Pregador, encoraja as pessoas a praticarem mais o mal.

De fato, no verso 12 ele afirma que “ainda que o pecador faça o mal cem vezes e os dias se lhe prolonguem”. O Pregador, aqui, enfrenta o mesmo problema relatado em 7.15: “Há justo que perece na sua justiça, e há perverso que prolonga os seus dias na sua perversidade”. Como Deus pode permitir que pessoas ímpias prolonguem seus dias na sua perversidade? Isso simplesmente não faz sentido. A sabedoria humana não consegue compreender essa anomalia.

O Pregador continua, no verso 12: “Ainda... eu sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus.* Mas o perverso não irá bem, nem prolongará os seus dias; será como a sombra, visto que não teme diante de Deus”. O Pregador, aqui, volta ao ensino da sabedoria tradicional. Lemos em Provérbios 10.27: “O temor do Senhor prolonga os dias da vida, mas os anos dos perversos serão abreviados” (cf. Pv. 3.2; 9.10-11). Ter uma vida que honra a Deus conduz à longevidade . Em um mundo perfeito, tudo correrá bem com o justo e não correrá bem com o ímpio. O ímpio, diz o verso 13, “será como a sombra”.[32]

Mas não vivemos em um mundo perfeito. O Pregador observa, no verso 14: “Ainda há outra vaidade sobre a terra: justos a quem sucede segundo as obras dos perversos, e perversos a quem sucede segundo as obras dos justos. Digo que também isto é vaidade”. Isso simplesmente não faz sentido.[33]A sabedoria humana não consegue compreender essa anomalia.

O Pregador nos força a enfrentar o mundo real. Em um mundo ideal, como diz o verso 13, “o perverso não irá bem, nem prolongará os seus dias”. No mundo real, segundo o verso 14, há “justos a quem sucede segundo as obras dos perversos”,

isto é, eles não prolongarão os seus dias, morrerão jovens. E há “perversos a quem sucede segundo as obras dos justos”, isto é, viverão muitos anos.[34]

Confrontado com este enigma, o Pregador, no verso 15, repete seu conselho anterior:[35] Então, exaltei eu a alegria, porquanto para o homem nenhuma coisa há melhor debaixo do sol do que comer, beber e alegrar-se, pois isso o acompanhará no seu trabalho nos dias da vida que Deus lhe dá debaixo do sol”. Apesar da injustiça que vê neste mundo e apesar das questões perturbadoras que não consegue responder, o sábio procurará se alegrar na vida que Deus lhe dá. [36]

Claro, a alegria na vida não responde a todas as perguntas que temos. Mas “a recomendação de alegria nos previne contra a perplexidade pelos fatos incompreensíveis e moralmente ofensivos da vida. Em outras palavras... [o Pregador] adverte contra a tentativa de sermos supersábios (7.16)... Abraçar a alegria o liberta para deixar Deus ser Deus, cuja marca registrada é a obra que excede nossa compreensão”.[37]

No Novo Testamento, Jesus oferece algumas respostas que não estavam disponíveis ao Pregador no Antigo Testamento. Jesus nos ensina que a vida não termina com a morte, mas que há vida após a morte. No juízo final, os justos e os ímpios terão que prestar contas por seus atos. Jesus proclama: “Vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: aos que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo” (Jo 5.28-29). A justiça será feita – se não nesta vida, na próxima.

Jesus também ensina esta mensagem em algumas de suas parábolas. Por exemplo, Jesus explica que

O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recebe peixes de toda espécie. E, quando já está cheia, os pescadores arrastam-na para a praia e, assentados, escolhem os bons para os cestos e os ruins deitam fora. Assim será na consumação do século: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes (Mt 12.47-50).

Na análise final, é verdade que “bem sucede aos que temem a Deus. Mas o perverso não irá bem, nem prolongará os seus dias; será como a sombra, visto que não teme diante de Deus” (8.12-13).

Apesar dessas respostas, ainda temos nossas perguntas. Por que coisas ruins acontecem nesta vida a pessoas boas? E por que coisas boas acontecem nesta vida a pessoas ruins? O Pregador se esforçou muito para encontrar resposta para essas perguntas. Ele escreve, nos versos 16-17:

Aplicando-me a conhecer a sabedoria e a ver o trabalho que há sobre a terra – pois nem de dia nem de noite vê o homem sono nos seus olhos –, então contemplei toda a obra de Deus e vi que o homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol; por mais que trabalhe o homem para a descobrir, não a entenderá; e, ainda que diga o sábio que a virá a conhecer, nem por isso a poderá achar.

Neste verso final, ele enfatiza três vezes: “O homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol; por mais que trabalhe o homem para a descobrir, não a entenderá; e, ainda que diga o sábio que a virá a conhecer, nem por isso a poderá achar”. Nem mesmo o sábio, o mais capacitado dos seres humanos, consegue entender toda a obra de Deus. Há limitações à sabedoria humana. Não conseguimos compreender tudo o que Deus faz e por que Deus promete essas injustiças. Como Deus diz em Isaías (55.8-9):

Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos,

Nem os vossos caminhos, os meus caminhos,

Diz o

Senhor

,

Porque, assim como os céus são mais altos que a terra,

Assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos,

E os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.

No Novo Testamento, Paulo reflete este sentimento quando exclama: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Rm 11.33).

O Pregador do Antigo Testamento nos mostrou que, embora devamos usar a sabedoria para viver em um mundo perigoso e injusto, ela não nos capacita a entender toda a obra de Deus. Temos que aprender a viver com nossas limitações. Simplesmente não podemos compreender toda a obra de Deus. Embora devamos usar nesta vida a sabedoria que Deus nos dá, também devemos aceitar o fato de que a vida neste mundo nos apresenta mistérios que não conseguimos resolver.

Deus move de uma forma misteriosa suas maravilhas a realizar.

Ele planta suas pegadas no mar e cavalga uma tempestade.

Fundo em minas insondáveis de habilidades que nunca falham,

Ele entesoura seus brilhantes desígnios e realiza sua vontade soberana...

A incredulidade cega certamente erra e esquadrinha sua obra em vão.

Deus é seu próprio intérprete, e executará seu plano.[38]

[1] Outro exemplo é o verso 9b, que a NRSV traduz: “Uma pessoa exerce autoridade sobre outra para lhe causar dano”; a TNIV traduz: “há um tempo em que um homem se assenhora de outros para seu próprio dano” (com uma nota: “ou para o deles”). Quando o hebraico permite uma tradução ou outra e o assunto não é de grande importância para o sermão, sugiro que os pregadores simplesmente sigam a tradução da Bíblia usada pela congregação. Se for um ponto importante, não seria bom apresentar sua própria tradução, mas citar outra versão bíblica respeitável.

[2] Longman, Book of Ecclesiastes, 218, escreve: “Este verso é um dos mais difíceis do livro, por isso, começo sua exposição admitindo que a certeza escapa de todo intérprete honesto, muito embora os problemas estejam geralmente escondidos por trás de excelentes traduções inglesas”. Cf. Eaton, Ecclesiastes,121.

[3] Para referências detalhadas, veja Scott C. Jones, “Qohelet’s Courtly Wisdom: Ecclesiastes 8:1-9”,CBQ 68 (2006) 211-12, nota 2.

[4] Murphy, Ecclesiastes, 82.

[5] Fox, A Time to Tear Down, 275. Veja também seus comentários na p. 280 contra a posição de Crenshaw.

[6] Veja p. 25–27, acima.

[7] Jones, “Qohelet’s Courtly Wisdom: Ecclesiastes 8:1-9”, CBQ 68 (2006) 213.

[8] Seow, Ecclesiastes, 290.

[9] Veja Jones, “Qohelet’s Courtly Wisdom: Ecclesiastes 8:1-9”, CBQ 68 (2006) 217, nota 25.

[10] Murphy, Wisdom Literature, 142.

[11] Veja Fox, Qohelet, 245.

* Na ARA, apresentada na forma de afirmação. Na tradução usada pelo autor, a pergunta é: “Quem pode lhes dizer como será?” (N. do T.).

[12] Cf. Provérbios 30.4,11-14,18-19,21-31. Whybray, Ecclesiastes, 133.

[13] “Última vez que a declaração , “não há nada melhor”, é usada. Ogden, Qoheleth, 139.

[14] Veja verso 2, “teu juramento feito a Deus”.

[15] Embora o tema tenha que ser singular para termos um sermão unificado, o objetivo pode ser plural, com o tema aplicado de diferentes maneiras.

[16] Em vez de uma série de exemplos como esta, é mais atraente contar uma única história sobre a falta ou o não uso da sabedoria – sua própria história, se tiver acontecido há muito tempo, ou uma história recente que tenha sido veiculada nos jornais.

[17] Jones, “Qohelet’s CourtlyWisdom: Ecclesiastes 8:1-9”, CBQ 68 (2006) 214-15, argumenta que não é simplesmente “interpretação”, mas “interpretação mantológica”, isto é, “a visão do futuro revelada por meio de exegese”. Kruger, Qoheleth, 151, nota 7, salienta que Gênesis 40–41 e Daniel capítulos 2, 4, 5 e 7 contêm palavras-chave que correspondem a

[18] Usei a história de José porque é familiar às pessoas. Também se pode usar a história de Daniel interpretando o sonho de Nabucodonosor sobre a enorme estátua. Veja Daniel 2.

[19] Whybray, Ecclesiastes, 129.

[20] Veja, e.g., 1Crônicas 29.24.

* A tradução usada pelo autor diz: “Não fiques aterrorizado” (N. do T.).

[21] Seow, Ecclesiastes, 291.

[22] “Diante de um superior, especialmente de alguém cuja ira é rápida, é sábio não revelar qualquer animosidade. Em vez disso, apesar dos sentimentos que a pessoa possa ter, é sábio agir agradavelmente” Ibid. Para uma interpretação semelhante, veja Fox, Qohelet, 246.

[23] A TNIV (e a ARA), em contraste, traduz o verso 3: “Não te apresses em deixar a presença dele...” Como o hebraico permite as duas traduções e como este não é um ponto importante, eu simplesmente seguiria a tradução usada pela congregação.

[24] “A última palavra do verso é , termo geralmente traduzido como ‘juízo’... O sentido mais amplo do termo hebraico é ‘padrão de comportamento’. Em nosso presente contexto, tem o sentido de ‘costume’, ‘procedimento’, ou talvez até mesmo ‘avaliação’”. Longman, Book of Ecclesiastes, 213.

[25] Lucas 9.51 diz assim: “(...) ao se completarem os dias em que devia ele ser assunto ao céu, manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém”.

[26] “Tudo tem um tempo oportuno e um modo correto de se fazer, mas o homem não pode conhecer o futuro, por isso, só pode esperar e observar as coisas virem à existência. Sendo ignorante, ele não tem , controle sobre o que lhe acontece”. Fox, A Time to Tear Down, 279.

[27] pode se referir ao vento ou ao fôlego de vida. Crenshaw, Ecclesiastes, 152, favorece a segunda interpretação porque a ocorrência é seguida por “dia da morte”. Prefiro “vento” porque, em um “ditado numérico”, espera-se a enumeração de itens diferentes (veja, e.g., Pv 30.18-19,21-31).

[28] “Aqui ele pode estar fazendo alusão à prática comum entre os ricos no período persa de pagar substitutos para irem à guerra”. Seow, Ecclesiastes, 293.

[29] Embora alguns comentaristas (Hengstenberg, Zimmerli, Galling, Murphy) interpretem este verso como iniciando uma nova seção, a maioria pensa que ela conclui a seção anterior porque “o uso de [poder] liga este verso aos precedentes”. Crenshaw, Ecclesiastes, 153. Veja também Whybray, Ecclesiastes, 134.

[30] “Morrer e não ser sepultado era a marca de um fim desprezado e não pranteado (cf. Jr 22.18-19)”. Eaton, Ecclesiastes, 106.

[31] Fox, A Time to Tear Down, 284.

* Na tradução usada pelo autor, o verso continua: “porque temem diante de Deus”. A ARA não traz esta cláusula (N. do T.).

[32] “A imagem da sombra é apropriada aqui porque, quando o dia termina, a sombra gradualmente diminui. Assim, a vida do ímpio não ficará mais longa na medida em que ele se aproxima do fim de seus dias. Longman, Book of Ecclesiastes, 220.

[33] O Pregador "'conhece' o princípio de retribuição e em lugar nenhum o nega. Ao mesmo tempo, ele também sabe que há casos que violam a regra. É porque... [ele] sustenta os axiomas de sabedoria e tradição religiosa que fica chocado por sua violação". Fox, Ecclesiastes, 59.

[34] Essas evidentes exceções desafiam "a teoria de recompensa e retribuição, tão importante em Deuteronômio... Quem concede recompensa e punição misturou as coisas". Crenshaw, Ecclesiastes, 156.

[35] Veja Eclesiastes 2.24-26; 3.12-13,22; 5.18-20.

[36] "Meramente buscar prazer, sem a devida consideração à morte ou à vida como dons de Deus, é algo típico dos tolos. Desfrutar a vida porque ela é reconhecida como dom de Deus é um sinal de sabedoria e maturidade teológica... A vida e os seus prazeres são dados por Deus". Ogden, Qoheleth, 140.

[37] Davis, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 210.

[38] William Cowper, 1774.

CAPÍTULO 12

Desfrute a vida!

Eclesiastes 9.1-12

Vai, pois, come com alegria o teu pão e

bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus

já de antemão se agrada das tuas obras.

Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes,

e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça.

Goza a vida com a mulher que amas (...)

Tudo quanto te vier à mão para fazer,

faze-o conforme as tuas forças...

(Ec 9.7-10)

Nesta passagem, o Pregador exorta seus leitores pela sexta vez a gozar a vida. Na pregação de uma série de sermões sobre Eclesiastes, um desafio será capturar neste sermão a urgência e o alcance únicos desta passagem para não duplicar outros sermões sobre gozar a vida.

Texto e contexto

Há acordo geral de que esta unidade literária começa em 9.1: “Deveras me apliquei a todas estas coisas para claramente entender tudo isto”. Mas onde ela termina? Alguns comentaristas argumentam que a unidade termina em 9.10, “já que o verso 11 claramente começa uma nova seção... [com] ‘vi ainda’”.[1] Contudo, outros comentaristas incluem os versos 11-12 porque formam uma inclusio com os versos 1-2.[2] Duane Garrett sugere que os versos 11-12 são “transicionais”: este texto “retoma afirmações anteriores sobre a morte quando fala do laço que, por fim, nos pega, mas também olha para frente, para a passagem seguinte, na qual a sabedoria não oferece certeza de sucesso no campo político”.[3] Embora os versos 11-12 constituam uma subunidade transicional, seu conteúdo justifica incluí-la na presente unidade, em vez de na seguinte. Nosso texto de pregação, portanto, é Eclesiastes 9.1-12.

O Pregador concluiu a última unidade com sua afirmação: “Contemplei toda a obra de Deus e vi que o homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol” (8.17). Nesta unidade, ele continua suas reflexões sobre a inescrutabilidade dos caminhos de Deus. Ele continua a lidar com sua observação de que o justo parece não ter vantagem sobre o ímpio, como fez anteriormente, em 8.12a,14. Na presente passagem, ele enfatiza que “tudo sucede igualmente a todos: o mesmo sucede ao justo e ao perverso” (9.2) – argumento usado anteriormente em 2.14: “O mesmo lhes sucede” (cf. 3.19). Devido à inevitabilidade e evidente finalidade da morte, o Pregador ordena que seus leitores desfrutem a vida ao máximo. Ele recomendou alegria antes (2.24-26; 3.12-13,22; 5.18-20; 8.15, e fará isso mais uma vez em 11.7-9), mas nunca em termos tão fortes (imperativos) e de modo tão elaborado (pão, vinho, esposa e trabalho) como nesta passagem. O Pregador conclui esta seção lembrando que “o homem não sabe a sua hora” (9.12) – argumento usado anteriormente, na passagem sobre os tempos, especialmente 3.11; 7.14.

Elementos literários

Esta passagem contém várias formas literárias.[4] Ela começa com uma reflexão (“claramente entender tudo”) sobre como os justos e seus atos estão “nas mãos de Deus” (v. 1-3). Infelizmente, o Pregador conclui que “tudo sucede igualmente a todos: o mesmo sucede ao justo e ao ímpio” (v. 2); “a todos sucede o mesmo” (v. 3a); todos seguem “rumo aos mortos” (v. 3b). Esta reflexão é seguida por uma reflexão sobre as vantagens que os vivos têm sobre os mortos (v. 4-6). Ela contém um provérbio,[5] “mais vale um cão vivo que um leão morto” (v. 4b). Essas duas reflexões, uma nascendo da outra, talvez estejam unidas pela inclusio “amor/ódio” (v. 1,6).

A peça central deste texto de pregação é uma instrução com ordens para que se desfrute a vida tanto quanto possível (v. 7-10).[6] A unidade se encerra com outra reflexão (“vi ainda”), desta vez sobre os seres humanos serem dependentes do “tempo e do acaso” e sujeitos à morte repentina, inesperada (v. 11-12).

Encontramos paralelismo sinônimo em três dos imperativos:[7]

Come	Seu pão	Com alegria
Bebe	Seu vinho	Gostosamente
Desfruta	A vida	Com a mulher que amas

Metáforas são encontradas no verso 1, “as mãos de Deus” (o que também é um antropomorfismo), e no verso 10, “tua mão”, bem como no verso 4, o cão vivo e o leão morto. Símiles são encontradas no verso 12, “como os peixes... como os passarinhos”.

A repetição de palavras-chave pode nos ajudar a discernir a essência da passagem. Há referência ou alusão à “morte” em palavras como “mesmo” (v. 2,3), “mortos” (v. 3,4,5), “morrer” (v. 5), “além” (v. 10) e “tempo da calamidade” (v. 12). “Debaixo do sol” é mencionado quatro vezes (v. 3,6, 9,11). “não sabe”, “não há conhecimento” é repetido quatro vezes (1,5,10, 12). E, finalmente, há referência à alegria (v. 7) e alusão a ela por meio das expressões “gostosamente” (v. 7), “vestes brancas” e “óleo” (v. 8) e “goza” (literalmente, “vê”; v. 9). Em adição a estas palavras-chave, devemos observar que o modo imperativo é encontrado cinco vezes: “Vai”, “come”, “bebe”, “goza” e “faze” (v. 7,9,10).

Estrutura textual

As formas literárias novamente nos ajudam a discernir a estrutura textual:

I. Reflexão sobre o fato de o justo e o sábio estarem nas mãos de Deus (v. 1-3)

A. O justo e o sábio e seus atos estão nas mãos de Deus (v. 1a)

1. Se o que os aguarda é amor ou ódio, ninguém sabe (v. 1b)

B. Tudo o que os confronta é vaidade (v. 1c-2a)

1. Pois o mesmo sucede a todos (v. 2)

a. Ao justo e ao perverso

b. Ao bom e ao mau

c. Ao puro e ao impuro

d. Àqueles que sacrificam e àqueles que não sacrificam

e. Ao bom e ao pecador

f. Àquele que jura e àquele que teme um juramento

C. Este é o mal em tudo o que acontece debaixo do sol (v. 3)

1. O mesmo acontece a todos (v. 3a)

2. Além disso, o coração de todos está cheio de mal (v. 3b)

a. Loucura está em seu coração enquanto vivem

b. E depois seguem rumo aos mortos

II. Reflexão sobre as vantagens dos vivos sobre os mortos (v. 4-6)

A. Os vivos têm esperança (v. 4)

1. Pois um cão vivo é melhor que um leão morto

B. Os vivos sabem que vão morrer (v. 5a)

C. Mas os mortos (v. 5b-6)

1. Nada sabem

2. Não têm recompensa

3. Até mesmo sua memória é perdida

4. Todas as suas paixões já pereceram

a. Seu amor

b. Seu ódio

c. Sua inveja

5. Nunca terão novamente parte em tudo o que acontece

III. Instrução sobre como viver diante da morte certa (v. 7-10)

A. Vá! (v. 7)

1. Coma seu pão com alegria!

2. Beba seu vinho gostosamente!

a. Pois Deus há muito tempo aprovou o que você faz

3. Sejam alvas as suas vestes (v. 8)

Não falte óleo sobre a sua cabeça

4. Goze a vida com a mulher que ama (v. 9)

a. Todos os dias da sua vida breve debaixo do sol

i. Porque esta é a sua porção nesta vida pelo trabalho com que você se afatigou debaixo do sol

5. Faça conforme as suas forças (v. 10)

a. tudo o que lhe vier à mão para fazer

i. Pois, no Sheol, para onde você está indo,

(a) não há trabalho

(b) nem pensamento

(c) nem conhecimento

(d) nem sabedoria

IV. Reflexão sobre “tempo e acaso” (v. 11-12)

A. Observação de resultados inesperados debaixo do sol (v. 11a)

1. A corrida não é dos ligeiros

2. Nem a batalha, dos fortes

3. Nem o pão, dos sábios

4. Nem as riquezas, dos prudentes

5. Nem o favor, dos inteligentes

B. Tudo depende do tempo e do acaso (v. 11b)

1. Pois ninguém pode antecipar o tempo do desastre (v. 12)

2. Os mortais são apanhados com laço no tempo da calamidade

Quando ela repentinamente cai sobre eles

a. Como um peixe apanhado em uma rede traiçoeira

b. Como passarinhos pegos no laço

Interpretação teocêntrica

Neste texto de pregação, o Pregador menciona o nome de Deus somente duas vezes, mas as duas vezes ocorrem em momentos cruciais de seu argumento. Sua primeira reflexão é sobre o justo e seus atos “nas mãos de Deus” (v. 1). Neste ponto, entretanto, ele não vê muita diferença entre o justo e o ímpio, pois o mesmo destino, a saber, a morte, vem sobre ambos. No entanto, há vantagens em estar vivo: pode-se ter esperança, conhecimento e, acima de tudo, alegria. Por isso ele ordena aos seus leitores: “Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras” (v. 7).[8] O Pregador acrescenta no verso 9: “Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol”, isto é, durante todos os dias que lhe são dados por Deus.[9]

Tema e objetivo textual

Os versos 2-3 repetem que o mesmo destino, a saber, a morte, vem sobre todos. Os versos 5-6 descrevem em detalhes aquilo que os mortos não têm mais: “Os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol”. Com boa razão, Crenshaw intitula 9.1-10 “A sombra da morte”.[10] Mas a mensagem do Pregador não é que vivemos na sombra da morte. O foco de sua mensagem vem nos versos 7-10, “desfrute ao máximo os dias que Deus lhe dá”.[11] Os imperativos no texto requerem um imperativo na cláusula principal do tema. Se tivéssemos escolhido como nosso texto 9.1-10, o ponto da mensagem estaria no clímax e poderíamos formular o tema da seguinte forma: “Como vivemos na sombra da morte, desfrute ao máximo os dias que Deus lhe dá”.

Mas, como escolhemos como nosso texto 9.1-12, também temos que levar em conta os versos 11-12. Esses versos falam da imprevisibilidade da vida e do caráter inesperado da morte: “O homem não sabe a sua hora. Como os peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens no tempo da calamidade, quando cai de repente sobre eles” (v. 12). A passagem como um todo, então, parece ter uma estrutura quiástica:

A. Todos morremos, e os mortos não têm nada (v. 1-6)

B. Desfrute ao máximo os dias que Deus lhe dá (v. 7-10)

A’. A vida é imprevisível, e a morte pode chegar inesperadamente (v. 11-12)

O foco está no centro, B, mas precisamos acrescentar ao tema a ideia de A’, de que a vida é imprevisível e a morte pode chegar inesperadamente. Essas considerações levam à formulação do seguinte tema: Em vista da certeza da morte e da imprevisibilidade da vida, desfrute ao máximo os dias que Deus lhe dá.

Se possível, o objetivo do Pregador deve ser determinado pela colocação de sua mensagem (tema) em seu contexto histórico original. Se esse contexto foi, de fato, o tempo da expansão econômica internacional durante o governo dos ptolomeus, pode-se entender que esse tempo, como muitos outros, foi desumanizador para os indivíduos. Alguns procuram entender a mensagem do Pregador neste contexto: “A proposta do Qohelet afirma a vida real em oposição ao ritmo desumanizador do sistema Ptolomeu de elevar o valor de produção, que considera os seres humanos como objetos que produzem objetos, não como pessoas ou sujeitos completos”.[12]

Embora esse movimento seja possível, ele não faz justiça ao contexto específico oferecido pelo próprio texto: todos morreremos e não teremos nada; além disso, a morte pode nos alcançar repentina e inesperadamente. Como a cláusula principal do tema é uma ordem, o objetivo adequado não é ensinar nem encorajar, mas estimular. O objetivo, então, é: Estimular os leitores, tendo em vista a certeza da morte e a imprevisibilidade da vida, a desfrutar ao máximo os dias que Deus lhe dá.

Maneiras de pregar Cristo

Não há promessa da vinda do Messias nesta passagem, nem há um tipo de Cristo. Como a progressão histórico-redentiva e os temas longitudinais são entrelaçados, serão examinados juntos, e também verificaremos analogia, referências no Novo Testamento e contraste.

Progressão histórico-redentiva/temas longitudinais

O tema de que devemos desfrutar ao máximo a vida que Deus nos dá começa no paraíso, mas é interrompido pela Queda. A alegria de comer e beber, casar-se e trabalhar (Gn 2.15-25) mudou repentinamente para comer “no suor do rosto”, brigar pelo domínio no casamento, trabalhar para manter-se vivo, e morte certa (respectivamente, Gn 3.19a,16b,17c,19b). No entanto, em sua graça, o Senhor traz seu povo, Israel, para a terra que “era toda bem regada... como o jardim do Senhor” (Gn 13.10) – uma terra onde Israel poderia experimentar, em certa medida, as alegrias do paraíso: comunhão com o Senhor, comida e bebida, alegria no casamento e na família e satisfação no trabalho (veja cap. 3, acima, p. 72–73).

Por causa do pecado de Israel, Deus o enviou ao exílio, mas, em sua graça, permitiu que um remanescente retornasse. Deus prometeu que criaria “novos céus e nova terra”: “(...) folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo, regozijo. (...) plantarão vinhas e comerão o seu fruto. (...) os meus eleitos desfrutarão de todas as obras das suas mãos” (Is 65.17-21). No entanto, a certeza da morte permanecia. O Pregador usa essa certeza e a evidente finalidade da morte como pano de fundo para estimular seus leitores a desfrutar ao máximo a vida que Deus dá.

A história redentiva dá um salto com a vinda de Jesus a este mundo. Jesus ensina que a morte não é o fim, mas que há vida depois dela (veja “Progressão histórico-redentiva”, p. 226–27, acima). A morte e ressurreição do próprio Jesus provam isso. Mas a obrigação de desfrutar a vida que Deus dá ainda está em vigor. Na medida em que foi possível, por causa de sua missão, Jesus teve alegria em sua vida terrena: “Veio o Filho do Homem, que come e bebe”.[13] Jesus providenciou pão para que a multidão comesse (Jo 6.1-14) e transformou água em “bom vinho” para que as pessoas bebessem em uma festa de casamento (Jo 2.9-11).

Depois de sua ascensão, Jesus tornou possível a verdadeira alegria ao derramar o Espírito Santo. Lemos sobre a igreja depois de Pentecostes: “Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração” (At 2.46). “Singeleza de coração” indica que nossa alegria não pode derivar de egoísmo. Jesus ensina “a perspectiva do serviço. Serviço ao próximo – com o intuito de que ele também possa ter alegria na vida – significa fidelidade àquele que nos dá ordens”.[14] Esse serviço alegre aos outros faz com que nossa alegria seja completa um dia. Na parábola dos talentos, contada por Jesus, o mestre responde àqueles que tinham servido fielmente a ele: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (Mt 25.21,23; cf. 25.34-36, “Entrai na posse do reino que vos está preparado...”). Quando Jesus vier de novo, ele introduzirá “novo céu e nova terra”: “(...) a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap 21.4), e o povo de Deus receberá permissão para que “se alimente da árvore da vida, que se encontra no paraíso de Deus” (Ap 2.7; cf. 22.1-5,14).

Analogia

Também podemos procurar analogias entre as ordens do Pregador e o ensino de Jesus. O Pregador ensinou: “Goza a vida com a mulher que amas” (v. 9a). Ele não fosse casado, Jesus honrou o casamento com sua presença em uma festa de casamento em Caná e até transformou a água em vinho (Jo 2.1-11). O Pregador também ensinou: “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças; porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem

conhecimento, nem sabedoria alguma” (v. 10). Jesus, semelhantemente, ensinou: “É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar” (Jo 9.4).

Referências do Novo Testamento

Para Eclesiastes 9, o apêndice do Novo Testamento Grego apresenta duas referências. Para o verso 7, ele apresenta Atos 2.46: “Diariamente, perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração (...)” – verso que usamos na progressão histórico-redentiva, acima. Para o verso 8, ele apresenta Mateus 6.17, onde Jesus diz: “Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará”. Contudo, como o foco de Jesus não é a alegria, esta referência não é uma boa ponte de nosso texto de pregação para Cristo.

Em vez disso, podemos pensar em passagens nas quais Jesus fala de alegria. Por exemplo, em João 15.10-11, Jesus diz: “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor (...) Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo”. Ou podemos pensar em Paulo estimulando os cristãos a se alegrarem: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos” (Fp 4.4); “Regozijai-vos sempre. (...) porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1Ts 5.16-18).

Contraste

A posição do Pregador de que não sabemos se nossas experiências na vida são resultado do amor ou do ódio de Deus (9.1) está em contraste com os ensinos do Novo Testamento sobre o amor de Deus. O conhecido texto de João 3.16 afirma que “(...) Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. João afirma

que “Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado seu Filho ao mundo, para vivermos por meio dele” (1Jo 4.9). Ele também afirma claramente que “Deus é amor” (1Jo 4.16). Em Romanos 8.39, Paulo declara que nada, em toda a criação, “poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”. Entretanto, em possível continuidade com a posição do Pregador, o Novo Testamento ensina que “o Senhor corrige a quem ama” (veja 1Co 11.32; Hb 12.5-11; Ap 3.19).

A descrição totalmente negativa da morte por parte do Pregador (v. 5-6) também está em nítido contraste com o ensino do Novo Testamento. Jesus diz: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente” (Jo 11.25-26). Ele também ensina aos seus seguidores: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. (...) E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também” (Jo 14.2-3). Por causa da morte e ressurreição de Jesus, Paulo lida com a questão de o que é melhor para ele, a vida ou a morte. Ele escreve: “(...) de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (Fp 1.23).

Tema e objetivo do sermão

Formulamos o tema textual da seguinte forma: “Em vista da certeza da morte e da imprevisibilidade da vida, desfrute ao máximo os dias que Deus lhe dá”. Como o Novo Testamento aprofunda, mas não muda a mensagem específica do Pregador, o tema textual pode se tornar o tema do sermão: Em vista da certeza da morte e da imprevisibilidade da vida, desfrute ao máximo os dias que Deus lhe dá.

Com uma pequena mudança, o objetivo do pregador pode se tornar o objetivo do sermão: Estimular os ouvintes, tendo em vista a certeza da morte e a imprevisibilidade da vida, a desfrutar ao máximo os dias que Deus lhe dá. Este objetivo aponta para a necessidade tratada neste sermão: as pessoas não estão desfrutando ao máximo dos dias que Deus lhes dá.

Forma do sermão

A introdução do sermão pode apresentar a sua relevância expondo a necessidade tratada. No corpo do sermão, expomos o significado das partes e o tema do texto de pregação. Se nosso texto de pregação fosse 9.1-10, a forma do sermão poderia usar desenvolvimento indutivo, simplesmente seguindo o texto de suas premissas de que todos morremos e os mortos não têm nada (v. 1-6) até sua conclusão (tema): “Desfrute ao máximo os dias que Deus lhe dá” (v. 7-10). Mas como escolhemos como nosso texto 9.1-12, temos mais opções para a forma do sermão. Ainda podemos usar o desenvolvimento dedutivo se reorganizarmos o texto:

I. Todos morremos, e os mortos não têm nada (v. 1-6)

II. A vida é imprevisível, e a morte pode chegar inesperadamente (v. 11-12)

III. Desfrute ao máximo os dias que Deus lhe dá (v. 7-10)

Ou podemos seguir a ordem do texto para usar o desenvolvimento indutivo/dedutivo:

I. Todos morremos, e os mortos não têm nada (v. 1-6)

II. Desfrute ao máximo os dias que Deus lhe dá (v. 7-10)

III. A vida é imprevisível, e a morte pode chegar inesperadamente (v. 11-12)

Na apresentação a seguir, usaremos uma terceira opção que consiste de desenvolvimento indutivo/dedutivo (indutivo v. 1-6 ao tema nos v. 7-10, depois indutivo v. 11-12 para o tema no Novo Testamento):

I. Todos morremos, e os mortos não têm nada (v. 1-6)

II. Desfrute ao máximo os dias que Deus lhe dá (v. 7-10)

III. a vida é imprevisível, e a morte pode chegar inesperadamente (v. 11-12)

IV. Desfrute ao máximo os dias que Deus lhe dá (Novo Testamento)

A conclusão deve se harmonizar com o objetivo do sermão.

Exposição do sermão

Muitas pessoas hoje vão à igreja com pouca alegria. Elas estão ansiosas sobre economia: preocupadas com a possibilidade de serem demitidas; preocupadas com a possibilidade de perderem a casa; iradas com o alto preço do gás; algumas perguntam de onde virá sua próxima refeição. Outros estão ansiosos com sua saúde: o câncer voltará? Um AVC me deixará paralisado? Será encontrado um doador compatível comigo a tempo? Outros, ainda estão ansiosos com a morte: Ela será muito sofrida? Estou pronto para comparecer perante o Criador? Quem cuidará das crianças?

A ansiedade consome a alegria que a vida pode dar. A ansiedade mata a alegria viva! Isso é tão verdadeiro hoje quanto no tempo em que o Pregador escreveu Eclesiastes. Nos capítulos 7 e 8, o Pregador lidou com a questão de por que coisas ruins acontecem a pessoas boas e por que coisas boas acontecem a pessoas ruins. Como um Deus justo pode permitir que isso aconteça? Ele terminou o capítulo 8 com a conclusão de que ninguém pode compreender toda a obra de Deus; "(...) ainda que diga o sábio que a virá a conhecer, nem por isso a poderá achar". Então ele começa o capítulo 9 mencionando "(...) todas estas coisas (...)" – isto é, que o justo às vezes sofre, enquanto o ímpio prospera, e que não conseguimos entender os caminhos de Deus[15] – "Deveras me apliquei a todas estas coisas para claramente entender tudo isto: que os justos, e os sábios, e os seus feitos estão nas mãos de Deus; e, se é amor ou se é ódio que está à sua espera, não o sabe o homem".

Não importa o quanto sofram neste mundo, "os sábios e os seus feitos estão nas mãos de Deus". O mal que atinge pessoas boas não está fora do controle de Deus. Deus é soberano. Deus estabelece os tempos: "tempo de nascer e tempo de morrer" (3.2). Deus está no controle. Então, quando o povo de Deus sofre, é um pensamento desconcertante, mas consolador, que "os justos, e os sábios, e os seus feitos estão nas mãos de Deus". Eles estão sob os cuidados de Deus.[16]

O problema é, continua o Pregador, que "se é amor ou se é ódio que está à sua espera, não o sabe o homem". Isso quer dizer que os justos e os sábios não

sabem se o que receberão é resultado do amor de Deus, do favor de Deus, ou do ódio de Deus, da ira de Deus. Eles não sabem por que também sofrem coisas dolorosas na vida. Às vezes, sofrem terrivelmente: como o Pregador diz em 8.14, a eles “sucede segundo as obras dos perversos”. Às vezes, morrem jovens, como o Pregador observou em 7.15: perecem “na sua justiça”. Olhando para o que experimentamos na vida, não podemos dizer se Deus nos ama ou está irado conosco.[17]

O Pregador continua, no fim do verso 1: “Tudo que os confronta é vaidade”,[18] isto é, não faz sentido.* Então ele explica, por uma série de contrastes, por que nossas experiências na vida não fazem sentido: “Tudo sucede igualmente a todos: o mesmo [isto é, a morte][19] sucede ao justo e ao perverso; ao bom, ao puro e ao impuro; tanto ao que sacrifica quanto ao que não sacrifica; ao bom como ao pecador; ao que jura como ao que teme o juramento”.[20]

“Tudo sucede igualmente a todos”. Esse grande inimigo, a morte, captura todas as pessoas: boas e más.[21] Morais ou imorais, religiosos ou profanos, todos morremos da mesma forma.[22]

No verso 3, o Pregador explode: “Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol: a todos sucede o mesmo”. Não é mau que pessoas boas e pessoas más sofram a tragédia da morte? Podemos sentir sua afronta.

Mas o Pregador acrescenta: “(...) também o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem; depois, rumo aos mortos”. Quando ele diz que “também o coração dos homens está cheio de maldade”, está dando uma razão pela qual todos morrem?[23] Ele pode estar pensando na observação de Deus antes de enviar o dilúvio: “Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração” (Gn 6.5). Como o Senhor viu que o coração humano estava cheio de maldade, ele disse: “Farei desaparecer da face da terra o homem que criei” (Gn 6.7).

Talvez o Pregador esteja pensando em algo ocorrido ainda antes, no paraíso, onde Deus deu apenas um mandamento: “(...) da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17). Adão e Eva desobedeceram ao mandamento – e a morte veio: “(...) tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3.19). Como todos herdamos essa má disposição de desobedecer a Deus, todos merecemos morrer. Os chamados justos

(cf. 7.20) e os ímpios merecem morrer.

O Pregador diz: “(...) nele há desvarios, enquanto vivem”. É loucura desafiar nosso Deus e Criador. “(...) depois, rumo aos mortos”.[24] A vida de todas as pessoas será eliminada repentinamente – e elas vão morar com os mortos. Este é um quadro sombrio do destino de todas as pessoas.

Não obstante, há vantagens em estar vivo. O Pregador escreve, no verso 4: “Para aquele que está entre os vivos há esperança; porque mais vale um cão vivo do que um leão morto”. Os vivos têm esperança[25] de que possam experimentar um pouco da alegria de que o Pregador tanto fala. Hoje expressamos essa esperança em um provérbio: “Onde há vida, há esperança”. O Pregador também usa um provérbio para fortalecer seu argumento de que os vivos têm esperança: “Mais vale um cão vivo do que um leão morto”. No antigo Oriente Próximo, um cachorro não era um animal de estimação, mas um comedor de carniça desprezado e impuro.[26] Hoje podemos pensar em um rato – uma criatura repugnante. Em contraste, o leão, assim como hoje, era admirado como rei do mundo animal. Agora o Pregador diz que os vivos têm esperança, pois um comedor de carniça vivo é melhor que um leão morto. Em outras palavras, até mesmo a vida de um cachorro é melhor que a morte; até mesmo uma vida miserável é melhor que a morte, pois os vivos têm esperança.

Além disso, o Pregador diz, no verso 5: “(...) os vivos sabem que hão de morrer,[27] mas os mortos não sabem coisa nenhuma”. Os vivos têm “consciência”, “os vivos são autoconscientes”,[28] eles “sabem que morrerão, mas os mortos não sabem nada”. Além disso, os mortos não têm recompensa: não têm nada pelo que esperar; eles não têm futuro. “A sua memória jaz no esquecimento”: suas realizações são esquecidas pelos que viverem depois. Eles não têm passado nem futuro. É como se nunca tivessem vivido.

Verso 6: “Amor, ódio e inveja para eles já pereceram (...)”; isto é, suas paixões[29] – seu amor, ódio e inveja – foram extintas. “(...) para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol”. Provavelmente esta é a mais completa descrição bíblica que se faz dos mortos: eles se foram; não há recompensa; logo são esquecidos; suas paixões pereceram; não têm mais parte na vida.

Contra este pano de fundo sombrio de morte, o Pregador tem alguns conselhos importantes para os vivos. Verso 7: “Vai, pois, come com alegria o teu pão e

bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras". O Pregador nos encorajou antes a desfrutar a vida que Deus nos dá, mas aqui ele é mais urgente. Não podemos desperdiçar um dia sequer. Ele expressa a urgência colocando seu conselho na forma de ordens: "Vai! Come! Bebe! Goza! Faze!".

A primeira ordem é "Vai!". É um chamado para despertar. Não há tempo a perder. Pare de reclamar! Pare de alimentar sua ira! Pare de resmungar sobre seus problemas! Dê um fim na sua ansiedade! "Vai!".[30]

A segunda ordem do Pregador é: "Come com alegria o teu pão". Não faça suas refeições com pressa. Não engula sua comida como um porco. Deus nos fez de tal modo que não apenas precisamos de comida para viver, mas também podemos nos alegrar por ela. Ele nos deu uma rica variedade de frutas, legumes e cereais deliciosos. "Come com alegria o teu pão!"

"Bebe gostosamente o teu vinho". Deus também nos deu uma rica variedade de bebidas. Em Israel, o vinho era a favorita. Em outros países, pode ser o café ou o chá. O ponto não é que devemos necessariamente beber vinho, mas que devemos beber gostosamente. "Bebe teu vinho gostosamente".

Algumas pessoas pensam que este conselho é semelhante ao slogan pagão: "Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos" (Is 22.13; 1Co 15.32). Mas esse slogan é raso e egoísta. O conselho do Pregador é muito mais profundo. Ele escreve, no verso 7: "Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras". Há muito tempo, Deus aprovou nosso prazer de comer e beber. O Pregador provavelmente está pensando no relato da criação.[31] Deus colocou as primeiras criaturas humanas em um belo jardim e lhes deu muitas plantas e frutos para alimento (Gn 1.29; 2.16). Em outras palavras, Deus não apenas criou os seres humanos com a necessidade de alimento, mas deu alimento com grande variedade para seu prazer. O salmo 104.15 afirma: "[o Senhor dá] o vinho, que alegra o coração do homem, o azeite, que lhe dá brilho ao rosto, e o alimento, que lhe sustém as forças"; assim, se temos prazer em nosso alimento, Deus aprova. Há muito tempo Deus aprovou, porque ele nos criou para desfrutarmos de comida e bebida. Deus tem prazer quando temos prazer em suas provisões.[32]

O Pregador continua, no verso 8: "Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça". Em um clima quente, vestes brancas

refletiam a luz do sol, e o óleo impedia o ressecamento da pele. Aqui, vestes brancas e óleo simbolizam alegria.[33] Quando as pessoas estavam aflitas, demonstravam isso usando sacos e colocando cinzas sobre a cabeça (veja 2Sm 13.19). Quando estavam alegres, usavam roupas brancas e colocavam óleo sobre a cabeça.[34] Em nossa cultura, podemos demonstrar alegria usando roupas coloridas, fazendo um bonito penteado e tendo um belo sorriso no rosto.

No verso 9, o Pregador se torna mais específico: "Goza[35] a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol; porque esta é a tua porção[36] nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol". "Goza a vida com a mulher que amas". Novamente, o Pregador pode estar pensando no primeiro jardim, onde Deus fez a mulher como companheira para o homem para intimidade mútua, para se tornarem "uma só carne" (Gn 2.18-25).[37]

Iain Provan nos lembra que "sempre houve dentro da tradição cristã uma tendência asceta que entende a verdadeira espiritualidade como envolvendo a abstenção das coisas criadas" (por exemplo, comida, vinho, sexo), em vez da alegria por essas coisas e ação de graças a Deus, que nos abençoou com elas... [O Pregador] nos ajuda a ver que esta, não aquela, é a verdadeira espiritualidade".[38] Desfrutar das boas dádivas de Deus é a verdadeira espiritualidade.

O Pregador acrescenta mais uma ordem, verso 10: "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma". O além (sheol) é a morada dos mortos. Assim, o Pregador lembra aos seus leitores novamente que a morte os espera. "No além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma". Ainda mais, deve-se fazer "conforme as tuas forças" "tudo quanto te vier[39] à mão" (cf. Sl 6.5; 30.9). "Tudo quanto te vier à mão para fazer" refere-se à oportunidade. "Se tiver a oportunidade de fazer alguma coisa, faça agora, porque não se sabe o que o futuro trará".[40] Para o Pregador, trabalho duro é parte da alegria da vida.[41] Deus nos criou para trabalhar (Gn 2.15). Assim, intencionalmente, o trabalho deve nos dar satisfação e alegria. Diante da certeza de nossa morte, portanto, o Pregador nos orienta a aproveitar o dia: "Come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho"; "goza a vida com a mulher que amas"; e "tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças".

Nos versos 11 e 12, o Pregador passa a tratar da imprevisibilidade da vida e a da morte. “Vi ainda debaixo do sol que não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória, nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes, o favor; porém tudo depende do tempo e do acaso”.

Ele observa que a vida humana é imprevisível. É de se esperar que uma corrida seja vencida pelos ligeiros. Mas o Pregador escreve: “Não é dos ligeiros o prêmio”. Coisas inesperadas podem acontecer. A pessoa mais rápida em uma corrida pode tropeçar ou ter um problema muscular e ser derrotada.[42] Em Jogos Olímpicos recentes, esperava-se que uma americana, Lola Jones, fosse medalhista de ouro na corrida com obstáculos. Ela era conhecida como a mais rápida do mundo. Mas ela tropeçou no nono obstáculo e foi derrotada, ficando não em primeiro lugar, mas em sétimo. “Não é dos ligeiros o prêmio”. A vida é imprevisível.

O Pregador oferece um segundo exemplo: “Nem dos valentes, a vitória”. Golias era grande e forte. Ele tinha vencido muitas batalhas para os filisteus. Ele desafiou Israel a enviar seu soldado mais forte. Veio o pequeno Davi, o menino pastor, sem armadura – somente uma funda e algumas pedras. Ele atingiu Golias na testa. O poderoso Golias morreu. A batalha nem sempre é vencida pelos fortes. Há exceções. A vida é imprevisível.

Desses exemplos de proezas físicas, o Pregador passa a três exemplos de superioridade intelectual: “Nem tampouco dos sábios o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes, o favor”. Os sábios podiam ser artesãos ou professores.[43] Pode-se pensar que os professores tivessem o pão, isto é, bom meio de vida. Provérbios 3.16 comenta sobre a sabedoria: “O alongar-se da vida está na sua mão direita, na sua esquerda, riquezas e honra”. Mas há exceções. A vida é imprevisível.

“Nem ainda dos prudentes, a riqueza”. É de se esperar que os prudentes, isto é, os habilidosos financistas e empreendedores,[44] sejam ricos. Mas novamente há exceções. “Nem dos inteligentes, o favor”. Os inteligentes são, “literalmente, aqueles que sabem como fazer alguma coisa”.[45] Espera-se que as pessoas sempre apreciem os inteligentes. Mas há exceções.

Por que há tantas exceções às nossas expectativas? Esperamos que o ligeiro vença a corrida; o valente vença a batalha; sábios professores tenham bom

salário; empreendedores prudentes sejam ricos; e pessoas inteligentes sejam apreciadas. Por que há tantas exceções às nossas expectativas?

O Pregador responde, no fim do verso 11: “Tudo depende do tempo e do acaso”. O problema é “tempo e acaso”.[46] Literalmente, ele diz que o problema é “um tempo e um incidente”, ou um “incidente oportuno”. Hoje, diríamos que é um “acidente”.[47] Já vimos que não podemos controlar os tempos: “Tempo de nascer e tempo de morrer” (3.1-15). Mas também não podemos controlar os acidentes. Acidentes acontecem: corredores podem tropeçar, valentes podem ser superados, professores sábios podem ser demitidos, empreendedores podem ir à bancarrota e pessoas inteligentes podem cair no desfavor. O ponto é: não temos controle total do nosso destino. Acidentes podem nos fazer errar o alvo. A vida é imprevisível.

“Pois”, continua o Pregador, no verso 12, “o homem não sabe a sua hora.* Como os peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens no tempo e na calamidade, quando cai de repente sobre eles”. Não somente a vida é imprevisível; a morte também é. O Pregador associa esse tempo de desastre a peixes apanhados na rede. No oriente, os pescadores geralmente usavam redes redondas. De seus barcos, ou mesmo de pé na água, perto da praia, eles jogavam uma rede redonda para o ar. A rede parecia pairar no ar por um momento; então, de repente, caía na água sobre peixes descuidados. Um tempo de desastre para peixes que não suspeitavam de nada.

O tempo do desastre também é como “os passarinhos que se prendem com o laço”. Um laço simples consiste de um laço fixado no chão ou preso a uma árvore. Os passarinhos se alimentam de sementes no chão. Eles relaxam porque não há predadores por perto. Um deles esbarra no laço e é pego pelo pescoço. Tempo de desastre. Pego em um laço.

“Como peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens no tempo da calamidade, quando cai de repente sobre eles”. De repente, a morte pode nos alcançar. De repente, a rede pode cair sobre nós; somos pegos no laço – e a vida termina.

Com não apenas a certeza da morte em vista, mas também sua imprevisibilidade e seu caráter repentino, o Pregador nos orienta ainda mais a desfrutar a vida que

Deus nos dá. Como todos morremos e a morte pode nos alcançar repentina e inesperadamente, desfrute ao máximo os dias que Deus lhe deu.

O Novo Testamento, é claro, ensina que a morte não é o fim, mas um novo começo – nossa entrada na vida eterna. Mas isso não altera a mensagem de que devemos desfrutar os dias que Deus nos dá neste mundo. O próprio Jesus desfrutou de comida e bebida (Mt 11.18-19). Em várias ocasiões, Jesus deu pão para que as multidões desfrutassem (Mt 14.13-21; 15.32-39). Ele até mesmo transformou água em vinho para que as pessoas desfrutassem de uma festa de casamento (Jo 2.9-11).

Jesus também nos ensina a não nos preocuparmos com comida e bebida. A preocupação com de onde virá a próxima refeição mata toda alegria. Jesus nos orienta a não nos preocuparmos: “(...) não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? (...) vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.31-33).

Como comida e bebida são dádivas do nosso Pai celestial, devemos desfrutar disso. Se não desfrutarmos das dádivas de Deus, desonraremos o doador. Então seremos como crianças que recebem presentes no Natal, abrem o embrulho e simplesmente colocam os presentes de lado. Os cristãos primitivos entenderam bem isso. Lemos em Atos 2.46: “Diariamente, perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração”.

Não somente devemos desfrutar de nossa comida e bebida, mas também devemos desfrutar a vida com nosso cônjuge. Jesus honrou o casamento estando presente em uma festa de casamento em Caná (Jo 2.1-11). Paulo nos ordena: “Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5.25).

E, finalmente, também devemos desfrutar do nosso trabalho e fazê-lo conforme as nossas forças. O Pregador nos motivou a trabalhar com disposição porque “no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma”. Jesus diz algo similar. Ele diz: “É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar” (Jo 9.4). Jesus tem em mente a noite, as trevas da morte, que logo o alcançarão, bem como aos seus discípulos. A menos que o Senhor retorne

primeiro, todos morreremos. Jesus diz que antes que nossa hora chegue devemos realizar as obras que Deus nos confiou. Paulo acrescenta: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo” (Cl 3.23-24).

Como Jesus morreu e ressuscitou para nos salvar da escravidão ao pecado e nos reconciliar com Deus, podemos começar a viver como Deus quis no princípio: desfrutando de nossa comida e bebida, desfrutando de nossa vida com o cônjuge e desfrutando do nosso trabalho. Paulo nos ordena: “(...) quer comais quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31).

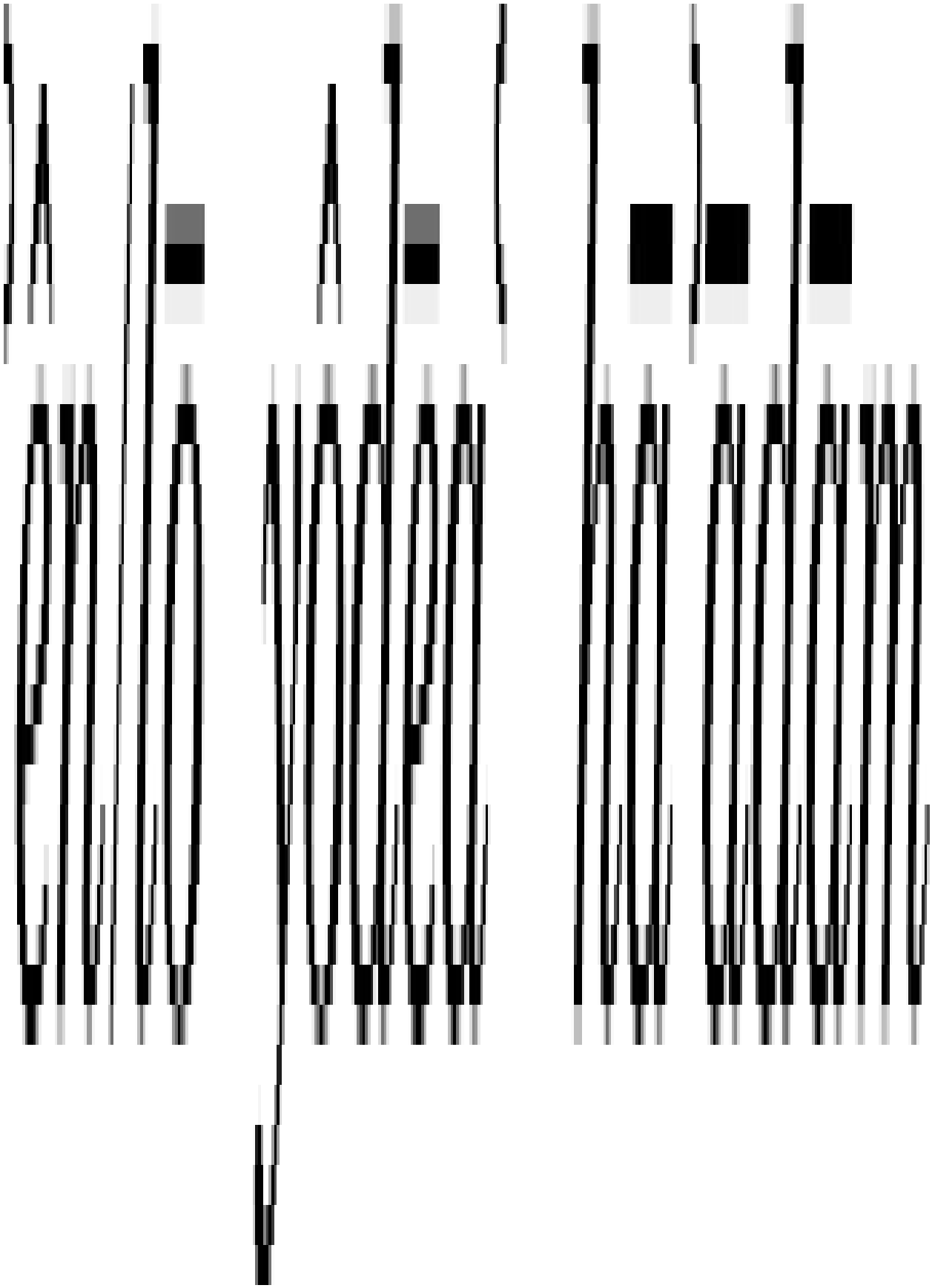
Infelizmente, muito frequentemente dissipamos nossos dias com coisas sem sentido: ressentimentos, discussões mesquinhas, frustrações, ira, preocupações e outras coisas mais. Desperdiçamos nossos dias como se houvesse um suprimento ilimitado. Você já deve ter ouvido falar de pessoas que ouvem do médico que têm apenas alguns meses de vida. Repentinamente, sua perspectiva de vida muda. Elas vivem cada dia como se fosse o último, tentam viver cada dia de forma plena.[48]

Quando o secretário da Casa Branca Tony Snow voltou ao trabalho depois de cinco semanas de tratamento de câncer, ele disse: “Nem todos sobreviverão ao câncer. Mas, por outro lado, vocês precisam perceber que receberam o dom da vida, por isso, aproveitem-na ao máximo”.[49] Tony morreu um ano depois, aos 53 anos. Cada dia pode ser o último. Portanto, devemos desfrutar ao máximo cada dia. Devemos nos lembrar, toda manhã, ao despertar: “Este é o dia que o Senhor fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele” (Sl 118.24).[50]

---

[1] Whybray, Ecclesiastes, 139.

[2] E.g., Ogden, Qoheleth, 155: “Mais óbvia é a inclusão



(9.1,12). Um segundo fator é o uso de em 9.3, 12, qualificando o destino humano".

[3] Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, 332.

[4] Veja Murphy, Wisdom Literature, 144-45.

[5] Crenshaw, Ecclesiastes, 161.

[6] "Os versos 7-10 deste capítulo oferecem a mais longa sequência de verbos imperativos, a mais longa seção de instrução em todo o livro de Eclesiastes". Limburg, Encountering Ecclesiastes, 107.

[7] Garcia Bachmann, "A Study of Qoheleth (Ecclesiastes) 9:1-12", International Review of Mission 91 (2002) 387.

[8] Muitos comentaristas se referem a surpreendentes semelhanças entre as recomendações do Pregador sobre a alegria e o Épico de Gilgamesh e antigas fontes egípcias. Contudo, Von Rad, Old Testament Theology, Vol. I, p. 457, observa: "Apesar de sua conformidade com declarações semelhantes de antigas fontes egípcias, estas máximas de Eclesiastes devem ser distinguidas radicalmente daquele hedonismo geralmente quase cínico... Pois seus conselhos que recomendam uma aceitação e desfrute do possível em cada caso contêm um ponteiro para Deus: elas são, de fato, apenas máximas que colocam a ação humana com uma direitura quase surpreendente em conexão com a vontade positiva de Deus – 'Deus... se agrada' (Ec 9.7b)".

[9] No original, passivo divino, "todos os dias de tua vida fugaz que te são dados", veja p. 180, acima.

[10] Crenshaw, Ecclesiastes, 158.

[11] Veja ibid., 162, sobre verso 7: "Agora ele passa para imperativos... comunicando maior noção de urgência da reflexão do Qohelet sobre o poder da morte para extinguir emoções poderosas". Seow, Ecclesiastes, 302, acrescenta: "A afirmação de que os mortos para sempre não têm parte em coisa alguma (v. 6) é respondida pela afirmação de que a alegria é a porção dos vivos (v. 9)".

[12] E.g., Elsa Tamez ed Gloria Kinsler, "Ecclesiastes: A Reading from the

Periphery", Int 55/3 (2001) 250-59, especificamente 258.

[13] Mateus 11.18-19: "(...) veio João, que não comia nem bebia, e dizem: Tem demônio! Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores! Mas a sabedoria é justificada por suas obras".

[14] Loader, Ecclesiastes, 111.

[15] Fox, A Time to Tear Down, 290: "O inicial é um particípio causal indefinido que explica por que o que vem antes é dito, em vez de por que o que vem antes é verdadeiro".

[16] "Nas mãos de Deus" "é uma conhecida expressão que significa 'à disposição de' (Gn 14.20; 16.6, etc.), 'sob a supervisão de' (Gn 9.2, etc.), ou 'aos cuidados de' (melhor sentido aqui. Et 2.3,8; Jó 12.10; Sl 31.5, etc.)". Eaton, Ecclesiastes, 124. Cf. Seow, Ecclesiastes, 298: "Estar 'nas mãos de Deus' é estar sujeito ao poder de Deus (veja Pv 21.1; Dt 33.3; Sab 3.1)".

[17] Seow, Ecclesiastes, 298, argumenta que "amor ou ódio" refere-se a "suas obras", os feitos dos justos e dos sábios. Mas Kidner, Time to Mourn, 81, nota 1, argumenta que "a ênfase na inescrutabilidade de Deus em 8.17, imediatamente antes deste verso, torna mais provável (e mais relevante para o argumento) que a atitude de Deus, não a do homem, esteja em vista aqui". Cf. Murphy, Ecclesiastes, 90: "Não se pode saber, por experiência, pelo modo como as coisas funcionam, a quem Deus verdadeiramente ama, pois o mesmo tratamento é dado ao justo e ao ímpio (v. 2-3)". Cf. Fox, Ecclesiastes, 61: "Estas são emoções de Deus, não humanas. Olhando para a distribuição injusta de destinos, não se pode entender o favor nem o desfavor de Deus. A psicologia divina é opaca, como é mostrado, por exemplo, pela distribuição injusta de destinos, descrita em 8.14".

[18] O hebraico traz "tudo o que os confronta é tudo" (veja nota de rodapé da NRSV). A Septuaginta e outras traduções mudaram o segundo "tudo", para , "vaidade".

* A ARA, neste ponto, traz "tudo lhe está oculto no futuro" (N. do T.).

[19] "Aqui o Qohelet não está se referindo a injustiças nesta vida, mas à morte como o grande nivelador". Whybray, Ecclesiastes, 141. Veja Eclesiastes 2.14-16.

[20] Os comentaristas discordam sobre se o “que teme o juramento” é bom ou mau. Seguindo padrão na série de bom seguido de mau, alguns, como Eaton, Ecclesiastes, 125, e Provan, Ecclesiastes, 180, argumentam que temer o juramento deve ser algo mau. Mas Crenshaw, Ecclesiastes,160, argumenta que o último par é uma exceção, “que pode ter sido invertida pelo princípio de concluir com um tom favorável, mas mais provavelmente é apenas uma variação de estilo”. Assim, temer o juramento seria algo bom e estaria em harmonia com a advertência anterior do Pregador de não fazer um voto precipitadamente (5.5). De qualquer forma, como esta questão não é o foco do Pregador, mas sim que todos, sejam bons ou maus, morrem, eu não levantaria essa questão no sermão.

[21] “Exatamente como em 2.13-14 há afirmações contrastantes para abranger toda a variedade da humanidade, em 9.2, a série de contraste é um mecanismo literário que enfatiza a universalidade da morte”. Ogden, Qoheleth, 145.

[22] Kidner, Time to Mourn, 82.

[23] Muitos comentaristas, por exemplo, Loader, Ecclesiastes, 108, e Seow, Ecclesiastes, 304, argumentam que o fato de que pessoas boas e más morrem faz o coração de todos ser cheio de maldade. Em outras palavras, por que ser justo quando todos morrem de qualquer maneira? Eles apontam para o suposto paralelo em 8.11, no qual a demora no julgamento conduz a mais mal. Mas o argumento de que a demora do julgamento conduz a mais mal é totalmente diferente de um argumento de que o mesmo julgamento leva todos a serem maus. Isto, como vemos na história, simplesmente não é verdade. O Pregador nunca desiste da distinção na vida entre o justo e o ímpio.

[24] Whybray, Ecclesiastes, 141. Cf. Longman, Book of Ecclesiastes, 227: “A sintaxe abrupta no fim do verso é intencional e reflete o caráter repentino da morte no meio da vida”.

[25] Esta mesma palavra, , é traduzida como “confiança” em 2Reis 18.19 (par. Is 36.4). Muitos comentarisatas, por exemplo, Fox, Qohelet, 258, negam que a palavra implique esperança, como expresso na NRSV e na TNIV. Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 331, n. 207, por outro lado, defende que “ e seus cognatos sempre têm o sentido positivo de esperança, segurança ou confiança sobre o futuro. Veja A. Jepsen, , TDOT 2:88-94”.

[26] “O cão... era um comedor de carniça desprezado (Êx 22.31; 1Rs 14.11),

notório por sua impureza (Pv 26.11); um provérbio sumério afirma: “aquele que estima altamente os cães que são espertos é um homem que não tem vergonha”. Eaton, Ecclesiastes, 126.

[27] Como esta afirmação segue aquela que diz que os vivos têm “confiança”, alguns comentaristas, por exemplo, Crenshaw, Ecclesiastes, 161, interpretam-na como “ironia”: “Embora muitos comentaristas interpretem esse conhecimento teórico como positivo, as palavras do Qohelet parecem irônicas”. Cf.Loader, Ecclesiastes, 109.

[28] Longman, Book of Ecclesiastes, 228.

[29] O Pregador vê “amor, ódio e inveja” (ou, mais provavelmente, rivalidade pelo sucesso na vida – cf. 4.4)... como as fortes paixões que, admiráveis ou não, formam a mola principal das atividades humanas. É melhor participar do fermento estimulante da vida do que estar morto, sem paixões e sem atividades”. Whybray, Ecclesiastes, 143.

[30] O Pregador “orienta seus leitores a abraçarem o bem na vida antes que seja tarde, a agarrar o dia antes que a morte o agarre”. Brown, Ecclesiastes, 93.

[31] “De antemão” ou “já”: “Isto pode significar que o prazer nos dons de Deus é algo que já foi decretado desde o início (cf. 5.18 [MT 17], ‘porque esta é a sua porção’)”. Whybray, Ecclesiastes, 144.

[32] “(...) tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável” (1Tm 4.4). Cf. Ogden, Qoheleth, 152: “Deus quer que desfrutemos de suas provisões básicas, pois ele é aquele que provê (cf. 2.24 etc.)”.

[33] Vestes brancas são usadas pela igreja triunfante como sinal de alegria (Ap 3.4,5; 7.9). Sobre o óleo como símbolo de alegria, o salmo 45.7 fala de Deus ungindo o rei com “óleo de alegria”. Cf. Isaías 61.3, “óleo de alegria, em vez de pranto”, e salmo 23.5, “unges-me a cabeça com óleo; o meu cálice transborda”.

[34] Jesus ensinou seus seguidores a usarem óleo sobre sua cabeça mesmo quando jejuassem para que o jejum não se tornasse uma demonstração pública. “Quando jejuardes, não vos mostrareis constristados como os hipócritas (...) Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto” (Mt 6.16-18). Veja também Lucas 7.46: “Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés”.

[35] Hebraico , “vê”. “Em 2.1 e 3.13, em que seu significado é da mesma ordem que aqui, a noção de buscar ou procurar prazer naquilo que se faz é marcada pela adição do adjetivo , “bom”. Embora neste presente caso seja omitido, o sentido de buscar prazer pode ser detectado”. Ogden, Qoheleth, 153. O contexto imediato certamente requer a tradução “alegre-se”.

[36] “As pessoas devem gozar a vida precisamente porque ela é efêmera. Esta, diz o Pregador, é a porção da humanidade na vida (v. 9), uma porção que os mortos não têm mais (v. 6). Esta é a diferença entre os vivos e os mortos: os vivos ainda têm uma porção (a possibilidade de alegria), os mortos, não”. Seow, Ecclesiastes, 306.

[37] Cf. Provérbios 5.18: “Alegra-te com a mulher da tua mocidade”.

[38] Provan, Ecclesiastes, 185-86. Na igreja primitiva, o apóstolo Paulo se opôs veementemente àqueles que “proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos, com ações de graças... pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável” (1Tm 4.3-4).

[39] “O jogo sobre a impossibilidade de encontrar uma explicação do universo em larga escala em todos os capítulos precedentes é óbvio. Se a realidade da morte deve estabelecer o contexto para a vida (7.1-12), então ‘encontrar’ deve ser dirigido aos assuntos da própria vida”. Ibid., 182. A tradução usada pelo autor diz “tudo o que tua mão encontrar para fazer” (N. do T.).

[40] Longman, Book of Ecclesiastes, 231, com crédito a Hengstenberg, Commentary on Ecclesiastes, 216. Para a mesma expressão, veja Juízes 9.33; 1Samuel 10.7.

[41] “Para o sábio bíblico, o trabalho é tanto parte integrante da alegria quanto da porção limitadora da humanidade (veja também 2.24a; 3.13a,22; 5.18 [heb. v.7]; 8.15b..)... Como o Qohelet coerentemente afirma, o valor do trabalho não é derivado do ganho que pode produzir, mas é encontrado na própria realização do trabalho, no desafio de se fazer um trabalho formidável”. Brown, Ecclesiastes, 95. Veja também Brown, “Whatever Your Hand Finds to Do”, Int 55/3 (2001) 282.

[42] Comentaristas advertem que o Pregador pode ter tido em mente não um atleta, mas um mensageiro, já que os jogos gregos foram introduzidos na Palestina em

data posterior. Mas Crenshaw, Ecclesiastes,164, observa que o Pregador “pode ter ouvido falar sobre essas corridas antes de elas fazerem parte da vida judaica”. Certamente, para uma audiência contemporânea, a imagem de uma corrida contemporânea (olímpica) seria mais vívida.

[43] Murphy, Ecclesiastes, 93.

[44] Whybray, Ecclesiastes, 146.

[45] Ibid.

[46] “Acaso” como tradução de é uma escolha infeliz, pois esta palavra conota uma força impessoal e aleatória, enquanto o Qohelet deixa claro, em todo o livro, que o destino humano está basicamente nas mãos de Deus, não importa o quanto os acontecimentos nos pareçam casuais e impessoais. A forma verbal significa “encontrar”. Um é simplesmente algo que encontramos no caminho da vida – uma circunstância ou situação sobre a qual não temos controle”. Provan, Ecclesiastes,183, nota 2.

[47] Seow, Ecclesiastes, 321. O termo técnico para duas palavras que expressam uma ideia é “heníade”.

* A tradução usada pelo autor traz “ninguém sabe quando vem a hora do desastre” (N. do T.).

[48] Lembro-me claramente da história do Dr. Tony Brouwer (1917-1971), do Calvin College, ocorrida há quase cinquenta anos. Depois que foi diagnosticado com um câncer incurável, mudou seu estilo de vida e permitiu que fosse feito um filme de seus últimos dias de vida e também de seu funeral. Os pregadores que puderem incluir em seu sermão uma história desse tipo, de uma pessoa conhecida na comunidade, terão uma poderosa confirmação da mensagem do Pregador.

[49] Citado em Time, 28 de julho de 2008.

[50] Meu sermão baseado nesta pesquisa é encontrado no Apêndice 4.

CAPÍTULO 13

Por causa do dano infligido

pela insensatez, seja sábio!

Eclesiastes 9.13–10.20

Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra,

mas um só pecador destrói muitas coisas boas.

(...) a sabedoria resolve com bom êxito.

(...) Nas palavras do sábio há favor,

mas ao tolo os seus lábios devoram.

(Ec 9.18; 10.10,12)

De todas as passagens de Eclesiastes, esta é, provavelmente, a mais difícil de interpretar e de pregar. Mas isso não deve impedir os pregadores que creem que "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça" (2Tm 3.16). Este texto de pregação ensina, reprova, corrige e instrui na justiça orientando-nos a não sermos tolos, mas a usarmos a sabedoria não somente na política, mas também em nossa vida diária.

Não obstante, é um texto difícil. Os comentaristas não concordam sobre o que constitui a unidade literária e quais são as subunidades dentro dela.[1] Este problema está relacionado ao fato de que a passagem parece não ter coerência. Roland Murphy afirma: "A maioria dos comentaristas concorda que esta seção contém unidades relativamente díspares e, portanto, é difícil colocar todas sob um título suficientemente abrangente".[2] Se é difícil formular "um título suficientemente abrangente", é ainda mais difícil formular um tema suficientemente abrangente. Michael Fox escreve: "Os tópicos sobre governantes e discurso, sábios e tolos, são recorrentes ao longo de 9.13–10.20, mas não há um esquema geral ou movimento de pensamento, e os tópicos que se agrupam parecem meramente associativos".[3] Se não há um "esquema geral ou

movimento de pensamento”, é impossível não somente formular um tema textual, mas também imaginar um sermão expositivo coerente. Começaremos com a questão de o que constitui a unidade literária.

Texto e contexto

Já que concluímos o último texto de pregação em 9.12, um lugar lógico para começar esta unidade seria 9.13. Embora alguns comecem esta unidade literária em 9.11 por causa de seu “Vi ainda”, no capítulo anterior demonstramos que essa “unidade transicional” (9.11-12) se encaixa bem em 9.1-10. Já que 9.13 claramente começa uma nova seção com seu “Também vi”, podemos começar aí nosso texto de pregação. Mas não é tão claro onde ele termina.

Murphy, seguindo A. Wright (veja p. 36, acima), determina a extensão desta unidade “pela ocorrência da expressão ‘não sabe’, em 10.14-15”.[4] Ele também sugere que “possivelmente ‘cidade’ pode ser interpretada como uma inclusio (9.14; 10.15)”.[5] Mas escolher 9.13–10.15 deixa 10.16-20 órfão,[6] já que 11.1 começa uma nova unidade, sobre economia. Em termos de conteúdo, 10.16-20, que trata de reis e príncipes, se encaixa muito bem no que vem antes, que também trata de reis, governantes e príncipes (veja 9.14,17; 10.4,5,6). De fato, 10.4 e 10.20 oferecem um conselho semelhante ao falar do rei: “calma e domínio próprio”. Além disso, como Ogden salienta, “há um elemento retórico que une toda esta unidade, a saber, o pequeno animal ou inseto que representa uma fonte potencial de perigo”: a mosca, no verso 1, a cobra, nos versos 8 e 11, e as aves, no verso 20.[7]

Em adição, por causa da repetição de “termos-chave, como ‘cidade’ (9.14; 10.15), ‘rei’ (9.14; 10.16,20), ‘força’ (9.16; 10.10,17), ‘palavras’ e ‘sabedoria’ (9.15-18; 10.10-14), ‘silêncio/deixar/acalmar’ (heb. , 9.17; 10.14), ‘governador’ (9.17; 10.4), ‘tolos’ (9.17; 10.6), ‘pecador, indignação’ (heb. , 9.18; 10.4), ‘armas/ferro’ (9.18; 10.10), Stephen Brown sugere uma estrutura quiástica”:[8]

9.13 A. Introdução

9.14-16 B. A sabedoria é melhor do que muita tolice

9.17–10.1 C. A sabedoria é vulnerável a uma pequena insensatez

10.2-3 D. O contraste entre homens sábios e tolos

10.4-9 C'. A sabedoria é vulnerável a uma pequena insensatez

10.10-15 B'. A sabedoria é melhor do que muita tolice

10.16-20 A'. Conclusão

Esse quiasma sugerido parece forçado, pois desconsidera unidades como 10.5-7 (“vi” inclusio) e 10.8-11 (“cobra” inclusio). A repetição de termos-chave, entretanto, é uma evidência adicional para a unidade desta passagem. Portanto, podemos selecionar nosso texto de pregação como sendo 9.13–10.20.

Quanto ao contexto, embora o tema da morte seja mencionado em 9.12, a noção de que estamos sujeitos a acidentes (9.11, “não é dos ligeiros o prêmio,” etc.) é repetida em nossa passagem em 10.11 (“quem abre uma cova nela cairá,” etc.). A história do homem pobre e sábio que liberta uma cidade por sua sabedoria é uma elaboração do provérbio anterior, “A sabedoria fortalece ao sábio, mais do que dez poderosos que haja na cidade” (7.19). O conselho do Pregador de não deixar o posto ao ser confrontado por um governador irado (10.4) contrasta com sua observação anterior para “deixar a presença dele” (8.3). A observação de que “O estulto multiplica as palavras” (10.14a) reflete a admoestação anterior, “É certo que há muitas coisas que só aumentam a vaidade” (6.11). E a ideia de que “(...) o homem não sabe o que sucederá” (10.14b) repete declarações similares em 3.11; 6.12; 7.14; 8.7.

Elementos literários

Novamente, para discernir a estrutura do texto, será útil observar as várias formas literárias.[9] A passagem começa com uma reflexão (9.13, "... vi... debaixo do sol...") sobre a força e a vulnerabilidade da sabedoria (9.13-18). A reflexão contém uma história sobre um homem pobre e sábio que livra uma cidade (9.14-15), seguida por um provérbio "melhor que" (9.16a) e a observação do Pregador de que "(...) a sabedoria do pobre é desprezada (...)" (9.16b). Isto é seguido por dois provérbios "melhor que", o primeiro consistindo de paralelismo antitético (sábio versus tolo; 9.17) e o segundo consistindo de paralelismo sintético (9.18).[10] Esta seção é concluída por um provérbio (paralelismo sinônimo) sobre moscas mortas contaminando o unguento (10.1).

Eclesiastes 10.2 começa uma nova seção com um provérbio tradicional formulado em paralelismo antitético (sábio/direita versus tolo/esquerda) e continua com a vívida descrição que o Pregador faz dos tolos (10.3). Ele é seguido por uma ordem sobre a conduta perante um rei irado e a motivação para esse conselho (10.4).

Eclesiastes 10.5 ("Ainda há um mal que vi debaixo do sol...") começa uma nova reflexão sobre o mal de se subverter a ordem política na sociedade (10.5-7; observe a inclusio "vi", nos versos 5 e 7). Ela consiste de uma observação de um mal proveniente de um erro cometido pelo governador (10.5) seguido por uma "história ilustrativa".[11] A história apresenta dois exemplos de mal, com paralelismo sinônimo entre os versos 6 e 7 e paralelismo antitético dentro de cada verso:

O tolo posto em grandes alturas,

mas os ricos assentados em lugar baixo (10.6).

Vi servos a cavalo

e príncipes andando a pé como servos sobre a terra (10.7).

Esta reflexão é seguida por uma série de provérbios conectados sobre acidentes que podem acontecer se a pessoa não usar a sabedoria (10.8-11; observe a inclusio “cobra”, nos versos 8 e 11). Esta série de provérbios é seguida por outra série de provérbios, sobre os tolos (10.12-15). Ela começa com um provérbio expresso em paralelismo antitético (sábio/favor versus tolo/consumo; 10.12) e continua com provérbios que traçam a jornada decadente dos tolos (10.13-15; similar a 10.2-3).

Na conclusão, 10.16-20 retoma o tema do rei (cf. 10.16,20; 9.14), do mal de se subverter a ordem política (cf. 10.16 e 10.5-7) e de como lidar com o governador (cf. 10.20 e 10.4). Ela começa com dois oráculos que são antitéticos (maldição versus bênção) entre si (10.16, “Ai de ti, ó terra cujo rei é criança”, e 10.17, “Ditosa, tu, ó terra, cujo rei é filho de nobres...”). Isto é seguido por um provérbio sobre os resultados da preguiça e da indolência (paralelismo sinônimo; 10.18) e um provérbio sobre festas, vinho e dinheiro (10.19). A conclusão é a ordem de não amaldiçoar o rei, nem mesmo em seus pensamentos, com a motivação de que um pássaro pode contar a ele (10.20).

Ao procurar determinar a unidade textual acima, observamos a repetição de muitos termos nesta passagem. Aqui enfatizaremos apenas a repetição de alguns. O foco no contraste entre o sábio e o tolo é reforçado na repetição de sábio/tolo onze vezes (9.13,15[2 vezes], 16 [2 vezes],17,18; 10.1,2,10,12) e de “tolo/tolice” nove vezes (9.17; 10.1,2,3 [2 vezes],12,13,14,15). O foco em política é expresso na repetição de palavras como “rei” (9.14; 10.16,20), “governador” (9.17; 10.4); “cidade” (9.14,15; 10.15) e “terra” (10.16,17).

Esta passagem também contém várias metáforas. Corações que se inclinam para a direita e para a esquerda (10.2) são metáforas. A declaração de que o tolo “nem mesmo sabe ir à cidade” (10.15) provavelmente é uma “metáfora sobre a tolice”.[12] A ave que conta os pensamentos ao rei (10.20) também é uma metáfora. Mas é preciso tomar cuidado para não interpretar como metáforas palavras que fazem bom sentido quando interpretadas literalmente. “Ferro embotado” (10.10) realmente é uma “metáfora, aqui, para o sábio que não está tendo grande sucesso”?[13] Se isso for uma possibilidade, o que impedirá os pregadores de entender o sábio pobre e desprezado (9.16) como uma metáfora

para Israel, que tem “grandes recursos em virtude de sua sabedoria”, mas é desprezado? E o que os impedirá de entender o “governador” de 10.5 como uma metáfora para o “próprio Deus”? E de interpretar a cobra de 10.11 como uma metáfora para os “governadores ímpios que mordem Israel”?[14] O ponto é: a não ser que as metáforas sejam manuseadas com cuidado, pode-se cair em uma pista escorregadia que leva de uma metáfora estendida direto para uma interpretação alegórica arbitrária.

Estrutura textual

Embora seja difícil detectar um desenvolvimento coerente nesta passagem, as formas literárias nos ajudarão a discernir uma organização um pouco lógica.

I. Reflexão sobre a força da sabedoria e política e sua vulnerabilidade15 a uma pequena insensatez (9.13–10.1)

A. Observação: Também vi este exemplo de sabedoria (9.13)

B. História: Um homem sábio e pobre livra uma cidade e não é lembrado (9.14-15)

C. Provérbio: Melhor é a sabedoria que a força (9.16a)

1. Ainda que a sabedoria do pobre seja desprezada (9.16b)

E as suas palavras não sejam ouvidas (9.16c)

D. Provérbio: As palavras dos sábios, ouvidas em silêncio valem mais (9.17)

Do que gritos de quem governa entre tolos

E. Provérbio: Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra, (9.18)

mas um só pecador destrói muitas coisas boas

F. Provérbio: Qual a mosca morta faz o unguento do perfumador exalar mau cheiro (10.1)

assim é para a sabedoria e a honra um pouco de estultícia

II. Inclinações opostas dos sábios e dos loucos com uma ordem para usar sabedoria na política (10.2-4)

A. Provérbio: O coração do sábio se inclina para o lado direito (10.2)

Mas o do estulto, para o da esquerda

B. Provérbio: Quando o tolo vai pelo caminho, falta-lhe o entendimento (10.3)

e, assim, a todos mostra que é estulto

C. Ordem: Não deixes o teu lugar diante do rei irado (10.4)

1. Razão: Porque o ânimo sereno (sabedoria) acalma grandes ofensas

III. Reflexão sobre a ordem política ser subvertida por erro do governador (10.5-7)

A. Observação: (...) há um mal que vi debaixo do sol (10.5)

1. Grande erro que procede do governador

B. História que consiste de dois exemplos:

1. Provérbio: Tolo posto em grandes alturas (10.6)

mas os ricos (sábios) assentados em lugar baixo

2. Provérbio: Vi servos a cavalo (10.7)

e príncipes andando a pé como servos...

IV. Use a sabedoria em seu trabalho diário para evitar danos (10.8-11)

A. Provérbio: Quem abre uma cova nela cairá (10.8)

e quem rompe um muro, mordê-lo-á uma cobra

B. Provérbio: Quem arranca pedras será maltratado por elas (10.9)

e o que racha lenha expõe-se ao perigo

C. Provérbio: Se o ferro está embotado e não se lhe afia o corte (10.10)

é preciso redobrar a força

1. Mas a sabedoria resolve com bom êxito

D. Provérbio: Se a cobra morder antes de estar encantada (10.11)

não há vantagem no encantador

V. Provérbio que contrastam as palavras do sábio com a conversa ininteligível do tolo (10.12-15)

A. Provérbio: Nas palavras do sábio há favor (10.12)

Mas ao tolo os seus lábios devoram

As primeiras palavras da boca do tolo são estultícia (10.13)

e as últimas, loucura perversa

1. Observação: O estulto multiplica as palavras (10.14a)

B. Provérbio: ainda que o homem não sabe o que sucederá (10.14b)

e quem lhe manifestará o que será depois dele?

C. Provérbio: O trabalho do tolo fatiga (10.15)

pois nem sabe ir à cidade

VI. Ordens políticas opostas com uma ordem final para usar sabedoria ao falar (10.16-20)

A. Dois oráculos (maldição e bênção):

1. Ai de ti, ó terra, cujo rei é criança (10.16)

e cujos príncipes se banqueteiam já de manhã

2. Ditosa, tu, ó terra cujo rei é filho de nobres (10.17)

e cujos príncipes se sentam à mesa a seu tempo

a. Para refazerem as forças, não para bebedice

B. Provérbio: Pela muita preguiça desaba o teto (10.18)

e pela frouxidão das mãos goteja a casa

C. Provérbio: O festim faz-se para rir (10.19)

o vinho alegra a vida

e o dinheiro atende a tudo

D. Ordem: Nem no teu pensamento amaldiçoes o rei (10.20)

Nem tampouco no mais interior do teu quarto, o rico

1. Razão: porque as aves do céu poderiam levar a tua voz e o que tem asas daria notícia das tuas palavras

Interpretação teocêntrica

Esta passagem não menciona Deus. Ao falar da força da sabedoria, contudo, o Pregador admite, com outros textos sapienciais do Antigo Testamento, que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (cf. Pv 1.7; 9.10; Ec 3.14; 5.7; 8.12; 12.13).

Tema e objetivo textual

É difícil discernir um único tema que abranja todos os tópicos desta passagem. O que é geralmente útil é listar os pontos principais, isto é, os tópicos mencionados nas subunidades, e ver se há uma constante que os una. Ao analisar a estrutura deste texto, chegamos aos seguintes pontos principais. Para fechar o foco ainda mais, é útil destacar palavras e frases-chave:

I. Reflexão sobre a força da sabedoria na política e sua vulnerabilidade a uma pequena insensatez (9.13–10.1)

II. Inclinações opostas de sábios e loucos com a ordem para usar sabedoria na política (10.2-4)

III. Reflexão sobre a ordem política ser subvertida por erro do governador (10.5-7)

IV. Use a sabedoria em seu trabalho para evitar danos (10.8-11)

V. Provérbios que contrastam as palavras dos sábios com as conversas ininteligíveis dos tolos (10.12-15)

VI. Ordens políticas opostas com uma ordem final para usar a sabedoria ao falar (10.16-20)

Esta lista de tópicos confirma nosso resultado anterior ao listar as palavras-chave: o foco nesta passagem é o contraste entre inclinações, palavras e ações sábias e tolas, particularmente no campo da política.[16] A primeira reflexão, sobre a força da sabedoria no campo político e a sua vulnerabilidade a uma pequena insensatez para preparar o palco para as subunidades seguintes, é reforçada por elas.[17] Essas considerações levam à formulação do seguinte tema: "Especialmente na área política, uma pequena insensatez facilmente arruína a força da sabedoria". Mas essa formulação não inclui as dicas do Pregador (por exemplo, 9.18; 10.10,12) e nem mesmo ordens (10.4,20) para usarmos a sabedoria. A adição destes dados resulta no seguinte tema: Como uma pequena insensatez pode arruinar a força da sabedoria, especialmente na área política, use a sabedoria para seguir seu caminho pela vida.

Juntamente com dicas para usar a sabedoria, o Pregador dá duas ordens que implicam esse uso. Em 10.4, ele ordena que seus leitores não deixem seu posto para se esquivarem da ira do governador, mas que usem o "ânimo sereno" para endireitar as coisas. E, em 10.20, ele ordena que seus leitores não amaldiçoem o rei, pois as aves podem levar sua voz ao rei. Podemos, portanto, formular o objetivo do Pregador como orientar seus leitores a usar sabedoria, especialmente na área política, para seguir seu caminho pela vida.

Maneiras para pregar Cristo

Ao irmos desta passagem para Jesus Cristo, no Novo Testamento, os caminhos de progressão histórico-redentiva, promessa-cumprimento e tipologia não são produtivos. Isso nos deixa quatro caminhos possíveis a explorar: analogia, temas longitudinais, referências no Novo Testamento e contraste.

Analogia

Há várias analogias entre os ensinos nesta passagem e os ensinos de Jesus Cristo, no Novo Testamento. Em 10.2, o Pregador contrasta o coração do sábio (que se inclina para a direita) com o coração do tolo (que se inclina para a esquerda). Em 10.12-14a, ele contrasta as palavras dos sábios com as dos tolos (as palavras do tolo são “loucura perversa”). Jesus enfatiza o mesmo contraste quando diz: “(...) a boca fala do que está cheio o coração. O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más” (Mt 12.34-35).

Em 10.10, o Pregador encoraja seus leitores a usar sabedoria para sobreviver em um mundo perigoso (veja 10.8-9). Jesus semelhantemente encoraja seus seguidores a usar a sabedoria em um mundo perigoso: “Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas” (Mt 10.16).

Em 10.20, o Pregador adverte seus leitores a não amaldiçoarem o rei, pois ele saberá disso. Em um contexto diferente, Jesus diz aos seus discípulos: “Nada há encoberto que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido. Porque tudo o que dissestes às escuras será ouvido em plena luz; e o que dissestes aos ouvidos no interior da casa será proclamado dos eirados” (Lc 12.2-3).

Temas longitudinais

Em nosso texto de pregação, o Pregador orienta seus leitores a usar a sabedoria para seguir seu caminho pela vida. Pode-se traçar esse tema desde o Antigo Testamento até Jesus, no Novo Testamento. Negativamente, no contexto de desolação iminente, Jeremias anuncia a palavra do Senhor: “Deveras, o meu povo está louco, já não me conhece, são filhos néscios e não inteligentes; são sábios para o mal e não sabem fazer o bem” (Jr 4.22). Oseias proclama uma palavra semelhante da parte do Senhor: “O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento” (Os 4.6). Positivamente, o salmista ora: “Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio” (Sl 90.12). Provérbios descreve a sabedoria como “(...) árvore de vida para os que a alcançam, e felizes são todos os que a retêm” (Pv 3.18; cf. 8.34).

No Novo Testamento, Jesus diz aos seus seguidores: “Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas” (Mt 10.16, também usado em “Analogia”, acima). Sobre a perseguição iminente, Jesus promete aos seus seguidores: “(...) eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir, nem contradizer todos quantos se vos opuserem” (Lc 21.15).

Paulo diz aos efésios: “(...) vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus” (Ef 5.15-16). Aos colossenses ele escreve: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria” (Cl 3.16). A respeito dos que são de fora, ele acrescenta: “Portai-vos com sabedoria para os que são de fora; aproveitai as oportunidades. A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um” (Cl 4.5-6).

Na Bíblia, também podemos encontrar muitas ilustrações do tema de que um pouco de insensatez arruína a força da sabedoria. Por exemplo, no Antigo Testamento lemos sobre a insensatez do rei Davi ao tomar a esposa de Urias (2Sm 11), a insensatez do sábio rei Salomão ao amar muitas mulheres estrangeiras (1Rs 11) e a insensatez do rei Roboão ao aceitar o conselho tolo dos conselheiros mais jovens, dividindo, assim, o reino (1Rs 12). No Novo Testamento, podemos pensar no rico insensato da parábola de Jesus (Lc 12.19-

20), na insensatez de Judas ao trair Jesus (Mt 26.48; 27.3-5) e na mentira desnecessária de Ananias e Safira (At 5.4).

Referências do Novo Testamento

Não há citações diretas desta passagem no Novo Testamento nem alusões a ela.

Contraste

Em 10.14, em conexão com os tolos falando sem parar, o Pregador afirma: “(...) o homem não sabe o que sucederá; e quem lhe manifestará o que há de ser depois dele?” Em conexão com o nosso falar, Jesus revela parte do que o futuro reserva: “(...) de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do juízo; porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado” (Mt 12.36-37).

Tema e objetivo do sermão

Formulamos o tema textual como: “Como uma pequena insensatez pode arruinar a força da sabedoria, especialmente na área política, use a sabedoria para seguir seu caminho pela vida”. Como o Novo Testamento não muda esta mensagem, podemos fazer do tema textual o tema do sermão: Como uma pequena insensatez pode arruinar a força da sabedoria, especialmente na área política, use a sabedoria para seguir seu caminho pela vida.

O objetivo do Pregador foi “orientar seus leitores a usar sabedoria, especialmente na área política, para seguirem seu caminho pela vida”. Com uma pequena mudança, podemos fazer deste o tema do sermão: orientar seus ouvintes a usar sabedoria, especialmente na área política, para seguir seu caminho pela vida. Este objetivo aponta para a necessidade tratada neste sermão: as pessoas não usam a sabedoria dada por Deus na vida; elas minam a força da sabedoria com insensatez.

Forma do sermão

Devido à grande quantidade de itens aparentemente desconexos nesta passagem, a forma de sermão mais clara é o desenvolvimento dedutivo, isto é, afirmamos o tema no início do sermão e depois mostramos como cada seção está ligada ao tema. Com este texto de pregação, o desenvolvimento dedutivo é natural, já que a história inicial é uma ilustração do tema.

Como a estrutura textual revela seis pontos principais nesta passagem, devemos verificar se podemos combinar alguns pontos para facilitar a assimilação por parte do ouvinte. Verificando a “Estrutura textual” acima, parece que podemos combinar os pontos I e II, III e IV e V e VI. Isso nos daria três pontos principais para o sermão:

I. Como uma pequena insensatez arruína a força da sabedoria na política, use a sabedoria em suas relações políticas (9.13–10.4).

II. Como uma pequena insensatez pode subverter a ordem política e a vida diária, use a sabedoria em sua vida diária (10.5-11).

III. Como uma pequena insensatez pode colocá-lo em graves problemas, use a sabedoria em sua vida diária (10.12-20).

Vendo que o texto contém muitos provérbios hebraicos, seria coerente permitir que eles “temperem” o sermão, associando-os a provérbios brasileiros adequados.

Exposição do sermão

Na introdução deste sermão, pode-se mostrar sua relevância para a vida contemporânea contando uma história atual sobre um político que destruiu sua carreira por um ato insensato ou uma declaração tola (infelizmente, não precisamos procurar muito). Depois, faça as perguntas: “Sempre usamos a sabedoria que Deus nos deu? Ou prejudicamos a nós mesmos e ao nosso próximo quando a insensatez domina nosso comportamento?

Nesta passagem, o Pregador mostra que, especialmente na política, uma pequena insensatez facilmente arruína a força da sabedoria. Assim ele nos orienta a usar a sabedoria, discernimento, habilidade, para orientar nosso caminho pela vida. Seu primeiro ensino é: como uma pequena insensatez arruína a força da sabedoria na política, devemos usar a sabedoria em nossas relações políticas.

Ele começa em 9.13: “Também vi este exemplo de sabedoria debaixo do sol, que foi para mim grande”. Ele conta uma história: “Houve uma pequena cidade em que havia poucos homens; veio contra ela um grande rei, sitiou-a e levantou contra ela grandes baluartes”. Observe os contrastes: “pequena cidade em que havia poucos homens” e “grande rei... grandes baluartes”. Essa pequena cidade com poucos homens não tinha chance. Esse grande rei construiu grandes baluartes ao redor da cidade. Esses baluartes podem ser torres móveis para assalto,[18] que permitiam que os soldados lançassem seus projéteis sobre os muros, diretamente sobre a cidade. Humanamente falando, essa pequena cidade não tinha chance. Mas, como o Pregador tinha acabado de nos lembrar em 9.11, “não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória”. Portanto, podemos ter uma surpresa.

Verso 15: “Encontrou-se nela um homem pobre, porém, sábio, que a livrou pela sua sabedoria”. Neste verso, somos informados duas vezes que o homem era pobre. Ele não tinha recursos financeiros para ajudar a cidade em sua hora de necessidade. Era pobre. Mas tinha sabedoria e com ela livrou a cidade.[19] Não somos informados sobre o que ele fez para livrar a cidade, mas que ele fez isso “pela sua sabedoria”. O Pregador conta esta história para ilustrar a tremenda

força da sabedoria na área política. Como escreveu em 7.19: “A sabedoria fortalece ao sábio, mais do que dez poderosos que haja na cidade”. Por sua sabedoria, este homem pobre e sábio livrou a cidade.

Mas então vem a triste conclusão da história: “(...) contudo, ninguém se lembrou mais daquele pobre”. Provérbios 10.7 diz: “A memória do justo é abençoada, mas o nome dos perversos cai em podridão”. Mas, na realidade, o justo não é sempre lembrado. Neste caso, ninguém se lembrou do homem pobre e sábio. “Muito embora tivesse provado ser um sábio, foi esquecido quando o perigo passou – tornou-se o mesmo desprezado que era antes”.[20]

O Pregador conclui, no verso 16: “(...) melhor é a sabedoria do que a força, ainda que a sabedoria do pobre é desprezada, e as suas palavras não são ouvidas”. O Pregador provavelmente está citando um provérbio conhecido: “Melhor é a sabedoria do que a força”. Isto é como nosso provérbio “cérebro é melhor que músculo”. A sabedoria, de fato, é mais forte que a força, mas é extremamente vulnerável: “A sabedoria do pobre é desprezada, e as suas palavras não são ouvidas”.

Mas o Pregador insiste, no verso 17: “As palavras dos sábios, ouvidas em silêncio, valem mais do que os gritos de quem governa entre tolos”. Os “gritos” de um governante insensato[21] chamam mais atenção em nossa sociedade do que “as palavras dos sábios, ouvidas em silêncio”. Alguns ainda se lembram de Nikita Krushchev, da Rússia, nas Nações Unidas, gritando e batendo o sapato na mesa. Se quiser atrair uma multidão, se quiser ficar conhecido, experimente gritar slogans engraçados. Mas, segundo o Pregador, as palavras dos sábios, ouvidas em silêncio, é que devem ser ouvidas. As serenas palavras do sábio podem livrar uma cidade. As palavras serenas dos sábios são melhores que a força e devem ser ouvidas.

No verso 18, o Pregador reitera: “Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra”. É verdade! A sabedoria pode livrar uma cidade mesmo quando está cercada por baluartes e armas de guerra. “Mas um só pecador destrói muitas coisas boas”, diz o Pregador. Observe o contraste entre “um” e “muitas”. Basta um tolo incompetente, uma pessoa que “erra o alvo”, para destruir as muitas coisas boas realizadas pela sabedoria. “A sabedoria é, de fato, poderosa e benéfica, mas pode se tornar ineficaz pela menor indiscrição. A sabedoria é vulnerável”.[22]

Pense no rei Roboão quando sucedeu seu pai, Salomão. Seus conselheiros mais velhos o aconselharam a aliviar a carga que Salomão tinha colocado sobre o povo, mas ele desprezou este conselho e consultou seus conselheiros mais jovens. Eles lhe disseram: “Assim falarás a este povo (...) se meu pai vos impôs jugo pesado, eu ainda vo-lo aumentarei; meu pai vos castigou com açoites, porém eu vos castigarei com escorpiões” (1Rs 12.10-11). Roboão seguiu esse conselho tolo e, como resultado, perdeu dez das doze tribos de Israel. Basta um incompetente para destruir muitas coisas boas.

Em 10.1, o Pregador resume este ensino com um provérbio: “Qual a mosca morta faz o unguento do perfumador exalar mau cheiro, assim é para a sabedoria e a honra um pouco de estultícia”. Em português, diríamos: “Uma maçã podre estraga todas as outras”. O contraste novamente é entre pouco e muito. Dificilmente se consegue enxergar pequenas moscas mortas. Mas, quando caem no unguento do perfumador, todo o lote exala cheiro ruim. Poucas moscas mortas podem estragar uma grande e cara quantidade de perfume. “Assim”, diz o Pregador, “é para a sabedoria e a honra um pouco de estultícia”.[23] Diríamos: “Um grama de insensatez pesa mais que um quilo de sabedoria”.[24] Na área política, um pouco de insensatez geralmente tem maior impacto que a sabedoria e a honra. O ponto, então, é que, especialmente na política, uma pequena insensatez pode facilmente arruinar a força da sabedoria.

Por que a sabedoria é tão vulnerável à insensatez? É porque a sabedoria e a insensatez são diametralmente opostas entre si. O Pregador escreve, no verso 2: “O coração do sábio se inclina para o lado direito, mas o do estulto, para o da esquerda”. Ele não quer dizer “direita” e “esquerda” no sentido que essas palavras assumiram na política contemporânea, isto é, conservador e liberal. “No antigo Israel, a mão direita representava poder e livramento [veja, por exemplo, Sl 89.13]; o lado direito, bondade moral e favor. Portanto, o lugar de honra era do lado direito. A mão esquerda geralmente simbolizava inaptidão e perversidade”.[25] Na parábola de Jesus sobre o julgamento das nações, também lemos que o Filho do Homem “porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda” (Mt 25.33). Assim, aqui, o Pregador diz: “O coração do sábio se inclina para a direita, mas o do estulto, para o da esquerda”. Do coração “procedem as fontes da vida” (Pv 4.23), e o coração do insensato se inclina para a estupidez e a perversidade.

De fato, o Pregador continua, no verso 3: “Quando o tolo vai pelo caminho, falta-lhe o entendimento; e, assim, a todos mostra que é estulto”. Os tolos não

conseguem esconder que são tolos, que não têm bom senso. Até mesmo quando andam pelo caminho, até mesmo em lugares públicos, mostram a todos que são tolos. Provérbios 12.23 afirma: “(...) o coração dos insensatos proclama a estultícia”. Hoje, diríamos: “É possível ver um tolo chegando a um quilômetro de distância”.

Em 9.17, o Pregador disse: “As palavras dos sábios, ouvidas em silêncio, valem mais do que os gritos de quem governa entre tolos”. Em 10.4, ele volta a falar desse governante tolo. O que você faria se esse governador começasse a gritar com você, irado? O que você faria se seu chefe o censurasse severamente? Em circunstâncias diferentes, o Pregador havia aconselhado, em 8.3: “Não te apresses em deixar sua presença”.* Mas essa não é sempre a atitude mais sábia. Afastar-se de um superior irado pode deixá-lo ainda mais furioso. Nesse caso, o Pregador aconselha: “Levantando-se contra ti a indignação do govenador, não deixes o teu lugar, porque o ânimo sereno acalma grandes ofensores”.[26] Um tolo pode responder à ira com sua própria ira. Mas “ira respondida com ira apenas assegura a existência de um conflito desnecessário e destruição por parte do governador”.[27] Provérbios 15.1 afirma: “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira” (cf. Pv 16.14; 25.15). Isto é sabedoria: dar à ira uma “resposta branda”, isto é, com tranquilidade.

Assim, o primeiro ensino do Pregador é: Como uma pequena insensatez facilmente arruína a força da sabedoria na política, devemos usar sabedoria em nossas relações políticas. Seu segundo ensino é similar, mas mais amplo, por estender-se à nossa vida diária: como uma pequena insensatez pode subverter a ordem política, e também nossa vida diária, devemos usar sabedoria em nossa vida diária. Ele começa novamente com a área política. Ele escreve, no verso 5: “Ainda há um mal que vi debaixo do sol, erro que procede do governador”. O mal é a subversão da ordem política. Verso 6: “o tolo posto em grandes alturas, mas os ricos assentados em lugar baixo”. Você pode imaginar: tolos incompetentes promovidos a posições de liderança. A mesma pessoa que, segundo o verso 3, não tem entendimento, torna-se governador. E o rico, isto é, a classe mais alta, que foi bem educado e que normalmente governa,[28] está assentado em lugar baixo. Isso provoca uma reviravolta no mundo.[29]

O verso 7 acrescenta a este cenário de confusão política: “Vi servos a cavalo e príncipes andando a pé, como servos sobre a terra”. Provérbios 19.10 diz: “Ao insensato não convém a vida regalada, quanto menos ao escravo dominar os príncipes!” Mas aqui o que não é adequado aconteceu: os tolos estão governando

nos palácios e os servos estão andando a cavalo. Enquanto isso, a classe governante encontra-se em lugares baixos, e os príncipes andam a pé. Como ocorreu essa reviravolta? De acordo com o verso 5, pelo erro tolo do governador.[30] Na área política, os benefícios da sabedoria são facilmente perdidos por causa de um erro tolo.

Mas isso também é verdade em outras áreas da vida. O Pregador apresenta quatro ilustrações do que pode acontecer em nossa vida quando não usamos a sabedoria. Verso 8: “Quem abre uma cova nela cairá, e quem rompe um muro, mordê-lo-á uma cobra”. A cova é uma armadilha para animais. Naqueles dias, os caçadores cavavam buracos e o cobriam com uma rede,[31] provavelmente cobrindo-o com folhas ou arbustos. Mas se o caçador não prestasse muita atenção no lugar onde tinha feito seus buracos, poderia facilmente cair em um deles e ficar ferido.

“Quem rompe um muro mordê-lo-á uma cobra”. Ainda hoje em Israel vemos baixos muros de pedra construídos ao redor de pomares e vinhas. Quando o fazendeiro deseja remover um muro, ele precisa tomar muito cuidado, pois pequenas cobras venenosas geralmente fazem ninhos nas fendas entre essas pedras.[32] Se o fazendeiro estiver com pressa e for desatento, pode facilmente ser picado e morrer. Uma pequena insensatez pode resultar em morte.

Verso 9: “Quem arranca pedras será maltratado por elas, e o que racha lenha expõe-se ao perigo”. Israel tem abundância de pedras. As pessoas arrancavam essas pedras do chão e usavam-nas para construir casas. Mas especialmente na região montanhosa isso podia ser perigoso. Pode-se facilmente ficar ferido por uma pedra que rola ou cai no pé. Aquele que rachava lenha também tinha que ser cuidadoso. A lenha podia rolar sobre ele, ou uma lasca de madeira podia voar e atingir seus olhos. Uma pequena insensatez pode resultar em ferimentos sérios.[33]

Nos dois próximos versos, o Pregador nos encoraja a usar a sabedoria que Deus nos dá em nossas atividades diárias. Verso 10: “Se o ferro está embotado, e não se lhe afia o corte, é preciso redobrar a força; mas a sabedoria resolve com bom êxito”.[34] Os lenhadores sabem que é difícil cortar madeira com um machado cego. Além de ser perigoso, requer mais força para a realização do trabalho. “Mas a sabedoria resolve com bom êxito”. A sabedoria diz ao lenhador: “Afie o machado” antes de começar o trabalho. Assim, o uso da sabedoria o ajudará a ser bem-sucedido.[35]

O Pregador continua, no verso 11: “Se a cobra morder antes de estar encantada, não há vantagem no encantador”. O encantamento de serpentes ainda é uma ocupação no mundo oriental. Se o encantador de serpentes estiver com pressa e começar a manusear a cobra antes que ela esteja encantada, ele será picado e, provavelmente, morrerá. Mas, se usar a sabedoria, garantirá que a cobra esteja encantada antes de manuseá-la. O uso da sabedoria o ajudará a sobreviver até mesmo ao lidar com um animal venenoso como a cobra. Assim, não apenas na área política, mas também em outras áreas da vida, devemos usar sabedoria para seguir nosso caminho pela vida.[36]

Até aqui, o Pregador ensinou duas coisas: Primeira, como uma pequena insensatez arruína a força da sabedoria na política, devemos usar a sabedoria em nossas relações políticas. Segunda, como uma pequena insensatez pode subverter a ordem política e também a vida diária, devemos usar a sabedoria em nosso caminhar diário. Seu ensino final é: Como uma pequena insensatez pode nos colocar em graves problemas, devemos usar a sabedoria em nosso falar diário.

O Pregador começa contrastando o falar do sábio e a enxurrada de palavras do tolo. Verso 12: “Nas palavras do sábio há favor, mas ao tolo os seus lábios devoram”. “Nas palavras do sábio há favor”. Quando Jesus pregou na sinagoga de sua cidade, Nazaré, a primeira reação das pessoas foi favorável. Lemos: “Todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça que lhe saíam dos lábios” (Lc 4.22). “Nas palavras do sábio há favor”, isto é, elas trazem o favor de outras pessoas sobre o sábio.

Em contraste com isso, “ao tolo seus lábios devoram”. Os lábios do tolo “engolem” os próprios tolos. A fala dos tolos não traz favor aos tolos, mas ruína. Provérbios 18.7 diz: “A boca do insensato é a sua própria destruição, e os seus lábios, um laço para a alma”. O tolo é pego em suas próprias palavras. Pense nas muitas pessoas cujo falar as coloca em problemas ainda hoje.

O Pregador continua a descrever o tolo no verso 13: “As primeiras palavras da boca do tolo são estultícia, e as últimas, loucura perversa. O estulto multiplica as palavras”. Isto é surpreendente, não é? Muito embora suas primeiras palavras sejam estultícia e desçam ao nível de loucura perversa, ele não fecha sua boca, mas “multiplica suas palavras”. Ele é cego para sua própria insensatez.

Em sua loucura, falam até mesmo sobre o futuro. Pensam que sabem o que o

futuro reserva. Mas, como foi feito antes,[37] o Pregador nos lembra, no verso 14: “O homem não sabe o que sucederá; e quem lhe manifestará o que há de ser depois dele?” Ninguém! Deus determinou os tempos, e não sabemos o que o futuro nos reserva. Então, o que faz o tolo pensar que pode falar sobre o futuro? Ele deve estar louco.

No verso 15, o Pregador acrescenta: “O trabalho do tolo fatiga, pois nem sabe ir à cidade”. Não saber “ir à cidade” é uma expressão idiomática para incompetência.[38] O tolo não sabe as coisas mais elementares. Diríamos que “eles não sabem o suficiente para se esconder da chuva”.[39] Ele é tão estúpido que não sabe “ir à cidade”. E por isso seu trabalho fatiga, porque ficam falando sobre coisas das quais nada sabem. Como disse o Pregador no verso 12, “(...) ao tolo os seus lábios devoram”. Esta vívida descrição do tolo e de seu falatório é um grande incentivo para não sermos contados entre eles. Em vez disso, devemos usar a sabedoria em nosso falar diário. Pois, como o Pregador disse em 10.12, “Nas palavras do sábio há favor”.

O Pregador conclui esta passagem voltando à área política e contrastando duas ordens políticas opostas. A primeira ordem política é a ordem subvertida, em que reina o tolo. Ele falou sobre essa ordem anteriormente, no verso 6: “o tolo posto em grandes alturas, mas os ricos assentados em lugar baixo”. Agora ele conclui, no verso 16: “Ai de ti, ó terra cujo rei é criança [ou um servo] e cujos príncipes se banqueteiam já de manhã”. Não é bom para uma terra quando o rei é um servo ou uma criança.

Quando Salomão sucedeu a seu pai, Davi, ele pediu a Deus sabedoria para governar sabiamente. Ele orou: “Agora, pois, ó Senhor, meu Deus, tu fizeste reinar teu servo em lugar de Davi, meu pai; não passo de uma criança, não sei conduzir-me. (...) Dá, pois, ao teu servo, coração compreensivo para julgar a teu povo (...)” (1Rs 3.7,9). Uma criança não tem maturidade para governar sabiamente. Um servo que, sem qualquer treinamento, é jogado no papel de rei de uma nação também não tem.

A falta de sabedoria desse rei se revela no comportamento dos príncipes. Em vez de trabalharem, conscienciosamente pelo bem da nação, os príncipes, como tolos, vivem somente para si mesmos. Começam seus banquetes já pela manhã.[40] “Ai de ti, ó terra!”

Em contraste, o Pregador proclama, no verso 17: “Ditosa, tu, ó terra, cujo rei é

filho de nobres e cujos príncipes se sentam à mesa a seu tempo para refazerem as forças e não para bebedice". "Ditosa, tu, ó terra, cujo rei é filho de nobres" – uma pessoa livre, independente,[41] que é capaz de ser um bom líder para a nação. Sua sólida liderança se mostra nas ações responsáveis dos príncipes. Eles se sentam à mesa não pela manhã, mas no tempo certo, e não para bebedeira, mas para renovar as forças. Bendita é a terra quando seus líderes trabalham responsavelmente pela nação.

Como o Pregador anteriormente expandiu as palavras do tolo, agora ele expande a insensatez de uma ordem política subvertida. Os príncipes descritos no verso 16 como se banqueteando já pela manhã são não apenas tolos, mas preguiçosos: passam os dias festejando, em vez de trabalhar. No verso 18, o Pregador cita um provérbio sobre a preguiça: "Pela muita preguiça desaba o teto, e pela frouxidão das mãos goteja a casa". No Oriente Médio, os terraços retos das casas precisavam de manutenção constante. Os telhados "eram cobertos com limo, que eventualmente rachava e permitia que a chuva entrasse... já que não havia para onde ela escorrer".[42] Por isso, o dono da casa tinha que aplicar limo fresco de tempos em tempos. Se fosse preguiçoso demais para isso, o telhado começaria a vergar e a vazar.

A nação que tem essa ordem política subvertida é como uma casa[43] que não recebe manutenção. O rei é incompetente e os príncipes amam banquetes. Quem está zelando pelo bem-estar da nação e de seus cidadãos? Os príncipes[44] dizem, verso 19: "O festim faz-se para rir, o vinho alegra a vida, e o dinheiro atende a tudo". Isto pode ter sido uma canção que eles entoavam em seus banquetes.[45] Estão totalmente focados nos bons tempos de que desfrutam. Gostam de seus banquetes, de seu vinho e usam os recursos públicos para pagar suas festas.[46] "O dinheiro atende a tudo".[47] "Que os bons tempos sejam abundantes!"

Enquanto isso, ninguém está cuidando da nação. O povo sofre. As pessoas ficam cada vez mais frustradas com o rei e seus amigos. Elas são tentadas a amaldiçoar o rei.[48] Mas o Pregador adverte, no verso 20: "Nem no teu pensamento amaldiçoes o rei". "Nem pense nisso".[49] E nem "tampouco no interior do teu quarto, o rico; porque as aves dos céus poderiam levar a tua voz, e o que tem asas daria notícia das tuas palavras". Seria algo extremamente tolo amaldiçoar o rei.[50] O falar descuidado pode colocá-lo em graves problemas, pois o rei pode fazer "o que bem entende" (8.3) e nunca se sabe como ele pode ouvir sobre isso. Talvez um pequeno pássaro leve a sua voz.[51] Ainda temos a expressão "um passarinho me contou". Também temos outra expressão, "as paredes têm

ouvidos". E se o rei souber que você o amaldiçoou, você receberá severa punição. Uma pequena insensatez em que falar pode significar sua morte. A mensagem é: Não amaldiçoe o rei! Seja sábio e sobreviva! Vigie seu falar!

Vimos que, nesta passagem, o Pregador enfatiza a facilidade com que uma pequena insensatez arruína a força da sabedoria, especialmente na área política. Ele começou[52] com a história do homem pobre e sábio que, por sua sabedoria, livrou uma cidade – a força da sabedoria! Mas os tolos cidadãos logo se esqueceram dele e não quiseram ouvi-lo. Com uma série de provérbios, o Pregador mostrou que é necessária apenas uma pequena insensatez para destruir o bem construído pela sabedoria: "um só pecador destrói muitas coisas boas"; moscas mortas contaminam o unguento do perfumador; "um pouco de estultícia" destrói a sabedoria. Ele ilustrou este ponto novamente com a história do reino subvertido: o tolo reina em alto lugar e o sábio fica em lugar baixo. A confusão política foi resultado de um erro do governador. Depois ele mostrou que um pouco de insensatez pode nos prejudicar também em outras áreas da vida: um caçador pode cair em seu próprio buraco; um fazendeiro pode ser picado por uma cobra; quem remove pedras pode ser ferido por elas; e um lenhador pode ser ferido pela lenha. O ensino foi: em nossas atividades diárias, devemos usar a sabedoria para evitar que sejamos prejudicados ou mortos. O Pregador conclui referindo-se novamente ao reino subvertido, no qual os tolos reinam. A situação nesse reino pode se tornar tão ruim que as pessoas amaldiçoam o rei. O Pregador nos adverte a não fazer essa tolice, pois isso pode nos custar a vida.

O modo mais fácil para nos lembrarmos da mensagem do Pregador é pensar nos três tipos de animal que ele mencionou nesta passagem: moscas, cobras e aves. "Todas são criaturas pequenas e aparentemente insignificantes, mas têm potencial para causar danos".[53] Moscas mortas estragam um lote de unguento precioso; pequenas cobras podem matar uma pessoa grande; e uma pequena ave pode contar ao rei seus pensamentos secretos e colocá-lo em sérios problemas. Exatamente como esses pequenos animais, uma pequena insensatez pode causar muito dano.

Esta, afirma o Pregador, é a principal razão para você usar a sabedoria, o discernimento, a habilidade que Deus lhe deu para seguir seu caminho pela vida. Ele repete isso de várias maneiras. Eclesiastes 10.4: "Levantando-se contra ti a indignação do governador, não deixes o teu lugar, porque o ânimo sereno acalma grandes ofensores". Em outras palavras, use a sabedoria em suas relações políticas. Verso 10: "Se o ferro está embotado, e não se lhe afia o corte, é preciso

redobrar a força; mas a sabedoria resolve com bom êxito", afiando-o. Em outras palavras, use a sabedoria em seu andar diário. Verso 20: "Nem no teu pensamento amaldiçoes o rei (...) porque as aves dos céus poderiam levar a tua voz, e o que tem asas daria notícia das tuas palavras". Em outras palavras, use a sabedoria em seu falar diário. Use a sabedoria que Deus lhe deu para seguir seu caminho pela vida.

Também encontramos esse tema em outros textos da Bíblia. O salmista ora: "Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio" (Sl 90.12). Provérbios descreve a sabedoria como "(...) árvore de vida para os que a alcançam, e felizes são os que a retêm" (Pv 3.18). Jesus usou sabedoria quando se recusou a ir à Judeia, porque os líderes religiosos conspiravam para matá-lo antes do tempo (Jo 7.1,8). Jesus também diz aos seus seguidores: "Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas" (Mt 10.16). Jesus também adverte seus seguidores sobre os perigos das perseguições vindouras, mas promete: "(...) eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir, nem contradizer todos quantos se vos opuserem" (Lc 21.15).[54] Paulo escreve: "(...) vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor" (Ef 5.15-17). Como seguidores de Jesus Cristo, usem a sabedoria que Deus lhes deu para seguirem seu caminho pela vida.

---

[1] Veja Ogden, "Qoheleth 9:17–10:20", VT 30 (1980) 27-29, para um panorama das posições adotadas por vários comentaristas.

[2] Murphy, Ecclesiastes, 103. Cf. p. 99: "Não há unidade conceitual em 9.13–10.15".

[3] Fox, A Time to Tear Down, 298. Cf. Whybray, Ecclesiastes, 150: "Não é possível, apesar das várias tentativas que foram feitas, encontrar uma estrutura geral na seção [10.1–11.6] como um todo".

[4] Murphy, Ecclesiastes, 99.

[5] Ibid.

[6] Seow, Ecclesiastes, 338, argumenta que 10.16–11.6 constitui a unidade

seguinte, sob o título “Vivendo com riscos”. Mas ele também reconhece que o Pregador apresenta dois tipos de risco: “Riscos no campo político” (10.16-20) e “Riscos no campo econômico” (11.1-6). Embora possam considerar selecionar como seu texto de pregação 10.16–11:6, acredito que 10.16-20 tem mais em comum com 9.13–10.15 que com 11.1-6.

[7] Ogden, “Qoheleth 9:17–10:20”, VT 30 (1980) 35.

[8] Stephen Brown, “The Structure of Ecclesiastes”, EvRT 14/3 (1990) 204.

[9] Murphy, Wisdom Literature, 146-47, e Ecclesiastes, 99, são um pouco úteis, mas seus pressupostos levam a divisões e interpretações diferentes das minhas.

[10] Para este padrão partindo de um provérbio tradicional sobre sábios e tolos para os subsequentes comentários do Pregador concentrando-se nos tolos, veja Whybray, “The Identification and Use of Quotations in Ecclesiastes”, VTSup 32 (1981) 435-51.

[11] Longman, Book of Ecclesiastes, 242.

[12] Ogden, Qoheleth, 175. Cf. Fox, A Time to Tear Down, 308: “Como expressão idiomática, pode significar incompetência”.

[13] Provan, Ecclesiastes, 196. Veja ibid., nota 4, em que Provan sugere que talvez devamos considerar os termos “rico” e “príncipes” como metáforas “para aqueles que são ‘prósperos’ em sabedoria e possuem habilidades de liderança”, e “escravos” como uma metáfora para aqueles que não têm essas habilidades.

[14] Leupold, Exposition of Ecclesiastes, respectivamente 224-25, 235, 243. Na p. 261, Leupold procura defender essa “alegorização”. Entender o “governador” de 10.5 como o próprio Deus remonta a Jerônimo e é apoiado por Hengstenberg, Commentary on Ecclesiastes, 225.

[15] Veja o subtítulo do artigo de Ogden, “Qoheleth 9:17–10:20: Variations on the Theme of Wisdom’s Strength and Vulnerability”, VT 30/1 (1980) 27.

[16] “Esta coleção de provérbios, anedotas e observações tem um tema comum: a natureza impulsiva do poder político”. Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 333.

[17] Segundo Ogden, Qoheleth, 161, “os dois provérbios ‘melhor que’ em 9.17-18 funcionam como mecanismos introdutórios para a unidade... Dentro do material ilustrativo de 10.1-20, o tema da vulnerabilidade da sabedoria, em 10.1,8-11,20 tem o efeito de unir todo o material do capítulo, quando faz referência a pequenos insetos ou animais como fonte de perigo. Este tema é entrelaçado ao material que argumenta em favor do poder da sabedoria, indicando que o Qohelet crê que ambos são uma reflexão fiel sobre a realidade”. Cf. ibid., 163, e seu artigo “Qoheleth 9:17–10:20”, VT 30/1(1980) 31-32, 37.

[18] Veja Seow, Ecclesiastes, 309.

[19] Vários comentaristas, por exemplo, Seow, ibid., 310, defendem a tradução “ele podia ter livrado a cidade” se as pessoas tivessem lhe dado atenção (9.16b). Mas Fox, Ecclesiastes, 66, argumenta que o verso 15 não é hipotético: “Se o homem sábio não tivesse realmente salvado a cidade, como alguém poderia saber que ele poderia ter feito isso? Além disso, a primeira parte da conclusão do Qohelet no verso 16 [‘Então, disse eu: melhor é a sabedoria do que a força’] seria injustificável”. De qualquer forma, como as opções não interferem no ponto que é ilustrado, eu não tocaria nesse assunto durante o sermão, mas simplesmente seguiria a tradução/interpretação da Bíblia usada pelos ouvintes.

[20] Provan, Ecclesiastes, 192.

[21] “‘Quem governa entre tolos’ é não apenas um governante cercado de tolos, mas um governante que é tolo”. Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 334.

[22] Ogden, Qoheleth, 163.

[23] “O uso das palavras hebraicas para ‘exceder’ [a tradução usada pelo autor traz: ‘Assim um pouco de insensatez excede a sabedoria e a honra – N. do T.] e ‘honra’ é outro jogo de palavras interessante, pois as duas palavras são usadas para indicar peso ou valor e estima social”. Donald Glenn, “Mankind’s Ignorance”, in Zuck, Reflecting with Solomon, 328.

[24] Crenshaw, Ecclesiastes, 169.

[25] Ibid.

* Veja capítulo 11, nota 23 (N. do T.).

[26] “A serenidade comunicada por e proporciona um nítido contraste com a fúria do governador (mais o verbo , ascender)”. Crenshaw, Ecclesiastes, 170.

[27] Brown, Ecclesiastes, 98.

[28] Seow, Ecclesiastes, 315. Veja o paralelismo sinônimo em Eclesiastes 10.20, citando o “rei” e o “rico”. Cf. Provérbios 22.7.

[29] Veja Raymond C. Van Leeuwen, “Proverbs 30:21-23 and the Biblical World Upside Down”, JBL 105 (1986) 599-610.

[30] “Quando o caos social vem como resultado da ação de um déspota, a sabedoria é inútil”. Loader, Ecclesiastes, 117.

[31] Veja Seow, Ecclesiastes, 316, 326.

[32] Ibid. Segundo Fox, Ecclesiastes, 69, há, hoje, umas vinte espécies de cobras venenosas em Israel.

[33] Com estes quatro exemplos, o Pregador sugere “que as pessoas enfrentem os perigos em suas ocupações diárias. Muito frequentemente esses acidentes são causados por lapsos momentâneos de concentração, ou por pequenos riscos que não foram previstos... Cada exemplo ilustra a tese de 9.18, de que uma pequena insensatez pode desfazer muita sabedoria”. Ogden, Qoheleth, 169.

[34] “Este verso tem sido descrito como linguisticamente o mais difícil do livro, e traduções antigas e modernas o traduziram de modos diferentes... A última parte... tem sido descrita como ‘intraduzível’, e seu sentido é conjectural”. Whybray, Ecclesiastes, 153.

[35] “Deve-se usar a habilidade e o bom-senso de modo oportuno, antes que seja necessário aplicar a força – assim como o “encantador de serpentes” do verso seguinte deve usar sua competência mágica em tempo oportuno”. Fox, A Time to Mourn, 306.

[36] “Estes dois versos requerem o exercício da sabedoria”. Murphy, Ecclesiastes, 102.

[37] Eclesiastes 3.22; 6.12; 7.14; 8.7.

[38] Veja Fox, A Time to Mourn, 308.

[39] Crenshaw, Ecclesiastes, 175.

[40] “Beber logo cedo é sinal de devassidão (Is 5.11) e um colapso da liderança (cf. Is 5.22-23)”. Murphy, Ecclesiastes, 105. Veja também Atos 2.15.

[41] “O ‘filho de homens livres’ é aquele cuja posição na sociedade lhe permite agir com espírito independente. O contraste, portanto, não é tanto entre jovens e idosos, mas entre uma abordagem madura e ousada da vida e uma abordagem imatura e servil”. Eaton, Ecclesiastes, 137.

[42] Murphy, Ecclesiastes, 105.

[43] “A palavra ‘casa’ pode não se referir apenas à casa literal do tolo preguiçoso, mas também à ‘casa’ real”. Seow, Ecclesiastes, 331; cf. ibid., 340.

[44] Whybray, Ecclesiastes, 157, sugere que este “pode ser um comentário cínico do Qohelet, que em outro lugar parece desprezar o riso (2.2; 7.3,6) e adverte seus leitores contra pensar que a prosperidade pode proporcionar felicidade (4.7-8; 5.10-17 [MT 9-16])”. Em vez de ler este verso como um comentário cínico, acredito que o Pregador está colocando palavras na boca dos príncipes do verso 16 – uma expansão de seu banquete tolo similar à expansão nos versos 13-15.

[45] “Talvez fosse originalmente uma canção de bebedeira, como sugerem alguns (Galling, Lauha)”. Seow, Ecclesiastes, 332.

[46] “‘O dinheiro atende a tudo’ provavelmente é uma referência à corrupção nos assuntos do estado”. Loader, Ecclesiastes, 123.

[47] “O fracasso de uma vida indolente é visto aqui: pão... vinho... dinheiro é o limite de seu horizonte”. Eaton, Ecclesiastes, 138.

[48] “O rei ou o rico que age como se o dinheiro fosse a resposta para tudo pode merecer ser amaldiçoado”. Farmer, Who Knows What Is Good? 189. Cf. Loader, Ecclesiastes, 124: “Faz todo sentido que um povo oprimido e explorado amaldiçoe em seu coração a classe superior e que queira expressar sua hostilidade em sua câmara interior”.

[49] Fox, A Time to Tear Down, 310.

[50] “Em tratados antigos, o vassalo era sempre advertido sobre o uso de linguagem crítica, porque isso era uma expressão de rebelião”. Ogden, Qoheleth, 180.

[51] “A alusão pode ser à presença onipresente de espiões... Vários informantes do governo durante o governo persa eram conhecidos como ‘os olhos e ouvidos do rei’”. Seow, Ecclesiastes, 341.

[52] Por causa das muitas ideias presentes nesta passagem, um breve resumo no fim do sermão pode ser útil para os ouvintes.

[53] Ogden, Qoheleth, 181.

[54] Paulo, da mesma forma, diz aos cristãos de Colossos: “Portai-vos com sabedoria para com os que são de fora; aproveitai as oportunidades. A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um” (Cl 4.5-6).

CAPÍTULO 14

Assuma riscos ousada, mas sabiamente!

Eclesiastes 11.1-6

Lança o teu pão sobre as águas,

porque depois de muitos dias o acharás.

Reparte com sete e ainda com oito,

porque não sabes que mal sobrevirá à terra.

(Ec 11.1-2)

Este é um excelente texto de pregação para tempos de dificuldades econômicas. Embora o texto seja curto, apresenta alguns desafios peculiares. O primeiro é estabelecer os limites da unidade literária, pois os comentaristas oferecem uma grande variedade de opiniões sobre o assunto. Um segundo desafio é chegar a uma interpretação correta. Por exemplo, o verso 1 diz: “Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás”. Pelo menos três interpretações diferentes são oferecidas para este verso familiar: Dê esmolas e, eventualmente, você será recompensado; envie seus bens pelo oceano, e depois de muitos dias você será beneficiado pelo comércio; faça algo sem sentido e isso pode levar, paradoxalmente, a um bom resultado.[1] Devemos começar pelo estabelecimento da unidade textual.

Texto e contexto

Como mencionado, os comentaristas não concordam sobre os limites deste texto. Alguns veem esta passagem como parte da seção anterior: ou capítulos 9.13–11.6; 10.1–11.6; ou 10.16–11.6.[2] Outros o veem como parte da sequência: ou capítulos 11.1-8[3] ou 11.1–12.8.[4] Outros, ainda, veem-no como uma unidade independente sem conexão com o que vem antes ou depois.[5]

Em termos de conteúdo, 11.1 claramente começa uma nova unidade: sai do tópico de política (terra, rei, príncipes, em 10.16-20) e passa ao tópico de economia ("lança o teu pão sobre as águas", "reparte", "semeadura" e "colheita", em 11.1-6). Esta unidade termina em 11.6, pois 11.7-8 muda o tópico de economia para alegria. Além disso, 11.6 também conclui esta seção com o marcador de seção "não sabes".[6] Portanto, podemos selecionar como nosso texto de pregação Eclesiastes 11.1-6.

Isto não significa que este texto é isolado do contexto. A observação anterior do Pregador, de que "(...) não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória (...)" (9.11), pode dar aos leitores a ideia de que não há objetivo em tentar realizar alguma coisa. O Pregador reitera nesta passagem que acidentes de fato acontecem; não estamos no controle; "não sabes que mal sobrevirá à terra" (11.2). E ele reitera novamente que não sabemos o que Deus tem reservado: "Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas" (11.5; cf. 3.11; 7.13-14,24; 8.17). Mas isso não significa que devemos desistir de tudo fatalisticamente. Ao concluir seu livro, o Pregador oferece conselhos mais concretos sobre como podemos viver em meio às incertezas que enfrentamos neste mundo. Suas principais admoestações nesta passagem são: "Lança o teu pão sobre as águas (...) Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão (...)" (11.1,6 [inclusio]; cf. 9.10).

Elementos literários

Observar os elementos literários nos ajudará a discernir a estrutura do texto e o significado desta passagem. Os imperativos dos versos 1, 2 e 6 mostram que a forma desta passagem é instrução. Os paralelismos nos versos 1-4 indicam que os versos são poesia (veja a NRSV). O Pregador usou provérbios já existentes ou compôs os provérbios que aí estão. Os versos 5 e 6 também são poesia (veja a TNIV), embora a NRSV imprima esses versos como prosa.

Ogden observa: “Nos versos 1-4 há três conjuntos de sentenças emparelhadas [1-2,3,4], todas em forma paralela, enquanto o verso 5 pode ser descrito como exibindo ‘paralelismo ascendente’. O verso 6 segue uma forma similar à dos versos 1-2, com seus imperativos e cláusula motora”.[7] O verso 6 também usa paralelismo sintético nas duas primeiras linhas:

Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão,

porque não sabes qual prosperará

Além disso, o verso 2, “reparte com sete, e ainda com oito”, emprega “intensificação numérica” – bem conhecida nos livros de Provérbios (6.16-19; 30.15,18,21) e Amós (1.3,6,9,11,13; 2.1,4,6).

Possíveis metáforas são encontradas no verso 1, “pão” e “águas”, no verso 2, “reparte com/divide teus meios/dá uma porção” e no verso 6, “semeia... a tua semente”. O entendimento destas palavras e frases como metáforas justifica, em grande parte, as muitas interpretações diferentes.

A repetição mais importante é o refrão quádruplo, “não sabes” (v. 2,5a, 5b,6). Esta repetição coloca a mensagem do Pregador contra o pano de fundo da ignorância humana. Outras repetições que ligam os versos desta passagem são

“pois” (, v. 1,2,6), “nuvens” (v. 3,4), “cheias/grávida” (v. 3,5), “vento (v. 4,5) e “semear” (v. 4,6).

Estrutura textual

Os elementos literários revelam que esta curta passagem apresenta cinco pontos relacionados:

I. Admoestação: Sê ousado, mas sábio (v. 1-2)

A. Lança teu pão sobre as águas (v.1 a)

1. Razão: Porque depois de muitos dias o acharás (v. 1b)

B. Reparte com sete (v. 2a)

1. Razão: Porque não sabes que mal sobrevirá à terra (v. 2b)

II. Não conhecemos certas leis da natureza (v. 3)

A. Quando as nuvens estão cheias (v. 3a)

1. Derramam aguaceiro sobre a terra

B. Caindo a árvore para o sul ou para o norte (v. 3b)

1. No lugar em que cair, aí ficará

III. Esperar por condições ideais nos leva a não fazer nada (v. 4)

A. Quem somente observa o vento (v. 4a)

1. Nunca semeará

B. O que olha para as nuvens (v. 4b)

1. Nunca segará

IV. Não conhecemos o plano de Deus, que controla tudo (v. 5)

A. Não sabes como se formam os ossos no ventre da mulher grávida (v. 5a)

1. Assim também não conheces a obra de Deus (v. 5b)

a. Que faz todas as coisas

V. Como não sabes o que prosperará

Aproveita cada oportunidade para trabalhar (v. 6)

A. Semeia pela manhã a tua semente (v. 6a)

E à tarde não repouses a mão

1. Razão: Porque não sabes qual prosperará (v. 6b)

a. Se esta, se aquela

b. Ou se ambas igualmente serão boas

Interpretação teocêntrica

Esta passagem menciona Deus somente uma vez, mas com implicações de longo alcance. No verso 5, o Pregador afirma: “(...) não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas”. Por um lado, ele enfatiza novamente a ignorância humana sobre as obras, os “feitos” de Deus. Por outro lado, ele confessa que Deus “faz todas as coisas”. Em outras palavras, Deus é soberano; ele governa tudo; ele controla tudo neste mundo. Podemos ser ignorantes sobre o plano de Deus, mas sabemos que ele tem a palavra final e tudo está nas suas mãos.

Tema e objetivo textual

A estrutura textual, com suas admoestações e sua repetição de “não sabes” nos ajuda a discernir o tema desta passagem. O Pregador começa com a ordem: “Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás” (v. 1). Ele está estimulando seus leitores a serem ousados, a fazerem algo inusitado, para eventualmente serem recompensados. Mas ele não quer que seus leitores passem dos limites e assumam riscos tolos, pois acrescenta: “Reparte com sete (...) porque não sabes que mal sobrevirá à terra” (v. 2). Seja ousado, mas sábio!

Em seguida o Pregador ressalta que, por observação, podemos chegar a conhecer certa regularidade na natureza (v. 3), mas esperar por condições climáticas ideais nos paralisa e nos leva a não fazer nada (v. 4). Além disso, não conhecemos o plano do Deus soberano, que controla tudo (v. 5). Isso conduz à ordem final, no verso 6, que, em estrutura (imperativo seguido por uma cláusula motora) e conteúdo é similar à ordem inicial (inclusio):[8] “Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas”.

A inclusio revela o ponto central desta passagem: tendo em vista nossa ignorância do que prosperará, devemos trabalhar ousada, mas sabiamente para abranger todas as possibilidades. Podemos, portanto, formular o tema textual da seguinte maneira: Como não sabemos o que Deus fará prosperar, use cada oportunidade para trabalhar ousada, mas sabiamente.

Quanto ao objetivo, Seow observa que a “audiência [do Pregador] vivia em um mundo em que há muito tempo ela desejava controlar e predizer o que aconteceria. Muitos, sem dúvida, viviam como o pobre avarento, que guardava sua riqueza apenas para perdê-la. Viviam com medo do que podia acontecer em seu mundo frágil”.[9] Considerando os imperativos, o objetivo do Pregador com esta mensagem foi estimular seus leitores não a ficar paralisados por sua falta de conhecimento, mas a usar cada oportunidade para trabalhar ousada, mas sabiamente.

Maneiras de pregar Cristo

Como podemos sair da mensagem do Pregador para Jesus Cristo, no Novo Testamento? Como esta passagem não contém uma promessa da vinda do Messias nem um tipo de Cristo,[10] verificaremos as outras cinco maneiras. Como a progressão histórico-redentiva e os temas longitudinais novamente estão entrelaçados, nós os combinaremos nesta apresentação.

Progressão histórico-redentiva/Temas longitudinais

O tema foca no trabalho humano. De acordo com os capítulos iniciais de Gênesis, Deus criou os seres humanos à sua imagem para terem domínio sobre todas as criaturas de Deus (Gn 1.26-28). Gênesis 2 se concentra no jardim: "Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar" (2.15). Em outras palavras, o trabalho humano responsável é parte da boa criação de Deus, parte do plano de Deus para a humanidade.

Infelizmente, o pecado humano estragou a boa criação de Deus: "Deus amaldiçoou a terra; ela passou a produzir cardos e abrolhos, e o satisfatório trabalho humano se tornou pesado (Gn 3.17-18). "Espinhos e abrolhos" não somente aumentaram o trabalho, mas também tornaram incerto o fruto do trabalho. No entanto, em sua graça Deus prometeu que o labor humano resultaria em alimento suficiente: "No suor do rosto comerás o teu pão" (Gn 3.19).

Posteriormente, Deus trouxe seu povo, Israel, para a Terra Prometida. Nessa terra, que fluía leite e mel (Êx 3.8), haveria mais certeza de que seu labor resultaria em pão suficiente – mas não havia garantias (veja as maldições da aliança, em Dt 28). Por meio de Isaías, Deus prometeu uma nova terra (65.17), em que "plantarão vinhas e comerão o seu fruto" (65.21). Não obstante, as incertezas para se ganhar a vida aumentaram para Israel, quando os israelitas se

envolveram em um arriscado comércio internacional. Neste cenário, o Pregador estimulou Israel a aproveitar cada oportunidade para trabalhar ousadamente, “pois não sabes qual prosperará”. Jesus veio ao mundo para pagar a penalidade pelo pecado humano e restaurar a criação àquilo que Deus havia planejado que ela fosse. Ele via o trabalho no contexto da vinda do Reino de Deus. Ele chamou pescadores para segui-lo e disse: “(...) eu vos farei pescadores de homens” (Mc 1.17). Ele estimulou seus seguidores a fazerem a obra de Deus: “É necessário que façamos as obras daquele que me enviou” (Jo 9.4). Jesus associou nosso trabalho com herdar o reino de Deus: “então, dirá o Rei [Jesus] aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes” (Mt 25.34-35).

Paulo também relacionou nosso trabalho à vinda do reino e especificamente a Jesus Cristo: “(...) tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Cl 3.17; cf. 1Co 15.58). Quando Jesus voltar, fará novas todas as coisas – inclusive o trabalho (Ap 21.1-7; 22.12-14).

Analogia

Embora Jesus veja o trabalho em um nível mais profundo que o Pregador do Antigo Testamento, ainda há analogias entre as instruções do Pregador e os ensinos de Jesus. Assim como o Pregador orientou seus leitores a aproveitar cada oportunidade para trabalhar, Jesus também orientou seus ouvintes a trabalhar diligentemente: “É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar” (Jo 9.4). Jesus também conta a parábola dos talentos, na qual os servos que trabalharam duro foram recompensados, enquanto o servo preguiçoso foi punido (Mt 25.14-30). Além disso, Paulo fala “pelo Senhor”, quando diz aos efésios: “Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado” (Ef 4.17,21,28).[11]

Também podemos usar uma analogia que foca especificamente o verso 6: Assim

como o Pregador orientou seus leitores a semear de manhã e à tarde “porque não sabes qual prosperará”, assim também Jesus conta aos seus ouvintes a parábola do semeador que semeou liberalmente (pelo caminho, em solo rochoso, entre espinhos e em bom solo), sem saber qual prosperaria (Mt 13.3-9,18-23).

Referências do Novo Testamento

O apêndice do Novo Testamento grego lista somente uma referência no Novo Testamento a esta passagem. Para o verso 5, “Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida”, ele cita João 3.8, em que Jesus diz a Nicodemos: “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito”. Contudo, esta referência não é útil, pois não conhecer o caminho do vento não é o ponto central da passagem.

Contraste

Embora haja um aprofundamento do conceito de trabalho no Novo Testamento (veja “Progressão histórico-redentiva”, acima), não há contraste entre a mensagem do Pregador e a do Novo Testamento.

Tema e objetivo do sermão

Formulamos o tema textual da seguinte forma: “Como não sabemos o que Deus fará prosperar, use cada oportunidade para trabalhar ousada, mas sabiamente”. Vendo que o Novo Testamento não contradiz esta ideia, podemos usar o tema textual como tema do sermão: Como não sabemos o que Deus fará prosperar, use cada oportunidade para trabalhar ousada, mas sabiamente.

O objetivo do Pregador foi “estimular seus leitores não a ficar paralisados por sua falta de conhecimento, mas a usar cada oportunidade para trabalhar ousada, mas sabiamente”. Com uma pequena mudança podemos fazer deste o objetivo do sermão: estimular nossos ouvintes não a ficar paralisados por sua falta de conhecimento, mas a usar cada oportunidade para trabalhar ousada, mas sabiamente. Este objetivo indica a necessidade tratada neste sermão: as pessoas frequentemente ficam paralisadas por sua falta de conhecimento e outras incertezas e por isso perdem oportunidades de trabalhar de modo frutífero.

Exposição do sermão

A introdução do sermão pode ilustrar a facilidade com que deixamos de agir por causa de nossa falta de conhecimento e outras incertezas. Por exemplo, quando os fazendeiros não têm certeza de que venderão sua colheita em determinado ano, podem deixar a terra sem cultivo. Quando pessoas de negócios não estão certas de que terão lucro, podem voltar atrás em um acordo. Quando não sabemos que nosso trabalho será bem-sucedido, tendemos a não fazer nada.

Os israelitas a quem o Pregador se dirigiu estavam na mesma situação. A nação tinha sofrido grandes mudanças. O pequeno país agrícola tinha se tornado uma ponte para o comércio internacional entre Egito e Ásia/Europa. Alguns israelitas tinham tentado entrar no comércio e perdido tudo. No capítulo 5, o Pregador descreve pessoas que tinham perdido suas riquezas naquilo que ele chama de "má ventura". Ele escreve: "(...) se tais riquezas se perdem por qualquer má aventura, ao filho que gerou nada lhe fica na mão. Como saiu do ventre de sua mãe, assim nu voltará, indo-se como veio; e do seu trabalho nada poderá levar consigo" (5.14-15). Ver algumas pessoas perderem tudo em uma má ventura era suficiente para que outras não arriscassem nada. Nunca se sabe o que acontecerá. Por isso eles "chocavam" suas posses. Mas isso também não era seguro nem sábio. Ao concluir seu livro, o Pregador faz duas grandes admoestações sobre como viver em um mundo com muitas incertezas. A primeira admoestação é encontrada em nosso texto e tem a ver com nosso trabalho e nossas posses.

Verso 1: "Lança teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás". Isso parece uma coisa arriscada a fazer. Pegar um pedaço de pão integral de 14 grãos e jogá-lo sobre as águas. O que aconteceria? Logo ficaria encharcado e afundaria. A pessoa nunca mais veria esse pedaço de pão novamente.

Mas, é claro, não devemos pensar em um pão de 14 grãos, mas no pão que eles tinham na época. "O que está em vista é um pita, um disco fino, chato e, provavelmente, duro que flutuaria pelo menos por algum tempo sobre a corrente, até se perder de vista".[12] "Lança teu pão sobre as águas"; ponha-o no rio e deixe-o flutuar perto da margem. Mas, assim como acontece com o pão de 14 grãos, a

pessoa nunca o verá de novo.

Mas o Pregador diz: “Lança teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás”. Provavelmente ele não quer dizer que a pessoa recuperará seu pão. O que ele está dizendo é: Faça algo arriscado, como lançar o pão sobre as águas. Faça algo tão arriscado que o retorno pareça impossível. O pão será levado pela corrente. Ele afundará. Você nunca o verá de novo. Mas seja ousado! Avance em fé! Faça algo arriscado porque, “depois de muitos dias, o acharás”.

O que o Pregador tinha em mente? Hoje há duas interpretações diferentes, e ambas podem estar certas.[13] Muitos comentaristas agora pensam no comércio marítimo. Este era um negócio arriscado, especialmente naqueles dias. As jornadas eram longas e perigosas e os proprietários não tinham ideia do que estava acontecendo a seus bens e barcos. Muitos barcos naufragados estão no fundo do Mediterrâneo. A Bíblia nos diz que o rei Salomão tinha uma frota de barcos que voltava com ouro, prata e marfim a cada três anos (1Rs 10.22). Com o comércio marítimo em mente, a TNIV traduz o verso 1 da seguinte maneira: “Transporte seu cereal em barcos pelo mar; depois de muitos dias, você terá retorno”. Atreva-se a assumir um risco! Seja ousado! Diríamos: “Nada arriscado, nada ganho”.

O Pregador quer que assumamos riscos, mas não os tolos. Por isso ele adverte, no verso 2: “Reparte com sete e ainda com oito, porque não sabes que mal sobrevirá à terra”. Não coloque todos os seus bens em um único barco, “porque não sabes que mal sobrevirá”. Se esse barco afundar em uma tempestade, você irá à bancarrota. “Reparte com sete e ainda com oito”.[14] Isto significa que a pessoa deve dividir seus bens por vários barcos. Se um deles afundar, ela ainda terá a maior parte de suas posses. Hoje diríamos: “Não ponha todos os ovos em um único cesto”.[15] Diversifique seus investimentos, mas atreva-se a correr riscos. Seja ousado!

Na parábola dos talentos, Jesus dá um conselho semelhante. O rico senhor sai para uma viagem. Antes de sair, deu a um dos seus servos cinco talentos, a outro, dois talentos e a um terceiro, um talento. O primeiro servo imediatamente começou a comercializar com seu dinheiro e, em pouco tempo, ganhou mais cinco talentos. O segundo também trabalhou pesado com seu dinheiro e ganhou outros dois talentos. Mas o terceiro ficou com medo. Ele teve medo de arriscar o dinheiro do seu senhor. Com tantas incertezas, podia perdê-lo facilmente. Por isso cavou um buraco no chão e escondeu o dinheiro. O dinheiro do seu senhor

estava seguro. Agora não o perderia. Isso parecia algo prudente a se fazer. Quando o senhor voltou para casa, recompensou os dois primeiros servos por seu trabalho pesado, mas repreendeu o terceiro. Ele o chamou de “servo mau e negligente”, “inútil”, e o puniu severamente (Mt 25.14-30). O ensino de Jesus é que devemos trabalhar diligentemente em e pelo reino de Deus. E, ao fazer isso, devemos nos atrever a assumir riscos com aquilo que Deus nos confiou. Devemos nos atrever a andar pela fé.

Atrever-se a assumir não se aplica somente ao comércio marítimo, é claro. Precisamos assumir riscos em muitas áreas da vida. Estudantes passam muitos anos em uma faculdade preparando-se para a vida profissional. Eles assumem o risco de que pode não haver emprego em sua área quando estiverem formados. Escritores passam muitos anos escrevendo um livro. Eles assumem o risco de que sua obra pode não ser publicada ou pode não ser bem recebida. Assumimos riscos quando compramos uma casa, quando viajamos, quando experimentamos uma comida diferente, quando escolhemos um cirurgião. Assumimos riscos até mesmo quando damos dinheiro aos pobres.

Em 4.1, o Pregador observou: “Vi ainda todas as opressões que se fazem debaixo do sol; vi as lágrimas dos que foram oprimidos, sem que ninguém os consolasse”. Não há conforto aos oprimidos? Não há quem ajude os pobres? Será que o Pregador deixa implícito em nosso texto que devemos assumir o risco de dar dinheiro ao pobre?

Nos tempos medievais, os comentaristas geralmente entendiam as palavras “lança o teu pão sobre as águas” como “dá pão aos oprimidos”.[16] Dar esmolas aos pobres. Isso é assumir um risco real. Por uma perspectiva secular, dar aos pobres parece fazer o dinheiro descer pelo ralo. Não sabemos o que o pobre fará com ele. Além disso, nunca veremos esse dinheiro de volta. Mas o Pregador nos assegura: “Depois de muitos dias, o acharás”. Ele dará fruto. Ele voltará.

Pesquisadores encontraram um provérbio similar na literatura sapiencial egípcia. É assim: “Faça uma boa obra e lance-a sobre a água; quando ela secar, você a encontrará”.[17] Pode parecer que uma boa obra desapareceria na água, mas, quando a água secar, você a encontrará de novo.

Um comentarista chama a imagem de lançar o pão sobre as águas de “imagem de liberalidade”.[18] Esta demanda por liberalidade seria confirmada no verso 2, que diz, literalmente: “Dá uma porção a sete, ou até mesmo a oito”, isto é, dar

uma porção de suas posses a sete ou oito pessoas. Sete é o número da perfeição, da completude. Ao dar dinheiro ao pobre, faça o melhor. Abra a mão liberalmente. “Dá uma porção a sete ou a oito, pois não sabes que mal sobrevirá à terra”.

Dada a possibilidade de um desastre, nossos instintos são no sentido de “acumular para prevenir a escassez”.[19] Mas o verso 2 nos encoraja a não nos apegarmos tanto às nossas posses. O Pregador exclamou anteriormente: “Quem ama o dinheiro jamais dele se farta; e quem ama a abundância nunca se farta da renda” (5.10; cf. 4.7-8; 5.13-17). Jesus também disse: “(...) a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc 12.15). Posses não podem comprar felicidade. As posses devem ser usadas para ajudar os necessitados. Assim, o verso 2 sugere que devemos dar liberalmente ao pobre enquanto tivermos posses para dar, “porque não sabes que mal sobrevirá à terra”. Isso é assumir um grande risco; requer andar em fé, com a certeza do verso 1 de que “depois de muitos dias o acharás”.

Como acharemos o dinheiro dado ao pobre? Provérbios 22.9 diz: “O generoso será abençoado, porque dá do seu pão ao pobre”. Provérbios 19.17 diz assim: “Quem se compadece do pobre ao Senhor empresta, e este lhe paga o seu benefício”. Em Deuteronômio, Deus diz: “Livremente, lhe darás, e não seja maligno o teu coração, quando lho deres; pois, por isso, te abençoará o Senhor, teu Deus, em toda a tua obra e em tudo o que empreenderes”. Jesus diz, semelhantemente: “dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também” (Lc 6.38).[20]

Jesus nos estimula até mesmo a dar quando não houver possibilidade de que a pessoa possa nos restituir. Ele diz:

Quando deres um jantar ou uma ceia, não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos; para não suceder que eles, por sua vez, te convidem e sejas recompensado. Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos (Lc 14.12-14).

“Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás”. Atreva-se a arriscar!

Nos versos 3-4, o Pregador expande o tema. Ele acabou de dizer no verso 2 que não sabemos “que mal sobrevirá à terra”. Mas há algumas coisas que sabemos. Ele destaca algumas das regularidades, das certezas que podemos observar na natureza. Verso 3: “Estando as nuvens cheias, derramam aguaceiro sobre a terra; caindo a árvore para o sul ou para o norte, no lugar em que cair, aí ficará”.

“Estando as nuvens cheias, derramam aguaceiro sobre a terra”. As nuvens eram sinais importantes, especialmente na Palestina. Quando nuvens carregadas vinham do Mediterrâneo, as pessoas sabiam que a estação chuvosa havia chegado. Estando as nuvens cheias, derramam aguaceiro sobre a terra”. Observamos isso todo o tempo, não há exceções. Esta é uma lei da natureza que podemos observar e com a qual podemos contar.

Um segundo exemplo:“caindo a árvore para o sul ou para o norte, no lugar em que cair, aí ficará”. Imagine uma floresta. Uma árvore cai. Ela pode cair para o norte, para o sul, para o leste ou para o oeste – isso não importa.[21] O ponto é: “No lugar em que cair, aí ficará”. Esta é outra lei da natureza. Uma árvore que cai não se levanta de novo. Uma árvore que cai não se move para uma direção diferente daquela para onde caiu. Isso acontece o tempo todo; não há exceções. Esta é uma lei da natureza com que podemos contar. Então, há algumas coisas que sabemos pela observação da natureza.[22] Há algumas certezas.

Mas podemos requerer mais certeza do que é bom para nós. O Pregador afirma, no verso 4: “Quem somente observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará”. Os fazendeiros preferem o clima ideal para semear e para colher. Ainda hoje eles estudam cuidadosamente as nuvens e vigiam o noticiário do clima. Na antiga Palestina, o melhor momento para plantar era quando havia pouco ou nenhum vento. Isso permitia que os agricultores espalhassem a semente regularmente pelo campo. Mas se esperassem demais pelo tempo perfeito, podiam nunca semear. Em algum momento, tinham que arriscar.

Quando chegava o tempo da colheita, o clima perfeito era ensolarado – sem nuvens no céu. A chuva estragaria a colheita. Por isso os agricultores estudavam as nuvens e avaliavam as possibilidades de chuva. Mas, se esperassem pelo

tempo perfeito, podiam nunca colher. Em algum momento, precisavam arriscar.

Este princípio de assumir riscos se aplica não somente a agricultores, é claro. Merchants têm que assumir riscos; trabalhadores autônomos têm que assumir riscos; estudantes têm que assumir riscos. Todos têm que assumir riscos. “O indivíduo excessivamente cauteloso está destinado ao fracasso, pois condições ótimas podem não se materializar”.[23] Portanto, muito embora nunca possamos ter certeza de que nossa oportunidade é perfeita, não devemos deixar o desconhecido nos paralisar. Em vez disso, devemos aproveitar cada oportunidade para trabalhar ousadamente. “Aqueles que não tentam nunca são bem-sucedidos”.

No verso 5, o Pregador volta a falar do que não sabemos: “Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas”.[24] Nos tempos antigos, as pessoas nem imaginavam como a vida se desenvolve no ventre materno. O salmista exclama: “os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra” (Sl 139.15). Mesmo com grandes avanços no conhecimento médico, hoje não sabemos realmente como a vida surge. “Assim”, e este é o ponto, “não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas”. Não sabemos as obras de Deus.[25] Não sabemos o que Deus fará em seguida. Não conhecemos seus planos para o futuro. Vivemos com grande medida de incerteza.

Mas há uma coisa que sabemos, isto é, sabemos que Deus fez todas as coisas. Nada neste mundo está fora do seu controle. As tempestades que afundam os barcos no mar, as nuvens que trazem chuva sobre a terra, as árvores que caem na floresta, os ventos que sopram, a safra que cresce, o fôlego de vida para os bebês – Deus faz tudo! Esse conhecimento nos dá estabilidade em um mundo incerto. O fato de que Deus faz todas as coisas pode nos dar coragem para fazer nosso trabalho com fidelidade. O fato de que Deus faz todas as coisas pode nos dar ousadia para assumir alguns riscos. Não precisamos esperar para ter certeza absoluta antes de agir. Não precisamos ser tão ansiosos. Deus faz todas as coisas. Por isso, podemos lançar nosso pão sobre as águas, sabendo que, depois de muitos dias, o acharemos.

No verso 6, o Pregador novamente nos estimula a usar cada oportunidade para trabalhar ousada, mas sabiamente. “Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se

ambas igualmente serão boas". Pense no risco que os fazendeiros assumem quando semeiam. Eles poderiam comer essa semente para saciar sua fome. Isto seria uma aposta segura. Mas, em vez de comer a semente, eles a enterram no chão. Agora não têm nada – a menos que tenham uma boa colheita. Assim, semeiam em esperança, mas não podem ter certeza de que terão uma boa colheita. Pode chover demais ou muito pouco. Pode haver geada ou uma praga de gafanhotos. O que as pessoas devem fazer quando não conhecem as possibilidades de sucesso?

Algumas pessoas não semeiam, como vimos no verso 4, e, portanto, não colhem. Outras esperam demais para colher e, por isso, perdem a colheita. Essas pessoas não estão prontas para assumir o risco necessário para semear e colher com bom êxito. Mas o Pregador aconselha: Precisamente por causa da incerteza, precisamente porque não sabe, você deve aproveitar cada oportunidade para trabalhar. "Não sabes qual prosperará; se esta, se aquela". Talvez a semente semeada pela manhã prospere. Precisamente por não saber, você deve cobrir todas as possibilidades. Semeie pela manhã e à tarde.[26] Aproveite cada oportunidade para trabalhar ousadamente!

Quatro vezes, em seis versos, o Pregador diz que não sabemos: verso 2, "não sabes que mal sobrevirá à terra"; verso 5, "não sabes como se formam os ossos no ventre da mulher grávida" e "não sabes as obras de Deus", e verso 6, não sabes qual prosperará, se esta, se aquela". Vivemos em um mundo com muitas incertezas porque "não sabemos". Como devemos viver num mundo precário como este? O Pregador admoesta: como não sabe o que Deus fará prosperar, aproveite cada oportunidade para trabalhar ousada, mas sabiamente.

Jesus dá um conselho semelhante. Ele conta aos seus ouvintes a parábola do semeador: "Eis que o semeador saiu a semear. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho e, vindo as aves, a comeram. (...)" (Mt 13.3-9). O semeador sabia, é claro, que algumas das sementes podiam ser comidas pelas aves, mas arriscou, de qualquer modo. Ele semeou liberalmente, sem saber qual semente prosperaria. Algumas sementes foram, de fato, comidas pelas aves; algumas brotaram rapidamente, mas murcharam por causa do sol; algumas plantas jovens foram sufocadas pelos espinhos. Muitas incertezas e fracassos. Mas o semeador semeou, de qualquer forma. Em meio a muita incerteza, ele sabia que algumas sementes prosperariam. Por isso, semeou liberal e ousadamente.

Jesus quis que esta parábola fosse entendida em um nível mais profundo que a

semeadura literal. Ele explicou que a semente é “a palavra do reino” (Mt 13.19). Devemos semear a palavra do reino liberalmente porque não sabemos quando ou onde Deus a fará prosperar. Por isso Jesus ordena a seus discípulos que sejam suas “testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8).

Às vezes podemos ficar desencorajados por causa de todas as incertezas. Às vezes, podemos ficar desencorajados por nossa falta de sucesso. Não é fácil viver com incertezas. Especialmente em nossa cultura, não é fácil viver “sem saber”. Parece melhor ter segurança. Como resultado, podemos perder oportunidades dadas por Deus. Esta passagem nos estimula: precisamente por causa das incertezas, precisamente porque não sabemos o que Deus fará prosperar, devemos aproveitar cada oportunidade para trabalhar ousada, mas sabiamente e entregar os resultados nas mãos do Deus Todo-Poderoso, que, por meio de Jesus Cristo, é nosso Pai celestial. Ele cuidará de nós.

---

[1] Veja Murphy, Ecclesiastes, 106-7. Fox, A Time to Tear Down, 311-12, apresenta quatro interpretações diferentes. A última e mais estranha interpretação é feita por Michael M. Homan, “Beer Production by Throwing Bread intoWater: A New Interpretation of Qoh. xi 1-2”, VT 52/2 (2002) 275-78: “Uma interpretação mais provável, considerado o processo pelo qual a cerveja era fermentada no antigo Oriente Próximo, é que o Qohelet está recomendando a produção e o consumo de cerveja em tempos de perigo” (p. 275).

[2] Ogden, “Qoheleth 11:1-6”, VT 33/2 (1983) 222, menciona R. Gordis, G. R. Castelino e A. G.Wright. Veja também Murphy, Ecclesiastes, 104; Seow, Ecclesiastes, 328; e Whybray, Ecclesiastes,150.

[3] Veja Leupold, Exposition of Ecclesiastes, 254; e Provan, Ecclesiastes, 204.

[4] Ogden, “Qoheleth 11:1-6”, VT 33/2 (1983) 222, menciona W. Zimmerli, G. A. Barton e O. S. Rankin. Veja também Daniel Fredericks, “Life’s Storms and Structural Unity in Qoheleth 11:1–12:8”, JSOT 52 (1991) esp. 97-99.

[5] Ogden, ibid., menciona K. Galling.

[6] Observe que este marcador também é encontrado em 11.2, de modo que A. G.Wright sugere duas unidades: 10.16–11.2 e 11.3-6 (veja p. 39, acima). Murphy, Wisdom Literature, 147, considera o “não sabes” do verso 2 “como

mais ou menos parentético” e estende a unidade até o verso 6. Um argumento mais forte em favor da unidade de 11.1-6 é seu conteúdo e tom. “11.1,2,6 contêm verbos principalmente no modo imperativo. Isto dá o ethos geral da seção. Estas formas verbais não se estendem para além de 11.6”. Ogden, “Qoheleth 11:1-6”, VT 33/2 (1983) 223.

[7] Ogden, “Qoheleth 11:1-6”, VT 33/2 (1983) 223.

[8] Cf. Fox, A Time to Tear Down, 315: “Em estrutura e mensagem, 11.6 recapitula 11.1 e, assim, fecha a unidade com seu ensino central: compensar a ignorância preparando-se para múltiplas eventualidades”.

[9] Seow, “The Socioeconomic Context of ‘The Preacher’s’ Hermeneutic”, PSBul 17/2 (1996) 193.

[10] Percy P. Stoute, “Bread upon the Waters”, BSac 107 (1950) 222-26, sugere tipologia no verso 1: o “pão” refere-se a Jesus, o “Pão da Vida” (Jo 6.35), e as “águas” significam “as nações ou os gentios” (Ap 17.5). Este método é uma forma de tipologização que se degenera em interpretação alegórica.

[11] Cf. 1Tessalonicenses 4.11: “(...) trabalhar com as próprias mãos, como vos ordenamos”. Paulo reforçou esta orientação em uma carta subsequente: “(...) se alguém não quer trabalhar, também não coma” (2Ts 3.10).

[12] Davis, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 219.

[13] Como indicado na introdução deste capítulo, os comentaristas se dividem sobre o significado dos versos 1-2. Muitos argumentam que lançar o pão sobre as águas refere-se a enviar os bens pelo mar em comércio marítimo. O verso 2, “reparte com sete”, significaria, então, dividir os bens em vários barcos, pensando na possibilidade de um desastre. Devido ao paralelismo com o verso 6, esta parece a interpretação certa. Mas outros (e.g., Brown, Fox, Ogden, Seow) argumentam de modo totalmente convincente que o verso 1 se refere a dar pão, esmolas, ao pobre, caso em que o verso 2 estimula a generosidade diante de desastres: “Reparte com sete (lit., dá uma porção a sete, e ainda a oito). Pergunto se precisamos escolher entre uma interpretação e outra. Como tendemos a ouvir os dois lados em um paralelismo sinônimo, será que o Pregador usou, aqui, deliberadamente, uma ambiguidade que nos permita ouvir tanto um lado quanto o outro? O desafio é ir, no sermão, de uma interpretação a outra de maneira natural.

[14] “Sete” é o número bíblico para indicar plenitude. “Sete ou oito” significa ainda mais que a completude.

[15] Jacó praticou este princípio quando soube que Esaú, seu irmão, estava se aproximando com 400 homens (Gn 33.1-3).

[16] Seow, Ecclesiastes, 343, menciona o Targum Qoheleth Rabbah, b. Yebamot 121a, Gregory Thaumaturgus, e os comentaristas judeus medievais Rashi e Rashbaum, bem como o reformador Martinho Lutero.

[17] Seow, “Theology When Everything Is Out of Control”, Int 55/3 (2001) 247, com uma referência a a Lichtheim, Ancient Egyptian Literature, 3:174.

[18] Seow, ibid. Cf. Seow, Ecclesiastes, 343: “Lançar o pão sobre as águas é assumir o risco de praticar uma boa obra espontânea... É uma metáfora para fazer o bem sem esperar recompensa: deve-se lançar uma boa obra, por assim dizer – apenas deixá-la ir – sem esperar retorno”.

[19] Davis, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 220.

[20] Veja também a parábola do administrador infiel, contada por Jesus (Lc 16.1-9), e sua conclusão: “Eu vos recomendo: das riquezas de origem iníqua fazei amigos; para que, quando aquelas vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos eternos”.

[21] “Norte-sul é um merisma que significa ‘em toda parte’”. Fox, A Time to Tear Down, 314.

[22] Alguns comentaristas, por exemplo, Longman, Book of Ecclesiastes, 257, afirmam que o ponto central do verso 3 é “que os seres humanos não controlam o que está acontecendo ao seu redor”. Mas Ogden, Qoheleth,186-87, examinando este verso no contexto do verso 1, argumenta contra “aqueles que dizem que o tema do verso 3 é o que a humanidade é incapaz de realizar, que não podemos alterar as leis da natureza para impedir que chova” e, em vez disso, foca naquilo que podemos saber.

[23] Crenshaw, Ecclesiastes, 180. Cf. Fox, Ecclesiastes, 73: “Prevenção e ação oportuna são importantes, mas planejar meticulosamente demais pode paralisar a iniciativa”.

[24] A TNIV traduz: “Assim como não sabes o caminho do vento ou como o corpo é formado no ventre materno” [A tradução usada pelo autor diz: “Assim como não sabes como o fôlego vem aos ossos no ventre materno” (N. do T.)]. Quer sejam usadas duas ilustrações ou uma que combine as duas (como na NRSV), o ponto central é o mesmo: “Não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas”.

[25] “As obras de Deus... não é a criação, que não é relevante aqui, mas o governo permanente do mundo por Deus, manifesto na causa de processos, como um infortúnio, o esvaziar das nuvens, a queda de uma árvore, uma plantação bem-sucedida e no fôlego de vida que anima o feto”. Fox, A Time to Mourn, 315.

[26] No verso 6, o Pregador “dá a razão pela qual se deve trabalhar duro: é precisamente porque o resultado é incerto que devemos trabalhar com esperança e sem ansiedade”. Whybray, Ecclesiastes,160. Cf. Fox, Ecclesiastes, 74: “Devemos responder à ignorância não por inação ou passividade, mas sendo flexíveis e diversificando nossos esforços e investimentos”.

CAPÍTULO 15

Lembra-te do teu Criador!

Eclesiastes 11.7–12.8

Alegra-te, jovem, na tua juventude,

e recreie-se o teu coração nos

dias da tua mocidade (...)

Lembra-te do teu Criador nos

dias da tua mocidade, antes

que venham os maus dias (...)

(Ec 11.9; 12.1)

Como esta passagem se dirige especialmente aos jovens, é um texto ideal para um culto de jovens. O principal desafio na pregação deste texto é interpretá-lo corretamente. Por exemplo, o que o Pregador quer dizer no verso 9, quando recomenda ao jovem: “Anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos”? Este conselho parece contradizer a lei de Deus: “Não seguireis os desejos do vosso coração, nem os dos vossos olhos” (Nm 15.39). O Pregador continua lembrando ao jovem que “de todas estas coisas Deus te pedirá contas”. Este lembrete tem o objetivo de restringir sua alegria ou há outra explicação?

Também há muitas questões sobre a interpretação do poema final. Michael Fox chama Eclesiastes 12.1-8 de “a passagem mais difícil em um livro difícil”.[1] Há muito tempo, Jerônimo observou que, sobre este texto, há “quase tantas opiniões quanto há pessoas”.[2] Hoje há mais pessoas e mais “opiniões” que no tempo de Jerônimo. As opções são interpretar o poema literal, metafórica ou alegoricamente, ou misturando as três possibilidades. Isso resulta em uma variedade de entendimentos: o poema fala sobre velhice e morte, ou sobre um

funeral, ou sobre uma tempestade em que as pessoas estão assustadas dentro de casa, ou sobre o fim dos tempos, com a morte de todas as pessoas.[3] Mesmo quando alguns comentaristas concordam sobre a grande figura, digamos, velhice e morte, ainda discordam dos detalhes por causa de alguma arbitrariedade inerente na interpretação alegórica. Por exemplo, “quando as portas da rua se fecharem” (12.4) tem sido entendido como “pés” (Targum), “lábios” (por exemplo, Ewald), “olhos” (por exemplo, Hengstenberg) e “ouvidos” (por exemplo, Wildeboer).[4] E “o gafanhoto se arrastar” (12.5) “tem sido interpretado como referindo-se ou a juntas ruins, ou a tornozelos inchados, ou ao andar manco ou à impotência”.[5]

Embora os pregadores tenham que formar opinião sobre a interpretação dessas imagens, felizmente esses detalhes não afetam o foco principal da passagem, que o Pregador afirma muito claramente: “Alegra-te” (11.9) e “lembra-te do teu Criador” (12.1). Mas essas duas ordens levantam mais questões sobre o tema desta passagem: Como essas duas ordens estão relacionadas? Qual é a ordem dominante? Como podemos formular um só tema que faça justiça a ambas? Ao longo do nosso estudo, teremos que obter clareza sobre estas e outras questões, mas devemos começar com os parâmetros do texto e seu contexto.

Texto e contexto

No capítulo anterior, observamos que alguns comentaristas incluem 11.7-8 na seção precedente e, assim, começam esta seção em 11.9.[6] Mas concluímos a última seção com 11.6 porque ela tem o marcador de seção, “não sabes”, e 11.7-8 muda o tópico de política para alegria – tema que será expandido em 11.9-10. Semelhantemente, 11.8 introduz o tópico “Lembra-te” – tema que será expandido em 12.1-8.[7] Além disso, a palavra “vaidade”, em 11.8,10; 12.8, dá a esta seção uma unidade coesa. “Além disso, os temas de luz e trevas unem 11.7-8 ao restante da passagem: a menção ao sol e à luz, em 11.7 é compensada pela referência ao escurecimento do sol e da luz, em 12.2. Deve-se observar, também, a recorrência de certas expressões de tempo: “anos” (11.8a; 12.1c), “dias” (11.8b; 11.9; 12.1), “antes” (12.1b,2,6)... De fato, 11.7-8 pode ser visto como o ‘prelúdio’ (Ravasi) para o grand finale do Qohelet”.[8] Podemos, portanto, começar este texto em 11.7.

Ainda há a questão de onde esta seção termina: em 12.7 ou 12.8? 12.8 muda o discurso da primeira para a terceira pessoa: “Vaidade de vaidade, diz o Pregador, tudo é vaidade”. Esta afirmação pode ser a conclusão de um editor, o que levanta a questão de se deve ser incluída com o ensino do Pregador, em 11.7–12.7, ou deixada para a seção seguinte, editorial (12.9-14).[9] Fox afirma: “Este verso [12.8] é o pivô entre o poema sobre a morte e o epílogo; pertence às duas unidades”.[10] Embora esta afirmação seja verdadeira, não resolve o problema de se deve ser incluída na presente unidade, na seguinte ou em ambas. Claro, 12.8 forma uma inclusio com 1.2, envolvendo, assim, todo o livro. Mas também resume esta seção muito bem quando repete as exclamações de vaidade em 11.8,10. Além disso, o próprio Pregador poderia muito bem resumir sua mensagem na terceira pessoa.[11] De qualquer forma, em termos de conteúdo, 12.9 começa uma nova seção. Portanto, devemos selecionar como nosso texto de pregação Eclesiastes 11.7–12.8.

Este texto tem numerosas conexões com seu contexto. O Pregador anteriormente estimulou as pessoas a se alegrarem (2.24-26; 3.12-13,22; 5.18-20; 8.15; 9.7-9). Nesta passagem, ele faz isso novamente, pela sétima e última vez (11.7-10).

Anteriormente, ele motivou as pessoas a se alegrarem, lembrando-lhes que estão todas indo para o sheol (9.10b). Aqui ele usa a mesma motivação, mas de modo muito mais elaborado: “(...) há dias de trevas, porque serão muitos” (11.8), e as trevas da velhice e da morte esperam por todos (12.1-7).[12] Anteriormente ele disse: “Quem sabe se o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima e o dos animais para baixo, para a terra?” (3.21). Aqui ele afirma que o espírito humano volta “a Deus, que o deu” (12.7). Anteriormente ele falou do juízo de Deus (3.17; 5.6); aqui ele repete essa noção (11.9), como o editor final fará no epílogo (12.14).

Estruturalmente, o elemento mais surpreendente é que o Pregador começou seu livro com um poema sobre os ciclos intermináveis na natureza e agora conclui seu livro com um poema sobre o fim da vida humana. O poema inicial afirmou que “Geração vai ( ) e geração vem; mas a terra ( ) permanece para sempre ( )” (1.4). O poema final afirma que “vais ( ) para a casa eterna ( )” (12.5) e “o pó volte à terra ( ), como o era” (12.7).[13]

Elementos literários

As ordens nesta passagem indicam que sua forma geral é instrução.[14] O Pregador inicia esta passagem com o provérbio metafórico: “Doce é a luz, e agradável aos olhos, ver o sol” (11.7). Em outras palavras, a vida é boa. Ele continua no verso 8, com dois jussivos: “regozije-se” e “lembrar-se”. Depois separa o primeiro jussivo e o transforma em imperativo, “alegra-te”. Ele elabora sobre esta ordem importante com mais quatro imperativos: “anda”, “sabe”, “afasta” e “remove” (v. 9-10). Em seguida, ele seleciona o segundo jussivo, “lembrar-se”, e também o transforma em um imperativo: “Lembra-te do teu Criador”. Ele elabora sobre esta ordem em uma longa sentença que vai de 12.1-7. A sentença é dividida em três partes pela repetição de “antes”, que tem o efeito de repetir “lembra-te do teu Criador”: “Lembra-te do teu Criador antes que venham os maus dias” (v. 1); “Lembra-te do teu Criador antes que se escureçam o sol, a lua e as estrelas” (v. 2); “Lembra-te do teu Criador antes que se rompa o fio de prata” (v. 6).

O uso de metáforas é proeminente especialmente no poema final. Isso dificulta a interpretação. Isso também levanta a questão de se algumas metáforas estão ligadas de maneira direta para formar uma alegoria (veja 12.3-4a). Von Rad escreve: “A confusão ocasional de imagem e objeto não foi problema para o ouvinte antigo. Alegorias completamente desenvolvidas são raras, é claro. Geralmente uma imagem é alegórica somente em partes, apenas para se afastar novamente desse estilo específico. Acima de tudo, as transições entre o que é simplesmente metafórico e o que é alegórico são fluidas”.[15]

Várias palavras-chave são enfatizadas pela repetição. “Alegra-te” ( ) é mencionado duas vezes (11.8,9) e reforçado com outras palavras e frases: “satisfazem ao teu coração”, “agradam aos teus olhos” e “Afasta (...) o desgosto (...) remove (...) a dor” (11.9,10). “Lembra-te” ( ) também é mencionado duas vezes (11.8; 12.1) e fica implícito outras três vezes: lembra-te “antes” (12.1,2,6). Também observamos uma tripla repetição de vaidade ( ) para concluir a introdução (11.8) e cada uma das duas seções (11.10; 12.8).[16] Além disso, a ênfase sobre a juventude é produzida de várias maneiras: “jovem”, “juventude”, “dias da tua mocidade” (11.9), “juventude e a primavera da vida” (11.10), “dias

da tua mocidade” (12.1). Em adição ao julgamento de Deus (11.9), Deus é mencionado duas vezes, uma como Criador (12.1) e uma como aquele que deu o espírito (12.7), formando, assim, uma inclusio para o poema.[17] E, finalmente, devemos notar a justaposição entre luz e trevas: “luz” e “sol”, em 11.7, seguidos por “dias de trevas”, em 11.8, e “escureçam o sol, a lua e as estrelas”, em 12.2. Também há muitas construções paralelas, que serão observadas na estrutura textual, abaixo.

Estrutura textual

Os elementos literários nos ajudam a esboçar a estrutura textual, o que, por sua vez, nos ajudará a discernir o tema e fazer um esboço de um sermão expositivo.

I. Alegra-te na bondade da vida (11.7)

Mas lembra-te que dias de trevas estão vindo

A. Doce é a luz (11.7)

e agradável aos olhos, ver o sol

B. Aqueles que vivem muitos anos devem se alegrar em todos eles (11.8)

1. Mas devem se lembrar de que os dias de trevas serão muitos

a. Tudo o que acontece é vaidade

II. Ordem: Alegra-te nos dias da tua mocidade

A. Alegra-te, jovem, na tua juventude (11.9)

E recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade

B. Anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração

E agradam aos teus olhos

1. Sabe, porém, que de todas estas coisas, Deus te pedirá contas

C. Afasta do teu coração o desgosto (11.10)

E remove da tua carne a dor

1. Porque a juventude e a primavera da vida são vaidade

III. Ordem: Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade (12.1)

A. Lembra-te do teu Criador antes que venham os maus dias

E cheguem os anos nos quais dirás: Não tenho neles prazer

B. Lembra-te do teu Criador antes que as trevas da velhice te apanhem

1. Antes que se escureçam o sol, a luz e as estrelas (12.2)

E tornem a vir nuvens depois do aguaceiro

2. No dia em que (12.3)

a. Tremerem os guardas da casa

b. Se curvarem os homens outrora fortes

c. E cessarem os teus moedores por já serem poucos

d. E se escurecerem aqueles que olham pelas janelas

e. Quando as portas da rua se fecharem (12.4)

f. E o som da moedura for baixo

g. E te levantares à voz das aves

h. E todas as filhas da música te diminuírem

i. Quando temeres o que é alto (12.5a-e)

j. e te espantares no caminho

k. E a amendoeira florescer

l. O gafanhoto se arrastar

m. E te perecer o apetite

3. Porque vais à casa eterna (12.5f)

E os pranteadores andam rodeando pela praça

C. Lembra-te do teu Criador antes que a morte te alcance

1. Antes que se rompa o fio de prata (12.6)

E se despedace o copo de ouro

2. E se quebre o cântaro junto à fonte

e se desfaça a roda junto ao poço

3. E o pó volte à terra, como o era (12.7)

e o espírito volte a Deus, que o deu

D. Vaidade de vaidades, diz o Pregador (12.8)

Tudo é vaidade

Interpretação teocêntrica

O Pregador estimula pessoas de todas as idades (11.8), mas especialmente os jovens, a se alegrarem na vida que Deus dá. Ele encoraja alegria sem limite, mas lembra de que Deus julgará seu comportamento (11.9). Para se alegrarem verdadeiramente, são estimulados a se lembrarem do seu Criador nos dias da sua mocidade (12.1). Seu Criador lhes deu o fôlego da vida (12.7); ele lhes deu "os dias da vida" (8.15); ele determinou seu tempo de nascer e seu tempo de morrer (3.2); ele lhes deu "sabedoria, conhecimento e prazer" (2.26); ele fez tudo "formoso no seu devido tempo" (3.11); ele lhes deu "riquezas e bens" e lhes deu "poder para deles comer, e receber a sua porção, e gozar do seu trabalho" (5.19). Eles devem se alegrar pelas boas dádivas de Deus enquanto podem – até que Deus tome de volta o dom da vida (12.7). O poema começa e termina com Deus, o Criador, Deus, o Doador. Assim o Pregador aconselha o jovem a "começar cedo a desenvolver um estilo de vida no qual Deus, o Criador e Sustentador, seja central".[18]

Tema e objetivo textual

O foco desta passagem está em duas ordens: “Alegra-te, jovem, na tua juventude” (11.9) e “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade” (12.1). A questão é: Qual é a relação entre essas duas ordens: Parece claro que, reforçada por mais quatro imperativos, a ordem dominante é alegrar-se. Mas a ordem de lembrar-se também recebe muito peso porque é parte de uma sentença de sete versos com três agourentos “antes”. Parece que a ordem de lembrar-se do Criador é dada para dar apoio à ordem de alegrar-se. Em outras palavras, as pessoas devem se lembrar do seu Criador para se alegrar.[19]

O Pregador recomendou muitas vezes que nos alegremos. O que é único sobre esta ordem nesta passagem é que ela é dirigida primariamente a pessoas jovens e está ligada a lembrarem-se do Criador antes que as trevas da velhice e da morte as alcancem. Portanto, podemos formular o tema deste texto da seguinte forma: Antes que seja tarde demais, lembre-se do seu Criador para desfrutar verdadeiramente a vida.

Devido aos imperativos, o objetivo do Pregador é encorajar especialmente os jovens a se lembrarem do seu Criador antes que seja tarde demais, para que possam desfrutar verdadeiramente a vida.[20]

Maneiras de pregar Cristo

Anteriormente, traçamos por todo o Antigo Testamento até Jesus Cristo, no Novo Testamento, o tema da alegria (veja acima, p. 72–73, 244–45). Com esta passagem, devemos focar na combinação específica de lembrar-se do Criador para ter alegria. Como esta passagem não tem uma promessa nem um tipo de Cristo, exploraremos os cinco caminhos restantes para chegar a Cristo, no Novo Testamento. Tendo em vista a eficiência, novamente combinaremos a progressão histórico-redentiva e os temas longitudinais.

Progressão histórico-redentiva/Temas longitudinais

No paraíso, as pessoas andavam com Deus, ou melhor, Deus andava com elas, e elas se alegravam por causa da presença de Deus e de suas dádivas de vida, comunhão e o belo jardim que deviam administrar. Quando desobedeceram a Deus, não se alegraram mais, mas esconderam-se com medo.

Mais tarde, quando Deus livrou seu povo da escravidão no Egito, instituiu a festa da Páscoa para que Israel se lembrasse da salvação de Deus e se alegrasse. O Senhor disse: “Este dia vos será por memorial, e o celebrareis como solenidade ao Senhor” (Êx 12.14). No Sinai, o Senhor deu a Israel sua lei para que o povo soubesse como viver alegremente diante do Senhor. Deus queria que os israelitas se lembrassem de sua lei: “Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas” (Dt 6.6-9). Para ajudar Israel a se lembrar da sua lei, Deus até instruiu os israelitas a fazerem franjas nos cantos de suas vestes: “As borlas estarão ali para que, vendo-as, vos lembreis de todos os mandamentos do Senhor e os cumprais; não seguireis os desejos do vosso

coração, nem os dos vossos olhos, após os quais andais adulterando, para que vos lembreis de todos os meus mandamentos, e os cumprais, e santos sereis a vosso Deus" (Nm 15.39-40).

Quando o Senhor levou Israel para Canaã, advertiu-o a não se esquecer do Senhor em sua prosperidade: "Se te esqueceres do Senhor, teu Deus, e andares após outros deuses, e os servires, e os adorares, protesto, hoje, contra vós outros que perecereis". O Senhor também instituiu mais sinais ao povo para lembrá-lo de sua salvação. Ele instruiu Josué a pegar doze pedras do meio do Jordão e a colocá-las em seu primeiro campo: "Quando vossos filhos, no futuro, perguntarem, dizendo: Que vos significam estas pedras? Então, lhes direis que as águas do Jordão foram cortadas diante da arca da aliança do Senhor... Estas pedras serão, para sempre, por memorial aos filhos de Israel" (Js 4.6-7). Mais tarde, quando o Senhor salvou Israel dos filisteus, "Tomou, então, Samuel uma pedra, e a pôs entre Mispa e Sem, e lhe chamou Ebenézer, e disse: Até aqui nos ajudou o Senhor" (1Sm 7.12). Estes eram memoriais para ajudar Israel a se lembrar de seu Criador e Redentor para que pudesse se alegrar nele.

Mas o Senhor faria ainda mais por seu povo. Zacarias 9.9 profetizou:

Alegra-te muito, ó filha de Sião;

exulta, ó filha de Jerusalém:

eis aí te vem o teu Rei,

justo e salvador,

humilde, montado em jumento,

(...) cria de jumenta.

Na plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho para redimir sua criação. "(...) Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). Paulo proclamou: "(...) Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não

imputando aos homens as suas transgressões (...)” (2Co 5.19). Jesus estimulou seus seguidores a se lembrarem dele. Ele disse: “Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer (...) Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor (...)Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo” (Jo 15.5,10,11). Lembrando-nos de Jesus cumprindo seus mandamentos, nossa alegria será completa.

Mas Jesus também ordenou aos seus seguidores que se lembrassem de sua obra salvadora. Quando celebrou a Páscoa com seus discípulos, a festa veterotestamentária de recordação, Jesus “(...) tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim” (Lc 22.19). Paulo explicou a dimensão futura dessa recordação: “(...) todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha” (1Co 11.26).[21] João escreve sobre as futuras bodas do Cordeiro. Ele ouviu “(...) uma como voz de numerosa multidão, como de muitas águas e como de fortes trovões, dizendo: Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso. Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro (...)” (Ap 19.6-7).

Até que Jesus volte, ele quer que nos lembremos dele não apenas cumprindo seus mandamentos e celebrando a Ceia do Senhor, mas também lembrando-nos de que ele está sempre conosco. Quando Jesus envia seus discípulos para fazer discípulos de todas as nações, ele diz: “(...) eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28.20). Quando Jesus voltar, na consumação do século, seu povo se alegrará muito. “Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida e entrem na cidade pelas portas” (Ap 22.14).

Analogia

Podemos extrair uma analogia entre a mensagem do Pregador e a de Jesus: assim como o Pregador, Jesus também nos estimula a nos alegrarmos lembrando-nos do nosso Criador. Nas bem-aventuranças, Jesus nos chama de “bem-aventurados” e nos estimula: “Regozijai-vos e exultai” (Mt 5.12). Ele nos ensina

a nos lembrarmos do nosso Pai celestial orando a ele diariamente para que seu nome seja santificado, seu reino venha, sua vontade seja feita e ele nos dê o pão de cada dia (Mt 6.9-11). Jesus também insiste que nos lembremos de Deus obedecendo à sua lei: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7.21).

Também podemos encontrar uma analogia entre a mensagem do Pregador e a de Paulo: Assim como o Pregador nos estimula a nos alegrarmos lembrando-nos do nosso Criador, assim também Paulo nos orienta:

Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos. Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor. Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus (Fp 4.4-7).

Referências do Novo Testamento

Não há referências ou alusões a esta passagem no Novo Testamento.

Contraste

Não há contraste entre a mensagem (tema) do pregador e a do Novo Testamento. Há, entretanto, alguns contrastes importantes nos detalhes. Em contraste com o Pregador do Antigo Testamento, que não oferece esperança de vida após a morte (12.6-8), os Evangelhos foram escritos por causa da estonteante notícia de que Jesus ressuscitou dos mortos (os quatro Evangelhos terminam com a ressurreição

de Jesus). Paulo acrescenta:

(...) de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem. Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda (1Co 15.20-23).

Além disso, segundo o Pregador, quando as pessoas morrem, elas vão para sua "casa eterna" (12.5), isto é, o túmulo. O pó volta ao que era, o espírito, a Deus, que o deu (12.7). O "fôlego" ou "espírito" é o fôlego da vida. Na concepção do Pregador, quando Deus retira o fôlego da vida, a vida humana termina. A revelação progressiva, porém, indica que a alma sobrevive à morte. Por isso Jesus pôde prometer ao criminoso que estava morrendo na cruz ao seu lado: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23.43). E Jesus também pôde dizer aos seus seguidores: "Na casa de meu pai há muitas moradas (...) quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também" (Jo 14.2-3). Sobre isso, Paulo também escreve: "Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus" (2Co 5.1; cf. Fp 1.21-24).

Tema e objetivo do sermão

Como o Novo Testamento afirma o tema do Pregador do Antigo Testamento, podemos usá-lo como tema do nosso sermão: Antes que seja tarde demais, lembre-se do seu Criador para desfrutar verdadeiramente a vida.

O objetivo do Pregador foi “encorajar especialmente os jovens a se lembrarem do seu Criador antes que seja tarde demais, para que possam desfrutar verdadeiramente a vida”. Também podemos adotar o objetivo do Pregador como nosso objetivo para este sermão: encorajar especialmente os jovens a se lembrarem do seu Criador antes que seja tarde demais, para que possam desfrutar verdadeiramente a vida. Este objetivo aponta para a necessidade tratada: as pessoas não encontram verdadeira alegria porque não se lembram suficientemente do seu Criador.

Exposição do sermão

Pode-se introduzir o sermão com uma ilustração de uma pessoa contemporânea que se esqueceu de Deus. A prosperidade pode nos fazer esquecer de Deus. Quando nosso freezer está cheio de comida e temos uma boa cesta de ovos para um dia chuvoso, é fácil nos esquecermos de Deus. Quando Deus levou Israel para a prosperidade da Terra Prometida, advertiu-o especificamente a não se esquecer dele. Deus disse:

Recordar-te-ás de todo o caminho pelo qual o

Senhor

, teu Deus, te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos (...) porque o

Senhor

, teu Deus, te faz entrar numa boa terra, terra de ribeiros de águas (...) terra de trigo e cevada (...) terra em que comerás o pão sem escassez, e nada te faltará nela (...) Comerás, e te fartarás, e louvarás o

Senhor, teu Deus, pela boa terra que te deu. Guarda-te não te esqueças do Senhor, teu Deus, não cumprindo os seus mandamentos, os seus juízos e os seus estatutos, que hoje te ordeno; para não suceder que, depois de haveres comido e estiveres farto, depois de haveres edificado boas casas e morado nelas; depois de se multiplicarem os teus gados e os teus rebanhos, e se aumentar a tua prata e o teu ouro, e se abundante em tudo quanto tens, se eleve o teu coração, e te esqueças do

Senhor

, teu Deus (...) Antes, te lembrarás do

Senhor

, teu Deus, porque é ele o que te dá força para adquirires riquezas (...) Se te esqueceres do

Senhor

, teu Deus, e andares após outros deuses, e os servires, e os adorares, protesto, hoje, contra vós outros que perecereis (Dt 8.2-19).[22]

Israel se esqueceu de Deus por várias vezes, assim como nós. É por isso que esta mensagem do Pregador do Antigo Testamento é tão importante. Ele estimula as pessoas a se lembrarem do seu Criador para desfrutarem verdadeiramente a vida.

O Pregador começa, em 11.7: “Doce é a luz, e agradável aos olhos, ver o sol”. Este não é o tipo de afirmação que se espera de uma pessoa que é frequentemente considerada pessimista. Ele está basicamente dizendo: A vida é boa! É doce! Pode-se desfrutar dela como se desfruta da doçura do mel. É “agradável aos olhos ver o sol”. A vida é boa! Todos querem desfrutá-la ao máximo!

O Pregador continua, no verso 8: “Ainda que o homem viva muitos anos, regozije-se em todos eles; contudo, deve lembrar-se de que há dias de trevas, porque serão muitos”. Mesmo quando vivemos muitos anos, diz ele, devemos nos alegrar em cada um desses anos. Às vezes não damos muito valor à vida. Não desfrutamos o presente. Facilmente ignoraríamos certos dias. Ansiamos pelo fim de semana ou por nossas férias, ou mesmo pela aposentadoria. O Pregador nos estimula a não desperdiçarmos tempo. “Ainda que o homem viva muitos anos, regozije-se em todos eles; contudo, deve lembrar-se de que há dias de trevas, porque serão muitos”. Ele nos incentiva a nos alegrarmos em cada dia porque sabemos que, um dia, a doce luz será escurecida e os dias de trevas serão muitos.[23] Portanto, não desperdice tempo algum. Em vez disso, faça um esforço consciente para alegrar-se a cada dia e lembre-se de que os dias de trevas serão muitos.

No verso 8, encontramos dois verbos importantes, que são “regozijar-se” e

“lembrar-se”. Todos devemos nos regozijar, especialmente lembrando-nos. Somos motivados a nos alegrar a cada dia quando nos lembramos de que os dias de trevas serão muitos.[24] Quando vierem os dias de trevas, não poderemos nos alegrar em retrospecto. O tempo para nos alegrarmos é agora. Pois o Pregador conclui: “Tudo quanto sucede é vaidade”. Literalmente, ele diz: “Tudo quanto sucede é vapor”. A vida é como vapor, como uma fumaça. Ela é transitória. Você estará nos dias de trevas antes que se dê conta. Portanto, não desperdice tempo algum. Alegre-se em cada dia.

Quando somos jovens, não contamos os dias. Parece que temos dias incontáveis à nossa frente. Por isso o Pregador, a seguir, volta-se especificamente para os jovens, no verso 9: “Alegra-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade”. Novamente temos a palavra “alegrar-se”, mas, para que receba ênfase, desta vez é usada como uma ordem.[25] E, para tornar este ensino ainda mais enfático, o Pregador acrescenta: Anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos”, isto é, siga seus desejos. Desfrute do que está diante dos seus olhos.[26] Não adie a alegria para um tempo no futuro, quando, digamos, você tiver seu próprio carro, ou quando terminar a faculdade, ou quando estiver estabelecido em um bom emprego. Desfrute do momento presente.

O Pregador acrescenta: “Sabe, porém, que de todas estas coisas Deus te pedirá contas”. Tendo recomendado alegria total, o Pregador agora tenta equilibrar suas palavras? Este lembrete do julgamento divino é um obstáculo à nossa alegria? A resposta é “não”. Mas ele não quer que busquemos alegria em direções que só podem levar à dor e tristeza.[27] Ele não quer que busquemos alegria em promiscuidade, nas drogas e em filmes nocivos. O que parece divertido pode ser um desastre. Por isso o Pregador nos lembra, como lembrou antes,[28] que Deus nos julgará por nossas ações. Somos responsáveis diante de Deus pelo que fazemos. Em outras palavras, o Pregador ordena “prazer responsável, não licença para explorar outras pessoas, desperdiçar nosso próprio corpo e nossas próprias habilidades”.[29] Ao mesmo tempo, “este tema de julgamento tem o objetivo não de equilibrar... sua ordem para desfrutarmos a vida, mas de enfatizá-la e dirigi-la”,[30] pois, de acordo com o Pregador, a alegria é um dom de Deus.[31] “Os seres humanos devem desfrutar a vida plenamente, porque esta é a porção que Deus lhes deu, e Deus repreende quem não a desfruta”.[32] O Pregador está dizendo que Deus nos julgará também para ver se desfrutamos suficientemente de seus dons.

Ele continua, no verso 10, ordenando ao jovem: “Afasta, pois, do teu coração o desgosto e remove da tua carne a dor, porque a juventude e a primavera da vida são vaidade”. A juventude é passageira como o vapor. Em um momento está aqui e no momento seguinte se foi. Antes que você perceba, a primavera da vida se transforma no crepúsculo da vida. Portanto, enquanto ainda puder, você deve afastar “do seu coração o desgosto”. O desgosto é “aquilo que causa ira, aborrece ou irrita”.[33] Desgosto é aquilo que mina e impede a alegria de viver. Para termos uma alegria viva, precisamos banir o desgosto do nosso coração. A dor física também pode impedir a alegria de viver. Por isso o Pregador ordena: “Remove da tua carne a dor”. A TNIV traduz: “Remova os problemas do seu corpo”. No verso seguinte, o Pregador mencionará os “dias maus”, quando a pessoa não poderá mais se livrar da dor e do sofrimento.[34] Portanto, enquanto for jovem, você deve, até onde for possível, banir o desgosto do seu coração e remover a dor do seu corpo. Não permita que nada diminua sua alegria. “Alegra-te, jovem, na tua juventude”.

Para nos capacitar a nos alegrarmos verdadeiramente, o Pregador acrescenta outra ordem, em 12.1: “Lembra-te do teu Criador, nos dias da tua mocidade”. Aqui está novamente a a palavra “lembrar”. Em 11.8, ele escreveu: “Ainda que o homem viva muitos anos, regozije-se em todos eles; contudo, deve lembrar-se de que há dias de trevas, porque serão muitos”. Alegre-se, ainda mais lembrando-se de que os dias de trevas serão muitos. No verso 9, ele passou a se dirigir especialmente ao jovem: “Alegra-te, jovem, na tua juventude”, E agora, em 12.1, ele acrescenta: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade”.[35] Lembre-se do seu criador para que você possa se alegrar verdadeiramente enquanto for jovem.

O Pregador não diz “lembra-te do teu Deus”, mas “lembra-te do teu Criador”. A palavra “Criador” nos lembra daquele que nos deu tudo o que temos. Nosso Criador é aquele que nos fez e nos deu vida. Nosso Criador criou a família e os amigos que nos cercam e nos dão apoio. Nosso Criador fez esta criação maravilhosa para vivermos nela e cuidarmos dela. Nosso Criador, disse o Pregador anteriormente, nos dá “sabedoria, conhecimento e prazer” (2.26). Ele nos dá “riquezas e bens” e permite que desfrutemos deles (5.19). Lembre-se do seu Criador para desfrutar verdadeiramente a vida.

O Pregador ordena: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade”. Especialmente quando somos jovens é fácil nos esquecermos daquele que nos fez. Há muitas coisas a experimentar, aprender e fazer. Bem, aqui está a coisa

mais importante que podemos aprender e fazer: “lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade”. Lembrar-se do seu Criador é mais do que lembrar que existe um Criador e mais do que pensar nele de tempos em tempos. Lembrar-se do seu Criador significa trazer à mente diariamente o que o seu Criador fez por você, e agora, de acordo com esse conhecimento.[36] Lembrar-se do seu Criador é fazer de Deus o centro da sua vida[37] e concentrar-se em fazer a vontade dele.

No restante desta passagem, o Pregador repete incansavelmente que temos que nos lembrar do nosso Criador antes que seja tarde demais. Observe como ele repete a palavra “antes” nos versos 1,2,6. Isso tem o efeito de repetir três vezes: “Lembra-te do teu Criador”. Observe o verso 1: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias e cheguem os anos nos quais dirás: Não tenho neles prazer”. Verso 2: Lembra-te do teu Criador “antes que se escureçam o sol, a lua e as estrelas do esplendor da tua vida, e tornem a vir as nuvens depois do aguaceiro”. Verso 6: Lembra-te do teu Criador “antes que se rompa o fio de prata”.

O Pregador deixa implícito que estão chegando dias em que será difícil, senão impossível, lembrar-se do seu Criador. Ele usa uma quantidade impressionante de imagens para ilustrar esses dias. Ele começa no verso 1 com “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer”. Os dias maus são os dias de dor e sofrimento. São os dias em que a pessoa não mais poderá remover “da carne a dor” (11.10). São os anos em que ela dirá: “Não tenho neles prazer”.

Desta afirmação geral, o Pregador passa a uma descrição mais específica no verso 2: Lembra-te do teu Criador “antes que se escureçam o sol, a lua e as estrelas do esplendor da tua vida, e tornem a vir as nuvens depois do aguaceiro”. Embora tenha começado em 11.7 com “doce é a luz, e agradável aos olhos, ver o sol”, agora o sol e a luz[38] ficam escurecidos. A “primavera da vida” (11.10) passou. O crepúsculo chegou. Agora a vida pode ser descrita como escura e melancólica. Ele descreve a velhice como uma tempestade de inverno na Palestina.[39] As nuvens vêm do Mediterrâneo. Mesmo durante o dia é escuro: “Se escureçam o sol...[40]”. E a noite é totalmente escura: a luz da lua e das estrelas fica escurecida. A velhice pode ser uma época de escuridão. Não há separação entre as nuvens para deixar passar algum raio de sol: elas tornam a vir depois do aguaceiro. As pessoas idosas recebem um revés atrás do outro: caem e quebram a bacia; contraem pneumonia; um de seus filhos se complica com a lei; outro tem problemas conjugais; bons amigos morrem. É uma coisa deprimente atrás da

outra: as nuvens tornam a vir depois do aguaceiro. Lembre-se do seu Criador nos dias da sua mocidade, antes que aqueles dias de melancolia e escuridão o apanhem. Será muito difícil lembrar-se do seu Criador naqueles dias de trevas.

E as coisas ficarão piores. O Pregador apresenta um quadro deprimente do declínio que acontece na velhice.[41] Começando com o verso 3, ele compara o corpo de um homem idoso com uma velha casa decadente: “No dia em que tremerem os guardas da casa”. O que guardou o corpo do homem idoso por todos esses anos? Suas mãos. Suas mãos defendiam seu corpo; suas mãos proveram comida para o corpo. Agora, na velhice, suas mãos tremem. Elas não conseguem mais trabalhar para sustentar o idoso, muito menos para defendê-lo.

“E se curvarem os homens outrora fortes”. Os homens fortes que carregaram o corpo do idoso são suas pernas. Na velhice, mal conseguem suportar o peso. Elas se curvam. O idoso se torna cambaio.

“E cessarem os moedores da boca, por já serem poucos”. Esses “moedores” representam os dentes do idoso, seus molares.[42] Sem os modernos recursos odontológicos, os dentes caíam facilmente. O idoso tem apenas alguns – não o suficiente para mastigar adequadamente o alimento.

“E se escurecerem aqueles que olham pelas janelas”. Aqueles que olham pelas janelas são os olhos.[43] No tempo antes dos óculos de sol, o idoso enxergava de forma obscura.

Verso 4: “Quando as portas da rua se fecharem”. Fechar as portas da rua elimina o barulho que vem de fora. As portas da rua representam os ouvidos.[44] O idoso tem dificuldade para ouvir.

“E o som da moedura seja baixo”. Tendo perdido a maioria dos dentes, o idoso só pode comer alimentos macios. “Assim, nenhum barulho é feito, pois nenhum pão duro ou cereal tostado está sendo mastigado”.[45]

“E te levantares à voz das aves”. O idoso tem sono leve. Ele levanta cedo, quando as aves começam a cantar.[46]

“E todas as filhas da música te diminuírem”. O idoso não consegue mais cantar. “A voz do idoso raspa ou perde o tom ou fica fraca”.[47]

Verso 5: “como também temeres o que é alto”. O idoso não gosta de subir

escadas ou de se sentar no terraço de sua casa. Seus membros são rijos e ele perde o equilíbrio com facilidade. Uma queda pode matá-lo.

“e te espantares no caminho”. Muitos caminhos em Jerusalém são extremamente íngremes e sulcados. O idoso pode cair ou perder o equilíbrio por causa de uma pessoa insensível que esteja passando. É mais seguro para ele ficar em casa.

“e te embranqueceres, como floresce a amendoeira”. A amendoeira é uma das primeiras árvores a florescer na Palestina. De longe, parece a cabeça de uma pessoa com cabelos brancos.[48] O cabelo do idoso fica branco.

“O gafanhoto se arrastar”.* O gafanhoto é a “personificação da leveza e da agilidade”.[49] Agora ele se arrasta. O idoso que era tão ágil em sua juventude passa a se arrastar. Ele se move dolorosamente e com grande dificuldade.

“E te perecer o apetite”. O hebraico diz, literalmente: “Se a alcaparra perecer”. Acreditava-se que a alcaparra estimulava o apetite.[50] Mas isso não funciona mais para o idoso. Seu apetite, seu desejo por comida, pereceu. Ele come muito pouco e começa a perder peso.

“Porque vais para a casa eterna [i.e., o túmulo], e os pranteadores andam rodeando pela praça”. A morte está se aproximando. Os pranteadores profissionais estão prontos para sair pelas ruas, começando seu trabalho.[51] O idoso está morrendo. O Pregador estimula o jovem a se lembrar do seu Criador antes que esses dias de trevas cheguem, dias em que sentirá seu corpo se deteriorar até a morte.

No verso 6, o Pregador apresenta seu último “antes”. Lembra-te do teu Criador “antes que se rompa o fio de prata e se despedace o copo de ouro”. Ele compara a vida humana a uma lâmpada preciosa: o copo de ouro está pendurado por um fio de prata. Prata e ouro: metais preciosos. O copo de ouro contém o óleo que mantém a lâmpada acesa. Certo dia, de repente, o fio de prata se rompe e o copo de ouro cai no chão e se quebra.[52] O óleo se derrama e a lâmpada se apaga. Repentinamente, a vida se apaga.[53]

Há outra descrição, desta vez sobre a água doadora de vida. Especialmente em Israel, com seu longo e seco verão, as pessoas tinham consciência da necessidade de água. Elas tiravam água de uma fonte ou de uma cisterna. Mas, um dia, “o cântaro se quebra junto à fonte”.[54] Não se pode mais obter a água doadora de vida. “E se desfaça a roda junto ao poço”. As pessoas usavam a roda,

a roldana, na cisterna para puxar água. Mas a roda se desfez. Não há mais água. A vida acabou.[55]

Observe a repetição, no verso 6: “rompa”, “despedace”, “quebre”. A vida é quebrada de modo a não haver reparo. A morte é final e irreversível. Lembre-se do seu Criador antes que morra!

O pastor/poeta inglês John Donne (1572-1631) comprou um caixão e o colocou em seu quarto. Ocasionalmente, dormia dentro do caixão “como um lembrete de sua mortalidade e da vida de pecado a que ele tinha renunciado”.[56] Não precisamos ir a esse extremo para saber que todos morreremos, a não ser que o Senhor volte antes desse tempo. Devemos encarar honestamente a perspectiva da morte.

Em alguns seminários, os seminaristas têm que preparar seu próprio culto fúnebre. Esta é uma boa maneira de fazê-los encarar sua própria mortalidade. Um dia, morreremos. Então não haverá mais tempo para nos lembrarmos do nosso Criador. Portanto, é urgente que nos lembremos dele antes de morrermos.

Verso 7: “e o pó volte à terra, e o espírito volte a Deus, que o deu”. De acordo com Gênesis 2.7-8, “(...) formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente”. Aqui o Pregador descreve a morte como o reverso da criação. O pó do qual Deus nos fez volta à terra: pó ao pó. E o fôlego da vida que Deus soprou em nós retorna a Deus, que o deu. Nossa vida é um dom de Deus. Na morte, Deus o toma de volta.[57]

O Pregador apresentou a realidade da deterioração e morte humana tão graficamente por uma única razão: estimular o jovem a se lembrar de seu Criador antes que seja tarde demais. O jovem geralmente pensa que é imortal, que tem vida eterna neste mundo. Não é assim, diz o Pregador. Verso 8: “Vaidade de vaidade, diz o Pregador, tudo é vaidade”. Literalmente, ele diz: “Vapor de vapores; tudo é vapor”. Um vapor existe somente por um momento e se vai. A vida humana é como um vapor. Sua vida neste mundo é passageira. Ela se vai em um estalo. “Passageiro, passageiro, diz o Pregador, tudo é passageiro”.[58] Por isso, não desperdice tempo. Saboreie o momento! Alegre-se cada dia. Lembre-se do seu Criador e de tudo que ele lhe deu para alegrar cada dia. Estabeleça este padrão em sua vida quando você é jovem e certamente antes da velhice e da morte.

O Pregador do Antigo Testamento pensava que a morte era o fim. Pelo Novo Testamento, sabemos que Jesus venceu a morte e que, por meio dele, há vida além dela. Mas o fato de que há vida além da morte não deve nos levar a desperdiçar tempo neste mundo. Pelo contrário, devemos nos concentrar ainda mais para nos alegrarmos a cada dia, lembrando-nos do nosso Criador, pois ele nos deu muito mais do que aquilo que o Pregador conhecia no Antigo Testamento. Na plenitude do tempo, Deus enviou seu próprio Filho para redimir sua criação: "(...) Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). Jesus morreu para nossa salvação e ordenou que nos lembrássemos de sua obra salvadora. Na noite antes de morrer, Jesus celebrou a Páscoa com seus discípulos. "E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim" (Lc 22.19).

Depois de sua ressurreição, Jesus enviou seus seguidores para fazerem discípulos de todas as nações. Ele lhes disse: "(...) eis que estou convosco até à consumação do século" (Mt 28.20). "Lembrem-se, estou sempre com vocês". Jesus está conosco a cada dia, inclusive nos dias de trevas, inclusive quando chegarmos à velhice e sofrermos dor, isolamento e depressão. Jesus está conosco sempre, portanto, sempre há motivo de alegria. Aliás, Jesus nos ordena a nos regozijarmos e exultarmos, mesmo quando pessoas más nos perseguirem: "Regozijai-vos e exultai" (Mt 5.12).[59]

Especialmente quando somos jovens devemos criar o hábito de nos alegrarmos verdadeiramente a cada dia, lembrando-nos do nosso Criador e do que ele fez por nós. Ele nos deu vida; ele nos deu família e amigos para nos apoiarem; ele nos deu nosso pão diário e muitas coisas para nos alegrar; ele nos deu seu Filho para nossa salvação; e, quando morrermos, Jesus prometeu nos receber na casa do Pai. Lembre-se do seu Criador e alegre-se.

---

[1] Fox, "Aging and Death in Qoheleth 12", JSOT 42 (1988) 55.

[2] Seow, "Qohelet's Eschatological Poem", JBL 118/2 (1999) 209.

[3] Seow, ibid., 210, lista muitos intérpretes que entendem que o poema está descrevendo "condições e experiências reais da velhice [ou] uma casa ou propriedade em desespero, [ou] um sombrio dia de inverno, a aproximação e

experiência de uma tempestade, ou um funeral". Na p. 212, Seow admite que "embora declarações tradicionais – talvez até um velho poema – sobre a velhice possam estar no pano de fundo, o poeta agora descreve o fim da vida humana em termos totalmente escatológicos. Todas as imagens nos versos 2-7 são coerentes com o intento do autor de descrever um fim permanente da existência humana".

[4] Ogden, Qoheleth, 203.

[5] Garrett, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 342.

[6] Veja, por exemplo, Leupold, Exposition of Ecclesiastes, 267, e Provan, Ecclesiastes, 211.

[7] Veja Ogden, Qoheleth, 193-94.

[8] Seow, Ecclesiastes, 368. Seow também menciona "olhos", em 11.7,9 e "prazer" ("doce" e "satisfazer").

[9] Longman, Book of Ecclesiastes, 274, argumenta em favor da unidade 12.8-14: "A NIV e a NRSV usam a rubrica para dividir os versos 8 e 9, mas fica claro, pela mudança de voz na narrativa, que os versos 8-14 devem ser tratados como a unidade final do livro".

[10] Fox, Ecclesiastes, 82.

[11] Mesmo que 12.8 seja obra de um editor, isso não significa que deva ser necessariamente excluído do nosso texto. O conteúdo decide isso. Além disso, em nosso primeiro texto, necessariamente, incluímos as mesmas palavras em terceira pessoa (1.2).

[12] O tema da morte é retomado várias vezes. Veja 2.14-16; 3.19-20; 9.3,10-12.

[13] Dorsey, Literary Structure, 197, menciona estas e muitas outras palavras hebraicas que são usadas no poema de abertura e no de encerramento.

[14] "Por causa das ordens, esta seção deve ser lida como uma instrução, embora a descrição de velhice, interpretada separadamente, possa ser vista como reflexão". Murphy, Wisdom Literature,148.

[15] Von Rad, Wisdom in Israel, 45. Cf. p. 46, n. 33: "Deve-se falar em alegoria

onde temos uma passagem que contém duas ou mais metáforas que pertencem ao mesmo contexto de significado e se interpretam mutuamente". Em contraste, Kruger escreve: "Por causa da errática e irregular mudança em forma e conteúdo, 12.1b-7 tem mais o efeito de uma 'colagem' que de um 'poema' regular... O texto evoca uma série de imagens para 'maus dias' que, no futuro, aguardam o 'jovem' a quem o texto se dirige em 11.9–12.1" Qoheleth, 201.

[16] Ogden, Qoheleth, 193.

[17] Huwiler, "Ecclesiastes", 216.

[18] Ogden, Qoheleth, 199.

[19] Cf. Hengstenberg, Commentary on Ecclesiastes, 244: "Para que sejas capaz de te alegrares, e removeres o descontentamento, lembra-te do teu Criador" (ênfase dele). Cf. Leupold, Exposition of Ecclesiastes, 273, "12.1a dá o fundamento absoluto essencial para a verdadeira alegria". É impressionante que a maioria dos comentaristas contemporâneos não trate desta questão crucial e, em vez disso, concentre-se nos detalhes do poema.

[20] Cf. Seow, "Qohelet's Eschatological Poem", JBL 118/2 (1999) 209: "Há consenso substancial sobre a unidade da passagem, até mesmo sobre seu propósito; os estudiosos em geral concordam que o autor quer exortar as pessoas a desfrutar a vida enquanto é tempo".

[21] O próprio Jesus fala desse futuro, em João 16.22 quando prepara seus discípulos para sua partida: "Assim também agora vós tendes tristeza; mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar".

[22] Esta passagem também pode ser lida antes do sermão e brevemente referenciada no sermão.

[23] O Pregador "parece argumentar que uma aguda noção da brevidade da vida deve aumentar o grau em que prezamos a vida enquanto a temos". Farmer, Who Knows What Is Good?, 191.

[24] Alguns comentaristas alegam que "dias de trevas" é uma expressão que se refere à morte. Por exemplo, Whybray, Ecclesiastes, 161, diz que "trevas é uma metáfora para morte". Mas não faz sentido dizer que "os dias de morte serão

muitos". Neste contexto, "dias de trevas" deve se referir aos anos e "dias maus... nos quais dirás: Não tenho neles prazer", porque tudo é trevas (12.1-2). "Dias de trevas" refere-se às trevas (sofrimento) da velhice (12.1-5), que terminam na morte (12.6-7).

[25] "O jovem deve desfrutar esta vida já em sua juventude não porque não poderá mais fazer isso na velhice [veja 11.8], mas porque, na velhice, nunca poderá compensar os prazeres perdidos na juventude e porque simplesmente não é garantido que ele chegará à velhice". Kruger, Qoheleth, 198.

[26] Veja Seow, Ecclesiastes, 349-50. Veja Eclesiastes 6.9: "Melhor é a vista dos olhos do que o andar ocioso da cobiça".

[27] "Seguir o coração e os olhos é ter a certeza de que há responsabilidade moral no universo". Provan, Ecclesiastes, 212.

[28] Eclesiastes 3.17 e 5.6. Veja também o comentário final do editor, em 12.14.

[29] Davis, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, 222. Observe o conselho de Paulo em 2Timóteo 2.22: "Foge também das paixões da mocidade, e segue a justiça, a fé, o amor, a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor".

[30] Brown, Ecclesiastes, 105 (ênfase dele). Veja Davis, Proverbs, Ecclesiastes, Songs of Songs, 222: "O julgamento não anula a alegria, mas, ao contrário, torna-a imperativa".

[31] Veja Eclesiastes 2.24-26; 3.12-13,22; 5.18-20; 8.15; 9.7-9.

[32] Seow, Ecclesiastes, 371. Seow, ibid., cita uma passagem do Talmude: "Todos prestarão contas diante de Deus por todas as coisas boas que viram na vida e das quais não desfrutaram" (y. Qidd. 4:12)".

[33] Eaton, Ecclesiastes, 146.

[34] "Deve-se tentar evitar a dor e a miséria, pois chegará o tempo em que não será mais possível evitar esses desprazeres". Seow, Ecclesiastes, 350.

[35] "A expressão 'dias da tua mocidade', em 12.1a, está em contraste com 'dias sem prazer', em 12.1b". Seow, ibid., 375.

[36] “Quando Deus ‘se lembrou’ de Ana (1Sm 1.19), ele fez mais do que dizer: ‘Ah, sim, Ana! Quase me esqueci!’. Quando se lembrou dela, ele agiu decisivamente em favor dela, e aquela que era estéril concebeu um filho, Samuel”. Kaiser, Ecclesiastes, 118. Para uma exposição abrangente da palavra “lembrar”, veja H. Eising, “ ”, in TDOT, Vol. IV (1980), p. 64-82.

[37] O jovem deve “começar cedo e desenvolver um estilo de vida em que Deus, o Criador e Sustentador, seja central”. Ogden, Qoheleth, 199.

[38] “A luz se refere à luz do dia. Na Bíblia hebraica, a luz do dia não é igualada ao sol... A distinção entre ‘luz’ e ‘sol’ é feita em Gênesis 1, em que a luz é chamada ‘dia’ (Gn 1.4) e existiu antes que os luminares do céu fossem feitos (Gn 1.14-18)”.

[39] Seow, “Qohelet’s Eschatological Poem”, JBL 118/2 (1999), 209-34, e outros comentaristas interpretam estes versos como “imagens escatológicas” com “sinais cósmicos” do Dia do Senhor (veja também Seow, Ecclesiastes, 353-82). Mas isso não é convincente. A literatura de sabedoria não pode ser lida como literatura apocalíptica. O poema termina com a morte de um indivíduo, um homem, (não “todos”, como a NRSV traduz), com pranteadores andando pelas praças (12.5) e o pó voltando à terra e o espírito, a Deus, que o deu (12.7). Interpretar isso como “a humanidade indo para a ‘casa eterna’” e a “permanência do fim da existência humana” (Seow, JBL 118/2[1999] 234) é implausível. Além disso, é difícil ver como o possivelmente distante Dia do Senhor motivaria um jovem a se lembrar do seu Criador nos dias da sua mocidade. Cf. Collins, Proverbs, Ecclesiastes, 107: “Eclesiastes não espera, de fato, o fim do mundo (Ec 1.4... ‘a terra permanece para sempre’). A escatologia, no sentido de coisas que se referem ao fim do mundo ou à era messiânica, não tem lugar em Provérbios nem em Eclesiastes”.

[40] Em Eclesiastes, “o sol é mencionado trinta e cinco vezes [5 x 7], mas agora, em seu aparecimento final, ele fica escurecido”. Seow, “Qohelet’s Eschatological Poem”, JBL 118/2 (1999) 213.

[41] Cf. a descrição da velhice em 2Samuel 19.35: “Oitenta anos tenho hoje; Poderia eu discernir entre o bem e o mal? Poderia o teu servo ter gosto no que come e no que bebe? Poderia eu mais ouvir a voz de cantores e cantoras?”.

[42] Veja Seow, Ecclesiastes, 355, para a conexão linguística em árabe entre

“moedores” e “dentes molares”. Leupold, Exposition of Ecclesiastes, 278, refere-se a esta conexão com a palavra grega . O dicionário Webster’s menciona a mesma conexão em inglês e latim entre moedores e dentes molares: “Molar... [L. molaris, fr. mola moinho] 1. Ter poder para moer”.

[43] “Em outros lugares da Bíblia hebraica, o particípio feminino sempre se refere aos olhos”. Seow, Ecclesiastes, 356.

[44] A maioria das casas na Palestina tem somente uma porta para a rua. “Significativamente, portas está no dual ( ), encorajando uma identificação com alguma parte do corpo que tenha duas partes”. Longman, Book of Ecclesiastes, 271. * A ARA identifica “as portas da rua” com os lábios: “E os teus lábios, quais portas da rua...” (N. do T.).

[45] Kaiser, Ecclesiastes, 120. Uma outra interpretação é que “a voz enfraquece com a idade” (Murphy, Ecclesiastes, 118), mas isso é coberto pela frase seguinte, “e as filhas da música te diminuírem”.

[46] “O MT pode ser interpretado como significando que a pessoa se levanta da cama quando as aves cantam”. Murphy, Ecclesiastes, 119; cf. p. 113, n. 4a.

[47] Fox, Ecclesiastes, 80.

[48] Leupold, Ecclesiastes, 281.

* A ARA traz “e o gafanhoto te for um peso” (N. do T.).

[49] Kidner, Time to Mourn, 103.

[50] Veja Seow, Ecclesiastes, 363. Seow também menciona seu uso como afrodisíaco, mas Whybray, Ecclesiastes, 167, adverte: “A ideia de que a alcaparra tem qualidades afrodisíacas não aparece na literatura existente antes dos comentários judaicos medievais (veja Ginsburg, p. 463-64). Portanto, provavelmente é melhor interpretar a frase como referindo-se simplesmente à falta de apetite (Gilbert, p.105-6)”.

[51] “Isso pode significar que eles se reúnem e ficam andando para cima e para baixo na frente da casa da pessoa que está morrendo, na esperança de conseguir trabalho”. Whybray, Ecclesiastes, 167.

[52] “Esses objetos simbolizam o terrível impacto da morte como um estado do qual não há recuperação, e, assim, servem para dramatizar o ‘lembra-te’ antes que a morte venha”. Ogden, Qoheleth, 206.

[53] Cf. Provérbios 13.9: “(...) a lâmpada dos perversos se apagará”.

[54] “Potes quebrados têm sido encontrados em túmulos judaicos do período do segundo templo... Como os mortais eram vistos como vasos feitos pelo oleiro divino (cf. Is 29.16; 64.8; Jr 18.6; Gn 2.4b-7), é provável que a quebra de vasos de barro durante o funeral representasse o fim da vida”. Seow, Ecclesiastes, 366.

[55] “A descrição de uma fonte em mau estado sugere que a água da vida não pode mais ser tirada, e o fim chegou”. Crenshaw, Ecclesiastes, 188.

[56] Paul S. Wilson, A Concise History of Preaching (Nashville: Abingdon, 1992), 113.

[57] “Deus temporariamente uniu corpo e espírito, e agora o processo é desfeito. Neste verso, não temos uma afirmação de imortalidade. Para o Qohelet, a morte é o fim”. Longman, Book of Ecclesiastes, 273.

[58] Esta tradução é sugerida por Provan, Ecclesiastes, 218. Cf. salmo 103.15-16.

[59] Cf. 1Pedro 4.13: “(...) alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando”.

CAPÍTULO 16

Teme a Deus e guarda os seus mandamentos

Eclesiastes 12.9-14

De tudo o que se tem ouvido, a suma é:

Teme a Deus e guarda os seus mandamentos;

porque isto é o dever de todo homem.

(Ec 12.13)

Nesta passagem final de Eclesiastes, um editor oferece uma conclusão compacta aos escritos do Pregador.[1] Seu foco sobre nossa obrigação de temer a Deus e cumprir seus mandamentos faz deste um excelente texto para fazer um contraponto com a ênfase de nossa cultura na autonomia humana. O principal desafio é interpretar corretamente as figuras de linguagem usadas nesta passagem. Por exemplo, o verso 11 diz que “As palavras dos sábios são como aguilhões, e como pregos bem fixados, as sentenças coligidas, dadas pelo único Pastor”. Os pregos são fixados na ponta dos aguilhões de modo que temos aqui uma única imagem ou há duas imagens, aguilhões e pregos (cavilhas de tendas), cada uma referindo-se a um conceito? Além disso, essas “sentenças coligidas” são “dadas pelo único Pastor”. Esse “único Pastor” deve ser entendido literal ou metaforicamente, isto é, o editor refere-se aqui a um pastor literal ou tem em mente Moisés, Salomão, o Messias davídico ou Deus? Outro desafio é formular um único tema, pois, como na passagem anterior, novamente temos dois imperativos paralelos: “Teme a Deus e guarda os seus mandamentos” (12.13).

Texto e contexto

Como vimos no último capítulo, não há consenso a respeito do início desta passagem. Embora alguns comentaristas comecem a passagem no verso 8,[2] há boas razões para começar este texto no verso 9. Vimos que 12.8 forma uma inclusio com 1.2, marcando, assim, os limites dos escritos do Pregador. Uma mudança no conteúdo para a pessoa e obra do Pregador indica que o verso 9 começa uma nova unidade. Além disso, 12.9-10 "refere-se ao Qohelet no tempo passado... Este apêndice rememora o livro e reflete sobre a obra do sábio em cujo nome o livro foi escrito; ele fala sobre o Qohelet".[3] Portanto, podemos selecionar como nosso texto de pregação Eclesiastes 12.9-14.

Neste epílogo, o editor acentua vários pensamentos nos escritos do Pregador. Ele escreve que o Pregador era "sábio" (12.9), afirmação confirmada pelo próprio Pregador (veja, por exemplo, 1.13,16; 2.15,19; 7.23; 8.16). Ele também fala das "palavras dos sábios" (12.11), como o próprio Pregador havia feito em 9.17 (cf. Pv 22.17; 24.23). Ele compara as palavras dos sábios a "aguilhões" (12.11), enquanto o Pregador escreveu anteriormente sobre "a repreensão do sábio" (7.5). O editor resume toda a questão com a ordem de temer a Deus (12.13). O Pregador também ordenou isso em 5.7: "(...) como na multidão dos sonhos há vaidade, assim também, nas muitas palavras; tu, porém, teme a Deus". O Pregador também se referiu ao temor a Deus em 3.14: "(...) isto faz Deus para que todos os homens temam diante dele"; 7.18, "(...) quem teme a Deus de tudo isto sai ileso"; e 8.12-13, "(...) sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus. Mas o perverso não irá bem (...) visto que não teme diante de Deus". E, finalmente, o editor fala do julgamento de Deus (12.14), como fez o Pregador em 3.17: "Deus julgará o justo e o perverso"; e especialmente em 11.9: "(...) anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos; sabe, porém, que de todas estas coisas Deus te pedirá contas" (cf. 8.12-13).

Elementos literários

O editor começa o verso 9 com “além” ( ) – palavra que ele repetirá no verso 12, “Demais”, dividindo, assim, o epílogo em duas subseções, versos 9-11 e 12-14.[4] Nos versos 9 e 10, o editor primeiro descreve a pessoa e a obra do pregador: o Pregador era sábio e “ensinou ao povo o conhecimento”: “atentando e esquadrinhando, compôs muitos provérbios”, procurando “palavras agradáveis” e escrevendo “com retidão palavras de verdade”. Ele encerra no verso 11 com um provérbio:

As palavras dos sábios são como aguilhões,

E como pregos bem fixados.

Em adição ao paralelismo invertido, observamos dois símiles (“como aguilhões” e “como pregos”). O editor acrescenta “dadas pelo único Pastor”, que é uma metáfora. O editor abre a segunda subseção com outro , (v. 12), que começa uma instrução (imperativo: “atenta”): “Demais, filho meu, atenta (...)”. Ele encerra com outro provérbio, como indicado pelo paralelismo:

(...) não há limite para fazer livros,

e o muito estudar é enfado da carne.

Finalmente, ele resume, no verso 13: “De tudo o que se tem ouvido, a suma é”. Isto é seguido por dois imperativos: “Teme a Deus e guarda os seus mandamentos”. Para a obediência a esses mandamentos, ele apresenta duas

motivações. A primeira é, literalmente, “porque isto é o tudo de todos” (a palavra “dever” não é encontrada no texto hebraico). A segunda motivação é um lembrete do julgamento de Deus: “Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más”.

Com respeito à repetição, dois itens se destacam. Deus é mencionado quatro vezes, duas explícita e duas implicitamente (veja “Interpretação teocêntrica”, abaixo). Também observamos o agrupamento de três imperativos na segunda metade do epílogo.

Estrutura textual

Esta análise literária nos permite esboçar a estrutura do texto:

I. Descrição da pessoa e das obras do Pregador (v. 9-10)

A. O Pregador era sábio (v. 9a)

B. As atividades do Pregador

1. Ele ensinou o conhecimento às pessoas (v. 9b)

2. Sua obra com provérbios já existentes (v. 9c)

a. Ele atentou

b. Esquadrinhou

c. Compôs muitos provérbios

3. Sua obra tem muitos provérbios próprios (v. 10)

a. Ele procurou encontrar palavras agradáveis

b. Ele escreveu com retidão palavras de verdade

C. Provérbio: As palavras dos sábios são como aguilhões (v. 11) e como pregos bem fixados são as sentenças coligidas, dadas pelo único Pastor

II. Instrução: três ordens (v. 12-14)

A. Demais, filho meu, atenta (v. 12)

1. Provérbio motivacional:

(...) não há limite para fazer livros

e o muito estudar é enfado da carne

B. Duas ordens finais (v. 13)

1. Resumo: De tudo o que se tem ouvido a suma é

2. Teme a Deus e guarda os seus mandamentos

3. Duas motivações

a. Pois isso é o todo (dever) de todos

b. Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras (v. 14)

i. Até as que estão escondidas

ii. Quer sejam boas, quer sejam más

Interpretação teocêntrica

Neste curto epílogo, o editor menciona Deus duas vezes explicitamente e duas vezes implicitamente (“único Pastor”, v. 11; e “seus mandamentos”, v. 13). Na conclusão da primeira subseção, ele fala das “sentenças coligidas, dadas pelo único Pastor”. Como pastores comuns não dão sentenças coligidas de sabedoria, a palavra “Pastor” deve ser uma metáfora para fazer referência a outra pessoa. Poderia ser Salomão, que, segundo Provérbios 1.1 (“Provérbios de Salomão, filho de Davi, o rei de Israel”), deu a Israel uma coleção de provérbios. Mas isso excluiria a obra do pregador, que, como vimos, não é Salomão. Nos versos 9-10, o editor fala especificamente da obra do Pregador de coletar e compor provérbios, portanto, isso certamente está incluído nas “sentenças coligidas” do verso 11. Como o Pastor que deu as “sentenças coligidas” não é Salomão nem Moisés, a maioria dos comentaristas identifica o pastor com Deus. Consequentemente, a RSV e a NIV* escrevem “Pastor”, com inicial maiúscula.[5] Deus era conhecido como o “Pastor de Israel” (Sl 80.1).[6] O Pregador também disse que “Deus dá sabedoria, conhecimento e prazer” (2.26; cf. Pv 2.6). Ao dar ao seu povo essas sentenças coligidas, ele o está guiando como um pastor guia suas ovelhas a pastos verdejantes.[7] Na segunda subseção, os dois últimos imperativos se referem a Deus duas vezes: “Teme a Deus, e guarda os seus [i.e., de Deus] mandamentos” (v. 13). O editor enfatiza a importância de se obedecer a esta ordem dupla com sua primeira motivação: “porque isto é o todo (dever) de todos”. Sua segunda motivação menciona Deus novamente: “Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras” (v. 14).

Tema e objetivo textual

A mensagem central do editor é encontrada não em sua descrição da pessoa e obra do Pregador – o que era comum naquele tempo[8] –, mas em suas ordens a seu "filho": "atenta", "teme", "guarda" (v. 12-13). Com sua referência a "tudo o que se tem ouvido", no verso 13, o editor parece colocar maior peso nas duas últimas ordens: "Teme a Deus e guarda os seus mandamentos". Isso também é confirmado pela cláusula seguinte, "porque isto é o todo (dever) de todo homem" (v. 13b). O singular "isto" nesta cláusula indica que estas duas ordens têm "um valor único".[9]

Tendo em vista a formulação de um tema único, a questão para nós é como esses dois imperativos estão relacionados. Parece claro que "teme a Deus" é a ordem dominante, pois o editor não apenas a menciona primeiro, mas o próprio Pregador mencionou o temor a Deus não menos de seis vezes.[10] Além disso, temer a Deus é a categoria mais ampla; descreve a atitude da pessoa diante de Deus. Como em Deuteronômio,[11] o editor associa o temor a Deus com a guarda dos mandamentos. Em outras palavras, a atitude de temer a Deus deve resultar na ação de guardar seus mandamentos. Além disso, o editor motiva a obediência a esses mandamentos salientando que isto é o todo (dever) de todos e que Deus trará a juízo todas as obras. Podemos apreender as ênfases de sua mensagem no seguinte tema: Tema a Deus, demonstrando isso pela guarda de seus mandamentos.

Para determinar o objetivo do editor, precisamos fazer as perguntas: Quem escreveu este texto? Para quem? E por quê? A respeito do autor deste texto, Fox argumenta que foi o autor/narrador das palavras do próprio Pregador.[12] Contudo, há evidência em contrário. Como o autor de Provérbios, este editor se dirige ao seu leitor como "filho meu" (, 12.12) – uma forma de discurso nunca usada pelo Pregador. Este editor também associa o temor a Deus à guarda dos mandamentos de Deus (12.13) – uma conexão que o Pregador nunca faz.[13]Além disso, o editor vai além do Pregador ao esclarecer o julgamento de Deus: "Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más" (12.14; cf. a posição indefinida do Pregador sobre o julgamento em 3.17;

8.12-13; 11.9). A maioria dos comentaristas, portanto, opta por pelo menos um editor como o autor desta passagem.

Fontes críticas, como as que vimos acima, alegam que podem discernir a obra de dois, três ou até mais de oito editores.[14] Grande parte das diferenças de opinião sobre este texto é apenas especulação e interfere na boa interpretação quando o intérprete supõe que um desses editores é crítico do Pregador. Como foi visto no Capítulo 1 (p. 25–27), faz pouco sentido um editor passar por doze capítulos das reflexões do Pregador para se posicionar contra elas somente em um curto epílogo. Um pressuposto melhor é que o Pregador e o(s) editor(es) falam a uma só voz.

Quanto ao número de editores, já que o pressuposto de um editor nos permite entender toda a passagem de modo coerente, não há razão para pressupor mais de um. Este editor, que também introduziu este livro em 1.1, acrescentou seu epílogo não somente para recomendar os escritos do Pregador aos seus leitores, mas também para resumi-los e também para esclarecer a essência deste livro difícil. Os objetivos do editor, então, são basicamente dois: recomendar os escritos do Pregador aos seus leitores e estimulá-los a temer a Deus, demonstrando esta atitude pela guarda dos mandamentos de Deus.

Maneiras de pregar Cristo

Como esta passagem não contém uma promessa de Cristo, verificaremos os seis caminhos restantes para irmos deste tema específico para Jesus Cristo, no Novo Testamento.

Progressão histórico-redentiva

A obrigação de temer a Deus e demonstrar esse temor cumprindo seus mandamentos muda só um pouco quando nos movemos do Antigo Testamento para o Novo (veja “Temas longitudinais”, abaixo), mas a razão pela qual devemos fazer isso muda dramaticamente. O editor motivou seus leitores a temer a Deus e cumprir seus mandamentos “porque isto é o todo (dever) de todo homem. Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (12.13-14). O editor motivou seus leitores a temer a Deus com a ameaça do juízo de Deus.

O Novo Testamento revela que, na plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, Jesus Cristo, para suportar o juízo de Deus por nós com seu sofrimento e sua morte. Como a penalidade foi paga, aqueles que creem em Jesus não precisam mais temer o juízo de Deus. Além disso, Jesus será o Juiz no juízo final. Como o próprio Jesus disse, “(...) o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo julgamento (...) Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo 5.22,24).[15] Depois da morte e ressurreição de Jesus, procuramos reverenciar a Deus e cumprir seus mandamentos não porque tememos o juízo vindouro, mas porque somos gratos pela graça de Deus em prover salvação para nós por meio de seu Filho, Jesus Cristo.

Tipologia

Esta é uma das duas únicas passagens em Eclesiastes que podem conter um tipo de Cristo (a outra é 1.12–2.26, com a figura de Salomão). Esta passagem fala do "único Pastor": "As palavras dos sábios são como aguilhões, e como pregos bem fixados, as sentenças coligidas, dadas pelo único Pastor". Nicholas Perrin[16] observa que o termo "único Pastor" é usado somente três vezes na Bíblia hebraica, uma vez aqui em Eclesiastes, e, duas em Ezequiel. Em Ezequiel, o Senhor promete a Israel um futuro glorioso sob "um pastor", outro rei como Davi:

Suscitarei para elas um só pastor ( ), e ele as apascentará; o meu servo Davi é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor. Eu, o

Senhor

, lhes serei por Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas; eu, o

Senhor

, o disse (Ez 34.23-24).

O meu servo Davi reinará sobre eles; todos eles terão um só pastor ( ), andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão. Habitarão na terra que dei a meu servo Jacó, na qual vossos pais habitaram; habitarão nela, eles e seus filhos e os filhos de seus filhos, para sempre; e Davi, meu servo, será seu príncipe eternamente (Ez 37.24-25).

Supondo que o editor de Eclesiastes tinha estas passagens em mente, sua referência ao "único Pastor" funcionaria como um tipo do vindouro rei pastor davídico.[17]

O Novo Testamento identifica Jesus não apenas como outro rei Davi (“Jesus Cristo, o filho de Davi”, outro número catorze = dvd [Mt 1.1,17]), mas também como o rei pastor. O próprio Jesus disse: “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas (...) Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas. Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor” (Jo 10.11-16; cf. Hb 13.20).

Analogia

A analogia oferece a oportunidade de associar vários aspectos do tema do editor aos ensinos de Jesus. Assim como o editor de Eclesiastes estimulou seus leitores a cumprir os mandamentos de Deus, Jesus também estimulou seus ouvintes. Quando o jovem rico perguntou a Jesus o que deveria fazer para herdar a vida eterna, Jesus respondeu: “Se queres (...) entrar na vida, guarda os mandamentos” (Mt 19.17). Jesus também disse: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14.15).

Além disso, assim como o editor de Eclesiastes falou sobre Deus trazer a juízo as obras de todos, Jesus também falou. Jesus disse: “Digo-vos que toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do Juízo; porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado” (Mt 12.36-37).

Temas longitudinais

Pode-se traçar o tema “teme a Deus e guarda os seus mandamentos” desde o Antigo Testamento até Jesus Cristo, no Novo. Deuteronômio, especialmente, associa o temor a Deus com a guarda dos seus mandamentos. Moisés disse: “Estes, pois, são os mandamentos (...) que mandou o Senhor, teu Deus, se te

ensinassem (...) para que temas ao Senhor, teu Deus, e guardes todos os seus estatutos e mandamentos que eu te ordeno, tu, e teu filho, e o filho de teu filho, todos os dias da tua vida; e que teus dias sejam prolongados" (Dt 6.1-2; cf. 8.6). Posteriormente, ele enfatizou novamente a conexão entre temer a Deus e cumprir seus mandamentos: "Agora, pois, ó Israel, que é que o Senhor requer de ti? Não é que temas o Senhor, teu Deus, e andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma, para guardares os mandamentos do Senhor e os seus estatutos que hoje te ordeno, para o teu bem?" (Dt 10.12-13; cf. 13.4; 31.12).[18] Como vimos nesta passagem, assim como em outras (por exemplo, Dt 6.5; 11.1), "temer ao Senhor, teu Deus" inclui "amá-lo".

No Novo Testamento, Jesus também enfatiza que o temor a Deus inclui o amor a Deus. Ao resumir os mandamentos de Deus, Jesus coloca em primeiro lugar nosso amor por Deus: "Amarás o Senhor, teu Deus (...) Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22.37-39). Mais tarde, João fará a mesma conexão: "(...) este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos" (1Jo 5.3).

Jesus também associa nosso amor a ele com o cumprimento de seus mandamentos: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14.15). E, novamente: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama" (Jo 14.21).

Referências no Novo Testamento

O apêndice do Novo Testamento grego relaciona 2Coríntios 5.10 com uma referência a Eclesiastes 12.14, que diz que "Deus há de trazer a juízo todas as obras... quer sejam boas, quer sejam más". Paulo escreve: "Importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo".

Contraste

Além dos contrastes observados na progressão histórico-redentiva e nos temas longitudinais, não há contraste entre a mensagem deste editor e a do Novo Testamento.

Tema e objetivo do sermão

Como o Novo Testamento não muda a mensagem básica do editor de Eclesiastes, podemos fazer do tema textual o tema do sermão: Tema a Deus, demonstrando isso pela guarda de seus mandamentos.

Os objetivos do editor foram: “recomendar os escritos do Pregador aos seus leitores e estimulá-los a temer a Deus, demonstrando esta atitude pela guarda dos seus mandamentos”. Como Eclesiastes agora é parte da Bíblia, não devemos ter que recomendar este livro aos nossos ouvintes, especialmente não no fim de uma série de sermões baseados nele. Podemos, portanto, nos concentrar no segundo objetivo do editor e fazer dele o objetivo do sermão: Estimular nossos ouvintes a temer a Deus, demonstrando esta atitude pela guarda dos seus mandamentos. Este objetivo revela a necessidade tratada por este sermão: as pessoas não temem a Deus e desobedecem aos seus mandamentos.

Exposição do sermão

A introdução do sermão pode revelar o alvo que se quer atingir, contando a história de uma pessoa contemporânea, talvez um ateu ou agnóstico, que pensa que é autônomo (uma lei para si mesmo) e, portanto, não teme a Deus e desobedece aos seus mandamentos. Então levante a questão de se, em nossa sociedade secular, podemos ser tentados a nos ver como autônomos e não nos interessarmos em ter um relacionamento com Deus e em cumprir seus mandamentos. Ou, dependendo da congregação, pode-se contar a história de uma pessoa que adora outros deuses e, por isso, não teme a Deus nem guarda seus mandamentos. Então levante a questão de se podemos ser tentados a servir a outros deuses (família, dinheiro, posses, sexo, drogas), o que interfere em nossa adoração ao Deus verdadeiro e no cumprimento de seus mandamentos.

Israel certamente falhou nisso. No monte Sinai, os israelitas tinham ouvido a lei de Deus: “Não farás para ti imagem de escultura... Não as adorarás”. Algumas semanas depois, enquanto ainda estavam no monte Sinai, fizeram o bezerro de ouro e o adoraram. Ao longo de toda a sua história, Israel foi tentado a desobedecer a Deus e adorar outros deuses. Eclesiastes foi escrito em um momento crítico da história de Israel. Israel estava no cruzamento de um pujante comércio internacional. Fortunas podiam ser feitas e perdidas da noite para o dia. As pessoas focavam em ganhar dinheiro e estocar bens. Era grande a tentação de se esquecerem de Deus, que os havia tirado da escravidão no Egito e ignorarem seus mandamentos.

Nesta passagem final de Eclesiastes, o editor recomenda as reflexões do Pregador e resume sua mensagem central. Seis vezes o Pregador mencionou a importância crucial de temer a Deus, manter reverência a Deus. O editor seleciona essa ideia básica, mas a amplifica, escrevendo que devemos temer a Deus e guardar seus mandamentos.

Mas, antes de chegar a este ponto central, ele, segundo o costume da época, elogia o Pregador e sua obra. Em nossos dias, colocamos endossos na capa de um livro ou em um prefácio. Naqueles dias, a recomendação era colocada no fim

do rolo, em um pós-escrito – um posfácio. Por isso o editor escreve, no verso 9: “O Pregador, além de sábio, ainda ensinou ao povo o conhecimento; e, atentando e esquadrinhando, compôs muitos provérbios”.

O Pregador, diz ele, era “sábio”. A sabedoria, no Antigo Testamento, não é teórica, mas prática; é o discernimento sobre como ter o melhor resultado a cada dia. O salmo 111.10 afirma: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; revelam prudência todos os que o praticam”. O livro sapiencial de Provérbios, da mesma forma, diz: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência” (Pv 9.10; cf. 1.7). A fonte da verdadeira sabedoria é o temor do Senhor. É ali que ela começa e, dali, impacta todas as áreas da vida.

Este sábio Pregador não guardou sua sabedoria somente para si mesmo, pois o editor nos diz no verso 9 que ele “ensinou ao povo o conhecimento”. Como ele fez isso? De duas maneiras. Primeiro, “atentando e esquadrinhando, compôs muitos provérbios”. “Provérbios” é um termo amplo que incluía não somente o que entendemos como provérbios, mas também parábolas, enigmas e ditados.[19] Quando o Pregador escreveu seu livro, existia muita literatura de sabedoria em Israel e ao seu redor. Por isso ele atentou para essas declarações existentes de sabedoria; ele as colocou em balanças e avaliou se refletiam sabedoria verdadeira. Depois ele as esquadrinhou, examinado-as cuidadosamente. E, finalmente, organizou-as,* isto é, colocou-as em certa ordem. Assim ele compôs grandes unidades literárias.

O verso 10 nos diz a segunda maneira pela qual o Pregador ensinou ao povo o conhecimento: “Procurou o Pregador achar palavras agradáveis e escrever com retidão palavras de verdade”. As “palavras agradáveis” são palavras esteticamente agradáveis. Pense no poema inicial sobre os ciclos da natureza,“Levanta-se o sol e põe-se o sol”, no poema central sobre os tempos, “tempo de nascer e tempo de morrer”, e no poema final, sobre a velhice a morte, “no dia em que tremerem os guardas da casa”. Pense também na linguagem figurada: a vida humana é “um sopro”, um “vapor”. Ela tem muito pouca substância. Em um momento está aqui e no outro não está mais. O fio de prata se rompe e o copo de ouro se despedaça. Pense nos provérbios nítidos e em seu paralelismo. O Pregador procurou usar “palavras agradáveis”.

Mas ele estava em busca de mais do que apenas palavras esteticamente agradáveis. Ele estava em busca de mais do que entretenimento. Ele tinha uma

mensagem séria a comunicar. Por isso, suas palavras também eram “palavras de verdade”, e ele as escreveu “com retidão”, isto é, honestamente, corretamente.[20]

Como o Pregador antes dele, o editor reforça esta afirmação com um provérbio adequado. Verso 11: “As palavras dos sábios são como aguilhões, e como pregos bem fixados, as sentenças coligidas, dadas pelo único Pastor”.

O pastor que deu essas sentenças coligidas é o próprio Deus. O Pregador também disse: “Deus dá sabedoria, conhecimento” (2.26; cf. Pv 2.6). Deus era conhecido em Israel como o “Pastor de Israel” (Sl 80.1). Isaías proclama que Deus “como pastor, apascentará o seu rebanho” (Is 40.11). Davi declara, no salmo 23.1: “O Senhor é o meu pastor”. Ao dar ao seu povo essas “sentenças coligidas”, Deus o está conduzindo a pastos verdejantes. Mas enquanto Davi declara “o teu bordão e o teu cajado me consolam”, o editor tem em mente a ferramenta mais dolorosa do comércio.

Ele escreve: “As palavras dos sábios[21] são como aguilhões”. Os aguilhões eram antigas sovelas. Eram varas com pontas longas que os pastores usavam para tocar um animal e fazê-lo andar e tomar a direção certa. O aguilhão funciona porque pode causar dor. As palavras dos sábios, da mesma forma, podem causar dor.[22] Era doloroso ouvir o Pregador dizer: “Vaidade de vaidades (...) tudo é vaidade” (1.2). Era chocante ouvi-lo dizer que “o que sucede aos filhos dos homens sucede aos animais; o mesmo lhes sucede: como morre um, assim morre o outro” (3.19). Era devastador ouvi-lo proclamar: “Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque” (7.20). Esses aguilhões procuravam estimular Israel à ação e orientá-lo na direção certa.[23]

Os pais às vezes usam declarações bíblicas para conduzir seus filhos na direção correta. Quando eu era mais jovem e perdia a paciência, minha mãe citava Provérbios 16.32b: “O que domina o seu espírito é melhor que o que toma uma cidade”. Quando eu murmurava, ela parafraseava o salmo 141.3: “Põe guarda, Senhor, aos meus lábios”.

O “único Pastor” do verso 11 também pode se referir ao Messias. Este termo, “único pastor”, é usado somente mais duas vezes no Antigo Testamento, ambas em Ezequiel, e refere-se ao filho prometido de Davi, o rei pastor. No Novo Testamento, Jesus afirma ser “o bom pastor” (Jo 10.11). O bom pastor também usava suas palavras como aguilhões. Jesus advertiu: “Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são

lobos roubadores” (Mt 7.15). Quando Pedro tentou afastar Jesus de seu caminho de sofrimento, Jesus o repreendeu: “Arreda, Satanás” (Mc 8.33). Quando Saulo estava no caminho de Damasco para perseguir a igreja, o Senhor ressurreto o confrontou. Mais tarde, Paulo descreveu essa experiência: “(...) vi uma luz no céu, mais resplandecente que o sol, que brilhou ao redor de mim e dos que iam comigo. E, caindo todos nós por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa é recalcitrares contra os aguilhões” (At 26.13-14). As palavras de Jesus, “por que me persegues”, feriram Paulo como os aguilhões ferem os animais. E elas o fizeram mudar de direção. Os aguilhões transformaram Saulo de perseguidor em Paulo, o missionário. “As palavras dos sábios são como aguilhões”.

O verso 11 continua: “(...) e como pregos bem fixados, as sentenças coligidas, dadas pelo único Pastor”. Com a palavra “pregos”, podemos pensar nas cavilhas das tendas.[24] As cavilhas ou estacas das tendas são firmemente cravadas no chão para manter estável a tenda do pastor – para impedir que seja levada em uma tempestade. Assim, as “sentenças coligidas” dão estabilidade e segurança à vida. Pense na estabilidade e no foco dados à nossa vida pelos repetidos apelos do Pregador para que temamos a Deus – que tenhamos reverência pelo Deus Criador Todo-Poderoso (3.14; 5.7; 7.18; 8.12). Pense no conforto proporcionado pelo seu ensino de que “com certeza bem sucede aos que temem a Deus” (8.12). Pense na segurança proporcionada pelo seu ensino de que Deus está no controle; ele estabeleceu os tempos, “tempo de nascer e tempo de morrer” (3.2). Pense no foco dado à nossa vida por suas constantes exortações para que aproveitemos o dia e desfrutemos das dádivas de Deus.[25] O próprio Pregador chamou a estabilidade e a segurança proporcionadas pelas “sentenças coligidas” de proteção e vida. Ele escreveu, em 7.12: “A sabedoria protege como protege o dinheiro; mas o proveito da sabedoria é que ela dá vida ao seu possuidor”.

Os aguilhões nos colocam em movimento na direção certa; os pregos bem fixados dão estabilidade e segurança.[26]

Tendo recomendado muito os escritos do Pregador, o editor continua, no verso 12: “Demais, filho meu, atenta”. O leitor deve tomar cuidado com o que vai além dessas “sentenças coligidas, dadas pelo único Pastor”.[27] Naqueles dias – e hoje – havia muitos escritos que eram tidos como sapienciais. Mas o editor adverte seus leitores a ter cuidado com esses outros livros. Eles devem tomar cuidado com qualquer coisa além dessas “sentenças coligidas” dadas por Deus. “O ponto da advertência é a suficiência do texto. Os sábios deram suas

instruções adequadamente, portanto, não há necessidade de ir além delas”.[28]

O verso 12, em seguida, refere-se a esses outros livros. “Não há limite para fazer livros, e o muito estudar é enfado da carne”. Bem sabemos que não há limite para fazer livros. Nossas livrarias estão transbordando. Muitas pessoas com doutorado escrevem livros (uma dissertação). Depois, é “publicar ou perecer”. O editor tem em mente mais do que dizer que não há limite para fazer muitos livros. Ele avalia a própria atividade. “Fazer muitos livros é uma atividade sem fim e não leva a lugar nenhum”.[29]é algo inútil. “E o muito estudar é enfado da carne”. Assim como fazer muitos livros, estudar muito é inútil. Ler muitos livros só leva ao “enfado da carne”. Assim como o Pregador escreveu anteriormente, “o trabalho do tolo o fatiga” (10.15). Como o Pregador antes dele,[30] o editor busca equilíbrio. A sabedoria é boa, mas pode ser exagerada.[31]

Depois de recomendar os escritos do Pregador e fazer sua advertência aos leitores para não irem além das “sentenças coligidas”, o editor está pronto para concluir. Verso 13: “De tudo o que se tem ouvido,[32] a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos”. O Pregador já tinha nos orientado a temer a Deus. Em 3.14, ele escreveu: “Sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente (...) e isto faz Deus para que os homens temam diante dele”. Em 5.7, ele ordenou: “(...) como na multidão dos sonhos há vaidade, assim também, nas muitas palavras; tu, porém, teme a Deus”. Em 7.18, ele encorajou: “(...) quem teme a Deus de tudo isto sai ileso”. E, em 8.12, ele consolou: “(...) sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus”. Temer a Deus não é ficar aterrorizado com Deus,[33] mas ter reverência por ele. Deus é o Criador Todo-Poderoso, nós somos criaturas; Deus é eterno, nós somos vapor finito; Deus é soberano, nós somos dependentes; Deus é santo, nós somos pecadores. É justo que tenhamos reverência diante do Deus eterno, Criador, Todo-Poderoso.

Temer a Deus é levar Deus a sério, reconhecê-lo em nossa vida como o bem mais elevado, reverenciá-lo, honrá-lo e adorá-lo, centrar nele a nossa vida. Como Paulo disse aos filósofos de Atenas, “(...) nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (At 17.28).

O editor explica como devemos mostrar em nossa vida que tememos a Deus: “Teme a Deus e guarda os seus mandamentos”. Uma coisa leva à outra.[34] A atitude de temer a Deus leva à ação de cumprir os mandamentos. Demonstramos que tememos a Deus cumprindo seus mandamentos. Se reconhecermos Deus como nosso Rei, naturalmente procuraremos fazer o que ele diz. Jesus também

disse: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14.15).

Moisés já havia associado o temor a Deus ao cumprimento dos seus mandamentos. Ele perguntou a Israel: “Agora, pois, ó Israel, o que é que o Senhor requer de ti? Não é que temas o Senhor, teu Deus, e andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma, para guardares os mandamentos do Senhor e os seus estatutos que hoje te ordeno, para o teu bem?” (Dt 10.12-13).[35]

O editor, em seguida, apresenta duas razões pelas quais devemos temer a Deus e guardar seus mandamentos. No fim do verso 13, ele escreve: “Porque isto é o dever de todo homem”. O hebraico não tem a palavra “dever”, então ele diz literalmente que temer a Deus e guardar seus mandamentos é “o todo de todos”. Não é apenas nosso dever, mas nossa essência. Deus nos criou para reverenciá-lo e cumprirmos seus mandamentos. Este é o plano de Deus para nós. Devemos temer a Deus e guardar seus mandamentos porque este é o caminho para cumprirmos o plano de Deus para nós. Este é “o mais excelente e mais completo modo de ser humano”.[36]

No verso 14, o editor apresenta uma segunda razão para temermos a Deus e guardarmos seus mandamentos: “Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más”. Deus trará a juízo todas as obras, inclusive tudo que é secreto. Nada será excluído. Deus julgará todas as nossas obras, todas as nossas palavras, até mesmo todos os nossos pensamentos.[37]

No Novo Testamento, Jesus também diz: “De toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do Juízo; porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado” (Mt 12.36-37). No entanto, as coisas mudaram para os cristãos no Novo Testamento. Devemos cumprir os mandamentos de Deus não porque tememos seu julgamento. “(...) Deus amou ao mundo de tal maneira que deu seu Filho Unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). Na cruz, Jesus tomou sobre si o juízo de Deus pelo pecado. A penalidade pelo pecado foi paga. Por isso, o medo do julgamento de Deus não é mais uma motivação para cumprirmos os mandamentos de Deus. Além disso, o Juiz também é nosso Salvador. Jesus disse: “(...) o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo julgamento... Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em

juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo 5.22,24).

O juízo de Deus não é mais uma ameaça para os cristãos. Por isso, não procuramos cumprir os mandamentos de Deus por medo do juízo, mas por sermos gratos pela sua graça, pois nos salvou desse juízo.

Este é o resumo “do que se tem ouvido”. Depois de tudo o que Deus fez por nós por meio de seu Filho, Jesus Cristo, nós amamos a Deus. E, quando amamos a Deus, naturalmente procuramos obedecer aos seus mandamentos. João escreve: “(...) este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos” (1Jo 5.3). E Jesus declara: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14.15).[38] Devemos mostrar nossa reverência e amor a Deus e a seu Filho, Jesus, cumprindo seus mandamentos.

---

[1] Os comentaristas discordam sobre se trata-se de um editor ou dois – o primeiro elogiando o Pregador (12.9-12) e o segundo corrigindo o Pregador (12.13-14) ou mesmo três editores. A posição defendida sobre este tema tem sérias repercussões sobre a interpretação desta passagem. Veja p. 25–27, acima. Para uma lista dos proponentes das várias posições, veja Murphy, Ecclesiastes,127-28, e Seow, “Beyond Them, My Son, Be Warned”, in Wisdom, You Are My Sister, 125-26, notas 1-3.

[2] Veja, por exemplo, Leupold, Exposition of Ecclesiastes, 291, e Longman, Book of Ecclesiastes, 274.

[3] Seow, “Beyond Them, My Son, Be Warned”, 125. Cf. Murphy, Ecclesiastes, 124: “O tom do verso sugere um olhar para trás, para a obra do Qohelet (inclusive este livro)”.

[4] Veja Murphy, Ecclesiastes, 124. Ogden, Qoheleth, 208, acrescenta as seguintes razões para duas subseções: “Versos 9-11 falam sobre o Qohelet na terceira pessoa, e respeitam seu ensino e seu papel na comunidade sapiencial. Os versos 12-14 são imperativos... , nos versos 9-11, usado três vezes, refere-se à sabedoria material, incluindo a do Qohelet, enquanto , no verso 13, tem o sentido geral de “assunto”. O Qohelet e sua contribuição são o tema dos versos 9-11; os versos 12-14 se dirigem aos fiéis”.

* E também a ARA (N. do T.).

[5] A NIV tem “pastor”, com uma nota de rodapé: “Ou Pastor”. A NRSV tem “pastor”, mas isso pode ser devido a uma mudança na política, já que, em 12.1, ela também colocou com inicial minúscula o “Criador”, com inicial maiúscula na RSV [Na ARA consta “O

Senhor

é meu pastor...” – pastor com inicial minúscula; na citação de Isaías “pastor” também está em minúscula (N. da R.)].

[6] Cf. salmo 23.1: “O Senhor é o meu Pastor”; Gênesis 49.24: “Pastor... Pedra de Israel”; Isaías 40.10-11: “O Senhor Deus... Como pastor, apascentará o seu rebanho”.

[7] Veja também “Tipologia”, na p. 320–21, abaixo.

[8] Loader, Ecclesiastes, 133.

[9] Fox, A Time to Tear Down, 373.

[10] Eclesiastes 3.14; 5.7; 7.18; 8.12-13 (3X).

[11] Veja, por exemplo, Deuteronômio 6.1-2; 8.6; 10.12; 13.4; 31.12.

[12] Veja Fox, A Time to Tear Down, 363-77.

[13] O Pregador usa a palavra “mandamento” ( ) somente uma vez, referindo ao mandamento do rei (8.5).

[14] Para defensores de dois e três editores, veja a nota 1, acima. Kruger, Qoheleth, 208, menciona que, “de acordo com Jastrow, há mais de oito editores diferentes do editor do corpus do livro”.

[15] Paulo também associa o juízo final a Jesus Cristo, chamando-o de “dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens (Rm 2.16). Cf. 2Coríntios 5.10: “(...) importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo”.

[16] Perrin, “Messianism in the Narrative Frame of Ecclesiastes?”, RB 108 (2001)

51-57.

[17] “No tempo em que Esclesiastes foi escrito, quando os gêneros sapiencial e apocalíptico começaram a se sobrepor, o termo “único Pastor” teria sido instantaneamente reconhecido como uma referência ao Messias davídico”. Perrin, ibid., 57.

[18] O salmo 112.1 faz esta conexão por meio de paralelismo sinônimo:

Bem-aventurado o homem que teme ao Senhor e se compraz nos seus mandamentos.

[19] “O provérbio ( ) tinha um significado amplo. Podia incluir coisas como a fábula de Jotão (Jz 9.7-15), o enigma de Sansão (Jz 14.12ss.), as observações jocosas sobre Saul e Davi (1Sm 10.12; 18.17), o ‘provérbio dos antigos’ (1Sm 24.13) e a parábola de Natã (2Sm 12.1ss.)”. Eaton, Ecclesiastes, 153. A ampla variedade de significados de também fica evidente no Novo Testamento, onde Jesus é descrito como ensinando ao povo “muitas coisas por parábolas” (Mc 4.2). A palavra grega é o equivalente da hebraica .

* A tradução usada pelo autor diz: “Ensinou ao povo o conhecimento; pesando, esquadrinhando e organizando muitos provérbios” (N. do T.)

[20] “O ponto em nosso texto... é a legitimidade e a precisão das palavras do Qohelet”. Seow, Ecclesiastes, 386.

[21] “Com raras exceções, um na Bíblia é uma pessoa que possui habilidade especial ou a virtude da sabedoria, não um membro de uma classe profissional ou aquele que subscreve uma determinada escola de pensamento”. Fox, A Time to Tear Down, 353.

[22] Veja Fox, Qohelet and His Contradictions, 325. Cf. Seow, Ecclesiastes, 393. O próprio Pregador faz alusão à dor quando fala da “repreensão do sábio” (7.5).

[23] Algumas comunidades judaicas leem Eclesiastes na Festa dos Tabernáculos enquanto revivem a jornada pelo deserto (veja nota 4, p. 19, acima). Eles se lembram dos dolorosos aguilhões que Deus usou na longa jornada para levar seu povo à Terra Prometida.

[24] “Enquanto regularmente se aplica a ‘plantar’, também pode descrever a

fixação das cavilhas das tendas no chão (Dn 11.45)". Ogden, Qoheleth, 210. Alguns comentaristas entendem os pregos como fixados nos aguilhões, de modo que o verso 11 trata de um único assunto: correção dolorosa. Veja, por exemplo, Fox, Qohelet and His Contradictions, 324-25. Mas o verso tem dois símiles, "aguilhões" e "pregos", emparelhados com dois referentes, "as palavras dos sábios" e as "sentenças coligidas". Portanto, acho melhor entender este verso como tratando de dois assuntos: correção dolorosa e segurança estável.

[25] Eclesiastes 2.24-26; 3.12-13,22; 5.18-20; 8.15; 9.7-10; 11.7-10.

[26] "Este segundo símile complementa o primeiro: o ensino dos sábios... tanto estimula à ação aqueles que o recebem quanto constitui uma base confiável para a vida". Whybray, Ecclesiastes,172. Cf. Eaton, Ecclesiastes, 154: "As duas palavras falam do duplo efeito das palavras do Pregador, que estimulam à ação e estabelecem o ensino na memória".

[27] "Em vez de ser uma crítica ao Qohelet, este verso está, na verdade, apreciando sua obra; não há necessidade de mais escritos de sabedoria! Assim, não se deve postular um segundo redator para os versos 12-14". Murphy, Ecclesiastes, 126.

[28] Seow, Ecclesiastes, 388. Veja ibid. e p. 393-94 para evidência de que esta advertência era uma fórmula padrão, "uma afirmação da completude e suficiência do texto". Cf. Deuteronômio 4.2; 12.32 e Apocalipse 22.18-19.

[29] Fox, A Time to Tear Down, 357.

[30] "Não sejas demasiadamente justo, nem exageradamente sábio" (Ec 7.16).

[31] "A sabedoria deve ser abraçada e empregada sabiamente, não usada para tolos fins pessoais". Provan, Ecclesiastes, 228, com referência a 1.12-18 e especialmente a 10.15.

[32] "O uso desta e de expressões semelhantes em outros lugares (veja esp. Dn 7.28) mostra que ela marca o fim de um livro ou de uma grande unidade textual". Fox, Ecclesiastes, 85.

[33] Sobre temer a Deus, veja p. 37–40 e 146–47, especialmente notas 17 e 18.

[34] "O conhecimento de Deus leva à obediência, não o contrário". Eaton, Ecclesiastes, 156.

[35] Cf. Deuteronômio 5.29; 6.2; 8.6; 13.4; 31.12. Veja também salmo 112.1: “Bem-aventurado o homem que teme ao

Senhor

e se compraz nos seus mandamentos”. Cf. salmo 119.63 e 128.1.

[36] “Temer a Deus e guardar seus mandamentos é para todo o homem, o mais excelente e mais completo modo de ser humano”. Kugel, The Great Poems of the Bible, 323.

[37] Cf. Paulo em Romanos 2.6: “[Deus] retribuirá a cada um segundo o seu procedimento”.

[38] Cf. João 14.21: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama”.

APÊNDICE 1

Dez passos do texto ao sermão

1. Selecione o texto de pregação.

Selecione o texto de pregação com atenção para as necessidades congregacionais. O texto deve ser uma unidade literária e conter um tema vital.

2. Leia o texto em seu contexto literário.

Leia e releia o texto em seu contexto e anote as perguntas iniciais.

3. Faça o esboço da estrutura do texto.

No hebraico/aramaico ou grego, observe as principais afirmações, o fluxo oracional, a linha de enredo, as cenas ou outras estruturas literárias. Marque as unidades principais com títulos e versículos de referências.

4. Interprete o texto em seu próprio contexto histórico.

a. Interpretação literária;

b. Interpretação histórica;[1]

c. Interpretação teocêntrica.

Analise seus resultados com a ajuda de alguns bons comentários.

5. Formule tema, objetivo e necessidade do texto.

a. Declare o tema textual em uma breve frase que resuma a mensagem do texto para seus ouvintes originais: sujeito e predicado. O que é que o texto está dizendo?

b. Declare o objetivo do autor para seus ouvintes originais. O que é que o texto está fazendo? Será que o autor visa persuadir, motivar, incentivar, advertir, confortar? Seja específico.

c. Declare a necessidade que o autor abordou – a questão por trás do texto.

6. Entenda a mensagem nos contextos do cânon e da história da redenção.

a. Interpretação canônica: interprete a mensagem no contexto de todo o cânon;

b. Interpretação histórico-redentiva: entenda a mensagem no contexto da história da redenção de Deus desde a criação até a nova criação;

c. Interpretação cristocêntrica: explore os caminhos de (1) progressão histórico-redentiva; (2) cumprimento de promessa; (3) tipologia; (4) analogia; (5) temas longitudinais; (6) referências no Novo Testamento; e (7) contraste.

7. Formule tema, objetivo e necessidade do sermão.

a. Idealmente, o tema do seu sermão vai ser o mesmo que seu tema textual (passo 5a). Se o Passo 6 forçar uma mudança, fique o mais próximo possível do tema textual. Seu tema guiará especialmente o desenvolvimento do corpo do sermão.

b. Seu objetivo deve estar em harmonia com o objetivo do autor (passo 5b) e combinar com o tema do sermão. Seu objetivo orientará o estilo do sermão,

bem como o conteúdo de sua conclusão.

c. Declare a necessidade que você está abordando. Esta necessidade deve ser semelhante à necessidade abordada pelo autor. A necessidade informará o conteúdo de sua introdução.

8. Selecione uma forma adequada de sermão.

Selecione uma forma de sermão que respeite a forma do texto (didático ou narrativo, dedutivo ou indutivo) e que atinja o objetivo do sermão.

9. Prepare o esboço de sermão.

Se possível, siga o fluxo do texto (passo 3) no corpo do sermão. Pontos principais, derivados do texto, apoiam o tema. A introdução deve expor a necessidade. A conclusão deve fixar seu objetivo.

10. Escreva o sermão no estilo oral.

Fale o sermão em voz alta enquanto o escreve. Escreva no estilo oral, usando frases curtas, palavras vívidas, substantivos e verbos fortes, voz ativa, tempo presente, imagens e ilustrações.

---

[1] A fim de evitar repetição, nos capítulos acima eu combino a interpretação histórica com a determinação do objetivo do autor no passo 5b.

APÊNDICE 2

Modelo de sermão expositivo

A. Introdução (geralmente não mais do que 10 por cento do sermão)

1. Normalmente, comece com uma ilustração da necessidade a ser abordada (passo 7c).

2. Conecte esta ilustração à necessidade dos ouvintes presentes.

3. Transição: Mostre que esta necessidade ou um problema semelhante também foi a questão por trás do texto bíblico.

4. Informe o tema do texto/sermão (passo 7a). Para manter o suspense, você pode divulgar o tema mais tarde (desenvolvimento indutivo), mas, por afirmação e reafirmação, você deve se certificar de que os ouvintes captaram o núcleo do sermão.

B. O corpo do sermão

1. Exponha a estrutura do texto. Os principais pontos, afirmações, movimentos e cenas do texto (passo 3) normalmente se tornam os seus pontos principais no sermão.

2. Os principais pontos normalmente devem apoiar o tema e ser do mesmo nível.

3. Siga a sequência textual dos pontos, a menos que haja uma boa razão para alterá-la, como arranjo de clímax (passo 9).

4. Use transições claras e simples que permitam aos ouvintes sentir a estrutura e o movimento no sermão.

Por exemplo, “não apenas... mas também...”

Ou: “Vejamos primeiro... Agora vejamos, em segundo lugar...”

Ou: “Vejamos o versículo 8... Agora, vejamos o versículo 12”.

5. Cite as referências dos versículos antes de citar o texto para que os ouvintes possam ler com você. A aprendizagem visual é nove vezes mais eficaz do que a auditiva.

6. Use algumas observações pessoais para ilustrar conceitos difíceis ou para esclarecer o argumento. Ilustrações pessoais são mais naturais e poderosas do que ilustrações enlatadas. Experiências pessoais também podem ser usadas, mas tome cuidado para não pregar você mesmo, mas Cristo.

C. Conclusão

1. Seja breve.

2. Não introduza novo material. Estreite o foco, não o expanda.

3. Fixe o objetivo (passo 7b).

4. Seja concreto. Você pode oferecer algumas sugestões concretas do que os ouvintes podem fazer em resposta à palavra pregada?

APÊNDICE 3

Deus estabeleceu os tempos

Uma meditação sobre Eclesiastes 3.1-15

[1]

Eclesiastes 3.1-15 é a passagem familiar sobre Deus estabelecer os tempos: “Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer, tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou...”. O Pregador diz que “Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo” (v. 11). A questão-chave é: Por que Deus estabeleceu os tempos?

O Pregador responde, no verso 14: “(...) isto faz Deus para que os homens temam diante dele”. O Deus soberano estabeleceu os tempos “para que os homens temam diante dele”. Todos vivemos nesses diferentes tempos: primavera, verão, outono, inverno, 2006, 2007, 2008. As estações e os anos passam e, raramente, pensamos nisso. Esses tempos fixos realmente nos fazem temer diante de Deus?

Eu tinha acabado de escrever um capítulo sobre esta passagem quando meu filho, Natã, ligou de Winnipeg, convidando-nos para cuidar dos netos. Bem, ele estava convidando Marie – ela é boa nesse tipo de coisa –, mas eu era o motorista. Natã e Heather, sua esposa, tinham acabado de se mudar para Winnipeg e estavam esperando seu terceiro filho. Como seus dois outros filhos tinham nascido cinco dias antes da data prevista, eles nos encorajaram a chegar antes dessa data. Assim, percorremos as 1.100 milhas de Grand Rapids a Winnipeg e chegamos bem a tempo, cinco dias antes da data prevista. Mas o bebê não chegou naquele dia, nem no seguinte, nem no seguinte. Então chegou a data prevista e o bebê não veio. Os outros filhos encorajaram o bebê a nascer, mas ele não tinha controle sobre a data de seu nascimento. Heather, compreensivelmente, ficou ansiosa para ter o bebê, mas ela também não podia controlar esse tempo. Finalmente, depois de quinze dias de espera, ela foi ao hospital para ver se o médico precisaria induzir o trabalho de parto. O médico declinou porque, segundo ela, a indução geralmente leva a complicações – complicações similares, suspeito eu, às que temos quando plantamos nossas flores muito perto da primavera.

Como acontece com as flores, simplesmente temos que esperar pelo tempo de Deus.

Deus geralmente age por meios naturais. Para o “tempo de plantar”, Deus usa a inclinação da terra e sua rotação em torno do sol. Para o “tempo de nascer”, aprendi, Deus usa um hormônio que precisa ser liberado no corpo da mãe. No décimo sexto dia, às 3 da madrugada, Natã colocou a cabeça para dentro do nosso quarto e sussurrou: “Está na hora”. Dentro de duas horas, uma saudável filha/neta havia nascido. Geralmente temos que esperar pelo tempo de Deus. “Isto fez Deus para que os homens temam diante dele”.

Deus também estabeleceu o tempo em que Jesus nasceria. Paulo chama esse tempo de “plenitude do tempo” (Gl 4.4). Jesus começou seu ministério pregando: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15). Jesus estava muito consciente de que Deus havia estabelecido um tempo para sua morte (“O meu tempo está próximo”, Mt 26.18) e também para sua ressurreição (“depois de três dias”, Mc 8.31). Antes de Jesus subir ao céu, os discípulos lhe perguntaram: “Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?” Jesus respondeu: “Não vos compete conhecer os tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade” (At 1.6-7). Deus estabeleceu soberanamente os tempos. Meras criaturas não devem conhecê-los. No tempo de Deus, Jesus virá novamente para estabelecer o reino de Deus no mundo com perfeição.

Devido ao fato de não nos colocarmos diante de Deus em temor, o Pregador nos encoraja a considerar a mão de Deus na criação ao nosso redor. Deus estabeleceu os tempos aos quais estamos sujeitos. Deus estabeleceu o tempo para nosso nascimento e o tempo para nossa morte e todos os tempos adequados entre um acontecimento e outro. Deus também estabeleceu o tempo para nossa ressurreição, quando Jesus voltará para renovar sua criação (Mt 24.30-31). Em outras palavras, Deus está no controle e somos completamente dependentes dele. A consciência de nossa total dependência de Deus pode nos ajudar a temer diante dele.

---

[1] Esta meditação foi publicada em The Emmaus Walk: Meditations between Easter and Pentecost. Grand Rapids: First Christian Reformed Church, 2008.

APÊNDICE 4

“Tenha um bom dia!”

Um sermão sobre Eclesiastes 9.1-12

[1]

Preparei este sermão a convite do Dr. David Mosser para publicação em seu livro,[2] a ser publicado, sobre o tema "ajudando pastores a pregar a congregações/indivíduos em mudança". Ao preparar um sermão para uma ocasião ou necessidade específica, como geralmente fazemos, o perigo é que a necessidade tratada oriente e distorça a interpretação, em vez de a interpretação conduzir à necessidade tratada. Felizmente, Eclesiastes 9.1-12 é um bom texto sobre o tema "ajudando pastores a pregar a congregações/indivíduos em mudança", pois o Pregador escreveu Eclesiastes para orientar Israel quando o país tinha sofrido grandes mudanças, passando de uma nação isolada e de economia agrícola para uma nação inserida no comércio internacional e nas intrigas do século 3º a.C.

O sermão é expositivo com desenvolvimento indutivo dos versos 1-6 ao tema revelado nos versos 7-10, depois de desenvolvimento dedutivo dos versos 11-12 ao tema revelado no Novo Testamento.

Texto: Eclesiastes 9.1-12

Tema: Em vista da certeza da morte e da imprevisibilidade da vida, desfrute ao máximo os dias que Deus lhe dá.

Objetivo: Estimular os ouvintes, em vista da certeza da morte e da imprevisibilidade da vida, a desfrutar ao máximo os dias que Deus lhes dá.

Queridos irmãos e irmãs,

Nossa sociedade e nossa cultura estão sofrendo mudanças em uma velocidade nunca vista. As mudanças estão acontecendo com tanta rapidez que o Beloit College começou a produzir uma “lista de mentalidade” anual. A lista lembra aos professores que referências familiares a eles podem não significar nada para seus alunos. A lista observa que alunos que entraram na faculdade este ano “viveram a vida toda em um ambiente digital, no qual o GPS sempre esteve disponível, os telefones sempre tiveram identificadores de chamada e as declarações de imposto sempre puderam ser feitas on-line”. Esses alunos não usaram telefone de discar nem máquinas de escrever; não compraram leite nem refrigerante em garrafas de vidro; não pediram ao frentista para verificar o nível do óleo ou para encher os pneus. Eles não conhecem Vietnã, Watergate e Johnny Carson. “Toda vez que a lista sai, a escola ouve de pessoas ao redor do mundo que ela as faz sentir como se a vida estivesse passando”.[3]A vida está passando! As rápidas mudanças tiram das pessoas a alegria de viver. Mudanças em nossa sociedade, em nossas igrejas, em nossos locais de trabalho. Em nossas famílias são geralmente inquietantes e difíceis de lidar. Elas podem nos tirar a alegria de viver.

Mas não somos os primeiros a passar por mudanças rápidas. O Pregador que escreveu Eclesiastes dirigiu seu livro a Israel quando a nação tinha sofrido grandes mudanças. Por séculos, Israel tinha sido uma nação isolada e de economia agrícola. Mas tudo isso mudou no século 3º a.C., quando a nação foi inserida no comércio internacional entre o Egito e o resto do mundo. As pessoas deixaram seu modo de vida pastoril e começaram a buscar riquezas. Isso levou a uma competição feroz (“inveja”, 4.4), à perda de riquezas em uma “má ventura” (5.14), corrupção e suborno em altos escalões (7.7), opressão do pobre e violação da justiça e do direito (5.8). O Pregador escreve sobre “as lágrimas dos oprimidos, sem que haja quem os console” (4.1). As pessoas começaram a reclamar que os dias passados eram melhores que os dias presentes (7.10). Elas desejavam voltar aos bons e velhos tempos. As mudanças tinham matado sua alegria de viver.

Nesta passagem em particular, o Pregador trata de desafios que estão além do nosso controle. Ele trata da certeza da morte e da imprevisibilidade da vida. Nos capítulos 7 e 8, ele tratou da questão de por que coisas ruins acontecem a algumas pessoas boas. Por que algumas pessoas boas morrem jovens enquanto algumas pessoas más vivem muito tempo? Por que John F. Kennedy morreu tão

jovem? E Martin Luther King Jr.? Como um Deus justo pode permitir que isso aconteça?

O Pregador termina o capítulo 8 com a conclusão de que ninguém pode conhecer toda a obra de Deus. “Ainda que diga o sábio que a virá a conhecer, nem por isso a poderá achar”. Então ele começa, no capítulo 9: “Deveras me apliquei a todas estas coisas para claramente entender tudo isto: que os justos, e os sábios, e os seus feitos estão nas mãos de Deus; e, se é amor ou se é ódio que está à sua espera, não o sabe o homem”.

Não importa o quanto sofram neste mundo, os justos e os sábios estão nas mãos de Deus. Estão sob os cuidados de Deus. Nem mesmo o mal que cai sobre o povo de Deus está fora do controle de Deus. Ele é soberano. Ele estabeleceu os tempos: “Tempo de nascer e tempo de morrer” (3.2). Deus está no controle. Por isso, quando o povo de Deus sofre, é um pensamento desconcertante, mas consolador, que “os justos, e os sábios, e os seus feitos estão nas mãos de Deus”. Eles estão sob os cuidados de Deus. Este é o problema, continua o Pregador: “Se é amor ou se é ódio que está à sua espera, não o sabe o homem”. Os justos e sábios não sabem se sua experiência é uma expressão do amor de Deus, do favor de Deus, ou do ódio de Deus, da ira de Deus. Por exemplo, quando ficamos doentes, isso é resultado do amor ou da ira de Deus? Quando somos envolvidos em um acidente, isso é resultado do amor ou da ira de Deus? Não sabemos, diz o Pregador.

Por isso ele conclui, no fim do verso 1, capítulo 9: “Tudo lhe está oculto no futuro. Tudo sucede igualmente a todos: o mesmo sucede ao justo e ao perverso; ao bom, ao puro e ao impuro; tanto ao que sacrifica como ao que não sacrifica; ao bom como ao pecador; ao que jura como ao que teme o juramento”.

O mesmo destino, isto é, a morte, vem sobre todos: “O mesmo sucede ao justo e ao perverso; ao bom, ao puro e ao impuro”. A morte vem a todos. Quer tenhamos sido bons ou maus, no fim, todos morrem. Quando o genocida Saddam Hussein foi executado, em 2006, provavelmente pensamos que ele recebeu o que merecia. Mas, nove anos antes, madre Teresa morreu. A pessoa que tinha dedicado sua vida aos pobres de Calcutá também faleceu. Isso parece justo? O mesmo destino que vem ao perverso também vem ao justo.

No verso 3, o Pregador explode: “Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol: a todos sucede o mesmo”. É um mal, não é, que pessoas boas e

pessoas más sofram a tragédia da morte? Podemos sentir sua indignação.

Mas o Pregador acrescenta: “Também o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem; depois, rumo aos mortos”. Quando escreve que “o coração dos homens está cheio de maldade”, ele pode estar pensando na observação de Deus antes de enviar o grande dilúvio: “Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo o desígnio do seu coração” (Gn 6.5). Como o Senhor viu que o coração humano estava cheio de maldade, ele disse: “Farei desaparecer da face da terra o homem que criei” (Gn 6.7).

Talvez o Pregador estivesse pensando em algo que aconteceu ainda antes, no paraíso, onde Deus deu apenas um mandamento: “Da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17). Adão e Eva desobedeceram ao mandamento de Deus, e o juízo de Deus veio em seguida: “Tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3.19). Como todos herdamos essa má disposição de desobedecer a Deus, todos merecemos morrer. Como Paulo diz em Romanos, “a morte passou a todos os homens, pois todos pecaram” (Rm 5.12). Os chamados justos e os perversos merecem morrer.

O Pregador diz: “Nele há desvarios enquanto viver”. É um desvario desafiar Deus, nosso Criador. “Depois, rumo aos mortos”. A vida de todas as pessoas será tirada de repente, e elas irão para a morada dos mortos – ao túmulo, como diríamos. Esta é uma descrição sombria do destino de todas as pessoas.

No entanto, há vantagens em estar vivo. O Pregador escreve, no verso 4: “Para aquele que está entre os vivos há esperança; porque mais vale um cão vivo do que um leão morto”. Os vivos têm a esperança de que ainda podem experimentar um tipo de alegria que o Pregador defende repetidamente. Hoje expressamos essa esperança em um provérbio: “Onde há vida, há esperança”. O Pregador também usa um provérbio para reforçar sua afirmação de que os vivos têm esperança. Ele escreve: “Mais vale um cão vivo do que um leão morto”. No antigo Oriente Próximo, o cão era considerado como um animal que se alimenta de carniça. Hoje pensaríamos em um rato – uma criatura nojenta. Em contraste, o leão, assim como hoje, era admirado como o rei do mundo animal. Agora o Pregador diz que os vivos têm esperança, pois um comedor de carniça vivo é melhor que um leão morto. Em outras palavras, até mesmo a vida de um cão é melhor que a morte, pois os vivos ainda têm esperança.

Além disso, ele diz, no verso 5: “Os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma”. Os vivos têm consciência; “os vivos são autoconscientes”;[4] eles “sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma”. Além disso, os mortos “tampouco terão recompensa”: não têm nada pelo que esperar, não têm futuro. “Porque a sua memória jaz no esquecimento”: suas realizações são esquecidas pelos que vêm depois. Os mortos, como descritos pelo Pregador, não têm futuro nem passado. Eles não têm nada. É como se nunca tivessem vivido.

Verso 6: “Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol”. Esta é, provavelmente, a mais rigorosa descrição bíblica da morte: eles se foram; não há mais recompensa; logo são esquecidos; suas paixões pereceram; não têm mais parte na vida.

Contra o contexto tenebroso de morte que espera por todos, o Pregador tem um importante conselho para os vivos. Verso 7: “Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho. Pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras”. Neste livro, o Pregador inclui sete passagens[5]em que nos encoraja a desfrutar a vida que Deus nos dá, mas aqui ele é mais urgente. Não podemos desperdiçar um dia sequer. Por isso o Pregador, aqui, coloca seu conselho na forma mais urgente. Ele expressa seu conselho na forma de ordens: Vai! Come! Bebe! Goza! Faz!

A primeira ordem é “Vai”. É uma ordem para despertar. Pare de reclamar das mudanças! Pare de alimentar sua ira! Pare de chocar seus próprios problemas! Deixe de lado suas ansiedades e frustrações! “Vai!”

A segunda ordem do Pregador é “Come com alegria o teu pão”. Alegria! Não engula sua refeição para se dedicar à sua próxima tarefa! Não engula sua comida como um porco. Deus nos fez não apenas para que precisássemos de comida para viver, mas também para que pudéssemos comer com alegria. Ele nos deu uma rica variedade de alimentos deliciosos. “Come teu pão com alegria”.

“Bebe gostosamente o teu vinho”. Deus também nos deu uma rica variedade de bebidas. Em Israel, o vinho era muito apreciado. Em outros países, a bebida mais apreciada é o café ou o chá. Seja o que for que bebermos, bebamos com alegria. “Bebe gostosamente o teu vinho”.

Algumas pessoas pensam que este conselho é semelhante ao slogan pagão: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos” (Is 22.13; 1Co 15.32). Mas esse slogan é sombrio e egoísta. O conselho do Pregador é muito mais profundo. Ele escreve, no verso 7: “Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras”. Há muito tempo, Deus aprovou nossa alegria em comer e beber. O Pregador provavelmente está pensando no relato da criação. Deus colocou as primeiras criaturas humanas em um belo jardim e lhes deu muitas plantas e frutas para comer (Gn 1.29; 2.16). Em outras palavras, Deus não apenas nos criou com a necessidade de comida, mas também concedeu alimento com grande variedade para que pudéssemos desfrutar dele. O salmo 104 proclama: “[Deus dá] o vinho, que alegra o coração do homem, o azeite, que lhe dá brilho ao rosto, e o alimento, que lhe sustém as forças” (Sl 104.15). Assim, se desfrutamos do nosso alimento, Deus aprova. Ele tem prazer nisso porque nossa alegria foi sua intenção desde o princípio. Nossa alegria foi planejada por Deus. Nossa alegria é uma expressão de nossa gratidão a Deus por suas provisões.

O Pregador continua, no verso 8: “Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça”. Em um clima quente, vestes brancas refletiam o calor do sol, e o óleo impedia o ressecamento da pele. Aqui as vestes brancas e o óleo são símbolos de alegria. Quando as pessoas ficavam perturbadas e em luto, mostravam sua tristeza usando roupas de saco e colocando cinzas sobre a cabeça (veja 2Sm 13.19). Em contraste, quando estavam alegres as pessoas demonstravam sua alegria usando roupas brancas e colocando óleo sobre a cabeça. Em nossa cultura, podemos mostrar nossa alegria usando roupas coloridas, fazendo um bonito penteado e tendo um grande sorriso no rosto.

No verso 9, o Pregador é mais específico: “Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol; porque esta é a tua porção nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol”. “Goza a vida com a mulher que amas”. Novamente, o Pregador pode ter pensado no paraíso, onde Deus fez a mulher como companheira do homem. Lemos em Gênesis: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2.24).

Infelizmente, sempre houve tendências ascetas na tradição cristã. Já em seus dias, Paulo achou necessário opor-se aos falsos mestres que, segundo ele escreve, “(...) proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos que Deus

criou para serem recebidos, com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade; pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ação de graças, nada é recusável" (1Tm 4.3-4). Desfrutar das boas dádivas de Deus é "verdadeira espiritualidade".[6]

No verso 10, o Pregador acrescenta mais uma ordem: "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma". O além é a morada dos mortos. Assim, o Pregador novamente lembra aos seus leitores que a morte os aguarda. "No além... não há obra". Esta é a principal razão para fazer "tudo quanto te vier à mão... conforme as tuas forças". Para o Pregador, o trabalho pesado é parte da alegria de viver. Novamente ele pode ter pensado no paraíso, onde Deus colocou o homem "(no jardim do Éden) para o cultivar e o guardar" (Gn 2.15). Deus nos criou para trabalhar. Assim, o trabalho intencional deve nos dar satisfação e alegria.

Em vista da certeza da morte, portanto, o Pregador nos estimula a aproveitar o dia: "Come com alegria o teu pão"; "bebe gostosamente o teu vinho"; "goza a vida com a mulher que amas"; e "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças".

No verso 11, o Pregador passa a tratar da imprevisibilidade da vida. "Vi ainda debaixo do sol que não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória, nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes, o favor; porém tudo depende do tempo e do acaso".

A vida humana, ele observa, é imprevisível. Esperaríamos que uma corrida fosse vencida pelo mais rápido. Mas o Pregador escreve: "Não é dos ligeiros o prêmio". Coisas inesperadas acontecem em uma corrida: o mais rápido pode tropeçar; pode ter uma contusão muscular; pode ser derrotado. Em recentes jogos olímpicos, uma americana, Lola Jones, era favorita para ganhar a medalha de ouro na corrida de obstáculos. Ela era conhecida como a mais rápida do mundo. Mas ela tropeçou no nono obstáculo e chegou não em primeiro, mas em sétimo. "Não é dos ligeiros o prêmio". A vida é imprevisível.

O Pregador apresenta um segundo exemplo: "Nem dos valentes, a vitória". Nos jogos olímpicos, também observamos que os fortes nem sempre levam o ouro. Às vezes, ganham a prata, o bronze ou nada. A batalha não é sempre vencida pelo valente. Há exceções. A vida é imprevisível.

Desses exemplos de habilidades físicas, o Pregador passa para três exemplos de superioridade intelectual: “Nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes, o favor”. Os sábios podiam ser professores ou artistas. É de se esperar que os sábios tenham pão, isto é, uma boa vida, mas há exceções. A vida é imprevisível.

“Nem ainda dos prudentes, a riqueza”. É de se esperar que os prudentes, isto é, os peritos em finanças e empreendedores, sejam ricos. Mas novamente há exceções.

“Nem dos inteligentes, o favor”. Os inteligentes são aqueles que sabem como fazer as coisas. É de se esperar que as pessoas apreciem os inteligentes. Mas há exceções.

Por que há tantas exceções às nossas expectativas? Esperamos que o ligeiro vença a corrida; que o valente vença a batalha; que os professores tenham bom salário; que empreendedores prudentes sejam ricos; que pessoas inteligentes sejam apreciadas. Por que há tantas exceções às nossas expectativas? Por que a vida é tão imprevisível?

O Pregador responde, no fim do verso 11: “(...) tudo depende do tempo e do acaso”. O problema é tempo e acaso, isto é, “incidentes oportunos”. Diríamos que o problema são os “acidentes”. Não podemos controlar os acidentes. Acidentes acontecem: corredores podem cair; o valente pode ter uma câimbra; professores sábios podem perder o emprego; empreendedores prudentes podem ir à bancarrota; pessoas inteligentes podem não ser bem vistas. O ponto é: Não temos controle total do nosso destino. Acidentes podem nos fazer não alcançar nossos objetivos.

No verso 12, o Pregador termina com o mais trágico de todos os acidentes: “Pois o homem não sabe a sua hora. Como os peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens no tempo da calamidade, quando cai de repente sobre eles”. Ele compara esse tempo de calamidade com “peixes que se apanham com a rede traiçoeira”. Talvez você já tenha visto desenhos de como se pescava no Oriente. De seus barcos ou mesmo de pé no mar, perto da praia, os pescadores lançavam uma rede redonda para o ar. A rede parecia pairar no ar por um momento; então, de repente, caía na água sobre peixes distraídos. Um tempo de calamidade havia chegado para peixes que não desconfiavam de nada.

O tempo da calamidade também é “como passarinhos que se prendem com o laço”. Talvez você já tenha visto desenhos de armadilhas simples: um laço estendido no chão ou preso em uma árvore. Os pássaros agem normalmente, comendo suas sementes no chão. Como não há predadores por perto, eles relaxam. Eventualmente um deles estica o pescoço pelo laço, que o prende e o enforca. Um tempo de desastre. Pego em um laço!

“Como os peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens no tempo da calamidade, quando cai de repente sobre eles”. Repentinamente, a morte vem sobre nós. Podemos nem suspeitar; estamos simplesmente indo para o trabalho. De repente, a rede cai sobre nós; somos pegos no laço – e a vida termina.

Tendo em vista não apenas a certeza da morte, mas também a imprevisibilidade da vida, o Pregador nos estimula a desfrutar ao máximo a vida que Deus nos dá. Desfrute ao máximo os dias que Deus lhe dá.

O Novo Testamento, é claro, nos ensina que a morte não é o fim, mas um novo começo: nossa entrada na vida eterna. Mas isso não muda a mensagem de que devemos fazer todos os esforços para desfrutar dos dias que Deus nos dá neste mundo. O próprio Jesus desfrutou de comida e bebida (veja Mt 11.18-19). Em várias ocasiões, ele deu pão para as multidões se alegrarem (Mt 14.13-21; 15.32-39). Ele até transformou água em vinho para as pessoas desfrutarem de uma festa de casamento (Jo 2.9-11).

Jesus também nos ensina a não nos preocuparmos com comida e bebida. A preocupação com a próxima refeição nos fará perder a alegria. Jesus nos orienta: “(...) não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? (...) vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas estas coisas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.31-33). Comida e bebida nos serão dadas.

Como comida e bebida são dádivas do nosso Pai celestial, devemos desfrutar delas. Se não desfrutarmos das dádivas de Deus, desonraremos o Doador. Então seremos como crianças que recebem presentes no Natal, abrem os embrulhos e os colocam de lado, para pegar o próximo presente. Nossa alegria pelas dádivas de Deus é uma expressão de nossa gratidão a ele. Os primeiros cristãos entenderam bem isso. Lemos em Atos 2.46: “Diariamente perseveravam

unânimes no templo, partiam o pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração".

Não apenas devemos nos alegrar por nossa comida e bebida; se formos casados, também devemos nos alegrar pela vida com nosso cônjuge. Jesus honrou o casamento estando presente em uma festa de casamento, em Caná (Jo 2.1-11). E Paulo nos ordena: "Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela" (Ef 5.25).

E, finalmente, também devemos nos alegrar pelo nosso trabalho e fazê-lo da melhor forma que pudermos. O Pregador nos motiva a trabalhar com toda a nossa capacidade porque, como ele escreveu, "no além [isto é, na morada dos mortos] (...) não há obra". Jesus diz algo semelhante. Ele diz: "É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar" (Jo 9.4). Jesus tem em mente a noite, as trevas da morte, que logo o alcançarão, bem como aos seus discípulos. A menos que o Senhor retorne primeiro, cada um de nós morrerá. Antes que a nossa hora chegue, diz Jesus, devemos realizar as obras que Deus nos confiou. Paulo acrescenta: "Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da vossa herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo" (Cl 3.23-24).

Como Jesus morreu e ressuscitou para nos salvar da escravidão ao pecado e para nos reconciliar com Deus, podemos começar a viver como Deus planejou no início: desfrutando de nossa comida e bebida, gozando a vida com nosso cônjuge e tendo alegria no trabalho.

Infelizmente, muito frequentemente dissipamos nossos dias com buscas sem sentido: frustrações com todas as mudanças que encontramos, preocupações em ter a casa hipotecada ou perder o emprego, ira, ressentimentos, discussões mesquinhas. Desperdiçamos nossos dias como se tivéssemos um suprimento ilimitado. Você já deve ter ouvido falar de pessoas que foram informadas pelo médico que teriam apenas alguns meses de vida. Repentinamente sua perspectiva de vida mudou. Passaram a viver cada dia como se fosse o último. Tentaram viver cada dia ao máximo.

Quando o Secretário da Casa Branca, Tony Slow, voltou ao trabalho depois de cinco semanas de tratamento de câncer, ele disse: "Nem todos sobreviverão ao câncer. Mas, por outro lado, você tem de perceber que recebeu o dom da vida,

por isso, aproveite-a ao máximo”.[7] Tony morreu um ano depois, aos 53 anos.

“Você recebeu o dom da vida, por isso, aproveite-a ao máximo”. Cada dia pode ser nosso último dia. Portanto, desfrute cada dia ao máximo. Devemos nos lembrar todas as manhãs, quando acordamos: “Este é o dia que o Senhor fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele” (Sl 118.24).

---

[1] O autor usa a NRSV. A tradução brasileira cita a ARA.

[2] O título provisório do livro é Preaching Today in a World of Change: Preaching Change Strategies in the Modern Church.

[3] The Grand Rapids Press, 25 de agosto de 2008. Veja www.beloit.edu/publicaffairs/mindset.

[4] Longman, Book of Ecclesiastes, 228.

[5] Eclesiastes 2.24-26; 3.12-13; 3.22; 5.18-20; 8.15; 9.7-10; 11.7-9.

[6] Provan, Ecclesiastes, 185-86.

[7] Citado em Time, 28 de julho de 2008.

BIBLIOGRAFIA SELETA

Bartholomew, Craig G. Reading Ecclesiastes: Old Testament Exegesis and Hermeneutical Theory. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1998.

Blenkinsopp, Joseph. “Ecclesiastes 3:1-15: Another Interpretation”. JSOT 66 (1995) 55-64.

Brown, Stephen. “The Structure of Ecclesiastes”. EvRT 14/3 (1990) 195-208.

Brown, William P. Ecclesiastes. Louisville: John Knox, 2000.

_____ “‘Whatever Your Hand Finds to Do’: Qoheleth’s Work Ethic”. Int 55/3 (2001) 271-84.

Collins, John J. Proverbs and Ecclesiastes. Atlanta: John Knox, 1980.

Crenshaw, James L. “The Wisdom Literature”. In The Hebrew Bible and Its Modern Interpreters. Douglas A. Knight e Gene M. Tucker (org.). Filadélfia: Fortress, 1985. p. 369-407.

_____ Ecclesiastes: A Commentary. Filadélfia: Westminster, 1987.

Davis, Ellen F. Proverbs, Ecclesiastes, and the Song of Songs. Louisville: Westminster John Knox, 2000.

Delitzsch, Franz. Commentary on the Song of Songs and Ecclesiastes. M. G. Easton (trad.). Grand Rapids: Eerdmans, s.d.

Dillard, Raymond B.; Longman III, Tremper. An Introduction to the Old Testament. Grand Rapids: Zondervan, 1994.

Dorsey, David A. The Literary Structure of the Old Testament: A Commentary on Genesis–Malachi. Grand Rapids: Baker, 1999.

Eaton, Michael A. Ecclesiastes: An Introduction and Commentary. Downers Grove: InterVarsity Press, 1983.

Farmer, Kathleen Anne. Who Knows What Is Good?: A Commentary on the Books of Proverbsand Ecclesiastes. Grand Rapids: Eerdmans, 1991.

Fletcher, Douglas K. “Ecclesiastes 5:1-7”. Int 55/3 (2001) 296-98.

Fox, Michael V. “The Meaning of Hebel for Qohelet”. JBL 105/3 (1986) 409-27.

_____ “Qohelet 1:4”. JSOT 40 (1988) 109.

_____ “Aging and Death in Qohelet 12”. JSOT 42 (1988) 55-77. Reimpresso em Reflecting with Solomon: Selected Studies on the Book of Ecclesiastes. Roy B. Zuck (org.). Grand Rapids: Baker, 1994. p. 381-99.

_____ Qohelet and His Contradictions. Sheffield: Almond, 1989.

_____ “What Happens in Qohelet 4:13-16”. Journal of Hebrew Scriptures (1996-97) 5 páginas em E-Journal.

_____ “The Inner Structure of Qohelet’s Thought”. In Qohelet in the Context of Wisdom. Antoon Schoors (org.). Leuven: Peeters, Leuven University, 1998. p. 225-38.

_____ A Time to Tear Down and a Time to Build Up: A Rereading of Ecclesiastes. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

_____ Ecclesiastes: The Traditional Hebrew Text with the New JPS Translation. Filadélfia: Jewish Publication Society, 2004.

Fredericks, Daniel C. “Chiasm and Parallel Structure in Qoheleth 5:9–6:9”. JBL 108/1 (1989), 17-35.

_____ “Life’s Storms and Structural Unity in Qoheleth 11:1–12:8”. JSOT 52 (1991) 95-114.

Garrett, Duane A. “Preaching Wisdom”. In Reclaiming the Prophetic Mantle: Preaching the Old Testament Faithfully. George L. Klein (org.). Nashville: Broadman, 1992. p. 107-26.

_____ Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs. Nashville: Broadman, 1993.

Glenn, Donald R. “Mankind’s Ignorance: Ecclesiastes 8:1–10:11”. In Reflecting with Solomon: Selected Studies on the Book of Ecclesiastes. Roy B. Zuck (org.). Grand Rapids: Baker, 1994. p. 321-29.

Goldberg, Louis. Ecclesiastes. Grand Rapids: Zondervan, 1983.

Goldsworthy, Graeme. Gospel and Kingdom: A Christian Interpretation of the Old Testament. Exeter: Paternoster, 1983.

_____ Gospel and Wisdom: Israel’s Wisdom Literature in the Christian Life. Exeter: Paternoster, 1987.

Gordis, Robert. Koheleth — The Man and His World. Nova York: Jewish Theological Seminary of America, 1951.

Gowan, Donald E. Reclaiming the Old Testament for the Christian Pulpit. Atlanta: John Knox, 1980.

Greidanus, Sidney. The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preaching Biblical Literature. Grand Rapids: Eerdmans, 1988.

_____ Preaching Christ from the Old Testament: A Contemporary Hermeneutical Method. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

_____ Preaching Christ from Genesis: Foundations for Expository Sermons. Grand Rapids: Eerdmans, 2007.

Hendry, G. S. “Ecclesiastes”. In New Bible Commentary Revised. D. Guthrie e J. A. Motyer (orgs.). Grand Rapids: Eerdmans, 1970. p. 570-78.

Hengstenberg, E.W. Commentary on Ecclesiastes. D.W. Simon (trad.). Filadélfia: Smith, inglês, 1860.

Holm-Nielsen, Svend. “On the Interpretation of Qoheleth in Early Christianity”. VT 24/2 (1974), 168-77.

Huwiler, Elizabeth. “Ecclesiastes”. In Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs. Roland E. Murphy e Elizabeth Huwiler (orgs.). Peabody: Hendrickson, 1999. p. 159-218.

Johnson, Robert K. “Confessions of a Workaholic: A Reappraisal of Qoheleth”. CBQ 38 (1976), 14-28.

Jones, Scott C. “Qohelet’s Courtly Wisdom: Ecclesiastes 8:1-9”. CBQ 68 (2006) 211-28.

Kaiser, Walter C., Jr. Ecclesiastes: Total Life. Chicago: Moody, 1979.

_____ “Integrating Wisdom Theology into Old Testament Theology: Ecclesiastes 3:10-15”. In A Tribute to Gleason Archer. Walter C. Kaiser e Ronald F. Youngblood (orgs.). Chicago: Moody, 1986. p. 197-209.

Kidner, Derek. A Time to Mourn, and a Time to Dance: Ecclesiastes and the Way of the World. Downers Grove: InterVarsity Press, 1976.

_____ The Wisdom of Proverbs, Job, and Ecclesiastes: An Introduction to Wisdom Literature. Downers Grove: InterVarsity Press, 1985.

Kruger, Thomas. Qoheleth: A Commentary. O. C. Dean Jr (trad.). Mineápolis: Fortress, 2004.

Kugel, James. Great Poems of the Bible. Nova York: Free Press, 1999.

Leupold, Herbert Carl. Exposition of Ecclesiastes. Grand Rapids: Baker, 1952.

Limburg, James. Encountering Ecclesiastes: A Book for Our Time. Grand Rapids: Eerdmans, 2006.

Loader, J. A. Ecclesiastes: A Practical Commentary. John Vriend (trad.). Grand Rapids: Eerdmans, 1986.

Lohfink, Norbert. “Qoheleth 5:17-19 — Revelation by Joy”. CBQ 52 (1990) 625-35.

Longman, Tremper, III. The Book of Ecclesiastes. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

Murphy, Roland Edmund. Wisdom Literature: Job, Proverbs, Ruth, Canticles, Ecclesiastes, and Esther. Grand Rapids: Eerdmans, 1981.

_____ Ecclesiastes. Dallas: Word, 1992.

Ogden, Graham S. “Qoheleth’s Use of the ‘Nothing Is Better’ Form”. JBL 98/3 (1979) 339-50.

_____ “Qoheleth 9:17–10:20: Variations on the Theme of Wisdom’s Strength and Vulnerability”. VT 30/1 (1980) 27-37.

_____ “Qoheleth 11:1-6”. VT 33/2 (1983) 222-30.

_____ “The Mathematics of Wisdom: Qoheleth 4:1-12”. VT 34/4 (1984) 446-53.

_____ Qoheleth. Sheffield: JSOT Press, 1987.

_____ e Lynell Zogbo. A Handbook on Ecclesiastes: Nova York: United Bible Societies, 1998.

Parsons, Greg W. “Guidelines for Understanding and Proclaiming the Book of Ecclesiastes”. BSac 160 (2003) 159-73 e 283-304.

Perdue, Leo G. Wisdom Literature: A Theological History. Louisville: Westminster John Knox, 2007.

Perrin, Nicholas. “Messianism in the Narrative Frame of Ecclesiastes?” RB 108 (2001), 51-57.

Provan, Iain W. Ecclesiastes, Song of Songs (The NIV Application Commentary). Grand Rapids: Zondervan, 2001.

Rad, Gerhard von. Old Testament Theology. Vol. 1. Edimburgo: Oliver and Boyd, 1962.

_____ Wisdom in Israel. Nashville: Abingdon, 1972.

Reitman, James S. “The Structure and Unity of Ecclesiastes”. BSac 154 (1997), 297-319.

Ricker, Bob, e Ron Pitkin. A Time for Every Purpose. Nashville: Nelson, 1983.

Ryken, Leland, “Ecclesiastes”. In A Complete Literary Guide to the Bible. Leland Ryken e Tremper Longman III (orgs.). Grand Rapids: Zondervan, 1993.

p. 268-80.

Salyer, Gary D. Vain Rhetoric: Private Insight and Public Debate in Ecclesiastes. JSOT Sup 327. Sheffield: Sheffield Academic, 2001.

Schoors, Antoon. “Koheleth: A Perspective of Life after Death?” ETL 61/4 (1985), 295-303.

Seow, Choon Leong. “The Socioeconomic Context of ‘The Preacher’s’ Hermeneutic”. PSBul 17/2 (1996) 168-95.

_____ Ecclesiastes: A New Translation with Introduction and Commentary. Nova York: Doubleday, 1997.

_____ “‘Beyond Them, My Son, Be Warned’: The Epilogue of Qohelet Revisited”. In Wisdom, You Are My Sister. Michael L. Barre (org.).Washington: Catholic Biblical Association, 1997. p. 125-41.

_____ “Qohelet’s Eschatological Poem”. JBL 118/2 (1999) 209-34.

_____ “Theology When Everything Is out of Control”. Int 55/3 (2001) 237-49.

Shepherd, Jerry. “Ecclesiastes”. In The Expositor’s Bible Commentary, Vol. 6. Tremper Longman III e David E. Garland (orgs.). Grand Rapids: Zondervan, 2008. p. 253-365.

Towner, W. Sibley. “The Book of Ecclesiastes”. In The New Interpreter’s Bible, Vol. 5. Nashville: Abingdon, 1997. Pp. 265-360.

Van Leeuwen, Raymond C. Notes for “Ecclesiastes”. In The Harper Collins Study Bible. Nova York: Harper Collins, 1993.

Verheij, Arian. “Paradise Retried: On Qohelet 2:4-6”. JSOT 50 (1991) 113-15.

Whybray, Roger Norman. “The Identification and Use of Quotations in Ecclesiastes”. VTSup 32 (1981), 435-51. Reimpresso em Reflecting with Solomon: Selected Studies on the Book of Ecclesiastes. Roy B. Zuck (org.). Grand Rapids: Baker, 1994. p. 185-99.

_____ “Qoheleth, Preacher of Joy”. JSOT 23 (1982) 87-98.

_____ “Ecclesiastes 1:5-7 and the Wonders of Nature”. JSOT 41 (1988) 105-12.

_____ Ecclesiastes. Grand Rapids: Eerdmans, 1989.

_____ “Qoheleth as a Theologian”. In Qohelet in the Context of Wisdom. Antoon Schoors (org.). Leuven: Peeters, Leuven University, 1998. p. 239-65.

Wright, Addison G. “The Riddle of the Sphinx: The Structure of the Book of Qohelet”. CBQ 30 (1968) 313-34.

_____ “The Riddle of the Sphinx Revisited: Numerical Patterns in the Book of Qohelet”, CBQ 42 (1980) 38-51.

_____ “The Poor but Wise Youth and the Old but Foolish King (Qoh 4:13-16)”. In Wisdom, You Are My Sister. Michael L. Barre (org.).Washington, DC: Catholic Biblical Association, 1997. p. 142-54.

Wright, J. Robert. Proverbs, Ecclesiastes, Song of Solomon. Downers Grove: InterVarsity Press, 2005.

Wright J. Stafford. “The Interpretation of Ecclesiastes”. EvQ 18/1 (1946) 18-34.

Young, Edward J. Introduction to the Old Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1964.